Stendhal

O Vermelho e o Negro

Tradução de Paulo Neves

L&PM Editores

ADVERTÊNCIA DO EDITOR

Esta obra estava prestes a ser publicada quando os grandes acontecimentos de julho [de 1830] vieram dar a todos os espíritos uma direção pouco favorável aos jogos da imaginação. Temos motivos para acreditar que as páginas seguintes foram escritas em 1827.

LIVRO I

A verdade, a áspera verdade.

DANTON

Capítulo I

UMA PEQUENA CIDADE

Put thousands together
Less bad,
But the cage less gay.

HOBBES

A PEQUENA CIDADE DE Verrières pode ser considerada uma das mais belas do Franco-Condado. Suas casas brancas com tetos pontiagudos de telhas vermelhas estendem-se pela encosta de uma colina, cujas menores sinuosidades são marcadas por tufos de vigorosos castanheiros. O Doubs corre a algumas centenas de pés abaixo de suas fortificações, construídas outrora pelos espanhóis e hoje arruinadas.

Verrières está protegida, do lado norte, por uma alta montanha, um dos braços do Jura. Os cimos entrecortados do Verra cobrem-se de neve desde os primeiros frios de outubro. Uma torrente, que se precipita da montanha, atravessa Verrières antes de lançar-se no Doubs, fazendo acionar um grande número de serrarias; é uma indústria bastante simples e que proporciona um certo bem-estar à maioria dos habitantes, mais aldeões que burgueses. Contudo, não foram as serrarias que enriqueceram essa pequena cidade. É à fábrica de tecidos pintados, ditos de Mulhouse, que se deve a abastança geral que, desde a queda de Napoleão, fez reconstruir as fachadas de quase todas as casas de Verrières.

Logo que se entra na cidade, fica-se aturdido com o fragor de uma máquina barulhenta e de aparência terrível. Vinte pesados martelos, que se abatem com um ruído que faz tremer o chão, são erguidos por uma roda movida pela água da torrente. Cada um desses martelos fabrica, todo dia, não sei quantos milhares de pregos. São mulheres jovens e bonitas que apresentam aos golpes desses martelos enormes os pedacinhos de ferro que são rapidamente transformados em pregos. Esse trabalho, aparentemente tão rude, é um dos que mais espantam o viajante que penetra pela primeira vez nas montanhas que separam a França da Helvécia. Se, ao entrar em Verrières, o viajante perguntar a quem pertence essa bela fábrica de pregos que ensurdece as pessoas que sobem a rua principal, responder-lhe-ão com um sotaque arrastado: *Ah! É do sr. Prefeito.*

Mesmo se o viajante se detiver só alguns instantes nessa rua principal de Verrières, que sobe da margem do Doubs até o topo da colina, pode-se apostar cem contra um que ele verá surgir um homem alto com ar atarefado e importante.

À sua vista todos os chapéus se erguem rapidamente. Seus cabelos são acinzentados, e ele se veste de cinza. É cavaleiro de várias ordens, tem uma testa alta, um nariz aquilino, e o conjunto de sua fisionomia não carece de uma certa regularidade: julga-se mesmo, à primeira vista, que ela reúne à dignidade do prefeito de aldeia aquela espécie de charme que ainda se pode possuir aos quarenta e oito ou cinquenta anos. Mas o viajante parisiense logo depara

com um certo ar de contentamento de si e de suficiência mesclado a um não sei quê de limitado e pouco inventivo. Percebe-se, enfim, que o talento desse homem limita-se a fazer-se pagar com toda a exatidão o que lhe devem e a pagar o mais tarde possível o que ele próprio deve.

Tal é o prefeito de Verrières, sr. de Rênal. Depois de ter atravessado a rua com um passo grave, ele entra na prefeitura e desaparece dos olhos do viajante. Mas, cem passos acima, se continuar seu passeio, este avistará uma casa de aparência bastante bela e, através de uma grade de ferro contígua à casa, jardins magníficos. Para além, há uma linha de horizonte formada pelas colinas da Borgonha e que parece feita de propósito para o prazer dos olhos. Essa vista faz o viajante esquecer a atmosfera empestada dos pequenos interesses de dinheiro que começa a asfixiá-lo.

Informam-lhe que essa casa pertence ao sr. de Rênal. É aos lucros que obteve com sua grande fábrica de pregos que o prefeito de Verrières deve essa bela habitação em pedra de cantaria, cuja construção está atualmente no final. Sua família, dizem, é espanhola, antiga e, ao que afirmam, estabelecida no país bem antes da conquista de Luís XIV.

Desde 1815, ele envergonha-se de ser industrial: 1815 o fez prefeito de Verrières. Os muros de terraço que sustêm as diversas partes desse magnífico jardim que, de plano em plano, descem até o Doubs, são também a recompensa da competência do sr. de Rênal no comércio do ferro.

Não espereis encontrar na França esses jardins pitorescos que cercam as cidades manufatureiras da Alemanha, Leipzig, Frankfurt, Nuremberg etc. No Franco-Condado, quanto mais muros se constroem, quanto mais guarnecidas as propriedades de pedras enfileiradas umas sobre as outras, tanto mais se adquire o direito ao respeito dos vizinhos. Os jardins do sr. de Rênal, repletos de muros, são também admirados porque ele comprou, a peso de ouro, alguns trechos de terreno que eles ocupam. Por exemplo, aquela serraria, cuja posição singular vos impressionou ao entrar em Verrières, e na qual notastes o nome SOREL, escrito em caracteres gigantescos numa tábua que domina o telhado, ela ocupava, há seis anos, o espaço sobre o qual se eleva neste momento o muro do quarto terraço dos jardins do sr. de Rênal.

Apesar de seu orgulho, o sr. prefeito precisou empreender muitos esforços junto ao velho Sorel, aldeão duro e teimoso; precisou pagar-lhe muitos luíses de ouro para fazê-lo transferir sua oficina para outra parte. Quanto ao *riacho público* que fazia acionar a serraria, o sr. de Rênal, graças ao crédito de que goza em Paris, conseguiu que ele fosse desviado. Esse favor veio-lhe depois das eleições de 182*.

Ele deu a Sorel quatro alqueires em troca de um, quinhentos passos mais abaixo, nas margens do Doubs. E, embora essa posição fosse bem mais vantajosa para o seu comércio de tábuas de pinho, o sr. Sorel, como lhe chamam desde que enriqueceu, descobriu o segredo de obter da impaciência e da *mania de proprietário*, que animava seu vizinho, uma soma de 6.000 francos.

É verdade que esse arranjo foi criticado pelos homens sensatos da localidade. Certa vez, num domingo, há quatro anos, o sr. de Rênal, ao voltar da igreja em traje de prefeito, viu de longe o velho Sorel, cercado dos três filhos, olhando-o com um sorriso. Esse sorriso foi uma

revelação fatal para a alma do sr. prefeito, que desde então acha que poderia ter feito o negócio a um melhor preço.

Para obter a consideração pública em Verrières, o essencial é não adotar, embora construindo muitos muros, nenhum plano trazido da Itália por esses pedreiros que, na primavera, atravessam as gargantas do Jura para chegar a Paris. Tal inovação valeria ao imprudente construtor uma eterna reputação de *degenerado*, e ele estaria para sempre perdido junto às pessoas sensatas e moderadas que distribuem a consideração no Franco-Condado.

De fato, essas pessoas sensatas exercem ali o mais maçante *despotismo*; é por causa desse nome feio que a estadia nas pequenas cidades é insuportável para quem viveu na grande república chamada Paris. A tirania da opinião – e que opinião! – é tão *estúpida* nas pequenas cidades da França quanto nos Estados Unidos da América.

Capítulo II

UM PREFEITO

A importância, senhor, não é nada? O respeito dos tolos, o assombro das crianças, a inveja dos ricos, o desprezo do sábio.

BARNAVE

FELIZMENTE PARA A reputação do sr. de Rênal como administrador, um imenso *muro de sustentação* era necessário ao passeio público que costeia a colina a uma centena de pés acima do curso do Doubs, e que deve a essa admirável posição uma das vistas mais pitorescas da França. Mas, a cada primavera, as águas da chuva sulcavam o passeio, nele abrindo ravinas e tornando-o impraticável. Esse inconveniente, sentido por todos, pôs o sr. de Rênal na feliz necessidade de imortalizar sua administração por um muro de seis metros de altura e trinta ou quarenta toesas[1] de comprimento.

O parapeito desse muro, para o qual o sr. de Rênal teve de fazer três viagens a Paris, pois o penúltimo ministro do Interior havia se declarado inimigo mortal do passeio de Verrières, o parapeito desse muro eleva-se agora a uma altura de 1,20 metros do solo. E, como para desafiar todos os ministros presentes e passados, é guarnecido neste momento com lajes de pedra de cantaria.

Quantas vezes, pensando nos bailes de Paris abandonados na véspera, e com o peito apoiado contra esses grandes blocos de pedra de um belo cinza puxando para o azul, meus olhares mergulharam no vale do Doubs! À distância, na margem esquerda, serpenteiam cinco ou seis vales no fundo dos quais o olhar distingue perfeitamente pequenos riachos. Depois de terem corrido de cascata em cascata, vêmo-los caírem no Doubs. O sol é muito quente nessas montanhas; quando brilha a pino, o devaneio do viajante é abrigado nesse terraço por magníficos plátanos. Seu crescimento rápido e seu belo verdor puxando para o azul devem-se à terra trazida, que o sr. prefeito mandou colocar atrás do imenso muro de sustentação, pois, apesar da oposição do conselho municipal, ele ampliou o passeio em mais de 1,80 metros (embora ele seja conservador e eu liberal, louvo-o por essa medida); eis por que, em sua opinião e na do sr. Valenod, o feliz diretor do asilo de mendicidade de Verrières, esse terraço pode sustentar a comparação com o de Saint-Germain-en-Laye.

Quanto a mim, só vejo uma coisa a censurar no PASSEIO DA FIDELIDADE; lê-se esse nome oficial em quinze ou vinte pontos, em placas de mármore que valeram uma medalha a mais ao sr. de Rênal; o que eu reprovaria ao Passeio da Fidelidade é a maneira bárbara pela qual a autoridade manda cortar e podar quase ao extremo esses vigorosos plátanos. Em vez de se assemelharem, por suas copas baixas, redondas e achatadas, à mais vulgar das árvores de quintal, seria melhor que tivessem aquelas formas magníficas que possuem na Inglaterra. Mas a vontade do sr. prefeito é despótica, e duas vezes por ano todas as árvores pertencentes à comuna são impiedosamente amputadas. Os liberais da localidade afirmam, mas exageram,

que a mão do jardineiro oficial tornou-se bem mais severa depois que o sr. vigário Maslon adquiriu o hábito de apoderar-se dos produtos da poda.

Esse jovem eclesiástico foi enviado de Besançon, há alguns anos, para vigiar o abade Chélan e alguns curas dos arredores. Um velho cirurgião-mor do exército da Itália, reformado em Verrières, e que era ao mesmo tempo, segundo o sr. prefeito, jacobino e bonapartista, ousou um dia queixar-se a ele da mutilação periódica dessas belas árvores.

– Gosto da sombra, respondeu o sr. de Rênal com o tom de voz conveniente quando se fala a um cirurgião, membro da Legião de Honra; gosto da sombra, mando cortar minhas árvores para que dêem sombra, e não concebo que uma árvore seja feita para outra coisa, mesmo quando, ao contrário da útil nogueira, ela *não proporciona lucro*.

Eis a grande frase que decide tudo em Verrières: PROPORCIONAR LUCRO. Por si só ela representa o pensamento habitual de mais de três quartas partes dos habitantes.

Proporcionar lucro é a razão que decide tudo nessa pequena cidade que vos parecia tão bonita. O forasteiro que chega, seduzido pela beleza dos frescos e profundos vales que a circundam, imagina de início que seus habitantes são sensíveis ao *belo*; falam com insistência da beleza de sua terra: não se pode negar que dão importância a isso; mas é porque ela atrai alguns forasteiros cujo dinheiro enriquece os estalajadeiros, o que, pelo mecanismo de tributos municipais, *proporciona lucro à cidade*.

Por um belo dia de outono, o sr. de Rênal passeava pelo Passeio da Fidelidade, de braço dado com sua mulher. Enquanto escutava o marido falar com um ar grave, o olhar da sra. de Rênal seguia com inquietude os movimentos de três garotos. O mais velho, que podia ter onze anos, aproximava-se seguidamente do parapeito e fazia menção de nele subir. Uma voz doce pronunciava então o nome Adolphe, e a criança renunciava a seu projeto ambicioso. A sra. de Rênal parecia ter uns trinta anos, mas era ainda bastante bonita.

– Ele ainda vai se arrepender, esse janota de Paris, dizia o sr. de Rênal com um ar ofendido e a face mais pálida que de costume. Tenho alguns amigos no palácio...

Mas, embora eu queira vos falar da província durante duzentas páginas, não cometerei a barbárie de vos fazer suportar a extensão e os *sábios rodeios* de um diálogo de província.

Esse janota de Paris, tão odiado pelo prefeito de Verrières, não era senão o sr. Appert, que, dois dias antes, encontrara o meio de introduzir-se não apenas na prisão e no asilo de mendicidade de Verrières, mas também no hospital administrado gratuitamente pelo prefeito e os principais proprietários da localidade.

– Mas, dizia timidamente a sra. de Rênal, que mal pode lhe fazer esse senhor de Paris, se você administra os bens dos pobres com a mais escrupulosa probidade?

– Ele vem apenas para *espalhar* a reprovação, e a seguir fará inserir artigos nos jornais do liberalismo.

– Você jamais os lê, meu caro.

– Mas nos falam desses artigos jacobinos; tudo isso nos distrai e *nos impede de fazer o bem.*[2] Quanto a mim, jamais perdoarei o cura.

---

1 Sessenta ou oitenta metros. (N.T.)

2 Histórico.

Capítulo III

O BEM DOS POBRES

Um cura virtuoso e sem intrigas é uma Providência para a aldeia.

FLEURY

CONVÉM SABER QUE O CURA DE VERRIÈRES, velho de oitenta anos, mas que devia ao ar puro dessas montanhas uma saúde e um caráter de ferro, tinha o direito de visitar a qualquer hora a prisão, o hospital e mesmo o asilo de mendicidade. Foi precisamente às seis horas da manhã que o sr. Appert, que de Paris era recomendado ao cura, tivera a sabedoria de chegar a uma pequena cidade curiosa, indo imediatamente ao presbitério.

Ao ler a carta que lhe escrevia o sr. marquês de La Mole, par de França e o mais rico proprietário da província, o cura Chélan ficou pensativo.

– Sou velho e amado aqui, disse enfim a meia-voz, eles não ousariam! Virando-se em seguida para o senhor de Paris, com olhos nos quais, apesar da idade, brilhava aquele fogo sagrado que anuncia o prazer de fazer uma bela ação um tanto perigosa:

– Venha comigo, senhor, e, diante do carcereiro e sobretudo dos vigias do asilo de mendicidade, abstenha-se de emitir qualquer opinião sobre as coisas que veremos.

O sr. Appert compreendeu que lidava com um homem corajoso: acompanhou o venerável cura, visitou a prisão, o hospital, o asilo, fez muitas perguntas e, apesar de estranhas respostas, não se permitiu o menor sinal de reprovação.

Essa visita durou várias horas. O cura convidou para almoçar o sr. Appert, que alegou ter cartas a escrever: ele não queria comprometer ainda mais seu generoso companheiro. Por volta das três da tarde, esses senhores foram terminar a inspeção do asilo de mendicidade e voltaram em seguida à prisão. Lá, encontraram à porta o carcereiro, espécie de gigante de quase dois metros de altura e de pernas arqueadas: sua cara ignóbil tornara-se medonha por efeito do terror.

– Ah! senhor, disse ele ao cura assim que o avistou, esse senhor que o acompanha não é o sr. Appert?

– Que importa?, disse o cura.

– É que desde ontem tenho ordens precisas, que o sr. governador enviou por um gendarme que teve de galopar a noite toda, de não admitir a entrada do sr. Appert na prisão.

– Declaro-lhe, senhor Noiroud, disse o cura, que esse viajante que está comigo é o sr. Appert. Acaso reconhece que tenho o direito de entrar na prisão a qualquer hora do dia ou da noite, fazendo-me acompanhar por quem eu quero?

– Sim, sr. cura, disse o carcereiro em voz baixa e baixando a cabeça como um buldogue que obedece a contragosto por temor do bastão. Só que tenho mulher e filhos, sr. cura, se eu for denunciado me destituirão, para viver dependo apenas do meu cargo.

– Eu também ficaria bastante aborrecido de perder o meu, retrucou o bom cura, com uma

voz cada vez mais irritada.

– Que diferença!, tornou vivamente o carcereiro; todos sabem que o senhor cura tem 800 libras de renda, propriedades imobiliárias...

Tais são os fatos que, comentados, exagerados de vinte formas diferentes, agitavam havia dois dias todas as paixões odiosas da pequena cidade de Verrières. Neste momento, eles serviam de texto à pequena discussão que o sr. de Rênal mantinha com sua mulher. De manhã, acompanhado do sr. Valenod, diretor do asilo de mendicidade, ele fora à casa do cura para demonstrar-lhe o mais vivo descontentamento. O cura Chélan não era protegido de ninguém e percebeu o alcance das palavras que ouviu.

– Pois bem, senhores! serei o terceiro cura, de oitenta anos de idade, que destituirão nesta região. Há cinquenta anos estou aqui; batizei quase todos os habitantes da cidade, que era apenas um burgo quando cheguei. Diariamente faço o casamento de jovens cujos avós foram outrora casados por mim. Verrières é a minha família; mas, ao ver o forasteiro, pensei comigo: "Esse homem veio de Paris, pode ser em realidade um liberal, e já os temos em demasia; mas que mal pode fazer a nossos pobres e a nossos prisioneiros?".

Diante das reprovações cada vez mais vivas do sr. de Rênal, e sobretudo do sr. Valenod, o diretor do asilo de mendicidade, o velho cura exclamou com uma voz trêmula:

– Pois bem, senhores! mandem destituir-me. Mesmo assim continuarei morando aqui. Todos sabem que há quarenta e oito anos herdei um campo que me rende 800 libras. Viverei com esse rendimento. Eu, senhores, não faço economias à custa de meu cargo e, talvez por isso, não fico tão assustado quando me falam de tirá-lo.

O Sr. de Rênal vivia muito bem com a mulher; mas, não sabendo o que responder a esta ideia que ela lhe repetia timidamente: "Que mal esse senhor de Paris pode fazer aos prisioneiros?", estava a ponto de zangar-se, quando ela deu um grito. O segundo de seus filhos subira no parapeito do muro do terraço e ali corria, embora esse muro se elevasse a mais de 6 metros sobre o vinhedo que está do outro lado. O temor de assustar o filho e fazê-lo cair impedia a sra. de Rênal de dirigir-lhe a palavra. Por fim o garoto, que ria de sua proeza, olhando para a mãe, viu sua palidez, saltou para o passeio e correu até ela. Foi severamente repreendido.

Esse pequeno acontecimento mudou o rumo da conversa.

– Faço questão de trazer para minha casa o Sorel, filho do serrador de tábuas, disse o sr. de Rênal; ele vigiará os garotos, que estão se tornando muito endiabrados para nós. É um jovem padre, ou algo parecido, bom latinista, e que fará os garotos progredirem; pois tem um caráter firme, disse o cura. Dar-lhe-ei 300 francos e comida. Eu tinha algumas dúvidas sobre sua moralidade, pois era o preferido daquele velho cirurgião, membro da Legião de Honra, que, sob pretexto de ser primo deles, viera hospedar-se na casa dos Sorel. Aquele homem podia, no fundo, não ser senão um agente secreto dos liberais; dizia que o ar de nossas montanhas fazia bem para sua asma; mas isso não ficou provado. Ele participou de todas as campanhas de Buonaparté na Itália e teria mesmo, dizem, assinado a favor do império naquele momento. Esse liberal ensinou latim ao filho de Sorel e deixou-lhe uma quantidade de livros que trouxera consigo. Sendo assim, eu jamais teria pensado em colocar o filho do carpinteiro junto de nossos filhos; mas o cura, justamente na véspera da cena que acaba de nos indispor

para sempre, disse-me que esse Sorel estuda teologia há três anos, com o projeto de entrar para o seminário; portanto não é um liberal, e é latinista.

– Esse arranjo convém por mais de um motivo, continuou o sr. de Rênal, olhando a mulher com um ar diplomático; o Valenod está muito orgulhoso dos dois belos cavalos normandos que acaba de comprar para sua caleche. Mas ele não tem preceptor para os filhos.

– Ele bem que poderia arrebatar-nos esse.

– Aprovas então meu projeto?, disse o sr. de Rênal, agradecendo à mulher, com um sorriso, pela excelente ideia que ela acabara de ter. Então, está decidido.

– Ah! Meu Deus! como tomas partido depressa, meu caro!

– É que tenho caráter, e o cura viu bem. Não dissimulemos nada, estamos cercados de liberais por aqui. Todos esses negociantes de tecidos me invejam, tenho certeza; dois ou três estão ficando ricaços; pois bem, quero que eles vejam passar os filhos do sr. de Rênal, indo ao passeio sob a conduta de seu *preceptor*. Isso impressionará. Meu avô contava-nos com frequência que, em sua juventude, tivera um preceptor. São cem escudos que ele poderá me custar, mas é uma despesa que deve ser classificada como necessária para manter nossa posição.

Essa resolução súbita deixou a sra. de Rênal muito pensativa. Era uma mulher alta, esbelta, que havia sido a beldade da região, como se diz nessas montanhas. Tinha um certo ar de simplicidade e uma juventude no andar; aos olhos de um parisiense, essa graça ingênua, cheia de inocência e de vivacidade, teria suscitado ideias de doce volúpia. Se tomasse conhecimento desse gênero de sucesso, a sra. de Rênal ficaria bastante envergonhada. A coqueteria e a afetação nunca haviam se aproximado desse coração. O sr. Valenod, o rico diretor do asilo, a teria cortejado, mas sem sucesso, o que dera um brilho singular à sua virtude; pois esse sr. Valenod, jovem com porte de atleta, de rosto corado e grandes suíças negras, era um desses indivíduos grosseiros, descarados e turbulentos que na província são considerados belos homens.

A sra. de Rênal, muito tímida, e de um caráter aparentemente muito desigual, sentira-se chocada sobretudo com o movimento contínuo e a estridência da voz do sr. Valenod. Seu distanciamento em relação ao que em Verrières chamam alegria valera-lhe a reputação de ser muito orgulhosa de seu nascimento. Ela nem pensava nisso, mas ficara muito contente de ver os habitantes da cidade virem menos à sua casa. Não dissimularemos que ela era vista como boba aos olhos das outras senhoras, porque, sem nenhuma política em relação ao marido, deixava escapar as mais belas ocasiões de fazer-se comprar belos chapéus de Paris ou de Besançon. Contanto a deixassem sozinha a vagar em seu belo jardim, ela nunca se queixava.

Era uma alma ingênua, que nunca chegara sequer a julgar o marido, e a confessar-se que ele a aborrecia. Supunha, sem dizer a si mesma, que entre marido e mulher não havia relações melhores. Gostava do sr. de Rênal sobretudo quando este lhe falava dos projetos em relação aos filhos, um dos quais destinava às armas, outro à magistratura, e o terceiro à Igreja. Em suma, ela achava o sr. de Rênal muito menos aborrecido que todos os homens de suas relações.

Esse julgamento conjugal era razoável. O prefeito de Verrières devia uma reputação de espírito e principalmente de bom-tom a meia dúzia de gracejos que herdara de um tio. O velho

capitão de Rênal servira, antes da Revolução, no regimento de infantaria do duque de Orléans, e, quando ia a Paris, era admitido nos salões do príncipe. Lá, tinha visto Madame de Montesson, a famosa Madame de Genlis, o sr. Ducrest, o inventor do Palais-Royal. Essas personalidades reapareciam com frequência nas anedotas do sr. de Rênal. Mas, aos poucos, essa lembrança de coisas tão delicadas de narrar tornara-se trabalhosa e, de uns tempos para cá, só nas grandes ocasiões ele repetia suas anedotas relativas à Casa de Orléans. Aliás, como era muito polido, exceto quando falava de dinheiro, consideravam-no, com razão, a personalidade mais aristocrática de Verrières.

Capítulo IV

UM PAI E UM FILHO

E sarà mia colpa se cosi è?

MAQUIAVEL

REALMENTE MINHA MULHER *tem muito tino*! dizia-se, no dia seguinte às seis horas da manhã, o prefeito de Verrières, ao descer até a serraria do velho Sorel. Embora tenha dito a ela, para conservar a superioridade que me cabe, eu não havia pensado que, se não tomo esse padrezinho Sorel que, dizem, sabe o latim como um anjo, o diretor do asilo, essa alma sem repouso, poderia perfeitamente ter a mesma ideia e arrebatá-lo de mim. Com que tom de suficiência ele falaria do preceptor de seus filhos!... Esse preceptor, uma vez sendo meu, vestirá batina?

O sr. de Rênal estava absorto nessa dúvida quando viu ao longe um aldeão, homem de cerca de 1,80 metros de altura, que, já de manhãzinha, parecia muito ocupado em medir peças de madeira depositadas ao longo do Doubs, no caminho da sirga. O aldeão não pareceu muito satisfeito de ver aproximar-se o sr. prefeito, pois suas peças de madeira obstruíam o caminho e era contravenção depositá-las ali.

O velho Sorel, pois era ele, ficou muito surpreso e ainda mais contente com a singular proposta que o sr. de Rênal lhe fazia para o seu filho Julien. Mesmo assim, escutou-o com aquele ar de descontentamento e desinteresse que a sagacidade dos habitantes dessas montanhas sabe empregar tão bem. Escravos do tempo da dominação espanhola, eles conservam ainda esse traço de fisionomia do felá egípcio.

A resposta de Sorel não foi a princípio senão a longa recitação de todas as fórmulas de respeito que sabia de cor. Enquanto repetia essas vãs palavras, com um sorriso canhestro que aumentava o ar de falsidade e quase de patifaria natural à sua fisionomia, o espírito ativo do velho aldeão buscava descobrir que razão podia levar um homem tão considerável a levar para sua casa o malandro do seu filho. Ele estava muito descontente com Julien, e era por ele que o sr. de Rênal lhe oferecia o pagamento inesperado de 300 francos por ano, com comida e mesmo vestuário. Essa última pretensão, que o velho Sorel tivera o gênio de lançar na hora, também fora concedida pelo sr. de Rênal.

Esse pedido perturbou o prefeito. Se Sorel não está encantado e satisfeito com minha proposta, como naturalmente deveria estar, não há dúvida, pensou, que lhe fizeram ofertas de outro lado; e de quem podem vir, senão de Valenod? Em vão o sr. de Rênal instou Sorel a concordar ali mesmo: a astúcia do velho aldeão recusou-se teimosamente a isso; ele dizia querer consultar o filho, como se, na província, um pai rico consultasse um filho que nada possui, apenas por formalidade.

Uma serraria movida a água compõe-se de um galpão à beira de um riacho. O telhado é sustentado por uma armação apoiada sobre quatro grossos pilares de madeira. A uma elevação

de 2,5 ou 3 metros, vê-se uma serra que sobe e desce, enquanto um mecanismo muito simples empurra contra a serra um toro de madeira. Uma roda posta em movimento pelo riacho é que faz funcionar esse duplo mecanismo: o da serra que sobe e desce, e o que empurra suavemente a madeira em direção à serra, que a divide em tábuas.

Aproximando-se de sua oficina, o velho Sorel chamou Julien com seu vozeirão; ninguém respondeu. Viu apenas seus filhos mais velhos, espécie de gigantes que, armados de grandes machados, cortavam os troncos de pinheiro que levariam para serrar. Muito ocupados em seguir a marca preta traçada sobre a peça de madeira, a cada golpe de machado separavam lascas enormes. Eles não ouviram a voz do pai. Este dirigiu-se para o galpão; ali entrando, procurou em vão Julien no lugar que deveria ocupar, ao lado da serra. Avistou-o mais acima, a cavalo sobre uma das vigas do teto. Em vez de vigiar atentamente a ação do mecanismo, Julien lia. Nada mais antipático ao velho Sorel; ele talvez perdoasse a Julien seu porte franzino, não muito apto aos trabalhos pesados, e tão diferente do de seus filhos mais velhos; mas essa mania de leitura lhe era odiosa, ele próprio não sabia ler.

Em vão chamou Julien duas ou três vezes. A atenção que o jovem dava a seu livro, bem mais do que o ruído da serra, o impediu de ouvir a voz terrível do pai. Enfim, apesar da idade, este saltou agilmente sobre o tronco submetido à ação da serra, e dali até a viga transversal que sustinha o telhado. Um golpe violento fez voar até o riacho o livro que Julian segurava; um segundo golpe igualmente violento, na cabeça, o fez perder o equilíbrio. Ia cair de uma altura de 3 a 4 metros, sobre as alavancas da máquina em ação, que o teria estraçalhado, mas o pai o reteve com a mão esquerda no momento em que caía:

– Seu preguiçoso! Então continuas lendo teus malditos livros quando estás de guarda à serra? Lê à noite, quando vais perder teu tempo na casa do cura, melhor assim!

Julien, embora aturdido pela força do golpe, e sangrando, aproximou-se de seu posto oficial, ao lado da serra. Tinha lágrimas nos olhos, menos por causa da dor física que pela perda do livro que adorava.

"Desce, animal, quero falar contigo." O ruído da máquina impediu ainda Julien de ouvir essa ordem. O pai, que havia descido, não querendo dar-se o trabalho de tornar a subir no mecanismo, foi buscar uma vara comprida de derrubar nozes, e com ela bateu-lhe no ombro. Assim que Julien pisou o chão, o velho Sorel pôs-se a empurrá-lo rudemente para diante, em direção à casa. Sabe Deus o que ele irá fazer comigo!, pensava o jovem. De passagem, olhou tristemente o riacho onde caíra o livro; de todos, era o que ele mais gostava, o *Memorial de Santa Helena*.

Estava com as faces vermelhas e de olhos baixos. Era um jovem de dezoito a dezenove anos, de aparência frágil, com traços irregulares mas delicados, e um nariz aquilino. Seus grandes olhos negros, que nos momentos tranquilos anunciavam reflexão e calor, possuíam neste instante a expressão do ódio mais feroz. Cabelos castanho-escuros, plantados muito baixo, davam-lhe uma testa pequena e, nos momentos de cólera, um ar de maldade. Entre as inúmeras variedades da fisionomia humana, talvez nenhuma outra se distinguisse por uma especialidade mais impressionante. Um porte esbelto e elegante anunciava mais leveza que vigor. Desde muito jovem, seu ar extremamente pensativo e sua grande palidez haviam dado ao pai a ideia de que não viveria, ou que viveria para ser um fardo à família. Objeto do

desprezo de todos em casa, ele odiava o pai e os irmãos; nos jogos do domingo, em praça pública, era sempre batido.

Já fazia um ano que seu rosto bonito começava a atrair-lhe vozes amigas entre as moças. Desprezado por todos como um sujeito fraco, Julien havia adorado aquele velho cirurgião-mor que um dia ousou falar dos plátanos ao prefeito.

Esse cirurgião às vezes pagava ao velho Sorel a jornada de trabalho do filho e ensinava-lhe o latim e a história, isto é, o que ele sabia de história, a campanha de 1796 na Itália. Ao morrer, legara-lhe sua cruz da Legião de Honra, os atrasados de seu meio soldo e trinta ou quarenta volumes, dos quais o mais precioso acabava de mergulhar no riacho público, desviado por conta do sr. prefeito.

Assim que entrou em casa, Julien sentiu o ombro detido pela poderosa mão do pai; ele tremia, à espera de alguns golpes.

– Responde-me sem mentir, gritou-lhe aos ouvidos a dura voz do velho aldeão, enquanto sua mão o fazia girar como a mão de uma criança faz girar um soldado de chumbo. Os grandes olhos negros e cheios de lágrimas de Julien viram-se diante dos olhinhos cinzentos e maldosos do velho carpinteiro, que parecia querer ler até o fundo de sua alma.

Capítulo V

UMA NEGOCIAÇÃO

Cunctando restituit rem.

ENNIUS

— RESPONDE-ME SEM MENTIR, se és capaz, cão maldito; de onde conheces a sra. de Rênal, quando falaste com ela?

– Jamais lhe falei, respondeu Julien, jamais vi essa senhora a não ser na igreja.

– Mas olhaste para ela, seu descarado?

– Nunca! O senhor sabe que na igreja só vejo a Deus, respondeu Julien com um arzinho hipócrita, muito próprio, segundo ele, para evitar mais um tapa na cabeça.

– Há no entanto alguma coisa aí, replicou o aldeão astuto, e calou-se por um instante. Mas por teu intermédio nada saberei, maldito hipócrita. O fato é que vou me livrar de ti e minha serraria vai melhorar com isso. Conquistaste o sr. cura ou algum outro, que te conseguiu um belo cargo. Vai arrumar teus pertences, te levarei à casa do sr. de Rênal onde serás preceptor das crianças.

– Que ganharei com isso?

– Comida, roupa e 300 francos de salário.

– Não quero ser criado.

– Animal, quem te falou de ser criado? acha que eu consentiria em meu filho ser criado?

– Mas com quem comerei?

Essa pergunta desconcertou o velho Sorel, ele sentiu que, se falasse, poderia cometer alguma imprudência; enfurecido, cobriu Julien de injúrias, acusando-o de gula, e deixou-o para ir consultar os outros filhos.

Julien os viu pouco depois, reunidos em conselho, cada um apoiado sobre seu machado. Após observá-los por algum tempo e vendo que nada podia adivinhar, Julien foi para o outro lado da serraria, para evitar ser surpreendido. Ele queria pensar nesse anúncio imprevisto que mudava seu destino, mas sentiu-se incapaz de prudência; sua imaginação ocupava-se inteiramente com o que veria na bela casa do sr. de Rênal.

Melhor renunciar a tudo isso, pensou, do que ser obrigado a comer com os criados. Meu pai quererá forçar-me a tanto; prefiro morrer. Tenho quinze francos e oito vinténs de economias, fugirei esta noite; em dois dias, por atalhos onde não há perigo de encontrar gendarmes, estou em Besançon; lá, alisto-me como soldado e, se preciso, passo para a Suíça. Mas, nesse caso, adeus minhas ambições, adeus essa bela carreira de padre que leva a tudo.

Esse horror de comer com os criados não era natural a Julien, para chegar à fortuna ele teria feito coisas bem mais penosas. Essa repugnância vinha das *Confissões*, de Rousseau. Era o único livro com o auxílio do qual sua imaginação concebia o mundo. A coletânea dos boletins do grande exército e o *Memorial de Santa Helena* completavam seu Alcorão. Ele

enfrentaria a morte por essas três obras. Jamais acreditou em nenhuma outra. Segundo uma frase do velho cirurgião-mor, ele considerava todos os outros livros do mundo como mentirosos e escritos por velhacos para ganhar dinheiro.

Juntamente com uma alma de fogo, Julien tinha uma daqueles memórias espantosas frequentemente associadas à tolice. Para conquistar o velho cura Chélan, do qual via bem que dependia sua sorte futura, aprendera de cor todo o Novo Testamento em latim, conhecia também o livro *Do papa*, do sr. de Maistre, e acreditava tão pouco num quanto noutro.

Como por um acordo mútuo, Sorel e o filho evitaram falar-se naquele dia. Ao anoitecer, Julien foi tomar sua lição de teologia na casa do cura, mas julgou prudente nada lhe dizer da estranha proposta que haviam feito a seu pai. Talvez seja uma armadilha, pensava, convém fingir tê-la esquecido.

No dia seguinte de manhã cedo, o sr. de Rênal mandou chamar o velho Sorel que, após ter-se feito esperar uma hora ou duas, acabou por chegar, oferecendo desde a entrada cem escusas, entremeadas de outras tantas reverências. À força de percorrer todo tipo de objeções, Sorel compreendeu que seu filho comeria com o dono e a dona da casa, e, nos dias em que houvesse convidados, sozinho numa peça à parte com as crianças. Sempre mais disposto a levantar questões à medida que percebia uma verdadeira pressa no sr. prefeito, e aliás cheio de desconfiança e de espanto, Sorel pediu para ver o quarto onde dormiria o filho. Era uma grande peça muito bem mobiliada, mas para a qual estavam sendo transportadas as camas das três crianças;

Essa circunstância foi um raio de luz para o velho aldeão; ele pediu em seguida, com segurança, para ver a roupa que dariam ao filho. O sr. de Rênal abriu a escrivaninha e tirou cem francos.

– Com esse dinheiro, seu filho irá ao sr. Durand, o vendedor de tecidos, e terá um traje preto completo.

– E se eu o retirar de sua casa, disse o aldeão, que de repente esquecera suas formas de deferência, esse traje preto permanecerá com ele?

– Sem dúvida.

– Bem, disse Sorel, num tom de voz arrastado, só nos resta então entrar em acordo quanto a uma única coisa: o dinheiro que o senhor lhe dará.

– Como! exclamou o sr. de Rênal indignado, estamos de acordo desde ontem: ofereço 300 francos; é o bastante, creio, e talvez demais.

– Foi a sua oferta, não nego, disse o velho Sorel, falando ainda mais lentamente; e, por um esforço de gênio que não surpreenderá os que conhecem os camponeses do Franco-Condado, acrescentou, olhando fixamente o sr. de Rênal: *Temos uma melhor noutra parte*.

A essas palavras a fisionomia do prefeito agitou-se. Ele conteve-se, porém, e, depois de uma hábil conversa de duas horas, em que nenhuma palavra foi dita ao acaso, a astúcia do camponês prevaleceu sobre a astúcia do homem rico, que dela não tem necessidade para viver. Todos os inúmeros artigos que deviam regulamentar a nova existência de Julien foram acertados; não apenas seu ordenado foi estabelecido em 400 francos, mas também que seria pago antecipadamente, no primeiro dia de cada mês.

– Muito bem! dar-lhe-ei 35 francos, disse o sr. de Rênal.

– Para arredondar, um homem rico e generoso como o senhor prefeito, disse o aldeão com uma voz meiga, concordará com 36 francos.

– Seja, disse o sr. de Rênal, mas acabemos com isso.

No momento, a cólera dava-lhe o tom da firmeza. O aldeão viu que devia deter seu avanço. Foi a vez, então, de o sr. de Rênal contra-atacar. Ele jamais pretendera entregar a primeira mesada de 36 francos ao velho Sorel, muito apressado em recebê-la pelo filho. O sr. de Rênal chegou a pensar que seria obrigado a contar à mulher o papel que desempenhara em toda essa negociação.

– Devolva-me os cem francos que lhe dei, disse ele, com humor. O sr. Durand deve-me alguma coisa. Irei com seu filho arrecadar o tecido preto.

Depois desse gesto de firmeza, Sorel voltou prudentemente às suas fórmulas respeitosas; elas ocuparam um bom quarto de hora. Ao final, vendo que não havia decididamente mais nada a ganhar, retirou-se. Sua última reverência terminou com estas palavras:

– Enviarei meu filho ao castelo.

Era assim que os administrados do sr. prefeito chamavam sua casa quando queriam agradá-lo.

De volta à sua oficina, em vão Sorel procurou pelo filho. Desconfiado do que pudesse acontecer, Julien saíra no meio da noite. Quisera colocar em segurança seus livros e sua cruz da Legião de Honra. Havia transportado tudo para a casa de um jovem comerciante de madeira, seu amigo, chamado Fouqué, que morava na alta montanha que domina Verrières.

Quando reapareceu, o pai disse-lhe: – Sabe Deus, maldito preguiçoso, se alguma vez terás suficiente honra para pagar-me o preço de tua comida, que adianto há tantos anos! Pega teus trapos e vai para a casa do sr. prefeito.

Julien, surpreso de não ser surrado, apressou-se em partir. Mas, tão logo desapareceu da vista de seu terrível pai, diminuiu o passo. Julgou que seria útil à sua hipocrisia passar pela igreja.

A palavra vos surpreende? Antes de chegar a essa horrível palavra, a alma do jovem aldeão percorrera um longo caminho.

Desde que vira, na primeira infância, alguns dragões do 6º regimento, com longas túnicas brancas e capacetes de crinas negras, regressarem da Itália e atrelarem os cavalos à janela gradeada da casa do pai, Julien apaixonara-se pela vida militar. Mais tarde escutava, enlevado, os relatos das batalhas da ponte de Lodi, de Arcole, de Rivoli que o velho cirurgião-mor lhe fazia. Observava os olhares inflamados que o ancião lançava à sua cruz.

Mas, quando Julien tinha catorze anos, começaram a construir em Verrières uma igreja que pode ser chamada de magnífica para uma cidade tão pequena. Suas quatro colunas de mármore, sobretudo, impressionaram Julien; elas se tornaram célebres na região pelo ódio que suscitaram entre o juiz de paz e o jovem vigário, enviado de Besançon, que era tido por espião da Congregação. O juiz de paz esteve a ponto de perder seu cargo, pelo menos era a opinião comum. Não ousara ele disputar com um padre que, a cada quinze dias, ia a Besançon, onde se avistava, diziam, com o bispo?

Nesse meio tempo, o juiz de paz, pai de uma numerosa família, emitiu várias sentenças que pareceram injustas; todas foram proferidas contra os habitantes que liam o *Constitutionnel*. O

bom partido triunfou. Não se tratava, é verdade, senão de quantias de três ou de cinco francos; mas uma dessas pequenas multas teve de ser paga por um frabricante de pregos, padrinho de Julien. Em sua cólera, esse homem exclamava: "Que mudança! E dizer que, há mais de vinte anos, o juiz de paz era considerado um homem de bem!" O cirurgião-mor, amigo de Julien, já havia morrido.

De repente Julien parou de falar de Napoleão; anunciou o projeto de tornar-se padre, e era visto constantemente, na serraria do pai, ocupado em aprender de cor uma bíblia latina que o cura lhe emprestara. Esse bom velho, maravilhado com seus progressos, passava noites inteiras a ensinar-lhe a teologia. Julien demonstrava diante dele apenas sentimentos piedosos. Quem poderia adivinhar que aquele jovem com rosto de moça, tão pálido e doce, ocultava a resolução inabalável de preferir expor-se à morte do que não fazer fortuna!

Para Julien, fazer fortuna era antes de mais nada sair de Verrières; ele abominava sua pátria. Tudo o que via ali gelava-lhe a imaginação.

Desde sua primeira infância ele tivera momentos de exaltação. Imaginava então, com delícia, que um dia seria apresentado às belas mulheres de Paris, saberia chamar a atenção delas por algum feito notável. Por que não seria amado por uma delas, como Bonaparte, ainda pobre, fora amado pela brilhante Madame de Beauharnais? Havia muitos anos, Julien não passava talvez uma hora de seu dia sem dizer-se que Bonaparte, tenente obscuro e sem fortuna, fizera-se o senhor do mundo com sua espada. Essa ideia o consolava de seus infortúnios que ele acreditava grandes, e redobrava sua alegria, quando a tinha.

A construção da igreja e as sentenças do juiz de paz de repente o iluminaram; uma ideia o deixou como enlouquecido durante algumas semanas, e enfim apoderou-se dele com a onipotência da primeira ideia que uma alma apaixonada acredita ter inventado.

"Quando Bonaparte fez que falassem dele, a França tinha medo de ser invadida; o mérito militar era necessário e estava em moda. Hoje, vemos padres de quarenta anos com rendimentos anuais de cem mil francos, isto é, três vezes mais que os famosos generais da divisão de Napoleão. Eles precisam de pessoas que os apoiem. Vejam esse juiz de paz, tão sensato, tão honesto até então, tão velho, que se desonra por temor de desagradar um jovem vigário de trinta anos. Preciso ser padre."

Certa vez, em meio à sua nova piedade, fazendo já dois anos que Julien estudava teologia, ele foi traído por uma irrupção súbita do fogo que devorava sua alma. Foi na casa do sr. Chélan, num jantar de padres durante o qual o bom cura o apresentara como um prodígio de instrução: sucedeu-lhe de enaltecer Napoleão com furor. Ele atou o braço direito contra o peito, alegou tê-lo deslocado ao remover um tronco de pinheiro, e o manteve durante dois meses nessa incômoda posição. Depois desse castigo aflitivo, perdoou-se. Eis o jovem de dezenove anos, mas de aparência frágil e a quem dariam no máximo dezessete, que agora entrava com um pequeno pacote sob o braço na magnífica igreja de Verrières.

Encontrou-a escura e solitária. Por ocasião de uma festa, todas as janelas do prédio haviam sido cobertas de pano carmesim. Disso resultava, aos raios do sol, um efeito de luz deslumbrante, de caráter mais imponente e mais religioso. Julien estremeceu. Sozinho na igreja, instalou-se no banco que tinha a mais bela aparência, e que trazia as armas do sr. de Rênal.

Sobre o genuflexório, Julien observou um pedaço de papel impresso, posto ali como para ser lido. Viu escrito:

Detalhes da execução e últimos momentos de Louis Jenrel, executado em Besançon, no...

O papel estava rasgado. No verso liam-se as duas primeiras palavras de uma linha: *O primeiro passo*.

– Quem teria deixado esse papel aí?, disse Julien. Pobre infeliz, acrescentou com um suspiro, seu nome termina como o meu... E amarrotou o papel.

Ao sair, Julien acreditou ver sangue junto à pia; era água benta derramada: o reflexo das cortinas vermelhas que cobriam as janelas a fazia parecer sangue.

Por fim, Julien envergonhou-se de seu terror secreto.

Serei um covarde?, pensou. *Às armas*!

Essa expressão frequentemente repetida nos relatos de batalha do velho cirurgião era heroica para Julien. Ele levantou-se e caminhou rapidamente até a casa do sr. de Rênal.

Apesar dessa resolução corajosa, assim que a avistou a vinte passos foi tomado de uma invencível timidez. A grade de ferro estava aberta, a casa parecia-lhe magnífica, era preciso entrar lá dentro.

Julien não foi a única pessoa cujo coração agitou-se por sua chegada a essa casa. A extrema timidez da sra. de Rênal perturbava-se pela ideia desse estranho que, em virtude de suas funções, ia constantemente estar entre ela e os filhos. Estava acostumada a ter os filhos dormindo em seu quarto. De manhã, muitas lágrimas rolaram quando viu transportarem suas camas para os aposentos destinados ao preceptor. Em vão pediu ao marido que a cama de Stanislas-Xavier, o mais jovem, voltasse a seu quarto.

A delicadeza da mulher desenvolvera-se a um ponto extremo na sra. de Rênal. Ela fazia a imagem mais desagradável do preceptor, um indivíduo grosseiro e mal penteado, encarregado de repreender os filhos unicamente porque sabia latim, uma língua bárbara em razão da qual as crianças seriam castigadas.

Capítulo VI

O CONSTRANGIMENTO

Non so più cosa son,
Cosa facio.

MOZART (*Figaro*)

COM A VIVACIDADE e a graça que lhe eram naturais quando estava longe dos olhares dos homens, a sra. de Rênal saía pela porta e janela da sala que dava para o jardim, quando avistou junto à porta de entrada a figura de um jovem aldeão quase ainda criança, extremamente pálido e com lágrimas nos olhos. Vestia uma camisa branca e trazia sob o braço uma jaqueta muito limpa, de cor violeta.

A tez desse pequeno aldeão era tão branca, seus olhos tão doces, que o espírito um pouco romanesco da sra. de Rênal chegou a pensar que podia ser uma moça disfarçada, que vinha pedir algum favor ao prefeito. Compadeceu-se dessa pobre criatura, parada à porta de entrada, e que evidentemente não ousava levantar a mão até a campainha. A sra. de Rênal aproximou-se, distraída por um instante do amargo desgosto que lhe causava a chegada do preceptor. Julien, voltado para a porta, não a viu aproximar-se. Ele estremeceu quando uma voz suave disse muito perto de seu ouvido:

– O que quer aqui, meu menino?

Julien virou-se vivamente e, impressionado com o olhar cheio de graça da sra. de Rênal, esqueceu uma parte de sua timidez. Em seguida, espantado com sua beleza, esqueceu tudo, mesmo o que vinha fazer. A sra. de Rênal repetiu a pergunta.

– Venho para ser preceptor, senhora, disse ele por fim, envergonhado com as lágrimas que enxugava como podia.

A sra. de Rênal ficou calada. Estavam muito perto um do outro a se olharem; Julien jamais tinha visto uma criatura tão bem-vestida e, sobretudo, uma mulher com uma pele tão deslumbrante falar-lhe com uma voz suave. A sra. de Rênal olhava as lágrimas que haviam se detido nas faces a princípio pálidas e agora coradas do jovem aldeão. Em seguida pôs-se a rir, com a alegria doida de uma rapariga; zombava dela mesma e não podia conceber toda a sua felicidade. Com que então era esse o preceptor que havia imaginado como um padre sujo e malvestido, que viria repreender e castigar seus filhos!

– Então o senhor, disse ela finalmente, sabe latim?

O termo "senhor" surpreendeu tanto Julien que ele refletiu por um instante.

– Sim, senhora, disse timidamente.

A sra. de Rênal estava tão feliz que ousou dizer a Julien:

– Não vai repreender demais essas pobres crianças, vai?

– Eu, repreendê-las, disse Julien espantado, e por quê?

– O senhor me promete, ela acrescentou, após um pequeno silêncio e com uma voz cuja

emoção aumentava a cada instante, que será bom para eles?

Ouvir-se chamar novamente de senhor, muito a sério e por uma dama tão bem-vestida, estava acima de todas as previsões de Julien. Em todas as fantasias de sua juventude, dissera-se que uma dama de verdade só se dignaria falar-lhe quando ele tivesse um belo uniforme. A sra. de Rênal, por seu lado, estava completamente enganada pela beleza da tez, dos grandes olhos negros de Julien e de seus cabelos, mais crespos que de costume, pois, para refrescar-se, ele banhara a cabeça na fonte pública. Para a sua grande alegria, ela descobria a timidez de uma moça nesse fatal preceptor, cuja dureza e a rispidez tanto temera para os filhos. Para a alma pacífica da sra. de Rênal, o contraste de seus temores e do que via foi um grande acontecimento. Finalmente, refez-se da surpresa. Ficou espantada de ver-se assim à porta de sua casa com esse jovem em mangas de camisa e tão perto dele.

– Entremos, senhor, ela falou, bastante constrangida.

Nunca em sua vida uma sensação puramente agradável tocara tão profundamente a sra. de Rênal, nunca uma aparição tão graciosa sucedera a temores mais inquietantes. Assim seus filhos, tão bem cuidados por ela, não cairiam nas mãos de um padre sujo e rabugento. Logo que entrou no vestíbulo, voltou-se para Julien, que a seguia timidamente. Seu ar de espanto, à visão de uma casa tão bela, era uma graça a mais aos olhos da sra. de Rênal. Ela não podia crer no que via, sobretudo achava que o preceptor devia ter um traje preto.

– Mas é verdade mesmo? disse, detendo-se ainda e temendo mortalmente enganar-se, tanto sua crença a fazia feliz. O senhor sabe latim?

Essas palavras chocaram o orgulho de Julien e dissiparam o encanto no qual vivia há um quarto de hora.

– Sim, senhora, respondeu, procurando falar com frieza; sei latim tanto quanto o sr. cura, e às vezes até ele tem a bondade de dizer que sei mais do que ele.

A sra. de Rênal notou certa maldade em Julien; ele detivera-se a dois passos dela. Ela aproximou-se e disse-lhe a meia voz:

– Nos primeiros dias, espero que não castigue meus filhos, mesmo se não souberem suas lições.

Esse tom suave e quase suplicante de uma dama tão bela fez que Julien prontamente esquecesse o que devia à sua reputação de latinista. O rosto da sra. de Rênal estava muito perto, ele sentiu o perfume das roupas de verão de uma mulher, algo espantoso para um pobre aldeão. Julien corou intensamente, e disse com um suspiro e uma voz desfalecida:

– Não tema, senhora, hei de obedecer-lhe em tudo.

Foi apenas nesse momento, quando sua inquietação com os filhos dissipou-se por completo, que a sra. de Rênal ficou impressionada com a beleza de Julien. A forma quase feminina de seus traços e seu jeito acanhado não pareceram ridículos a uma mulher extremamente tímida ela própria. O aspecto masculino que comumente consideram necessário à beleza de um homem ter-lhe-ia amedrontado.

– Qual a sua idade, senhor?, disse ela a Julien.

– Quase dezenove anos.

– Meu filho mais velho tem onze anos, retomou a sra. de Rênal, totalmente tranquilizada; ele será quase um companheiro seu, e o senhor o chamará à razão. Certa vez o pai quis bater

nele; o menino ficou doente durante uma semana, e foi só um tapinha.

Que diferença em relação a mim, pensou Julien. Ainda ontem meu pai me bateu. Como os ricos são felizes!

A sra. de Rênal já começava a perceber as menores nuances do que se passava na alma do preceptor; interpretou esse movimento de tristeza como timidez e quis encorajá-lo.

– Qual é o seu nome, senhor?, perguntou, com um acento e uma graça cujo encanto Julien sentiu, sem poder explicá-lo a si mesmo.

– Chamo-me Julien Sorel, senhora; tremo ao entrar pela primeira vez numa casa estranha, necessito sua proteção e que a senhora me perdoe muitas coisas nos primeiros dias. Nunca estive no colégio, eu era muito pobre; nunca falei com outros homens a não ser meu primo, o cirurgião-mor, membro da Legião de Honra, e o cura Chélan. Este lhe dará boas informações a meu respeito. Meus irmãos sempre me bateram, não acredite neles se falarem mal de mim, perdoe minhas faltas, senhora, jamais serão mal-intencionadas.

Julien confortava-se durante esse longo discurso, enquanto examinava a sra. de Rênal. Tal é o efeito da graça perfeita, quando é natural ao caráter e sobretudo quando a pessoa que ela ornamenta não imagina possuí-la. Julien, que se julgava conhecedor da beleza feminina, teria jurado nesse instante que ela não tinha mais que vinte anos. Teve na hora a ideia ousada de beijar-lhe a mão, mas logo amedrontou-se com a ideia; um instante depois disse a si mesmo: Seria covardia minha não executar uma ação que pode ser-me útil, e diminuir o desprezo que essa bela dama provavelmente sente por um pobre operário recém-arrancado da serraria. Talvez Julien se sentisse um pouco encorajado pelas palavras “rapaz bonito” que, nos últimos seis meses, ouvia repetir aos domingos por algumas moças. Durante esses debates interiores, a sra. de Rênal dava-lhe duas ou três instruções sobre a maneira de tratar as crianças. A violência que Julien se impunha fez que empalidecesse de novo; ele disse, com um ar constrangido:

– Jamais baterei em seus filhos, senhora; juro por Deus.

E, ao dizer essas palavras, ousou tomar a mão da sra. de Rênal e levá-la aos lábios. Ela espantou-se com esse gesto e, refletindo, ficou chocada. Como fazia muito calor, seu braço estava nu sob o xale, e o movimento de Julien, levando a mão a seus lábios, o deixara inteiramente descoberto. Ao cabo de alguns instantes, ela repreendeu-se a si mesma, pareceu-lhe que não havia se indignado bastante rapidamente.

O sr. de Rênal, que ouvira vozes, saiu de seu gabinete; com o mesmo ar majestoso e paternal que assumia quando fazia casamentos na Prefeitura, disse a Julien:

– É essencial que eu lhe fale antes que as crianças o vejam.

Fez Julien entrar numa peça e reteve a esposa, que queria deixá-los a sós. Fechada a porta, o sr. de Rênal sentou-se com gravidade.

– O sr. cura disse-me que o senhor é um bom sujeito; todos aqui o tratarão com honra e, se eu ficar contente, o ajudarei posteriormente a melhorar sua situação. Quero que não volte mais a ver parentes nem amigos; as maneiras deles não convêm a meus filhos. Aqui estão 36 francos pelo primeiro mês; mas exijo sua palavra de que não dará um vintém desse dinheiro a seu pai.

O sr. de Rênal estava irritado com o velho aldeão que, nesse assunto, fora mais astuto que

ele.

– E agora, *senhor* – pois por ordens minhas todos aqui vão chamá-lo de senhor, e sentirá a vantagem de entrar numa casa de pessoas distintas, agora, senhor, não é conveniente que as crianças o vejam nesses trajes. Os criados o viram? perguntou o sr. de Rênal à esposa.

– Não, meu caro, ela respondeu com um ar profundamente pensativo.

– Melhor assim. Vista isto, disse ele ao jovem, surpreso, entregando-lhe uma sobrecasaca. Vamos até a casa do sr. Durand, o vendedor de tecidos.

Mais de uma hora depois, quando o sr. de Rênal retornou com o novo preceptor todo vestido de preto, ele reencontrou a mulher sentada no mesmo lugar. Ela sentiu-se tranquilizada com a presença de Julien, ao examiná-lo esquecia que tivera medo. Julien não pensava nela; apesar de toda a sua desconfiança do destino e dos homens, sua alma naquele momento era apenas a de uma criança, parecia-lhe ter vivido anos desde o instante em que, três horas atrás, estava trêmulo na igreja. Ele notou o ar severo da sra. de Rênal, compreendeu que ela estava furiosa por ele ter ousado beijar-lhe a mão. Mas o sentimento de orgulho que lhe dava o contato de roupas tão diferentes das que costumava usar punha-o de tal maneira fora de si, e era tamanha a vontade de esconder sua alegria, que todos esses movimentos tinham qualquer coisa de brusco e de enlouquecido. A sra. de Rênal o contemplava com olhos espantados.

– Gravidade, senhor, disse-lhe o sr. de Rênal, se quiser ser respeitado por meus filhos e por minha gente.

– Senhor, respondeu Julien, sinto-me constrangido nesses novos hábitos; eu, um pobre aldeão, nunca vesti senão jaquetas; se permite, irei encerrar-me em meu quarto.

– Que te parece essa nova aquisição? disse o sr. de Rênal à esposa.

Por um movimento quase instintivo, e do qual certamente não se deu conta, a sra. de Rênal disfarçou a verdade ao marido.

– Não estou tão encantada quanto você com esse pequeno aldeão, suas atenções farão dele um impertinente e terá que demiti-lo antes de um mês.

– Pois bem, o demitiremos, isso poderá custar-me uma centena de francos, e Verrières estará acostumada a ver um preceptor dos filhos do sr. de Rênal. Esse objetivo não teria sido alcançado se eu deixasse Julien com as roupas ridículas de um operário. Se o despedir, ficarei, é claro, com o traje preto completo que acabo de encomendar. Restar-lhe-á somente esse que encontrei pronto no alfaiate, e com que o vesti.

A hora que Julien passou em seu quarto pareceu um instante para a sra. de Rênal. As crianças, às quais haviam anunciado o novo preceptor, importunavam a mãe com perguntas. Enfim Julien apareceu. Era um outro homem. Seria pouco dizer que se mostrava grave: era a gravidade em pessoa. Foi apresentado às crianças e falou-lhes de um modo que surpreendeu o próprio sr. de Rênal.

– Estou aqui, senhores, disse ele ao concluir sua alocução, para vos ensinar latim. Sabeis o que é recitar uma lição. Eis aqui a Bíblia sagrada, e mostrou-lhes um pequeno volume de capa preta. Trata-se particularmente da história de Nosso Senhor Jesus Cristo, é a parte chamada Novo Testamento. Farei com frequência que recitem lições, façam-me recitar a minha.

Adolphe, o mais velho dos meninos, pegou o livro.

– Abra ao acaso, continuou Julien, e diga-me a primeira palavra de um parágrafo.

Recitarei de cor o livro sagrado, regra da conduta de todos nós, até me mandarem parar.

Adolphe abriu o livro, leu uma palavra e Julien recitou toda a página com a mesma facilidade com que falaria o francês. O sr. de Rênal olhava a esposa com um ar de triunfo. Os meninos, vendo o espanto dos pais, arregalavam os olhos. Um criado veio até a porta da sala, Julien continuou a falar latim. O criado ficou inicialmente imóvel e em seguida desapareceu. Logo a camareira da senhora e a cozinheira chegaram também à porta; Adolphe já havia aberto o livro em oito locais e Julien continuava a recitar com a mesma facilidade.

– Ah! Meu Deus! Que lindo padrezinho, disse em voz alta a cozinheira, mulher muito devota.

O amor-próprio do sr. de Rênal estava inquieto; longe de pensar em examinar o preceptor, estava ocupado em buscar na memória algumas palavras latinas; enfim, pôde dizer um verso de Horácio. Como Julien sabia do latim apenas a Bíblia, respondeu franzindo a sobrancelha:

– O santo ministério ao qual me destino proíbe-me ler um poeta tão profano.

O sr. de Rênal citou um grande número de supostos versos de Horácio. Explicou aos filhos quem era Horácio; mas as crianças, tomadas de admiração, não davam muita atenção ao que ele dizia. Elas olhavam para Julien.

Como os criados mantinham-se à porta, Julien acreditou dever prolongar a prova:

– Convém, disse ele ao mais jovem dos meninos, que o sr. Stanislas-Xavier me indique também uma passagem do livro santo.

O pequeno Stanislas, muito orgulhoso, leu como pôde a primeira palavra de um parágrafo, e Julien disse a página inteira. Para que nada faltasse ao triunfo do sr. de Rênal, enquanto Julian recitava entraram o sr. Valenod, o proprietário dos belos cavalos normandos, e o sr. Charcot de Maugiron, subprefeito do distrito. Essa cena valeu a Julien o título de Senhor, título que os próprios criados não lhe recusaram.

À noite, Verrières inteira afluiu à casa do sr. de Rênal para ver a maravilha. Julien respondia a todos com um ar grave que mantinha a distância. Sua glória estendeu-se tão rapidamente pela cidade que, poucos dias depois, o sr. de Rênal, temendo que o arrebatassem dele, propôs-lhe um contrato de dois anos.

– Não, senhor, respondeu friamente Julien, se quiser mandar-me embora serei obrigado a sair. Um compromisso que me prende sem obrigá-lo a nada não é justo, eu o recuso.

Julien soube agir tão bem que, menos de um mês após sua chegada à casa, o próprio sr. de Rênal o respeitava. Como o cura desentendera-se com os srs. de Rênal e Valenod, ninguém pôde revelar a antiga paixão de Julien por Napoleão, a quem ele só se referia com horror.

Capítulo VII

AS AFINIDADES ELETIVAS

Só sabem tocar o coração machucando-o.

UM MODERNO

AS CRIANÇAS O *adoravam*, ele não gostava delas; seu pensamento estava noutra parte. O que aqueles moleques pudessem fazer jamais o impacientava. Frio, justo, impassível, e não obstante amado, porque sua chegada expulsara de certo modo o tédio da casa, foi um bom preceptor. Para ele, tudo o que sentia era ódio e horror em relação à alta sociedade na qual era admitido, em verdade apenas com reserva, o que explica talvez seu sentimento. Houve alguns jantares de cerimônia nos quais só a muito custo pôde conter o ódio por tudo o que o cercava. Num dia de São Luís, entre outros, enquanto o sr. Valenod sustentava a conversa na casa do sr. de Rênal, Julien esteve a ponto de trair-se; salvou-se indo para o jardim, a pretexto de ver as crianças. Quantos elogios à probidade!, exclamou; dir-se-ia que é a única virtude; no entanto, quanta consideração, quanto respeito servil por um homem que evidentemente duplicou e triplicou sua fortuna desde que administra o bem dos pobres! Eu apostaria que ele ganha mesmo com os fundos destinados às crianças enjeitadas, a esses pobres cuja miséria é ainda maior que a dos outros! Ah! Monstros, monstros! E eu, também, sou uma espécie de criança enjeitada, odiado por meu pai, por meus irmãos, por toda a minha família.

Alguns dias antes do São Luís, Julien, passeando sozinho e recitando seu breviário num pequeno bosque chamado Belvedere, e que domina o Passeio da Fidelidade, buscara em vão evitar seus dois irmãos, que vinham ao longe por um caminho solitário. Enciumados pelo belo traje preto, pelo aspecto extremamente asseado do irmão, pelo desprezo sincero que tinha por eles, esses operários grosseiros bateram nele a ponto de deixá-lo desfalecido e sangrando. A sra. de Rênal, que passeava com o sr. Valenod e o subprefeito, chegou por acaso ao pequeno bosque; viu Julien estendido no chão e acreditou-o morto. Sua comoção foi tamanha que despertou ciúmes no sr. Valenod.

Ele alarmava-se muito cedo. Julien achava a sra. de Rênal muito bela, mas a odiava por causa de sua beleza; fora o primeiro obstáculo que por pouco não lhe barrara o caminho à fortuna. Falava-lhe o menos possível, a fim de fazer esquecer o transporte que, no primeiro dia, o levara a beijar sua mão.

Elisa, a camareira da sra. de Rênal, logo apaixonara-se pelo jovem preceptor; falava dele com frequência à patroa. O amor da srta. Elisa valera a Julien o ódio de um dos criados. Um dia, ele ouviu esse homem dizer a Elisa: Você não quer mais falar comigo desde que esse preceptor ordinário entrou na casa. Julien não merecia essa injúria; mas, por instinto de rapaz bonito, redobrou os cuidados com sua pessoa. O ódio do sr. Valenod também aumentou. Ele disse publicamente que tanta elegância não convinha a um jovem padre. Julien vestia raramente a batina.

A sra. de Rênal observou que ele falava mais seguidamente que de costume com a srta. Elisa; ficou sabendo que essas conversas eram causadas pela penúria do pequeno guarda-roupa de Julien. Ele tinha tão poucas roupas de baixo que era obrigado a fazê-las lavar com frequência fora de casa, e era para esses pequenos serviços que Elisa lhe era útil. Essa extrema pobreza, que não suspeitava, tocou a sra. de Rênal; ela teve vontade de dar-lhe presentes, mas não ousou; essa resistência interior foi o primeiro sentimento penoso que Julien lhe causou. Até então, o nome de Julien e o sentimento de uma alegria pura e inteiramente intelectual eram sinônimos para ela. Atormentada pela ideia da pobreza de Julien, a sra. de Rênal falou ao marido para dar-lhe de presente roupas de baixo.

– Que tolice!, ele respondeu. Dar presentes a um homem com o qual estamos perfeitamente satisfeitos e que nos serve bem! Só faríamos isso se começasse a relaxar e fosse preciso estimular seu zelo.

A sra. de Rênal sentiu-se humilhada com essa maneira de ver; não a teria notado antes da chegada de Julien. Não podia ver o extremo asseio do vestuário, aliás muito simples, do jovem padre, sem pensar: pobre rapaz, como ele se arranja?

Aos poucos, sentiu piedade por tudo o que faltava a Julien, em vez de sentir-se chocada.

A sra. de Rênal era uma dessas mulheres da província que podemos perfeitamente tomar por tolas durante os quinze primeiros dias em que as vemos. Não tinha nenhuma experiência da vida e não se preocupava com o que dizia. Dotada de uma alma delicada e desdenhosa, o instinto de felicidade natural a todos os seres fazia que, na maior parte do tempo, ela não desse nenhuma atenção às ações dos personagens grosseiros no meio dos quais o acaso a lançara.

Teriam reparado em seu caráter e em sua vivacidade de espírito se tivesse recebido o mínimo de educação. Mas, em sua qualidade de herdeira, fora educada pelas religiosas adoradoras apaixonadas do *Sagrado Coração de Jesus* e animadas de um ódio violento aos franceses inimigos dos jesuítas. A sra. de Rênal tivera bastante bom senso para esquecer em seguida, como absurdo, tudo o que aprendera no convento, mas nada colocou no lugar, e acabou por nada saber. As lisonjas precoces de que fora objeto em sua qualidade de herdeira de uma grande fortuna, e um pendor decidido à devoção apaixonada, produziram nela uma maneira de viver completamente interior. Aparentando a condescendência mais perfeita e uma abnegação da vontade que os maridos de Verrières citavam como exemplo às suas mulheres, e que faziam o orgulho do sr. de Rênal, a conduta habitual de sua alma era, com efeito, o resultado da mais altiva disposição de espírito. Essa princesa, citada por seu orgulho, está infinitamente mais atenta ao que fazem os fidalgos a seu redor do que a esposa, aparentemente tão doce e modesta, ao que dizia ou fazia o marido. Até a chegada de Julien, ela realmente só dera atenção aos filhos. Suas pequenas doenças, suas dores, suas pequenas alegrias ocupavam toda a sensibilidade dessa alma que, na vida, não havia adorado senão a Deus, quando estava no *Sacré-Coeur* de Besançon.

Sem que dissesse a ninguém, um acesso de febre num dos filhos deixava-a quase no mesmo estado, como se a criança tivesse morrido. Uma risada grosseira, um dar de ombros, acompanhado de uma máxima trivial sobre a loucura das mulheres: assim haviam sido acolhidas as confidências desse tipo de aflição que a necessidade de desafogo a levara a fazer

ao marido, nos primeiros anos do casamento. Tais gracejos, sobretudo quando relacionados às doenças dos filhos, eram como uma punhalada no coração da sra. de Rênal. Eis o que ela encontrou em lugar das bajulações servis e melosas do convento jesuítico onde passara a juventude. Sua educação fizera-se pelo sofrimento. Orgulhosa demais para falar desse tipo de desgosto, mesmo à sua amiga, sra. Derville, ela imaginou que todos os homens eram como seu marido, o sr. Valenod e o subprefeito Charcot de Maugiron. A grosseria e a mais brutal insensibilidade a tudo o que não era interesse por dinheiro, prerrogativa ou condecoração, o ódio cego a qualquer raciocínio que os contrariasse, pareceram-lhe coisas naturais a esse sexo, como usar botas e um chapéu de feltro.

Depois de longos anos, a sra. de Rênal ainda não se acostumara a essa gente de dinheiro no meio da qual precisava viver.

Daí o sucesso do pequeno aldeão Julien. Ela descobriu doces prazeres, realçados pelo encanto da novidade, na simpatia dessa alma nobre e orgulhosa. A sra. de Rênal em breve lhe perdoaria sua ignorância extrema, que era uma graça a mais, e a rudeza de suas maneiras, que conseguiu corrigir. Achou que valia a pena escutá-lo, mesmo quando falavam das coisas mais comuns, mesmo quando se tratava de um pobre cão atropelado, ao cruzar a rua, pela carroça de um aldeão apressado. O espetáculo desse sofrimento provocava o riso grosseiro do marido, ao passo que ela via contraírem-se as belas sobrancelhas negras e tão bem arqueadas de Julien. A generosidade, a nobreza de alma e a humanidade pareceram-lhe, aos poucos, existir apenas nesse jovem padre. Apenas por ele sentiu a simpatia e mesmo a admiração que essas virtudes suscitam nas almas bem-nascidas.

Em Paris, a posição de Julien em relação à sra. de Rênal logo teria se simplificado; mas em Paris o amor é filho dos romances. O jovem preceptor e sua tímida patroa teriam encontrado em três ou quatro romances, e até nas coplas do liceu, o esclarecimento da posição deles. Os romances ter-lhes-iam traçado o papel a desempenhar, mostrado o modelo a imitar; e esse modelo, cedo ou tarde, e embora sem nenhum prazer, quem sabe até resmungando, a vaidade teria forçado Julien a segui-lo.

Numa cidadezinha do Aveyron ou dos Pirineus, o menor incidente teria sido decisivo, em função do clima. Sob nossos céus mais sombrios, um moço pobre, e que só é ambicioso porque a delicadeza de seu coração torna necessários alguns dos prazeres que o dinheiro proporciona, vê todo dia uma mulher de trinta anos, sinceramente honesta, ocupada com os filhos, e que de maneira nenhuma tira dos romances exemplos de conduta. Tudo segue lentamente, tudo se faz aos poucos na província, há mais naturalidade.

Com frequência, ao pensar na pobreza do jovem preceptor, a sra. de Rênal enternecia-se até as lágrimas. Julien surpreendeu-a, um dia, a chorar de verdade.

– Oh! Aconteceu-lhe alguma desgraça, senhora?

– Não, meu amigo, ela respondeu; chame as crianças, vamos passear.

Ela tomou-lhe o braço e apoiou-se de uma maneira que pareceu singular a Julien. Era a primeira vez que o chamava de meu amigo.

Quase ao final do passeio, Julien notou que ela estava muito corada e diminuiu o passo.

– Terão lhe contado, ela disse sem olhar para ele, que sou a única herdeira de uma tia muito rica que mora em Besançon. Ela me cumula de presentes... meus filhos fazem

progressos... tão surpreendentes que gostaria de pedir-lhe aceitar um pequeno presente como prova de meu reconhecimento. Trata-se apenas de alguns luíses para que compre roupas. Mas... acrescentou, ruborizando ainda mais, e parou de falar.

– O quê, senhora?, disse Julien.

– Seria inútil, ela prosseguiu, baixando a cabeça, falar disso a meu marido.

– Sou pequeno, senhora, mas não sou vil, disse Julien estacando, com os olhos brilhantes de cólera e empertigando-se todo, e a senhora não pensou muito nisso. Eu seria menos que um criado se decidisse ocultar ao sr. de Rênal qualquer coisa relacionada a *meu dinheiro*.

A sra. de Rênal estava aterrorizada.

– O sr. prefeito, continuou Julien, pagou-me cinco vezes 36 francos desde que moro em sua casa, estou pronto para mostrar meu livro de despesas ao sr. de Rênal e a quem quer que seja, mesmo ao sr. Valenod, que me odeia.

Depois dessa resposta, a sra. de Rênal ficara pálida e trêmula, e o passeio terminou sem que nenhum dos dois pudesse achar um pretexto para reatar o diálogo. O amor pela sra. de Rênal tornou-se cada vez mais impossível no coração orgulhoso de Julien; quanto a ela, respeitou-o, admirou-o; fora repreendida. Sob pretexto de reparar a humilhação involuntária que lhe causara, permitiu-se as atenções mais ternas. A novidade dessas maneiras fez, durante oito dias, a felicidade da sra. de Rênal. Seu efeito foi apaziguar em parte a cólera de Julien; ele estava longe de ver nisso algo que pudesse assemelhar-se a um gosto pessoal.

Eis como age essa gente rica, ele pensava, humilham e crêem em seguida poder reparar tudo com alguns trejeitos!

O coração da sra. de Rênal era ainda muito puro, e ainda muito inocente, para que, apesar de suas resoluções a esse respeito, ela não contasse ao marido a oferta que fizera a Julien e a maneira como fora repelida.

– O quê! disse o sr. de Rênal vivamente ofendido, você pôde tolerar uma recusa da parte de um *criado*?

E, como a sra. de Rênal protestasse contra essa palavra:

– Eu falo, senhora, como o falecido príncipe de Condé, ao apresentar seus auxiliares à nova esposa: *"Todos esses aí", disse-lhe, "são meus criados"*. Já li a você a passagem das *Memórias de Besenval*, essencial para as prerrogativas. Todos os que não são fidalgos que vivem em sua casa e recebem salário são seus criados. Vou dizer duas palavras a esse sr. Julien e dar-lhe cem francos.

– Ah, meu caro, disse a sra. de Rênal trêmula, que ao menos não seja diante dos criados!

– Sim, eles poderiam ficar enciumados e com razão, disse o marido, afastando-se e pensando no montante da soma.

A sra. de Rênal deixou-se cair numa cadeira, quase desfalecida de dor. Ele vai humilhar Julien, e por minha culpa! Sentiu horror do marido e cobriu o rosto com as mãos. Prometeu a si mesma jamais fazer confidências.

Quando tornou a ver Julien, estava muito trêmula, seu peito estava tão contraído que não conseguiu pronunciar a menor palavra. No seu embaraço, tomou as mãos dele e as apertou.

– Então, meu amigo, disse ela enfim, está contente com meu marido?

– Como não estaria?, respondeu Julien com um sorriso amargo; ele me deu cem francos.

A sra. de Rênal olhou para ele como que incerta.

– Dê-me o braço, disse ela enfim, com um acento de coragem que Julien não conhecia.

Ela ousou ir até a casa do livreiro de Verrières, apesar de sua terrível reputação de liberalismo. Lá escolheu, por dez luíses, livros que deu aos filhos. Mas esses livros eram os que ela sabia que Julien desejava. Exigiu que ali, na loja do livreiro, cada um dos filhos escrevesse seu nome nos livros que lhe cabiam. Enquanto a sra. de Rênal alegrava-se com a espécie de reparação que tinha a audácia de fazer a Julien, este surpreendia-se com a quantidade de livros que via na loja do livreiro. Nunca havia ousado entrar num lugar tão profano; seu coração palpitava. Longe de tentar adivinhar o que se passava no coração da sra. de Rênal, ele imaginava o meio que haveria, para um jovem estudante de teologia, de obter alguns daqueles livros. Finalmente, teve a ideia de que seria possível, com habilidade, convencer o sr. de Rênal de que era preciso dar como tema, a seus filhos, a história dos fidalgos célebres nascidos na província. Após um mês de esforços, sua ideia foi bem-sucedida, a tal ponto que, algum tempo depois, Julien ousou propor, ao falar com o sr. de Rênal, uma ação bem mais penosa para o nobre prefeito; tratava-se de contribuir para a fortuna de um liberal, abrindo uma conta no livreiro. O sr. de Rênal admitia ser conveniente dar ao filho mais velho uma ideia geral de várias obras que ele ouviria mencionar em conversas, quando estivesse na Escola Militar; mas Julien via o sr. prefeito obstinar-se em não ir mais adiante. Suspeitava uma razão secreta, mas não podia adivinhá-la.

– Pensei, senhor, disse ele um dia, que seria muito inconveniente o nome de um bom fidalgo como um Rênal figurar no registro sujo do livreiro.

A fronte do sr. de Rênal desanuviou-se.

– Também seria bastante impróprio, continuou Julien num tom mais humilde, para um pobre estudante de teologia, se viessem um dia a descobrir que seu nome esteve no registro de um livreiro que aluga livros. Os liberais poderiam acusar-me de ter solicitado os livros mais infames; quem sabe até não chegariam a escrever após meu nome os títulos desses livros perversos.

Mas Julien afastava-se da pista. Ele via a fisionomia do prefeito retomar a expressão de embaraço e de irritação. Julien calou-se. Tenho-o na mão, pensou.

Alguns dias depois, o mais velho dos meninos interrogava Julien sobre um livro anunciado no *La Quotidienne*, em presença do sr. de Rênal:

– Para evitar qualquer motivo de triunfo ao partido jacobino, disse o jovem preceptor, e no entanto para dar-me os meios de responder ao sr. Adolphe, poderíamos fazer que o último de seus criados abrisse uma conta no livreiro.

– A ideia não é má, disse o sr. de Rênal, evidentemente muito alegre.

– Todavia, seria preciso especificar, observou Julien, com aquele ar grave e quase infeliz que cai tão bem em certas pessoas quando veem o sucesso há muito almejado de seus negócios, seria preciso especificar que o criado não poderá tomar nenhum romance. Uma vez na casa, esses livros perigosos poderiam corromper as criadas da senhora e o próprio criado.

– Está esquecendo os panfletos políticos, acrescentou o sr. de Rênal, com um ar altivo. Ele queria dissimular a admiração que lhe causava o sábio *mezzo-termine* inventado pelo preceptor de seus filhos.

A vida de Julien compunha-se assim de uma série de pequenas negociações; e seu sucesso ocupava-o bem mais do que o sentimento de preferência marcada que lhe bastaria ler no coração da sra. de Rênal.

A posição moral onde estivera em toda a sua vida renovava-se na casa do sr. prefeito de Verrières. Ali, como na serraria do pai, desprezava profundamente as pessoas com quem vivia, e era odiado por elas. Diariamente ele via nos relatos feitos pelo subprefeito, pelo sr. Valenod, pelos outros amigos da casa, a propósito de coisas que acabavam de se passar sob seus olhos, o quanto as ideias deles eram contrárias às suas. Uma ação que lhe parecia admirável era precisamente a que atraía a reprovação das pessoas que o cercavam. Sua réplica interior era sempre: Que monstros ou que tolos! O engraçado é que, com todo esse orgulho, com frequência ele não compreendia absolutamente nada do que estavam falando.

Em sua vida, ele só havia falado sinceramente com o velho cirurgião-mor. As poucas ideias que tinha eram relativas às campanhas de Bonaparte na Itália ou à cirurgia. Sua jovem coragem comprazia-se com o relato detalhado das operações mais dolorosas; ele dizia a si mesmo: Eu não teria pestanejado.

A primeira vez que a sra. de Rênal tentou com ele uma conversa alheia à educação das crianças, ele pôs-se a falar de operações cirúrgicas; ela empalideceu e pediu-lhe que parasse.

Julien nada sabia além disso. Assim, convivendo com a sra. de Rênal, um silêncio singular estabelecia-se entre os dois assim que estavam a sós. Na sala, qualquer que fosse a humildade de sua atitude, ela percebia nos olhos dele um ar de superioridade intelectual em relação a tudo que partia dela. Ao ficar por um instante a sós com ele, via-o visivelmente embaraçado. Ela inquietava-se com isso, pois seu instinto de mulher fazia-a compreender que esse embaraço não era de modo algum afetuoso.

De acordo com não sei que ideia ouvida em conversas da boa sociedade, segundo dissera o velho cirurgião-mor, de que não se devia ficar em silêncio num lugar onde houvesse uma mulher, Julien sentia-se humilhado, como se esse silêncio fosse por sua culpa particular. Essa sensação era cem vezes mais penosa no encontro a dois. Sua imaginação, repleta das noções mais exageradas, mais espanholas, sobre o que um homem deve dizer quando está a sós com uma mulher, só lhe oferecia, em sua perturbação, ideias inadmissíveis. Tinha a alma nas nuvens, e no entanto não podia sair do silêncio mais humilhante. Assim, seu ar severo, durante os longos passeios com a sra. de Rênal e as crianças, era aumentado pelos sofrimentos mais cruéis. Desprezava-se horrivelmente. Se, por infelicidade, forçava-se a falar, sucedia-lhe dizer as coisas mais ridículas. Para o cúmulo da miséria, ele via e exagerava o absurdo delas; mas o que não via era a expressão de seus olhos; eram tão belos e anunciavam uma alma tão ardente que, como os bons atores, davam às vezes um sentido encantador ao que não o tinha. A sra. de Rênal observou que, a sós com ela, ele só chegava a dizer alguma coisa de interessante quando, distraído por um acontecimento imprevisto, não pensava em dirigir-lhe uma lisonja. Como os amigos da casa não lhe presenteavam com ideias novas e brilhantes, ela deliciava-se com os rasgos de espírito de Julien.

Desde a queda de Napoleão, toda aparência de galanteria está severamente banida dos costumes da província. Teme-se ser destituído. Os velhacos buscam um apoio na Congregação; e a hipocrisia fez os maiores progressos mesmo nas classes liberais. O tédio

aumenta. Não resta outro prazer senão a leitura e a agricultura.

A sra. de Rênal, rica herdeira de uma tia devota, casada aos dezesseis anos com um fidalgo, não tinha em sua vida experimentado nem visto nada que se assemelhasse um pouquinho só ao amor. Praticamente apenas seu confessor, o bom cura Chélan, lhe falara do amor, a propósito do assédio do sr. Valenod, e fizera dele uma imagem tão desagradável que essa palavra representava-lhe apenas a ideia da libertinagem mais abjeta. Ela considerava como uma exceção, ou mesmo como algo inteiramente antinatural, o amor tal como o encontrara nos poucos romances que o acaso pusera sob seus olhos. Graças a essa ignorância, a sra. de Rênal, perfeitamente feliz, ocupada o tempo todo com Julien, estava longe de fazer-se a menor censura.

Capítulo VIII

PEQUENOS ACONTECIMENTOS

Then there were sighs, the deeper for suppression,
And stolen glances, sweeter for the theft,
And burning blushes, though for no transgression.

DON JUAN, C. I, estrofe 74

A ANGÉLICA DOÇURA QUE a sra. de Rênal devia a seu caráter e à sua felicidade atual só era um pouco alterada quando ela pensava em sua camareira Elisa. Essa moça recebeu uma herança, foi confessar-se com o cura Chélan e revelou-lhe o projeto de casar com Julien. O cura ficou muito alegre com a sorte do amigo, mas ficou muito surpreso quando Julien lhe disse, com ar decidido, que a oferta da srta. Elisa não lhe convinha.

– Tome cuidado, meu filho, com o que se passa em seu coração, disse o cura, franzindo a sobrancelha; felicito-o por sua vocação, se é apenas a ela que deve o desprezo a uma fortuna mais do que suficiente. Há 56 anos sou pároco de Verrières, no entanto, ao que tudo indica, serei destituído. Isso me aflige, embora eu tenha 800 libras de rendimento. Conto-lhe esse detalhe para que não tenha ilusões sobre o que lhe aguarda a condição de padre. Se pensa em cortejar os homens poderosos, sua perdição eterna está garantida. Poderá fazer fortuna, mas terá de prejudicar os miseráveis, bajular o subprefeito, o prefeito, os homens importantes, e servir suas paixões: essa conduta, que na sociedade chama-se saber viver, pode, para um leigo, não ser absolutamente incompatível com a salvação; mas, em nossa condição, é preciso optar: trata-se de fazer fortuna neste mundo ou no outro, não há outra saída. Vá, meu caro amigo, reflita e volte dentro de três dias para dar-me uma resposta definitiva. Vislumbro com pesar, no fundo de seu caráter, um ardor sombrio que não me anuncia a moderação e a perfeita renúncia aos bens terrestres necessária a um padre; espero muito de seu espírito; mas, permita-me dizê-lo, acrescentou o bom cura com lágrimas nos olhos, na condição de padre receio por sua salvação.

Julien envergonhou-se de sua emoção; pela primeira vez na vida, via-se amado; ele chorava com delícia e foi esconder suas lágrimas no bosque acima de Verrières.

Por que me encontro nesse estado? disse enfim a si mesmo. Sinto que daria cem vezes minha vida por esse bom cura Chélan, no entanto ele acaba de provar-me que sou um tolo. É sobretudo a ele que me importa enganar, e ele me adivinha. Esse ardor secreto de que me fala é meu projeto de fazer fortuna. Ele me julga indigno de ser padre, e isto precisamente quando eu imaginava que o sacrifício de cinquenta luíses de renda lhe daria a mais alta ideia de minha piedade e de minha vocação.

No futuro, continuou Julien, contarei apenas com as partes do meu caráter que eu tiver experimentado. Quem haveria de dizer que eu teria prazer em derramar lágrimas, que eu amaria aquele que me prova que sou um tolo!

Três dias depois, Julien encontrou o pretexto do qual deveria estar munido desde o primeiro dia; esse pretexto era uma calúnia, mas que importa? Ele confessou ao cura, com muita hesitação, que uma razão que ele não podia revelar, porque prejudicaria a um terceiro, o desviara desde o começo da união projetada. Era acusar a conduta de Elisa. O sr. Chélan viu em suas maneiras um certo ardor muito mundano, bem diferente daquele que deveria animar um jovem levita.

– Meu amigo, disse ele ainda, é melhor ser um bom burguês da província, estimável e instruído, do que um padre sem vocação.

A essas novas advertências, Julien respondeu muito bem, quanto às palavras: ele encontrava os termos que teria empregado um jovem seminarista fervoroso; mas o tom com que os pronunciava, mas o ardor mal dissimulado que vibrava em seus olhos alarmavam o sr. Chélan.

Não devemos pensar muito mal a respeito de Julien; ele inventava corretamente as palavras de uma hipocrisia cautelosa e prudente. Isso é compreensível em sua idade. Quanto ao tom e aos gestos, vivera com aldeões, fora privado da visão dos grandes modelos. Posteriormente, tão logo pôde aproximar-se desses senhores, mostrou-se admirável tanto pelos gestos quanto pelas palavras.

A sra. de Rênal ficou espantada que a nova fortuna de sua camareira não fizesse essa moça mais feliz; via-a constantemente ir à casa do cura e voltar de lá com lágrimas nos olhos; enfim, Elisa falou-lhe do casamento.

A sra. de Rênal acreditou-se doente; uma espécie de febre a impedia de dormir; só vivia quando tinha sob os olhos sua camareira ou Julien. Só conseguia pensar neles e na felicidade que teriam. A pobreza desse lar, onde deveriam viver com 50 luíses de renda, aparecia-lhe sob cores maravilhosas. Julien poderia perfeitamente ser advogado em Bray, a subprefeitura a duas léguas de Verrières; nesse caso, ela o veria de vez em quando.

A sra. de Rênal acreditou sinceramente que ia enlouquecer; disse isso ao marido e por fim adoeceu de fato. Na mesma noite, quando sua camareira a servia, ela observou que a moça chorava. Irritada com Elisa nesse momento, e tendo-a tratado com aspereza, pediu-lhe perdão. As lágrimas de Elisa redobraram; ela disse que, se a patroa permitisse, contar-lhe-ia toda a sua infelicidade.

– Conte, respondeu a sra. de Rênal.

– Pois bem, senhora, ele me rejeita; alguém deve ter-lhe falado mal a meu respeito e ele acreditou.

– Quem a rejeita? perguntou a sra. de Rênal, quase contendo a respiração.

– E quem haveria de ser, senhora, senão Julien? replicou a camareira, soluçando. O sr. cura não conseguiu vencer sua resistência; pois o sr. cura acha que ele não deve recusar uma mulher honesta, só porque é camareira. Afinal, o pai de Julien é apenas um carpinteiro; e ele próprio, como ganhava a vida antes de vir para a casa da senhora?

A sra. de Rênal não escutava mais; o excesso de felicidade quase lhe tirara o uso da razão. Mandou repetir várias vezes a certeza de que Julien recusara de uma forma positiva e que não reconsideraria uma resolução mais sensata.

– Farei uma última tentativa, disse ela à camareira, falarei com o sr. Julien.

No dia seguinte, depois do almoço, a sra. de Rênal entregou-se à deliciosa volúpia de defender a causa da rival, e de ver a mão e a fortuna de Elisa recusadas constantemente durante uma hora.

Aos poucos, Julien saiu de suas respostas compassadas e acabou por responder com espírito às sensatas observações da sra. de Rênal. Ela não pôde resistir à torrente de felicidade que inundava sua alma depois de tantos dias de desespero. Sentiu-se mal. Quando se viu restabelecida e bem instalada em seu quarto, mandou todos embora. Estava profundamente espantada.

Estarei amando Julien? pensou, por fim.

Essa descoberta, que em qualquer outro momento a teria mergulhado em remorsos e numa agitação profunda, não foi para ela senão um espetáculo singular, mas como que indiferente. Sua alma, esgotada pelo que acabava de experimentar, não tinha mais sensibilidade a serviço das paixões.

A sra. de Rênal quis trabalhar e caiu num sono profundo; quando despertou, não se assustou tanto quanto imaginava. Estava feliz demais para poder levar a mal alguma coisa. Ingênua e inocente, essa boa provinciana jamais havia torturado sua alma para dela extrair um pouco de sensibilidade a um novo matiz de sentimento ou de infortúnio. Inteiramente absorvida, antes da chegada de Julien, pela massa de trabalho que, longe de Paris, é o que cabe a uma boa mãe de família, a sra. de Rênal pensava nas paixões assim como pensamos na loteria: ilusão certa e felicidade buscada por insensatos.

A sineta do jantar soou; a sra. de Rênal enrubesceu muito ao ouvir a voz de Julien, que trazia as crianças. Um pouco habilidosa, desde que amava, para explicar seu rubor, queixou-se de uma forte dor de cabeça.

– Eis como são as mulheres, disse o sr. de Rênal, com uma risada grosseira. Há sempre algo a consertar nessas máquinas!

Embora acostumada a esse tipo de gracejo, o tom de voz chocou a sra. de Rênal. Para distrair-se, olhou a fisionomia de Julien; mesmo se fosse o homem mais feio, nesse instante ter-lhe-ia agradado.

Atento em copiar os hábitos da corte, o sr. de Rênal instalou-se em Vergy logo nos primeiros dias da primavera; essa é uma aldeia famosa pela trágica aventura de Gabrielle. A umas centenas de passos das pitorescas ruínas de uma antiga igreja gótica, o sr. de Rênal possui um velho castelo com suas quatro torres e um jardim desenhado como o das Tulherias, com sebes de buxo e aleias de castanheiros podados duas vezes ao ano. Um campo vizinho, plantado de macieiras, servia de passeio. Havia oito ou dez magníficas nogueiras no fundo do pomar; sua imensa folhagem alcançava quase trinta metros de altura.

– Cada uma dessas malditas nogueiras, dizia o sr. de Rênal quando sua mulher as admirava, custa-me a colheita de meio alqueire, o trigo não pode brotar à sombra delas.

A vista do campo pareceu nova à sra. de Rênal; sua admiração chegava ao enlevo. O sentimento que a possuía dava-lhe ânimo e resolução. Dois dias depois da chegada em Vergy, tendo o sr. de Rênal retornado à cidade para assuntos da prefeitura, a sra. de Rênal contratou operários por conta própria. Julien lhe havia sugerido um pequeno caminho de saibro, que circularia pelo pomar e debaixo das grandes nogueiras, permitindo às crianças passearem já

de manhã sem que suas sandálias ficassem molhadas de orvalho. Essa ideia foi posta em execução menos de 24 horas depois de concebida. A sra. de Rênal passou alegremente a jornada inteira com Julien a dirigir os operários.

Quando o prefeito de Verrières voltou da cidade, ficou muito surpreso de encontrar a aleia pronta. Sua chegada surpreendeu também a sra. de Rênal; ela havia esquecido sua existência. Durante dois meses, ele falou com irritação da ousadia de terem feito, sem consultá-lo, uma obra tão importante, mas a sra. de Rênal a executara com recursos próprios, o que o consolava um pouco.

Ela passava os dias a correr com os filhos pelo pomar e a caçar borboletas. Haviam montado grandes capuzes de gaze clara, com os quais pegavam os pobres *lepidópteros*. É o nome bárbaro que Julien ensinava à sra. de Rênal. Pois ela mandara vir de Besançon o belo livro do sr. Godart, e Julien contava-lhe os costumes singulares dos pobres bichinhos.

Eles eram impiedosamente espetados com alfinetes num grande painel de papelão montado também por Julien.

Houve finalmente, entre a sra. de Rênal e Julien, um assunto de conversa, ele não ficou mais exposto ao terrível suplício que lhe causavam os momentos de silêncio.

Os dois falavam sem parar e com um interesse extremo, embora de coisas muito inocentes. Essa vida ativa, ocupada e alegre era do gosto de todos, exceto da srta. Elisa, que se via sobrecarregada de trabalho. Nem no Carnaval, dizia, quando há baile em Verrières, a senhora deu tanta atenção à sua toalete; muda de roupa duas ou três vezes por dia.

Como nossa intenção é não lisonjear ninguém, não negaremos que a sra. de Rênal, que tinha uma pele soberba, providenciou vestidos que deixassem os braços e o peito bastante descobertos. Ela tinha um belo corpo, e essa maneira de vestir-se convinha-lhe maravilhosamente.

– *Nunca esteve tão jovem*, senhora, diziam-lhe os amigos de Verrières que vinham almoçar em Vergy. (É uma maneira de falar da região.)

Uma coisa singular, na qual poucos de nós acreditarão, era que a sra. de Rênal se entregasse a tantos cuidados sem uma intenção direta. Ela sentia prazer nisso; e, sem pensar noutra coisa, quando não estava caçando borboletas com as crianças e Julien, trabalhava com Elisa na confecção de vestidos. Sua única ida a Verrières foi causada pela vontade de comprar novos vestidos de verão que acabavam de chegar de Mulhouse.

Trouxe a Vergy uma jovem parente sua. Desde seu casamento, a sra. de Rênal aproximara-se aos poucos da sra. Derville, que outrora fora sua companheira no Sacré-Coeur.

A sra. Derville ria muito do que chamava as ideias loucas da prima: Sozinha, eu nunca pensaria nisso, dizia. Dessas ideias imprevistas, que em Paris chamariam repentes, a sra. de Rênal envergonhava-se como de uma tolice, quando estava com o marido; mas a presença da sra. Derville a encorajava. A princípio expressava seus pensamentos com uma voz tímida; quando as duas ficavam a sós por algum tempo, o espírito da sra. de Rênal animava-se, e uma longa manhã solitária passava como um instante e deixava as amigas muito alegres. Nessa viagem, a razoável sra. Derville achou sua prima bem menos alegre e bem mais feliz.

Julien, por seu lado, vivia como uma verdadeira criança desde sua temporada no campo, tão feliz de correr atrás das borboletas quanto seus alunos. Depois de tanto constrangimento e

política hábil, sozinho, longe dos olhares dos homens e, por instinto, não temendo a sra. de Rênal, ele entregava-se ao prazer de existir, tão intenso nessa idade, e em meio às mais belas montanhas do mundo.

Desde a chegada da sra. Derville, pareceu a Julien que ela era sua amiga; apressou-se em mostrar-lhe o panorama que se tem na extremidade da nova aleia, debaixo das grandes nogueiras; de fato, ele é igual, se não superior, ao que a Suíça e os lagos da Itália podem oferecer de mais admirável. Galgando-se a encosta íngreme que começa a alguns passos dali, logo se chega a grandes precipícios orlados de bosques de carvalhos que avançam quase até a margem. É aos cumes desses rochedos talhados a prumo que Julien, feliz, livre, e até algo mais, rei da casa, conduzia as duas amigas, deliciando-se com a admiração delas por essas vistas sublimes.

– Para mim, é como a música de Mozart, dizia a sra. Derville.

A inveja dos irmãos, a presença de um pai déspota e irritadiço haviam estragado, aos olhos de Julien, os campos dos arredores de Verrières. Em Vergy, não havia nenhuma dessas lembranças amargas; pela primeira vez na vida, não via um inimigo sequer. Quando o sr. de Rênal estava na cidade, o que acontecia com frequência, ousava ler; em breve, em vez de ler à noite, e cuidando de esconder sua lâmpada no fundo de um vaso de flores emborcado, pôde entregar-se ao sono; de dia, no intervalo das lições das crianças, ia até os rochedos com o livro que era a regra única de sua conduta e o objeto de seus transportes. Nele encontrava ao mesmo tempo felicidade, êxtase e consolação nos momentos de desânimo.

Algumas coisas que Napoleão diz das mulheres, várias discussões sobre o mérito dos romances em voga no seu reinado, deram-lhe então, pela primeira vez, algumas ideias que um outro jovem de sua idade há muito teria tido.

Chegaram os grandes calores. Habituaram-se a passar as noites debaixo de uma imensa tília a alguns passos da casa. Ali a obscuridade era profunda. Uma noite, Julien falava com vivacidade, deliciava-se com o prazer de falar bem e a mulheres jovens; ao gesticular, tocou a mão da sra. de Rênal, que estava apoiada no encosto de uma dessas cadeiras de madeira pintada que se colocam nos jardins.

A mão retirou-se bem depressa; mas Julien pensou que era seu *dever* fazer que essa mão não fosse retirada quando ele a tocasse. A ideia de um dever a cumprir, e de expor-se ao ridículo, ou melhor, a um sentimento de inferioridade, caso não conseguisse, afastou na mesma hora todo o prazer de seu coração.

Capítulo IX

UMA NOITE NO CAMPO

A Dido do sr. Guérin, esboço encantador.

STROMBECK

SEUS OLHARES NO DIA SEGUINTE, quando voltou a ver a sra. de Rênal, eram singulares; ele a observava como um inimigo com o qual terá de bater-se. Esses olhares, tão diferentes dos da véspera, tiraram o sossego da sra. de Rênal: fora boa com ele, e ele parecia zangado. Ela não conseguia afastar seus olhos dos dele.

A presença da sra. Derville permitia a Julien falar menos e ocupar-se mais com o que tinha em mente. Sua única preocupação, durante toda essa jornada, foi fortalecer-se pela leitura do livro inspirado que impregnava sua alma.

Abreviou em muito as lições das crianças e, a seguir, quando a presença da sra. de Rênal veio convocá-lo por inteiro aos cuidados de sua glória, decidiu que sua mão devia absolutamente, naquela noite, permanecer na dela.

Quando o sol se pôs e aproximou-se o momento decisivo, o coração de Julien bateu com força. Fez-se noite. Ele observou, com uma alegria que lhe tirou um peso imenso de cima do peito, que seria uma noite muito escura. O céu carregado de nuvens, arrastadas por um vento quente, parecia anunciar uma tempestade. As duas amigas passearam até muito tarde. Tudo o que elas faziam naquela noite parecia especial a Julien. Elas se deliciavam com aquele tempo que, para certas almas delicadas, parece aumentar o prazer de amar.

Sentaram-se, enfim, a sra. de Rênal ao lado de Julien e a sra. Derville perto de sua amiga. Preocupado com o que ia tentar, Julien não conseguia dizer nada. A conversa esmorecia.

Estarei assim trêmulo e inquieto quando enfrentar meu primeiro duelo?, pensou Julien, pois tinha muita desconfiança dele e dos outros para não perceber o estado de sua alma.

Em sua mortal angústia, todos os perigos pareceram-lhe preferíveis. Quantas vezes não desejou que um afazer obrigasse a sra. de Rênal a voltar para casa e a deixar o jardim! A violência que Julien se impunha era demasiado forte para que sua voz não se alterasse profundamente; em breve, também a voz da sra. de Rênal ficou trêmula, mas Julien não percebeu. O terrível combate que o dever travava com a timidez era penoso demais para que pudesse observar alguma coisa fora de si mesmo. Acabavam de soar nove horas e três quartos no relógio do castelo, sem que ele nada tivesse ousado. Indignado com sua covardia, Julien pensou: no exato momento em que soarem dez horas, executarei aquilo que, o dia todo, me prometi fazer esta noite, caso contrário subo ao meu quarto e arrebento os miolos.

Depois de um último momento de espera e de ansiedade, durante o qual o excesso de emoção punha Julien como que fora de si, soaram dez horas no relógio que estava acima de sua cabeça. Cada badalada desse relógio fatal repercutia em seu peito e causava-lhe como que uma agitação física.

Enfim, quando a última badalada das dez horas ainda ressoava, ele estendeu a mão e pegou a da sra. de Rênal, que a retirou em seguida. Julien, sem saber muito bem o que fazia, agarrou-a de novo. Embora muito emocionado, surpreendeu-se com a frieza glacial da mão que segurava; ele a apertava com uma força convulsiva; essa mão fez um último esforço para desprender-se, mas enfim permaneceu na dele.

Sua alma foi inundada de felicidade; não que ele amasse a sra. de Rênal, mas um terrível suplício acabava de cessar. Para que a sra. Derville não percebesse nada, ele acreditou-se obrigado a falar; sua voz era então estridente e forte. A da sra. de Rênal, ao contrário, traía tanta emoção que sua amiga a julgou doente e propôs que entrassem. Julien sentiu o perigo: se a sra. de Rênal voltar à sala, recairei na posição terrível na qual passei a jornada. Segurei essa mão por muito pouco tempo para que isso conte como vantagem a meu favor.

No momento em que a sra. Derville renovava a proposta de voltar para a sala, Julien apertou fortemente a mão que retinha.

A sra. de Rênal, que já se levantava, tornou a sentar-se, dizendo, com uma voz débil:

– Sinto-me um pouco doente, é verdade, mas o ar livre me faz bem.

Essas palavras confirmaram a felicidade de Julien que, nesse momento, era extrema: ele falou, parou de fingir e pareceu o homem mais amável às duas amigas que o escutavam. No entanto, havia ainda um pouco de falta de coragem nessa eloquência que súbito lhe vinha. Ele temia mortalmente que a sra. Derville, fatigada com o vento que começava a soprar e que precedia a tempestade, quisesse voltar sozinha para a sala. Estaria então frente a frente com a sra. de Rênal. Ele tivera quase por acaso a coragem cega suficiente para agir; mas sentia que estava fora de seu poder dizer a palavra mais simples à sra. de Rênal. Por mais leves que fossem as censuras dela, ele seria vencido e perderia a vantagem que acabava de obter.

Felizmente para ele, naquela noite, suas palavras tocantes e enfáticas foram bem acolhidas pela sra. Derville que, geralmente, o achava desajeitado como uma criança e pouco divertido. Quanto à sra. de Rênal, com a mão na de Julien, ela não pensava em nada; deixava-se viver. As horas passadas sob essa grande tília, que, segundo a tradição do lugar, teria sido plantada por Carlos o Temerário, foram para ela um momento de felicidade. Ela escutava com delícia o gemido do vento na espessa folhagem da tília e o ruído de algumas gotas raras que começavam a cair nas folhas mais baixas. Julien não notou uma circunstância que o teria tranquilizado: obrigada a retirar sua mão da dele, porque se levantou para ajudar a prima a reerguer um vaso que o vento acabava de derrubar a seus pés, a sra. de Rênal, logo que tornou a sentar-se, entregou-lhe a mão quase sem dificuldade, como se já fosse entre eles uma coisa combinada.

Havia muito soara a meia-noite; foi preciso enfim deixar o jardim. Separaram-se. A sra. de Rênal, transportada pela felicidade de amar, era tão ignorante que não se fazia quase nenhuma censura. A felicidade tirava-lhe o sono. Um sono de chumbo apoderou-se de Julien, mortalmente fatigado pelos combates que a timidez e o orgulho haviam travado o dia inteiro em seu coração.

No dia seguinte, despertaram-no às cinco horas; e – o que teria sido cruel para a sra. de Rênal se o soubesse – teve apenas um pensamento: havia cumprido *seu dever, e um dever heroico*. Tomado de felicidade por esse sentimento, encerrou-se à chave em seu quarto e entregou-se com um renovado prazer à leitura dos feitos de seu herói.

Quando a sineta do almoço fez-se ouvir, ele havia esquecido, ao ler os Boletins do Grande Exército3, todas as vantagens da véspera. Disse a si mesmo, num tom leve, ao descer para a sala: preciso dizer a essa mulher que a amo.

Em vez dos olhares carregados de volúpia que esperava encontrar, encontrou o rosto severo do sr. de Rênal que, tendo chegado de Verrières havia duas horas, não ocultava seu descontentamento pelo fato de Julien passar toda a manhã sem se ocupar das crianças. Nada era mais desagradável do que aquele homem importante de mau humor e acreditando poder demonstrá-lo.

Cada palavra áspera do marido feria o coração da sra. de Rênal. Quanto a Julien, estava de tal forma mergulhado no êxtase, ainda tão ocupado com as coisas que, durante várias horas, acabavam de se passar diante de seus olhos, que a princípio mal pôde rebaixar sua atenção para escutar as frases duras que o sr. de Rênal lhe dirigia. Por fim disse a ele, de maneira bastante brusca:

– Eu estava doente.

O tom dessa resposta teria ofendido um homem muito menos suscetível que o prefeito de Verrières; este chegou a pensar em demitir Julien na mesma hora. Só foi retido pela máxima que se impusera de jamais apressar suas decisões.

Esse jovem tolo, pensou em seguida, adquiriu uma espécie de reputação em minha casa; o Valenod poderá contratá-lo, ou então casará com Elisa; em ambos os casos, no fundo do coração, poderá zombar de mim.

Apesar da ponderação de suas reflexões, nem por isso o descontentamento do sr. de Rênal deixou de se manifestar por uma série de palavras grosseiras que aos poucos irritaram Julien. A sra. de Rênal esteve a ponto de desfazer-se em lágrimas. Terminado o almoço, ela pediu que Julien lhe desse o braço para o passeio; apoiava-se nele com amizade. A tudo o que a sra. de Rênal lhe dizia, Julien apenas respondia a meia voz:

– *Gente rica é assim*!

O sr. de Rênal caminhava muito perto deles; sua presença aumentava a cólera de Julien. Ele notou de repente que a sra. de Rênal apoiava-se em seu braço de uma forma especial; esse gesto causou-lhe horror, repeliu-a com violência e retirou o braço.

Felizmente o sr. de Rênal não viu essa nova impertinência, ela só foi observada pela sra. Derville; sua amiga desfazia-se em lágrimas. Naquele momento, o sr. de Rênal pusera-se a perseguir a pedradas uma camponesinha que tomara um caminho proibido e atravessava um canto do pomar.

– Sr. Julien, por favor, modere-se; pense que todos temos momentos de mau humor, disse rapidamente a sra. Derville.

Julien mirou-a friamente com olhos nos quais transparecia o mais soberano desprezo.

Esse olhar surpreendeu a sra. Derville, e a teria surpreendido bem mais se adivinhasse sua verdadeira expressão; teria lido nele algo como uma esperança vaga da mais atroz vingança. Certamente, foram momentos de humilhação como esse que produziram os Robespierre.

– Seu Julien é muito violento, ele me assusta, disse a sra. Derville em voz baixa à sua amiga.

– Ele tem razão de estar furioso, esta respondeu. Depois dos progressos espantosos que

obteve com as crianças, que importa que passe uma manhã sem lhes falar? Há que convir que os homens são muito duros.

Pela primeira vez na vida, a sra. de Rênal sentiu uma espécie de desejo de vingança contra o marido. O ódio extremo que animava Julien contra os ricos ia explodir. Felizmente, o sr. de Rênal chamou seu jardineiro e permaneceu ocupado com ele a barrar, com feixes de espinhos, a passagem proibida através do pomar. Julien não respondeu uma só palavra às amabilidades de que foi objeto durante o resto do passeio. Tão logo o sr. de Rênal afastou-se, as duas amigas, alegando cansaço, pediram-lhe cada uma um braço.

Entre as duas mulheres com as faces ruborizadas pelo embaraço e uma perturbação extrema, a palidez altiva, o ar sombrio e decidido de Julien formava um estranho contraste. Ele desprezava essas mulheres e todos os sentimentos ternos.

Quê!, ele pensava, nem mesmo quinhentos francos de renda para terminar meus estudos! Ah! Como gostaria de livrar-me dele!

Absorvido por essas ideias severas, o pouco que se dignava compreender das palavras atenciosas das duas amigas desagradava-lhe como vazio de sentido, tolo, fraco, em suma: *feminino*.

À força de falar por falar, e de buscar manter a conversa viva, ocorreu à sra. de Rênal dizer que o marido viera de Verrières porque havia adquirido palha de milho de um de seus capatazes. (Nessa região, é com palha de milho que são forrados os enxergões das camas.)

– Meu marido não nos acompanhará, acrescentou a sra. de Rênal; com o jardineiro e o camareiro, ficará ocupado em terminar a renovação dos enxergões da casa. Esta manhã pôs palha de milho em todas as camas do primeiro andar, agora está no segundo.

Julien mudou de cor; olhou a sra. de Rênal de um jeito singular e logo tomou-a à parte, de certo modo, dobrando o passo. A sra. Derville deixou que se afastassem.

– Salve-me a vida, disse Julien à sra. de Rênal, somente a senhora poderá fazê-lo; pois sabe que o camareiro tem ódio mortal de mim. Devo confessar-lhe, senhora, que tenho um retrato; escondi-o no enxergão de minha cama.

A essa frase, a sra. de Rênal também empalideceu.

– Somente a senhora poderá neste momento entrar em meu quarto; sem que percebam, vasculhe o ângulo do enxergão mais próximo da janela, ali encontrará uma caixinha de papelão preta e lisa.

– Ela guarda um retrato!, disse a sra. de Rênal, mal podendo manter-se em pé.

Seu ar de desânimo foi logo notado por Julien, que disso se aproveitou.

– Tenho um segundo favor a pedir-lhe, senhora, suplico que não olhe para esse retrato, é meu segredo.

– É um segredo, repetiu a sra. de Rênal, com voz apagada.

Mas, embora educada entre pessoas orgulhosas de sua fortuna e sensíveis apenas ao interesse do dinheiro, o amor já pusera generosidade nessa alma. Cruelmente ferida, foi com o devotamento mais simples que a sra. de Rênal fez a Julien as perguntas necessárias para cumprir bem a tarefa.

– Então, disse ela, afastando-se, uma caixinha redonda, de papelão preto, bem lisa.

– Sim, senhora, respondeu Julien, com a dureza que o perigo confere aos homens.

Ela subiu até o segundo andar do castelo, pálida como se caminhasse para a morte. Para o cúmulo da desgraça, sentiu que estava a ponto de desmaiar, mas a necessidade de prestar um serviço a Julien deu-lhe forças.

– Preciso pegar essa caixa, disse a si mesma, dobrando o passo.

Ouviu o marido falar ao camareiro no quarto mesmo de Julien. Felizmente, eles passaram para o das crianças. Ela levantou o colchão e enfiou a mão no enxergão com tal violência que esfolou os dedos. Mas, embora muito sensível a pequenas dores desse tipo, não teve a consciência dessa, pois quase ao mesmo tempo sentiu a superfície lisa da caixa de papelão. Pegou-a e desapareceu.

Apenas aliviada do temor de ser surpreendida pelo marido, o horror que lhe causava essa caixa chegou ao ponto de fazê-la decididamente sentir-se mal.

Então Julien está apaixonado, e tenho aqui o retrato da mulher que ele ama!

Sentada numa cadeira na antecâmara desse aposento, a sra. de Rênal estava exposta a todos os horrores do ciúme. Sua extrema ignorância foi-lhe ainda útil nesse momento, o espanto amenizava a dor. Julien apareceu, pegou a caixa, sem agradecer, sem dizer nada, e correu para seu quarto, onde fez fogo e queimou-a ali mesmo. Estava pálido, arrasado, exagerava a extensão do perigo que acabava de correr.

O retrato de Napoleão, dizia-se, sacudindo a cabeça, achado escondido nos aposentos de um homem que faz profissão de tanto ódio ao usurpador! encontrado pelo sr. de Rênal, tão reacionário e tão irritado! E, para o cúmulo da imprudência, na cartolina branca atrás do retrato, linhas escritas por minha mão! e que não podem deixar dúvida alguma sobre o excesso de minha admiração! e cada um desses transportes de amor está datado! há um de anteontem!

Toda a minha reputação perdida, destruída num momento! dizia-se Julien, vendo arder a caixa, e minha reputação é tudo o que tenho, não vivo senão por ela... e ainda assim, que vida, meu Deus!

Uma hora depois, a fadiga e a piedade que sentia por si mesmo o dispunham ao enternecimento. Tornou a encontrar a sra. de Rênal e pegou-lhe a mão, beijando-a com mais sinceridade do que jamais havia feito. Ela corou de felicidade e, quase no mesmo instante, repeliu Julien com a cólera do ciúme. O orgulho de Julien, tão recentemente ferido, fez dele um tolo nesse momento. Viu na sra. de Rênal apenas uma mulher rica, deixou cair sua mão com desdém e afastou-se. Foi passear no jardim, pensativo, e logo um sorriso amargo despontou em seus lábios.

– Eu a passear aqui, tranquilo como um homem que dispõe de seu tempo! Não me ocupo com as crianças! Exponho-me às palavras humilhantes do sr. de Rênal, e ele terá razão. Correu ao quarto dos meninos.

Os carinhos do mais jovem, de quem ele gostava muito, acalmaram um pouco sua dor pungente.

Este ainda não me despreza, pensou Julien. Mas logo viu nessa diminuição de dor uma nova fraqueza. Essas crianças me acariciam como o fariam a um jovem cão de caça que lhes compraram ontem.

3 Grande Exército ou “Grande Armeé” era a denominação dada ao exército imperial de Napoleão Bonaparte. Chegou a ter um milhão e seiscentos mil soldados entre 1805 e 1815. Periodicamente, o governo publicava o *Boletim do Grande Exército*, que contava as atitudes militares, sempre exaltando Napoleão e seus soldados. (N.E.)

Capítulo X

UM GRANDE CORAÇÃO E UMA PEQUENA FORTUNA

But passion most dissembles, yet betrays,
Even by its darkness; as the blackest sky
Foretells the heaviest tempest.

DON JUAN, C. I, est. 73

O SR. DE RÊNAL, que percorria todos os quartos do castelo, voltou ao das crianças com os criados que traziam os enxergões. A entrada súbita desse homem foi para Julien a gota d´água que faz transbordar o copo.

Mais pálido, mais sombrio que de costume, avançou em direção a ele. O sr. de Rênal deteve-se e olhou para os criados.

– Senhor, disse-lhe Julien, acredita que com algum outro preceptor seus filhos teriam feito os mesmos progressos que comigo? Se responder que não, continuou Julien sem dar ao sr. de Rênal tempo de falar, como ousa censurar-me de que os negligencio?

O sr. de Rênal, mal refeito de sua reação de medo, concluiu, do tom estranho das palavras do pequeno aldeão, que ele trazia no bolso alguma proposta vantajosa e que ia deixá-lo. A cólera de Julien aumentava à medida que falava:

– Posso viver sem o senhor, acrescentou.

– Estou realmente aborrecido de vê-lo assim tão agitado, respondeu o sr. de Rênal, balbuciando um pouco. Os criados estavam a dez passos, ocupados em arrumar as camas.

– Isso não me basta, senhor, retomou Julien, fora de si; pense na infâmia das palavras que me dirigiu, e ainda por cima diante das mulheres!

O sr. de Rênal compreendia perfeitamente o que Julien pedia, e um penoso combate dilacerava sua alma. A certa altura, efetivamente enfurecido, Julien exclamou:

– Saindo de sua casa, senhor, sei para onde ir.

A essas palavras, o sr. de Rênal viu Julien instalado na casa do sr. Valenod.

– Pois bem, senhor, disse-lhe enfim, com um suspiro e a expressão de quem teria chamado o cirurgião para a operação mais dolorosa, concordo com seu pedido. A partir de depois de amanhã, que é o primeiro dia do mês, dar-lhe-ei 50 francos por mês.

Julien teve vontade de rir e ficou estupefato: toda a sua cólera desaparecera.

Eu não desprezava o bastante esse animal, pensou. Eis aí certamente o maior pedido de desculpa que pode apresentar uma alma tão baixa.

As crianças, que escutavam boquiabertas essa cena, correram até o jardim para dizer à mãe que o sr. Julien estava furioso, mas que ia receber 50 francos por mês.

Julien os acompanhou por hábito, sem sequer olhar para o sr. de Rênal, que ele deixou profundamente irritado.

Cento e sessenta e oito francos, dizia-se o prefeito, eis o que me custa o sr. Valenod!

Preciso absolutamente dizer-lhe duas palavrinhas firmes sobre sua empresa de aviamentos para as crianças enjeitadas.

Um instante depois, Julien voltou a encontrar-se face a face com o sr. de Rênal:

– Devo falar de minha consciência ao sr. Chélan; tenho a honra de comunicar-lhe que estarei ausente algumas horas.

– Ah! meu caro Julien!, disse o sr. de Rênal, rindo com o ar mais falso, o dia todo, se quiser, e amanhã também. Pegue o cavalo do jardineiro para ir a Verrières.

Ei-lo que vai levar a resposta a Valenod, pensou o sr. de Rênal; ele não me prometeu nada, mas é preciso deixar esfriar essa cabeça de rapaz.

Julien partiu rapidamente, seguindo pelos grandes bosques pelos quais se pode ir de Vergy a Verrières. Não queria chegar em seguida à casa do sr. Chélan. Longe de querer entregar-se a uma nova cena de hipocrisia, tinha necessidade de ver claro dentro de sua alma e de dar ouvidos à multidão de sentimentos que o agitavam.

Ganhei uma batalha, disse a si mesmo assim que se viu nos bosques e longe do olhar dos homens. Ganhei então uma batalha!

Essas palavras punham mais brilho em sua posição e deram à sua alma uma certa tranquilidade.

Eis-me com 50 francos de rendimentos por mês, o sr. de Rênal devia estar com muito medo. Mas de quê?

Essa meditação sobre o que podia ter causado o medo num homem feliz e poderoso contra o qual, uma hora antes, ele fervia de raiva, acabou por serenar a alma de Julien. Por um momento, quase foi sensível à beleza deslumbrante dos bosques no meio dos quais caminhava. Enormes blocos de rochas nuas haviam caído outrora entre as árvores, do lado da montanha. Grandes faias elevavam-se quase tão altas quanto esses rochedos cuja sombra transmitia um delicioso frescor, a três passos dos lugares onde o calor dos raios do sol teria impossibilitado deter-se.

Julien descansava um pouco à sombra dessas grandes rochas, para depois continuar a subir. Seguindo um estreito caminho pouco discernível e que serve apenas aos guardadores de cabras, logo viu-se de pé sobre uma rocha imensa e com a certeza de estar separado de todos os homens. Essa posição física o fez sorrir, ela pintava-lhe a posição que ansiava atingir no plano moral. O ar puro dessas montanhas elevadas transmitiu serenidade e mesmo alegria à sua alma. O prefeito de Verrières continuava sendo, para ele, o representante de todos os ricos e de todos os insolentes da terra; mas Julien sentia que o ódio que há pouco o agitara, apesar da violência de seus gestos, nada tinha de pessoal. Se deixasse de ver o sr. de Rênal, em oito dias o teria esquecido, a ele, seu castelo, seus cães, seus filhos e toda a sua família. Forcei-o, não sei de que maneira, a fazer o maior sacrifício. Ora vejam! mais de cinquenta escudos por ano! e pouco antes eu me safava do maior perigo. Duas vitórias num dia; a segunda é sem mérito, seria preciso adivinhar como aconteceu. Mas deixemos para amanhã as investigações penosas.

De pé sobre seu grande rochedo, Julien olhava o céu, abrasado por um sol de agosto. As cigarras cantavam no campo abaixo do rochedo; quando se calavam, era tudo silêncio ao redor. Ele via a seus pés vinte léguas de terras. De quando em quando, avistava um ou outro

gavião saído das grandes rochas acima de sua cabeça, descrevendo em silêncio círculos imensos. Os olhos de Julien seguiam maquinalmente a ave de rapina. Seus movimentos tranquilos e poderosos o impressionavam, ele invejava aquela força, aquele isolamento.

Assim fora o destino de Napoleão. Seria algum dia o dele?

Capítulo XI

UMA NOITE

Yet Julia's very coldness still was kind,
And tremulously gentle her small hand
Withdrew itself from his, but left behind,
A little pressure, thrilling, and so bland
And slight, so very slight, that to the mind.
Twas but a doubt.

DON JUAN, C. I, est. 71

ERA PRECISO, NO ENTANTO, ir a Verrières. Ao sair do presbitério, um feliz acaso fez Julien encontrar o sr. Valenod, a quem se apressou a contar o aumento de seus honorários.

De volta a Vergy, Julien só desceu ao jardim quando era noite fechada. Sua alma estava fatigada do grande número de emoções fortes que a haviam agitado durante o dia. Que direi a elas? indagava com inquietude, pensando nas damas. Estava longe de perceber que sua alma estava precisamente ao nível das pequenas circunstâncias que ocupam geralmente todo o interesse das mulheres. Com frequência Julien era ininteligível para a sra. Derville e mesmo para sua amiga, e, por sua vez, compreendia só pela metade o que elas lhe diziam. Tal era o efeito da força e, se ouso falar assim, da grandeza dos movimentos de paixão que agitavam a alma desse jovem ambicioso. Nesse indivíduo singular, quase todos os dias eram de tempestade.

Ao entrar no jardim, naquela noite, Julien estava disposto a ocupar-se das ideias das belas primas. Elas o aguardavam com impaciência. Ele tomou seu lugar de costume ao lado da sra. de Rênal. A escuridão era profunda. Quis pegar uma mão branca que há muito via perto dele, apoiada sobre o encosto de uma cadeira. Houve uma pequena hesitação, mas ela acabou sendo retirada de uma forma que denotava irritação. Julien estava disposto a aceitar aquilo e a continuar alegremente a conversa, quando ouviu que o sr. de Rênal se aproximava.

Julien tinha ainda nos ouvidos as palavras grosseiras da manhã. Não seria, pensou, uma forma de zombar desse indivíduo tão cumulado de todas as vantagens da fortuna, pegar a mão de sua mulher, precisamente em sua presença? Sim, eu o farei, eu, a quem ele demonstrou tanto desprezo.

A partir desse momento, a tranquilidade, tão pouco natural ao caráter de Julien, desapareceu prontamente; ele desejou com ansiedade, e sem poder pensar noutra coisa, que a sra. de Rênal consentisse em ceder-lhe a mão.

O sr. de Rênal falava de política com cólera: dois ou três industriais de Verrières tornavam-se decididamente mais ricos do que ele e queriam fazer-lhe oposição nas eleições. A sra. Derville o escutava. Julien, irritado com essas palavras, aproximou sua cadeira da da sra. de Rênal. A escuridão ocultava todos os movimentos. Ousou pôr a mão muito perto do

braço encantador que o vestido deixava descoberto. Ficou perturbado e, incapaz de pensar, aproximou a face desse braço encantador, ousando nele aplicar seus lábios.

A sra. de Rênal estremeceu. Seu marido estava a quatro passos, ela apressou-se a dar a mão a Julien, ao mesmo tempo que o repelia um pouco. Enquanto o sr. de Rênal prosseguia com suas injúrias contra os indivíduos reles e os jacobinos que enriqueciam, Julien cobria a mão que lhe fora cedida com beijos apaixonados ou, pelo menos, que assim pareciam à sra. de Rênal. No entanto, a pobre mulher tivera a prova, nessa jornada fatal, de que o homem que ela adorava, sem confessar a si mesma, amava outra! Durante toda a ausência de Julien, fora atormentada por uma infelicidade extrema, que a fizera refletir.

Quê! Eu estaria amando, ela pensava, eu, uma mulher casada, estaria apaixonada? Mas nunca senti por meu marido essa loucura sombria, que me impede de afastar meu pensamento de Julien. E, no fundo, ele é apenas um menino cheio de respeito por mim. Essa loucura será passageira. Que importa a meu marido os sentimentos que posso ter por esse jovem? O sr. de Rênal se aborreceria com as conversas que tenho com Julien, sobre coisas da imaginação. Ele só pensa em negócios. Não estou tirando nada dele para dar a Julien.

Nenhuma hipocrisia vinha alterar a pureza dessa alma ingênua, extraviada por uma paixão que jamais sentira. Ela se enganava, mas sem o saber, e no entanto um instinto de virtude estava horrorizado. Tais eram os combates que a agitavam quando Julien apareceu no jardim. Ouviu sua voz e quase no mesmo instante viu-o sentar-se a seu lado. Sentiu a alma como que enlevada por essa felicidade encantadora que há quinze dias a surpreendia ainda mais do que a seduzia. Tudo era imprevisto para ela. Contudo, depois de alguns instantes, disse a si mesma: então basta a presença de Julien para apagar todos os seus erros? Ficou assustada; foi nesse momento que retirou a mão.

Os beijos cheios de paixão, e como nunca os recebera, fizeram-na de repente esquecer que ele talvez amasse outra mulher. Em breve, ele não teve mais culpa aos olhos dela. A cessação da dor pungente, filha da suspeita, a presença de uma felicidade que ela nem sequer sonhara, causaram-lhe transportes de amor e de louca alegria. Essa noite foi encantadora para todos, exceto para o prefeito de Verrières, que não conseguia esquecer seus industriais enriquecidos. Julien não pensava mais em sua negra ambição, nem em seus projetos tão difíceis de executar. Pela primeira vez na vida era arrastado pelo poder da beleza. Perdido num devaneio vago e doce, tão estranho a seu caráter, pressionando suavemente aquela mão que lhe agradava como perfeitamente bela, escutava, meio distraído, o movimento das folhas de tília agitadas pela brisa da noite e os cães do moinho do Doubs que latiam ao longe.

Mas essa emoção era um prazer e não uma paixão. Ao voltar a seu quarto, ele só pensou numa felicidade, a de retomar seu livro favorito; aos vinte anos, a ideia do mundo e de nele produzir um efeito prevalece sobre qualquer outra coisa.

Contudo, logo deixou o livro. À força de pensar nas vitórias de Napoleão, ele vira algo de novo na sua. Sim, ganhei uma batalha, disse a si mesmo, mas é preciso tirar proveito disso, é preciso esmagar o orgulho desse fidalgo enquanto bate em retirada. Eis aí Napoleão puro. É preciso que eu peça uma dispensa de três dias para ir visitar meu amigo Fouqué. Se ele recusar, torno a colocá-lo contra a parede, e ele cederá.

A sra. de Rênal não conseguia dormir. Parecia-lhe não ter vivido até aquele momento. Não

conseguia afastar seu pensamento da felicidade de sentir Julien cobrir sua mão de beijos apaixonados.

De repente, a terrível palavra, adúltera, surgiu-lhe. Tudo o que a mais vil devassidão pode imprimir de repulsivo à ideia do amor dos sentidos apresentou-se à sua imaginação. Essas ideias queriam macular a imagem terna e divina que ela fazia de Julien e da felicidade de amá-lo. O futuro aparecia-lhe em cores terríveis. Via-se desprezível.

Foi um momento de horror; sua alma chegava a terras desconhecidas. Na véspera, sentira uma felicidade inusitada; agora via-se de repente mergulhada numa infelicidade atroz. Ainda não havia experimentado tais sofrimentos, eles perturbaram sua razão. Por um instante, pensou em confessar ao marido que temia estar amando Julien. Seria um meio de desabafar. Felizmente, encontrou na memória um preceito dado outrora por sua tia, às vésperas do casamento, sobre o perigo das confidências feitas a um marido, que afinal é um senhor. No excesso de sua dor, ela torcia as mãos.

Era arrastada irrefletidamente por imagens contraditórias e dolorosas. Ora temia não ser amada, ora a horrível ideia do crime a torturava como se no dia seguinte devesse ser exposta no pelourinho, na praça pública de Verrières, com um cartaz explicando seu adultério à populaça.

A sra. de Rênal não tinha nenhuma experiência da vida; mesmo plenamente desperta e no exercício de toda a sua razão, não teria percebido nenhum intervalo entre ser culpada aos olhos de Deus e ver-se atacada em público pelas demonstrações mais ruidosas do desprezo geral.

Quando a ideia pavorosa do adultério, e de toda a ignomínia que, em sua opinião, esse crime acarreta, dava-lhe algum repouso, e punha-se a pensar na doçura de viver inocentemente com Julien, como antes, ela deparava com a ideia horrível de que Julien amava outra mulher. Ainda via sua palidez quando temera perder o retrato dela, ou de comprometê-la se o vissem. Pela primeira vez surpreendera o temor nessa fisionomia tão tranquila e tão nobre. Ele nunca se mostrara comovido da mesma forma por ela ou por seus filhos. Esse acréscimo de sofrimento atingiu o máximo de infelicidade que a alma humana pode suportar. Sem querer, a sra. de Rênal lançou gritos que despertaram sua camareira. De repente, viu aparecer junto à sua cama a claridade de uma lâmpada e reconheceu Elisa.

– É a você que ele ama?, exclamou em seu desvario.

A camareira, espantada com a terrível agitação na qual surpreendia a patroa, felizmente não deu atenção a essas palavras singulares. A sra. de Rênal percebeu sua imprudência: "Estou com febre", disse, "e acho que delirei um pouco, fique comigo". Inteiramente desperta pela necessidade de controlar-se, sentiu-se menos infeliz; a razão retomou o domínio que o estado de sono leve lhe tirara. Para livrar-se do olhar fixo da camareira, ordenou-lhe que lesse o jornal, e foi ao ruído monótono da voz da moça, lendo um longo artigo do *La Quotidienne*, que a sra. de Rênal tomou a resolução virtuosa de tratar Julien com uma frieza perfeita quando tornasse a vê-lo.

Capítulo XII

UMA VIAGEM

Em Paris há pessoas elegantes; na província pode haver pessoas de caráter.

SIÉYÈS

NO DIA SEGUINTE, às cinco horas, antes que a sra. de Rênal aparecesse, Julien obtivera do marido uma dispensa de três dias. Contra sua expectativa, Julien desejou revê-la, pensava em sua mão encantadora. Desceu até o jardim; a sra. de Rênal fez-se esperar um longo tempo. Mas, se Julien a amasse, tê-la-ia percebido por trás das persianas semicerradas do primeiro andar, com a testa apoiada contra a vidraça. Ela o observava. Finalmente, não obstante suas resoluções, decidiu aparecer no jardim. Sua palidez habitual cedera o lugar às cores mais vivas. Essa mulher ingênua estava evidentemente agitada: um sentimento de coerção e mesmo de cólera alterava aquela serenidade profunda e como que acima de todos os interesses vulgares da vida, que dava tanto encanto à sua figura celeste.

Julien aproximou-se dela com ardor; ele admirava aqueles braços tão bonitos que um xale posto às pressas deixava entrever. O frescor do ar matinal parecia aumentar ainda mais a luz de uma pele que a agitação da noite apenas tornara mais sensível a todas as impressões. Essa beleza modesta e tocante, e contudo repleta de pensamentos que não se encontram nas classes inferiores, parecia revelar a Julien uma faculdade de sua alma que ele jamais sentira. Entregue à admiração dos encantos que seu ávido olhar surpreendia, Julien nem sequer pensava na acolhida amistosa que esperava receber. Por isso ficou muito espantado com a frieza glacial que encontrou, e através da qual julgou mesmo distinguir a intenção de fazê-lo voltar a seu lugar.

O sorriso de prazer expirou em seus lábios: lembrou-se da posição que ocupava na sociedade, sobretudo aos olhos de uma nobre e rica herdeira. Um momento depois, não havia mais em sua fisionomia senão altivez e cólera contra si mesmo. Sentia um forte despeito de ter retardado sua partida em mais de uma hora para receber aquela acolhida tão humilhante.

Só um tolo, pensou, encoleriza-se contra os outros: uma pedra cai porque é pesada. Serei sempre criança? Até quando terei o hábito de dar minha alma a essa gente, e justamente por seu dinheiro? Se quero ser estimado por eles e por mim mesmo, preciso mostrar-lhes que minha pobreza está em comércio com a riqueza deles, mas que meu coração está a mil léguas de sua insolência, situado numa esfera muito elevada para ser atingido por seus pequenos gestos de desdém ou de favor.

Enquanto esses sentimentos atropelavam-se na alma do jovem preceptor, sua fisionomia volúvel adquiria a expressão do orgulho ferido e da ferocidade. A sra. de Rênal sentiu-se muito perturbada com isso. A frieza virtuosa que quisera dar à sua acolhida transformou-se em expressão de interesse, e interesse animado pela surpresa diante da mudança súbita que acabava de ver. As palavras inócuas que as pessoas trocam, de manhã, sobre a saúde, sobre a

beleza do dia, calaram-se ao mesmo tempo nos dois. Julien, cujo julgamento não era turvado por nenhuma paixão, logo achou um meio de mostrar à sra. de Rênal quão pequenas eram suas relações de amizade com ela; nada lhe disse da pequena viagem que faria, cumprimentou-a e partiu.

Enquanto ela o via afastar-se, consternada com a altivez sombria que lia nesse olhar tão amável na véspera, seu filho mais velho, que vinha correndo do fundo do jardim, disse-lhe, abraçando-a:

– Estamos de folga, o sr. Julien partiu para uma viagem.

A essas palavras, a sra. de Rênal foi tomada de um frio mortal; sentia-se infeliz por sua virtude e mais infeliz ainda por sua fraqueza.

Esse novo acontecimento veio ocupar toda a sua imaginação; foi levada para muito além das sensatas resoluções que devia à noite terrível que passara. Não se tratava mais de resistir a esse amante tão sedutor, mas de perdê-lo para sempre.

Precisou comparecer ao almoço. Para o cúmulo do sofrimento, o sr. de Rênal e a sra. Derville só falaram da partida de Julien. O prefeito de Verrières havia observado algo de insólito no tom firme com que ele pedira uma dispensa.

– Esse camponesinho certamente tem no bolso propostas de alguém. Mas esse alguém, mesmo que seja o sr. Valenod, deve estar um pouco desencorajado pela soma de 600 francos anuais que agora é preciso desembolsar. Ontem, em Verrières, devem ter-lhe pedido um prazo de três dias para refletir; e esta manhã, a fim de não ser obrigado a dar-me uma resposta, o safado parte para as montanhas. Ser obrigado a contar com um miserável trabalhador que banca o insolente, eis onde chegamos!

Se meu marido, que ignora quão profundamente feriu Julien, pensa que ele nos deixará, que devo acreditar eu mesma?, pensou a sra. de Rênal. Ah! tudo está decidido.

A fim de poder ao menos chorar em liberdade e não responder às perguntas da sra. Derville, alegou uma forte dor de cabeça e foi para a cama.

– Assim são as mulheres, repetiu o sr. de Rênal, há sempre uma peça defeituosa nessas máquinas complicadas. E saiu, com um ar zombeteiro.

Enquanto a sra. de Rênal sofria com o que há de mais cruel na terrível paixão a que o acaso a lançara, Julien prosseguia seu caminho alegremente em meio aos belos panoramas que oferecem as cenas das montanhas. Precisava atravessar a grande cadeia ao norte de Vergy. O caminho que seguia, elevando-se aos poucos entre grandes bosques de faias, forma zigue-zagues infinitos na encosta da alta montanha que desenha ao norte o vale do Doubs. Os olhares do viajante, ao passarem sobre as elevações menores que contêm o curso do Doubs em direção ao sul, logo se estenderam até as planícies da Borgonha e do Beaujolais. Por mais insensível que fosse a alma desse jovem ambicioso a tal tipo de beleza, ele não podia deixar de parar, de tempo em tempo, para contemplar um espetáculo tão vasto e imponente.

Enfim, atingiu o topo da grande montanha, junto ao qual era preciso passar para chegar, por esse atalho, ao vale solitário onde morava Fouqué, o jovem madeireiro, seu amigo. Julien não tinha pressa de vê-lo, nem a ele nem a qualquer outro ser humano. Oculto como uma ave de rapina, no meio das rochas nuas que coroam a grande montanha, podia avistar de muito longe qualquer homem que se aproximasse. No meio da encosta quase vertical de um dos rochedos,

divisou uma pequena gruta. Caminhou até lá e logo instalou-se nesse refúgio. Aqui, disse com olhos brilhantes de alegria, os homens não poderiam fazer-me mal. Teve a ideia de entregar-se ao prazer de escrever seus pensamentos, em qualquer outro lugar tão perigosos para ele. Uma pedra quadrada servia-lhe de púlpito. Sua pena voava, ele não prestava atenção em mais nada. Observou enfim que o sol se punha por trás das montanhas distantes do Beaujolais.

Por que não passar a noite aqui? disse a si mesmo. Tenho pão e *sou livre*! A essa frase grandiosa, sua alma exaltou-se; sua hipocrisia o impedia de ser livre mesmo na casa de Fouqué. Com a cabeça apoiada nas duas mãos, Julien permaneceu nessa gruta mais feliz do que estivera em toda a sua vida, agitado por seus devaneios e pelo gosto da liberdade. Sem dar-se conta, viu extinguirem-se, um após outro, todos os raios do crepúsculo. Nessa escuridão imensa, sua alma extraviava-se na contemplação do que imaginava encontrar um dia em Paris. Era, em primeiro lugar, uma mulher bem mais bela e com um gênio superior a tudo que pudera ver na província. Ele amava com paixão e era amado. Se afastava-se dela por instantes, era para ir cobrir-se de glória e merecer ser ainda mais amado.

Mesmo supondo-lhe a imaginação de Julien, um jovem educado em meio às tristes verdades da sociedade parisiense teria sido despertado, nesse ponto de seu romance, pela fria ironia; as grandes ações teriam desaparecido com a esperança de alcançá-las, para dar lugar à máxima tão conhecida: deixar a amante é arriscar-se a ser enganado duas ou três vezes por dia. O jovem aldeão não via, entre ele e as ações mais heroicas, senão a falta de oportunidade.

Mas uma noite profunda substituíra o dia, e ele tinha ainda duas léguas de caminho para descer até a cabana habitada por Fouqué. Antes de deixar a pequena gruta, Julien acendeu um fogo e queimou com cuidado tudo o que escrevera.

Seu amigo ficou muito surpreso quando ele bateu à porta à uma hora da madrugada. Encontrou Fouqué ocupado em registrar suas contas. Era um jovem de porte alto, bastante feio, com traços grosseiros, um nariz enorme e muita bonomia escondida sob essa aparência repulsiva.

– Então te desentendeste com teu sr. de Rênal e apareces assim, de improviso?

Julien contou-lhe, mas como lhe convinha, os acontecimentos da véspera.

– Fica comigo, disse-lhe Fouqué; vejo que conheces o sr. de Rênal, o sr. Valenod, o subprefeito Maugiron, o cura Chélan; compreendeste as artimanhas do caráter dessa gente; estás em condições de julgar o que valem. Sabes aritmética melhor do que eu, cuidarás de minhas contas. A impossibilidade de fazer tudo por mim mesmo e o temor de tomar um tratante por sócio me impedem diariamente de fechar excelentes negócios. Há menos de um mês deixei que Michaud de Saint-Amand, que eu não via há seis anos e que encontrei por acaso na feira de Pontarlier, ganhasse seis mil francos. Por que não terias ganho, tu, esses 6 mil francos, ou pelo menos 3 mil? Pois, se naquele dia estivesses comigo, eu teria me oferecido àquele corte de madeira, e todos logo teriam me escolhido. Associa-te a mim.

Essa oferta perturbou Julien, ela desarranjava sua loucura. Durante toda a ceia, que os dois amigos prepararam eles mesmos, como os heróis de Homero, pois Fouqué vivia sozinho, este mostrou suas contas a Julien e provou-lhe o quanto seu comércio de madeira apresentava vantagens. Fouqué tinha em alta consideração a inteligência e o caráter de Julien.

Quando enfim ficou a sós em seu quarto de madeira de pinho, ele pensou: é verdade, posso

ganhar aqui alguns milhares de francos, depois retomar com vantagem o ofício de soldado ou de padre, conforme a moda que então reinar na França. O pecúlio que tiver juntado resolverá todas as dificuldades menores. Sozinho nesta montanha, reduziria um pouco minha terrível ignorância de tantas coisas que ocupam os homens de salão. Mas Fouqué não quer se casar, e repete que a solidão o deixa infeliz. É evidente que, se toma por sócio alguém que não possui fundos a investir em seu comércio, é com a esperança de obter um companheiro que não o abandone jamais.

Enganarei meu amigo?, exclamou Julien com irritação. Essa criatura, cujos meios habituais de comportar-se eram a hipocrisia e a ausência de toda simpatia, não pôde desta vez suportar a ideia da menor falta de delicadeza para com um homem que ela amava.

Mas de repente Julien alegrou-se, ele tinha uma razão para recusar. Ora! Eu perderia negligentemente sete ou oito anos! chegaria assim aos vinte e oito anos; mas, a essa idade, Bonaparte já havia realizado seus maiores feitos. Quando eu tiver ganho obscuramente algum dinheiro ocupando-me dessas vendas de madeira e merecendo o favor de alguns tratantes subalternos, quem me diz que terei ainda o fogo sagrado para fazer-me um nome?

No dia seguinte de manhã, Julien respondeu com frieza ao bom Fouqué que considerava a questão da sociedade como certa, que sua vocação para o santo ministério dos altares não lhe permitia aceitar. Fouqué não conseguia acreditar.

– Mas já pensaste, ele repetia, que estou te oferecendo a sociedade ou, se preferes, 4 mil francos por ano? E queres retornar para a casa do teu sr. de Rênal, que te despreza como a lama de seus sapatos?! Quando tiveres 200 luíses à tua disposição, o que te impedirá de entrar para o seminário? Direi mais: encarrego-me de arranjar-te a melhor paróquia da região, pois – e Fouqué acrescentou, baixando a voz – forneço madeira de lenha ao sr. ..., ao sr. ..., ao sr. ... Forneço-lhes carvalho de primeira qualidade que eles me pagam como lenha branca, mas jamais dinheiro algum foi mais bem aplicado.

Nada foi capaz de demover a vocação de Julien. Fouqué acabou por julgá-lo um pouco insano. No terceiro dia, ao amanhecer, Julien deixou o amigo para passar a jornada entre os rochedos da grande montanha. Reencontrou a pequena gruta, mas não tinha mais a paz de alma, que as ofertas do amigo lhe retiraram. Como Hércules, achava-se não entre o vício e a virtude, mas entre a mediocridade seguida de um bem-estar garantido e todos os sonhos heroicos de sua juventude. Não tenho, pois, uma verdadeira firmeza, pensou; e era essa dúvida que mais o torturava. Não possuo a têmpera que faz os grandes homens, pois temo que oito anos passados a ganhar meu sustento retirem-me aquela energia sublime que leva a realizar coisas extraordinárias.

Capítulo XIII

AS MEIAS RENDADAS

Um romance é um espelho que se leva ao longo de um caminho.

SAINT-RÉAL

QUANDO JULIEN AVISTOU as ruínas pitorescas da antiga igreja de Vergy, ele observou que desde a antevéspera não pensara uma única vez na sra. de Rênal. Outro dia, ao partir, essa mulher lembrou-me a distância infinita que nos separa, tratou-me como o filho de um operário. Certamente quis demonstrar seu arrependimento por ter-me cedido a mão na véspera... No entanto, essa mão é muito bonita! Que encanto, que nobreza nos olhares dessa mulher!

A possibilidade de fazer fortuna com Fouqué dava um certo desembaraço aos pensamentos de Julien; eles não eram mais tão frequentemente estorvados pela irritação e pelo intenso sentimento de sua pobreza e de sua baixeza aos olhos da sociedade. Colocado como sobre um promontório elevado, podia julgar e abarcar, por assim dizer, a extrema pobreza e a comodidade que ele chamava também riqueza. Estava longe de julgar sua posição como filósofo, mas teve suficiente clarividência para sentir-se *diferente* depois dessa pequena viagem às montanhas.

Notou a extrema perturbação com que a sra. de Rênal escutou o pequeno relato de sua viagem, que ela lhe pedira.

Fouqué tivera projetos de casamento, amores infelizes; longas confidências a esse respeito haviam ocupado as conversas dos dois amigos. Tendo encontrado a felicidade muito cedo, Fouqué percebera que lhe faltava ser amado. Esses relatos haviam surpreendido Julien; ele aprendeu muitas coisas novas. Sua vida solitária, feita de imaginação e de desconfiança, o afastara de tudo que podia esclarecê-lo.

Durante sua ausência, a vida fora apenas, para a sra. de Rênal, uma série de suplícios diferentes, mas todos intoleráveis; ela estava realmente doente.

– Indisposta como estás, disse-lhe a sra. Derville quando viu Julien chegar, sobretudo não deves ir esta noite ao jardim, o ar úmido aumentaria teu mal-estar.

A sra. Derville via com espanto que a amiga, sempre repreendida pelo sr. de Rênal por causa da excessiva simplicidade de sua toalete, acabava de pôr meias rendadas e encantadores sapatinhos chegados de Paris. Durante três dias, a única distração da sra. de Rênal fora cortar e mandar costurar às pressas, por Elisa, um vestido de verão, de um belo tecido muito em voga. Logo que este ficou pronto, alguns instante após a chegada de Julien, a sra. de Rênal o vestiu. Sua amiga não teve mais dúvidas. Ela está amando, a infortunada, pensou a sra. Derville. Compreendeu todos os sintomas singulares de sua doença.

Viu-a falar com Julien. A palidez sucedia ao rubor mais intenso. A ansiedade transparecia em seus olhos, fixos nos do jovem preceptor. A sra. de Rênal esperava a todo momento que ele se explicasse, anunciando que deixava a casa ou que nela permanecia. Julien estava longe

de querer falar do assunto, sobre o qual não pensava. Após terríveis combates, a sra. de Rênal ousou enfim perguntar-lhe, com uma voz trêmula na qual transparecia toda a sua paixão:

– Deixará seus alunos para se instalar noutra parte?

Julien notou a voz incerta e o olhar da sra. de Rênal. Essa mulher me ama, pensou; mas após esse momento passageiro de fraqueza, do qual seu orgulho se reprova, e quando não mais temer minha partida, ela retomará sua altivez. A compreensão da posição respectiva foi, em Julien, rápida como o raio; ele respondeu, hesitando:

– Eu sentiria muito em deixar crianças tão amáveis e *tão bem-nascidas*, mas talvez seja preciso. Temos também deveres para conosco.

Ao pronunciar as palavras *tão bem-nascidas* (era um das expressões aristocráticas que Julien aprendera há pouco), ele animou-se de um profundo sentimento de antipatia.

Aos olhos dessa mulher, pensava, não sou um bem-nascido.

Ao escutá-lo, a sra. de Rênal admirava seu gênio, sua beleza; tinha o coração ferido pela possibilidade de partida que ele fazia entrever. Seus amigos de Verrières, que durante a ausência de Julien tinham vindo jantar em Vergy, haviam-na felicitado como que à porfia pelo homem espantoso que seu marido tivera a sorte de descobrir. Não que compreendessem alguma coisa dos progressos das crianças. O fato de saber de cor a Bíblia, e ainda por cima em latim, suscitara nos habitantes de Verrières uma admiração que irá durar talvez um século.

Julien, que não falava com ninguém, ignorava tudo isso. Se a sra. de Rênal tivesse um pouco de serenidade, ter-lhe-ia falado da reputação que ele conquistara, e Julien, reconfortado em seu orgulho, teria se mostrado doce e amável com ela, ainda mais que o novo vestido lhe parecia encantador. Igualmente contente com seu vestido e com o que Julien dizia dele, a sra. de Rênal quis dar uma volta pelo jardim; mas logo confessou que não estava em condições de caminhar. Ela tomara o braço do viajante e, longe de aumentar suas forças, o contato com esse braço lhas retirava completamente.

Anoitecera; tão logo sentaram-se, Julien, usando de seu anterior privilégio, ousou aproximar os lábios do braço de sua bela companheira e tomar-lhe a mão. Pensava na ousadia que Fouqué tivera com suas amantes, e não na sra. de Rênal; a palavra *bem-nascido* ainda lhe pesava no coração. Sentiu que ela apertava sua mão, o que não lhe causou nenhum prazer. Em vez de estar orgulhoso ou ao menos agradecido pelo sentimento que a sra. de Rênal demonstrava-lhe naquela noite por sinais muito evidentes, permaneceu quase insensível à beleza, à elegância, ao frescor. A pureza de alma, a ausência de toda emoção de ódio prolongam, certamente, a duração da juventude. É a fisionomia que primeiro envelhece na maior parte das mulheres belas.

Julien esteve de mau humor a noite toda; até então, só havia sentido raiva contra o acaso e a sociedade; depois que Fouqué lhe oferecera um meio ignóbil de chegar à riqueza, sentia irritação contra si mesmo. Entregue a seus pensamentos, embora de tempo em tempo dissesse algumas palavras às senhoras, Julien inadvertidamente acabou por abandonar a mão da sra. de Rênal. Esse gesto perturbou a alma da pobre mulher; ela viu nisso a manifestação de seu destino.

Certa da afeição de Julien, talvez sua virtude tivesse encontrado forças contra ele. Temerosa de perdê-lo para sempre, sua paixão a extraviou a ponto de pegar de novo a mão

que Julien, em sua distração, deixara apoiada sobre o encosto da cadeira. Tal gesto despertou esse jovem ambicioso: sua vontade é que ele fosse testemunhado por todos aqueles nobres orgulhosos que, à mesa, quando estava na extremidade inferior com as crianças, olhavam para ele com um sorriso protetor. Essa mulher não pode mais me desprezar: nesse caso, pensou, devo ser sensível à sua beleza, devo obrigar-me a ser seu amante. Tal ideia não lhe teria ocorrido antes das confidências ingênuas feitas pelo amigo.

A determinação súbita que acabava de tomar produziu uma distração agradável. Ele pensava: É preciso que eu tenha uma dessas duas mulheres. Percebeu que teria preferido muito mais cortejar a sra. Derville; não que ela fosse mais agradável, mas porque sempre o vira como preceptor honrado por seu saber, e não como o filho de um carpinteiro, com uma pobre jaqueta dobrada sob o braço, tal como aparecera à sra. de Rênal.

Era precisamente como um jovem operário, corando até o branco dos olhos, parado à porta da casa e não ousando tocar a campainha, que a sra. de Rênal lembrava dele com mais encanto.

Continuando o exame de sua posição, Julien viu que não convinha pensar em conquistar a sra. Derville, que provavelmente percebia a atração que a sra. de Rênal sentia por ele. Forçado a voltar a esta, Julien pensou: O que conheço do caráter dessa mulher? Apenas isto: antes de minha viagem, eu tomava-lhe a mão, ela a retirava; agora, retiro minha mão, ela torna a pegá-la e a aperta. Bela ocasião de devolver-lhe o desprezo que mostrou por mim. Deus sabe quantos amantes já teve! Talvez ela só se decida em meu favor por causa da facilidade dos encontros.

Eis aí, infelizmente, a desgraça de uma excessiva civilização! Aos vinte anos, a alma de um jovem, se tiver alguma educação, está a mil léguas da entrega sem a qual o amor não é senão, com frequência, o mais tedioso dos deveres.

Devo empenhar-me tanto mais, prosseguiu a pequena vaidade de Julien, em ter êxito junto a essa mulher, pois se um dia fizer fortuna, e alguém me reprovar o baixo emprego de preceptor, poderei alegar que o amor jogou-me nessa posição.

Julien afastou novamente sua mão da da sra. de Rênal, depois tornou a pegá-la, apertando-a. Quando retornaram à sala, por volta da meia-noite, a sra. de Rênal disse-lhe em voz baixa:

– Você nos deixará, irá partir?

Julien respondeu, suspirando:

– É preciso que eu parta, pois amo-a com paixão, isso é um pecado... e que pecado para um jovem padre!

A sra. de Rênal apoiou-se sobre seu braço, e com tanto abandono que sua face sentiu o calor da de Julien.

As noites dessas duas criaturas foram muito diferentes. A sra. de Rênal estava exaltada pelos transportes da volúpia moral mais elevada. Uma moça coquete que começa a amar acostuma-se com a perturbação do amor: quando chega à idade da verdadeira paixão, não existe mais o encanto da novidade. Como a sra. de Rênal nunca lera romances, todos os matizes de sua felicidade eram novos para ela. Nenhuma triste verdade vinha barrá-la, nem mesmo o espectro do futuro. Via-se tão feliz dentro de dez anos quanto o era naquele momento. A ideia mesma da virtude e da fidelidade jurada ao sr. de Rênal, que a agitara alguns dias

antes, apresentou-se em vão, foi enxotada como um hóspede importuno. Nunca concederei nada a Julien, disse a si mesma a sra. de Rênal, viveremos no futuro como vivemos há um mês. Será um amigo.

Capítulo XIV

A TESOURA INGLESA

Uma jovem de dezesseis anos tinha uma pele rósea, e cobria-se de ruge.

POLIDORI

QUANTO A JULIEN, a oferta de Fouqué lhe havia de fato tirado todo sossego: ele não conseguia decidir-se por nada. Ai! Talvez me falte caráter, eu teria sido um mau soldado de Napoleão! Pelo menos, acrescentou, meu pequeno namoro com a dona da casa irá distrair-me um pouco.

Felizmente para ele, mesmo nesse pequeno incidente subalterno, o íntimo de sua alma correspondia mal à sua linguagem inconveniente. Ele tinha medo da sra. de Rênal por causa de seu vestido tão bonito. Esse vestido significava para ele a vanguarda de Paris. Seu orgulho nada quis deixar ao acaso e à inspiração do momento. Baseado nas confidências de Fouqué e no pouco que lera sobre o amor em sua Bíblia, elaborou um plano de campanha bastante detalhado. E como, sem que o admitisse, estava muito agitado, escreveu esse plano.

Na manhã seguinte, na sala, a sra. de Rênal ficou um instante a sós com ele.

– Não tem um outro nome além de Julien? ela perguntou.

A essa pergunta tão lisonjeira, nosso herói não soube o que responder. Tal circunstância não estava prevista em seu plano. Sem essa tolice de fazer um plano, o espírito vivo de Julien teria se saído bem, a surpresa apenas acrescentaria vivacidade a suas ideias.

Ficou desajeitado e exagerou sua falta de jeito, o que a sra. de Rênal prontamente lhe perdoou. Viu nisso o efeito de uma candura encantadora. E o que para ela faltava nesse homem, no qual viam tanto gênio, era precisamente o ar de candura.

– Teu preceptorzinho inspira-me muita desconfiança, dizia-lhe às vezes a sra. Derville. Dá-me a impressão de estar sempre pensando em alguma coisa e de só agir com política. É um dissimulado.

Julien sentiu-se profundamente humilhado por não ter sabido o que responder à sra. de Rênal.

Um homem como eu deve reparar esse fracasso, e, aproveitando o momento em que passavam de uma peça para outra, julgou ser seu dever dar um beijo na sra. de Rênal.

Nada menos natural, nada menos agradável tanto para ele quanto para ela, nada mais imprudente. Por pouco não foram vistos. A sra. de Rênal achou que ele endoidecera. Ficou assustada e principalmente chocada. Essa tolice lembrou-lhe o sr. Valenod.

Que teria acontecido, pensou, se eu estivesse sozinha com ele? Toda a sua virtude voltou, porque o amor se eclipsava.

Deu um jeito para que um dos filhos ficasse sempre junto dela.

A jornada foi aborrecida para Julien, ele a passou inteiramente a executar com inabilidade seu plano de sedução. Não olhou uma única vez para a sra. de Rênal sem que esse olhar não

tivesse uma intenção; contudo, não era tão tolo para não perceber que não conseguia ser amável e muito menos sedutor.

A sra. de Rênal não se refazia do espanto de achá-lo tão inábil e ao mesmo tempo tão ousado. É a timidez do amor num homem de espírito!, ela pensou, por fim, com uma alegria inexprimível. É possível que ele jamais tenha sido amado por minha rival!

Depois do almoço, a sra. de Rênal voltou à sala para receber a visita do sr. Charcot de Maugiron, o subprefeito de Bray. Ela ocupava-se com um trabalho de tapeçaria muito delicado. A sra. Derville estava a seu lado. Foi nessa situação, e em pleno dia, que nosso herói achou conveniente avançar sua bota e pressionar o pé encantador da sra. de Rênal, cuja meia rendada e o sapatinho de Paris atraíam evidentemente os olhares do galante subprefeito.

A sra. de Rênal sentiu um medo extremo; deixou cair sua tesoura, seu novelo de lã, suas agulhas, e o movimento de Julien pôde parecer uma tentativa canhestra de impedir a queda da tesoura, que ele vira escorregar. Felizmente, essa tesoura de aço inglês partiu-se, e a sra. de Rênal não deixou de lamentar que Julien não estivesse mais perto dela.

– O senhor teria percebido a queda antes de mim e seu zelo a teria evitado, sem que precisasse dar-me um pontapé.

O subprefeito deixou-se enganar por tais palavras, mas não a sra. Derville. Esse moço tem uns modos muito tolos!, ela pensou; a boa educação de uma capital de província não perdoa faltas desse tipo. A sra. de Rênal encontrou o momento de dizer a Julien:

– Seja prudente, ordeno-lhe.

Julien percebia sua inabilidade e estava irritado. Deliberou por muito tempo consigo mesmo para saber se devia zangar-se com a frase: *Ordeno-lhe*. Foi bastante tolo para pensar: ela poderia dizer-me *ordeno-lhe* se fosse algo relativo à educação das crianças; mas, correspondendo ao meu amor, ela deve supor uma igualdade. Não se pode amar sem igualdade...; e seu espírito perdia-se em lugares-comuns sobre a igualdade. Ele repetia com raiva o verso de Corneille que a sra. Derville lhe dissera alguns dias antes:

..... L'amour
Fait les égalités et ne les cherche pas.[4]

Obstinando-se em desempenhar o papel de um Don Juan, sem nunca na vida ter tido amante, Julien portou-se o dia inteiro como um tolo. Só teve uma ideia justa; aborrecido consigo mesmo e com a sra. de Rênal, ele via com pavor chegar a noite, quando estaria sentado no jardim, ao lado dela e na escuridão. Disse ao sr. de Rênal que iria a Verrières ver o cura; partiu depois da janta e só voltou muito tarde.

Em Verrières, Julien encontrou o sr. Chélan ocupado em mudar-se; fora finalmente destituído, o vigário Maslon o substituía. Julien ajudou o bom cura e teve a ideia de escrever a Fouqué que a vocação irresistível que sentia pelo santo ministério o impedira inicialmente de aceitar suas gentis ofertas, mas que acabava de ver tal exemplo de injustiça que talvez fosse mais vantajoso à sua salvação não entrar para as ordens sagradas.

Julien felicitou-se por sua astúcia em tirar partido da destituição do cura de Verrières para deixar uma porta aberta e voltar ao comércio, se em seu espírito a triste prudência prevalecesse sobre o heroísmo.

4 O amor faz a igualdade sem buscá-la. (N.T.)

Capítulo XV

O CANTO DO GALO

Amor em latim se diz amor;
Do amor, portanto, vem a morte,
E também a angústia que morde,
Lamentos, ciladas, crimes, remorsos.

BRASÃO DO AMOR

SE JULIEN TIVESSE um pouco da habilidade que tão gratuitamente se atribuía, poderia ter-se felicitado no dia seguinte pelo efeito produzido por sua viagem a Verrières. Sua ausência fizera esquecer suas imperícias. Ainda naquele dia, esteve de muito mau humor; à noite, ocorreu-lhe uma ideia ridícula, e ele a comunicou à sra. de Rênal com rara intrepidez.

Tão logo sentaram-se no jardim, e sem esperar uma escuridão suficiente, Juliem aproximou sua boca do ouvido da sra. de Rênal e, com o risco de comprometê-la horrivelmente, disse-lhe:

– Esta noite às duas horas irei a seu quarto, senhora, tenho algo a lhe dizer.

Julien temia que seu pedido não fosse aceito; seu papel de sedutor pesava-lhe tanto que, se pudesse seguir sua vontade, teria se recolhido em seu quarto por vários dias, deixando de ver as duas senhoras. Ele compreendia que, por sua conduta estudada da véspera, pusera a perder as belas aparências do dia precedente, e não sabia de fato a que santo recorrer.

A sra. de Rênal respondeu com uma indignação real, e de maneira alguma exagerada, ao anúncio impertinente que Julien ousava fazer-lhe. Ele acreditou ver desprezo em sua curta resposta. Tinha certeza de que nessa resposta, pronunciada em voz muito baixa, ouvira as palavras *não amole*! Sob pretexto de dizer qualquer coisa às crianças, Julien foi até o quarto delas e, ao voltar, sentou-se ao lado da sra. Derville e distante da sra. de Rênal. Afastou assim toda possibilidade de pegar-lhe a mão. A conversa foi séria, e Julien saiu-se bem, com exceção de alguns momentos de silêncio, durante os quais forçava os miolos. Que manobra posso inventar, pensava, para obrigar a sra. de Rênal a mostrar-me aqueles sinais inequívocos de ternura que me faziam crer, há três dias, que ela era minha?

Julien estava extremamente desconcertado com a situação quase sem saída de suas preocupações. Contudo, nada o teria embaraçado mais que o sucesso.

Quando se separaram à meia-noite, seu pessimismo o fez pensar que era visto com desprezo pela sra. Derville, e provavelmente de maneira não muito melhor pela sra. de Rênal.

Com grande mau humor e muito humilhado, não conseguiu dormir. Estava a mil léguas da ideia de renunciar a todo fingimento, a todo projeto, e de viver o cotidiano com a sra. de Rênal, contentando-se como uma criança com a felicidade de cada dia.

Fatigou os miolos tentando inventar manobras engenhosas, que no instante seguinte achava absurdas; em suma, estava muito infeliz, quando soaram duas horas no relógio do castelo.

Esse ruído o despertou como o canto do galo despertou são Pedro. Viu-se no instante mais penoso do dia. Não havia mais pensado em sua proposta impertinente desde o momento em que a fizera; ela fora muito mal recebida.

Eu disse a ela que iria a seu quarto às duas horas, falou a si mesmo, levantando-se; posso ser inexperiente e grosseiro, como é próprio ao filho de um aldeão, a sra. Derville deu-me a entender isso, mas pelo menos não serei covarde.

Julien tinha razão de felicitar-se por sua coragem, nunca havia se imposto uma obrigação mais penosa. Ao abrir sua porta, estava tão trêmulo que os joelhos não o sustinham e foi forçado a apoiar-se contra a parede.

Estava sem sapatos. Foi escutar à porta do sr. de Rênal, cujo ronco pôde distinguir. Ficou desolado com isso, pois não havia mais pretexto para não ir até o quarto dela. Mas o que farei lá, meu Deus?! Não tinha nenhum projeto e, mesmo que o tivesse, sentia-se tão perturbado que seria incapaz de segui-lo.

Enfim, e sofrendo mil vezes mais do que se marchasse para a morte, entrou no pequeno corredor que conduzia ao quarto da sra. de Rênal. Abriu a porta com a mão trêmula e fazendo um ruído terrível.

Havia luz, uma lamparina ardia sob a lareira; ele não esperava esse novo contratempo. Ao vê-lo entrar, a sra. de Rênal lançou-se vivamente para fora da cama. Desgraçado!, gritou. Houve uma pequena desordem. Julien esqueceu seus vãos projetos e voltou a seu papel natural; não agradar a uma mulher tão encantadora pareceu-lhe a maior das infelicidades. Respondeu a suas reprovações lançando-se a seus pés, abraçando seus joelhos. Como ela lhe falasse com extrema dureza, ele desfez-se em lágrimas.

Algumas horas depois, quando Julien saiu do quarto da sra. de Rênal, poder-se-ia dizer, em estilo de romance, que ele não tinha mais nada a desejar. De fato, devia ao amor que inspirara, e à impressão imprevista que encantos sedutores haviam produzido nele, uma vitória à qual não o teria conduzido sua astúcia tão canhestra.

Mas, nos momentos mais doces, vítima de um orgulho bizarro, ele pretendeu ainda desempenhar o papel de um homem acostumado a subjugar as mulheres: fez incríveis esforços para estragar o que tinha de amável. Em vez de estar atento aos transportes que fazia nascer, e aos remorsos que os tornavam mais vivos, a ideia do dever jamais cessou de estar presente a seus olhos. Ele temia um remorso horrível e um ridículo eterno, caso se afastasse do modelo ideal que se propunha seguir. Em uma palavra, o que fazia de Julien um ser superior foi precisamente o que o impediu de saborear a felicidade que se lhe oferecia. É como uma moça de dezesseis anos, de cores lindas, que, para ir ao baile, tem a insensatez de cobrir-se de ruge.

Mortalmente assustada pelo aparecimento de Julien, a sra. de Rênal expusera-se aos mais cruéis alarmes. O choro e o desespero de Julien haviam-na perturbado vivamente.

Mesmo quando nada mais podia recusar-lhe, ela rechaçava Julien para longe de si, com uma indignação real, para a seguir lançar-se em seus braços. Em toda essa conduta não havia nenhum projeto. Acreditava-se condenada sem remissão, e buscava esconder-se da visão do inferno cobrindo Julien das mais vivas carícias. Em suma, nada teria faltado à felicidade de nosso herói, nem mesmo uma sensibilidade ardente na mulher que acabava de arrebatar, se ele soubesse usufruí-la. A partida de Julien não fez cessar os transportes que a agitavam contra

sua vontade, e o combate com os remorsos que a dilaceravam.

Meu Deus! Ser feliz, ser amado, é apenas isso? Tal foi o primeiro pensamento de Julien ao voltar a seu quarto. Estava naquele estado de pasmo e de inquieta agitação em que cai a alma que acabou de obter o que há muito desejava. Ela estava acostumada a desejar, não encontra mais o que desejar, e no entanto não tem ainda lembranças. Como o soldado que retorna do desfile, Julien repassou atentamente todos os detalhes de sua conduta.

– Nada faltou do que impus a mim mesmo? Desempenhei bem meu papel?

E que papel? O de um homem acostumado a ser brilhante com as mulheres.

Capítulo XVI

O DIA SEGUINTE

He turn'd his lips to hers, and with his hand
Called back the tangles of her wandering hair.

DON JUAN, C. I, est. 170

FELIZMENTE, PARA A GLÓRIA DE JULIEN, a sra. de Rênal ficara por demais agitada, por demais espantada, para perceber a tolice do homem que num instante tornara-se tudo no mundo para ela.

Instava-o a retirar-se, ao ver despontar o dia:

– Oh! Meu Deus, dizia, se meu marido ouviu um ruído, estou perdida.

Julien, que tinha tempo de compor frases, lembrou-se desta:

– Lamentaria perder a vida?

– Ah! Muito, neste momento! Mas não lamentaria ter conhecido você.

Julien achou que convinha à sua dignidade retirar-se, de propósito, com imprudência e à luz do dia.

A atenção contínua com que estudava suas menores ações, na ideia insana de parecer um homem experiente, só teve uma vantagem; quando tornou a ver a sra. de Rênal no almoço, sua conduta foi uma obra-prima de prudência.

Quanto a ela, não podia olhar para ele sem corar intensamente, e não podia ficar um instante sem observá-lo; percebia a perturbação dele, aumentada pelos esforços para ocultá-la. Julien levantou os olhos somente uma vez para ela. Primeiro, a sra. de Rênal admirou sua prudência. Logo, vendo que esse único olhar não se repetia, ficou alarmada: Será que não me quer mais? pensou. Ai, sou muito velha para ele, tenho dez anos mais que ele.

Ao passar da sala de jantar para o jardim, ela apertou a mão de Julien. Na surpresa que lhe causou uma prova de amor tão extraordinária, ele a olhou com paixão, pois ela lhe parecera muito bonita durante o almoço e, embora ele baixasse os olhos, passara o tempo a imaginar seus encantos. Esse olhar consolou a sra. de Rênal; não lhe tirou todas as inquietudes, mas suas inquietudes tiravam-lhe quase todo o remorso em relação ao marido.

No almoço, este nada percebera; o mesmo não aconteceu com a sra. Derville: ela julgou a sra. de Rênal na iminência de sucumbir. Durante todo o dia, sua amizade ousada e incisiva não deixou de mostrar, em meias palavras e sob cores medonhas, o perigo que a outra corria.

A sra. de Rênal ansiava por ficar sozinha com Julien; queria perguntar-lhe se ainda a amava. Apesar da doçura inalterável de seu caráter, esteve várias vezes a ponto de dar a entender à amiga o quanto esta era importuna.

À noite, no jardim, a sra. Derville arranjou as coisas de tal modo que se colocou entre a sra. de Rênal e Julien. A sra. de Rênal, que fizera uma imagem deliciosa do prazer de apertar a mão de Julien e de levá-la a seus lábios, não pôde sequer dirigir-lhe uma palavra.

Esse contratempo aumentou sua agitação. Estava devorada por um remorso. Repreendera tanto a Julien pela imprudência de ir a seu quarto na noite anterior que temia que ele não fosse, nesta. Deixou bastante cedo o jardim e foi recolher-se no quarto. Mas, não contendo a impaciência, veio colar o ouvido contra a porta de Julien. Apesar da incerteza e da paixão que a devoravam, não ousou entrar. Esse ato parecia-lhe a última das baixezas, pois serve de tema a um ditado da província.

Os criados estavam todos deitados. A prudência obrigou-a finalmente a voltar a seu quarto. Duas horas de espera pareceram dois séculos de tormentos.

Mas Julien era muito fiel ao que ele chamava o dever para deixar de executar ponto por ponto o que se prescrevera.

Quando soou uma hora, ele saiu de mansinho de seu quarto, certificou-se de que o dono da casa dormia profundamente e entrou no quarto da sra. de Rênal. Nessa noite, encontrou mais felicidade junto da amante, pois pensou menos constantemente no papel a desempenhar. Teve olhos para ver e ouvidos para ouvir. O que a sra. de Rênal lhe disse de sua idade contribuiu para dar-lhe uma certa tranquilidade.

– Ai! Tenho dez anos mais que você! como pode me amar?, ela repetia sem motivo, e porque essa ideia a oprimia.

Julien não compreendia esse desgosto mas viu que era real, e esqueceu quase todo o seu temor de ser ridículo.

A ideia tola de ser visto como um amante subalterno, por causa de seu nascimento obscuro, desapareceu também. À medida que seus transportes tranquilizavam sua tímida amante, esta readquiria um pouco de felicidade e a capacidade de julgar Julien. Nessa noite, felizmente, ele não tinha aquele ar fingido que fizera do encontro da véspera uma vitória, mas não um prazer. Se ela tivesse notado sua preocupação em desempenhar um papel, essa triste descoberta lhe teria tirado para sempre toda a felicidade. Ela não teria podido ver nisso outra coisa senão um triste efeito da desproporção das idades.

Embora a sra. de Rênal jamais tivesse pensado nas teorias do amor, a diferença de idade é, depois da de fortuna, um dos grandes lugares-comuns das pilhérias de província, sempre que se fala do amor.

Em poucos dias, entregue ao ardor de sua idade, Julien sentiu-se perdidamente apaixonado.

É preciso convir, ele pensava, que ela tem uma bondade de alma angélica, e é impossível ser mais bonita.

Ele perdera quase inteiramente a ideia do papel a desempenhar. Num momento de abandono, confessou a ela inclusive todas as suas inquietudes. Essa confidência levou ao auge a paixão que ele inspirava. Então não tive rival feliz!, pensava a sra. de Rênal com delícias. Ousou interrogá-lo sobre o retrato pelo qual demonstrara tanto interesse; Julien jurou-lhe que era o de um homem.

Quando tinha bastante tranquilidade para refletir, a sra. de Rênal não se refazia do espanto de que tal felicidade existisse, sem que dela jamais suspeitasse.

Ah!, dizia-se, se eu tivesse conhecido Julien dez anos atrás, quando ainda podia ser considerada bonita!

Julien estava muito distante desses pensamentos. Em seu amor havia ainda ambição; era a alegria de possuir, ele, uma pobre criatura infeliz e desprezada, uma mulher tão nobre e tão bela. Seus atos de adoração, seus transportes diante dos encantos da amiga, acabaram por tranquilizá-la um pouco sobre a diferença de idade. Se tivesse um pouco daquela educação que uma mulher de trinta anos possui nos lugares mais civilizados, ela temeria pela duração de um amor que parecia viver apenas de surpresa e de exaltação do amor-próprio.

Em seus momentos de esquecimento da ambição, Julien admirava com enlevo até os chapéus e os vestidos da sra. de Rênal. Não se cansava do prazer de sentir seu perfume. Abria o armário de espelho e ficava horas inteiras admirando a beleza e o arranjo de tudo que ali encontrava. Sua amiga, apoiada sobre ele, olhava-o, enquanto ele olhava aquelas joias, aqueles enfeites que, na véspera de um casamento, enchem uma corbelha de núpcias.

Eu podia ter casado com esse homem!, pensava às vezes a sra. de Rênal; que alma de fogo! Que vida arrebatadora com ele!

Quanto a Julien, ele jamais estivera tão perto desses terríveis instrumentos de artilharia feminina. É impossível, dizia a si mesmo, que em Paris haja alguma coisa mais bela! Então, não encontrava objeção à sua felicidade. Com frequência, a sincera admiração e os transportes de sua amante faziam-no esquecer a vã teoria que o tornara tão comedido e quase tão ridículo nos primeiros momentos dessa ligação. Houve momentos em que, apesar de seus hábitos de hipocrisia, sentia uma doçura extrema em confessar a essa grande dama que o admirava sua ignorância de uma porção de pequenas práticas. A condição social de sua amante parecia elevá-lo acima de si mesmo. A sra. de Rênal, por seu lado, sentia a mais doce das volúpias morais em instruir assim, numa série de pequenas coisas, esse jovem cheio de talento e que era visto por todos como tendo um grande futuro. Mesmo o subprefeito e o sr. Valenod não podiam deixar de admirá-lo, no que lhe pareciam então menos tolos. Quanto à sra. Derville, ela estava longe de poder exprimir os mesmos sentimentos. Desesperada com o que acreditava adivinhar, e vendo que seus sábios conselhos tornavam-se odiosos a uma mulher que, literalmente, perdera a cabeça, deixou Vergy sem dar uma explicação, que se abstiveram de pedir-lhe. A sra. de Rênal derramou algumas lágrimas, mas logo lhe pareceu que sua felicidade redobrava. Com essa partida, via-se quase o dia inteiro a sós com seu amante.

Julien entregava-se tanto mais à doce companhia de sua amiga porque, quando ficava sozinho por muito tempo, a proposta fatal de Fouqué voltava a agitá-lo. Nos primeiros dias dessa nova vida, houve momentos em que ele, que jamais amara, que jamais fora amado por ninguém, encontrou um prazer tão delicioso em ser sincero que esteve a ponto de confessar à sra. de Rênal a ambição que até então fora a essência mesma de sua existência. Chegou a querer consultá-la sobre a estranha tentação suscitada pela proposta de Fouqué, mas um pequeno acontecimento impediu qualquer franqueza.

Capítulo XVII

O PRIMEIRO ADJUNTO

O, how this spring of love resembleth
The uncertain glory of an April day;
Which now shows all the beauty of the sun
And by and by a cloud takes all away!

TWO GENTLEMEN OF VERONA

UM DIA, AO ENTARDECER, sentado junto de sua amiga, no fundo do pomar, longe dos importunos, ele sonhava profundamente. Momentos tão doces, pensava, durarão sempre? Sua alma estava inteiramente ocupada com a dificuldade de escolher uma profissão, ele deplorava esse grande acesso de infelicidade que encerra a infância e estraga os primeiros anos da mocidade.

– Ah!, exclamou, como Napoleão era de fato o homem enviado por Deus para os jovens franceses! Quem o substituirá? Que farão sem ele os infelizes, mesmo mais ricos que eu, que têm os escudos necessários para prover-se uma boa educação, mas não o bastante para comprar um homem aos vinte anos e progredir numa carreira? Não importa o que façamos, acrescentou com um profundo suspiro, essa lembrança fatal sempre nos impedirá de sermos felizes!

No mesmo instante, viu a sra. de Rênal franzir a sobrancelha e tomar um ar frio e desdenhoso; essa maneira de pensar parecia-lhe convir a um criado. Educada na ideia de que era muito rica, parecia supor que Julien o fosse também. Ela o amava mil vezes mais que a vida e não dava nenhuma importância ao dinheiro.

Julien estava longe de adivinhar tais ideias. Aquele franzir de sobrancelha trouxe-o de volta à terra. Teve suficiente presença de espírito para compor uma frase, dando a entender à nobre dama, sentada perto dele no jardim, que as palavras que acabava de repetir, ele as ouvira durante a viagem à casa de seu amigo madeireiro. Era o raciocínio dos ímpios.

– Pois bem, não se misture a essa gente, disse a sra. de Rênal, conservando ainda um pouco daquele ar glacial que, de repente, sucedera à expressão da mais viva ternura.

Aquele franzir de sobrancelha, ou melhor, o remorso por sua imprudência, foi o primeiro golpe contra a ilusão que acalentava Julien. Ele pensou: Ela é boa e meiga, gosta muito de mim, mas foi educada no campo inimigo. Eles devem ter medo sobretudo dessa classe de homens corajosos que, após uma boa educação, não têm bastante dinheiro para seguir uma carreira. Que seria desses nobres, se nos fosse dado combatê-los com armas iguais? Eu, por exemplo, prefeito de Verrières, bem-intencionado, honesto como o é no fundo a sra. de Rênal! Como haveria de punir o vigário, o sr. Valenod e todas as suas falcatruas! Como a justiça triunfaria em Verrières! Os talentos deles não seriam um obstáculo para mim; eles vivem tateando.

A felicidade de Julien esteve, nesse dia, a ponto de tornar-se durável. Faltou a nosso herói ousar ser sincero. Era preciso ter a coragem de travar combate, mas *naquela hora*; a sra. de Rênal ficara espantada com as palavras de Julien, porque os homens de sua sociedade repetiam que a volta de Robespierre era possível por causa desses jovens das classes baixas, muito bem-educados. O ar frio da sra. de Rênal durou bastante tempo, e a Julien pareceu acentuado. É que o temor de ter-lhe dito uma coisa desagradável sucedeu à repugnância inicial às palavras dele. Esse desgosto refletiu-se vivamente em seus traços, tão puros e ingênuos quando ela estava feliz e longe dos maçadores.

Julien não ousou mais falar de seus devaneios. Mais calmo e menos amoroso, achou que era imprudente ir ver a sra. de Rênal em seu quarto. Seria melhor que ela viesse até o dele; se um criado a surpreendesse correndo pela casa, vinte pretextos diferentes podiam explicar esse comportamento.

Mas esse arranjo também tinha seus inconvenientes. Julien recebera de Fouqué livros que ele, aluno de teologia, jamais teria podido pedir a um livreiro. Só ousava abri-los à noite. Geralmente não havia risco de ser interrompido por uma visita cuja espera, ainda na véspera desta cena no pomar, o deixaria sem condições de ler.

Ele devia à sra. de Rênal o fato de compreender os livros de uma maneira inteiramente nova. Tinha ousado fazer-lhe perguntas sobre uma porção de coisas, cuja ignorância bloqueia a inteligência de um jovem não nascido entre os ricos, seja qual for o talento natural que possua.

Essa educação do amor, dada por uma mulher extremamente ignorante, foi uma felicidade. Julien conseguiu ver diretamente a sociedade tal como é hoje. Seu espírito não foi ofuscado pelo relato do que ela fora outrora, há dois mil anos, ou apenas há sessenta anos, no tempo de Voltaire e de Luís XV. Com uma inexprimível alegria, viu cair um véu ante seus olhos e compreendeu enfim as coisas que se passavam em Verrières.

Apareceram em primeiro plano intrigas muito complicadas, urdidas, de dois anos para cá, pelo governador de Besançon. Apoiavam-se em cartas vindas de Paris e escritas pelo que há de mais ilustre. Tratava-se de fazer do sr. de Moirod, que era o homem mais devoto da região, o primeiro, e não o segundo adjunto do prefeito de Verrières.

Ele tinha por concorrente um fabricante muito rico, que era preciso absolutamente rechaçar para a posição de segundo adjunto.

Julien compreendeu, enfim, as meias palavras que surpreendera, quando a alta sociedade da região vinha jantar na casa do sr. de Rênal. Essa sociedade privilegiada estava muito ocupada com a escolha do primeiro adjunto, cuja possibilidade o resto da cidade e sobretudo os liberais nem sequer suspeitavam. A importância disso é que assim, sabia-se, o lado oriental da rua principal de Verrières recuaria cerca de três metros, pois essa rua tornara-se estrada real.

Ora, se o sr. de Moirod, que tinha três casas ameaçadas por esse recuo, viesse a ser o primeiro adjunto, e eventualmente prefeito caso o sr. de Rênal fosse nomeado deputado, ele fecharia os olhos, e poderiam fazer, nas casas que avançam sobre a via pública, pequenos reparos imperceptíveis, graças aos quais elas durariam cem anos. Apesar da grande piedade e da probidade reconhecidas do sr. de Moirod, tinha-se certeza de que ele seria indulgente, pois

tinha muitos filhos. Entre as casas que deviam recuar, nove pertenciam a tudo o que há de melhor em Verrières.

Aos olhos de Julien, essa intriga era bem mais importante que a história da batalha de Fontenoy, cujo nome ele via pela primeira vez num dos livros que Fouqué lhe enviara. Havia coisas que espantavam Julien desde que há cinco anos passara a frequentar a casa do cura. Mas, como a discrição e a humildade eram as primeiras qualidades de um aluno de teologia, sempre lhe fora impossível fazer perguntas.

Um dia, a sra. de Rênal dava uma ordem ao camareiro de seu marido, o inimigo de Julien.

– Mas senhora, hoje é a última sexta-feira do mês, respondeu esse homem com um jeito singular.

– Está bem, disse a sra. de Rênal.

– Ora vejam!, comentou a seguir Julien, ele vai reunir-se nesse depósito de feno, igreja outrora, e recentemente restituído ao culto; mas por quê? eis um dos mistérios que nunca pude compreender.

– É uma instituição muito salutar, mas muito singular, respondeu a sra. de Rênal; as mulheres não são admitidas: tudo o que sei é que todos se tratam por tu. Por exemplo, esse criado vai encontrar lá o sr. Valenod, e esse homem tão orgulhoso e tão tolo não se importará de ser tratado com intimidade por Saint-Jean, e lhe responderá no mesmo tom. Se insiste em saber o que fazem lá, pedirei detalhes ao sr. de Maugiron e ao sr. Valenod. Pagamos vinte francos por criado a fim de que um dia não nos decapitem.

O tempo voava. A lembrança dos encantos de sua amante mantinha Julien afastado de sua negra ambição. A necessidade de não lhe falar de coisas tristes e razoáveis, já que eram de partidos contrários, aumentava, sem que ele suspeitasse, a felicidade que devia a ela e o domínio que ela adquiria sobre ele.

Nos momentos em que a presença de crianças muito inteligentes os restringia a falar apenas a linguagem da fria razão, era com uma docilidade perfeita que Julien, mirando-a com olhos faiscantes de amor, escutava suas explicações de como funciona a sociedade. Com frequência, em meio ao relato de alguma patifaria engenhosa, por ocasião de uma estrada ou de um fornecimento, o espírito da sra. de Rênal de repente extraviava-se, chegando quase ao delírio; Julien tinha necessidade de repreendê-la; ela permitia-se com ele os mesmos gestos íntimos que com os filhos. É que havia dias em que ela tinha a ilusão de amá-lo como a um filho. Acaso não tinha de responder a toda hora a suas perguntas ingênuas sobre mil coisas que uma criança bem-nascida não ignora aos quinze anos? Um instante depois, ela o admirava como seu mestre. Seu talento chegava a assustá-la; acreditava perceber mais nitidamente, a cada dia, o grande homem futuro nesse jovem padre. Via-o papa, via-o primeiro-ministro, como Richelieu.

– Viverei o bastante para ver tua glória?, dizia ela a Julien. O lugar está preparado para um grande homem; a monarquia, a religião têm necessidade dele.

Capítulo XVIII

UM REI EM VERRIÈRES

Servis apenas para serdes jogados aí como um cadáver do povo, sem alma, e em cujas veias não corre mais sangue?

DISCURSO DO BISPO,
na capela de São Clemente

NO DIA 3 DE SETEMBRO, às dez da noite, um gendarme despertou Verrières inteira ao subir a rua principal a galope; trazia a notícia de que Sua Majestade, o rei de *** , chegava no domingo seguinte, e já era terça-feira. O governador autorizava, isto é, exigia a formação de uma guarda de honra; era preciso demonstrar toda a pompa possível. Um estafeta foi enviado a Vergy. O sr. de Rênal chegou de noite e encontrou a cidade agitada. Cada um tinha suas pretensões; os menos ocupados alugavam sacadas para ver a entrada do rei.

Quem comandaria a guarda de honra? O sr. de Rênal percebeu de imediato o quanto era importante, no interesse das casas ameaçadas de recuo, que o sr. de Moirod tivesse esse comando, o que podia contar pontos para o cargo de primeiro adjunto. Nada se podia dizer quanto à devoção do sr. de Moirod, ela estava acima de qualquer comparação, mas ele jamais montara a cavalo. Era um homem de trinta e seis anos, tímido sob todos os pontos de vista, e que temia igualmente as quedas e o ridículo.

O prefeito mandou chamá-lo às cinco horas da manhã.

– O senhor está vendo que peço sua colaboração como se já ocupasse o cargo ao qual todos os homens de bem o indicam. Nesta desafortunada cidade, as manufaturas prosperam, o partido liberal torna-se milionário, aspira ao poder e saberá utilizar tudo como arma. Consultemos o interesse do rei, da monarquia e, antes de tudo, o interesse de nossa santa religião. A quem acha que podemos confiar, senhor, o comando da guarda de honra?

Apesar do medo horrível que tinha de cavalo, o sr. de Moirod acabou por aceitar essa honra como um martírio. “Saberei adotar uma postura adequada”, ele disse ao prefeito. Mas restava-lhe pouco tempo para mandar arrumar os uniformes utilizados sete anos antes, por ocasião da passagem de um príncipe da família real.

Às sete horas, a sra. de Rênal chegou de Vergy com Julien e as crianças. Encontrou sua sala repleta de damas liberais que pregavam a união dos partidos e vinham pedir-lhe que exortasse o marido a conceder aos delas um lugar na guarda de honra. Uma dizia que, se seu marido não fosse escolhido, iria à bancarrota, de desgosto. A sra. de Rênal logo despachou toda aquela gente. Ela parecia muito ocupada.

Julien ficou surpreso e sobretudo aborrecido por ela não lhe revelar o que a agitava. Eu tinha previsto, ele pensou com amargura, seu amor se eclipsa diante da felicidade de receber um rei em sua casa. Todo esse alvoroço a deslumbra. Só me amará de novo quando as ideias de sua casta não lhe perturbarem mais a cabeça.

E, o que é mais surpreendente, amou-a ainda mais por isso.

Os tapeceiros começavam a encher a casa, longamente ele esperou em vão o momento de dizer-lhe uma palavra. Encontrou-a por fim saindo do quarto dele, levando uma de suas roupas. Estavam a sós, ele quis falar-lhe. Mas ela retirou-se, recusando a escutá-lo. – Sou muito tolo em amar essa mulher, a ambição a enlouquece tanto quanto ao marido.

De fato, uma ambição a possuía: um de seus grandes desejos, que ela jamais confessara a Julien por receio de chocá-lo, era vê-lo deixar, nem que fosse por um dia, seu triste traje preto. Com uma habilidade realmente admirável numa mulher tão natural, ela obteve primeiro do sr. de Moirod, e a seguir do sr. subprepeito de Maugiron, que Julien fosse nomeado guarda de honra, de preferência a cinco ou seis moços, filhos de fabricantes muito ricos, dois dos quais, pelo menos, eram de uma piedade exemplar. O sr. Valenod, que tencionava emprestar sua caleche às mulheres mais bonitas da cidade e fazer que admirassem seus belos normandos, consentiu em ceder um dos cavalos a Julien, a pessoa que ele mais odiava. Mas todos os guardas de honra possuíam, ou obtinham de empréstimo, um daqueles belos trajes azul-celeste com dragonas de coronel, prateadas, que haviam brilhado sete anos antes. A sra. de Rênal queria um traje novo, e restavam-lhe somente quatro dias para encomendar e fazer vir de Besançon o uniforme, as armas, o chapéu etc., tudo o que compõe um guarda de honra. O mais curioso é que ela achava imprudente mandar fazer o traje de Julien em Verrières. Queria surpreendê-lo, a ele e à cidade.

Terminado o trabalho com os guardas de honra e com o espírito público, o prefeito teve de ocupar-se com uma grande cerimônia religiosa; o rei de *** não queria passar por Verrières sem visitar a famosa relíquia de são Clemente conservada em Bray-le-Haut, a uma légua da cidade. Desejava-se um clero numeroso, era a questão mais difícil de resolver; o sr. Maslon, o novo pároco, queria a todo custo evitar a presença do sr. Chélan. Em vão o sr. de Rênal lhe explicava que isso seria imprudente. O marquês de La Mole, cujos antepassados foram por muito tempo governadores da província, fora designado para acompanhar o rei de ***. Ele conhecia há trinta anos o abade Chélan. Certamente pediria notícias dele ao chegar a Verrières, e, se soubesse que caíra em desgraça, era capaz de ir buscá-lo na pequena casa onde se retirara, acompanhado de todo o cortejo de que pudesse dispor. Seria uma afronta!

– Estarei desonrado aqui e em Besançon, respondia o abade Maslon, se ele aparecer em minha paróquia. Um jansenista, meu Deus!

– Não importa o que pense, meu caro abade, replicava o sr. de Rênal, não exporei a administração de Verrières a receber uma afronta do sr. de La Mole. O senhor não o conhece; comporta-se bem na corte; mas aqui, na província, é um gracejador satírico, debochado, que busca apenas embaraçar as pessoas. Unicamente para divertir-se, é capaz de nos cobrir de ridículo aos olhos dos liberais.

Foi apenas na noite de sábado para domingo, após três dias de negociações, que o orgulho do abade Maslon curvou-se diante do medo do prefeito, que se transformava em coragem. Foi preciso escrever uma carta melosa ao abade Chélan, rogando-lhe comparecer à cerimônia da relíquia de Bray-le-Haut, se sua idade avançada e suas enfermidades o permitissem. O sr. Chélan pediu e obteve um convite para Julien, que devia acompanhá-lo na qualidade de subdiácono.

Desde o amanhecer de domingo, milhares de camponeses que chegavam das montanhas vizinhas inundaram as ruas de Verrières. Fazia um belo dia de sol. Enfim, por volta das três da tarde, toda essa multidão agitou-se: avistava-se um grande fogo sobre um rochedo a duas léguas de Verrières. Esse sinal anunciava que o rei acabava de entrar no território do departamento. Imediatamente, o som de todos os sinos e as descargas repetidas de um velho canhão espanhol pertencente à cidade indicaram sua alegria por aquele grande acontecimento. Metade da população subiu aos telhados. Todas as mulheres estavam nas sacadas. A guarda de honra pôs-se em movimento. As pessoas admiravam os brilhantes uniformes, reconhecendo um parente, um amigo. Zombavam do medo do sr. de Moirod, cuja mão prudente a todo instante estendia-se para agarrar o arção da sela. Mas uma observação fez esquecer todas as outras: o primeiro cavaleiro da nona fila era um rapaz muito bonito, de aspecto frágil, que a princípio não foi reconhecido. Logo, um grito de indignação, de alguns, e o silêncio de espanto, de outros, anunciaram uma sensação geral. Reconheciam nesse jovem, montado num dos cavalos normandos do sr. Valenod, o pequeno Sorel, filho do carpinteiro. Elevou-se um brado contra o prefeito, sobretudo entre os liberais. Quê! Só porque esse operariozinho disfarçado de padre era o preceptor de seus filhos, ele tinha a audácia de nomeá-lo guarda de honra, em detrimento dos srs. tais e tais, ricos fabricantes! – Esses senhores, dizia uma banqueira, deveriam insultar esse moço insolente, nascido na lama. – Ele é esperto e carrega um sabre, respondia o vizinho; é bastante desleal para cortar-lhes a cara.

Os comentários da sociedade nobre eram mais perigosos. As damas perguntavam-se se era do prefeito apenas que provinha essa grande inconveniência. Em geral, sabiam de seu desprezo pela origem plebeia.

Enquanto era o alvo de tantos comentários, Julien sentia-se o mais feliz dos homens. Ousado por natureza, conduzia-se a cavalo melhor que a maioria dos jovens dessa cidade das montanhas. Via, nos olhos das mulheres, que falavam dele.

Suas dragonas eram as mais brilhantes, porque novas. Seu cavalo empinava-se a todo momento; ele estava no auge da alegria.

Sua felicidade não teve mais limites quando, ao passar junto à velha fortaleza, o disparo do pequeno canhão fez seu cavalo sair da fila. Por sorte não caiu; a partir desse momento, sentiu-se um herói. Era ajudante de ordens de Napoleão e comandava a artilharia.

Havia uma pessoa mais feliz que ele. Primeiro ela o vira passar por uma das janelas do palácio municipal; embarcando a seguir numa caleche, e dando rapidamente uma grande volta, chegou em tempo para estremecer quando seu cavalo o tirou fora da fila. Por fim, sua caleche saindo a todo galope por uma outra entrada da cidade, ela conseguiu chegar à estrada por onde o rei devia passar, e pôde seguir a guarda de honra a vinte passos de distância, em meio a uma nobre poeira. Dez mil camponeses gritaram: Viva o rei!, quando o prefeito teve a honra de discursar para Sua Majestade. Uma hora depois, quando o rei, tendo escutado todos os discursos, ia entrar na cidade, o pequeno canhão voltou a dar tiros precipitados. Mas então ocorreu um acidente, não para os artilheiros que haviam feito suas provas em Leipzig e em Montmirail, mas para o futuro primeiro adjunto, sr. de Moirod. Seu cavalo o depositou maciamente no único lodaçal que havia na estrada, o que causou um rebuliço, pois era preciso tirá-lo dali para que a carruagem do rei pudesse passar.

Sua Majestade desceu na bela igreja nova, que naquele dia estava ornada de todas as suas cortinas carmesins. O rei devia jantar e em seguida tornar a subir na carruagem para ir visitar a célebre relíquia de são Clemente. Assim que o rei chegou à igreja, Julien partiu a galope para a casa do sr. de Rênal. Lá, suspirando, tirou seu belo uniforme azul-celeste, seu sabre, suas dragonas, para vestir novamente o traje preto puído. Tornou a montar a cavalo e em poucos instantes estava em Bray-le-Haut, situada no alto de uma bela colina. O entusiasmo multiplica esses camponeses, pensou Julien. Em Verrières ninguém consegue mexer-se, e eis aqui mais de 10 mil em torno dessa antiga abadia. Em parte arruinada pelo vandalismo revolucionário, ela fora magnificamente reconstruída depois da Restauração, e começavam a falar de milagres. Julien alcançou o abade Chélan, que o repreendeu severamente e lhe entregou uma batina e uma sobrepeliz. Ele vestiu-se rapidamente e seguiu o sr. Chélan, que ia reunir-se com o jovem bispo de Agde. Este era um sobrinho do sr. de La Mole, recentemente nomeado, e que fora encarregado de mostrar a relíquia ao rei. Mas não puderam encontrar esse bispo.

O clero impacientava-se, aguardando seu chefe no claustro sombrio e gótico da antiga abadia. Haviam sido reunidos vinte e quatro párocos para representar o antigo cabido de Bray-le-Haut, composto, antes de 1789, de vinte e quatro cônegos. Depois de terem deplorado durante três quartos de hora a juventude do bispo, os párocos julgaram que era conveniente que o decano deles fosse até o Monsenhor para avisá-lo que o rei ia chegar, e que era o momento de dirigir-se ao coro. A idade avançada do sr. Chélan fizera-o decano; apesar da irritação que demonstrara a Julien, ele fez-lhe um sinal para que o acompanhasse. Julien vestia muito bem sua sobrepeliz. Por meio de não se sabe qual procedimento de toalete eclesiástica, conseguira alisar seus belos cabelos encaracolados; mas, por um esquecimento que redobrou a cólera do sr. Chélan, sob as longas dobras da batina ainda se viam as esporas da guarda de honra.

Chegando aos aposentos do bispo, lacaios cobertos de galões mal dignaram-se responder ao velho cura que o Monsenhor não podia ser visto. Zombaram dele quando quis explicar que, na qualidade de decano do cabido de Bray-le-Haut, tinha o privilégio de ser admitido junto ao bispo oficiante.

O caráter altaneiro de Julien ficou chocado com a insolência dos lacaios. Pôs-se a percorrer os dormitórios da antiga abadia, forçando todas as portas que encontrava. Uma muito pequena cedeu a seus esforços e ele viu-se numa peça em meio aos camareiros do Monsenhor, vestidos de preto e com uma tira ao pescoço. Ante seu ar apressado, esses senhores julgaram-no enviado pelo bispo e deixaram-no passar. Ele deu alguns passos e achou-se numa imensa sala gótica extremamente sombria, toda guarnecida de carvalho escuro; com exceção de uma só, as janelas em ogiva haviam sido muradas com tijolos. Nada disfarçava a grosseria desse remendo de pedreiro, que formava um triste contraste com a antiga magnificência da guarnição de madeira. Nos dois lados dessa sala famosa entre os antiquários borgonheses, e que o duque Carlos, o Temerário, fizera construir, por volta de 1470, em expiação de algum pecado, havia assentos de madeira ricamente esculpidos. Neles viam-se, representados em madeiras de diferentes cores, todos os mistérios do Apocalipse.

Essa magnificência melancólica, degradada pela visão dos tijolos nus e do estuque ainda

branco, tocou Julien. Ele deteve-se, em silêncio. Na outra extremidade da sala, perto da única janela pela qual a luz penetrava, viu um espelho móvel em mogno. Um jovem, com uma túnica violeta e uma sobrepeliz rendada, mas com a cabeça descoberta, estava parado a três passos do espelho. Esse móvel parecia estranho em tal lugar, e sem dúvida fora trazido até ali da cidade. A Julien pareceu que o jovem estava irritado; com a mão direita dava gravemente bênçãos, voltado para o espelho.

Que pode significar isso?, pensou Julien. Será uma cerimônia preparatória que esse jovem padre cumpre? Talvez seja o secretário do bispo... ele será insolente como os lacaios... Paciência! vamos ver.

Avançou e percorreu lentamente a sala ao comprido, sempre com os olhos fixos na única janela e observando aquele jovem que continuava a dar bênçãos executadas lentamente, mas interminavelmente, sem repousar um instante.

À medida que se aproximava, distinguiu melhor seu ar aborrecido. A riqueza da sobrepeliz rendada fez Julien involuntariamente estacar a alguns passos do magnífico espelho.

É meu dever falar, disse enfim a si mesmo; mas a beleza da sala o emocionara, e ele sentia-se antecipadamente ferido com as palavras duras que ouviria.

O jovem o viu pelo espelho, virou-se e, abandonando subitamente seu ar irritado, disse-lhe num tom mais suave:

– Então, senhor, arranjaram-na finalmente?

Julien ficou estupefato. Quando esse jovem virou-se em sua direção, ele viu a cruz em seu peito: era o bispo de Agde. Tão jovem, pensou Julien; no máximo seis ou oito anos mais velho que eu.

E envergonhou-se de suas esporas.

– Monsenhor, ele respondeu timidamente, fui mandado aqui pelo decano do cabido, sr. Chélan.

– Ah! falaram-me muito bem dele, disse o bispo, num tom polido que aumentou ainda mais o encantamento de Julien. Mas peço-lhe perdão, senhor, tomei-o pela pessoa que deve trazer-me a mitra. Acondicionaram-na muito mal em Paris, o tecido de prata foi horrivelmente danificado em cima. Isso causará uma péssima impressão, acrescentou o bispo com uma voz triste, e ainda por cima fazem-me esperar!

– Monsenhor, vou buscar a mitra, se Vossa Eminência o permite.

Os belos olhos de Julien produziram seu efeito.

– Vá, senhor, respondeu o bispo com uma polidez encantadora; preciso dela sem demora. Estou desolado por fazer esperar os senhores do cabido.

Quando Julien chegou ao meio da sala, voltou-se em direção ao bispo e viu que ele recomeçara a dar bênçãos. O que isso pode ser?, perguntou-se Julien. Certamente uma preparação eclesiástica necessária para a cerimônia que acontecerá. Quando chegou à peça onde permaneciam os camareiros, viu a mitra nas mãos de um deles. Cedendo contra a vontade ao olhar imperioso de Julien, eles entregaram-lhe a mitra do Monsenhor.

Sentiu-se orgulhoso de levá-la: ao atravessar a sala, caminhava lentamente; segurava-a com respeito. Encontrou o bispo sentado diante do espelho; mas, de tempo em tempo, sua mão direita, embora fatigada, dava ainda a bênção. Julien ajudou-o a pôr a mitra. O bispo sacudiu

a cabeça.

– Ah! Ela se sustentará, disse a Julien com um ar contente. Pode afastar-se um pouco?

Então o bispo andou depressa até o meio da sala; depois, aproximando-se do espelho a passos lentos, retomou o ar aborrecido e passou a dar bênçãos com gravidade.

Julien estava imóvel de espanto; era tentado a compreender, mas não ousava. O bispo deteve-se e, olhando-o como quem perde rapidamente a gravidade, perguntou.

– Que diz da minha mitra, senhor, está bem?

– Muito bem, Monsenhor.

– Não está muito para trás? Isso teria um aspecto um pouco tolo; mas não convém tampouco usá-la em cima dos olhos, como um barrete militar.

– Ela parece-me estar muito bem.

– O rei de *** está acostumado a um clero venerável e certamente muito grave. Não gostaria, sobretudo por causa de minha idade, de parecer muito leviano.

E o bispo pôs-se de novo a andar dando bênçãos.

É claro, pensou Julien, ousando enfim compreender, ele exercita-se em dar a bênção.

Depois de alguns instantes, o bispo disse:

– Estou pronto. Vá, senhor, avisar o decano e os membros do cabido.

Em breve, o sr. Chélan, acompanhado dos dois párocos mais idosos, entrou por uma grande porta magnificamente esculpida, e que Julien não havia notado. Mas desta vez ficou em seu lugar, o último de todos, e só pôde ver o bispo por cima dos ombros dos eclesiásticos que se comprimiam em multidão a essa porta.

O bispo atravessava lentamente a sala; quando chegou ao umbral da porta, os padres formaram uma procissão. Após um pequeno momento de desordem, a procissão começou a andar entoando um salmo. O bispo avançava por último, entre o sr. Chélan e um outro padre muito velho. Julien logo esgueirou-se para junto do Monsenhor, como auxiliar do abade Chélan. Seguiram pelos longos corredores da abadia de Bray-le-Haut: apesar do sol forte, eles eram escuros e úmidos. Finalmente chegaram ao pórtico do claustro. Julien estava estupefato de admiração por uma cerimônia tão bela. A ambição despertada pela jovem idade do bispo, a sensibilidade e a requintada polidez desse prelado disputavam seu coração. Essa polidez era muito diferente da do sr. de Rênal, mesmo nos seus dias bons. Quanto mais nos elevamos nos escalões da sociedade, pensou Julien, mais encontramos essas maneiras encantadoras.

Entraram na igreja por uma porta lateral; de repente, um barulho assustador fez ressoar as antigas abóbadas. Julien acreditou que elas desabavam. Era ainda o pequeno canhão; arrastado por oito cavalos a galope, acabava de chegar; e, acionado imediatamente pelos artilheiros de Leipzig, disparava cinco tiros por minutos, como se os prussianos estivessem diante dele.

Mas esse ruído admirável não produziu mais efeito sobre Julien, ele não pensava mais em Napoleão e na glória militar. Tão jovem, pensava, e ser bispo de Agde! Mas onde fica Agde? E quanto isso rende? 200, 300 mil francos, talvez?

Os lacaios do Monsenhor apareceram com um pálio magnífico, o sr. Chélan segurou uma das hastes, mas na verdade foi Julien que a carregou. O bispo postou-se embaixo. Realmente,

ele conseguira dar a impressão de uma idade avançada; a admiração de nosso herói não teve mais limites. O que não se faz com habilidade!, pensou.

O rei entrou. Julien teve a felicidade de vê-lo de muito perto. O bispo saudou-o com unção, e sem esquecer um traço de polida comoção diante de Sua Majestade.

Não repetiremos aqui a descrição das cerimônias de Bray-le-Haut; durante quinze dias, elas encheram as colunas de todos os jornais do departamento. Julien ficou sabendo, pelo discurso do bispo, que o rei descendia de Carlos, o Temerário.

Mais tarde, coube às funções de Julien verificar as contas do que havia custado essa cerimônia. O sr. de La Mole, que obtivera um bispado para o seu sobrinho, quis fazer-lhe a cortesia de encarregar-se de todas as despesas. Somente a cerimônia de Bray-le-Haut custou 3.800 francos.

Depois do discurso do bispo e da resposta do rei, Sua Majestade colocou-se sob o pálio, a seguir ajoelhou-se muito devotamente sobre uma almofada perto do altar. O coro estava cercado de cadeiras, elevadas dois degraus acima do chão. Era no degrau inferior que Julien estava sentado aos pés do sr. Chélan, mais ou menos como um caudatário junto a seu cardeal, na capela Sistina, em Roma. Houve um *Te Deum*, aspersão de incenso, infinitas descargas de fuzilaria e artilharia; os aldeões estavam inebriados de felicidade e devoção. Uma jornada como essa desfaz a obra de cem edições dos jornais jacobinos.

Julien estava a seis passos do rei, que rezava realmente com fervor. Ele observou, pela primeira vez, um homem de olhar espirituoso e que vestia uma roupa quase sem enfeites, mas trazia uma fita azul-celeste por cima dessa roupa muito simples. Estava mais perto do rei que muitos outros senhores, cujas vestes tinham tantos bordados de ouro que, segundo a expressão de Julien, não se via o tecido. Soube, alguns momentos depois, que era o sr. de La Mole. Julgou seu aspecto altaneiro e mesmo insolente.

Esse marquês não deve ser polido como meu querido bispo, pensou. Ah! O estado eclesiástico torna as pessoas doces e modestas. Mas o rei veio venerar a relíquia e não estou vendo nenhuma. Onde estará São Clemente?

Um pequeno clérigo, seu vizinho, disse-lhe que a venerável relíquia estava no alto do prédio numa capela-ardente.

O que é uma capela-ardente?, pensou Julien.

Mas não quis pedir a explicação dessa palavra. Sua atenção redobrou.

Em caso de visita de um príncipe soberano, a etiqueta manda que os cônegos não acompanhem o bispo. Mas, ao pôr-se em marcha para a capela-ardente, o Monsenhor de Agde chamou o abade Chélan; Julien ousou segui-lo.

Depois de subirem uma longa escada, chegaram a uma porta extremamente pequena, mas cujos batentes góticos eram dourados com magnificência. Esse trabalho parecia ter sido feito na véspera.

Diante da porta estavam reunidas, de joelhos, vinte e quatro moças, pertencentes às famílias mais distintas de Verrières. Antes de abrir a porta, o bispo ajoelhou-se no meio dessas moças muito bonitas. Enquanto ele rezava em voz alta, elas pareciam não poder deixar de admirar suas belas rendas, seu aspecto gracioso, tão jovem e tão doce. Tal espetáculo fez nosso herói perder o que lhe restava de razão. Naquele instante, ele teria combatido pela

Inquisição, e de boa-fé. A porta abriu-se de repente. A capelinha pareceu como que inflamada de luz. Viam-se, no altar, mais de mil círios dispostos em oito fileiras separadas entre si por buquês de flores. O perfume suave do incenso mais puro saía em turbilhão pela porta do santuário. A capela, recentemente dourada, era bastante pequena, porém muito elevada. Julien observou que havia no altar círios com mais de quatro metros de altura. As moças não puderam reter um grito de admiração. Só haviam entrado no pequeno vestíbulo da capela as vinte e quatro moças, os dois padres e Julien.

Logo chegou o rei, seguido apenas pelo sr. de La Mole e por seu camareiro-mor. Os próprios guardas permaneceram do lado de fora, ajoelhados e apresentando armas.

Sua Majestade precipitou-se, mais do que se pôs, sobre o genuflexório. Foi só então que Julien, colado contra a porta dourada, avistou, por baixo do braço descoberto de uma moça, a encantadora estátua de São Clemente. Estava oculto sob o altar, em trajes de jovem soldado romano. Tinha no pescoço um largo ferimento de onde o sangue parecia correr. O artista superara a si mesmo; seus olhos moribundos, mas cheios de graça, estavam semicerrados. Um bigode incipiente ornava essa boca encantadora, que, mesmo fechando-se, parecia ainda rezar. A essa visão, a moça ao lado de Julien desfez-se em lágrimas, uma das quais caiu sobre a mão de Julien.

Após um instante de preces no mais profundo silêncio, perturbado apenas pelo som distante dos sinos de todas as aldeias num raio de dez léguas, o bispo de Agde pediu ao rei permissão para falar. Concluiu um pequeno discurso muito tocante com palavras simples, mas cujo efeito só podia assim ser mais seguro.

– Não esqueçais nunca, jovens cristãs, que vistes um dos maiores reis da terra ajoelhado diante dos servidores do Deus todo-poderoso e terrível. Esses servidores frágeis, perseguidos, assassinados na terra, como vedes pela ferida ainda sangrenta de São Clemente, triunfam no céu. Não é verdade, jovens cristãs, que sempre vos lembrareis desse dia? Detestai o ímpio, sede sempre fiéis a esse Deus tão grande, tão terrível, mas tão bom.

A essas palavras, o bispo levantou-se com autoridade.

– Vós o prometeis?, disse ele, estendendo os braços com um ar inspirado.

– Prometemos, disseram as moças, em lágrimas.

– Recebo vossa promessa em nome do Deus terrível!, acrescentou o bispo com voz trovejante. E a cerimônia foi encerrada.

O próprio rei chorava. Foi só muito tempo depois que Julien teve tranquilidade suficiente para perguntar onde estavam os ossos do santo enviados de Roma para Felipe, o Bom, duque de Borgonha. Disseram-lhe que estavam ocultos na encantadora figura de cera.

Sua Majestade dignou-se permitir às senhoritas que o haviam acompanhado à capela usarem uma fita vermelha na qual estavam bordadas estas palavras: ÓDIO AO ÍMPIO, ADORAÇÃO PERPÉTUA.

O sr. de La Mole mandou distribuir aos aldeões 10 mil garrafas de vinho. À noite, em Verrières, os liberais encontraram uma razão para iluminar suas casas cem vezes melhor que os realistas. Antes de partir, o rei fez uma visita ao sr. de Moirod.

Capítulo XIX

PENSAR FAZ SOFRER

O grotesco dos acontecimentos de cada dia nos oculta a verdadeira infelicidade das paixões.

BARNAVE

AO RECOLOCAR OS móveis ordinários no quarto que o sr. de La Mole havia ocupado, Julien encontrou uma folha de papel muito espesso, dobrada em quatro. Leu, ao final da primeira página:

Para S. E. o marquês de La Mole, par de França, cavaleiro das ordens do rei etc. etc.

Era uma petição, numa letra grossa de cozinheira.

"SENHOR MARQUÊS,

"Em toda a minha vida tive princípios religiosos. Em Lyon, expus-me às bombas, por ocasião do cerco de 93, de execrável memória. Comungo, vou todo domingo à missa na igreja paroquial. Nunca faltei ao dever pascal, mesmo em 93, de execrável memória. Minha cozinheira – antes da Revolução eu tinha criadagem – faz abstinência às sextas-feiras. Gozo em Verrières de uma consideração geral e, ouso dizer, merecida. Marcho sob o pálio nas procissões, ao lado do sr. cura e do sr. prefeito. Nessas grandes ocasiões, carrego um grande círio por mim adquirido. Em Paris, no ministério das Finanças, estão os certificados do que digo. Peço ao sr. marquês a agência de loteria de Verrières, que em breve estará vaga de uma maneira ou de outra, estando o titular muito doente, e tendo aliás votado mal nas eleições etc.

DE CHOLIN."

À margem dessa petição havia uma anotação assinada *De Moirod*, e que começava por esta frase:

"Tive a honra de falar ontem da boa pessoa que faz esse pedido" etc.

Assim, mesmo esse imbecil do Cholin mostra-me o caminho que devo seguir, pensou Julien.

Oito dias depois da passagem do rei de *** por Verrières, de todas as inumeráveis mentiras, tolas interpretações, discussões ridículas etc. etc., tendo por objeto, sucessivamente, o rei, o bispo de Agde, o marquês de La Mole, as 10 mil garrafas de vinho, o pobre acidentado Moirod que, na esperança de uma condecoração, só saiu de casa um mês depois de sua queda, o que subsistia era a indecência extrema de terem nomeado para a guarda de honra Julien Sorel, filho de um carpinteiro. É o que diziam, sobre esse ponto, os ricos fabricantes de tecidos pintados que, noite e dia, pregavam a igualdade no café, até ficarem roucos. Aquela mulher arrogante, a sra. de Rênal, fora a autora dessa abominação. O motivo? Os belos olhos e o rosto jovem do padrezinho Sorel explicavam tudo.

Pouco depois do retorno a Vergy, Stanislas-Xavier, o caçula dos meninos, adoeceu com febre, o que ocasionou imediatamente remorsos terríveis na sra. de Rênal. Pela primeira vez ela censurou-se por seu amor de uma forma constante; pareceu compreender, como por milagre, o erro enorme em que se deixara arrastar. Embora de um caráter profundamente religioso, até então não havia pensado na extensão de seu crime aos olhos de Deus.

Outrora, no convento do Sagrado Coração, amara a Deus com paixão; assim, ela o temia na atual circunstância. Os combates que dilaceravam sua alma eram tanto mais terríveis quanto não havia nenhuma razão para seus temores. Julien percebeu que o menor argumento a irritava, em vez de acalmá-la; ela via nisso a linguagem do inferno. Entretanto, como o próprio Julien gostava muito do pequeno Stanislas, ele achou melhor falar da doença dele, que logo se agravou. Com isso, o remorso contínuo tirou da sra. de Rênal até a faculdade de dormir; ela não saía de um silêncio feroz: se tivesse aberto a boca, teria sido para confessar seu crime a Deus e aos homens.

– Suplico-lhe, dizia-lhe Julien assim que se viam a sós, não fale a ninguém; que eu seja o único confidente de seus sofrimentos. Se ainda me ama, não fale: suas palavras não podem tirar a febre ao nosso Stanislas.

Mas essas consolações não produziam nenhum efeito; ele não sabia que a sra. de Rênal pusera na cabeça a ideia de que, para apaziguar a cólera do Deus zeloso, teria que odiar Julien ou ver seu filho morrer. Era por sentir que não podia odiar seu amante que ela estava tão infeliz.

– Afaste-se de mim, disse ela um dia a Julien; em nome de Deus, abandone esta casa: é sua presença que está matando meu filho.

Deus castiga-me, acrescentou em voz baixa, ele é justo; adoro sua equidade; meu crime é terrível, e eu vivia sem remorsos! Foi o primeiro sinal do abandono de Deus: devo ser punida duplamente.

Julien ficou profundamente tocado. Não podia ver nisso nem hipocrisia, nem exagero. Ela acredita matar seu filho ao me amar, e no entanto a infeliz me ama mais que seu filho. É o remorso que a está matando, não há dúvida; eis o que é grandeza nos sentimentos. Mas como pude inspirar tal amor, eu, tão pobre, tão mal-educado, tão ignorante, às vezes tão grosseiro em minhas maneiras?

Uma noite, o estado do menino agravou-se. Por volta das duas da madrugada, o sr. de Rênal veio vê-lo. O menino, consumido pela febre, estava muito vermelho e não pôde reconhecer o pai. De repente, a sra. de Rênal lançou-se aos pés do marido; Julien viu que ela ia contar tudo e condenar-se para sempre.

Por sorte, esse movimento singular incomodou o sr. de Rênal.

– Adeus! Adeus!, disse ele, afastando-se.

– Não, escuta-me, gritou a mulher, de joelhos diante dele. Fica sabendo toda a verdade. Sou eu que estou matando meu filho. Estou tirando a vida que lhe dei. O céu me castiga, aos olhos de Deus sou culpada de assassinato. É preciso que eu me perca e me humilhe a mim mesma; talvez esse sacrifício apazigue o Senhor.

Se o sr. de Rênal fosse um homem de imaginação, teria compreendido tudo.

– Ideias romanescas, exclamou, desvencilhando-se da mulher que procurava abraçar seus

joelhos. Isso não passa de ideias romanescas! Julien, mande chamar o médico quando amanhecer.

E retirou-se para deitar-se. A sra. de Rênal ficou de joelhos, meio desfalecida, repelindo com um movimento convulsivo Julien, que queria socorrê-la.

Julien ficou atônito.

Então é isso o adultério!, pensou... Seria possível que aqueles padres tão velhacos... tivessem razão? Eles que cometem tantos pecados teriam o privilégio de conhecer a verdadeira teoria do pecado? Que coisa mais estranha!

Vinte minutos depois de o sr. de Rênal ter-se retirado, Julien ainda via a mulher que ele amava com a cabeça apoiada à pequena cama do filho, imóvel e quase sem sentidos. Eis aí uma mulher de gênio superior, reduzida ao máximo de infelicidade porque me conheceu, ele pensou.

As horas avançam rapidamente. Que posso fazer por ela? É preciso decidir. Não se trata mais de mim agora. Que me importam os homens e seus pobres disfarces? Que posso fazer por ela?... abandoná-la? Mas seria deixá-la exposta à dor mais terrível. O autômato do marido mais a prejudica do que a serve. Ele dirá uma palavra dura, por ser grosseiro; ela é capaz de enlouquecer, de jogar-se pela janela.

Se a abandono, cesso de vigiá-la, ela confessará tudo. E sabe lá se ele não fará um escândalo, apesar da herança que ela deve receber. Ela poderá dizer tudo, ó meu Deus! Àquele filho da... do padre Maslon, que, a pretexto da doença de uma criança de seis anos, não sai mais desta casa, e não sem propósito. Em sua dor e em seu temor a Deus, ela esquecerá tudo o que sabe do homem, vendo nele apenas o padre.

– Vai embora!, disse-lhe repentinamente a sra. de Rênal, abrindo os olhos.

– Eu daria mil vezes minha vida para saber o que te pode ser mais útil, respondeu Julien: nunca te amei tanto, meu anjo; ou melhor, somente a partir deste instante, começo a te adorar como mereces sê-lo. Que seria de mim longe de ti, e com a consciência de que és infeliz por minha causa? Mas meus sofrimentos não importam. Partirei, sim, meu amor. Mas, se te abandono, se deixo de velar por ti, de estar constantemente entre ti e teu marido, dirás tudo a ele, te condenarás. Pensa que é com ignomínia que ele te expulsará de casa; Verrières inteira, Besançon inteira falarão desse escândalo. Todas as culpas cairão sobre ti; jamais te reabilitarás dessa vergonha...

– É o que peço, ela exclamou, pondo-se de pé. Sofrerei, tanto melhor.

– Mas com esse escândalo abominável farás também a infelicidade dele!

– Estarei me humilhando, lançando-me na lama; e assim talvez possa salvar meu filho. Essa humilhação, aos olhos de todos, não seria uma penitência pública? Tanto quanto minha fraqueza é capaz de julgar, não é esse o maior sacrifício que posso fazer a Deus?... Desse modo, talvez ele queira aceitar minha humilhação e deixar-me meu filho! Mostra-me um outro sacrifício mais penoso e o farei.

– Deixa que eu me castigue. Também sou culpado. Queres que me retire para a Trapa? A austeridade dessa vida pode apaziguar teu Deus... Ah, céus! Pudera tomar para mim a doença de Stanislas!...

– Oh! Tu o amas, tu, disse a sra. de Rênal, levantando-se e lançando-se nos braços dele.

Mas no mesmo instante o repeliu com horror.

– Acredito em ti! Acredito em ti! Ela continuou, depois de ajoelhar-se de novo; ó meu único amigo! Por que não és o pai de Stanislas? Então não seria um pecado horrível amar-te mais que a teu filho.

– Aceitas que eu permaneça e que daqui por diante te ame apenas como a um irmão? É a única expiação razoável, ela pode apaziguar a cólera do Altíssimo.

– E eu, ela exclamou, levantando-se e segurando a cabeça de Julien entre as duas mãos e mantendo-a diante dos olhos à distância, e eu, te amarei como a um irmão? Está em meu poder amar-te como a um irmão?

Julien desfazia-se em lágrimas.

– Eu te obedecerei, disse ele caindo a seus pés, te obedecerei, não importa o que me ordenes; é tudo o que me resta a fazer. A cegueira tomou conta de meu espírito, não vejo que partido tomar. Se te abandono, dizes tudo a teu marido, te condenas e a ele também. Depois desse ridículo, jamais ele será nomeado deputado. Se permaneço, julgas-me a causa da morte de teu filho e morrerás de dor. Queres experimentar o efeito de minha partida? Se quiseres, aceito punir-me por nosso erro deixando-te por oito dias. Irei passá-los no retiro que indicares. Na abadia de Bray-le-Haut, por exemplo: mas jura-me, durante minha ausência, nada confessar a teu marido. Considera que não poderei mais voltar, se falares.

Ela prometeu, ele partiu, mas foi chamado de volta ao cabo de dois dias.

– Sem ti é impossível cumprir meu juramento. Falarei a meu marido, se não estiveres aqui constantemente para me ordenares com teus olhos a calar-me. Cada hora desta vida abominável parece-me durar um dia.

Por fim, o céu apiedou-se dessa mãe infeliz. Aos poucos Stanislas deixou de correr perigo. Mas o espelho partira-se, sua razão havia conhecido a extensão do pecado; ela não pôde mais retomar o equilíbrio. Os remorsos permaneceram e foram o que deviam ser num coração tão sincero. Sua vida foi o céu e o inferno: o inferno, quando não via Julien, o céu, quando estava a seus pés. Não tenho mais nenhuma ilusão, ela dizia a ele, mesmo nos momentos em que ousava entregar-se a todo o seu amor: estou condenada, irremediavelmente condenada. És jovem, cedeste às minhas seduções, o céu pode te perdoar; mas, quanto a mim, estou condenada. Sei disso por um sinal certo. Tenho medo: quem não teria medo diante da visão do inferno? Mas, no fundo, não me arrependo. Cometeria de novo meu pecado se ele precisasse ser cometido. Que apenas o céu não me puna já neste mundo e em meus filhos, e terei mais do que não mereço. Mas tu, pelo menos, meu Julien, ela exclamava noutros momentos, és feliz? Achas que te amo o bastante?

A desconfiança e o orgulho sofredor de Julien, que carecia sobretudo de um amor de sacrifício, não resistiram diante de um sacrifício tão grande, tão indubitável e feito a todo instante. Ele adorava a sra. de Rênal. Por mais que ela seja nobre, e eu o filho de um operário, ela me ama... Não sou junto dela um camareiro encarregado das funções de amante. Afastado esse temor, Julien cedeu a todas as loucuras do amor, a suas incertezas mortais.

– Pelo menos, dizia ela ao vê-lo duvidar sobre seu amor, que eu te faça muito feliz durante os poucos dias que vamos passar juntos! Apressemo-nos; talvez amanhã não esteja mais contigo. Se o céu me punir em meus filhos, em vão buscarei viver apenas para amar-te, não

vendo que é meu crime que os mata. Não poderei sobreviver a esse golpe. Mesmo que o quisesse, não poderia; eu enlouqueceria. Ah! Se eu pudesse tomar para mim teu pecado, assim como me ofereceste tão generosamente tomar a febre ardente de Stanislas!

Essa grande crise moral mudou a natureza do sentimento que unia Julien à sua amante. Seu amor não foi mais apenas admiração pela beleza, orgulho de possuí-la.

Desde então, a felicidade deles era de uma natureza superior, a chama que os devorava foi mais intensa. Tinham transportes cheios de loucura. Essa felicidade teria parecido maior aos olhos do mundo. Mas não reencontraram mais a serenidade deliciosa, a ventura sem nuvens, a felicidade fácil dos primeiros momentos de amor, quando o único receio da sra. de Rênal era não ser amada o bastante por Julien. A felicidade deles tinha às vezes a fisionomia do crime.

Nos momentos mais felizes e aparentemente mais tranquilos, a sra. de Rênal exclamava de repente, apertando a mão de Julien num movimento convulsivo:

– Ah! Meu Deus! Vejo o inferno. Que suplícios horríveis! Bem que os mereci!, e abraçava-o, colando-se a ele como a hera ao muro.

Julien tentava em vão acalmar essa alma agitada. Ela tomava-lhe a mão, cobrindo-a de beijos. Depois, recaía num devaneio sombrio: O inferno, dizia, seria um favor para mim; teria ainda alguns dias na terra a passar com ele, mas o inferno já neste mundo, a morte de meus filhos... Contudo, talvez a esse preço meu crime fosse perdoado... Ah! Meu Deus, não me concedei o perdão a esse preço! Essas pobres crianças não vos ofenderam; eu, só eu sou culpada: amo um homem que não é meu marido.

Julien via em seguida a sra. de Rênal alcançar momentos aparentemente tranquilos. Procurava conter-se, não queria envenenar a vida de quem ela amava.

Em meio a essas alternâncias de amor, de remorsos e de prazer, os dias passavam para eles com a rapidez de um raio. Julien perdeu o hábito de refletir.

A srta. Elisa tinha um pequeno processo em Verrières e foi até lá acompanhá-lo. Encontrou o sr. Valenod muito irritado com Julien. Ela odiava o preceptor e falava-lhe dele com frequência.

– O senhor não me perdoaria se eu dissesse a verdade!... disse ela ao sr. Valenod. Os patrões estão todos de acordo entre si quanto às coisas importantes... Nunca perdoam certas confissões aos pobres criados...

Com essas frases de costume, que a impaciente curiosidade do sr. Valenod descobriu um meio de abreviar, ele ficou sabendo das coisas mais mortificantes para seu amor-próprio.

Aquela mulher, a mais distinta da região, que durante seis anos ele cercara de tantas atenções, e infelizmente com o conhecimento de todos, aquela mulher tão orgulhosa, cujos desdéns tantas vezes haviam-no feito corar, acabava de fazer-se amante de um operariozinho disfarçado de preceptor. E, a fim de que nada faltasse ao despeito do sr. diretor do asilo, a sra. de Rênal adorava esse amante.

– E o sr. Julien, acrescentava a camareira com um suspiro, nem precisou de esforço para fazer essa conquista, não saiu de sua frieza de costume em relação à sra. de Rênal.

Elisa só tivera certeza desse namoro no campo, mas acreditava que ele datava de muito antes.

– É certamente por isso, acrescentou com despeito, que a um tempo atrás ele recusou

desposar-me. E eu, imbecil, que ia consultar a sra. de Rênal, que lhe pedia para falar com o preceptor.

Nessa mesma noite, o sr. de Rênal recebeu da cidade, junto com seu jornal, uma longa carta anônima que lhe informava em detalhes o que se passava em sua casa. Julien viu-o empalidecer ao ler essa carta escrita em papel azulado e lançar para ele olhares carregados. Durante toda a noite o prefeito permaneceu carrancudo, e em vão Julien buscou ser agradável pedindo-lhe explicações sobre a genealogia das melhores famílias da Borgonha.

Capítulo XX

AS CARTAS ANÔNIMAS

Do not give dalliance
Too much the rein: the strongest oaths are straw
To the fire i' the blood.

TEMPEST

AO DEIXAR O salão por volta da meia-noite, Julien teve tempo de dizer à sua amiga:

– Não nos vejamos esta noite, teu marido tem suspeitas; posso jurar que a carta que ele lia, aos suspiros, é uma carta anônima.

Por sorte, Julien fechava-se à chave em seu quarto. A sra. de Rênal teve a ideia insana de que essa advertência era apenas um pretexto para não vê-la. Perdeu completamente a cabeça e, na hora de costume, veio até sua porta. Julien, que ouviu um ruído no corredor, apagou sua lâmpada no mesmo instante. Faziam esforços para abrir a porta: seria a sra. de Rênal? seria o marido ciumento?

No dia seguinte bem cedo, a cozinheira, que protegia Julien, trouxe-lhe um livro em cuja capa ele leu estas palavras em italiano: *Guardate alla pagina 130*.

Julien buscou com impaciência a página cento e trinta e lá encontrou, pregada com um alfinete, a seguinte carta escrita às pressas, úmida de lágrimas e sem o menor cuidado ortográfico. Ordinariamente a sra. de Rênal redigia muito bem: esse detalhe o impressionou, e ele esqueceu um pouco a terrível imprudência.

"Não quiseste receber-me esta noite? Há momentos em que creio jamais ter lido até o fundo de tua alma. Teus olhares me assustam. Tenho medo de ti. Ó Deus! Será que nunca me amaste? Nesse caso, que meu marido descubra nossos amores, e que me encerre numa eterna prisão, no campo, longe de meus filhos. Talvez Deus o queira assim. Morrerei logo. Mas serás um monstro.

"Não me amas? Estás cansado de minhas loucuras, de meus remorsos, ímpio? Queres que me perca? Ofereço-te um meio fácil para isso. Vai, mostra esta carta a Verrières inteira, ou melhor, mostra-a apenas ao sr. Valenod. Diz-lhe que te amo; não, não pronuncies tal blasfêmia: diz-lhe que te adoro, que a vida só começou para mim no dia em que te vi; que nos momentos mais loucos da minha juventude jamais havia sequer sonhado com a felicidade que te devo; que por ti sacrifiquei minha vida e te sacrifico minha alma. Sabes que te sacrifico muito mais.

"Mas sabe esse homem o que é um sacrifício? Diz-lhe, diz-lhe para irritá-lo, que enfrento toda a maldade dos homens, e que no mundo não há senão uma infelicidade para mim, a de ver mudar o único homem que me prende à vida. Que felicidade para mim perdê-la, oferecê-la em sacrifício, e não mais temer por meus filhos!

"Não duvides, querido amigo, se há uma carta anônima, ela vem desse indivíduo odioso que, durante seis anos, me perseguiu com sua voz grossa, com o relato de seus saltos a cavalo,

com sua fatuidade, e com a enumeração eterna de todas as suas vantagens.

"Há uma carta anônima? Malvado, eis o que eu queria discutir contigo. Mas não, fizeste bem. Apertando-te em meus braços, talvez pela última vez, jamais teria podido pensar friamente, como faço estando só. A partir de agora nossa felicidade já não será tão fácil. Será isso uma contrariedade para ti? Sim, nos dias em que não tiveres recebido do sr. Fouqué algum livro interessante. O sacrifício está feito; amanhã, haja ou não carta anônima, também direi a meu marido que recebi uma carta anônima, e que devemos imediatamente providenciar teu afastamento, achar um pretexto honesto e sem demora devolver-te a teus pais.

"Ai! querido amigo, vamos separar-nos por quinze dias, quem sabe um mês! Vai, concedo, sofrerás tanto quanto eu. Mas é o único meio de barrar o efeito dessa carta anônima; não é a primeira vez que meu marido as recebe, e a meu respeito. Ah! como eu ria delas!

"O objetivo de minha conduta é fazer meu marido pensar que a carta vem do sr. Valenod; não duvido que ele seja o autor. Se deixares nossa casa, não deixes de te estabelecer em Verrières. Darei um jeito para que meu marido tenha a ideia de lá passar quinze dias, para provar aos tolos que está tudo bem entre mim e ele. Estando em Verrières, faz amizade com todos, mesmo com os liberais. Sei que todas aquelas damas vão te procurar.

"Não vás brigar com o sr. Valenod, nem arrancar-lhe as orelhas, como disseste um dia; ao contrário, sê gentil com ele. O essencial é que pensem em Verrières que vais te ocupar, na casa do Valenod ou de outro qualquer, com a educação das crianças.

"Eis o que meu marido jamais suportará. Ele foi obrigado a tomar essa decisão? Pois bem, ao menos estarás em Verrières e te verei de vez em quando. Meus filhos, que te amam tanto, irão te ver. Santo Deus! Sinto que amo mais meus filhos porque eles te amam. Que remorso! Como irá acabar tudo isso?... Enlouqueço... Enfim, compreendes tua conduta; sê gentil, educado, sem desprezar essas criaturas grosseiras, é o que te peço de joelhos: elas serão os árbitros de nosso destino. Não duvides por um instante que meu marido se conformará, em relação a ti, com o que lhe prescrever a opinião pública.

"É tu que me fornecerás a carta anônima; arma-te de paciência e de uma tesoura. Recorta num livro as palavras que vais ler; cola-as a seguir na folha de papel azulado que te envio e que vem da casa do sr. Valenod. Faz uma pesquisa em teu quarto; queima as páginas do livro que tiveres mutilado. Se não encontrares as palavras prontas, forma-as letra por letra, com paciência. Para poupar teu trabalho, faço a carta anônima muito curta. Ai! Se não me amas mais, como receio, quão longa te há de parecer a minha!"

CARTA ANÔNIMA

"SENHORA,

"Todas as suas pequenas manobras são conhecidas; mas as pessoas que têm interesse em reprimi-las estão atentas. Por um resto de amizade pela senhora, exorto-a a afastar-se totalmente do camponesinho. Se for bastante sensata para isso, seu marido acreditará que a advertência que recebeu o engana, e deixaremos que permaneça nesse erro. Pense que conheço seu segredo; trema, infeliz; agora é preciso *marchar direito* diante de mim."

"Assim que tiveres terminado de colar as palavras que compõem essa carta (reconheceste nela a maneira de falar do diretor?), sai de casa, irei te encontrar."

"Irei à aldeia e voltarei com o rosto perturbado, como de fato estarei, e muito. Santo Deus!

o que estou arriscando, e tudo porque *julgaste adivinhar* uma carta anônima! Enfim, com um rosto perturbado, darei a meu marido essa carta que um desconhecido terá me entregue. Quanto a ti, sai a passear pelo caminho dos grandes bosques com as crianças e só retorna na hora do jantar.

"Do alto dos rochedos poderás ver a torre do pombal. Se tudo correr bem, colocarei lá um lenço branco; caso contrário, não haverá nada.

"Teu coração, ingrato, não achará um meio de dizer que me amas antes de partires para esse passeio? Não importa o que aconteça, fica certo de uma coisa: não sobreviverei nem um dia à nossa separação definitiva. Ah! mãe desnaturada! São duas palavras inúteis que acabo de escrever, caro Julien. Não as sinto, só consigo pensar em ti neste momento, as escrevi apenas para não ser censurada por ti. Agora que me vejo na iminência de perder-te, para quê dissimular? Sim, que minha alma te pareça atroz, mas que eu não minta diante do homem que adoro! Já enganei demais em minha vida. Vai, perdôo-te se não me amas mais. Não tenho tempo de reler minha carta. Para mim é pouco ter de pagar com a vida os dias felizes que passei em teus braços. Sabes que eles me custarão ainda mais."

Capítulo XXI

DIÁLOGO COM UM MESTRE

Alas, our frailty is the cause, not we:
For such as we are made of, such we be.

TWELFTH NIGHT

FOI COM UM PRAZER INFANTIL QUE, durante uma hora, Julien reuniu palavras. Ao sair do quarto, encontrou seus alunos e a mãe deles; ela pegou a carta com uma simplicidade e uma coragem cuja calma o espantou.

– A cola está bem seca? ela perguntou.

É esta a mulher que o remorso há pouco enlouquecia?, ele pensou. Quais são seus projetos neste momento? Ele era muito orgulhoso para perguntar-lhe isso; contudo, talvez nunca ela houvesse lhe agradado tanto.

– Se isto não der certo, ela acrescentou com a mesma tranquilidade, vão tirar-me tudo. Enterre esta reserva num lugar qualquer da montanha; quem sabe um dia será meu único recurso.

E entregou-lhe um estojo, forrado de marroquim vermelho, cheio de ouro e com alguns diamantes.

– Agora vá, disse ela.

Beijou os filhos, o mais novo duas vezes. Julien permanecia imóvel. Ela o deixou com um passo rápido e sem olhar para ele.

Desde o momento em que abrira a carta anônima, a existência do sr. de Rênal virara um horror. Não estivera tão agitado assim desde um duelo por pouco não ocorrido em 1816, e, para falar a verdade, a perspectiva então de receber um tiro o deixara menos infeliz. Ele examinava a carta em todos os sentidos: Não é uma letra de mulher?, pensava. Nesse caso, que mulher a escreveu? Passava em revista todas as que conhecia em Verrières, sem poder fixar suas suspeitas. Teria um homem ditado essa carta? E que homem seria esse? Aqui a mesma incerteza; ele era invejado e certamente odiado pela maior parte dos que conhecia. É preciso consultar minha mulher, disse a si mesmo por hábito, levantando-se da poltrona onde estava afundado.

Assim que se levantou – Santo Deus!, pensou, batendo na cabeça, é sobretudo dela que devo desconfiar; ela é minha inimiga neste momento. E, de cólera, lágrimas vieram-lhe aos olhos.

Por uma justa compensação da secura de coração que faz toda a sabedoria prática da província, os dois homens que neste momento o sr. de Rênal mais temia eram seus dois amigos mais íntimos.

Além desses, tenho talvez outros dez amigos – e passou-os em revista, avaliando com cautela o grau de consolação que poderia obter de cada um. A todos! A todos, exclamava com

raiva, minha terrível aventura dará o maior prazer! Por felicidade, acreditava-se muito invejado, não sem motivos. Além da soberba casa na cidade, que o rei de *** acabava de honrar para sempre nela pernoitando, tinha arrumado muito bem seu castelo de Vergy. A fachada fora pintada de branco, e as janelas guarnecidas de belos postigos verdes. Por um instante consolou-se com a ideia dessa magnificência. O fato é que esse castelo era avistado a três ou quatro léguas de distância, em detrimento de todas as casas de campo ou, como eram chamadas, castelos da vizinhança, que conservavam a humilde cor cinzenta deixada pelo tempo.

O sr. de Rênal podia contar com as lágrimas e a piedade de um de seus amigos, o tesoureiro da paróquia; mas era um imbecil que chorava por qualquer coisa. No entanto, esse homem era seu único recurso.

– Que infelicidade incomparável a minha!, exclamou com raiva. Que isolamento!

Será possível?, dizia-se esse homem realmente digno de lamento, será possível que no meu infortúnio não tenha um amigo a quem pedir conselho? Pois sinto que minha razão extravia-se! Ah! Falcoz! ah! Ducros! exclamou com amargura. Eram os nomes de dois amigos da infância que sua arrogância afastara, em 1814. Não eram nobres, e ele quis mudar o tom de igualdade em que viviam desde a infância.

Um deles, Falcoz, homem de espírito e de coragem, comerciante de papel em Verrières, havia comprado uma tipografia na sede do departamento e lançado um jornal. A Congregação resolvera arruiná-lo: seu jornal foi condenado, sua licença de tipógrafo cassada. Nessas tristes circunstâncias, ele tentou escrever ao sr. de Rênal pela primeira vez depois de dez anos. O prefeito de Verrières julgou dever responder com austeridade: “Se o ministro do rei fizesse-me a honra de consultar-me, eu lhe diria: Destrua sem piedade todos os impressores da província e faça da imprensa um monopólio, como o tabaco”. Essa carta a um amigo íntimo, que Verrières inteira admirou no passado, o sr. de Rênal lembrava de seus termos com horror. Quem diria que com minha posição social, minha fortuna, minhas condecorações, eu lamentaria isso um dia? Foi nesses transportes de cólera, ora contra si, ora contra tudo o que o cercava, que ele passou uma noite horrível; mas, por sorte, não teve a ideia de espiar sua mulher.

Estou acostumado com Louise, pensava, ela conhece todos os meus afazeres; se estivesse livre para casar-me amanhã, não acharia alguém para substituí-la. E assim ele se comprazia na ideia de que sua mulher era inocente; essa maneira de ver dispensava-o da necessidade de ser severo e deixava-o mais tranquilo; quantas mulheres caluniadas não temos visto!

Mas quê! exclamava de repente, pondo-se a andar com um passo convulsivo, aguentarei como se eu fosse um joão-ninguém, um pé-rapado, que ela zombe de mim com seu amante? Que Verrières inteira faça troça da minha complacência? O que não disseram de Charmier (era um marido notoriamente enganado da região)? Quando o nomeiam, o sorriso não está nos lábios de todos? É um bom advogado, mas quem se refere alguma vez a seu talento oratório? Ah! Charmier!, dizem, o Charmier do Bernard, assim o designam pelo nome do homem que faz seu opróbrio.

Graças a Deus, dizia o sr. de Rênal em outros momentos, não tenho filha, e a maneira como vou punir a mãe não prejudicará o futuro de meus filhos; posso surpreender esse

camponesinho com minha mulher e matar os dois; nesse caso, o trágico da aventura talvez retire seu ridículo. Essa ideia agradou-lhe, seguiu-a em todos os seus detalhes. O Código Penal me favorece e, aconteça o que acontecer, nossa Congregação e meus amigos do júri me salvarão. Examinou sua faca de caça, que era muito afiada, mas a ideia do sangue o amedrontou.

Posso moer de pancadas esse preceptor insolente e expulsá-lo; mas o que não irão falar em Verrières e mesmo no departamento inteiro! Depois da condenação do jornal de Falcoz, quando seu redator saiu da prisão, contribuí para fazê-lo perder um emprego de seiscentos francos. Dizem que esse escrevinhador ousa mostrar-se outra vez em Besançon, ele pode caluniar-me com habilidade e de modo que seja impossível levá-lo ao tribunal. Levá-lo ao tribunal!... O insolente insinuará de mil maneiras que disse a verdade. Um homem bem-nascido, com a posição social como a minha, é odiado por todos os plebeus. Serei citado nos detestáveis jornais de Paris! Ó meu Deus, que horror! Ver o antigo nome de Rênal mergulhado na lama e no ridículo... Se um dia eu viajar, terei de mudar de nome. Quê! Abandonar esse nome que faz minha glória e minha força. Seria o cúmulo da miséria!

Se eu não matar minha mulher, e se a expulsar com ignomínia, ela tem a tia em Besançon, que lhe passará toda a sua fortuna. Minha mulher irá viver em Paris com Julien; saberão disso em Verrières e serei ainda mais ridicularizado.

Esse homem infeliz percebeu então, pela luz esmorecida de sua lâmpada, que o dia raiava. Saiu em busca de um pouco de ar fresco no jardim. Naquele momento, estava quase decidido a não fazer escândalo, sobretudo porque a ideia de um escândalo encheria de alegria seus bons amigos de Verrières.

O passeio pelo jardim acalmou-o um pouco. Não, exclamou, não me privarei de minha mulher, ela me é muito útil. Imaginou com horror o que seria sua casa sem sua mulher; a única parenta que ele tinha era a marquesa de R..., velha, imbecil e má.

Uma ideia muito interessante lhe ocorreu, mas a execução exigia uma força de caráter muito superior à que o pobre homem possuía. Se conservo minha mulher, pensou, conheço-me: num momento em que ela me impacientar, reprovar-lhe-ei sua falta. Ela é orgulhosa, nos desentenderemos, e tudo isso acontecerá antes que ela tenha recebido a herança da tia. Então, como rirão de mim! Minha mulher ama seus filhos, tudo acabará por lhes pertencer. E serei o objeto de troça de Verrières. Vejam, dirão, ele não soube sequer vingar-se da mulher! Não será melhor ater-me às suspeitas e nada verificar? Mas então fico de mãos atadas, nada poderei reprovar-lhe posteriormente.

Um instante depois, o sr. de Rênal, de novo possuído pela vaidade ferida, lembrava-se laboriosamente de todos os casos citados no bilhar do Cassino ou do Círculo Nobre de Verrières, quando algum bom conversador interrompe as apostas para divertir-se à custa de um marido enganado. Como aqueles gracejos, agora, lhe pareciam cruéis!

Ó Deus! por que minha mulher não está morta? Então eu seria inatacável ao ridículo. Por que não sou viúvo? Passaria seis meses em Paris nas melhores sociedades.

Passado esse momento de felicidade produzido pela ideia da viuvez, sua imaginação retornou aos meios de certificar-se da verdade. Ele espalharia à meia-noite, depois que todos tivessem se recolhido, uma leve camada de farelo diante da porta do quarto de Julien: na

manhã seguinte veria, à luz, a marca dos passos.

Mas esse meio não serve, exclamou em seguida, com raiva; aquela tratante da Elisa perceberia e logo saberiam na casa que sou ciumento.

Num outro caso relatado no Cassino, um marido certificara-se de seu infortúnio prendendo com um pouco de cera um fio de cabelo que lacrava como um selo a porta de sua mulher e a do amante.

Depois de tantas horas de incertezas, esse meio de esclarecer sua sorte pareceu-lhe decididamente o melhor, e ele pensava em utilizá-lo quando, ao dobrar uma aleia, deparou com a mulher que ele quisera ver morta.

Ela voltava da aldeia. Fora ouvir a missa na igreja de Vergy. Uma tradição muito incerta aos olhos de um filósofo frio, mas na qual ela punha fé, afirma que a igrejinha a que hoje todos vão era a capela do castelo do senhor de Vergy. Essa ideia obsedou a sra. de Rênal o tempo inteiro que ela esperava passar a rezar na igreja. A todo momento imaginava seu marido matando Julien durante a caçada, como por acidente, para depois, à noite, fazê-la comer seu coração.

Minha sorte, disse a si mesma, depende do que ele irá pensar ao escutar-me. Depois desse quarto de hora fatal, talvez eu não encontre mais a ocasião de lhe falar. Não é um homem sensato e dirigido pela razão. Com o auxílio de minha fraca razão, posso prever o que ele fará ou dirá. Ele decidirá nossa sorte comum, tem o poder para isso. Mas essa sorte depende de minha habilidade, da arte de dirigir as ideias desse homem imaginoso, que a cólera cega e impede de ver a metade das coisas. Ó Deus! Preciso de talento, de sangue-frio, onde buscá-los?

Ela recobrou a calma como por encanto ao entrar no jardim e ao ver ao longe o marido. Seus cabelos e suas roupas em desalinho indicavam que ele não dormira.

Ela entregou-lhe uma carta sem o lacre, mas dobrada. Sem abri-la, ele olhava a mulher com olhos desvairados.

– Eis aqui uma abominação, ela falou, que um sujeito mal-encarado, que afirma conhecê-lo e dever gratidão, entregou-me quando eu passava por trás do jardim do notário. Exijo uma coisa de você: que mande embora, e sem demora, esse sr. Julien. A sra. de Rênal teve pressa de dizer essa frase, talvez um pouco antes da hora, para livrar-se da terrível perspectiva de ter que dizê-la.

Ela ficou feliz ao ver a satisfação que causava no marido. Pela fixidez do olhar com que este a mirava, ela compreendeu que Julien adivinhara com exatidão. Em vez de afligir-se com a infelicidade real, que gênio, ela pensou, que tato perfeito! E isto, num jovem ainda sem nenhuma experiência! Aonde não chegará no futuro? Ai! então seus sucessos farão que me esqueça!

Esse pequeno ato de admiração pelo homem que ela adorava a refez inteiramente de sua perturbação. Felicitou-se por sua atitude: Não sou indigna de Julien, disse a si mesma com doce e íntima volúpia.

Sem dizer nada, por receio de comprometer-se, o sr. de Rênal examinava a segunda carta anônima composta, como o leitor se lembra, de palavras impressas coladas num papel azulado. Zombam de mim de todas as maneiras, dizia-se o sr. de Rênal, extenuado.

Novos insultos a examinar, e sempre por causa de minha mulher! Ele esteve a ponto de lançar-lhe as injúrias mais grosseiras, mas a perspectiva da herança de Besançon o deteve com grande dificuldade. Devorado pela necessidade de fazer alguma coisa, rasgou o papel dessa segunda carta anônima e saiu a andar a grandes passos: tinha necessidade de afastar-se da mulher. Alguns instantes depois, voltou para junto dela, mais tranquilo.

– Trata-se de tomar uma decisão e de mandar Julien embora, ela disse-lhe em seguida; afinal, é apenas o filho de um trabalhador. Você o indenizará com alguns escudos, e ele é bastante esperto para encontrar facilmente um novo posto, por exemplo na casa do sr. Valenod ou na do subprefeito de Maugiron, que têm filhos. Assim, não irá prejudicá-lo...

– Você diz isso como uma tola que é, bradou o sr. de Rênal com voz terrível. Que bom senso pode-se esperar de uma mulher? Jamais presta atenção no que é razoável; como saberia alguma coisa? Sua negligência, sua preguiça só lhe permitem caçar borboletas. Criaturas frágeis, e que é uma infelicidade ter em nossas famílias!...

A sra. de Rênal deixava-o falar, e ele falou por longo tempo; despejava sua raiva, como dizem na região.

– Senhor, ela respondeu por fim, falo como uma mulher ultrajada em sua honra, isto é, no que ela tem de mais precioso.

A sra. de Rênal teve um sangue-frio inalterável durante toda essa penosa conversa, da qual dependia a possibilidade de viver ainda sob o mesmo teto com Julien. Ela buscava as ideias que julgava mais capazes de guiar a cólera cega do marido. Ficara insensível a todas as reflexões injuriosas que este lhe dirigira, não as escutava, pensava então em Julien. Ele estará contente comigo?

– Esse camponesinho que cumulamos de atenções e mesmo de presentes pode ser inocente, disse ela enfim, mas não é a primeira afronta que recebo por causa dele... Senhor, quando li esse papel abominável, prometi a mim mesma que ele ou eu sairíamos desta casa.

– Quer fazer um escândalo para desonrar-me e a você também? Em Verrières há muita gente que não espera outra coisa.

– É verdade, as pessoas invejam o estado de prosperidade que a sabedoria de sua administração proporcionou a você, à sua família e à cidade... Pois bem! Direi a Julien que lhe peça uma dispensa para passar um mês na casa daquele negociante de madeira montanhês, digno amigo desse camponesinho.

– Abstenha-se de agir, retomou o sr. de Rênal com bastante tranquilidade. O que exijo antes de tudo é que não diga nada a ele. Ele ficaria furioso e haveríamos de brigar, sabe o quanto esse rapazinho é irascível.

– Esse rapaz não tem o menor tato, retomou a sra. de Rênal; pode ser instruído, disso você entende, mas no fundo não passa de um verdadeiro camponês. Nunca fiz uma boa ideia a respeito dele desde que recusou casar com Elisa, era uma fortuna garantida; e isso a pretexto de que, às vezes em segredo, ela faz visitas ao sr. Valenod.

– O quê!, disse o sr. de Rênal, levantando as sobrancelhas de um modo exagerado, Julien disse isso a você?

– Não precisamente; ele sempre me falou da vocação que o chama ao santo ministério; mas, acredite, a primeira vocação dessa gente miúda é ter pão. Ele deu-me a entender que não

ignorava essas visitas secretas.

– E eu que as ignorava! bradou o sr. de Rênal, retomando todo o seu furor e acentuando as palavras. Acontecem coisas em minha casa que ignoro... Como! existe algo entre Elisa e Valenod?

– Ah! é uma história antiga, meu caro, disse a sra. de Rênal rindo, e talvez nada tenha havido de mal. Foi no tempo em que seu bom amigo Valenod não teria se incomodado que pensassem, em Verrières, que entre ele e mim houvesse um pequeno amor platônico.

– Certa vez tive essa ideia, exclamou o sr. de Rênal, batendo na cabeça ao topar com essa nova descoberta; e você não me disse nada?

– Convinha indispor dois amigos por causa de um pequeno impulso de vaidade de nosso caro diretor? Qual a mulher da sociedade que já não recebeu algumas cartas espirituosas e mesmo um pouco galantes?

– Ele as escreveu a você?

– Muitas.

– Ordeno-lhe que me mostre essas cartas imediatamente!, e o sr. de Rênal pareceu agigantar-se.

– Não farei isso, ela respondeu com uma doçura que beirava quase a negligência; mostrá-las-ei outro dia, quando estiver mais calmo.

– Mostre-me já!, bradou o sr. de Rênal, furioso, e no entanto mais feliz do que estivera nas últimas doze horas.

– Você jura, disse a sra. de Rênal muito gravemente, que não irá brigar com o diretor do asilo por causa dessas cartas?

– Com briga ou sem briga, posso tirar-lhe as crianças enjeitadas; mas quero essas cartas já, ele continuou com furor; onde estão?

– Numa gaveta de minha escrivaninha; mas certamente não lhe darei a chave.

– Saberei arrombá-la, ele exclamou, dirigindo-se para o quarto da mulher.

E, de fato, arrombou com uma barra de ferro uma preciosa escrivaninha de mogno vinda de Paris, que ele seguidamente esfregava com a manga do casaco quando nela julgava perceber alguma mancha.

A sra. de Rênal subira correndo os cento e vinte degraus do pombal; numa das barras de ferro da janelinha, atou a ponta de um lenço branco. Era a mais feliz das mulheres. Com lágrimas nos olhos, olhava em direção aos bosques da montanha. Certamente, pensava, debaixo de uma daquelas faias frondosas, Julien avista este sinal favorável. Ficou a escutar um longo tempo, depois maldisse o ruído monótono das cigarras e o canto dos pássaros. Sem esse ruído, um grito de alegria, vindo dos altos rochedos, teria podido chegar até aqui. Seu ávido olhar percorria a imensa encosta verde, escura e cerrada como um prado, que a copa das árvores forma. Como não lhe ocorreu, ela pensou enternecida, inventar algum sinal para dizer-me que sua felicidade é igual à minha? Só desceu do pombal quando teve medo de que o marido viesse procurá-la ali.

Ela o encontrou furioso, percorrendo as frases anódinas do sr. Valenod, pouco acostumadas a serem lidas com tanta emoção.

Aproveitando um momento em que as exclamações do marido davam-lhe a possibilidade

de fazer-se ouvir, a sra. de Rênal falou:

– Insisto na minha ideia, convém que Julien faça uma viagem. Mesmo que tenha talento com o latim, não passa de um camponês seguidamente grosseiro e sem tato; todo dia, acreditando ser polido, dirige-me lisonjas exageradas e de mau gosto, aprendidas de cor em algum romance...

– Ele nunca os lê, exclamou o sr. de Rênal; estou certo disso. Acha que sou um patrão cego e que ignora o que se passa em sua casa?

– Bem, se não lê essas lisonjas ridículas em algum lugar, ele as inventa, o que é ainda pior. Ele terá falado de mim nesse tom em Verrières... e, sem ir muito longe, disse a sra. de Rênal como quem faz uma descoberta, terá falado assim diante de Elisa; é quase como se tivesse falado diante do sr. Valenod.

– Ah!, bradou o sr. de Rênal esmurrando a mesa com tanta força que fez estremecer o aposento; a carta anônima e as cartas do Valenod são escritas no mesmo papel.

Enfim!... pensou a sra. de Rênal; fingiu-se consternada com essa descoberta e, sem coragem de acrescentar uma só palavra, foi sentar-se longe, no divã ao fundo da sala.

A batalha agora estava ganha; teve muito trabalho para impedir que o sr. de Rênal fosse falar com o suposto autor da carta anônima.

– Como não percebe que fazer uma cena com o sr. Valenod, sem provas suficientes, é a mais insigne das inabilidades? Se é invejado, meu caro, de quem é a culpa? De seus talentos; sua sábia administração, seus empreendimentos de bom gosto, o dote que eu lhe trouxe, e sobretudo a herança considerável que podemos esperar de minha boa tia, herança cujo montante exageram muito, fizeram de você a principal figura de Verrières.

– Está esquecendo o nascimento, disse o sr. de Rênal, sorrindo um pouco.

– Você é um dos fidalgos mais distintos da província, retomou prontamente a sra. de Rênal; se o rei tivesse liberdade e pudesse fazer justiça ao nascimento, você certamente figuraria na câmara dos pares etc. E é nessa posição magnífica que quer dar à inveja um motivo de comentário? Falar ao sr. Valenod de sua carta anônima é proclamar a Verrières inteira, que digo?, a Besançon, à província inteira, que esse pequeno burguês, acolhido talvez imprudentemente na intimidade de um Rênal, encontrou um meio de ofendê-lo. Ainda que essas cartas que acaba de ler provassem que respondi ao amor do sr. Valenod, você deveria matar-me, eu o teria merecido cem vezes, mas jamais demonstrar-lhe cólera. Pense que todos os seus vizinhos só esperam um pretexto para vingarem-se de sua superioridade; pense que em 1816 contribuiu para certas detenções. Aquele homem refugiado sob seu teto...

– Acho que você não tem nem consideração nem amizade por mim, exclamou o sr. de Rênal, com toda a amargura que tal lembrança despertava, e eu não fui par!...

– Penso, meu amigo, retomou a sra. de Rênal sorrindo, que serei mais rica que você, que sou sua companheira há doze anos, e que por todos esses motivos tenho o direito de manifestar-me, sobretudo no assunto de hoje. Se em vez de mim prefere um sr. Julien, acrescentou com um despeito mal disfarçado, estou pronta a passar o inverno na casa de minha tia.

Essa frase foi dita com felicidade. Tinha uma firmeza que busca cercar-se de polidez e persuadiu o sr. de Rênal. Mas, segundo o hábito da província, ele falou ainda por muito tempo,

repassou todos os argumentos; sua mulher deixava-o falar, ainda havia cólera em sua voz. Finalmente, duas horas de palavreado inútil esgotaram as forças de um homem que tivera um acesso de cólera a noite inteira. Ele traçou a linha de conduta que seguiria em relação ao sr. Valenod, a Julien e mesmo a Elisa.

Por uma ou duas vezes, durante essa longa cena, a sra. de Rênal esteve a ponto de sentir alguma simpatia pela infelicidade real desse homem, que durante doze anos fora seu amigo. Mas as verdadeiras paixões são egoístas. Aliás, ela esperava a todo instante a confissão da carta anônima que ele recebera na véspera, e essa confissão não veio. Para a segurança da sra. de Rênal, faltava conhecer as ideias que podiam ter insinuado ao homem do qual dependia sua sorte. Pois, na província, os maridos são senhores da opinião. Um marido que se queixa cobre-se de ridículo, coisa a cada dia menos perigosa na França; mas sua mulher, se ele não lhe dá dinheiro, é reduzida à condição de trabalhadora a quinze vinténs por dia, e ainda assim as boas almas têm escrúpulo de empregá-la.

Uma odalisca do serralho pode apesar de tudo amar o sultão; ele é todo-poderoso, ela não tem a menor esperança de subtrair-lhe a autoridade por uma série de pequenas astúcias. A vingança do senhor é terrível, sangrenta, mas militar, generosa: uma punhalada põe fim a tudo. Mas é a golpes de desprezo público que um marido mata sua mulher no século XIX, fechando-lhe as portas de todos os salões.

O sentimento de perigo apossou-se fortemente da sra. de Rênal ao voltar a seus aposentos; ela ficou chocada com a desordem em que encontrou seu quarto. As fechaduras de todos os seus belos cofrinhos haviam sido arrombadas, várias tábuas do soalho estavam removidas. Ele teria sido impiedoso comigo, ela pensou! Estragar desse modo um soalho de madeira que ele aprecia tanto; quando um de seus filhos entra aqui com sapatos molhados, ele fica rubro de cólera. E ei-lo danificado para sempre! A visão dessa violência afastou prontamente as últimas recriminações que ela se fazia por sua vitória demasiado rápida.

Um pouco antes da hora do jantar, Julien chegou com as crianças. Durante a sobremesa, quando os criados retiraram-se, a sra. de Rênal disse-lhe bastante secamente:

– Você disse-me ter vontade de passar uns quinze dias em Verrières, o sr. de Rênal consente em dar-lhe uma dispensa. Pode partir quando quiser. Mas, para que as crianças não sejam prejudicadas, diariamente lhe enviaremos seus temas, que você corrigirá.

– Certamente, acrescentou o sr. de Rênal num tom bastante áspero, não lhe concederei mais de uma semana.

Julien viu em sua fisionomia a inquietude de um homem profundamente atormentado.

– Ele ainda não tomou uma resolução, disse ele à amiga, durante um instante em que ficaram a sós no salão.

A sra. de Rênal contou-lhe rapidamente tudo o que fizera desde a manhã.

– Deixo os detalhes para esta noite, ela acrescentou, rindo.

Perversidade de mulher!, pensou Julien. Que prazer, que instinto as levam a nos enganar?

– Vejo que está ao mesmo tempo iluminada e cega por seu amor, ele disse com alguma frieza; sua conduta de hoje é admirável; mas será prudente tentar nos encontrarmos esta noite? Esta casa está repleta de inimigos; pense no ódio apaixonado que Elisa tem por mim.

– Esse ódio assemelha-se muito à indiferença apaixonada que você teria por mim.

– Mesmo indiferente, devo salvá-la de um perigo no qual a mergulhei. Se eventualmente o sr. de Rênal falar com Elisa, ela pode revelar-lhe tudo com uma palavra. Por que ele não se ocultaria perto de meu quarto, bem armado?...

– Quê! Nem mesmo coragem!, disse a sra. de Rênal, com toda a altivez de uma mulher nobre.

– Nunca me rebaixarei a falar de minha coragem, disse friamente Julien, é uma baixeza. Que o mundo julgue a partir dos fatos! Mas, acrescentou tomando-lhe a mão, você não imagina o quanto lhe quero bem e como me alegro em poder despedir-me antes desta cruel ausência.

Capítulo XXII

MANEIRAS DE AGIR EM 1830

A palavra foi dada ao homem para esconder seu pensamento.

R. P. MALAGRIDA

ASSIM QUE CHEGOU A VERRIÈRES, Julien reprovou sua injustiça para com a sra. de Rênal. Eu a teria desprezado como uma mulherzinha se, por fraqueza, tivesse falhado em sua cena com o sr. de Rênal! Ela age como um diplomata, e simpatizo com o vencido, que é meu inimigo. Há em minha atitude mesquinhez burguesa; minha vaidade está chocada porque o sr. de Rênal é um homem! Ilustre e vasta corporação à qual tenho a honra de pertencer; não passo de um tolo.

O sr. Chélan recusara os alojamentos que os liberais mais considerados da região lhe haviam oferecido, quando sua destituição o expulsou do presbitério. Os dois quartos que ele havia alugado estavam atulhados de livros. Julien, querendo mostrar a Verrières o que era um padre, foi buscar na casa de seu pai uma dúzia de tábuas de madeira, que ele mesmo carregou nas costas ao longo da avenida principal. Pediu emprestadas ferramentas a um ex-companheiro, e logo construiu uma espécie de biblioteca, na qual arrumou os livros do sr. Chélan.

– Eu te julgava corrompido pela vaidade do mundo, dizia-lhe o velho, chorando de alegria; eis um gesto que redime a infantilidade daquele brilhante uniforme de guarda de honra que te fez tantos inimigos.

O sr. de Rênal ordenara a Julien que se hospedasse na casa dele. Ninguém suspeitou o que se passara. No terceiro dia após sua chegada, Julien viu subir até seu quarto ninguém menos que o suprefeito de Maugiron. Foi só depois de duas horas de tagarelice insípida e de grandes jeremiadas sobre a maldade dos homens, sobre a pouca probidade das pessoas encarregadas da administração do dinheiro público, sobre os perigo da pobre França etc. etc., que Julien viu despontar enfim o motivo da visita. Já estavam no patamar da escada, o pobre preceptor semidesvalido reconduzindo com o devido respeito o futuro prefeito de alguma feliz localidade, quando este pôs-se a falar da fortuna de Julien, a louvar sua moderação em assuntos financeiros etc. Enfim, o sr. de Maugiron, abraçando-o com o ar mais paterno, propôs-lhe deixar o sr. de Rênal e passar a trabalhar na casa de um funcionário que tinha filhos a educar e que, como o rei Felipe, agradeceria ao céu não tanto por ter-lhe dado esses filhos, mas por tê-los feitos nascer na vizinhança do sr. Julien. O preceptor deles receberia oitocentos francos de honorários pagáveis não mês a mês, o que não é nobre, disse o sr. de Maugiron, mas por trimestre, e sempre antecipadamente.

Era a vez de Julien que, há uma hora e meia, esperava, entediado, a palavra. Sua resposta foi perfeita, e sobretudo longa como uma pastoral de bispo; ela dava a entender tudo, sem dizer nada claramente. Continha ao mesmo tempo respeito pelo sr. de Rênal, veneração pelo público de Verrières e reconhecimento pelo ilustre subprefeito. Este, surpreso de encontrar

alguém mais jesuíta que ele, tentou em vão obter algo mais preciso. Encantado, Julien aproveitou a ocasião para exercitar-se, e recomeçou sua resposta em outros termos. Ministro eloquente nenhum, usando o final de uma sessão em que a Câmara parece querer despertar, jamais disse menos em mais palavras. Assim que o sr. de Maugiron saiu, Julien pôs-se a rir como um doido. Para aproveitar sua verve jesuítica, escreveu uma carta de nove páginas ao sr. de Rênal, na qual o informava de tudo que lhe disseram e lhe pedia humildemente conselho. Mas esse tratante não me disse o nome da pessoa que faz a oferta, pensou Julien. Será o sr. Valenod, que vê no meu exílio em Verrières o efeito de sua carta anônima?

Despachada a carta, Julien, contente como um caçador que às seis da manhã, num belo dia de outono, chega numa planície abundante em caça, saiu para pedir conselho ao sr. Chélan. Mas, antes de chegar à casa do bom cura, o céu que lhe prometia delícias lançou no seu caminho o sr. Valenod, ao qual ele não ocultou que seu coração estava dilacerado; um pobre rapaz como ele dedicava-se inteiramente à vocação que o céu pusera em seu coração, mas a vocação não era tudo neste mundo. Para trabalhar dignamente na vinha do Senhor, e não ser indigno de tantos sábios colaboradores, era preciso instrução; era preciso frequentar o seminário de Besançon durante dois anos bem dispendiosos; tornava-se portanto indispensável fazer economias, o que era bem mais fácil com um ordenado de oitocentos francos pagos por trimestre do que com seiscentos francos consumidos mês a mês. Por outro lado, o céu, ao colocá-lo junto dos meninos de Rênal, e sobretudo fazendo-o ter por eles uma feição especial, não parecia indicar-lhe a inconveniência de abandonar essa educação por uma outra?...

Julien atingiu tamanho grau de perfeição nesse tipo de eloquência, a qual substituiu a rapidez de ação do império, que acabou por aborrecer-se ele próprio com o som de suas palavras.

Ao voltar para casa, encontrou um criado do sr. Valenod, em libré, que o procurava por toda a cidade, com um convite para almoçar nesse mesmo dia.

Julien jamais fora até a casa desse homem; apenas alguns dias antes, só pensava na maneira de dar-lhe uma saraivada de pau sem envolver-se com a polícia correcional. Embora o almoço estivesse marcado para a uma da tarde, Julien achou mais respeitoso apresentar-se já ao meio-dia e trinta no gabinete de trabalho do diretor do asilo. Encontrou-o ostentando sua importância em meio a uma quantidade de papéis. Suas grossas suíças negras, a quantidade enorme de cabelos, o barrete grego colocado obliquamente no alto da cabeça, o cachimbo imenso, as pantufas bordadas, as grossas correntes de ouro cruzadas em todos os sentidos sobre o peito, toda essa pompa de um financista de província que se julga um homem afortunado, nada disso impressionou Julien; ele só pensava na saraivada de pau que lhe devia.

Ele pediu a honra de ser apresentado à sra. Valenod; ela estava em sua toalete e não podia receber. Em compensação, ele pôde assistir à do diretor do asilo. Foram em seguida até os aposentos da sra. Valenod que, com lágrimas nos olhos, lhe apresentou os filhos. Essa dama, uma das mais consideradas de Verrières, tinha uma cara grande de homem, na qual pusera ruge para essa importante cerimônia. Ela manifestou todo o sentimento materno.

Julien pensava na sra. de Rênal. Sua desconfiança só era suscetível a esse tipo de lembranças suscitadas pelos contrastes, mas então era possuído por elas até o enternecimento.

Tal disposição foi aumentada pelo aspecto da casa do diretor do asilo, que o fizeram visitar. Tudo ali era magnífico e novo, e diziam-lhe o preço de cada móvel. Mas Julien via nisso algo de ignóbil, que exalava a dinheiro roubado. Todos, inclusive os criados, davam a impressão de assegurar sua posição contra o desprezo.

O coletor de impostos, o homem dos tributos indiretos, o oficial da gendarmeria e mais dois ou três funcionários públicos chegaram com suas mulheres. Foram seguidos de alguns liberais ricos. Anunciaram o almoço. Julien, já bastante indisposto, pôs-se a pensar que, do outro lado da parede da sala de jantar, achavam-se pobres detentos cuja porção de carne talvez tivesse sido economizada para comprar todo aquele luxo de mau gosto com que queriam impressioná-lo.

Talvez estejam com fome neste momento, disse a si mesmo; sua garganta contraiu-se, foi-lhe impossível comer e quase falar. O pior aconteceu um quarto de hora mais tarde; de quando em quando ouviam-se trechos de uma canção popular e um tanto ignóbil, deve-se admitir, que um dos reclusos cantava. O sr. Valenod olhou para um dos homens de libré, que desapareceu e logo não se ouviu mais cantar. Nesse momento, um criado oferecia a Julien vinho do Reno, num copo verde, e a sra. Valenod apressava-se a dizer-lhe que esse vinho custava nove francos a garrafa. Segurando seu copo verde, Julien disse ao sr. Valenod:

– Pararam de cantar aquela canção popular.

– De fato, estou percebendo, respondeu o diretor triunfante, mandei impor silêncio aos indigentes.

Essa frase foi muito forte para Julien; ele tinha as maneiras, mas não ainda o coração de sua posição social. Apesar de toda a sua hipocrisia tão frequentemente praticada, sentiu uma grossa lágrima escorrer-lhe pela face.

Tentou ocultá-la com o copo verde, mas foi-lhe absolutamente impossível elogiar o vinho do Reno. *Impedi-lo de cantar*!, ele pensava, ó meu Deus! e tu suportas isso!

Por sorte, ninguém notou seu enternecimento inadequado. O coletor de impostos havia entoado uma canção realista. Durante o refrão, cantado em coro, a consciência de Julien dizia-se: Eis aí a fortuna imunda a que chegarás, e somente a terás nessa condição e em tal companhia! Terás talvez um cargo de 20 mil francos, mas será preciso que, enquanto te empanturras de carne, impeças de cantar o pobre prisioneiro; oferecerás almoços com o dinheiro que tiveres roubado de sua miserável ração, e durante teu almoço ele será ainda mais infeliz! – Ó Napoleão! Como era doce em teu tempo chegar à fortuna pelos perigos de uma batalha, em vez de aumentar covardemente o sofrimento do miserável!

Confesso que a fraqueza que Julien demonstra nesse monólogo me sugere uma pobre opinião a seu respeito. Ele seria digno de figurar entre os conspiradores de luvas amarelas, que pretendem mudar toda a maneira de ser de um grande país e não querem sofrer o menor arranhão.

Julien foi violentamente chamado a seu papel. Não era para sonhar e não dizer nada que o haviam convidado a almoçar em tão boa companhia.

Um fabricante de tecidos aposentado, membro correspondente da academia de Besançon e da de Uzès, dirigiu-lhe a palavra, de uma extremidade à outra da mesa, para perguntar-lhe se era verdade o que diziam de seus progressos espantosos no estudo do Novo Testamento.

Um silêncio profundo fez-se de repente; um Novo Testamento em latim apareceu como por encanto nas mãos do instruído membro de duas academias. Ante a resposta de Julien, foi lida meia frase latina ao acaso. Ele recitou: sua memória permaneceu fiel, e o prodígio foi admirado com toda a ruidosa energia de um fim de almoço. Julien olhava as faces iluminadas das damas; algumas não eram feias. Ele distinguira a mulher do coletor de impostos cantador.

– Na verdade envergonho-me de falar tanto tempo em latim diante dessas damas, disse ele, fitando-a. Se o sr. Rubigneau – era o membro das duas academias – tiver a bondade de ler ao acaso uma frase latina, em vez de responder seguindo o texto latino, tentarei traduzi-la de improviso.

Essa segunda prova elevou ao auge sua glória.

Havia ali vários liberais ricos, mas felizes pais de crianças que podiam obter bolsas, e, nessa qualidade, subitamente convertidos desde a última missão. Apesar desse aspecto de fina política, o sr. de Rênal jamais quisera recebê-los em casa. Esses bons senhores, que só conheciam Julien de reputação e por tê-lo visto a cavalo no dia da chegada do rei de ***, eram seus mais ruidosos admiradores. Quando esses tolos se cansarão de escutar esse estilo bíblico, do qual nada compreendem?, ele pensava. Ao contrário, esse estilo os divertia por sua estranheza, os fazia rir. Mas Julien cansou-se.

Levantou-se gravemente quando soaram seis horas e falou de um capítulo da nova teologia de Ligório, que tinha de estudar para recitá-lo no dia seguinte ao sr. Chélan. Pois meu ofício, acrescentou de maneira agradável, é fazer recitar lições e recitá-las eu mesmo.

Riram muito, mostraram admiração; tal é o espírito habitual de Verrières. Julien já estava de pé, todos se levantaram, apesar do costume; tal é a força do gênio. A sra. Valenod o reteve ainda por um quarto de hora; insistiu que ele ouvisse as crianças recitarem seu catecismo; elas fizeram confusões as mais engraçadas, que só ele percebeu. Absteve-se de apontá-las. Que ignorância dos primeiros princípios da religião!, pensava. Despediu-se enfim e acreditava poder escapar, mas teve de aguentar ainda uma fábula de La Fontaine.

– Esse autor é muito imoral, disse Julien à sra. Valenod; certa fábula sobre o monsenhor Jean Chouart ousa lançar no ridículo o que há de mais venerável. Ele é vivamente criticado pelos melhores comentadores.

Antes de sair, Julien recebeu quatro ou cinco convites para almoçar. Esse jovem engrandece a região, exclamavam muito alegres todos os convivas ao mesmo tempo. Chegaram a falar de uma pensão votada sobre os fundos da comuna, para dar-lhe condições de continuar seus estudos em Paris.

Enquanto essa ideia imprudente ecoava na sala de jantar, Julien alcançara com presteza o portão. Ah! Canalha! Canalha!, disse em voz baixa três ou quatro vezes seguidas, dando-se o prazer de respirar o ar puro.

Naquele momento considerava-se inteiramente aristocrata, ele que por muito tempo sentira-se tão chocado com o sorriso desdenhoso e a superioridade altaneira que percebia no fundo de todas as amabilidades que lhe faziam na casa do sr. de Rênal. Não pôde deixar de sentir a extrema diferença. Esqueçamos até, dizia a si mesmo ao afastar-se, que se trata de dinheiro roubado aos pobres detentos, e ainda que os impedem de cantar! Jamais ocorreu ao sr. de Rênal dizer a seus hóspedes o preço de cada garrafa de vinho que lhes apresenta. E esse

sr. Valenod, na enumeração de suas propriedades, repetida a toda hora, não consegue falar de sua casa, de seu domínio etc., se sua mulher está presente, sem dizer *tua* casa, *teu* domínio.

Essa dama, aparentemente tão sensível ao prazer da propriedade, fizera uma cena abominável, durante o almoço, a um criado que quebrara um de seus cálices, desemparelhando uma de suas dúzias; e esse criado respondera com a maior insolência.

Que gente!, dizia-se Julien; mesmo que me dessem a metade de tudo o que roubam, não viveria com eles. Um dia acabaria por me trair; não conseguiria reter a expressão do desprezo que me inspiram.

Mas foi preciso, de acordo com as ordens da sra. de Rênal, frequentar vários almoços do mesmo gênero; Julien ficou na moda. Perdoavam-lhe seu traje de guarda de honra, ou melhor, essa imprudência era a causa verdadeira de seus sucessos. Logo não se falou de outra coisa em Verrières senão de ver quem levaria a melhor na luta para obter o instruído rapaz: o sr. de Rênal ou o diretor do asilo. Esses senhores formavam com o sr. Maslon um triunvirato que há muito tiranizava a cidade. O prefeito era alvo de invejas, os liberais tinham do que se queixar dele; no entanto, era nobre e feito para a superioridade, ao passo que o pai do sr. Valenod deixara-lhe apenas 600 luíses de renda. Em relação a ele, fora preciso passar da piedade pelas roupas simples com que todos o haviam conhecido na juventude, à inveja por seus cavalos normandos, por suas correntes de ouro, por seus trajes vindos de Paris, por toda a sua prosperidade atual.

Na onda desse mundo novo para Julien, ele acreditou descobrir um homem honesto; era um geômetra, chamava-se Gros e passava por jacobino. Tendo decidido só dizer coisas que lhe pareciam falsas a si mesmo, Julien foi obrigado a acautelar-se em relação ao sr. Gros. De Vergy chegavam-lhe grandes pacotes de temas. Aconselhavam-no a ver com frequência seu pai, e ele conformava-se a essa triste necessidade. Em suma, ele compunha bastante bem sua reputação, quando certa manhã foi surpreendido ao ser despertado por duas mãos que lhe tapavam os olhos.

Era a sra. de Rênal, que fizera uma viagem à cidade e, subindo apressadamente a escada e deixando os filhos ocupados com um coelho de estimação, chegara ao quarto de Julien alguns instantes antes deles. Foi um momento delicioso, mas muito curto: a sra. de Rênal já se afastara quando os garotos chegaram com o coelho, que queriam mostrar a seu amigo. Julien acolheu bem a todos, inclusive ao coelho. Parecia-lhe reencontrar sua família; sentiu que amava esses garotos, que gostava de tagarelar com eles. Admirava-lhes a doçura da voz, a simplicidade e a nobreza das atitudes; tinha necessidade de lavar sua imaginação de todas as maneiras de agir vulgares, de todos os pensamentos desagradáveis em meio aos quais respirava em Verrières, onde sempre havia o temor de falhar, onde o luxo e a miséria puxavam-se os cabelos. As pessoas em cuja casa almoçava faziam, a propósito de um assado, confidências humilhantes para elas e nauseabundas para quem as ouvia.

– Vocês, nobres, têm razão de ser orgulhosos, ele dizia à sra. de Rênal. E contava-lhe todos os almoços que tivera de suportar.

– Com que então você está na moda! E ela ria de bom grado, pensando no ruge que a sra. Valenod julgava-se obrigada a pôr toda vez que esperava Julien. Acho que ela tem projetos para o seu coração, acrescentava.

O desjejum foi delicioso. A presença das crianças, aparentemente incômoda, na verdade aumentava a felicidade comum. Essas pobres crianças não sabiam como demonstrar sua alegria de rever Julien. Os criados não haviam deixado de contar-lhes que lhe ofereciam 200 francos a mais para educar os pequenos Valenod.

No meio da refeição, Stanislas-Xavier, ainda pálido de sua enfermidade, perguntou de repente à mãe quanto valiam sua colher de prata e a taça na qual bebia.

– Por que isso?

– Quero vendê-las para dar o dinheiro ao sr. Julien, para que ele não seja bobo ficando conosco.

Julien abraçou-o, com lágrimas nos olhos. Sua mãe chorava, enquanto Julien, que pusera Stanislas sobre os joelhos, explicava-lhe que não devia usar a palavra bobo que, empregada nesse sentido, era uma maneira de falar de lacaios. Vendo o prazer que causava à sra. de Rênal, ele procurou explicar, com exemplos pitorescos que divertiam as crianças, o que era ser bobo.

– Compreendo, disse Stanislas, é o corvo que deixa cair o queijo, que a raposa, bajuladora, apanha.

Repleta de alegria, a sra. de Rênal cobria os filhos de beijos, o que não podia fazer sem apoiar-se um pouco sobre Julien.

De repente, a porta abriu-se; era o sr. de Rênal. Seu rosto severo e descontente produziu um estranho contraste com a doce alegria que sua presença expulsava. A sra. de Rênal empalideceu; não se sentia em condições de negar o que quer que fosse. Julien tomou a palavra e, falando alto, pôs-se a contar ao prefeito a história da taça de prata que Stanislas queria vender. Ele tinha certeza de que essa história seria mal acolhida. Inicialmente, o sr. de Rênal franziu a sobrancelha, por hábito, só de ouvir o nome prata. A menção desse metal, ele dizia, é sempre um prefácio a algum achaque sobre meu dinheiro.

Mas aqui havia mais do que interesse de dinheiro; havia um aumento de suspeitas. O ar de felicidade que animava sua família na ausência dele não ajudava a facilitar as coisas, num homem dominado por uma vaidade tão suscetível. Como sua mulher elogiasse a maneira cheia de graça e de espírito com que Julien dava ideias novas a seus alunos, ele respondeu:

– Sim! Sim! Eu sei, ele torna-me odioso a meus filhos; para ele é cem vezes mais fácil ser amável com eles do que para mim, que afinal sou o chefe. Neste século, tudo tende a lançar o ódio contra a autoridade legítima. Pobre França!

A sra. de Rênal não se deteve a examinar as nuances da acolhida que lhe dava o marido. Ela acabava de entrever a possibilidade de passar doze horas com Julien. Tinha uma série de compras a fazer na cidade e declarou que fazia questão de almoçar no cabaré; independentemente do que o marido pudesse dizer ou fazer, insistiu na ideia. As crianças ficaram encantadas com a simples palavra cabaré, que a falsa virtude moderna pronuncia com tanto prazer.

O sr. de Rênal deixou sua mulher na primeira loja de novidades onde ela entrou, para ir fazer algumas visitas. Voltou mais carrancudo que de manhã; estava convencido de que a cidade inteira ocupava-se dele e de Julien. Em verdade, ninguém ainda lhe fizera suspeitar a parte ofensiva do falatório público. Os que tinham mexericado sobre o sr. prefeito queriam

saber apenas se Julien ficaria com ele por 600 francos, ou se aceitaria os 800 oferecidos pelo diretor do asilo.

Este último, que encontrou o sr. de Rênal nas rodas da sociedade, demonstrou-lhe frieza, conduta não desprovida de habilidade. Há pouco despropósito na província; ali as sensações são tão raras que as pessoas as aproveitam inteiramente.

O sr. Valenod era o que chamam, a cem léguas de Paris, um gabarola, uma espécie de indivíduo impudente e grosseiro. Sua existência triunfante, desde 1815, reforçara suas belas disposições. Ele reinava, por assim dizer, em Verrières, sob as ordens do sr. de Rênal; mas, sendo muito mais ativo, não se envergonhando de nada, intrometendo-se em tudo, mexendo-se sem parar, escrevendo, falando, esquecendo as humilhações, não tendo nenhuma pretensão pessoal, acabara por abalar o crédito do prefeito aos olhos do poder eclesiástico. O sr. Valenod dissera, de certo modo, aos quitandeiros da região: dêem-me os dois mais tolos dentre vocês; aos homens da lei: indiquem-me os dois mais ignaros; aos funcionário da saúde: designem-me os dois mais charlatães. Depois de reunir os mais impudentes de cada profissão, dissera-lhes: reinemos juntos.

Os modos dessa gente feriam o sr. de Rênal. A grosseria de Valenod não se ofendia com nada, nem mesmo com os desmentidos que o padre Maslon não lhe poupava em público.

Mas, em meio a essa prosperidade, o sr. Valenod tinha necessidade de confortar-se por pequenas insolências de detalhe contra as grandes verdades que ele sentia que todos tinham o direito de lançar-lhe. Sua atividade redobrara depois dos temores que lhe deixara a visita do sr. Appert: fizera três viagens a Besançon; escrevia várias cartas a cada correio; enviava outras por desconhecidos que passavam em sua casa ao cair da noite. Talvez tivesse agido mal ao fazer destituir o velho cura Chélan; pois essa atitude vindicativa o fizera ser visto, por vários devotos de bom nascimento, como um homem profundamente mau. Aliás, esse serviço prestado o pusera na dependência absoluta do vigário-geral de Frilair, do qual recebia estranhas incumbências. Sua política estava nesse ponto quando cedeu ao prazer de escrever uma carta anônima. Para aumentar a confusão, sua mulher declarou-lhe que queria ter Julien em sua casa, e a vaidade subira-lhe à cabeça.

Nessa posição, o sr. Valenod previa um confronto com seu antigo aliado, o sr. de Rênal. Este lhe diria palavras duras, o que pouco lhe importava; mas o prefeito podia escrever a Besançon, ou mesmo a Paris. O primo de algum ministro podia aparecer de repente em Verrières e arrebatar-lhe o asilo de mendicidade. O sr. Valenod pensou em aproximar-se dos liberais; por isso vários deles haviam comparecido ao almoço para o qual Julien fora convidado. Ele teria sido fortemente apoiado contra o prefeito. Mas eleições podiam sobrevir, e era evidente que o asilo e um mau voto eram incompatíveis. O relato dessa política, muito bem adivinhada pela sra. de Rênal, fora feito a Julien, enquanto este dava-lhe o braço para acompanhá-la de uma loja a outra, e aos poucos foram levados ao Passeio da Fidelidade, onde passaram várias horas, quase tão tranquilas quanto em Vergy.

Nesse meio tempo, o sr. Valenod tentava evitar um confronto com o antigo chefe, assumindo ele próprio um ar audacioso em relação a este. Nesse dia o sistema funcionou, mas fez crescer a irritação do prefeito.

Nunca a vaidade em conflito com tudo o que o amor ao dinheiro pode ter de mais áspero e

mesquinho pôs um homem num estado mais lamentável do que aquele no qual se achava o sr. de Rênal, ao entrar no cabaré. Nunca, ao contrário, seus filhos haviam estado mais alegres e felizes. Esse contraste o espicaçou ainda mais.

– Pelo que vejo, estou sendo demais em minha família! disse ele ao entrar, querendo dar um tom imponente a essas palavras.

Como única resposta, sua mulher tomou-o à parte e falou da necessidade de afastar Julien. As horas de felicidade que ela acabava de passar haviam lhe dado o desembaraço e a firmeza necessários para seguir o plano de conduta que meditava há quinze dias. Para completar a perturbação do pobre prefeito de Verrières, ele sabia que gracejavam publicamente, na cidade, de seu apego ao dinheiro. O sr. Valenod era generoso como um ladrão, enquanto ele conduzira-se de maneira mais prudente do que brilhante nas cinco ou seis últimas arrecadações para a confraria de São José, para a congregação da Virgem, para a congregação do Santo-Sacramento etc.

Entre os fidalgos provincianos de Verrières e dos arredores, habilmente classificados no registro dos frades coletores segundo o montante de suas oferendas, o nome do sr. de Rênal aparecera mais de uma vez em último lugar. Em vão ele dizia que não ganhava nada. O clero não brinca em tal assunto.

Capítulo XXIII

DESGOSTOS DE UM FUNCIONÁRIO

Il piacere di alzar la testa tutto l'anno è ben pagato da certi quarti d'ora che bisogna passar.

CASTI

MAS DEIXEMOS ESSE HOMENZINHO COM SEUS TEMORES; por que admitiu ele em sua casa um homem corajoso, quando precisava da alma de um criado? Não sabe escolher seu pessoal? O procedimento comum do século XIX é que, quando um indivíduo poderoso e nobre depara com um homem corajoso, ele o mata, o exila, o aprisiona ou o humilha de tal maneira que o outro comete a tolice de morrer de dor. Por acaso, aqui não é ainda o homem corajoso que sofre. A grande infelicidade das cidadezinhas da França e dos governos por eleições, como o de Nova York, é não poder esquecer que há no mundo indivíduos como o sr. de Rênal. Numa cidade de 20 mil habitantes, esses homens fazem a opinião pública, e a opinião pública é terrível num país que tem a constituição. Um homem dotado de uma alma nobre, generosa e que foi vosso amigo, mas que habita a cem léguas, vos julga pela opinião pública de vossa cidade, a qual é feita pelos tolos que o acaso fez nascerem nobres, ricos e moderados. Infeliz de quem se distingue!

Logo depois do almoço, tornaram a partir para Vergy; mas daí a dois dias Julien viu toda a família voltar a Verrières.

Não havia transcorrido uma hora quando, para seu grande espanto, ele descobriu que a sra. de Rênal fazia-lhe mistério de alguma coisa. Interrompia as conversas com o marido assim que ele se aproximava e parecia quase desejar que se afastasse. Ele tornou-se frio e reservado. A sra. de Rênal percebeu e não buscou explicações. Vai ela dar-me um sucessor?, pensou Julien. Ainda anteontem, tão íntima comigo! Mas é assim, dizem, que essas grandes damas agem. São como os reis, amáveis mais que nunca com o ministro que, ao voltar para casa, encontrará sua carta de exoneração.

Julien notou que nessas conversas, que cessavam bruscamente à sua aproximação, era seguidamente mencionada uma grande casa pertencente à comuna de Verrières, velha, porém ampla e cômoda, e situada defronte à igreja, na parte mais comercial da cidade. Que pode haver de comum entre essa casa e um novo amante?, pensou Julien. Em sua mágoa, ele repetia estes belos versos de Francisco I, que lhe pareciam novos porque fazia apenas um mês que os ouvira da sra. de Rênal. Então, por quantos juramentos, por quantas carícias ela não os havia desmentido!

Mulher a todo instante varia,
Muito louco é quem nela se fia.

O sr. de Rênal partiu para Besançon na carruagem do correio. Essa viagem foi decidida em duas horas, ele parecia muito atormentado. Ao voltar, jogou um grande pacote coberto de

papel cinza sobre a mesa.

– Eis aí essa coisa estúpida, disse à mulher.

Um hora depois, Julien viu o afixador de cartazes levar esse grande pacote; seguiu-o com empenho. Saberei o segredo na primeira esquina.

Impaciente, esperava parado atrás do homem que, com o pincel, passava cola no verso do cartaz. Assim que este foi instalado, a curiosidade de Julien leu o anúncio detalhado da locação, por leilão público, daquela velha casa mencionada com frequência nas conversas do sr. de Rênal com a mulher. A adjudicação do arrendamento estava marcada para o dia seguinte às duas da tarde, no salão da comuna, depois de apagada a terceira vela.[5] Julien ficou bastante desapontado; o prazo parecia-lhe um tanto curto; de que maneira todos os concorrentes teriam tempo de ser avisados? Mas, de resto, esse cartaz, datado de quinze dias antes e que ele releu por inteiro em três lugares diferentes, nada lhe esclarecia.

Foi visitar a casa a alugar. Não o vendo aproximar-se, o porteiro dizia misteriosamente a um vizinho:

– Qual! Trabalho perdido. O sr. Maslon prometeu-lhe que a teria por 300 francos; e, como o prefeito relutasse, foi notificado a comparecer no bispado, pelo vigário-geral de Frilair.

A chegada de Julien pareceu perturbar os dois amigos, que logo se calaram.

Julien não deixou de ir ao leilão. Uma multidão reunia-se numa sala mal iluminada e todos se mediam de um modo singular. Julien notou que os olhares dirigiam-se a uma mesa onde, num prato de estanho, havia três tocos de vela acesos. O leiloeiro gritava: *300 francos, senhores*!

– Trezentos francos! É muito bom, disse um homem em voz baixa ao vizinho, e Julien estava entre os dois. Ela vale mais de 800; vou cobrir esse lance.

– É cuspir para cima. Que ganharás tendo às costas o sr. Maslon, o sr. Valenod, o bispo, seu terrível vigário-geral de Frilar e toda a corja?

– Trezentos e vinte francos, disse o outro, gritando.

– Seu estúpido!, disse o vizinho. E olha aí, justamente, um espião do prefeito, acrescentou, mostrando Julien.

Julien voltou-se vivamente para punir o insulto, mas os dois já não davam atenção a ele, o que fez que se acalmasse. Nesse momento apagou-se o último toco de vela, e a voz arrastada do leiloeiro adjudicava a casa, por nove anos, ao sr. de Saint-Giraud, chefe de departamento na Prefeitura de ***, e por 330 francos.

Assim que o prefeito deixou a sala, começaram os murmúrios.

– Lá se vão trinta francos que a imprudência de Grogeot custa à comuna, dizia um.

– Que infâmia!, dizia um homem gordo à esquerda de Julien. Uma casa pela qual eu teria dado 800 francos para minha fábrica e teria feito bom negócio.

– Qual!, respondia-lhe um jovem fabricante liberal, o sr. de Saint-Giraud não é da Congregação? Seus quatro filhos não têm bolsas? Coitado! A comuna de Verrières terá de dar-lhe um auxílio suplementar de 500 francos, eis tudo.

– E dizer que o prefeito não pôde impedi-lo!, observava um terceiro. Pois ele é conservador, quando lhe convém, mas não rouba.

– Não rouba? replicou um outro. É porque é trouxa quem rouba. Tudo isso vai para uma

grande bolsa comum e é partilhado ao cabo de um ano. Mas olha aí o pequeno Sorel; vamos embora.

Julien voltou para casa de mau humor; encontrou a sra. de Rênal muito triste.

– Está vindo do leilão?, ela perguntou.

– Sim, senhora, onde tive a honra de passar por espião do sr. prefeito.

– Se ele tivesse acreditado em mim, teria feito uma viagem.

Nesse momento, o sr. de Rênal chegou. Estava muito sombrio. Durante a refeição ninguém falou nada. O sr. de Rênal ordenou a Julien que acompanhasse as crianças a Vergy. Foi uma viagem triste. A sra. de Rênal consolava o marido:

– Você deveria estar acostumado a isso, meu amigo.

À noite sentaram-se em silêncio em volta da lareira; o estalido da lenha inflamada era a única distração. Era um desses momentos de tristeza que acontecem mesmo nas famílias mais unidas. De repente, uma das crianças exclamou com alegria:

– A campainha! A campainha!

– Com os diabos! Se é o sr. de Saint-Giraud que vem apoquentar-me sob pretexto de agradecimento, disse o prefeito, ele ouvirá o que merece; é demais. O Valenod é o responsável e sou eu que me comprometo. E se os malditos jornais jacobinos se apoderarem dessa anedota e fizerem de mim um bobo?

Um homem muito simpático, com grossas suíças negras, entrava nesse momento acompanhando o criado.

– Sr. prefeito, sou o *signor* Geronimo. Aqui está uma carta que o cavaleiro de Beauvoisis, adido na embaixada de Nápoles, mandou-me entregar-lhe em minha partida. Isso faz apenas nove dias, acrescentou o *signor* Geronimo, olhando com uma expressão alegre a sra. de Rênal. O *signor* de Beauvoisis, vosso primo e meu bom amigo, senhora, disse que sabeis italiano.

O bom humor do napolitano transformou a triste noitada numa noitada alegre. A sra. de Rênal fez questão de oferecer-lhe uma janta. Pôs toda a casa em movimento; queria a todo preço fazer Julien esquecer o qualificativo de espião que, por duas vezes na jornada, ressoara em seus ouvidos. O *signor* Geronimo era um cantor célebre, homem de boas maneiras, e não obstante muito divertido, qualidades que, na França, já não são compatíveis. Depois da janta, cantou um pequeno dueto com a sra. de Rênal. Contou histórias encantadoras. À uma da madrugada, os meninos protestaram quando Julien propôs que fossem dormir.

– Mais uma história, disse o mais velho.

– É a minha, *signorino*, respondeu Geronimo. Há oito anos eu era, como você, um jovem aluno do conservatório de Nápoles, quero dizer, tinha a sua idade; mas não tinha a honra de ser o filho do ilustre prefeito da bela cidade de Verrières.

Essa frase fez o sr. de Rênal suspirar. Ele olhou para sua mulher.

– O *signor* Zingarelli, continuou o jovem cantor, exagerando um pouco seu sotaque que fazia rebentar de rir as crianças, o *signor* Zingarelli era um mestre excessivamente severo. Ele não é amado no Conservatório, mas quer que ajam sempre como se o amassem. Sempre que eu podia, saía para ir ao teatro de San-Carlino, onde ouvia uma música dos deuses. Mas, ó Deus! como fazer para conseguir os oito vinténs do ingresso na plateia? Quantia enorme, disse ele, olhando as crianças que continuavam a rir. O *signor* Giovannone, diretor do San-Carlino,

ouviu-me cantar. Eu tinha dezesseis anos: Esse menino é um tesouro.

– Queres que te contrate, meu caro amigo?, ele me perguntou.

– E quanto o senhor me dará?

– Quarenta ducados por mês. Senhores, isso representa 60 francos. Acreditei ver os céus abertos.

– Mas como obter, disse eu a Giovannone, que o severo Zingarelli me deixe sair?

– *Lascia fare a me*.

– Deixe comigo! disse o mais velho dos meninos.

– Justamente, meu jovem senhor. O *signor* Giovannone me disse: *Caro*, primeiro um pequeno contrato. Eu assino, ele me dá três ducados. Nunca tinha visto tanto dinheiro. Depois ele me disse o que eu devia fazer.

No dia seguinte, peço uma audiência ao terrível *signor* Zingarelli. Seu velho mordomo me faz entrar:

– Que queres, sacripanta? disse Zingarelli.

– Maestro, arrependo-me de minhas faltas; nunca mais sairei do Conservatório passando por cima da grade de ferro. Serei mais aplicado.

– Se eu não temesse estragar a mais bela voz de baixo que jamais ouvi, te poria na prisão a pão e água por quinze dias, descarado.

– Maestro, continuei, serei o modelo de toda a escola, *credete a me*. Mas peço-lhe um favor: se alguém vier pedir-me para cantar fora, recuse. Por favor, diga que não.

– E quem faria tal pedido a um safado como tu? E acaso eu permitiria que deixasses o Conservatório? Estás querendo zombar de mim? Fora daqui! disse ele, tentando dar-me um pontapé no traseiro, e lembra do pão seco e da prisão.

Uma hora depois, o *signor* Giovannone chega à casa do diretor:

– Venho pedir-lhe para fazer minha fortuna, concede-me Geronimo. Se ele cantar em meu teatro, no próximo inverno caso minha filha.

– Que queres fazer com esse sacripanta? disse-lhe Zingarelli. Não concedo, não o terás; e, mesmo que eu consentisse, ele jamais deixará o Conservatório, acaba de jurar-me isso.

– Se depende apenas da vontade dele, disse gravemente Giovannone, tirando do bolso meu contrato, *carta canta*! Aqui está sua assinatura.

Zingarelli, furioso, imediatamente pendura-se à campainha:

– Expulsem Geronimo do Conservatório! bradou, fervendo de cólera. Assim fui expulso, rindo às gargalhadas. Na mesma noite cantei a ária *del Moltiplico*. Polichinelo quer casar-se e conta nos dedos os objetos que precisará em sua casa, e nesse cálculo atrapalha-se a todo instante.

– Ah! Cante-nos essa ária, senhor, disse a sra. de Rênal.

Geronimo cantou e todos choraram de tanto rir. O *signor* Geronimo só foi deitar-se às duas da madrugada, deixando a família encantada com suas boas maneiras, sua complacência e sua alegria.

No dia seguinte, o sr. e a sra. de Rênal entregaram-lhe as cartas que ele precisava para a corte da França.

Assim, por toda parte a falsidade, pensou Julien. Eis aí o *signor* Geronimo que vai a

Londres com 60 mil francos de ordenados. Sem a perspicácia do diretor do San-Carlino, sua voz divina talvez só viesse a ser conhecida e admirada dez anos mais tarde... Palavra que eu preferia ser um Geronimo do que um Rênal. Ele não é tão honrado na sociedade, mas não tem o desgosto de fazer adjudicações como a de ontem, e sua vida é alegre.

Uma coisa espantava Julien: as semanas solitárias passadas em Verrières, na casa do sr. de Rênal, haviam sido para ele um período de felicidade. Só tivera desgostos e tristes pensamentos nos almoços que lhe ofereceram; nessa casa solitária, não podia ele ler, escrever, refletir sem ser perturbado? Em nenhum momento era arrancado de seus devaneios brilhantes pela cruel necessidade de estudar os movimentos de uma alma mesquinha, a fim de enganá-la por atitudes ou palavras hipócritas.

Estaria a felicidade tão perto de mim?... A despesa de uma vida como essa é pequena; posso escolher casar-me com a srta. Elisa, ou associar-me a Fouqué... O andarilho que acaba de escalar uma montanha íngreme senta-se no topo e encontra um prazer perfeito em repousar. Mas seria ele feliz se o forçassem a repousar sempre?

O espírito da sra. de Rênal chegara a pensamentos fatais. Contrariando suas resoluções, ela confessara a Julien o negócio da adjudicação. Assim ele me fará esquecer todos os meus juramentos, ela pensava.

Ela teria sacrificado a vida sem hesitar para salvar a do marido, se a visse em perigo. Era uma dessas almas nobres e romanescas para as quais perceber a possibilidade de uma ação generosa e não fazê-la produzia um remorso quase igual ao do crime cometido. Contudo, havia dias funestos em que não podia afastar a imagem do excesso de felicidade que teria se, ficando de repente viúva, pudesse desposar Julien.

Ele amava seus filhos mais do que o pai deles; apesar de sua justiça severa, era adorado por eles. Ela sentia que, desposando Julien, teria de deixar Vergy, de cuja sombra dos arvoredos tanto gostava. Via-se vivendo em Paris, continuando a dar aos filhos aquela educação que todos admiravam. Seus filhos, ela, Julien, todos perfeitamente felizes.

Estranho efeito do casamento, tal como o produz o século XIX! O tédio da vida matrimonial faz seguramente morrer o amor, quando o amor precedeu o casamento. No entanto, diria um filósofo, ele gera em seguida, nas pessoas bastante ricas para não trabalharem, um cansaço profundo de todos os gozos tranquilos. E somente as almas secas, entre as mulheres, não buscam de novo o amor.

A reflexão do filósofo faz-me escusar a sra. de Rênal, mas não a escusavam em Verrières; sem que ela suspeitasse, toda a cidade só se ocupava do escândalo de seus amores. Por causa desse grande caso, naquele outono as pessoas aborreceram-se menos que de costume.

O outono e uma parte do inverno passaram muito depressa. Foi preciso deixar os bosques de Vergy. A boa sociedade de Verrières começava a indignar-se de que seus anátemas causassem tão pouca impressão no sr. de Rênal. Em menos de oito dias, pessoas graves, que compensam sua seriedade habitual pelo prazer de cumprir tais missões, insinuaram-lhe as suspeitas mais cruéis, mas servindo-se dos termos mais comedidos.

O sr. Valenod, que procedia com cautela, colocara Elisa numa família nobre e muito considerada, onde havia cinco mulheres. Temendo não achar emprego durante o inverno, ela pedira a essa família apenas dois terços do que recebia na casa do sr. prefeito.

Espontaneamente, essa moça tivera a excelente ideia de confessar-se com o ex-cura Chélan e ao mesmo tempo com o novo, a fim de contar detalhes dos amores de Julien a ambos.

Um dia depois de sua chegada, já às seis horas da manhã, o abade Chélan mandou chamar Julien:

– Não lhe peço nada, ele disse; suplico e, se for preciso, ordeno que nada me diga, mas exijo que dentro de três dias parta para o seminário de Besançon ou para a casa de seu amigo Fouqué, que está sempre disposto a proporcionar-lhe um magnífico futuro. Já previ tudo, arranjei tudo; mas é preciso partir e só voltar a Verrières daqui a um ano.

Julien nada respondeu; ele examinava se sua honra devia julgar-se ofendida com os cuidados que o sr. Chélan, que afinal não era seu pai, tivera em relação a ele.

– Amanhã, à mesma hora, terei a honra de revê-lo, disse enfim ao cura.

O sr. Chélan, que contava levar grande vantagem na luta com um homem tão jovem, falou muito. Dissimulado na atitude e na fisionomia mais humilde, Julien não abriu a boca.

Saiu, finalmente, e foi correndo prevenir a sra. de Rênal, que ele encontrou desesperada. O marido acabava de falar-lhe com certa franqueza. Mas o caráter fraco dele, de olho na herança de Besançon, fizera-o considerá-la como perfeitamente inocente. Ele falara do estranho estado em que se achava a opinião pública de Verrières. O público estava errado, fora desencaminhado por invejosos; mas, enfim, o que fazer?

Por um momento, a sra. de Rênal teve a ilusão de que Julien poderia aceitar as ofertas do sr. Valenod e permanecer em Verrières. Mas ela não era mais aquela mulher simples e tímida do ano precedente; sua paixão fatal, seus remorsos haviam-na esclarecido. Ao escutar o marido, logo sentiu a dor de provar a si mesma que uma separação, ao menos momentânea, tornara-se indispensável. Longe de mim, Julien recairá em seus projetos de ambição, tão naturais quando não se tem nada. Enquanto eu, ó Deus! sou tão rica, e tão inutilmente para a minha felicidade! Ele me esquecerá. Atraente como é, será amado, amará. Ah! Infeliz... De que posso me queixar? O céu é justo, não fui capaz de fazer cessar o crime, ele me tira a capacidade de julgar. Dependia apenas de mim conquistar Elisa à força de dinheiro, nada me seria mais fácil. Não me dei o trabalho de refletir um pouco, a louca imaginação do amor absorvia todo o meu tempo. Pereço.

Julien ficou chocado com uma coisa: ao dar a terrível notícia da partida à sra. de Rênal, não encontrou nenhuma objeção egoísta. Evidentemente, ela se esforçava para não chorar.

– Precisamos de firmeza, meu amigo.

E cortou uma mecha de seus cabelos.

– Não sei o que farei, disse a ele; mas, se eu morrer, promete jamais esquecer meus filhos. De longe ou de perto, procura fazer que sejam homens honestos. Se houver uma nova revolução, os nobres serão decapitados, o pai deles talvez emigre por causa daquele camponês morto num telhado. Cuida da família... Dá-me tua mão. Adeus, meu amigo! São os últimos momentos. Feito esse grande sacrifício, espero ter em público a coragem de pensar em minha reputação.

Julien esperava o desespero. A simplicidade dessa despedida o comoveu.

– Não, não recebo assim sua despedida. Partirei, é o que eles querem, o que você mesma quer. Mas, três dias depois de minha partida, voltarei para vê-la à noite.

A existência da sra. de Rênal modificou-se. Julien então a amava de verdade, pois ele próprio tivera a ideia de revê-la! Sua dor terrível transformou-se num dos mais vivos estados de alegria que ela sentira na vida.Tudo lhe pareceu fácil. A certeza de rever seu amigo retirou desses últimos momentos o que eles tinham de dilacerante. A partir desse instante, a conduta, assim como a fisionomia da sra. de Rênal, foi nobre, firme e perfeitamente conveniente.

O sr. de Rênal logo retornou; estava fora de si. Falou enfim à mulher da carta anônima recebida dois meses antes.

– Quero levá-la ao Cassino, mostrar a todos que foi escrita por esse infame Valenod, que tirei da sarjeta para transformá-lo num dos mais ricos burgueses de Verrières. Hei de envergonhá-lo publicamente e depois me baterei com ele. Isso é demais.

Meu Deus, posso ficar viúva!, pensou a sra. de Rênal. Mas quase no mesmo instante disse a si mesma: Se eu não impedir esse duelo, como certamente posso fazer, serei a assassina de meu marido.

Nunca ela administrou a vaidade dele com tamanha habilidade. Em menos de duas horas fê-lo compreender, e sempre por razões encontradas por ele, que mais do que nunca era preciso demonstrar amizade pelo sr. Valenod, e mesmo chamar Elisa de volta. A sra. de Rênal precisou de coragem para decidir-se a rever essa moça, causa de todos os seus infortúnios. Mas a ideia vinha de Julien.

Enfim, depois de três ou quatro chamadas ao bom caminho, o sr. de Rênal chegou, sozinho, à ideia financeiramente muito penosa de que o mais desagradável, para ele, seria Julien, em meio à efervescência e ao falatório de Verrières inteira, ficar na cidade como preceptor dos filhos do sr. Valenod. O interesse evidente de Julien era aceitar a oferta do diretor do asilo. Para a glória do sr. de Rênal, ao contrário, era importante que Julien entrasse no seminário de Besançon ou no de Dijon. Mas como decidi-lo a isso? E como ele viveria lá?

Percebendo a iminência do sacrifício financeiro, o sr. de Rênal estava mais desesperado que a mulher. Quanto a ela, depois dessa conversa, estava na posição de um homem corajoso que, cansado da vida, tomou uma dose de *stramonium*; ele não age mais deliberadamente, por assim dizer, e não se interessa mais por nada. Assim sucedeu ao rei Luís XIV, moribundo, dizer: *Quando eu era rei*. Frase admirável!

No dia seguinte, bem cedo, o sr. de Rênal recebeu uma carta anônima. O estilo desta era insultuoso. As palavras mais grosseiras aplicáveis à sua situação liam-se a cada linha. Era obra de algum invejoso subalterno. Essa carta trouxe-lhe de volta a ideia de bater-se com o sr. Valenod. Sua coragem instigou-o inclusive à execução imediata dessa ideia. Saiu sozinho e foi à casa do negociante de armas obter pistolas, que mandou carregar.

Em verdade, ele pensava, se a administração severa do imperador Napoleão voltasse ao mundo, eu não teria nenhuma patifaria a reprovar-me. Quando muito fechei os olhos, mas tenho boas cartas em meu escritório que me autorizam a isso.

A sra. de Rênal ficou assustada com a cólera fria do marido, que lhe trazia de volta a ideia fatal de viuvez que tivera tanta dificuldade de repelir. Encerrou-se com ele, durante várias horas falou-lhe em vão: a nova carta anônima determinava-o. Mas, por fim, ela conseguiu transformar a coragem de esbofetear o sr. Valenod na de oferecer 600 francos a Julien por um ano de pensão num seminário. O sr. de Rênal, maldizendo mil vezes o dia em que tivera a fatal

ideia de ter um preceptor em casa, esqueceu a carta anônima.

Consolou-se um pouco com uma ideia que não disse à mulher; com habilidade, e aproveitando as ideias romanesca do rapaz, ele esperava levá-lo, por uma quantia menor, a recusar a oferta do sr. Valenod.

A sra. de Rênal teve mais dificuldade de provar a Julien que, fazendo às conveniências do marido o sacrifício de um cargo de 800 francos, que lhe oferecia publicamente o diretor do asilo, ele podia sem a menor vergonha aceitar uma indenização.

– Mas eu nunca tive, nem por um instante, a intenção de aceitar essa oferta, dizia Julien. Você me acostumou demais à vida elegante, a grosseria daquela gente me mataria.

A cruel necessidade, com sua mão de ferro, dobrou a vontade de Julien. Seu orgulho oferecia-lhe a ilusão de aceitar apenas como um empréstimo a quantia oferecida pelo prefeito de Verrières, prometendo-lhe reembolso dentro de cinco anos, com juros.

A sra. de Rênal ainda dispunha de alguns milhares de francos escondidos na pequena gruta da montanha. Ela os ofereceu, trêmula, sentindo que seria recusada com cólera.

– Quer tornar a lembrança de nossos amores abominável?, disse-lhe Julien.

Enfim, Julien deixou Verrières. O sr. de Rênal ficou muito satisfeito; no momento fatal de aceitar o dinheiro dele, esse sacrifício pareceu excessivo a Julien, que recusou sem hesitar. O sr. de Rênal abraçou-o com lágrimas nos olhos. Como Julien lhe pedisse um certificado de boa conduta, ele não encontrou, em seu entusiasmo, termos suficientemente magníficos para exaltar seu comportamento. Nosso herói tinha cinco luíses de economias e contava pedir outro tanto a Fouqué.

Estava muito emocionado. Mas a uma légua de Verrières, onde deixava tanto amor, não pensou mais senão na felicidade de conhecer uma capital, uma grande praça de guerra como Besançon.

Durante essa curta ausência de três dias, a sra. de Rênal padeceu uma das mais cruéis decepções do amor. Sua vida era sofrível, havia entre ela e a extrema infelicidade aquele último encontro que teria com Julien. Ela contava as horas, os minutos que a separavam dele. Finalmente, durante a noite do terceiro dia, ouviu de longe o sinal combinado. Depois de atravessar mil perigos, Julien apareceu diante dela.

A partir de então ela só teve um pensamento, esta é a última vez que o vejo. Em vez de responder ao ardor de seu amante, comportou-se quase como um cadáver. Se forçava-se a dizer-lhe que o amava, era de um jeito tão desastrado que podia parecer o contrário. Nada pôde afastá-la da ideia cruel da separação eterna. O desconfiado Julien acreditou, por um momento, já estar esquecido. Queixou-se, mas suas palavras foram acolhidas apenas por lágrimas que corriam em silêncio e por apertos de mão quase convulsivos.

– Mas, santo Deus! Como quer que eu acredite em você?, respondia Julien aos frios protestos da amiga. Você mostraria cem vezes mais amizade sincera à sra. Derville, a uma simples conhecida.

Petrificada, a sra. de Rênal não sabia o que responder:

– É impossível ser mais infeliz... Acho que vou morrer... Sinto meu coração gelar...

Foram as respostas mais longas que ele pôde obter dela.

Quando a aproximação do dia tornou a partida necessária, as lágrimas da sra. de Rênal

cessaram completamente. Ela o viu atar uma corda à janela, sem dizer nada, sem responder a seus beijos. Em vão Julien lhe dizia:

– Eis-nos chegados ao estado que tanto desejou. Doravante viverá sem remorsos. Quando seus filhos tiverem uma indisposição, não mais pensará que estão morrendo.

– Sinto que você não possa beijar Stanislas, disse ela friamente.

Julien sentiu-se profundamente ferido pelos beijos sem calor daquele cadáver vivo; não pôde pensar noutra coisa durante várias léguas. Sua alma estava magoada e, antes de cruzar a montanha, enquanto pôde avistar o campanário de Verrières, voltou-se várias vezes para trás.

---

5 Sistema utilizado nos leilões para determinar o tempo dos lances. (N.T.)

Capítulo XXIV

UMA CAPITAL

Quanto ruído, quanta gente atarefada! Quantas ideias para o futuro numa cabeça de vinte anos! Quanta falta de atenção para com o amor!

BARNAVE

ENFIM, NUM MONTE DISTANTE, ele avistou muros negros; era a cidadela de Besançon. Como seria diferente para mim, pensou, suspirando, se eu chegasse nessa nobre praça de guerra para ser subtenente num dos regimentos encarregados de defendê-la!

Besançon não é apenas uma das mais belas cidades da França: nela proliferam homens de coragem e de espírito. Mas Julien era somente um camponesinho, sem ter como se aproximar dos homens distintos.

Ele tomara na casa de Fouqué um terno burguês, e foi com esse traje que cruzou a ponte levadiça. Conhecendo a história do cerco de 1674, quis ver, antes de encerrar-se no seminário, as muralhas e a cidadela. Duas ou três vezes esteve a ponto de ser detido pelas sentinelas; ele penetrava nos lugares que a engenharia militar proíbe ao público, a fim de vender, por 12 ou 15 francos, feno todos os anos.

A altura dos muros, a profundidade dos fossos, o aspecto terrível dos canhões ocuparam-no durante várias horas, até que ele passou diante de um grande café, na avenida. Ficou imóvel de admiração; por mais que lesse a palavra café, escrita em grandes caracteres acima das duas imensas portas, não podia acreditar em seus olhos. Fez um esforço sobre sua timidez; ousou entrar e viu-se numa sala de trinta ou quarenta passos de comprimento, e cujo teto estava a uma altura de pelo menos seis metros. Naquele dia, tudo era encantamento para ele.

Duas partidas de bilhar estavam sendo jogadas. Os rapazes gritavam os pontos; os jogadores corriam em volta das mesas cercadas de espectadores. A fumaça de tabaco, exalada da boca de todos, os envolvia numa nuvem azulada. A alta estatura desses homens, seus ombros arredondados, seu andar pesado, suas suíças enormes, as longas sobrecasacas que os cobriam, tudo chamava a atenção de Julien. Esses nobres filhos da antiga Bisontium só falavam aos gritos; davam a impressão de serem guerreiros terríveis. Imóvel, Julien admirava; ele pensava na imensidão e na magnificência de uma grande capital como Besançon. Não sentia a menor coragem de pedir uma taça de café a um daqueles senhores de olhar altaneiro, que gritavam os pontos do bilhar.

Mas a moça do balcão havia notado a figura encantadora desse jovem burguês do interior que, parado a três passos do fogão de aquecimento, e com sua valise debaixo do braço, observava o busto do rei, em gesso branco. Essa moça do Franco-Condado, bastante atraente e vestida como convém para valorizar um café, já havia dito duas vezes, com uma voz que era para ser ouvida apenas por Julien: Senhor! Senhor! Julien deparou com olhos azuis muito ternos e viu que era com ele que falavam.

Aproximou-se vivamente do balcão e da moça bonita, com os passos de quem marcha para o inimigo. Ao fazer esse movimento, sua valise caiu.

Que comiseração nosso provinciano não há de inspirar aos jovens ginasianos de Paris que, aos quinze anos, já sabem entrar num café com um ar tão distinto? Mas esses rapazes, com um estilo tão próprio aos quinze anos, aos dezoito caem no comum. A timidez apaixonada que encontramos na província supera-se às vezes, e então ela ensina a querer. Ao aproximar-se dessa moça tão bela que se dignava dirigir-lhe a palavra, Julien, que se tornava corajoso à força de timidez vencida, pensou: É preciso que eu lhe diga a verdade.

– Senhora, é a primeira vez que venho a Besançon; eu queria, pagando, um pão e uma taça de café.

A moça sorriu um pouco e depois corou; ela temia que a atenção irônica e os gracejos dos jogadores de bilhar se voltassem para aquele belo moço. Ele ficaria assustado e não tornaria a aparecer.

– Sente-se aqui perto de mim, disse ela mostrando-lhe uma mesa de mármore, quase completamente escondida pelo enorme balcão de mogno que avançava pela sala.

A moça inclinou-se para fora do balcão, o que lhe permitiu revelar um busto soberbo. Julien notou-o; todas as suas ideias tomaram outro rumo. A moça acabava de colocar à sua frente uma taça, açúcar e um pãozinho. Ela hesitava em chamar um garçom para servir o café, compreendendo perfeitamente que, com a chegada do garçom, sua conversa particular com Julien terminaria.

Pensativo, Julien comparava essa beldade loura e alegre a certas lembranças que o agitavam com frequência. A ideia da paixão de que fora o objeto tirou-lhe quase toda a timidez. A bela moça dispunha apenas de um instante; ela leu nos olhos de Julien.

– Essa fumaça de cachimbo faz-lhe tossir; venha fazer seu desjejum amanhã, antes das oito, então estarei quase sozinha.

– Qual é o seu nome?, disse Julien, com o sorriso acariciante da timidez feliz.

– Amanda Binet.

– Permite-me que lhe envie, dentro de uma hora, uma valise como esta?

A bela Amanda refletiu um pouco.

– Sou vigiada: o que o senhor me pede pode comprometer-me; no entanto, vou escrever meu endereço num cartão que o senhor colocará em sua valise. Envie-me despreocupadamente.

– Meu nome é Julien Sorel; não tenho nem parentes nem conhecidos em Besançon.

– Ah! Compreendo, disse ela com alegria, veio para a Escola de Direito?

– Infelizmente não, respondeu Julien; enviam-me ao seminário.

O desânimo mais completo extinguiu a expressão de Amanda. Ela chamou um garçom, agora tinha coragem. O garçom serviu o café a Julien, sem olhar para ele.

Amanda recebia dinheiro no balcão. Julien estava orgulhoso de ter ousado falar. Havia uma altercação numa das mesas de bilhar. Os gritos e os desmentidos dos jogadores, ecoando na sala imensa, faziam um alarido que espantava Julien. Amanda estava pensativa e de olhos baixos.

– Se quiser, senhorita, disse ele, de repente com segurança, direi que sou seu primo.

Esse pequeno gesto de autoridade agradou a Amanda. Não é um jovem insignificante, pensou. Sem olhar para ele, pois estava ocupada em ver se alguém se aproximava do balcão, ela disse com vivacidade:

– Sou de Genlis, perto de Dijon; diga que é também de Genlis, e primo de minha mãe.

– Não deixarei de fazê-lo.

– Todas as quintas-feiras, às cinco da tarde, no verão, os seminaristas passam aqui diante do café.

– Se pensar em mim, quando eu passar, tenha um buquê de violetas na mão.

Amanda olhou-o com espanto; esse olhar transformou a coragem de Julien em temeridade; no entanto, ele corou muito ao dizer a ela:

– Sinto que a amo com o amor mais violento.

– Então fale mais baixo, disse ela, assustada.

Julien tentava recordar as frases de um volume incompleto da *Nova Heloísa*, que ele encontrara em Vergy. Sua boa memória o ajudou; ao cabo de dez minutos, recitava a *Nova Heloísa* à encantada srta. Amanda. Ele estava feliz por sua bravura, quando de repente a moça adquiriu um ar glacial. Um de seus amantes aparecera à porta do café.

Ele aproximou-se do balcão, assobiando e balançando os ombros; olhou para Julien. No mesmo instante, a imaginação deste, sempre nos extremos, foi tomada de ideias de duelo. Ele empalideceu, afastou sua taça, assumiu um ar de segurança e observou o rival atentamente. Como este baixasse a cabeça, enchendo familiarmente um copo de aguardente sobre o balcão, Amanda ordenou, com um olhar, que Julien baixasse os olhos. Ele obedeceu e, durante dois minutos, permaneceu imóvel no seu lugar, pálido, resoluto, pensando apenas no que ia acontecer; estava realmente bem naquele instante. O rival ficara surpreso com o olhar de Julien; tendo esvaziado de um trago o copo de aguardente, disse uma palavra a Amanda, pôs as mãos nos bolsos laterais de sua sobrecasaca e aproximou-se de um bilhar, assobiando e olhando para Julien. Este, num transporte de cólera, levantou-se; mas ele não sabia como agir para ser insolente. Deixando sua valise sobre a mesa, caminhou até o bilhar, gingando o mais que pôde.

Em vão a prudência dizia-lhe: com um duelo logo à chegada em Besançon, a carreira eclesiástica está perdida.

– Que importa! Mas não dirão que fujo a um insolente.

Amanda viu sua coragem, que formava um belo contraste com a candura de suas maneiras; num instante, ela o preferiu ao rapaz alto de sobrecasaca. Levantou-se e, dando a impressão de seguir com o olhar alguém que passava na rua, veio colocar-se rapidamente entre Julien e o bilhar.

– Evite olhar atravessado para aquele senhor, é meu cunhado.

– Que me importa? Ele me encarou.

– Quer fazer-me infeliz? Certamente, ele o encarou, talvez mesmo virá lhe falar. Eu disse a ele que o senhor é um parente de minha mãe e que chegou de Genlis. Ele é do Franco-Condado e jamais foi além de Dole, na estrada da Borgonha; assim, diga o que quiser, não tenha medo.

Julien ainda hesitava. Ela acrescentou depressa, sua imaginação de dama de balcão fornecendo-lhe mentiras em abundância:

– Certamente, ele o encarou, mas foi no momento em que me perguntava quem era o senhor; ele é um homem rude com todo o mundo, não quis insultá-lo.

O olhar de Julien seguia o pretenso cunhado; viu-o comprar um bilhete na mesa de apostas que funcionava mais afastada dos dois bilhares. Julien ouviu sua voz grossa gritar num tom ameaçador: Sei o que faço! Ele passou por trás da srta. Amanda e deu um passo em direção ao bilhar; Amanda segurou-o pelo braço:

– Venha pagar-me primeiro, disse ela.

É justo, pensou Julien; ela tem medo que eu saia sem pagar. Amanda estava tão agitada quanto ele e muito vermelha; devolveu-lhe a troco o mais lentamente que pôde, ao mesmo tempo que lhe repetia em voz baixa:

– Saia já do café ou deixo de gostar do senhor; e olhe que já gosto bastante.

Julien resolveu sair, mas lentamente. Não é meu dever, repetia a si mesmo, ir até lá e encarar por minha vez esse sujeito grosseiro? Essa incerteza o reteve por uma hora, na avenida, diante do café; observava se seu homem saía. Como este não apareceu, Julien afastou-se.

Ele estava em Besançon há apenas algumas horas e já havia conquistado um remorso. O velho cirurgião-mor dera-lhe outrora, apesar de sua gota, algumas lições de esgrima; essa era toda a ciência que Julien dispunha a serviço de sua cólera. Mas esse embaraço nada significaria se ele soubesse como zangar-se a não ser dando uma bofetada; e, se viessem a brigar a socos, seu rival, homem enorme, é que acabaria por esbofeteá-lo.

Para um pobre diabo como eu, pensou Julien, sem protetores nem dinheiro, não haverá grande diferença entre um seminário e uma prisão; devo guardar meus trajes civis em algum albergue e vestir de novo meu hábito negro. Se algum dia conseguir sair do seminário por algumas horas, poderei perfeitamente, com meu terno, rever a srta. Amanda. O raciocínio era bom, mas Julien, passando diante de todos os albergues, não ousava entrar em nenhum.

Por fim, como tornasse a passar diante da Hotel dos Embaixadores, seus olhos inquietos deram com os de uma mulher gorda, ainda bastante jovem, pitoresca, de aspecto feliz e alegre. Aproximou-se dela e contou-lhe sua história.

– Certamente, meu lindo padrezinho, disse a hoteleira dos Embaixadores, guardarei seus trajes civis e inclusive mandarei tirar o pó com frequência. Com este tempo, não convém deixar um terno sem tocá-lo. Ela pegou uma chave e o conduziu pessoalmente a um quarto, recomendando-lhe escrever uma nota do que deixava.

– Santo Deus! Seu rosto é uma belezinha, padre Sorel, disse a mulher gorda, quando ele desceu à cozinha; vou mandar servir-lhe um bom jantar. E acrescentou em voz baixa: só lhe custará vinte réis, em vez dos cinquenta que todos pagam; é preciso poupar seu pecúlio.

– Tenho dez luíses, replicou Julien, com certo orgulho.

– Ah! Meu Deus, respondeu a boa hoteleira alarmada, não fale tão alto; há muitos maus sujeitos em Besançon. Podem roubar-lhe isso num piscar de olhos. Sobretudo, não entre nunca nos cafés, estão cheios de maus sujeitos.

– Realmente! disse Julien, que ficou a pensar nessa frase.

– Venha somente à minha casa, mandarei servir-lhe café. Lembre-se que sempre encontrará aqui uma amiga e uma boa refeição a vinte réis; não preciso dizer mais nada, espero. Vá para

a mesa, eu mesma vou servi-lo.

– Não poderei comer, disse Julien, estou muito emocionado, vou entrar no seminário ao sair de sua casa.

A boa mulher só o deixou partir depois de ter enchido seus bolsos de provisões. Finalmente Julien encaminhou-se para o terrível lugar; a hoteleira, do alto de sua porta, indicava-lhe o caminho.

Capítulo XXV

O SEMINÁRIO

Trezentos e trinta e seis almoços a 83 centavos, trezentos e trinta e seis jantares a 38 centavos, chocolate à vontade; quanto se tem a ganhar com a submissão!

O Valenod de Besançon

Viu de longe a cruz de ferro dourado sobre a porta; aproximou-se lentamente; parecia-lhe que as pernas lhe faltavam. Eis o inferno na terra, do qual não poderei sair! Por fim, decidiu-se a chamar. O ruído do sino ecoou como num lugar solitário. Ao cabo de dez minutos, um homem pálido, vestido de preto, veio abrir a porta. Julien olhou-o e baixou os olhos em seguida. Esse porteiro tinha uma fisionomia singular. A pupila saltada e verde de seus olhos arredondava-se como a de um gato; os contornos imóveis das pálpebras anunciavam a impossibilidade de qualquer simpatia; os lábios finos formavam um semicírculo sobre dentes protuberantes. Entretanto, essa fisionomia não sugeria o crime, mas sim aquela insensibilidade perfeita, que inspira muito mais terror à juventude. O único sentimento que o olhar rápido de Julien pôde adivinhar nesse rosto comprido de devoto foi um desprezo profundo por tudo que lhe quisessem falar e que não fosse do interesse do céu.

Julien levantou os olhos com esforço e, com uma voz que a batida do coração tornava trêmula, explicou que desejava falar com o sr. Pirard, o diretor do seminário. Sem dizer uma palavra, o homem soturno fez-lhe um sinal para segui-lo. Eles subiram dois andares por uma larga escada com corrimão de madeira, cujos degraus arqueados pendiam inteiramente para o lado oposto à parede e pareciam prestes a cair. Um pequena porta, encimada por uma grande cruz de madeira pintada de preto, foi aberta com dificuldade, e o porteiro fê-lo entrar num quarto sombrio e baixo, cujas paredes caiadas eram guarnecidas de dois grandes quadros enegrecidos pelo tempo. Ali Julien foi deixado a sós; ele estava aterrorizado, seu coração batia violentamente; ficaria feliz se ousasse chorar. Um silêncio de morte reinava em toda a casa.

Ao cabo de um quarto de hora, que lhe pareceu um dia, o porteiro de cara sinistra reapareceu à soleira de uma porta na outra extremidade do quarto e, sem dignar-se falar, fez-lhe um sinal para avançar. Ele entrou numa peça ainda maior que a primeira e muito mal iluminada. As paredes também eram caiadas, mas não havia móveis. Julien notou apenas, de passagem, num canto perto da porta, um leito de madeira, duas cadeiras de palha e um pequeno sofá em tábuas de pinho, sem almofada. Na outra extremidade do quarto, perto de uma pequena janela com vidros amarelados, guarnecida de vasos de flores sujos, avistou um homem sentado diante de uma mesa e vestindo uma batina em mau estado; tinha uma expressão colérica e pegava, um depois do outro, uma série de quadradinhos de papel que dispunha sobre a mesa, após ter escrito neles algumas palavras. Não parecia notar a presença de Julien.

Este continuava imóvel, de pé no meio do quarto, lá onde o deixara o porteiro, que tornara a sair fechando a porta.

Assim passaram-se dez minutos; o homem malvestido não parava de escrever. A emoção e o terror de Julien eram tais que lhe parecia estar a ponto de cair. Um filósofo teria dito, talvez enganando-se: é a violenta impressão do feio sobre uma alma destinada a amar o que é belo.

O homem que escrevia ergueu a cabeça; Julien só se deu conta disso ao cabo de um momento e, mesmo depois de tê-lo visto, permanecia ainda imóvel, como que fulminado pelo olhar terrível de que era o objeto. Os olhos enevoados de Julien distinguiam apenas um rosto comprido e coberto de manchas vermelhas, com exceção da testa, onde se via uma palidez mortal. Entre as bochechas avermelhadas e a testa branca, brilhavam dois pequenos olhos negros feitos para assustar o mais valente. Os vastos contornos dessa testa eram marcados por cabelos espessos, lisos e cor de azeviche.

– Quer se aproximar, sim ou não?, disse enfim esse homem, com impaciência.

Julien avançou com um passo inseguro; prestes a cair e pálido como nunca estivera em toda a sua vida, deteve-se a três passos da pequena mesa de madeira coberta de quadradinhos de papel.

– Mais perto, disse o homem.

Julien avançou um pouco mais estendendo a mão, como se buscasse apoiar-se em alguma coisa.

– Seu nome?

– Julien Sorel.

– Demorou muito, disse o homem, fixando novamente nele um olhar terrível.

Julien não pôde suportar esse olhar; estendendo a mão como para firmar-se, caiu de bruços sobre o soalho.

O homem acionou a campainha. Julien perdera apenas o uso dos olhos e a força para mover-se; ouviu passos que se aproximavam.

Ergueram-no, colocaram-no sobre o pequeno sofá de madeira. Ele ouviu o homem terrível dizer ao porteiro:

– Aparentemente sofre de epilepsia, só faltava isso.

Quando Julien conseguiu abrir os olhos, o homem de cara avermelhada continuava a escrever; o porteiro havia desaparecido. É preciso coragem, disse nosso herói a si mesmo, e sobretudo ocultar o que sinto. Ele sentia um forte enjôo. Se acontece-me um acidente, Deus sabe o que pensarão de mim. Por fim, o homem parou de escrever e, olhando Julien de lado, disse:

– Está em condições de responder-me?

– Sim, senhor, disse Julien, com a voz enfraquecida.

– Ah! Ainda bem.

O homem erguera-se um pouco e buscava com impaciência uma carta na gaveta de sua mesa de pinho, que se abriu com um rangido. Encontrou-a, sentou-se lentamente e olhou novamente para Julien, como quem quisesse arrancar-lhe o pouco de vida que lhe restava.

– Você foi recomendado pelo sr. Chélan, era o melhor padre da diocese, homem virtuoso como poucos, e meu amigo há trinta anos.

– Ah! É ao sr. Pirard que tenho a honra de falar, disse Julien, com uma voz desfalecida.

– Aparentemente, replicou o diretor do seminário, olhando-o com ironia.

Um brilho redobrado faiscou em seus olhos pequenos, acompanhado de um movimento involuntário dos músculos dos cantos da boca. Era a fisionomia do tigre degustando antecipadamente o prazer de devorar sua presa.

– A carta de Chélan é curta, disse ele, como que falando a si mesmo. *Intelligenti pauca*. Nos tempos que correm, não se poderia ser mais conciso. Leu alto:

"Envio-lhe Julien Sorel, desta paróquia, que batizei há vinte anos; filho de um carpinteiro rico, mas que nada lhe dá. Julien será um obreiro notável na vinha do Senhor. Não lhe faltam a memória, a inteligência, a reflexão. Sua vocação será duradoura? É sincera?"

– *Sincera*!, repetiu o abade Pirard, com um ar de espanto e olhando para Julien; mas seu olhar já era menos desprovido de qualquer humanidade; *sincera*!, repetiu, baixando a voz e retomando a leitura:

"Peço-lhe para Julien Sorel uma bolsa; ele a merecerá, submetendo-se aos exames necessários. Ensinei-lhe um pouco de teologia, daquela antiga e boa teologia dos Bossuet, dos Arnault, dos Fleury. Se ele não lhe convém, mande-o de volta a mim; o diretor do asilo de mendicidade, que você conhece bem, oferece-lhe 800 francos para ser preceptor de seus filhos. – Minha alma está tranquila, graças a Deus. Acostumo-me ao golpe terrível. *Vale et me ama*."

O abade Pirard, abrandando a voz ao ler a assinatura, pronunciou com um suspiro a palavra *Chélan*.

– Ele está tranquilo, disse; de fato, sua virtude merecia essa recompensa; possa Deus conceder-me o mesmo eventualmente.

Olhou o céu e fez um sinal da cruz. À visão desse sinal sagrado, Julien sentiu diminuir o horror profundo que o gelara desde sua entrada na casa.

– Tenho aqui trezentos e vinte e um aspirantes ao mais santo dos estados, disse enfim o abade Pirard, num tom de voz severo, mas não maldoso; apenas sete ou oito me são recomendados por homens como o abade Chélan; assim, entre os trezentos e vinte e um, você será o nono. Mas minha proteção não é nem favor nem fraqueza, é redobramento de cuidados e de severidade contra os vícios. Vá fechar aquela porta à chave.

Julien fez um esforço para andar e conseguiu não cair. Ele notou que uma pequena janela, junto à porta de entrada, dava para o campo. Olhou as árvores; essa visão fez-lhe bem, como se tivesse avistado velhos amigos.

– *Loquerisne linguam latinam*? (Fala o latim?), perguntou o abade Pirard, quando ele voltava.

– *Ita, pater optime* (Sim, meu excelente pai), respondeu Julien, voltando um pouco a si. Certamente, na última meia hora, nenhum outro homem do mundo lhe parecia menos excelente do que o sr. Pirard.

A conversa continuou em latim. A expressão dos olhos do abade suavizava-se; Julien recuperava um certo sangue-frio. Como sou fraco, pensou, em deixar-me impor por essas aparências de virtude! Este homem deve ser simplesmente um tratante como o sr. Maslon; e Julien felicitou-se por ter escondido quase todo o seu dinheiro em suas botas.

O abade Pirard examinou Julien em teologia e ficou surpreso com a extensão de seu saber. Seu espanto aumentou quando o interrogou, em particular, sobre as Sagradas Escrituras. Mas, ao chegar às questões sobre a doutrina dos Padres da Igreja, percebeu que Julien praticamente ignorava até os nomes de São Jerônimo, de Santo Agostinho, de São Boaventura, de São Basílio etc.

Na verdade, pensou o abade Pirard, eis aí aquela tendência fatal ao protestantismo que sempre reprovei em Chélan. Um conhecimento aprofundado, aprofundado demais, das Sagradas Escrituras.

(Julien acabava de lhe falar, sem ser interrogado a esse respeito, da época verdadeira em que haviam sido escritos o Gênesis, o Pentateuco etc.)

Aonde leva esse raciocínio infinito sobre as Sagradas Escrituras, pensou o abade Pirard, senão ao exame pessoal, isto é, ao mais terrível protestantismo? E, ao lado dessa ciência imprudente, nada sobre os padres da Igreja que possa compensar tal tendência.

Mas o espanto do diretor do seminário não teve mais limites quando, ao interrogar Julien sobre a autoridade do Papa, e esperando as máximas da antiga Igreja galicana, o jovem recitou-lhe todo o livro do sr. de Maistre.

Homem singular esse Chélan, pensou o abade Pirard; mostrou-lhe esse livro para ensiná-lo a zombar dele?

Em vão interrogou Julien para tentar adivinhar se ele acreditava seriamente na doutrina do sr. de Maistre. O jovem respondia apenas com sua memória. A partir desse momento, Julien conduziu-se realmente muito bem, ele sentia que era senhor de si. Depois de um exame muito longo, pareceu-lhe que a severidade do sr. Pirard para com ele era apenas fingida. De fato, sem os princípios de gravidade austera que se impusera, há quinze anos, para com seus alunos em teologia, o diretor do seminário teria abraçado Julien em nome da lógica, tamanhas a clareza, a precisão e a nitidez que via em suas respostas.

Eis um espírito ousado e sadio, ele pensava, mas *corpus debile* (o corpo é fraco).

– Cai assim com frequência?, perguntou a Julien em francês, apontando o soalho com o dedo.

– Foi a primeira vez em minha vida, a cara do porteiro assustou-me, acrescentou Julien, corando feito uma criança.

O abade Pirard quase sorriu.

– Eis o efeito das pompas vãs do mundo; está acostumado a rostos risonhos, verdadeiros teatros da mentira. A verdade é austera, senhor. Mas acaso nossa tarefa neste mundo não é também austera? Será preciso zelar para que sua consciência mantenha-se em guarda contra essa fraqueza: Sensibilidade em excesso às graças vãs do exterior.

Se não me tivesse sido recomendado, disse o abade Pirard, retomando com visível prazer a língua latina, se não me tivesse sido recomendado por um homem como o abade Chélan, eu lhe falaria na vã linguagem deste mundo à qual parece estar muito acostumado. A bolsa integral que solicita, eu lhe direi que é a coisa do mundo mais difícil de obter. Mas o abade Chélan mereceria muito pouco, por cinquenta e seis anos de trabalhos apostólicos, se não pudesse dispor de uma bolsa no seminário.

Depois dessas palavras, o abade Pirard recomendou a Julien não entrar em nenhuma

sociedade ou congregação sem seu consentimento.

– Dou-lhe minha palavra de honra, disse Julien, com o desafogo de um homem educado.

O diretor do seminário sorriu pela primeira vez.

– Essa expressão não é adequada aqui, ele disse; lembra demais a honra vã das pessoas mundanas que as conduz a tantas faltas e com frequência ao crime. Você deve-me a santa obediência em virtude do parágrafo dezessete da bula *Unam Ecclesiam* do santo Pio V. Sou seu superior eclesiástico. Nesta casa, ouvir, meu caríssimo filho, é obedecer. Quanto dinheiro tem?

Chegamos ao ponto, pensou Julien, era para isso o caríssimo filho.

– Trinta e cinco francos, meu pai.

– Escreva cuidadosamente o emprego desse dinheiro; terá que prestar contas dele.

Essa penosa sessão havia durado três horas. O porteiro foi chamado.

– Vá instalar Julien Sorel na cela nº 103, disse o abade Pirard a esse homem.

Por uma grande distinção, ele concedia a Julien um alojamento separado.

Julien baixou os olhos e reconheceu seus pertences diante dele; olhava-os há três horas e não os reconhecera.

Ao chegar ao nº 103, viu que era um quartinho de quatro metros quadrados, no último andar da casa. Julien notou que ele dava para as muralhas, avistando-se mais além a bela planície que o Doubs separa da cidade.

– Que vista encantadora!, exclamou Julien; ao falar-se assim não sentia o que essas palavras exprimiam. As sensações violentas que experimentara durante o pouco tempo em que estava em Besançon haviam exaurido inteiramente suas forças. Sentou-se perto da janela na única cadeira de madeira existente na cela e logo caiu num sono profundo. Não ouviu a sineta do jantar nem a do ofício noturno; haviam-no esquecido.

Quando os primeiros raios do sol o despertaram na manhã seguinte, viu-se deitado sobre o soalho.

Capítulo XXVI

O MUNDO, OU O QUE FALTA AO RICO

Estou só na terra, ninguém se digna pensar em mim. Todos os que vejo fazer fortuna têm uma impudência e uma dureza de coração que não sinto em mim. Eles me odeiam por causa de minha bondade fácil. Ah! Em breve morrerei, seja de fome, seja da infelicidade de ver homens tão duros.

YOUNG

APRESSOU-SE A ESCOVAR seu hábito e a descer, estava atrasado. Um subdiretor repreendeu-o severamente; em vez de procurar justificar-se, Julien cruzou os braços sobre o peito:

– *Peccavi, pater optime* (pequei, confesso minha falta, ó meu pai), disse com um ar contrito.

Esse começo teve um grande sucesso. Os mais espertos dentre os seminaristas viram que ali estava um homem que não fazia parte dos elementos comuns do ofício. Quando chegou a hora do recreio, Julien foi o objeto da curiosidade geral. Mas encontraram nele apenas reserva e silêncio. Segundo as máximas que se fizera, ele considerou seus trezentos e vinte e um colegas como inimigos, dos quais o mais perigoso era o abade Pirard.

Poucos dias depois, Julien precisou escolher um confessor, apresentaram-lhe uma lista.

Ora! Santo Deus! Por quem me tomam?, disse a si mesmo; crêem que não compreendo o que falar quer dizer? E escolheu o abade Pirard.

Sem que suspeitasse, esse procedimento era decisivo. Um seminarista muito jovem, natural de Verrières, que desde o primeiro dia havia se declarado seu amigo, disse-lhe que, se tivesse escolhido o sr. Castanède, o subdiretor do seminário, teria agido talvez com mais prudência.

– O padre Castanède é inimigo do sr. Pirard, que suspeitam de jansenismo, acrescentou o jovem seminarista inclinando-se para seu ouvido.

Todas as primeiras atitudes de nosso herói, que se julgava tão prudente, foram, como a escolha do confessor, desatinos. Presumindo-se um homem de imaginação, ele tomava suas intenções por fatos, e acreditava-se um hipócrita consumado. Sua loucura chegava ao ponto de censurar seus sucessos nessa arte da fraqueza.

Infelizmente, é minha única arma!, dizia a si mesmo. Numa outra época, é por ações eloquentes diante do inimigo que eu teria *ganho meu pão*.

Satisfeito com sua conduta, Julien observava a seu redor; em toda parte encontrava a aparência da mais pura virtude.

Oito ou dez seminaristas exalavam santidade e tinham visões como Santa Teresa e São Franscisco quando recebeu os estigmas no monte Averno, nos Apeninos. Mas era um grande segredo, que os amigos deles ocultavam. Esses pobres rapazes visionários estavam quase sempre na enfermaria. Uma centena de outros reuniam a uma fé robusta uma infatigável aplicação. Trabalhavam a ponto de ficarem doentes, mas sem aprenderem muita coisa. Dois ou

três distinguiam-se por um talento real, entre os quais um chamado Chazel; mas Julien sentia antipatia por eles, e vice-versa.

O resto dos trezentos e vinte e um seminaristas compunha-se apenas de indivíduos grosseiros, não muito seguros de compreender as palavras latinas que repetiam ao longo da jornada. Quase todos eram filhos de camponeses e preferiam ganhar seu pão recitando algumas palavras em latim do que cavando a terra. Foi com base nessa observação que, já nos primeiros dias, Julien previu para si rápidos sucessos. Em todo serviço é preciso haver pessoas inteligentes, dizia-se, pois afinal há um trabalho a fazer. Sob Napoleão, eu teria sido sargento; entre esses futuros padres, serei vigário-geral.

Todos esses pobres-diabos, acrescentava, trabalhadores braçais desde a infância, viveram de coalhada e pão preto até chegarem aqui. Em suas choupanas, só comiam carne cinco ou seis vezes ao ano. Como os soldados romanos que encontravam na guerra um tempo de repouso, esses grosseiros camponeses estão encantados com as delícias do seminário.

No olhar apagado deles, Julien lia tão somente a necessidade física satisfeita após a refeição, e o prazer físico esperado antes da refeição. Tais eram as pessoas no meio das quais era preciso distinguir-se; mas o que Julien não sabia, o que procuravam não lhe dizer, é que ser o primeiro nos diferentes cursos de dogma, de história eclesiástica etc., seguidos no seminário, era, aos olhos deles, apenas um pecado *esplêndido*. Desde Voltaire, desde o governo das duas Câmaras, que no fundo não é senão *dúvida e exame* pessoal, e dá ao espírito dos povos o mau hábito de *duvidar*, a Igreja da França parece ter compreendido que os livros são seus verdadeiros inimigos. Para ela, é a submissão do coração que é tudo. Ser bem-sucedido nos estudos, mesmo sagrados, é suspeito, e com razão. Pois quem impedirá o homem superior de passar para o outro lado, como Sieyès ou Grégoire?6 A Igreja, assustada, apega-se ao papa como à única chance de salvação. Somente o papa pode tentar deter o exame pessoal e, pelas piedosas pompas das cerimônias de sua corte, impressionar o espírito entediado e enfermo das pessoas mundanas.

Julien, penetrando em parte essas diversas verdades, que no entanto todas as palavras pronunciadas num seminário tendem a desmentir, caía numa melancolia profunda. Ele trabalhava muito e conseguia aprender rapidamente coisas muito úteis para um padre, muito falsas para ele, e nas quais não punha interesse algum. Acreditava não ter nenhuma outra coisa a fazer.

Serei então o esquecido de toda a terra?, pensava. Ele não sabia que o sr. Pirard recebera e lançara ao fogo algumas cartas postadas de Dijon, nas quais, apesar das formas de estilo mais convenientes, transparecia uma forte paixão. Grandes remorsos pareciam combater esse amor. Tanto melhor, pensava o abade Pirard, pelo menos não foi uma mulher ímpia que esse jovem amou.

Um dia, o abade Pirard abriu uma carta que parecia em parte apagada por lágrimas; era um eterno adeus. Ali era dito a Julien: Enfim o céu deu-me a graça de odiar, não o autor de minha falta, ele será sempre o que mais prezarei no mundo, mas minha falta em si mesma. O sacrifício está feito, meu amigo. Não sem lágrimas, como está vendo. A salvação dos seres aos quais estou ligada, e que você tanto amou, prevalece. Um Deus justo, mas terrível, não poderá mais vingar-se sobre eles pelos crimes de sua mãe. Adeus, Julien, seja justo para com

os homens.

O final de carta era quase absolutamente ilegível. Era dado um endereço em Dijon, no entanto esperava-se que Julien jamais respondesse ou, pelo menos, jamais se serviria de palavras que uma mulher restituída à virtude pudesse ler sem corar.

A melancolia de Julien, somada à medíocre alimentação que o fornecedor de refeições a 83 centavos enviava ao seminário, começava a influir sobre sua saúde, quando, certa manhã, Fouqué apareceu de repente em seu quarto.

– Por fim pude entrar. Vim cinco vezes a Besançon para te ver e sempre bateram-me a porta na cara. Pedi que vigiassem a saída do seminário. Por que diabos não sais nunca?

– É uma provação que me impus.

– Estás muito mudado. Mas, enfim, te revejo. Dois escudos de cinco francos acabam de ensinar-me que fui um idiota em não tê-los oferecidos já na primeira viagem.

A conversa entre os dois amigos estendeu-se longamente. Julien mudou de cor quando Fouqué lhe disse:

– A propósito, estás sabendo? A mãe de teus alunos entregou-se à mais completa devoção.

E continuou a falar com aquele ar despreocupado que causa uma impressão tão singular na alma apaixonada cujos maiores interesses são assim, inadvertidamente, agitados.

– Sim, meu amigo, à devoção mais exaltada. Dizem que ela faz peregrinações. Mas, para a vergonha eterna do padre Maslon, que durante tanto tempo espionou o pobre abade Chélan, a sra. de Rênal não quis saber dele. Ela vai confessar-se em Dijon ou em Besançon.

– Ela vem a Besançon?, perguntou Julien, ruborizando.

– Muito seguidamente, respondeu Fouqué com um ar interrogativo.

– Tens contigo alguns *Constitutionnels*?

– Que dizes? replicou Fouqué.

– Pergunto se tens alguns *Constitutionnels*, repetiu Julien, com o tom de voz mais tranquilo. Aqui são vendidos a 30 vinténs o exemplar.

– Quê! Liberais até mesmo no seminário! exclamou Fouqué. Pobre França! Acrescentou, imitando a voz hipócrita e a entonação suave do padre Maslon.

Essa visita teria causado uma profunda impressão em nosso herói se, no dia seguinte, uma frase dita pelo jovem seminarista de Verrières, que lhe parecia tão criança, não lhe tivesse ocasionado uma importante descoberta. Desde que estava no seminário, a conduta de Julien fora apenas uma série de passos errados. Ele zombou de si mesmo com amargura.

Em verdade, as ações importantes de sua vida eram sabiamente conduzidas; mas ele não cuidava dos detalhes, e os espertos do seminário observam apenas os detalhes. Assim, já era tido por seus colegas como um *espírito forte*. Fora traído por uma quantidade de pequenas ações.

Aos olhos deles, Julien era culpado deste vício enorme, *ele pensava, julgava por si mesmo*, em vez de seguir cegamente a autoridade e o exemplo. O abade Pirard não lhe servira para nada; não lhe dirigira a palavra uma única vez fora do tribunal da penitência, onde aliás mais escutava do que falava. Teria sido muito diferente se ele tivesse escolhido o padre Castanède.

A partir do momento em que Julien deu-se conta de sua estupidez, ele não se entediou

mais. Quis conhecer toda a extensão do mal e, para tanto, saiu um pouco daquele silêncio altivo e obstinado com o qual repelia os colegas. Foi então que se vingaram dele. Suas iniciativas foram acolhidas com um desprezo que chegou à derrisão. Ele reconheceu que, desde sua entrada no seminário, não houvera uma hora, sobretudo durante os recreios, que não tivesse consequências a favor ou contra ele, que não lhe houvesse aumentado o número de inimigos, ou que não lhe houvesse granjeado a benevolência de algum seminarista sinceramente virtuoso ou um pouco menos grosseiro que os demais. O mal a reparar era imenso, a tarefa muito difícil. Daí por diante, a atenção de Julien esteve sempre prevenida; tratava-se de desenhar um caráter completamente novo.

Os movimentos de seus olhos, por exemplo, deram-lhe muito trabalho. Não é sem razão que nesses lugares as pessoas costumam baixar os olhos. Que presunçoso fui em Verrières!, dizia-se Julien; eu acreditava viver e estava apenas preparando-me para a vida; eis-me aqui, finalmente, no mundo, tal como o encontrarei até o fim de minhas funções, cercado de verdadeiros inimigos. Que imensa dificuldade essa hipocrisia de cada minuto!, acrescentava; comparado a ela, como são fáceis os trabalhos de Hércules. O Hércules dos tempos modernos é Sisto V, enganando com sua modéstia, por quinze anos seguidos, quarenta cardeais que o viram impetuoso e arrogante durante a juventude.

A ciência não vale nada aqui!, ele dizia-se com despeito; os progressos no dogma, na história sagrada etc. contam apenas na aparência. Tudo o que se diz a esse respeito está destinado a fazer cair na armadilha tolos como eu. Ai! Meu único mérito consistia em meus progressos rápidos, em meu modo de apoderar-me dessas futilidades. Será que no fundo eles as estimam em seu verdadeiro valor? Será que as julgam como eu? E cometi a tolice de orgulhar-me delas! Esses primeiros lugares que venho obtendo serviram-me apenas para criar-me inimigos encarniçados. Chazel, que sabe mais do que eu, põe sempre em suas redações algum disparate que o faz ser relegado ao quinquagésimo lugar; se obtém o primeiro, é por distração. Ah! Como uma palavra, uma única palavra do sr. Pirard me teria sido útil!

A partir do momento em que Julien percebeu seu engano, os longos exercícios de piedade ascética, como rezar o terço cinco vezes por semana, os cânticos ao Sagrado Coração etc. etc., que lhe pareciam mortalmente tediosos, tornaram-se seus momentos de ação mais interessantes. Refletindo severamente sobre si mesmo, e procurando sobretudo não exagerar suas capacidades, Julien não quis inicialmente, como os seminaristas que serviam de modelo aos outros, fazer a cada instante ações *significativas*, isto é, que demostram um tipo de perfeição cristã. No seminário, há um modo de comer um ovo quente que anuncia os progressos feitos na vida devota.

O leitor, que talvez sorri, por certo recorda-se de todas as faltas que cometeu, ao comer um ovo, o abade Delille, convidado a jantar na casa de uma grande dama da corte de Luís XVI.

Julien procurou primeiro chegar ao *non culpa*, o estado do jovem seminarista cujo andar, cuja maneira de mover os braços, os olhos etc., nada indicam de mundano, mas que não mostram ainda que ele está absorvido pela ideia da outra vida e seu *puro nada*.

A todo momento Julien encontrava escritas a carvão, nas paredes dos corredores, frases como esta: o que são sessenta anos de provações, comparados a uma eternidade de delícias ou a uma eternidade de óleo fervente no inferno? Não as desprezou mais; compreendeu que era

preciso tê-las sempre diante dos olhos. Que farei em toda a minha vida?, ele se perguntava. Venderei aos fiéis um lugar no céu. Como tornar-lhes visível esse lugar? Pela diferença entre meu exterior e o de um leigo.

Após vários meses de aplicação contínua, Julien tinha ainda o ar de *pensar*. Sua maneira de mover os olhos e usar a boca não anunciava a fé implícita e pronta a tudo crer e a tudo sustentar, mesmo pelo martírio. Era com raiva que Julien via-se superado, nesse gênero, pelos camponeses mais grosseiros. Havia boas razões para que eles não tivessem um ar pensativo.

Quanto esforço ele não fazia para chegar àquela fisionomia de fé fervorosa e cega, disposta a tudo crer e a tudo sofrer, tão comum nos conventos da Itália, e da qual Guerchin nos deixou, a nós, leigos, modelos tão perfeitos em seus quadros de igreja.7

Nos dias de grande festa, serviam aos seminaristas salsichas com chucrute. Os vizinhos de mesa de Julien observaram que ele era insensível a essa felicidade; foi um de seus primeiros crimes. Seus colegas viram nisso um traço odioso da mais tola hipocrisia; nada lhe atraiu tantos inimigos. Vejam esse burguês, esse desdenhoso, diziam, que finge desprezar a melhor comida, salsichas com chucrute! Fora, vilão! Orgulhoso! Danado!

Ai! A ignorância desses jovens camponeses, meus colegas, é para eles uma vantagem imensa, exclamava Julien nos momentos de desânimo. Ao chegarem ao seminário, o professor não precisa livrá-los da quantidade terrível de ideias mundanas que trago comigo, e que eles leem em meu rosto, não importa o que eu faça.

Com uma atenção que beirava a inveja, Julien estudava os mais grosseiros dos camponesinhos que chegavam ao seminário. No momento em que eram despojados das roupas de brim para vestirem o hábito preto, sua educação limitava-se a um respeito imenso e sem limites pelo dinheiro *seco e líquido*, como dizem no Franco-Condado.

É a maneira sacramental e heroica de exprimir a ideia sublime de *dinheiro à vista*.

A felicidade, para esses seminaristas, como para os heróis dos romances de Voltaire, consiste sobretudo em comer bem. Julien descobria em quase todos um respeito inato pelo homem que veste um traje de *pano fino*. Esse sentimento aprecia a *justiça distributiva*, tal como a oferecem nossos tribunais, em seu valor e mesmo abaixo de seu valor. Que se pode ganhar, eles repetiam com frequência entre si, movendo uma causa contra um *graúdo*?

É a expressão dos vales do Jura para indicar um homem rico. Que se julgue pelo respeito que eles têm diante do mais rico de todos: o governo!

Para os camponeses do Franco-Condado, não sorrir com respeito à simples menção do sr. prefeito é tido como uma imprudência. E a imprudência, no pobre, é rapidamente punida pela falta de pão.

Depois de sentir-se como que sufocado, nos primeiros tempos, pelo sentimento de desprezo, Julien acabou por ter piedade. Aos pais da maioria de seus colegas, sucedera com frequência voltar à noite para casa, no inverno, e não encontrar nem pão, nem castanhas, nem batatas. Que há então de surpreendente, pensava Julien, se o homem feliz, aos olhos deles, é em primeiro lugar aquele que come bem, e a seguir aquele que possui uma boa roupa? Meus colegas têm uma vocação firme, isto é, eles veem no estado eclesiástico uma longa continuação desta felicidade: comer bem e ter uma roupa quente no inverno.

Aconteceu a Julien ouvir um jovem seminarista, dotado de imaginação, dizer a seu

companheiro:

– Por que não posso ser papa como Sisto V, que guardava os porcos?

– Só italianos são escolhidos papas, respondeu o amigo; mas com certeza sortearão entre nós para os cargos de vigário-geral, cônego e talvez bispo. O sr. P..., bispo de Châlons, é filho de um tanoeiro, profissão de meu pai.

Um dia, no meio de uma lição de dogma, o abade Pirard mandou chamar Julien. O pobre moço ficou encantado de sair da atmosfera física e moral na qual mergulhara.

Julien encontrou no diretor a mesma acolhida que tanto o assustara no dia de sua chegada ao seminário.

– Explique-me o que está escrito nesta carta de baralho, ele falou, olhando-o de modo a fazê-lo sumir no chão.

Julien leu:

"Amanda Binet, no café de La Girafe, antes das oito. Dizer que é de Genlis, e primo de minha mãe."

Julien percebeu a gravidade do perigo; a polícia do padre Castanède havia-lhe roubado esse endereço.

– No dia em que entrei aqui, ele respondeu mirando a fronte do abade Pirard, pois não podia suportar seu olhar terrível, eu estava assustado: o sr. Chélan dissera-me que era um lugar cheio de delações e maldades de todo tipo; a espionagem e a denúncia entre colegas são estimuladas. O céu quer assim, para mostrar aos jovens padres a vida tal como ela é, e inspirar-lhes a aversão pelo mundo e suas pompas.

– E é a mim que vem dizer essas frases, seu tratante?, interrompeu o abade Pirard, furioso.

– Em Verrières, prosseguiu friamente Julien, meus irmãos me batiam quando tinham inveja de mim...

– Aos fatos! Aos fatos!, exclamou o sr. Pirard, quase fora de si.

Sem sentir-se nem um pouco intimidado, Julien continuou sua narração:

– No dia de minha chegada em Besançon, por volta do meio-dia, tive fome, entrei num café. Meu coração estava cheio de repugnância por um lugar tão profano; mas pensei que lá meu almoço sairia mais barato do que num albergue. Uma senhora, que parecia a dona do lugar, compadeceu-se de meu aspecto de noviço. Besançon está repleta de maus sujeitos, ela me disse, receio pelo senhor. Se tiver algum problema, recorra a mim, mande-me procurar antes das oito horas. Se os porteiros do seminário se recusarem a levar seu recado, diga que é meu primo e natural de Genlis...

– Toda essa conversa vai ser verificada, exclamou o abade Pirard que, não podendo ficar parado, caminhava pela peça. Recolha-se à sua cela!

O abade seguiu Julien e encerrou-o à chave. Este logo pôs-se a inspecionar sua valise, no fundo da qual a carta fatal fora preciosamente escondida. Nada faltava, embora várias coisas estivessem fora do lugar; no entanto, ele nunca abandonava a chave. Ainda bem, pensou Julien, que, durante o tempo de minha cegueira, jamais aceitei a permissão de sair, que o sr. Castanède me ofereceu tantas vezes com uma bondade que só agora compreendo. Talvez eu tivesse tido a fraqueza de mudar de roupa para visitar a bela Amanda, e então estaria perdido. Como desesperaram de tirar proveito da informação dessa maneira, fizeram uma denúncia,

para não perdê-la.

Duas horas depois, o diretor mandou chamá-lo.

– Você não mentiu, disse ele com um olhar menos severo; mas conservar tal endereço é uma imprudência cuja gravidade não imagina. Pobre criança! Dentro de dez anos, talvez, isso poderá prejudicá-lo.

---

6 Henri Grégoire, bispo que participou da Revolução Francesa, contribuindo para a união do baixo clero. (N.T.)
7 Ver no museu do Louvre, François, duque de Aquitânia, depositando sua couraça para vestir o hábito de monge.

Capítulo XXVII

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DA VIDA

O tempo presente, grande Deus, é a arca do Senhor! Ai de quem toca nela.

DIDEROT

O LEITOR CONSENTIRÁ QUE forneçamos muito poucos fatos claros e precisos sobre essa época da vida de Julien. Não é que eles nos faltem, muito pelo contrário; mas o que ele viu no Seminário talvez seja demasiado sombrio para o colorido moderado que procuramos conservar nestas páginas. Os contemporâneos que sofrem com certas coisas não podem lembrar-se delas senão com um horror que paralisa qualquer outro prazer, mesmo o de ler uma história.

Julien não era muito bem-sucedido em suas tentativas de hipocrisia de gestos; teve momentos de desgosto e mesmo de desânimo completo. Não tinha êxito, e ainda por cima numa carreira mesquinha. O menor amparo exterior teria sido suficiente para restituir-lhe a coragem, a dificuldade a vencer não era muito grande; mas ele estava sozinho como um barco abandonado em meio ao oceano. E mesmo que eu fosse bem-sucedido, ele pensava, ter de passar a vida inteira em tão má companhia! Glutões que só pensam na omelete com toicinho que vão devorar no almoço, ou padres Castanèdes, para quem nenhum crime é demasiado infame! Eles chegarão ao poder, mas a que preço, meu Deus!

A vontade do homem é poderosa, leio isso em toda parte; mas será ela suficiente para superar tal desgosto? A tarefa dos grandes homens foi fácil; por terrível que fosse o perigo, eles o achavam belo; mas quem pode compreender, exceto eu, a feiura do que me cerca?

Esse momento foi o mais penoso de sua vida. Ser-lhe-ia tão fácil alistar-se num dos regimentos da guarnição de Besançon! Podia ser professor de latim, precisava de muito pouco para sua subsistência! Mas, nesse caso, não haveria mais carreira, nem futuro para sua imaginação: seria a morte. Eis o detalhe de um de seus tristes dias.

Minha presunção felicitou-se tantas vezes por eu ser diferente dos outros jovens camponeses! Pois bem, vivi o bastante para ver que *diferença engendra ódio*, dizia-se ele certa manhã. Essa grande verdade acabava de ser-lhe mostrada por um de seus mais irritantes insucessos. Durante oito dias esforçara-se por agradar um aluno que tinha reputação de santidade. Caminhava com ele pelo pátio, escutando com submissão tolices de fazer dormir em pé. De repente, o tempo virou anunciando uma tempestade, ouviram-se trovoadas, e o santo aluno exclamou, repelindo-o de forma grosseira:

– Escute: cada um por si neste mundo, não quero ser queimado pelo raio; Deus pode fulminá-lo como um ímpio, como um Voltaire.

Com os dentes cerrados de raiva e de olhos abertos para o céu riscado de raios, Julien exclamou: Mereço ser afogado se durmo durante a tempestade! Tentemos a conquista de um outro pedante qualquer.

Tocou a sineta para a aula de história sagrada do padre Castanède.

A esses jovens camponeses aterrorizados com o trabalho penoso e a pobreza de seus pais, o padre Castanède ensinava, nesse dia, que o governo, criatura tão terrível aos olhos deles, só tinha poder real e legítimo em virtude da delegação do vigário de Deus na terra.

Tornai-vos dignos da bondade do papa pela santidade de vossas vidas, por vossa obediência, sede como *um bastão nas mãos dele*, acrescentava, e haveis de obter uma posição soberba na qual comandareis como chefes, longe de todo controle; uma posição inamovível, da qual o governo paga um terço dos vencimentos e os fiéis, formados por vossas prédicas, os dois outros terços.

Ao sair da aula, o sr. Castanède deteve-se no pátio.

– É exatamente de um cura que se pode dizer: tanto vale o homem, tanto vale a posição, ele dizia aos alunos que formavam um círculo a seu redor. Conheci, eu que vos falo, paróquias das montanhas cujos ganhos eram maiores que os de muitas da cidade. Além do dinheiro, havia frangos gordos, ovos, manteiga fresca e uma série de outros prazeres; lá o cura é o primeiro sem contestação: não há boa refeição sem que ele seja convidado, bem recebido etc.

Assim que o sr. Castanède voltou a seus aposentos, os alunos dividiram-se em grupos. Julien não estava em nenhum; foi deixado à parte como uma ovelha sarnenta. Em todos os grupos, via um aluno lançar uma moeda no ar; se este acertasse no cara ou coroa, seus colegas concluíam que ele em breve teria uma dessas paróquias de ricos proventos.

A seguir vieram as anedotas. Certo padre jovem, ordenado há apenas um ano, tendo oferecido um coelho à servente de um velho cura, conseguira ser designado para vigário e, poucos meses depois, tendo o cura morrido em seguida, veio a substituí-lo na boa paróquia. Outro conseguira fazer-se designar como sucessor na paróquia de um burgo bastante rico comparecendo às refeições do velho cura paralítico e cortando-lhe os frangos com elegância.

Como os jovens de todas as carreiras, os seminaristas exageram os efeitos desses pequenos expedientes que têm algo de extraordinário e impressionam a imaginação.

Preciso adaptar-me a essas conversas, dizia-se Julien. Quando os assuntos não eram salsichas e boas paróquias, falava-se da parte mundana das doutrinas eclesiásticas, das disputas entre bispos e governadores, entre prefeitos e párocos. Julien via aparecer a ideia de um segundo Deus, mas de um Deus bem mais temível e poderoso que o outro: esse segundo Deus era o papa. Dizia-se, mas em voz baixa e quando se tinha certeza de não ser ouvido pelo sr. Pirard, que, se o papa não se dá o trabalho de nomear todos os governadores e prefeitos da França, é que confiou esse cuidado ao rei da França, nomeando-o filho mais velho da Igreja.

Foi nessa época que Julien acreditou poder tirar proveito de seu conhecimento do livro *Do papa*, do sr. de Maistre. Em verdade, ele surpreendeu seus colegas; mas isso foi ainda pior. Eles não gostaram que alguém expusesse melhor que eles suas próprias opiniões. O sr. Chélan fora imprudente em relação a Julien como o era em relação a si mesmo. Tendo lhe ensinado o hábito de raciocinar com exatidão e de não se contentar com palavras vãs, esquecera de dizer-lhe que, numa pessoa pouco estimada, esse hábito é um crime: pois todo bom raciocínio ofende.

Assim, dizer bem foi, para Julien, um novo crime. De tanto pensarem nele, os colegas conseguiram exprimir numa palavra todo o horror que ele lhes inspirava: apelidaram-no

MARTIM LUTERO, principalmente, diziam, por causa da lógica infernal que o torna tão orgulhoso.

Vários jovens seminaristas tinham uma aparência mais viçosa e podiam ser considerados como rapazes mais bonitos que Julien; mas ele tinha as mãos brancas e não podia ocultar certos hábitos de delicado asseio. Isso não era uma vantagem na triste casa onde a sorte o lançara. Os camponeses sujos no meio dos quais vivia declararam que ele tinha costumes muito relapsos. Tememos fatigar o leitor com o relato dos incontáveis infortúnios do nosso herói. Por exemplo, os mais robustos de seus colegas quiseram adquirir o hábito de espancá-lo; ele foi obrigado a armar-se de um compasso de ferro e a anunciar, por sinais, que faria uso dele. Num relatório de espião, os sinais não podem figurar tão vantajosamente quanto as palavras.

Capítulo XXVIII

UMA PROCISSÃO

Todos os corações estavam comovidos. A presença de Deus parecia ter descido àquelas ruas estreitas e góticas, enfeitadas de todos os lados e bem ensaibradas pelos cuidados dos fiéis.

YOUNG

POR MAIS QUE se fizesse humilde e tolo, Julien não podia agradar, era demasiado diferente. No entanto, pensava, todos esses professores são pessoas muito finas e escolhidas entre mil; como é que não gostam de minha humildade? Um só parecia-lhe abusar de sua complacência em acreditar em tudo e em parecer completamente bobo. Era o padre Chas-Bernard, diretor de cerimônias da catedral, onde, há quinze anos, faziam-lhe esperar um cargo de cônego; enquanto isso, ele ensinava eloquência sacra no seminário. No tempo de sua cegueira, esse curso era um daqueles em que Julien tirava habitualmente o primeiro lugar. O padre Chas partira disso para demonstrar-lhe amizade, e, à saída das aulas, tomava-o de bom grado pelo braço para dar algumas voltas no jardim.

Aonde ele quer chegar?, perguntava-se Julien. Observava com espanto que, durante horas, o padre Chas falava-lhe dos ornamentos da catedral. Ela possuía dezessete casulas agaloadas, além dos ornamentos de luto. Esperava-se muito da velha presidenta de Rubempré; essa senhora, de noventa anos de idade, conservava, há setenta anos pelo menos, seus vestidos de núpcias, em soberbos tecidos de Lyon lavrados de ouro. Imagine, meu amigo, dizia o padre Chas, parando de repente e arregalando os olhos, que esses tecidos mantêm-se de pé, tal a quantidade de ouro. Fala-se em Besançon que, pelo testamento da presidenta, o *tesouro* da catedral será aumentado em mais dez casulas, sem contar quatro ou cinco capas para as grandes festas. Vou mais longe, acrescentava o padre Chas baixando a voz; tenho razões de pensar que a presidenta nos deixará oito magníficos castiçais de prata dourada, que se supõe terem sido comprados na Itália, pelo duque de Borgonha, Carlos, o Temerário, do qual um dos antepassados dela foi o ministro favorito.

Mas aonde esse homem quer chegar com toda essa velharia?, pensava Julien. Essa hábil preparação dura há um século e não chega a nada. Ele deve desconfiar muito de mim! É mais esperto que os outros, cujo objetivo secreto percebe-se claramente em quinze dias. Compreendo, a ambição deste vem sofrendo há quinze anos!

Certa tarde, no meio da lição de heráldica, Julien foi chamado pelo abade Pirard, que lhe disse:

– Amanhã é a festa de *Corpus Christi*. O padre Chas-Bernard tem necessidade de você para ajudá-lo a enfeitar a catedral, vá e obedeça.

O abade Pirard tornou a chamá-lo e, com um ar de comiseração, acrescentou:

– Cabe a você examinar se quer aproveitar a ocasião de ir até a cidade.

– *Incedo per ignes*, respondeu Julien (tenho inimigos ocultos).

No dia seguinte, bem cedo, Julien dirigiu-se à catedral, de olhos baixos. O aspecto das ruas e a atividade que começava a reinar na cidade lhe fez bem. Em toda parte enfeitavam as casas para a procissão. Todo o tempo que passara no seminário pareceu-lhe apenas um instante. Seu pensamento estava em Vergy e na bela Amanda Binet que ele podia encontrar, pois seu café não era muito distante. De longe avistou o padre Chas-Bernard à porta de sua querida catedral; era um homem gordo, de rosto alegre e comunicativo. Naquele dia, estava triunfante: Eu o esperava, meu caro filho, exclamou ao avistar de longe Julien; seja bem-vindo. O trabalho será longo e pesado, fortaleçamo-nos por uma primeira refeição; a segunda será às dez horas, durante a grande missa.

– Desejo não ficar só um único instante, senhor, disse Julien com um ar grave; permita-me observar, acrescentou mostrando-lhe o relógio acima de sua cabeça, que chego às cinco horas menos um minuto.

– Ah! Esses pequenos malvados do seminário metem-lhe medo! É muito justo que pense neles, disse o padres Chas; acaso um caminho é menos belo porque há espinhos nas sebes que o margeiam? Os viajantes seguem seu caminho e deixam os espinhos maus entediarem-se onde estão. Mas mãos à obra, caro amigo, mãos à obra!

O padre Chas tinha razão de dizer que o trabalho seria pesado. Na véspera houvera uma grande cerimônia fúnebre na catedral; não fora possível preparar nada; assim, seria preciso, numa única manhã, revestir todos os pilares góticos das três naves com uma espécie de roupagem de damasco vermelho, a uma altura de dez metros. O bispo mandara vir, pela mala postal, quatro tapeceiros de Paris, mas esses senhores não podiam dar conta de tudo e, em vez de animarem seus colegas de Besançon, redobravam-lhes a inabilidade zombando deles.

Julien viu que ele próprio precisava subir pela escada, sua agilidade o favoreceu. Encarregou-se de orientar os tapeceiros da cidade. Encantado, o padre Chas via-o subir de escada em escada. Quando todos os pilares foram revestidos com o damasco, foi a vez de colocar cinco enormes buquês de plumas no grande dossel, acima do altar-mor. Um rico arremate de madeira dourada é sustentado por oito grandes colunas torcidas em mármore italiano. Mas, para chegar ao centro do dossel, por cima do tabernáculo, era preciso andar por uma velha cornija de madeira, talvez carunchada e a uns treze metros de altura.

O aspecto desse caminho árduo extinguira a satisfação orgulhosa até mesmo dos tapeceiros de Paris; eles olhavam lá de baixo, discutiam muito e não subiam. Julien pegou os buquês de plumas e subiu a escada correndo. Colocou-os exatamente sobre o ornamento em forma de coroa, no centro do dossel. Quando desceu da escada, o padre Chas-Bernard apertou-o entre os braços:

– *Optime*, exclamou o bom padre, contarei isso ao monsenhor.

A refeição das dez horas foi muito alegre. Jamais o padre Chas vira sua igreja tão bela.

– Caro discípulo, ele dizia a Julien, minha mãe alugava cadeiras nesta venerável basílica, de modo que fui alimentado neste grande prédio. O Terror de Robespierre nos arruinou; porém, com oito anos que eu tinha então, já ajudava missas particulares e, nesses dias, davam-me comida. Ninguém sabia dobrar uma casula melhor que eu, nunca os galões eram danificados. Depois do restabelecimento do culto por Napoleão, tive a felicidade de dirigir

tudo nesta venerável matriz. Cinco vezes por ano, meus olhos a veem enfeitada por esses ornamentos tão belos. Mas nunca ela foi tão resplandecente, nunca os panos de damasco foram tão bem pregados quanto hoje, tão bem colados aos pilares.

Finalmente ele vai dizer-me seu segredo, pensou Julien; está falando dele, está desabafando. Mas nada de imprudente foi dito por esse homem visivelmente exaltado. No entanto, continuou a pensar Julien, ele trabalhou muito, está feliz, o bom vinho não foi poupado. Que homem! Que exemplo para mim! A ele o pompom! (Era uma expressão imprópria que ele aprendera com o velho cirurgião.)

Quando soou o *Sanctus* da grande missa, Julien quis pegar uma sobrepeliz para acompanhar o bispo na soberba procissão.

– E os ladrões, meu amigo, e os ladrões?, exclamou o padre Chas. Não pensou nisso? A procissão vai sair, a igreja ficará deserta; ficaremos de guarda, você e eu. Teremos muita sorte se nos faltar apenas um pedaço do belo enfeite que cerca a base dos pilares. É também uma doação da sra. de Rubempré; provém do famoso conde, seu bisavô; é ouro puro, sem nada falso, meu caro amigo!, acrescentou, falando-lhe ao ouvido e de um modo visivelmente exaltado. Vou encarregá-lo da inspeção da ala norte, não saia de lá. Cuidarei da ala sul e da nave principal. Atenção aos confessionários; é dali que os espias dos ladrões aguardam o momento em que viramos as costas.

Quando ele acabava de falar, soaram onze horas e três quartos; imediatamente o sino principal fez-se ouvir. Bimbalhava com toda a força. Esse som pleno e solene comoveu Julien. Sua imaginação não estava mais na terra.

O cheiro de incenso e das folhas de rosa atiradas diante do Santo Sacramento, pelas criancinhas vestidas de São João, completou sua exaltação.

Os sons tão graves desse sino deveriam suscitar em Julien apenas a ideia do trabalho de vinte homens pagos a cinquenta centavos, talvez auxiliados por quinze ou vinte fiéis. Ele deveria pensar no desgaste das cordas, da armação de madeira, no perigo do próprio sino que a cada dois séculos cai, e refletir sobre o meio de diminuir o salário dos sineiros ou de pagá-los com alguma indulgência ou outra graça tirada dos tesouros da Igreja, sem reduzir seus ganhos.

Em vez dessas sensatas reflexões, a alma de Julien, exaltada por esses sons tão másculos e plenos, vagava nos espaços imaginários. Ele nunca será um bom padre, nem um grande administrador. Almas que se comovem desse modo servem no máximo para produzir um artista. Aqui revela-se claramente a presunção de Julien. Cinquenta, talvez, de seus colegas seminaristas, atentos agora ao real da vida pelo ódio público e o jacobinismo que lhes mostram de tocaia em cada esquina, pensariam, ao ouvirem o grande sino da catedral, apenas no salário dos sineiros. Com o gênio de Barême, examinariam se o grau de emoção do público vale o dinheiro pago aos sineiros. Se Julien considerasse os interesses materiais da catedral, sua imaginação, lançando-se mais além do objetivo, pensaria em economizar 40 francos na fábrica, e desprezaria uma despesa de 25 centavos.

Enquanto, no mais belo dia do mundo, a procissão percorria lentamente Besançon e detinha-se nos altares erguidos pelas autoridades, um mais brilhante que o outro, a igreja permanecera num profundo silêncio. Ali reinavam uma semiobscuridade e um agradável

frescor; ela ainda estava aromatizada pelo perfume das flores e do incenso.

O silêncio, a solidão profunda, o frescor das compridas naves tornavam mais doce o devaneio de Julien. Ele não temia ser perturbado pelo padre Chas, ocupado numa outra parte da catedral. Sua alma havia quase abandonado seu invólucro mortal, que passeava a passos lentos pela ala norte confiada à sua vigilância. Estava ainda mais tranquilo por ter certeza de que nos confessionários havia apenas algumas mulheres piedosas, que seu olhar captava sem ver.

No entanto, sua distração foi em parte vencida pelo aspecto de duas mulheres muito bem-vestidas que estavam de joelhos, uma num confessionário, a outra num assento, perto da primeira. Ele olhava sem ver; mas, ou por sentimento vago de seus deveres, ou por admiração do traje nobre e simples dessas senhoras, notou que não havia padre naquele confessionário. É singular, pensou, que essas belas senhoras não estejam ajoelhadas diante de um altar, se são devotas; ou postadas com destaque na primeira fila de um balcão, se são nobres. Como esse vestido é bem feito! Que graça! Ele diminuiu o passo para examiná-las.

A que estava ajoelhada no confessionário voltou um pouco a cabeça ao ouvir os passos de Julien no meio daquele grande silêncio. De repente, deu um pequeno grito e sentiu-se mal.

Ao perder os sentidos, essa senhora ajoelhada caiu para trás; sua amiga, que estava perto dela, levantou-se rapidamente para socorrê-la. Ao mesmo tempo, Julien viu os ombros da senhora que caíra. Um colar de grandes pérolas finas, que ele conhecia bem, feriu seus olhos. O que ele não sentiu ao reconhecer os cabelos da sra. de Rênal! Era ela! A senhora que procurava sustentar-lhe a cabeça e impedi-la de cair completamente era a sra. Derville. Julien, fora de si, precipitou-se em direção a elas; a queda da sra. de Rênal talvez tivesse arrastado sua amiga se Julien não as tivesse amparado. Ele viu a cabeça da sra. de Rênal, pálida, totalmente desfalecida, pendendo sobre seu ombro. Ajudou a sra. Derville a colocar essa cabeça encantadora sobre o encosto de uma cadeira de palha; ele estava de joelhos.

A sra. Derville virou-se e o reconheceu:

– Fuja, senhor, fuja, ela disse, com o acento da mais viva cólera. Que ela não torne a vê-lo, pois deve ter-se horrorizado à sua visão, ela estava tão feliz antes! Seu procedimento é cruel. Fuja, afaste-se, se lhe resta algum pudor!

Essas palavras foram ditas com tanta autoridade, e Julien estava tão frágil nesse momento, que ele se afastou. Ela sempre me odiou, disse a si mesmo, pensando na sra. Derville.

No mesmo instante, o canto fanhoso dos primeiros padres da procissão ressoou na igreja. O padre Chas-Bernard chamou várias vezes Julien, que a princípio não o ouviu: acabou vindo pegá-lo pelo braço, atrás de um pilar onde Julien refugiara-se semimorto. Ele queria apresentá-lo ao bispo.

– Você está passando mal, meu filho, disse o padre ao vê-lo tão pálido e sem condições de caminhar. Trabalhou demais. O padre deu-lhe o braço. Venha, sente-se neste banquinho junto à pia de água benta, ficará escondido atrás de mim. Eles estavam então ao lado da porta principal. Tranquilize-se, temos ainda uns vinte minutos até o monsenhor aparecer. Procure recompor-se; quando ele passar, eu o ajudarei a levantar-se, pois sou forte e vigoroso apesar de minha idade.

Mas, quando o bispo passou, Julien estava tão trêmulo que o padre Chas renunciou à ideia

de apresentá-lo.

– Não se aflija demais, disse ele, haverá uma nova oportunidade.

À noite, ele mandou levar à capela do seminário 10 libras de círios economizados, segundo ele, pelos cuidados de Julien e pela rapidez com que os fizera extinguir. Nada menos verdadeiro. O pobre rapaz é que se extinguira; não tivera uma única ideia depois de ter visto a sra. de Rênal.

Capítulo XXIX

A PRIMEIRA PROMOÇÃO

Ele conheceu seu século, conheceu sua região e é rico.

LE PRÉCURSEUR

JULIEN NÃO VOLTARA ainda do devaneio profundo em que o havia mergulhado o acontecimento da catedral, quando, certa manhã, o severo abade Pirard mandou chamá-lo.

– O padre Chas-Bernard escreveu-me em seu favor. Estou bastante contente com o conjunto de sua conduta. Você é extremamente imprudente e mesmo estouvado, sem que o pareça; no entanto, até agora o coração é bom e mesmo generoso; o espírito é superior. De uma maneira geral, vejo em você uma centelha que não deve ser negligenciada.

Depois de quinze anos de trabalhos, prosseguiu, estou para sair desta casa: meu crime foi ter deixado aos seminaristas seu livre-arbítrio, e não ter protegido nem barrado essa sociedade secreta da qual me falou no tribunal da penitência. Antes de partir, quero fazer alguma coisa por você; eu teria agido dois meses antes, pois você o merece, sem a denúncia baseada no endereço de Amanda Binet, encontrada em seus pertences. Nomeio-o professor auxiliar do Novo e do Antigo Testamento.

Julien, transportado de reconhecimento, teve a ideia de lançar-se de joelhos e de agradecer a Deus; mas cedeu a um movimento mais verdadeiro. Aproximou-se do abade Pirard e tomou-lhe a mão, levando-a aos lábios.

– O que é isso?, exclamou o diretor, irritado; mas os olhos de Julien diziam ainda mais que sua ação.

O abade Pirard olhou-o com espanto, como um homem que, depois de longos anos, perdeu o hábito de deparar com emoções delicadas. Essa atenção traiu o diretor; sua voz alterou-se.

– Está bem! Sim, meu filho, tenho afeição por ti! O céu sabe que isso é contra minha vontade. Eu deveria ser justo e não ter ódio nem amor por ninguém. Tua carreira será difícil. Vejo em ti algo que ofende o vulgo. O ciúme e a calúnia te perseguirão. Onde quer que a Providência te coloque, teus colegas jamais te verão sem te odiar; e, se fingem te amar, será para te trair com mais segurança. Para isso há só um remédio: recorrer a Deus, que te deu, para punir tua presunção, essa necessidade de ser odiado; que tua conduta seja pura; é o único recurso que possuis. Se te apegares à verdade com uma força invencível, cedo ou tarde teus inimigos serão confundidos.

Há tanto tempo Julien não ouvia uma voz amiga que devemos perdoar-lhe uma fraqueza; ele desatou a chorar. O abade Pirard abriu-lhe os braços; foi um momento muito doce para os dois.

Julien não cabia em si de alegria; essa promoção era a primeira que obtinha; as vantagens eram imensas. Para avaliá-las, é preciso ter sido condenado a passar meses inteiros sem um instante de solidão, e no contato imediato com colegas pelo menos importunos, em sua maioria

intoleráveis. Os simples gritos deles teriam bastado para pôr em desordem um organismo delicado. A alegria ruidosa desses camponeses bem alimentados e bem-vestidos não sabia contentar-se consigo mesma, só se acreditava inteira quando eles a gritavam a plenos pulmões.

Agora Julien fazia suas refeições a sós, ou quase a sós, uma hora mais tarde que os outros seminaristas. Tinha uma chave do jardim e lá podia passear nas horas em que este ficava deserto.

Para o seu grande espanto, Julien notou que o odiavam menos, quando ele esperava, ao contrário, um ódio redobrado. O desejo secreto de que não lhe dirigissem a palavra, que era tão evidente e lhe valera tantos inimigos, deixou de ser um traço de arrogância ridícula. Aos olhos dos indivíduos grosseiros que o cercavam, isso tornou-se um sentimento justo de sua dignidade. O ódio diminuiu sensivelmente, sobretudo entre os mais jovens dos colegas que se tornaram seus alunos, e que ele tratava com muita polidez. Aos poucos, ele ganhou até defensores; passou a ser de mau gosto chamá-lo Martim Lutero.

Mas para quê nomear seus amigos, seus inimigos? Tudo isso é feio, e tanto mais feio quanto o desenho é verdadeiro. No entanto, são esses os únicos professores de moral que o povo tem; e, sem eles, que seria do povo? Poderá o jornal algum dia substituir o padre?

Desde a nova dignidade de Julien, o diretor do seminário preferiu jamais falar com ele sem testemunhas. Havia nessa conduta prudência, tanto para o mestre quanto para o discípulo; mas havia sobretudo *teste*. O princípio invariável do severo jansenista Pirard era: Um homem possui mérito a vossos olhos? Colocai obstáculo a tudo o que ele deseja, a tudo o que empreende. Se o mérito é real, ele saberá derrubar ou contornar os obstáculos.

Era o tempo de caça. Fouqué teve a ideia de enviar ao seminário um cervo e um javali, em nome dos pais de Julien. Os animais mortos foram depositados no corredor, entre a cozinha e o refeitório. Foi ali que todos os seminaristas os viram, na hora do almoço. Aquilo foi um grande objeto de curiosidade. Mesmo morto, o javali atemorizava os mais jovens, que tocavam suas defesas. Não se falou de outra coisa durante oito dias.

Esse presente, que classificava a família de Julien na parte da sociedade que se deve respeitar, desferiu um golpe mortal contra a inveja. Ele significou uma superioridade consagrada pela fortuna. Chazel e os mais distintos dos seminaristas deram-lhe atenções e quase queixaram-se a ele por não tê-los informado da fortuna de seus pais, expondo-os assim a uma falta de respeito para com o dinheiro.

Houve um recrutamento militar, do qual Julien foi isento em sua qualidade de seminarista. Essa circunstância abalou-o profundamente. Eis passado para sempre o instante em que uma vida heroica, aos vinte anos, teria começado para mim!

Ele passeava sozinho no jardim do seminário. Ouviu uma conversa entre dois pedreiros que trabalhavam no muro de vedação.

– Pois então devemos partir, vem aí um novo recrutamento.

– No tempo do *outro*, aí sim! Um pedreiro podia ser oficial, podia ser general, isso aconteceu.

– Vai ver agora! Só os indigentes é que partem. Quem tem *alguma coisa* não se arrisca.

– Quem nasceu miserável, continua miserável, é isso aí.

– Ei, é verdade o que dizem, que o outro morreu?, perguntou um terceiro pedreiro.

– São os graúdos que dizem isso, entende? O outro lhes metia medo.

– Que diferença, como as coisas iam bem no tempo dele! E dizer que foi traído por seus marechais! É preciso ser muito traidor!

Essa conversa consolou um pouco Julien. Afastando-se, ele repetia, com um suspiro:

O único rei cuja memória o povo conservou!

A época dos exames chegou. Julien respondeu de forma brilhante; viu que o próprio Chazel procurava mostrar todo o seu saber.

No primeiro dia, os examinadores nomeados pelo famoso vigário-geral de Frilair ficaram muito contrariados de colocar sempre em primeiro, ou quando muito em segundo, na lista, o nome desse Julien Sorel, que lhes era apontado como o benjamim do abade Pirard. Houve apostas, no seminário, de que na lista do exame geral Julien teria o primeiro lugar, o que significava a honra de almoçar na casa do bispo. Mas no final de uma sessão, em que se tratara dos Padres da Igreja, um examinador habilidoso, após ter interrogado Julien sobre São Jerônimo e sua paixão por Cícero, passou a falar de Horácio, de Virgílio e outros autores profanos. Sem que os colegas soubessem, Julien aprendera de cor um grande número de passagens desses autores. Arrebatado por seus sucessos, ele esqueceu o lugar onde estava e, a um pedido reiterado do examinador, recitou e parafraseou com ardor várias odes de Horácio. Após deixá-lo comprometer-se durante vinte minutos, o examinador mudou subitamente de expressão e censurou-lhe com acidez o tempo que perdera nesses estudos profanos, e as ideias inúteis ou criminosas que pusera na cabeça.

– Sou um tolo, e o senhor tem razão, disse Julien com um ar modesto, reconhecendo o hábil estratagema de que fora vítima.

Essa esperteza de examinador foi considerada suja, mesmo no seminário, o que não impediu que o abade de Frilair, homem habilidoso que organizara de forma competente a rede da Congregação de Besançon, e cujos despachos a Paris faziam tremer juízes, governador e até os generais da guarnição, pusesse com sua mão poderosa o número 198 ao lado do nome de Julien. Com isso, tinha a alegria de mortificar seu inimigo, o jansenista Pirard.

Há dez anos, sua grande questão era retirar-lhe a direção do seminário. Pirard, adotando para si mesmo o plano de conduta que indicara a Julien, era sincero, piedoso, sem intrigas, apegado a seus deveres. Mas o céu, em sua cólera, dera-lhe um temperamento bilioso, feito para sentir profundamente as injúrias e o ódio. Nenhum dos ultrajes que lhe faziam ficava perdido para essa alma ardente. Teria pedido cem vezes sua demissão, mas acreditava-se útil no posto onde a Providência o colocara. Assim impeço os progressos do jesuitismo e da idolatria, dizia a si mesmo.

Na época dos exames, havia aproximadamente dois meses que ele não falava com Julien; no entanto, ficou doente durante oito dias quando, ao receber a carta oficial anunciando o resultado do concurso, viu o número 198 colocado junto ao nome desse aluno que ele via como a glória de sua casa. O único consolo para esse caráter severo foi concentrar sobre Julien todos os seus meios de vigilância. Com encanto, nele não descobriu nem cólera, nem projeto de vingança, nem desânimo.

Algumas semanas depois, Julien estremeceu ao receber uma carta; ela trazia o selo de Paris. Enfim, pensou, a sra. de Rênal lembrou-se de suas promessas. Um senhor que se

assinava Paul Sorel, e dizia-se seu parente, enviava-lhe uma letra de câmbio de 500 francos. Acrescentava que, se Julien continuasse a estudar com sucesso os bons autores latinos, uma quantia semelhante lhe seria enviada todo ano.

É ela, é sua bondade!, pensou Julien, enternecido; ela quer me consolar; mas por que nenhuma palavra de amizade?

Ele enganava-se sobre a carta. A sra. de Rênal, orientada por sua amiga, a sra. Derville, estava completamente entregue a seus remorsos profundos. Contra sua vontade, ela pensava com frequência no ser singular cujo encontro perturbara sua existência, mas procurou não lhe escrever.

Se falássemos a linguagem do seminário, poderíamos reconhecer um milagre nessa remessa de 500 francos, e dizer que era do próprio sr. de Frilair que o céu se servia para dar esse presente a Julien.

Doze anos antes, o abade de Frilair chegara a Besançon com uma sacola das mais exíguas, a qual, segundo a crônica, continha toda a sua fortuna. Agora, era um dos homens mais ricos da região. No curso de sua prosperidade, adquirira metade de um terreno, cuja outra metade coube por herança ao sr. de La Mole. Daí um grande processo entre essas figuras.

Apesar de sua brilhante existência em Paris, e dos empregos que tinha na corte, o marquês de la Mole viu que era perigoso lutar em Besançon contra um grande vigário de quem diziam fazer e desfazer governadores. Em vez de solicitar uma gratificação de 50 mil francos, dissimulada sob um nome qualquer aceito pelo orçamento, e de abandonar ao abade de Frilair esse mesquinho processo de 50 mil francos, o marquês irritou-se. Acreditava ter razão: bela razão!

Ora, se é permitido dizer: que juiz não tem um filho ou pelo menos um primo a promover na sociedade?

Para esclarecer os mais cegos, oito dias depois da primeira sentença que obteve, o abade de Frilair tomou a carruagem do bispo e foi pessoalmente levar a cruz da Legião de Honra a seu advogado. O sr. de La Mole, um pouco atordoado com a atitude da parte adversária, e vendo seus advogados fraquejarem, pediu conselhos ao abade Chélan, que o pôs em contato com o sr. Pirard.

Essas relações já duravam vários anos na época de nossa história. O abade Pirard pôs seu caráter apaixonado nesse caso. Avistando-se seguidamente com os advogados do marquês, examinou sua causa e, considerando-a justa, tornou-se abertamente o defensor do marquês de La Mole contra o todo-poderoso vigário-geral. Este ficou furioso com a insolência, ainda mais da parte de um jansenista!

Vejam o que é essa nobreza de corte que se julga tão poderosa! dizia a seus íntimos o abade de Frilair. O sr. de La Mole não só enviou uma medalha miserável a seu agente em Besançon, como irá fazê-lo ser sumariamente destituído. No entanto, pelo que me escrevem, esse nobre não deixa passar uma semana sem exibir sua fita azul no salão do ministro da Justiça, seja ele quem for.

Apesar da atividade do abade Pirard, e embora o sr. de La Mole mantivesse sempre boas relações com o ministro e sobretudo com seus gabinetes, o máximo que obteve, após seis anos de esforços, fora não perder definitivamente seu processo.

Correspondendo-se o tempo todo com o abade Pirard, sobre um caso que ambos seguiam com paixão, o marquês acabou por apreciar o tipo de espírito do abade. Aos poucos, não obstante a imensa distância das posições sociais, a correspondência deles adquiriu o tom da amizade. O abade Pirard dizia ao marquês que queriam obrigá-lo, à força de vexames, a pedir sua demissão. Furioso com o estratagema infame, segundo ele, empregado contra Julien, contou sua história ao marquês.

Embora muito rico, este nobre não era avarento. Em momento nenhum ele pudera fazer que o abade Pirard aceitasse nem sequer o reembolso dos gastos de correio ocasionados pelo processo. Teve então a ideia de enviar quinhentos francos a seu aluno favorito.

O sr. de La Mole deu-se o trabalho de escrever ele próprio a carta de remessa. Isso o fez pensar no abade.

Um dia, este recebeu um bilhete que o convidava a comparecer, sem demora, num albergue dos arredores de Besançon. Lá ele encontrou o intendente do sr. de La Mole.

– O sr. marquês encarregou-me de trazer-lhe sua caleche, disse esse homem. Ele espera que, após ter lido esta carta, o senhor concordará em partir para Paris, dentro de quatro ou cinco dias. Vou empregar o tempo que o senhor me indicar percorrendo as terras do sr. marquês, no Franco-Condado. Depois disso, no dia marcado, partiremos para Paris.

A carta era breve:

"Livre-se, meu caro senhor, de todos os incômodos da província, venha respirar um ar tranquilo, em Paris. Envio-lhe minha carruagem, que tem a ordem de esperar sua determinação durante quatro dias. Eu mesmo o aguardarei, em Paris, até terça-feira. Só preciso de um sim, da sua parte, para aceitar, em seu nome, uma das melhores paróquias dos arredores de Paris. O mais rico de seus futuros paroquianos jamais o viu, mas é mais devotado ao senhor do que pode imaginar: é o marquês de La Mole".

Sem que suspeitasse, o severo abade Pirard gostava daquele seminário, povoado de inimigos, e ao qual, há quinze anos, dedicava todos os seus pensamentos. A carta do sr. de La Mole foi para ele como a chegada do cirurgião encarregado de fazer uma operação cruel e necessária. Sua destituição era certa. Ele marcou um encontro com o intendente para dali a três dias.

Durante quarenta e oito horas, viveu na febre da incerteza. Finalmente, escreveu ao sr. de La Mole e compôs, para o monsenhor bispo, uma carta, obra-prima de estilo eclesiástico, mas um pouco longa. Teria sido difícil encontrar frases mais irrepreensíveis e que transmitissem um respeito mais sincero. Todavia, essa carta, destinada a criar uma hora difícil para o sr. de Frilair frente a seu superior, articulava todos os motivos de queixas graves e descia até as pequenas patifarias que, tendo sido suportadas com resignação durante seis anos, forçavam o abade Pirard a abandonar a diocese.

Roubavam lenha do seu depósito, envenenavam seu cão etc. etc.

Terminada a carta, ele mandou despertar Julien que, às oito da noite, já dormia, assim como todos os seminaristas.

– Sabe onde é a sede do bispado?, disse-lhe num belo estilo latino; leve esta carta ao monsenhor. Não lhe escondo que o envio para junto dos lobos. Seja todo olhos e ouvidos. Nada de mentiras em suas respostas; mas considere que quem o interroga sentiria talvez uma

verdadeira alegria em poder prejudicá-lo. Folgo muito de proporcionar-lhe esta experiência antes de deixá-lo, meu filho, pois não lhe escondo: a carta que leva é minha demissão.

Julien permaneceu imóvel, ele gostava do abade Pirard. Em vão a prudência lhe dizia: Depois que este homem honesto for embora, o partido do Sagrado Coração vai destituir-me e talvez expulsar-me.

Ele não podia pensar em si próprio. O que o embaraçava era uma frase que ele queria formular de uma maneira polida, mas não se sentia com espírito para isso.

– Então, meu amigo, por que não parte?

– É que dizem, disse timidamente Julien, que durante sua longa administração o senhor não fez nenhuma economia. Tenho seiscentos francos.

As lágrimas impediram-no de continuar.

– *Isso também ficará marcado*, disse friamente o ex-diretor do seminário. Vá até a sede do bispado, está ficando tarde.

Quis o acaso que naquela noite o abade de Frilair estivesse de serviço no salão do bispado; o bispo jantava no Palácio do Governo. Foi portanto ao próprio sr. de Frilair que Julien, sem o conhecer, entregou a carta.

Com espanto ele viu o abade abrir ousadamente a carta endereçada ao bispo. A face do vigário-geral logo exprimiu uma surpresa mesclada de vivo prazer, depois mudada em gravidade. Enquanto lia, Julien, impressionado com sua fisionomia, teve tempo de examiná-la. Ela teria mais gravidade sem a finura extrema que se via em certos traços, e que chegaria até a denotar falsidade se o possuidor desse belo rosto se distraísse por um instante. O nariz, muito avançado, formava uma única linha perfeitamente reta, e dava a um perfil, não obstante distinto, uma semelhança irremediável com a fisionomia de uma raposa. De resto, esse abade, que parecia tão ocupado com a demissão do sr. Pirard, vestia-se com uma elegância que agradou muito a Julien, e que ele jamais vira num padre.

Só mais tarde Julien ficou sabendo qual era o talento especial do abade de Frilair. Ele sabia divertir seu bispo, velho amável, feito para morar em Paris, e que via Besançon como um exílio. Esse bispo tinha uma péssima visão e gostava apaixonadamente de peixe. O abade de Frilair tirava as espinhas do peixe que era servido ao monsenhor.

Julien observava em silêncio o abade, que relia a carta de demissão, quando de repente a porta abriu-se com estrépito. Um lacaio, ricamente vestido, passou rapidamente. Julien mal teve tempo de voltar-se para a porta, onde viu um velhinho com uma cruz peitoral. Prosternou-se: o bispo dirigiu-lhe um sorriso afável e passou. O abade elegante o acompanhou, e Julien ficou sozinho no salão, cuja magnificência devota pôde admirar à vontade.

O bispo de Besançon, homem de espírito abatido mas não apagado pelos longos sofrimentos da emigração, tinha mais de setenta e cinco anos e pouco se importava com o que aconteceria nos próximos dez anos.

– Quem é o seminarista de olhar fino que acredito ter visto de passagem?, disse o bispo. Eles não devem, segundo meu regulamento, já estar deitados a esta hora?

– Asseguro que este está bem acordado, monsenhor, e traz uma grande notícia: a demissão do único jansenista que restava em vossa diocese. Aquele terrível abade Pirard compreendeu enfim o que falar quer dizer.

– Pois bem, disse o bispo, rindo, desafio o senhor a substituí-lo por um homem à altura dele. E, para mostrar-lhe todo o valor desse homem, vou convidá-lo para almoçar, amanhã.

O vigário-geral quis começar a falar da escolha do sucessor. O prelado, pouco disposto a tocar nesse assunto, disse-lhe:

– Antes de fazer entrar um outro, saibamos um pouco como este vai embora. Faça entrar esse seminarista, a verdade está na boca das crianças.

Julien foi chamado. Estarei entre dois inquisidores, pensou. Ele nunca sentira tanta coragem.

No momento em que entrou, dois camareiros, mais bem-vestidos que o próprio sr. Valenod, despiam o monsenhor. Este, antes de chegar ao sr. Pirard, acreditou dever interrogar Julien sobre seus estudos. Fez perguntas sobre dogma, e ficou surpreso. Logo passou às humanidades, a Virgílio, a Horácio, a Cícero. Esses nomes, pensou Julien, valeram-me a classificação com o número 198. Nada tenho a perder, tentemos brilhar. Foi bem-sucedido; o prelado, ele próprio excelente humanista, ficou encantado.

No jantar no Palácio do Governo, uma moça, justamente célebre, recitara o poema da Madalena. Ele estava querendo falar de literatura, e esqueceu depressa o abade Pirard e todos os problemas, para discutir, com o seminarista, a questão de saber se Horácio era rico ou pobre. O prelado citou várias odes mas às vezes sua memória falhava, e no mesmo instante Julien recitava a ode inteira, com um ar modesto; o que impressionou o bispo é que Julien não saía do tom da conversa; dizia vinte ou trinta versos latinos como se estivesse falando do que se passava no seminário. Falaram longamente de Virgílio, de Cícero. Por fim, o prelado não pôde deixar de fazer um elogio ao jovem seminarista.

– É impossível ter feito melhores estudos.

– Monsenhor, disse Julien, vosso seminário pode vos oferecer cento e noventa e sete motivos mais dignos de vossa alta aprovação.

– Como?, perguntou o prelado, surpreso com o número.

– Posso basear numa prova oficial o que tenho a honra de dizer diante do monsenhor. No exame anual do seminário, respondendo precisamente sobre as matérias que me valem, neste momento, vossa aprovação, obtive o número 198.

– Ah! É o benjamim do abade Pirard, exclamou o bispo, rindo e olhando para o abade de Frilair; devíamos esperar por isso; mas é um combate leal. Então, meu amigo, acrescentou dirigindo-se a Julien, fizeram-no acordar para enviá-lo até aqui?

– Sim, monsenhor. Saí do seminário uma única vez, para ajudar o padre Chas-Bernard a enfeitar a catedral, na festa de *Corpus Christi*.

– *Optime*, disse o bispo; então foi você que demonstrou tanta coragem, colocando os buquês de plumas sobre o dossel? Eles me fazem tremer a cada ano; receio sempre que me custem a vida de um homem. Meu amigo, você irá longe; mas não quero deter sua carreira, que será brilhante, deixando-o morrer de fome.

E, por ordem do bispo, trouxeram biscoitos e vinho de Málaga, dos quais Julien serviu-se à vontade, e mais ainda o abade de Frilair, que sabia que seu bispo gostava de ver comerem alegremente e com bom apetite.

O prelado, cada vez mais contente com o final de sua noitada, falou por um momento de

história eclesiástica. Viu que Julien não compreendia nada. Passou a falar sobre o estado moral do império romano, sob os imperadores do século de Constantino.

O fim do paganismo era acompanhado daquele estado de inquietude e de dúvida que, no século XIX, desola os espíritos tristes e entediados. O monsenhor notou que Julien ignorava quase até o nome de Tácito.

Julien respondeu com candura, ante o espanto do prelado, que esse autor não se achava na biblioteca do seminário.

– Fico realmente aliviado, disse o bispo alegremente. Você me tira de um embaraço: há dez minutos procuro um meio de agradecê-lo pela noitada agradável que me proporcionou, e certamente de um modo bastante imprevisto. Eu não esperava encontrar um doutor num aluno de meu seminário. Embora não seja muito canônico, quero presenteá-lo com um Tácito.

O prelado mandou trazer oito volumes muito bem encadernados, e quis escrever ele próprio, sobre o título do primeiro, uma saudação latina a Julien Sorel. O bispo orgulhava-se de seu latim; terminou por dizer-lhe, num tom sério, que contrastava inteiramente com o do resto da conversa:

– Jovem, *se tiver juízo*, um dia terá a melhor paróquia de minha diocese, e não a cem léguas do palácio episcopal; mas é preciso *ter juízo*.

Julien, carregado de seus volumes, retirou-se, muito espantado, quando soava a meia-noite.

O monsenhor não lhe dissera uma palavra sobre o abade Pirard. Julien estava espantado sobretudo com a extrema polidez do bispo. Não fazia ideia de maneiras tão elegantes, reunidas a um ar de dignidade tão natural. Ficou ainda mais impressionado com o contraste, ao rever o austero abade Pirard que o esperava, impaciente.

– *Quid tibi dixerunt*? (Que te disseram?), disse-lhe com uma voz forte, assim que o avistou de longe.

Julien embaraçou-se um pouco ao traduzir em latim as palavras do bispo.

– Fale francês e repita as palavras mesmas do monsenhor, sem acrescentar nem suprimir nada, disse o ex-diretor do seminário, com seu tom duro e suas maneiras profundamente deselegantes.

Soavam duas horas quando, após um relato bem detalhado, ele permitiu a seu aluno favorito retornar a seu quarto.

– Deixe comigo o primeiro volume de seu Tácito, onde está a saudação do monsenhor, disse. Depois de minha partida, esta linha latina será seu para-raios nesta casa.

Erit tibi, fili mi, successor meus tanquam leo quaerens quem devoret. (Pois para ti, meu filho, meu sucessor será como um leão furioso e que busca devorar.)

Na manhã seguinte, Julien percebeu algo de estranho na maneira como seus colegas lhe falavam. Fez-se ainda mais reservado. Eis o efeito da demissão do sr. Pirard, pensou. Ela é conhecida de toda a casa e sou tido por seu favorito. Deve haver insulto nessas maneiras. Mas ele não chegava a vê-lo. Ao contrário, havia ausência de ódio nos olhos de todos aqueles que encontrava ao longo dos dormitórios. Que significa isso? Decerto é uma armadilha, sejamos cautelosos. Finalmente, o jovem seminarista de Verrières disse-lhe, rindo: *Cornelii Taciti opera omnia* (obras completas de Tácito).

A essa frase, que foi ouvida, todos quiseram ser os primeiros a cumprimentar Julien, não

apenas pelo magnífico presente que recebera do monsenhor, mas também pela conversação de duas horas com que fora honrado. Sabiam até os menores detalhes. A partir desse momento, não houve mais inveja; passaram a cortejá-lo servilmente. O padre Castanède, que ainda na véspera tratava-o com insolência, veio pegá-lo pelo braço e convidá-lo a almoçar.

Por uma fatalidade do caráter de Julien, a insolência desses indivíduos grosseiros causara-lhe muita pena: a baixeza deles causou-lhe aversão e não prazer.

Por volta do meio-dia, o abade Pirard despediu-se de seus alunos, não sem antes dirigir-lhes uma severa alocução.

– Quereis as honrarias do mundo, disse-lhes, todas as vantagens sociais, o prazer de comandar, o de zombar das leis e ser impunemente insolente para com todos? Ou quereis vossa salvação eterna? Os menos esclarecidos dentre vós precisam apenas abrir os olhos para distinguir os dois caminhos.

Assim que ele partiu, os devotos do Sagrado Coração de Jesus foram entoar o *Te Deum* na capela. Ninguém no seminário levou a sério a alocução do ex-diretor. Ele está muito mal-humorado com sua demissão, diziam por toda parte. Nem um só seminarista teve a simplicidade de acreditar na demissão voluntária de um cargo que proporcionava tantas relações com grandes fornecedores.

O abade Pirard foi para a melhor hospedaria de Besançon e, a pretexto de negócios que não tinha, quis ficar ali dois dias.

O bispo convidara-o para jantar e, para zombar do vigário-geral de Frilair, procurava enaltecê-lo. Estavam na sobremesa quando chegou de Paris a estranha notícia de que o abade Pirard fora nomeado para a magnífica paróquia de N..., a quatro léguas da capital. O bom prelado felicitou-o sinceramente. Viu em todo aquele caso uma *boa manobra* que o deixou de bom humor e elevou seu conceito sobre os talentos do abade. Deu-lhe um certificado latino magnífico e impôs silêncio ao abade de Frilair, que se permitia algumas censuras.

À noite, o monsenhor levou sua admiração à casa da marquesa de Rubempré. Foi uma grande notícia para a alta sociedade de Besançon; faziam conjeturas sobre esse favor extraordinário. Viam já o abade Pirard como bispo. Os mais atilados imaginaram o sr. de La Mole ministro, e permitiram-se naquele dia sorrir dos ares imperiais que o abade de Frilair exibia nas rodas sociais.

No dia seguinte de manhã, quase seguiam o abade Pirard pelas ruas, e os comerciantes vinham até a porta de suas lojas quando ele foi falar com os juízes do marquês. Pela primeira vez foi recebido com polidez. O severo jansenista, indignado com tudo o que via, instruiu longamente os advogados que escolhera para o marquês de La Mole e partiu para Paris. Teve a fraqueza de dizer a dois ou três amigos de colégio, que o acompanhavam até a caleche cujos brasões admiraram, que, após ter administrado o seminário durante quinze anos, deixava Besançon com cento e vinte francos de economias. Esses amigos o abraçaram chorando e disseram entre si: o bom abade poderia ter-se poupado essa mentira e também o ridículo.

As pessoas vulgares, cegas pelo amor ao dinheiro, não podiam compreender que era em sua sinceridade que o abade Pirard encontrara a força necessária para lutar sozinho, durante seis anos, contra Maria Alacoque, a Congregação do Sagrado Coração de Jesus, os jesuítas e seu bispo.

Capítulo XXX

UM AMBICIOSO

Não há mais senão uma só nobreza, é o título de duque; marquês é ridículo; à palavra duque todos voltam a cabeça.

EDINBURGH REVIEW

O MARQUÊS DE LA MOLE recebeu o abade Pirard sem nenhuma daquelas pequenas cerimônias de grande senhor, tão polidas, mas tão impertinentes para quem as compreende. Teria sido tempo perdido, e o marquês era bastante esperto nos grandes negócios para ter tempo a perder.

Nos últimos seis meses ele fazia manobras para que o rei e a nação aceitassem um certo ministério que, por reconhecimento, o faria duque.

O marquês vinha pedindo em vão, havia longos anos, a seu advogado de Besançon, um trabalho claro e preciso sobre seus processos no Franco-Condado. Mas como poderia o célebre advogado dar-lhe essas explicações, se ele próprio não os compreendia?

O quadradinho de papel que o abade lhe entregou explicava tudo.

– Meu caro abade, disse-lhe o marquês, depois de ter expedido em menos de cinco minutos todas as fórmulas de polidez e de interrogação sobre assuntos pessoais, em meio à minha suposta prosperidade, falta-me tempo para ocupar-me seriamente de duas pequenas coisas não obstante muito importantes: minha família e meus negócios. Cuido em geral da fortuna de minha casa, posso levá-la longe; cuido de meus prazeres, e é o que deve vir antes de tudo, ao menos para mim, acrescentou, surpreendendo espanto nos olhos do abade Pirard.

Embora homem ajuizado, o abade estava maravilhado de ver um velho falar tão francamente de seus prazeres.

O trabalho existe certamente em Paris, continuou o marquês, mas empoleirado no quinto andar; assim que me aproximo de um homem, ele se aloja no segundo e sua mulher marca uma recepção; por conseguinte, não há mais trabalho, só há esforços para ser ou parecer um homem de sociedade. Essa é a única preocupação a partir do momento em que se tem comida.

Para meus processos, falando diretamente, e mesmo para cada processo separadamente, tenho advogados que se matam de trabalhar; um deles morreu dos pulmões, anteontem. Mas, para meus assuntos em geral, acreditaria o senhor que há três anos desisti de encontrar um homem que, enquanto escreve para mim, pense um pouco seriamente no que faz? De resto, tudo isso é só um prefácio.

Estimo o senhor e, ousaria acrescentar, embora o veja pela primeira vez, gosto do senhor. Não quer ser meu secretário, com 8 mil francos de honorários ou até mesmo o dobro? Ainda ganharei com isso, garanto-lhe; e prometo-lhe conservar sua bela paróquia, para o dia em que não mais nos conviermos.

O abade recusou; mas, pelo final da conversa, o verdadeiro embaraço em que via o marquês sugeriu-lhe uma ideia.

– Deixei lá no meu seminário um pobre rapaz que, se não me engano, vai ser rudemente perseguido. Se ele fosse um simples religioso, já estaria *in pace*. Até agora esse jovem sabe apenas o latim e a Sagrada Escritura; mas não é impossível que um dia venha a mostrar grandes talentos, seja para a prédica, seja para a direção das almas. Ignoro o que fará; mas ele tem o fogo sagrado, pode ir longe. Eu contava oferecê-lo ao nosso bispo, se eventualmente algum tivesse um pouco da sua maneira de ver os homens e as coisas.

– De onde vem esse rapaz?, perguntou o marquês.

– Dizem-no filho de um carpinteiro das montanhas, mas parece-me mais o filho natural de algum homem rico. Vi-o receber um carta anônima, ou pseudônimo, com uma letra de câmbio de 500 francos.

– Ah! É Julien Sorel, disse o marquês.

– Como sabe o nome dele? perguntou o abade, espantado, e corando com sua pergunta.

– É o que não lhe direi, respondeu o marquês.

– Pois bem!, retomou o abade, o senhor poderia fazer dele seu secretário; ele tem energia, inteligência; em suma, vale a pena tentar.

– Por que não?, disse o marquês; mas não será um homem que se deixaria subornar pelo chefe de polícia ou algum outro para ser espião em minha casa? Eis minha única objeção.

Confortado pelas declarações favoráveis do abade Pirard, o marquês pegou uma nota de 1.000 francos:

– Envie esse viático a Julien Sorel; faça-o vir.

– Vê-se bem, disse o abade Pirard, que o senhor mora em Paris. Não conhece a tirania que pesa sobre nós, pobres provincianos, em particular sobre os padres não amigos dos jesuítas. Não deixarão Julien Sorel partir, inventarão os pretextos mais hábeis, dirão que está doente, que o correio extraviou as cartas etc. etc.

– Conseguirei um dia desses uma carta do ministro ao bispo, disse o marquês.

– Ia esquecendo uma precaução, disse o abade: esse jovem, embora humilde de nascimento, tem o coração altivo, não será de nenhuma utilidade exasperar seu orgulho; o senhor faria dele um estúpido.

– Isso me agrada, disse o marquês; farei dele o colega de meu filho, será o suficiente?

Algum tempo depois, Julien recebia uma carta com uma escrita desconhecida e selada de Châlons, nela encontrou uma ordem de pagamento por um comerciante de Besançon e o aviso de ir a Paris sem demora. Não reconheceu a assinatura da carta, mas, ao abri-la, estremeceu: uma folha de árvore caíra a seus pés; era o sinal combinado com o abade Pirard.

Menos de uma hora depois, Julien foi chamado à sede do bispado onde foi acolhido com uma bondade paterna. Citando Horácio, o monsenhor fez-lhe comentários elogiosos e hábeis sobre o alto destino que o aguardava em Paris, os quais, como agradecimento, esperavam explicações. Julien nada pôde dizer, a começar porque não sabia de nada, e o monsenhor teve ainda mais consideração por ele. Um dos padres da sede episcopal escreveu ao prefeito que se apressou em trazer ele próprio um passaporte assinado, mas no qual fora deixado em branco o nome do viajante.

Antes da meia-noite, Julien estava na casa de Fouqué, cujo espírito sensato ficou mais surpreso do que encantado com o futuro que parecia esperar seu amigo.

– Isso acabará te propiciando, disse esse eleitor liberal, um cargo no governo, que te obrigará a algum procedimento que será vilipendiado nos jornais. É por tua vergonha que terei notícias tuas. Lembra-te que, mesmo financeiramente falando, é melhor ganhar cem luíses num bom comércio de madeiras, do qual somos o dono, do que receber 4 mil francos de um governo, ainda que fosse o do rei Salomão.

Julien viu nisso apenas a pequenez de espírito de um homem da província. Finalmente, ele ia aparecer no palco dos grandes acontecimentos. A felicidade de ir a Paris, que ele imaginava povoada de pessoas de espírito, muito intrigantes, muito hipócritas, mas também polidas como o bispo de Besançon e o bispo de Agde, eclipsava tudo a seus olhos. Procurou mostrar ao amigo que se sentia privado de seu livre-arbítrio pela carta do abade Pirard.

No dia seguinte por volta do meio-dia, chegou em Verrières como o mais feliz dos homens; esperava rever a sra. de Rênal. Foi primeiro à casa de seu protetor, o bom abade Chélan. Encontrou uma recepção severa.

– Acredita dever-me alguma obrigação?, disse o abade Chélan, sem responder à sua saudação. Almoçaremos juntos, enquanto se aluga um outro cavalo, e você deixará Verrières *sem ver ninguém*.

– Ouvir é obedecer, respondeu Julien, com uma cara de seminarista; e não se falou mais senão de teologia, e em latim.

Ele montou a cavalo, andou uma légua até avistar um bosque e, sem que ninguém o visse, nele penetrou. Quando o sol se pôs, mandou embora o cavalo. Mais tarde, entrou na casa de um camponês que consentiu vender-lhe uma escada e acompanhá-lo, transportando-a, até um pequeno bosque junto ao Passeio da Fidelidade, em Verrières.

– Sou um pobre recruta desertor... ou um contrabandista, disse o camponês ao ser dispensado, mas que importa! Minha escada foi bem paga, e também já passei por algumas *aventuras* na vida.

A noite estava muito escura. Por volta de uma da madrugada, Julien, com sua escada, entrou em Verrières. Logo chegou ao leito do regato que atravessa os magníficos jardins do sr. de Rênal, com uma profundidade de meio metro e contido entre dois muros. Julien os escalou facilmente com a escada. Como reagirão os cães de guarda, pensou? O problema era esse. Os cães latiram e avançaram em sua direção; mas, a um assobio, vieram fazer-lhe festas.

Subindo então de terraço em terraço, embora todas as grades estivessem fechadas, foi-lhe fácil chegar até debaixo da janela do quarto de dormir da sra. de Rênal, que, do lado do jardim, eleva-se a menos de três metros do chão.

Havia nos postigos uma pequena abertura em forma de coração, que Julien conhecia bem. Para sua decepção, essa pequena abertura não estava iluminada pela luz interior de uma lamparina.

Ó Deus!, pensou; esta noite o quarto não está ocupado pela sra. de Rênal! Onde estará deitada? A família está em Verrières, pois encontrei os cães; mas, sem lamparina, posso deparar nesse quarto com o próprio sr. de Rênal ou um estranho, e então, que escândalo!

O mais prudente era retirar-se; essa solução horrorizou Julien. Se for um estranho, me safarei o mais rápido que puder, abandonando minha escada; mas se for ela, que recepção me espera? Ela está arrependida e tornou-se muito devota, não posso duvidar; mas, afinal, ainda

tem alguma lembrança de mim, pois acaba de me escrever. Essa razão o decidiu.

Com o coração trêmulo, mas disposto a morrer ou a vê-la, lançou pedrinhas contra o postigo; nenhuma resposta. Apoiou sua escada ao lado da janela e golpeou ele mesmo o postigo, primeiro suavemente, depois com mais força. Ainda que esteja escuro, podem disparar-me um tiro de fuzil, pensou Julien. Essa ideia reduziu a louca empreitada a uma questão de bravura.

O quarto não está habitado esta noite, pensou, ou então, seja quem for que estiver deitado aí, está acordado agora. Assim, não há mais nada a fazer em relação a essa pessoa; devo somente procurar não ser ouvido pelos que dormem nos outros quartos.

Ele desceu, encostou a escada contra um dos postigos, tornou a subir e, passando a mão na abertura em forma de coração, teve sorte de logo encontrar o gancho que fechava a janela. Puxou esse gancho; com uma alegria inexprimível sentiu que o postigo não estava mais retido e cedia a seu esforço. Devo abrir aos poucos e fazer reconhecer minha voz. Ele abriu o postigo o suficiente para passar a cabeça, repetindo em voz baixa: *É um amigo*.

Certificou-se, atento à escuta, de que nada perturbava o silêncio profundo do quarto. Mas constatou que não havia nenhuma lamparina, nem sequer meio apagada, sobre a lareira; era um mau sinal.

Cuidado com o tiro de fuzil! Ele refletiu um pouco; depois, com o dedo, ousou bater contra a vidraça: nenhuma resposta; bateu com mais força. Se eu quebrasse a vidraça, acabaria logo com isso. Ao bater com mais força, julgou entrever, em meio à escuridão, como uma sombra branca que atravessava o quarto. Por fim, não teve mais dúvida, viu uma sombra que parecia avançar com extrema lentidão. De repente, uma face apoiou-se à vidraça pela qual olhava.

Ele estremeceu e afastou-se um pouco. Mas a noite estava tão escura que, mesmo a essa distância, não pôde distinguir se era a sra. de Rênal. Ele temia um grito de alarme; ouviu os cães rosnando e dando voltas ao pé da escada. – Sou eu, repetiu bastante alto, um amigo. Nenhuma resposta. O fantasma branco desaparecera. Abra, por favor, preciso falar-lhe, estou muito infeliz!, e batia de forma a quebrar a vidraça.

Um ruído seco fez-se ouvir; o fecho da janela cedia; ele a empurrou e saltou depressa para o quarto.

O fantasma branco afastava-se; ele o pegou pelos braços; era uma mulher. Todas as suas ideias de coragem desapareceram. Se for ela, o que vai dizer? A um grito abafado, compreendeu que era a sra. de Rênal.

Ele a apertou nos braços; ela tremia e mal tinha forças para rechaçá-lo.

– Desgraçado! Que está fazendo?

Sua voz convulsiva mal podia articular essas palavras. Julien percebeu nelas a indignação mais verdadeira.

– Venho vê-la depois de catorze meses de uma cruel separação.

– Saia, deixe-me imediatamente. Ah! Sr. Chélan, por que me impediu de escrever-lhe? Eu teria evitado esse horror. Ela o repeliu com uma força realmente extraordinária. Arrependo-me de meu crime; o céu dignou-se iluminar-me, ela repetia com a voz entrecortada. Saia! Fuja!

– Depois de catorze meses de infelicidade, não a deixarei sem ter-lhe falado. Quero saber tudo o que você fez. Ah! Eu a amei muito para merecer essa confidência... Quero saber tudo.

Esse tom de autoridade influiu sobre o coração da sra. de Rênal, mesmo contra sua vontade.

Julien, que a mantinha enlaçada com paixão e resistia a seus esforços para soltar-se, parou de apertá-la nos braços. Esse movimento tranquilizou um pouco a sra. de Rênal.

– Vou retirar a escada, ele disse, para que ela não lhe comprometa se algum criado, despertado pelo ruído, fizer uma ronda.

– Ah! Saia, saia e não volte, ela disse com uma verdadeira cólera. Que me importam os homens? É Deus que vê esta cena terrível e que me punirá. Está abusando covardemente dos sentimentos que tive por você, mas que não tenho mais. Está me ouvindo, sr. Julien?

Ele retirava a escada muito lentamente para não fazer barulho.

– Teu marido está na cidade?, ele perguntou, não para contrariá-la, mas movido pelo antigo hábito.

– Não me fale assim, por favor, ou chamo meu marido. Já sou demasiado culpada de não tê-lo expulsado, não importa o que acontecesse. Sinto pena do senhor, ela disse, procurando ferir-lhe o orgulho que sabia tão irritável.

Essa recusa de um tratamento íntimo, essa maneira brusca de romper uma ligação tão terna, e com a qual ele ainda contava, levaram quase ao delírio o transporte de amor de Julien.

– Quê! Será possível que não me ame mais?, ele perguntou com um daqueles acentos do coração tão difíceis de escutar friamente.

Ela não respondeu. Quanto a ele, não tinha mais força para falar; chorava amargamente.

– Então fui completamente esquecido pela única criatura que jamais amei? Para que viver então? Toda a coragem dele o abandonara tão logo deixara de temer o perigo de encontrar um homem; tudo desaparecera de seu coração, exceto o amor.

Chorou um longo tempo em silêncio. Pegou a mão dela, que quis retirá-la; no entanto, após alguns movimentos quase convulsivos, ela cedeu. A escuridão era extrema; os dois estavam sentados no leito da sra. de Rênal.

Que diferença com o que acontecia há catorze meses!, pensou Julien, e suas lágrimas redobraram. Assim a ausência destrói seguramente todos os sentimentos do homem!

– Digne-se dizer-me o que lhe aconteceu, disse enfim Julien, embaraçado com o silêncio dela e com uma voz embargada pelas lágrimas.

– Sem dúvida, respondeu a sra. de Rênal, com uma voz dura em cujo acento havia secura e reprovação a Julien, minhas loucuras eram conhecidas na cidade, no momento de sua partida. Houve tanta imprudência em suas atitudes! Algum tempo depois, estando eu desesperada, o respeitável sr. Chélan veio me ver. Foi em vão que, durante muito tempo, quis obter uma confissão. Um dia, ele teve a ideia de conduzir-me à igreja de Dijon onde fiz minha primeira comunhão. Lá, foi o primeiro a ousar falar... A sra. de Rênal foi interrompida pelas lágrimas. Que momento de vergonha! Confessei tudo. Aquele homem tão bom preferiu não me acabrunhar com o peso de sua indignação: afligiu-se comigo. Naquele momento, eu lhe escrevia diariamente cartas que não ousava enviar; escondia-as cuidadosamente e, quando estava muito infeliz, encerrava-me no quarto e relia minhas cartas. Finalmente, o sr. Chélan consentiu que as enviasse... Algumas, escritas com um pouco mais de prudência, foram enviadas; você jamais respondeu.

– Juro que nunca recebi uma carta tua no seminário.

– Ó Deus! Quem as terá interceptado?

– Imagina meu sofrimento. Até o dia em que te vi na catedral, não sabia se vivias ainda.

– Deus me deu a graça de compreender o quanto eu pecara em relação a ele, a meus filhos, a meu marido, prosseguiu a sra. de Rênal. Este nunca me amou como eu pensava então que você me amava.

Julien precipitou-se nos braços dela, realmente sem pensar no que fazia. Mas a sra. de Rênal o repeliu e continuou com bastante firmeza:

– Meu respeitável amigo, o sr. Chélan, fez-me compreender que, ao desposar o sr. de Rênal, eu lhe prometera todos os meus afetos, mesmo os que não conhecia e que jamais experimentara antes de uma ligação fatal... Depois do grande sacrifício dessas cartas, que me eram tão caras, minha vida transcorreu, se não de maneira feliz, ao menos com bastante tranquilidade. Não venha perturbá-la, seja um amigo para mim... o melhor de meus amigos. Julien cobriu suas mãos de beijos; ela sentiu que ele ainda chorava. Não chore mais, você me dá tanta pena... Diga-me agora o que fez. Julien não conseguia falar. Quero saber como vivia no seminário, ela repetiu, depois irá embora.

Sem pensar no que relatava, Julien falou das intrigas e dos incontáveis ciúmes que encontrou inicialmente, depois de sua vida mais tranquila quando foi nomeado professor auxiliar.

– Foi então, acrescentou, depois de um longo silêncio certamente destinado a fazer-me compreender o que vejo claramente hoje, que não sou mais amado e que me tornei indiferente a você... e a sra. de Rênal apertou-lhe as mãos, foi então que me enviou uma quantia de 500 francos.

– Jamais, disse a sra. de Rênal.

– Era uma carta selada de Paris e assinada Paul Sorel, para dissimular qualquer suspeita.

Seguiu-se uma pequena discussão sobre a origem possível daquela carta. A posição moral mudou. Sem perceberem, a sra. de Rênal e Julien haviam abandonado o tom solene e recuperado o de uma terna amizade. Eles não se viam, tamanha era a escuridão, mas o som da voz dizia tudo. Julien passou o braço em volta da cintura da amiga; esse movimento tinha muitos perigos. Ela tentou afastar o braço de Julien que, com bastante habilidade, chamou-lhe a atenção, nesse momento, para uma circunstância interessante de seu relato. Esse braço ficou como esquecido e permaneceu onde estava.

Depois de muitas conjeturas sobre a origem da carta com os 500 francos, Julien retomara sua narrativa; tornava-se um pouco mais seguro ao falar de sua vida passada, que, perto do que lhe acontecia naquele instante, pouco lhe interessava. Sua atenção fixou-se inteiramente na maneira como ia terminar sua visita. Você vai sair, ela continuava a dizer-lhe de tempo em tempo, com um acento breve.

Que vergonha se eu for mandado embora! Será um remorso a envenenar toda a minha vida, ele pensava. Ela nunca me escreverá. Deus sabe quando voltarei aqui! A partir desse momento, tudo que havia de celeste na posição de Julien desapareceu rapidamente de seu coração. Sentado ao lado de uma mulher que ele adorava, estreitando-a quase nos braços, nesse quarto onde fora tão feliz, no meio de uma escuridão profunda, percebendo muito bem

que, de uns momentos para cá, ela chorava, sentindo, pelo movimento de seu peito, que ela soluçava, ele teve a desgraça de tornar-se um político frio, quase tão frio e calculista como quando, no pátio do seminário, via-se exposto aos gracejos de um dos colegas mais fortes que ele. Julien fazia durar seu relato e falava da vida infeliz que levara desde a partida de Verrières. Assim, pensava a sra. de Rênal, após um ano de ausência, privado quase inteiramente de marcas de lembrança, enquanto eu o esquecia, ele ocupava-se apenas dos dias felizes que tivera em Vergy. Seus soluços aumentaram. Julien percebeu o sucesso de seu relato. Compreendeu que devia tentar o último recurso: chegou bruscamente à carta que acabava de receber de Paris.

– Pedi ao monsenhor bispo a autorização para afastar-me.

– Como! Não retorna a Besançon? Vai nos deixar para sempre?

– Sim, respondeu Julien num tom resoluto; sim, abandono um lugar onde fui esquecido até por quem mais amei na vida, e abandono-o para não mais revê-lo. Vou a Paris...

– Vais a Paris!, exclamou bastante alto a sra. de Rênal.

Sua voz estava quase sufocada pelas lágrimas e mostrava toda a sua perturbação. Julien tinha necessidade desse estímulo: ia tentar um passo que podia decidir tudo contra ele que, antes dessa exclamação, não vendo nada, ignorava absolutamente o efeito que conseguia produzir. Não hesitou mais; o medo do remorso dava-lhe um completo domínio sobre si; ele acrescentou friamente, levantando-se:

– Sim, senhora, deixo-a para sempre, seja feliz. Adeus.

Deu alguns passos em direção à janela; já a estava abrindo quando a sra. de Rênal lançou-se para ele e precipitou-se em seus braços.

Assim, depois de três horas de diálogo, Julien obteve o que desejara com tanta paixão durante as duas primeiras. Chegados um pouco mais cedo, o retorno aos sentimentos ternos, o eclipse dos remorsos na sra. de Rênal teriam sido uma felicidade divina; assim obtidos com arte, não foram mais que um prazer. Julien fez questão, contra as instâncias da amiga, de acender a lamparina.

– Então queres, ele dizia, que não me reste nenhuma lembrança de ter-te visto? O amor que existe nesse olhos encantadores ficará perdido para mim? a brancura dessa mão bonita me será invisível? Pensa que te deixo talvez por muito tempo!

A sra. de Rênal nada conseguia opor a essa ideia que a fazia romper em lágrimas. Mas a aurora já começava a desenhar o contorno dos pinheiros na montanha a oriente de Verrières. Em vez de ir embora, Julien, embriagado de volúpia, pediu à sra. de Rênal para passar o dia inteiro escondido em seu quarto e só partir na noite seguinte.

– E por que não?, ela respondeu. Essa recaída fatal tira-me toda a estima por mim e faz minha desgraça para sempre, acrescentou, apertando-o contra o peito. Meu marido não é mais o mesmo, tem suspeitas; acredita que o conduzi em todo esse caso e mostra-se muito irritado contra mim. Se ele ouvir o menor ruído, estou perdida, serei expulsa como a desgraçada que sou.

– Ah! Eis aí uma frase do sr. Chélan, disse Julien; não terias me falado assim antes de minha cruel partida para o seminário: então me amavas.

Julien foi recompensado pelo sangue-frio que pusera nessa frase: viu sua amiga esquecer

rapidamente o perigo que a presença do marido lhe fazia correr, para pensar no perigo bem maior de ver Julien duvidar de seu amor. O dia avançava rapidamente e iluminava vivamente o quarto; Julien reencontrou todas as volúpias do orgulho quando pôde rever em seus braços, e quase a seus pés, essa mulher encantadora, a única que ele amara e que, poucas horas antes, entregava-se inteiramente ao temor de um Deus terrível e ao amor de seus deveres. Resoluções fortalecidas por um ano de constância não tinham podido resistir diante da coragem dele.

Logo ouviu-se um ruído na casa; uma coisa na qual não havia pensado veio perturbar a sra. de Rênal.

– A maldosa Elisa entrará no quarto, que fazer dessa enorme escada?, ela disse ao amigo; onde escondê-la? Vou levá-la ao sótão, exclamou de repente, com uma espécie de jovialidade.

– Mas é preciso passar pelo quarto do criado, disse Julien, surpreso.

– Deixarei a escada no corredor, chamarei o criado e lhe darei uma ordem.

– Pense numa explicação, caso o criado perceber a escada ao passar pelo corredor.

– Sim, meu anjo, disse a sra. de Rênal dando-lhe um beijo. Quanto a ti, procura te esconder depressa debaixo da cama se, durante minha ausência, Elisa entrar aqui.

Julien ficou espantado com essa alegria súbita. A proximidade de um perigo material, pensou, longe de perturbá-la, devolve-lhe a alegria porque ela esquece seus remorsos! Mulher verdadeiramente superior! Ah! Eis um coração no qual é glorioso reinar! Julien estava embevecido.

A sra. de Rênal foi pegar a escada; era evidentemente muito pesada para ela. Julien quis ajudá-la; ele admirava aquele corpo elegante e que estava tão longe de anunciar força, quando, de repente, sem ajuda, ela pegou a escada e levantou-a como teria feito com uma cadeira. Rapidamente levou-a até o corredor do terceiro andar, onde a encostou contra a parede. Chamou o criado e, enquanto dava-lhe o tempo de vestir-se, subiu até o pombal. Cinco minutos depois, ao voltar ao corredor, não encontrou mais a escada. Que fora feito dela? Se Julien não estivesse na casa, esse perigo não a teria preocupado muito. Mas, naquele momento, se o marido visse a escada! o incidente podia ser abominável. A sra. de Rênal corria por toda parte. Por fim, descobriu a escada debaixo do telhado, para onde o criado a levara e mesmo a escondera. Essa circunstância era singular, e em outros tempos a teria alarmado.

Que importa, pensou, o que pode acontecer nessas vinte e quatro horas, até que Julien tenha partido? Para mim, tudo não será então remorso e horror?

Tinha uma vaga ideia de dever deixar a vida, mas que importa! Depois de uma separação que ela acreditara eterna, ele fora-lhe restituído, ela o revia, e o que ele fizera para chegar até ela mostrava tanto amor!

Contou o episódio da escada a Julien:

– Que responderei a meu marido, disse ela, se o criado contar-lhe que encontrou essa escada? Ela pensou por um instante; ele precisará de vinte e quatro horas para descobrir o camponês que a vendeu a ti; e, lançando-se nos braços de Julien, apertando-o num movimento convulsivo: Ah! Morrer, morrer assim!, exclamou, cobrindo-o de beijos. Mas não é preciso que morras de fome, acrescentou, rindo.

Vem, primeiro vou te esconder no quarto da sra. Derville, que fica sempre fechado à chave. Ela foi vigiar na extremidade do corredor e Julien passou correndo. Cuida de não abrir se baterem, disse ela, trancando-o à chave; em todo caso, seria só uma brincadeira dos meninos, brincando entre si.

– Faz que eles venham ao jardim, sob a janela, gostaria de vê-los e de ouvir suas vozes.

– Sim, sim, disse a sra. de Rênal, afastando-se.

Logo retornou com laranjas, biscoitos, uma garrafa de vinho de Málaga; fora-lhe impossível roubar pão.

– Que está fazendo teu marido?, perguntou Julien.

– Está tratando de negócios com camponeses.

Mas já eram oito horas, havia muito ruído na casa. Se não vissem a sra. de Rênal, passariam a procurá-la em toda parte; ela foi obrigada a deixá-lo. Logo retornou, contra toda prudência, trazendo-lhe uma taça de café; ela temia que ele morresse de fome. Depois do desjejum, ela conseguiu levar os filhos até debaixo da janela da sra. Derville. Ele os achou muito crescidos, mas haviam adquirido um aspecto vulgar, ou então suas ideias haviam mudado.

A sra. de Rênal falou-lhes de Julien. O mais velho lembrou com afeição e saudade o ex-preceptor; mas os mais jovens pareciam tê-lo quase esquecido.

O sr. de Rênal não saiu naquela manhã; subia e descia a todo momento pela casa, ocupado em negociar com camponeses, aos quais vendia sua colheita de batatas. Até o almoço, a sra. de Rênal não pôde conceder um instante a seu prisioneiro. Servido o almoço, ela teve a ideia de roubar para ele uma travessa de sopa. Quando se aproximava sem ruído da porta do quarto que ele ocupava, viu-se frente a frente com o criado que escondera a escada de manhã. Nesse momento, ele também avançava sem ruído pelo corredor, como quem escutasse. Provavelmente Julien caminhara com imprudência. O criado afastou-se um pouco confuso. A sra. de Rênal entrou ousadamente no quarto de Julien; esse encontro o fez estremecer.

– Estás com medo, disse ela; quanto a mim, enfrentaria todos os perigos do mundo e sem pestanejar. Só temo uma coisa, é o momento em que estarei sozinha depois de tua partida. E ela o deixou, correndo.

Ah!, pensou Julien, exaltado, o remorso é o único perigo que essa alma sublime teme!

Finalmente anoiteceu. O sr. de Rênal foi ao Cassino.

Sua mulher alegou uma forte enxaqueca, retirou-se em seu quarto, apressou-se a dispensar Elisa e tornou a levantar-se bem depressa para ir abrir a porta a Julien.

Acontece que ele realmente morria de fome. A sra. de Rênal foi à dispensa buscar pão. Julien ouviu um grito. A sra. de Rênal voltou e contou-lhe que, entrando na dispensa às escuras, ao aproximar-se do armário onde estava o pão e ao estender a mão, tocara um braço de mulher. Era Elisa, que soltara o grito ouvido por Julien.

– O que ela estava fazendo ali?

– Roubava guloseimas ou então nos espionava, disse a sra. de Rênal com uma indiferença completa. Mas, felizmente, encontrei patê e um grande pão.

– Então o que é isso aí? perguntou Julien, apontando-lhe os bolsos do avental.

A sra. de Rênal tinha esquecido que, desde o almoço, eles estavam cheios de pão.

Julien estreitou-a nos braços com a mais viva paixão; ela nunca lhe parecera tão bela. Mesmo em Paris, ele dizia-se confusamente, não poderei encontrar melhor caráter. Ela possuía toda a inabilidade de uma mulher pouco acostumada a esse tipo de cuidados e, ao mesmo tempo, a verdadeira coragem de uma criatura que teme apenas os perigos de uma outra ordem, bem mais terríveis.

No momento em que Julien comia com grande apetite, e sua amiga zombava da simplicidade dessa refeição, pois tinha horror de falar seriamente, a porta do quarto foi, de repente, sacudida com força. Era o sr. de Rênal.

– Por que chaveou a porta? ele gritava.

Julien teve tempo apenas de esgueirar-se para debaixo do canapé.

– Como! Está toda vestida, disse o sr. de Rênal ao entrar; está ceando e fecha a porta à chave?

Nos dias comuns, essa pergunta, feita com toda a secura conjugal, teria perturbado a sra. de Rênal; mas ela sentia que o marido precisava apenas baixar-se um pouco para ver Julien; pois o sr. de Rênal lançara-se sobre a cadeira que Julien ocupava um momento antes, defronte ao canapé.

A enxaqueca serviu de escusa a tudo. Enquanto o marido contava-lhe longamente os incidentes da aposta que ganhara no bilhar do Cassino, uma aposta de 19 francos, palavra!, ele acrescentava, ela percebeu sobre uma cadeira, a três passos deles, o chapéu de Julien. Com redobrado sangue-frio, pôs-se a despir-se e, num certo momento, passando rapidamente por trás do marido, lançou uma peça de roupa sobre a cadeira com o chapéu.

O sr. de Rênal partiu, enfim. Ela pediu a Julien para recomeçar o relato de sua vida no seminário. Ontem eu não te escutava, enquanto falavas, só pensava em conseguir mandar-te embora.

Ela era a imprudência mesma. Eles falavam muito alto; deviam ser duas horas da madrugada quando foram interrompidos por uma batida violenta à porta. Era outra vez o sr. de Rênal.

– Abra depressa, há ladrões na casa!, ele dizia. Saint-Jean encontrou a escada deles esta manhã.

– Eis o fim de tudo, exclamou a sra. de Rênal, lançando-se nos braços de Julien. Ele vai nos matar a ambos, não acredita em ladrões; vou morrer em teus braços, mais feliz em minha morte do que fui em vida. Não respondia absolutamente nada ao marido, que se irritava; ela beijava Julien com paixão.

– Salva a mãe de Stanislas, ele disse com um olhar de comando. Vou saltar no pátio pela janela do quarto de vestir e escaparei, os cães me reconheceram. Faz um pacote de minhas roupas e atira-o no jardim assim que puderes. Enquanto isso, deixa que forcem a porta. Sobretudo, nada de confissões, proíbo-te, é preferível que ele tenha suspeitas do que certezas.

– Vais te matar saltando! foi a única resposta e a única inquietude dela.

Foi com ele à janela do quarto de vestir; depois, procurou sem pressa esconder suas roupas. Abriu finalmente a porta ao marido que fervia de raiva. Ele examinou o quarto, o quarto de vestir, sem dizer nada, e desapareceu. As roupas de Julien foram atiradas, ele as recolheu e partiu rapidamente em direção à base do jardim, junto ao Doubs.

Enquanto corria, ouviu assobiar uma bala e em seguida o ruído de um disparo de fuzil.

Não foi o sr. de Rênal, pensou, ele atira muito mal para isso. Os cães corriam em silêncio a seu lado, um segundo disparo atingiu aparentemente a pata de um cão, que se pôs a ganir. Julien saltou o muro de um terraço, andou protegido uns cinquenta passos e tornou a fugir numa outra direção. Ouviu vozes que se chamavam e viu distintamente o criado, seu inimigo, disparar um tiro de fuzil; um caseiro veio também fazer disparos do outro lado do jardim, mas Julien já havia alcançado a margem do Doubs, onde se vestia.

Uma hora depois, ele estava a uma légua de Verrières, na estrada de Genebra; se tiverem suspeitas, pensou Julien, é na estrada de Paris que me buscarão.

FIM DO LIVRO I

LIVRO II

Ela não é galante,
não usa ruge algum.

SAINTE-BEUVE

Capítulo I

OS PRAZERES DO CAMPO

O rus quanda ego te aspiciam!

VIRGÍLIO

— O SENHOR VAI AGUARDAR A DILIGÊNCIA DE PARIS? perguntou-lhe o dono de um albergue onde ele parou para almoçar.

– A de hoje ou a de amanhã, pouco importa, disse Julien.

A diligência chegou quando ele fazia-se de indiferente. Havia dois lugares livres.

– O quê! És tu, meu pobre Falcoz, disse o viajante que chegava de Genebra para o que subia na carruagem ao mesmo tempo que Julien.

– Imaginava-te instalado nos arredores de Lyon, disse Falcoz, num delicioso vale junto ao Ródano.

– Muito bem instalado. Estou fugindo.

– Como! estás fugindo? Tu, Saint-Giraud, com essa cara de homem direito, cometeste algum crime? disse Falcoz, rindo.

– Quase a mesma coisa, palavra. Estou fugindo da vida abominável que a gente leva na província. Gosto do frescor dos bosques e da tranquilidade campestre, como sabes; com frequência acusaste-me de ser romântico. Não queria ouvir falar de política, e a política me persegue.

– Mas qual é teu partido?

– Nenhum, e é essa minha perdição. Toda a minha política resume-se nisto: gosto de música, de pintura; um bom livro é um acontecimento para mim; vou fazer quarenta e quatro anos. Que me resta a viver? Quinze, vinte, trinta anos quando muito? Pois bem! Garanto que dentro de trinta anos os ministros serão um pouco mais hábeis, mas tão honestos quanto os de hoje. A história da Inglaterra serve-me de espelho para o nosso futuro. Sempre haverá um rei que quererá aumentar suas prerrogativas; a ambição de querer ser deputado, a glória e as centenas de milhares de francos ganhos por Mirabeau sempre tirarão o sono dos homens ricos da província: chamarão isso ser liberal e amar o povo. A vontade de ser par ou fidalgo da Câmara sempre dominará os conservadores. Na nave do Estado, todo o mundo quer ocupar o comando, pois é bem pago. Então não haverá jamais um mísero lugar para o simples passageiro?

– De fato, de fato, deve ser muito agradável para teu caráter tranquilo. São as últimas eleições que te expulsam da província?

– Meu mal vem de mais longe. Há quatro anos, eu tinha quarenta anos e quinhentos mil francos; hoje estou com quatro anos a mais e provavelmente cinquenta mil francos a menos, que vou perder na venda de meu castelo de Monfleury, junto ao Ródano, numa localização soberba. Em Paris, eu estava cansado daquela comédia perpétua a que nos obriga o que

chamam a civilização do século XIX. Tinha sede de bonomia e de simplicidade. Compro uma terra nas montanhas junto ao Ródano, nada mais belo debaixo do céu. O vigário da aldeia e os fidalgotes da vizinhança cortejam-me durante seis meses; convido-os para almoçar; deixei Paris, digo a eles, para nunca mais falar nem ouvir falar de política. Como veem, não assino nenhum jornal. Quanto menos o carteiro me traz cartas, mais contente estou. Não era o que o vigário esperava; logo estou às voltas com mil pedidos indiscretos, incomodações etc. Queria dar duzentos ou trezentos francos por ano aos pobres, pedem-me que os destine a associações piedosas: as de São José, da Virgem etc. Recuso e sou alvo então de insultos. Cometo a estupidez de zangar-me. Não posso mais sair de manhã para usufruir a beleza de nossas montanhas, sem encontrar algum aborrecimento que me tire de meus devaneios, e que me lembre desagradavelmente os homens e sua maldade. Nas procissões de preces públicas, por exemplo, cujo canto me agrada (é provavelmente uma melodia grega), não abençoam mais meus campos, porque, diz o vigário, pertencem a um ímpio. A vaca de uma velha camponesa devota morre, ela diz que foi por causa de um açude pertencente a mim, filósofo ímpio vindo de Paris, e oito dias depois encontro todos os meus peixes de ventre para cima, envenenados com cal. As incomodações cercam-me de todos os lados. O juiz de paz, homem honesto mas que teme perder seu lugar, nunca me dá razão. A paz dos campos virou para mim um inferno. Como me viram abandonado pelo vigário, chefe da congregação da aldeia, e não defendido pelo capitão reformado, chefe dos liberais, todos caíram em cima de mim, até o pedreiro que eu vinha sustentando há um ano, até o carpinteiro que quis trapacear-me impunemente ao consertar minhas charruas. Para conseguir apoio e ganhar ao menos alguns de meus processos, faço-me liberal; mas, como dizes, chegam essas malditas eleições, pedem meu voto...

– Para um desconhecido?

– Em absoluto, para um homem que conheço muito bem. Recuso, terrível imprudência! A partir desse momento, eis-me às voltas também com os liberais, minha posição torna-se intolerável. Acredito que, se ocorresse ao vigário acusar-me de ter assassinado uma servente, umas vintes testemunhas das duas partes jurariam ter-me visto cometer o crime.

– Queres viver no campo sem servir as paixões de teus vizinhos, sem sequer escutar suas tagarelices. Que erro!...

– Por fim reparado. Monfleury está à venda, perco cinquenta mil francos, se preciso, mas estou muito alegre, deixo aquele inferno de hipocrisia e de incomodações. Vou buscar a solidão e a paz campestre no único lugar onde elas existem na França, num quarto andar, dando para os Champs-Elysées. E ainda estou a deliberar se não começarei minha carreira política, no bairro do Roule, por devolver o pão bento à paróquia.

– Nada disso teria te acontecido no tempo de Bonaparte, disse Falcoz, com olhos brilhantes de indignação e de pesar.

– É verdade, mas por que ele não soube manter-se no lugar, teu Bonaparte? Tudo o que padeço hoje foi ele que o fez.

Aqui, a atenção de Julien redobrou. Ele compreendera desde a primeira palavra que o bonapartista Falcoz era o antigo amigo de infância do sr. de Rênal, por ele repudiado em 1816, e o filósofo Saint-Giraud devia ser irmão daquele chefe de seção da prefeitura de..., que sabia fazer adjudicar-se a bom preço as casas das comunas.

– E tudo isso foi teu Bonaparte que o fez, continuava Saint-Giraud. Um homem honesto, ainda que inofensivo, com quarenta anos e quinhentos mil francos, não pode se estabelecer na província e ali encontrar a paz; seus padres e seus nobres o expulsam de lá.

– Ah! Não fale mal dele, exclamou Falcoz, nunca a França teve uma estima tão elevada dos povos como durante os treze anos em que ele reinou. Havia então grandeza em tudo o que se fazia.

– Teu imperador, que o diabo o carregue, retomou o homem de quarenta e quatro anos, só foi grande nos campos de batalha e quando restabeleceu as finanças, por volta de 1802. Que significou toda a sua conduta depois? Com seus camareiros, sua pompa e suas recepções nas Tulherias, produziu uma nova edição de todas as parvoíces monárquicas. Corrigida, ela podia durar ainda um século ou dois. Os nobres e os padres quiseram voltar à antiga, mas não têm mão de ferro suficiente para impô-la ao público.

– Eis aí a linguagem de um antigo impressor!

– Quem me expulsa de minha terra?, continuou o impressor, furioso. Os padres, que Napoleão chamou de volta por sua concordata, em vez de tratá-los como o Estado trata os médicos, os advogados, os astrônomos, nos quais vê apenas cidadãos, sem se preocupar com a maneira como buscam ganhar a vida. Haveria hoje fidalgos insolentes se teu Bonaparte não tivesse nomeado barões e condes? Não, a moda teria passado. Depois dos padres, foram os pequenos nobres provincianos que mais me incomodaram e forçaram a fazer-me liberal.

A conversa não tinha fim, esse assunto vai ocupar a França ainda por meio século. Como Saint-Giraud repetisse sempre que era impossível viver na província, Julien propôs timidamente o exemplo do sr. de Rênal.

– Por Deus, meu jovem, essa é boa!, exclamou Falcoz; ele fez-se martelo para não ser bigorna, e martelo terrível ainda por cima. Mas está sendo superado pelo Valenod. Conhece esse patife? É o próprio. Que dirá o seu sr. de Rênal quando for destituído qualquer dia desses e o Valenod tomar seu lugar?

– Ficará frente a frente com seus crimes, disse Saint-Giraud. Então conhece Verrières, meu jovem? Pois bem! Bonaparte, que o diabo o carregue com suas velharias monárquicas, foi quem possibilitou o reinado dos Rênal e dos Chélan, que trouxe o reinado dos Valenod e dos Maslon.

Essa conversa de uma triste política surpreendia Julien, e o distraía de seus devaneios voluptuosos.

Ele não se impressionou muito com o primeiro aspecto de Paris, avistada de longe. Os sonhos quiméricos sobre seu destino no futuro precisavam ainda lutar com a lembrança presente das vinte e quatro horas que acabava de passar em Verrières. Jurava a si mesmo nunca abandonar os filhos da amiga, e deixar tudo para protegê-los, se as impertinências dos padres acarretassem a república e perseguições contra os nobres.

Que teria acontecido na noite de sua chegada em Verrières se, no momento em que apoiava a escada contra a janela do quarto de dormir da sra. de Rênal, tivesse encontrado esse quarto ocupado por um estranho ou pelo sr. de Rênal?

Mas, também, quantas delícias nas duas primeiras horas, quando sua amiga queria sinceramente mandá-lo embora e ele defendia sua causa, sentado junto dela na escuridão!

Lembranças como essas acompanharão uma alma como a de Julien por toda a vida. O resto do encontro confundia-se já com as primeiras épocas de seus amores, catorze meses antes.

A carruagem parou, despertando Julien de seu devaneio profundo. Tinham entrado no pátio dos Correios, à rua J.-J. Rousseau. – Leve-me até o castelo de Malmaison8, ele disse a um cabriolé que se aproximava.

– A essa hora, senhor, e para fazer o quê?

– O que lhe interessa? Siga.

Toda verdadeira paixão cuida apenas de si. Eis por que, parece-me, as paixões são tão ridículas em Paris, onde o vizinho pretende sempre que se pense muito nele. Abster-me-ei de contar os transportes de Julien em Malmaison. Ele chorou. Quê! Mesmo com os muros brancos construídos naquele ano e que cortam seu jardim em pedaços? Sim, senhor: para Julien, como para a posteridade, não havia diferença entre Arcole, Santa Helena e Malmaison9.

À noite, Julien hesitou muito antes de ir ao teatro de variedades, tinha ideias estranhas sobre esse lugar de perdição.

Uma profunda desconfiança impediu-o de admirar a Paris viva, apenas os monumentos deixados por seu herói o sensibilizavam.

Eis-me no centro da intriga e da hipocrisia! Aqui reinam os protetores do abade de Frilair.

Na noite do terceiro dia, a curiosidade prevaleceu sobre o projeto de ver tudo antes de apresentar-se ao abade Pirard. Este explicou-lhe, num tom frio, o gênero de vida que o aguardava na casa do sr. de La Mole.

– Se, ao cabo de alguns meses, você não for útil, voltará ao seminário, mas pela boa porta. Irá alojar-se na casa do marquês, um dos maiores nobres da França. Vestirá o traje preto, mas como um homem que está de luto, não como um eclesiástico. Exijo que, três vezes por semana, prossiga seus estudos em teologia num seminário, onde farei que seja apresentado. Diariamente, ao meio-dia, você se instalará na biblioteca do marquês, que espera aproveitá-lo para redigir cartas para processos e outros assuntos. O marquês escreve, em duas palavras, à margem de cada carta que recebe, o tipo de resposta que deve ser dada. Sustentei que, dentro de três meses, você teria condições de elaborar essas respostas, de modo que, de cada doze que apresentar ao marquês, ele possa assinar oito ou nove. Às oito horas da noite, colocará o escritório em ordem e, às dez, estará liberado.

É possível, continuou o abade Pirard, que alguma velha dama ou algum homem de voz suave faça-o entrever vantagens imensas ou, mais grosseiramente, ofereça dinheiro para mostrar as cartas recebidas pelo marquês...

– Ah! senhor!, exclamou Julien, corando.

– É singular, disse o abade com um sorriso amargo, que, pobre como é, e depois de um ano de seminário, ainda lhe restem essas indignações virtuosas. Deve ter sido bastante cego!

Seria a força do sangue?, disse o abade a meia voz, como se falasse a si mesmo. O que há de singular, acrescentou, olhando para Julien, é que o marquês o conhece... Não sei como. Ele oferece, para começar, um ordenado de cem luíses. É um homem que age apenas por capricho, é seu defeito; discutirá com você por coisas insignificantes. Se ele ficar satisfeito, seu ordenado poderá elevar-se até oito mil francos.

Mas veja bem, prosseguiu o abade num tom áspero, ele não lhe dá todo esse dinheiro por

seus belos olhos. Trata-se de ser útil. Em seu lugar, eu falaria muito pouco e, principalmente, jamais falaria daquilo que ignoro.

Ah!, disse o abade, tomei informações para você; estava esquecendo a família do sr. de La Mole. Ele tem dois filhos, uma menina e um rapaz de dezenove anos, elegante por excelência e meio doido, que nunca sabe ao meio-dia o que fará às duas da tarde. Ele tem espírito e bravura, participou da guerra na Espanha. O marquês espera, não sei por quê, que você se torne amigo do jovem conde Norbert. Eu disse que você era um grande latinista, talvez ele espere que ensine ao filho dele algumas frases feitas, sobre Cícero ou Virgílio. Em seu lugar, nunca deixaria esse belo moço brincar comigo; e, antes de ceder a suas propostas muito polidas, mas um pouco estragadas pela ironia, faria que as repetisse mais de uma vez.

Não esconderei que o jovem conde de La Mole deve no início desprezá-lo, por ser apenas um pequeno burguês. Um antepassado dele foi da corte e teve a honra de ter a cabeça cortada na praça da Grève, em 26 de abril de 1574, devido a uma intriga política. Quanto a você, é filho de um carpinteiro de Verrières e, além disso, assalariado do pai dele. Considere bem essas diferenças e estude a história dessa família no Moreri; todos os bajuladores que vêm jantar na casa fazem, de tempo em tempo, o que eles chamam de alusões delicadas.

Tenha cuidado com a maneira como responderá aos gracejos do conde Norbert de La Mole, chefe de esquadrão dos hussardos e futuro par de França, e não venha causar-me problemas no futuro.

– Penso, disse Julien corando muito, que eu não deveria sequer responder a um homem que me despreza.

– Você não faz ideia desse desprezo; ele se mostrará apenas por cortesias exageradas. Se você fosse um tolo, poderia deixar-se levar; se quiser fazer fortuna, deveria deixar-se levar.

– No dia em que tudo isso não mais me convier, disse Julien, eu seria visto como um ingrato se voltasse à minha pequena cela no 103?

– Certamente, respondeu o abade. Todos os bajuladores da casa o caluniarão, mas assumirei a responsabilidade. *Adsum qui feci*. Direi que fui eu que tomei essa resolução.

Julien estava magoado com o tom amargo e quase maldoso que observava no abade Pirard; esse tom ofuscava inteiramente sua última resposta.

O fato é que o abade tinha escrúpulos de consciência por gostar de Julien, e era com uma espécie de terror religioso que se intrometia tão diretamente no destino de um outro.

– Verá também, acrescentou com a mesma dureza e como se cumprisse um dever penoso, verá a sra. marquesa de La Mole. É uma senhora alta, loura, devota, altiva, perfeitamente polida e mais insignificante ainda. É filha do velho duque de Chaulnes, conhecido por seus preconceitos nobiliárquicos. Essa grande dama é uma espécie de resumo, em alto relevo, do que é, no fundo, o caráter das mulheres de sua condição. Ela não esconde que ter tido antepassados que foram às Cruzadas é a única vantagem que preza. O dinheiro vem muito depois: isso o surpreende? Não estamos mais na província, meu amigo.

No salão dela, verá vários grandes senhores falarem de nossos príncipes num tom de leviandade singular. Quanto à sra. de La Mole, ela baixa a voz, por respeito, sempre que nomeia um príncipe e sobretudo uma princesa. Não o aconselharia a dizer diante dela que Felipe II ou Henrique VIII foram monstros. Eles foram REIS, o que lhes dá direitos impres-

critíveis ao respeito da parte de todos, principalmente da parte de indivíduos sem estirpe, como você e eu. No entanto, acrescentou o sr. Pirard, somos padres, pois ela o verá como tal; sendo assim, ela nos considera como camareiros necessários à sua salvação.

– Senhor, disse Julien, penso que não ficarei muito tempo em Paris.

– Muito bem dito; mas observe que não há fortuna, para um homem do nosso estado, senão através dos grandes senhores. Com essa coisa indefinível, ao menos para mim, que há no seu caráter, se não fizer fortuna será perseguido, não há meio-termo para você. Não se iluda. Os homens veem que não lhe dão prazer quando lhe dirigem a palavra; num lugar de sociabilidade como este, está condenado à desgraça se não obtiver o respeito alheio.

Que seria de você em Besançon, sem esse capricho do marquês de La Mole? Um dia compreenderá toda a singularidade do que ele faz por você e, se não é um monstro, terá por ele e sua família uma eterna gratidão. Quantos pobres abades, mais sábios que você, viveram anos em Paris, com os quinze vinténs da missa e os dez vinténs de seus argumentos na Sorbonne!... Lembre-se do que eu lhe contava, no último inverno, dos primeiros anos desse mau sujeito que é o cardeal Dubois. Acaso seu orgulho acredita-se com mais talento do que ele?

Eu, por exemplo, homem tranquilo e medíocre, esperava morrer em meu seminário; cometi a infantilidade de apegar-me a ele. Pois bem! Eu ia ser destituído quando apresentei minha demissão. Sabe qual era a minha fortuna? Tinha quinhentos e vinte francos de capital, nem mais nem menos; nem um único amigo, apenas dois ou três conhecidos. O sr. de La Mole, que eu nunca vira, tirou-me desse aperto; bastou-lhe dizer uma palavra e deram-me uma paróquia onde todos os fiés são pessoas abastadas, acima dos vícios grosseiros, e cujo ordenado me envergonha, sendo tão desproporcional ao meu trabalho. Só estou lhe falando tanto assim para pôr um pouco de chumbo nessa cabeça.

Mais uma palavra: tenho a infelicidade de ser irascível; é possível que você e eu deixemos de nos falar. Se as altanarias da marquesa ou as zombarias de seu filho tornarem-lhe esta casa decididamente insuportável, aconselho-o a concluir seus estudos em algum seminário a trinta léguas de Paris, de preferência ao norte do que ao sul. No norte há mais civilização e menos injustiças; e, acrescentou baixando a voz, devo confessar que a proximidade dos jornais de Paris amedronta os pequenos tiranos.

Se continuarmos tendo prazer em nos ver, e se a casa do marquês não lhe convier, ofereço-lhe o cargo de meu vigário, e dividiremos pela metade o rendimento da paróquia. Devo-lhe isso e ainda mais, acrescentou, interrompendo os agradecimentos de Julien, pela oferta singular que me fez em Besançon. Se em vez de quinhentos e vinte francos eu não tivesse nada, você me teria salvo.

O abade abandonara o tom de voz cruel. Para sua grande vergonha, Julien sentiu-se com lágrimas nos olhos; morria de vontade de lançar-se nos braços do amigo: não pôde deixar de dizer-lhe, com o jeito mais viril que pôde ostentar:

– Fui odiado por meu pai desde o berço; era uma de minhas grandes infelicidades; mas não me queixarei mais da sorte; encontrei um pai no senhor.

– Certo, certo, disse o abade, embaraçado; depois, encontrando muito oportunamente uma frase de diretor de seminário: nunca se deve dizer a sorte, meu filho, diga sempre a

Providência.

O fiacre parou; o cocheiro levantou a aldrava de bronze de um portão imenso: era a MANSÃO DE LA MOLE; e, para que os transeuntes não pudessem ter dúvidas, essas palavras liam-se num mármore escuro acima do portão.

Essa ostentação desagradou a Julien. Eles têm tanto medo dos jacobinos! Vêem um Robespierre e sua charrete atrás de cada sebe; com isso fazem-se ridículos; no entanto assinalam sua casa para que a canalha a reconheça em caso de rebelião e a saqueie. Comunicou seu pensamento ao abade Pirard.

– Ah! Pobre criança, você logo será meu vigário. Que ideia espantosa lhe ocorreu!

– Não vejo nada mais simples, disse Julien.

A gravidade do porteiro e sobretudo a limpeza do pátio encheram-no de admiração. O dia estava ensolarado.

– Que arquitetura magnífica!, disse ao amigo.

Era uma daquelas mansões de fachada insípida do bairro Saint-Germain, construídas no tempo da morte de Voltaire. Jamais a moda e o belo estiveram tão distantes um do outro.

---

8 Castelo pertencente a Josephine de Beauharnais, esposa de Napoleão, e local onde ele se recolheu após a derrota de Waterloo (1815) e antes do seu exílio em Santa Helena. (N.E.)

9 Arcole: batalha da Ponte de Arcole, quando Napoleão venceu os austríacos em 17 de novembro de 1796. Santa Helena: célebre ilha de possessão inglesa no oceano Atlântico para onde foi desertado Napoleão Bonaparte em 1815, até sua morte, em 1821. Malmaison: ver nota da pág. 198. (N.E.)

Capítulo II

ENTRADA NA SOCIEDADE

Lembrança ridícula e tocante: o primeiro salão onde, aos dezoito anos, apareci sozinho e sem apoio! O olhar de uma mulher era suficiente para intimidar-me. Quanto mais queria agradar, mais desajeitado ficava. De tudo eu fazia as ideias mais falsas; ou entregava-me sem motivos, ou via num homem um inimigo porque me olhara com gravidade. Mas então, em meios às terríveis infelicidades de minha timidez, como um belo dia era belo!

KANT

JULIEN PAROU EMBASBACADO no meio do pátio.

– Assuma um aspecto razoável, disse o abade Pirard; ocorrem-lhe primeiro ideias horríveis, depois comporta-se como criança! Onde está o *nil mirari* de Horácio? (Jamais o entusiasmo.) Pense nessa quantidade de lacaios, vendo-o parado aqui: vão querer zombar de você, considerando-o um igual, injustamente colocado acima deles. A pretexto de bonomia, de bons conselhos, do desejo de orientá-lo, vão tentar fazê-lo cometer alguma asneira.

– Desafio-os a isso!, disse Julien, mordendo o lábio e retomando toda a sua desconfiança.

Os salões que esses senhores atravessaram, no primeiro andar, antes de chegarem ao gabinete do marquês, ter-vos-iam parecido, ó meu leitor, tão tristes quanto magníficos. Se vo-los oferecessem tais como são, recusaríeis habitá-los; é a pátria do bocejo e do raciocínio triste. Mas eles reativaram o encantamento de Julien. Como se pode ser infeliz, ele pensava, quando se habita um lugar tão esplêndido?

Por fim, esses senhores chegaram à mais feia das peças dessa soberba casa: mal entrava a luz do dia; ali, estava um homenzinho magro, de olhar vivo e peruca loura. O abade voltou-se para Julien e o apresentou. Era o marquês. Julien teve muita dificuldade de reconhecê-lo, tão corteses lhe pareceram suas maneiras. Não era mais aquele nobre de rosto altivo da abadia de Bray-le-Haut. Julien achou que sua peruca tinha muito mais cabelos. Com o auxílio dessa sensação, não se sentiu nem um pouco intimidado. O descendente do amigo de Henrique III pareceu-lhe, de início, ter um aspecto bastante mesquinho. Era muito magro e agitava-se muito. Mas logo notou que o marquês tinha uma polidez ainda mais agradável ao interlocutor que a do próprio bispo de Besançon. A audiência não durou três minutos. Ao sair, o abade disse a Julien:

– Você olhou o marquês como se examinasse um quadro. Não sou muito entendido nisto que as pessoas daqui chamam a polidez, você logo saberá mais do que eu; mas, enfim, a ousadia de seu olhar pareceu-me pouco polida.

Voltaram a subir no fiacre; o cocheiro parou perto da avenida principal; o abade introduziu Julien numa série de grandes salões. Julien observou que não havia móveis. Ele olhava um magnífico pêndulo dourado, representando um tema muito indecente em sua opinião, quando

um senhor muito elegante aproximou-se com um ar risonho. Julien fez meia reverência.

O senhor sorriu e pôs-lhe a mão no ombro. Julien estremeceu e deu um salto para trás, corando de cólera. O abade Pirard, apesar de sua gravidade, riu até as lágrimas. Aquele senhor era um alfaiate.

– Devolvo-lhe sua liberdade por dois dias, disse-lhe o abade ao sair; somente então poderá ser apresentado à sra. de La Mole. Um outro cuidaria de você como uma menina, nos primeiros momentos de sua temporada nesta nova Babilônia. Perca-se de imediato, se tiver que se perder, e estarei livre da fraqueza de preocupar-me com você. Depois de amanhã, este alfaiate lhe trará dois trajes; dará cinco francos ao rapaz que virá fazer a prova. De resto, não dê a conhecer o som de sua voz aos parisienses. Se disser uma palavra, descobrirão um jeito de zombar de você. É o talento deles. Esteja em minha casa depois de amanhã ao meio-dia... Vá, perca-se... Ia-me esquecendo: vá encomendar botas, camisas, um chapéu nestes endereços.

Julien observava a escrita dos endereços.

– É a mão do marquês, disse o abade; é um homem ativo que prevê tudo e prefere fazer do que mandar. Ele quer tê-lo perto de si para que lhe poupe esse tipo de trabalho. Terá suficiente espírito para executar bem todas as coisas que esse homem impulsivo lhe indicar com meias palavras? É o que o futuro dirá: cuide-se!

Julien entrou nas lojas indicadas pelos endereços sem dizer uma palavra; notou que era recebido com respeito, e o fabricante de botas, escrevendo seu nome no registro, colocou: sr. Julien Sorel.

No cemitério do Père-Lachaise, um senhor muito atencioso, e ainda mais generoso em suas palavras, ofereceu-se para indicar a Julien o túmulo do marechal Ney, que uma hábil política priva da honra de um epitáfio. Mas, ao separar-se desse homem generoso que, com lágrimas nos olhos, quase o estreitava nos braços, Julien não tinha mais seu relógio. Foi enriquecido dessa experiência que, dois dias depois, ao meio-dia, apresentou-se ao abade Pirard, que ficou um tempo a observá-lo.

– Você vai virar talvez um enfatuado, disse-lhe o abade com ar severo. Julien tinha o aspecto de um jovem em luto pesado; em verdade, estava muito bem, mas o bom abade era ele próprio demasiado provinciano para ver que Julien conservava ainda aquele movimento de ombros ao andar que, na província, é ao mesmo tempo elegância e importância. Ao ver Julien, o marquês julgou seus encantos de uma maneira muito diferente.

– Teria alguma objeção a que o sr. Sorel tomasse lições de dança?, perguntou ao abade.

Este ficou petrificado.

– Não, respondeu finalmente, Julien não é padre.

Subindo de dois em dois os degraus de uma pequena escada escondida, o marquês foi pessoalmente instalar nosso herói numa bela mansarda que dava para o imenso jardim da mansão. Perguntou-lhe quantas camisas havia encomendado.

– Duas, respondeu Julien, intimidado de ver um um tão grande senhor descer a esses detalhes.

– Muito bem, retomou o marquês com um ar sério, e num tom imperativo e breve que deu o que pensar a Julien. Muito bem! Encomende mais vinte e duas camisas. Aqui está a primeira quarta parte de seu ordenado.

Ao descer da mansarda, o marquês chamou um homem de idade: Arsène, disse-lhe, você servirá ao sr. Sorel. Poucos minutos depois, Julien viu-se sozinho numa biblioteca magnífica. Esse momento foi delicioso. Para não ser surpreendido em sua emoção, foi ocultar-se num canto escuro; dali contemplava as lombadas brilhantes dos livros: Poderei ler tudo isso, dizia-se. E como posso aborrecer-me aqui? O sr. de Rênal teria se julgado desonrado para sempre com a centésima parte do que o marquês de La Mole acaba de fazer por mim. Mas vejamos as cópias a fazer. Terminada a tarefa, Julien ousou aproximar-se dos livros; quase não se conteve de alegria ao encontrar uma edição de Voltaire. Correu a abrir a porta da biblioteca, para não ser surpreendido. A seguir, deu-se o prazer de abrir cada um dos oitenta volumes. Estavam magnificamente encadernados, obra-prima do melhor artesão de Londres. Não era preciso tanto para levar ao auge a admiração de Julien.

Uma hora depois, o marquês entrou, examinou as cópias e observou com espanto que Julien escrevia *cela* [isto] com dois *ll*, *cella*. Tudo o que o abade me disse de seus conhecimentos seria simplesmente conversa fiada? O marquês, muito desanimado, disse-lhe com doçura:

– Não está seguro de sua ortografia?

– É verdade, disse Julien, sem sequer suspeitar que prejudicava a si mesmo; estava enternecido com as bondades do marquês, que ele contrapunha ao tom arrogante do sr. de Rênal.

É tempo perdido essa experiência com o padrezinho do Franco-Condado, pensou o marquês; mas preciso tanto de um homem de confiança!

– *Cela* escreve-se com um *l*, disse-lhe o marquês; quando terminar suas cópias, procure no dicionário as palavras de cuja ortografia não está seguro.

Às seis da tarde, o marquês mandou chamá-lo; olhou com uma insatisfação evidente as botas de Julien.

– Tenho uma falta a censurar-me: não lhe disse que diariamente, às cinco e meia, deve vestir-se.

Julien olhava-o sem compreender.

– Quero dizer, vestir meias. Arsène o fará lembrar-se disso; hoje, apresentarei escusas em seu nome.

Ao terminar essas palavras, o sr. de La Mole introduzia Julien num salão resplandecente de douraduras. Em ocasiões semelhantes, o sr. de Rênal nunca deixava de acelerar o passo para ser o primeiro a passar pela porta. A pequena vaidade do ex-patrão fez que Julien pisasse nos calcanhares do marquês e o machucasse muito por causa da gota. Ai! Ainda por cima é um bronco, este pensou.

Apresentou-o a uma mulher alta e de aspecto imponente. Era a marquesa. Julien achou-a impertinente, um pouco como a sra. de Maugiron, a subprefeita do distrito de Verrières, quando comparecia ao jantar no dia de Saint-Charles. Um pouco perturbado com a extrema magnificência do salão, Julien não ouviu o que o sr. de La Mole dizia. A marquesa mal dignou-se olhar para ele. Havia alguns homens, entre os quais Julien reconheceu com indizível prazer o jovem bispo de Agde, que se dignara falar-lhe, alguns meses antes, na cerimônia de Bray-le-Haut. O jovem prelado certamente espantou-se com os olhares ternos que a timidez de

Julien nele fixava, mas não se preocupou muito em reconhecer aquele provinciano.

Os homens reunidos no salão pareceram a Julien ter algo de triste e de constrangido; fala-se baixo em Paris, e não se exageram as pequenas coisas.

Um belo jovem, de bigode, muito pálido e esguio, entrou por volta das seis e meia; tinha a cabeça muito pequena.

– Sempre fazendo-se esperar, disse a marquesa, a quem ele beijava a mão.

Julien compreendeu que se tratava do conde de La Mole. Achou-o encantador logo à primeira vista.

Será possível, pensou, que seja esse o homem cujos gracejos ofensivos podem me expulsar desta casa?

À força de examinar o conde Norbert, Julien notou que ele estava de botas e de esporas. E eu devo estar de sapatos, aparentemente como inferior. Sentaram-se à mesa. Julien ouviu a marquesa dizer uma frase severa, elevando um pouco a voz. Quase ao mesmo tempo percebeu uma jovem, muito loura e bem feita de corpo, que veio sentar-se defronte a ele. Ela não lhe agradou; no entanto, olhando-a atentamente, pensou que nunca tinha visto olhos tão bonitos; mas eles anunciavam uma grande frieza de alma. Depois, Julien achou que eles tinham a expressão do tédio que se examina, mas que se lembra da obrigação de ser imponente. A sra. de Rênal também tinha olhos muito belos, ele pensava, todos os elogiavam; mas nada tinham em comum com estes. Julien não tinha bastante prática para distinguir que era o fogo da vivacidade que brilhava, de tempo em tempo, nos olhos da srta. Mathilde, assim ele a ouvira ser chamada. Quando os olhos da sra. de Rênal se animavam, era pelo fogo das paixões, ou pelo efeito de uma indignação generosa ao relato de alguma ação má. Pelo final da refeição, Julien encontrou uma palavra para exprimir o tipo de beleza dos olhos da srta. Mathilde: são cintilantes, pensou. De resto, ela parecia-se cruelmente com a mãe, que lhe desagradava cada vez mais, e ele parou de olhá-la. Em troca, o conde Norbert pareceu-lhe admirável sob todos os pontos. Julien estava tão seduzido que não lhe passou pela cabeça ter ciúmes dele e odiá-lo, por ser mais rico e nobre que ele.

Julien observou que o marquês dava a impressão de estar aborrecido.

Ao ser servida a sobremesa, ele disse ao filho:

– Norbert, peço-te que seja amável com o sr. Julien Sorel, que acabo de contratar para meu estado-maior, e de quem pretendo fazer um homem, *si "cella" se peut* [se isto for possível].

– É meu secretário, disse o marquês a seu vizinho, e escreve *cela* com dois *ll*.

Todos olharam para Julien, que inclinou a cabeça de forma um pouco exagerada a Norbert; mas, de um modo geral, todos gostaram de seu olhar.

O marquês devia ter falado do tipo de educação que Julien recebera, pois um dos convivas o interrogou sobre Horácio: foi justamente ao falar de Horácio que fui bem-sucedido junto ao bispo de Besançon, pensou Julien; aparentemente, eles só conhecem esse autor. A partir desse momento, sentiu-se seguro. Essa atitude foi facilitada porque ele acabava de decidir que a srta. de La Mole nunca seria uma mulher a seus olhos. Desde o seminário, fazia pouco caso dos homens e dificilmente deixava-se intimidar por eles. Teria desfrutado de todo o seu sangue-frio se a sala de jantar estivesse mobiliada com menos magnificência. Havia, de fato, dois espelhos de três metros de altura cada um, e nos quais ele olhava às vezes seu inter-

locutor falando de Horácio, que lhe impunham mais uma vez. Suas frases não eram demasiado longas para um provinciano. O brilho de seus belos olhos aumentava com a timidez um pouco trêmula ou feliz, quando ele respondia bem. Acharam-no agradável. Essa espécie de exame trazia um pouco de interesse a um jantar grave. Por um sinal, o marquês convidou o interlocutor de Julien a pressioná-lo. Seria possível que ele soubesse alguma coisa, pensava?

Julien respondeu improvisando suas ideias, e perdeu muito de sua timidez para mostrar, não espírito, algo impossível para quem não conhece a linguagem que usam em Paris, mas formulou ideias novas, embora apresentadas sem graça nem propósito, e viram que ele sabia perfeitamente o latim.

O adversário de Julien era um acadêmico das Inscrições que, por acaso, sabia latim; ele viu em Julien um bom humanista, não receou mais fazê-lo corar e procurou realmente embaraçá-lo. No calor do combate, Julien esqueceu por fim a mobília magnífica da sala de jantar, passou a expor sobre os poetas latinos ideias que o interlocutor não lera em parte alguma. Como homem honesto, reconheceu o mérito ao jovem secretário. Por felicidade, iniciou-se uma discussão sobre a questão de saber se Horácio fora pobre ou rico: um homem amável, voluptuoso e despreocupado, que fazia versos para divertir-se, como Chapelle, o amigo de Molière e de La Fontaine? Ou um pobre poeta laureado, que acompanhava a corte e fazia odes para o dia de nascimento do rei, como Southey, o acusador de lorde Byron? Falou-se do estado da sociedade no tempo de Augusto e de Jorge IV; nas duas épocas a aristocracia era todo-poderosa; mas, em Roma, seu poder era arrancado por Mecenas, um simples cavaleiro, enquanto na Inglaterra ela havia reduzido Jorge IV mais ou menos à condição de um doge de Veneza. Essa discussão pareceu tirar o marquês do estado de torpor em que o aborrecimento o mergulhava no começo do jantar.

Julien nada compreendia desses nomes modernos como Southey, lorde Byron, Jorge IV, que ele ouvia pronunciar pela primeira vez. Mas não escapou a ninguém que, sempre que se falava de fatos passados em Roma, e cujo conhecimento podia deduzir-se das obras de Horácio, Marcial, Tácito etc., ele mostrava uma incontestável superioridade. Julien apoderou-se sem escrúpulos de várias ideias que aprendera com o bispo de Besançon, na famosa discussão que tivera com esse prelado; não foram as menos apreciadas.

Quando se cansaram de falar de poetas, a marquesa, que se impunha o dever de admirar tudo o que divertia o marido, dignou-se olhar para Julien. As maneiras desajeitadas desse jovem padre talvez escondam um homem instruído, disse à marquesa o acadêmico que se achava ao lado dela, e Julien ouviu alguma coisa. As frases feitas convinham muito ao espírito da dona da casa; ela adotou a seguinte sobre Julien, satisfeita de ter convidado o acadêmico para jantar: ele diverte o sr. de La Mole, pensou.

Capítulo III

OS PRIMEIROS PASSOS

Este imenso vale cheio de luzes resplandecentes e de milhares de homens ofusca minha vista. Nenhum me conhece, todos me são superiores. Minha mente se confunde.

POEMI DELL'AV REINA

NO DIA SEGUINTE BEM CEDO, Julien fazia rascunhos de cartas na biblioteca, quando a srta. Mathilde entrou por uma pequena porta de saída, muito bem dissimulada com lombadas de livros. Enquanto Julien admirava essa invenção, a srta. Mathilde parecia muito surpresa e bastante contrariada de encontrá-lo ali. Com papelotes nos cabelos, Julien achou seu aspecto duro, altivo e quase masculino. A srta. de La Mole costumava roubar livros da biblioteca do pai, sem que o percebessem. A presença de Julien tornava inútil sua incursão naquela manhã, o que a contrariou tanto mais porque vinha buscar o segundo volume da *Princesa da Babilônia*, de Voltaire, digno complemento de uma educação eminentemente monárquisa e religiosa, obra-prima da Congregação do Sagrado Coração! Essa pobre moça, de dezenove anos, já tinha necessidade do estímulo do espírito para interessar-se por um romance.

O conde Norbert apareceu na biblioteca por volta das três da tarde; vinha examinar um jornal, para poder falar de política à noite, e ficou contente de encontrar Julien, cuja existência havia esquecido. Foi perfeito em relação a ele e ofereceu-lhe montar a cavalo.

– Meu pai nos dispensou até o jantar.

Julien compreendeu esse "nos" e achou-o encantador.

– Meu Deus, senhor conde, disse Julien, se fosse para derrubar uma árvore de trinta metros de altura, cortá-la e fazer tábuas, ouso dizer que me sairia muito bem, mas montar a cavalo, isso só me aconteceu seis vezes na vida.

– Pois então será a sétima, disse Norbert.

No fundo, Julien lembrava-se da entrada do rei de *** em Verrières e acreditava montar a cavalo muito bem. Mas, ao voltar do bosque de Boulogne, bem no meio da rua do Bac, caiu, ao tentar evitar bruscamente um cabriolé. Ainda bem que ele tinha dois trajes. No jantar, querendo dirigir-lhe a palavra, o marquês pediu notícias de seu passeio; Norbert apressou-se a responder em termos gerais.

– Senhor, o conde está sendo muito amável comigo, disse Julien, agradeço e reconheço o valor disso. Ele dignou-se dar-me o cavalo mais manso e bonito; mas, afinal, não podia atar-me e, sem essa precaução, caí bem no meio daquela rua comprida, perto da ponte.

A srta. Mathilde tentou em vão dissimular uma risada, a seguir sua indiscrição pediu detalhes. Julien saiu-se com muita simplicidade; sem que o soubesse, teve graça.

– Esse padrezinho vai longe, disse o marquês ao acadêmico; um provinciano simples numa situação como essa! É o que nunca se viu nem se verá; e ainda por cima conta sua infelicidade

diante de *senhoras*!

Julieu colocou seus ouvintes tão à vontade sobre seu infortúnio que, ao final do jantar, quando a conversação geral tomou outro rumo, a srta. Mathilde fez perguntas ao irmão sobre detalhes do acidente. Como as perguntas se prolongassem, e Julien encontrasse os olhos dela várias vezes, ele ousou responder diretamente, embora não fosse interrogado, e os três acabaram rindo, como o fariam três jovens aldeões no fundo de um bosque.

No dia seguinte, Julien assistiu a duas aulas de teologia e depois voltou para transcrever umas vinte cartas. Encontrou instalado perto de seu lugar, na biblioteca, um jovem vestido com muito esmero, mas de aspecto mesquinho e com uma expressão de inveja.

O marquês entrou.

– Que faz aqui, sr. Tanbeau?, disse ao recém-chegado, num tom severo.

– Eu pensei..., disse o jovem, sorrindo servilmente.

– Não, o senhor *não pensou*. Isto é uma tentativa, mas infeliz.

O jovem Tanbeau levantou-se furioso e desapareceu. Era um sobrinho do acadêmico, amigo do sr. de La Mole, que se destinava às letras. O acadêmico obtivera que o marquês o tomasse como secretário. Tanbeau, que trabalhava numa peça afastada, tendo sabido do favor que Julien gozava, quis partilhá-lo, e de manhã viera estabelecer seu escritório na biblioteca.

Às quatro da tarde, Julien ousou, após um instante de hesitação, dirigir-se aos aposentos do conde Norbert. Este ia montar a cavalo e ficou embaraçado, pois era muito polido.

– Penso, disse ele a Julien, que em breve terá aulas de equitação; depois de algumas semanas, ficarei encantado de montar a cavalo com você.

– Queria ter a honra de agradecer-lhe as amabilidades que teve comigo; acredite, senhor, acrescentou Julien com um ar muito sério, sei bem o que lhe devo. Se seu cavalo não se feriu por causa de minha inabilidade de ontem, e se está livre, gostaria de montar agora.

– Então, meu caro Sorel, será por sua conta e risco. Considere que lhe fiz todas as objeções que a prudência exige; o fato é que são quatro horas, não temos tempo a perder.

Quando já estava a cavalo, Julien perguntou ao jovem conde:

– Que se deve fazer para não cair?

– Muitas coisas, respondeu Norbert, rindo às gargalhadas: por exemplo, inclinar o corpo para trás.

Julien partiu a trote largo. Estavam na praça Luís XVI.

– Ah! Jovem temerário, disse Norbert, há muitos carros, e conduzidos por imprudentes! Uma vez no chão, os tílburis passarão por cima de seu corpo; eles não se arriscarão a machucar a boca do cavalo puxando bruscamente as rédeas.

Por vinte vezes, Norbert viu Julien a ponto de cair; mas finalmente o passeio acabou sem acidente. De volta à casa, o jovem conde disse à irmã:

– Apresento-lhe um cavaleiro ousado.

No jantar, falando ao pai, de uma extremidade à outra da mesa, ele reconheceu o mérito da ousadia de Julien; era tudo o que se podia elogiar em sua maneira de montar a cavalo. De manhã, o jovem conde ouvira os homens que cuidavam dos cavalos no pátio mencionarem a queda de Julien, zombando dele de maneira ultrajante.

Apesar de tanta amabilidade, Julien logo sentiu-se perfeitamente isolado no meio dessa

família. Todos os costumes pareciam-lhe singulares, e ele não se acostumava a nenhum. Seus lapsos faziam a alegria dos criados.

O abade Pirard partira para sua paróquia. Se Julien é um frágil caniço, que pereça; se é um homem de coragem, que vença as dificuldades sozinho, ele pensava.

Capítulo IV

A MANSÃO DE LA MOLE

Que faz ele aqui? Estaria satisfeito? Pensaria agradar?

RONSARD

SE TUDO PARECIA ESTRANHO A JULIEN, no nobre salão da mansão de La Mole, esse jovem, pálido e vestido de preto, parecia por sua vez muito singular às pessoas que se dignavam notá-lo. A sra. de La Mole propôs ao marido enviá-lo em missão nos dias em que certos personagens viessem jantar.

– Pretendo levar a experiência até o fim, respondeu o marquês. O abade Pirard afirma que agimos mal ferindo o amor-próprio das pessoas que admitimos em nossa casa. *A gente não se apoia senão sobre o que resiste* etc. Este jovem só é inconveniente por sua figura desconhecida; de resto, é um surdo-mudo.

Para que eu possa orientar-me, pensou Julien, preciso escrever os nomes e uma frase sobre o caráter dos personagens que vejo chegar a este salão.

Colocou na primeira linha cinco ou seis amigos da casa, que invariavelmente o cortejavam, acreditando-o protegido por um capricho do marquês. Eram uns pobres-diabos, mais ou menos vulgares; mas, cumpre dizer em honra dessa classe de homens que hoje se encontram nos salões da aristocracia, eles não eram vulgares de maneira igual para todos. Alguns, que se deixariam ser tratados com aspereza pelo marquês, revoltar-se-iam contra uma palavra dura dirigida pela sra. de La Mole.

Havia muito orgulho e muito tédio no fundo do caráter dos donos da casa; estavam acostumados a ultrajar por desfastio, para que pudessem esperar verdadeiros amigos. Mas, exceto nos dias de chuva e nos momentos de tédio feroz, que eram raros, demonstravam sempre uma polidez perfeita.

Se os cinco ou seis aduladores que mostravam a Julien uma amizade tão paterna desertassem da mansão de La Mole, a marquesa estaria exposta a grandes momentos de solidão; e, para as mulheres dessa condição, a solidão é terrível; é o emblema da *desgraça*.

O marquês era perfeito para a mulher; cuidava para que seu salão estivesse suficientemente guarnecido; não de pares, ele achava que os novos colegas não eram bastante nobres para virem à sua casa como amigos, e não tão divertidos para serem admitidos como subalternos.

Foi só bem mais tarde que Julien penetrou esses segredos. A política dirigente, assunto de conversa das casas burguesas, não é abordada nas da classe do marquês senão nos momentos de aflição.

Mesmo neste século entediado, tamanha é ainda a necessidade de divertir-se que, inclusive nos dias de jantares, todos debandavam assim que o marquês deixava o salão. Contanto que não se falasse mal de Deus, nem dos padres, nem do rei, nem das pessoas distintas, nem dos

artistas protegidos pela corte, nem de tudo que está estabelecido; contanto que não se falasse bem nem de Béranger, nem dos jornais da oposição, nem de Voltaire, nem de Rousseau, nem de tudo o que se permite quem não tem papas na língua; contanto, principalmente, que jamais se falasse de política, podia-se discorrer livremente sobre tudo.

Não há cem mil escudos de renda nem condecoração que possam lutar contra essa carta de princípios de salão. A menor ideia viva parece uma grosseiria. Apesar do bom-tom, da polidez perfeita, da vontade de ser agradável, o tédio lia-se em todas as faces. Os jovens que vinham cumprir deveres, com receio de falarem de algo que fizesse suspeitar um pensamento, ou de traírem alguma leitura proibida, calavam-se após algumas palavras elegantes sobre Rossini e as condições do tempo.

Julien observou que a conversação era mantida viva por dois viscondes e cinco barões que o sr. de La Mole conhecera na emigração10. Esses senhores desfrutavam de seis a oito mil libras de renda; quatro eram partidários do *La Quotidienne*, e três da *Gazette de France*. Um deles tinha sempre uma anedota a contar do palácio, na qual a palavra admirável não era poupada. Julien observou que ele tinha cinco condecorações, os outros tinham em geral apenas três.

Em troca, viam-se na antecâmara dez lacaios de libré, e durante toda a noite eram servidos chá ou sorvetes a cada quarto de hora, mais uma espécie de ceia com champanha, à meia-noite.

Era a razão que fazia Julien permanecer às vezes até o final; de resto, ele quase não compreendia que pudessem escutar a sério a conversação ordinária daquele salão, tão magnificamente dourado. Às vezes, observava os interlocutores para ver se eles próprios não zombavam daquilo que diziam. O meu de Maistre, que sei de cor, disse cem vezes melhor, ele pensava, e ainda assim é um chato.

Julien não era o único a perceber a asfixia moral. Uns consolavam-se tomando sorvetes, outros, pelo prazer de dizer ao fim da noitada: saio da mansão de La Mole, onde soube que a Rússia, etc.

Julien ficou sabendo, por um dos aduladores, que não fazia ainda seis meses que a sra. de La Mole recompensara uma assiduidade de mais de vinte anos fazendo governador o pobre barão Le Bourguignon, vice-governador desde a Restauração.

Esse grande acontecimento reforçara o zelo de todos esses senhores; antes, teriam se ofendido por muito pouco, agora não se ofendiam por mais nada. Raramente a falta de consideração era direta, mas Julien já surpreendera à mesa dois ou três pequenos diálogos breves, entre o marquês e a esposa, cruéis para os que estavam sentados perto deles. Esses nobres personagens não dissimulavam o desprezo sincero por tudo que não proviesse de pessoas *que subiam nas carruagens do rei*. Julien observou que a palavra *cruzada* era a única que dava à expressão deles uma seriedade profunda, mesclada de respeito. O respeito ordinário tinha sempre um traço de complacência.

Em meio a essa magnificência e a esse tédio, Julien interessava-se apenas pelo sr. de La Mole; com prazer, ouviu-o um dia protestar que nada tinha a ver com a promoção daquele pobre Le Bourguignon. Era uma atenção para com a marquesa: Julien sabia a verdade pelo abade Pirard.

Uma manhã em que o abade ocupava-se junto com ele, na biblioteca do marquês, do eterno processo de Frilair, Julien perguntou de repente:

– Senhor, jantar diariamente com a sra. marquesa é um de meus deveres ou é uma cortesia que fazem para mim?

– É uma honra insigne!, respondeu o abade, escandalizado. O sr. N..., o acadêmico, que há quinze anos faz uma corte assídua, nunca obteve isso para seu sobrinho Tanbeau.

– Para mim, senhor, é a parte mais penosa de meu emprego. No seminário entediava-me menos. Às vezes, vejo até a srta. de La Mole bocejar, ela que deve estar acostumada à amabilidade dos amigos da casa. Tenho medo de adormecer. Por favor, obtenha-me a permissão de ir jantar por quarenta vinténs em algum albergue obscuro.

O abade, verdadeiro novo-rico, era muito sensível à honraria de jantar com um grande senhor. Enquanto procurava fazer Julien compreender esse sentimento, um ruído leve os fez voltar a cabeça. Julien viu a srta. de La Mole, que escutava. Ele corou. Ela viera buscar um livro e ouvira tudo, mas teve alguma consideração por Julien: Este não nasceu ajoelhado, pensou, como esse velho abade. Santo Deus, como ele é feio!

No jantar, Julien não ousava olhar para a srta. de La Mole, mas ela teve a bondade de dirigir-lhe a palavra. Naquele dia, esperava-se muita gente, ela o convidou a ficar. As moças de Paris não gostam muito das pessoas de uma certa idade, sobretudo quando se vestem sem cuidado. Julien não precisou de muita sagacidade para perceber que os colegas do sr. Le Bourguignon, que ficaram no salão, tinham a honra de ser o objeto ordinário dos gracejos da srta. de La Mole. Naquele dia, houvesse ou não fingimento da parte dela, ela foi cruel com os enfadonhos.

A srta. de La Mole era o centro de um grupinho que se formava quase todas as noites atrás da imensa *bergère* da marquesa. Ali reuniam-se o marquês de Croisenois, o conde de Caylus, o visconde de Luz e dois ou três outros jovens oficiais, amigos de Norbert ou de sua irmã. Esses senhores sentavam-se num grande canapé azul. Na extremidade do canapé, oposta àquela ocupada pela brilhante Mathilde, sentava-se silenciosamente Julien numa cadeira de palha bastante baixa. Esse posto modesto era invejado por todos os aduladores; Norbert mantinha ali decentemente o jovem secretário do pai, dirigindo-lhe a palavra ou nomeando-o uma ou duas vezes por noitada. Naquele dia, a srta. de La Mole perguntou-lhe qual podia ser a altura do monte sobre o qual está colocada a cidadela de Besançon. Julien não tinha como dizer se esse monte era mais ou menos elevado que Montmartre. Com frequência ele ria com gosto do que diziam nesse grupinho; mas sentia-se incapaz de inventar alguma coisa de semelhante. Era como uma língua estrangeira que ele compreendesse, mas que não pudesse falar.

Os amigos de Mathilde, naquele dia, não paravam de hostilizar as pessoas que chegavam no vasto salão. Os amigos da casa foram inicialmente os mais visados, por serem mais bem conhecidos. Pode-se imaginar o quanto Julien estava atento; tudo lhe interessava, tanto o que era dito como a maneira de gracejar.

– Ah! Ali está o sr. Decoulis, disse Mathilde, não usa mais peruca; será que quer chegar a ser governador pelo gênio? Ostenta aquela cabeça calva, que ele diz repleta de altos pensamentos.

– É um homem que conhece a terra inteira, disse o marquês de Croisenois; ele também vai à casa de meu tio, o cardeal. É capaz de cultivar uma mentira junto a cada um de seus amigos, durante anos seguidos, e ele tem duzentos ou trezentos amigos. Sabe alimentar a amizade, é seu talento. Tal como o estão vendo, é capaz de ficar enlameado à porta de um dos amigos, desde as sete horas da manhã, no inverno. De vez em quando desentende-se, e então escreve sete ou oito cartas desaforadas. Depois reconcilia-se, e são mais sete ou oito cartas com transportes de amizade. Mas é na manifestação franca e sincera de homem de bem que não guarda ressentimentos que ele brilha mais. Usa essa manobra quando tem algum serviço a pedir. Um dos vigários do meu tio é admirável quando conta a vida do sr. Descoulis desde a Restauração. Vou trazê-lo aqui.

– Bah! Eu não acreditaria nessas conversas; é ciúme de ofício entre a arraia miúda, disse o conde de Caylus.

– O sr. Decoulis terá um nome na história, continuou o marquês; fez a Restauração com o abade de Pradt e os srs. de Talleyrand e Pozzo di Borgo.

– Esse homem manipulou muito dinheiro, disse Norbert, e não concebo que venha aqui embolsar os epigramas de meu pai, geralmente abomináveis. Este um dia lhe gritava, de uma ponta à outra da mesa: quantas vezes traiu seus amigos, meu caro Descoulis?

– Mas é verdade que ele traiu?, disse a srta. de La Mole. Quem nunca traiu?

– Olhe! disse o conde de Caylus a Norbert, você tem em sua casa o sr. Sainclair, o famoso liberal; que diabos vem fazer aqui? Preciso aproximar-me dele, falar-lhe, fazê-lo falar-me; dizem que tem muito espírito.

– Mas como tua mãe irá recebê-lo?, disse o sr. de Croisenois. Ele tem ideias tão extravagantes, tão generosas, tão independentes...

– Vejam ali esse homem independente, disse a srta. de La Mole, curvando-se quase até o chão diante do sr. Descoulis e pegando-lhe a mão. Cheguei a pensar que ia levá-la aos lábios.

– Descoulis deve estar melhor com o poder do que imaginamos, comentou o sr. de Croisenois.

– Sainclair vem aqui para entrar na Academia, disse Norbert; veja como ele cumprimenta o barão L..., Croisenois.

– Seria menos servil se se ajoelhasse, disse o sr. de Luz.

– Meu caro Sorel, disse Norbert, você que tem espírito, mas que chega das montanhas, jamais cumprimente como o faz esse grande poeta, ainda que se trate de Deus Pai.

– Ah! Eis ali um homem de espírito por excelência, o sr. barão Bâton, disse a srta. de la Molle, imitando um pouco a voz do lacaio que acabava de anunciá-lo.

– Acho que até seus serviçais zombam dele. Que nome, barão Bâton [Bastão]! disse o sr. de Caylus.

– Que importa o nome?, ele nos dizia outro dia. Imaginem o duque de Bouillon [Bolha] anunciado pela primeira vez; falta ao público, em relação a mim, somente um pouco de hábito...

Julien deixou a companhia do canapé. Pouco sensível ainda aos charmes de uma zombaria leve para rir de um gracejo, exigia que este tivesse um motivo. Nas palavras daqueles jovens, não via senão um tom de difamação geral, e estava chocado com isso. Sua pudicícia

provinciana ou inglesa chegava a ver naquilo inveja, no que seguramente se enganava.

O conde Norbert, ele pensava, que vi fazer três rascunhos para uma carta de vinte linhas a seu coronel, ficaria bem feliz se tivesse escrito na vida uma página como as do sr. Sainclair.

Passando despercebido por causa de sua pouca importância, Julien aproximou-se sucessivamente de vários grupos; seguia de longe o barão Bâton e queria ouvi-lo. Esse homem de tanto espírito tinha um ar inquieto, e Julien só o viu sossegar um pouco depois de encontrar três ou quatro frases espirituosas. A Julien pareceu que esse gênero de espírito tinha necessidade de espaço.

O barão não conseguia dizer palavras; precisava, pelo menos, de quatro frases de seis linhas cada uma para ser brilhante.

– *Esse homem não conversa*, *disserta*, disse alguém atrás de Julien. Ele virou-se e corou de prazer ao ouvir o nome de conde Chalvet. Era o homem mais fino do século. Julien lera várias vezes seu nome no *Memorial de Santa Helena* e nos fragmentos de história ditados por Napoleão. O conde Chalvet era breve ao falar; suas observações eram relâmpagos, justas, vivas, profundas. Se falava de um assunto, na mesma hora a discussão avançava. Ele apresentava fatos, era um prazer ouvi-lo. De resto, em política era um cínico descarado.

– Sou independente, ele dizia a um senhor que exibia três medalhas, das quais aparentemente zombava. Por que querem que eu tenha hoje a mesma opinião de seis semanas atrás? Nesse caso, minha opinião seria meu tirano.

Quatro jovens austeros, que o cercavam, fizeram cara feia; esses senhores não gostam do tipo brincalhão. O conde percebeu que fora longe demais. Por sorte, avistou o honesto sr. Balland, tartufo da honestidade. Pôs-se a falar com ele; outros se aproximaram, compreendeu-se que o pobre Balland ia ser imolado. À força de moral e de moralidade, embora horrivelmente feio, e depois de primeiros passos na sociedade difíceis de contar, o sr. Balland casara com uma mulher muito rica, que morrera; a seguir casara com outra mulher muito rica, nunca vista nas rodas sociais. Ele desfruta, com toda a humildade, de uma renda de sessenta mil libras, tendo ele próprio bajuladores. O conde Chalvet falou-lhe de tudo isso, e sem piedade. Umas trinta pessoas haviam se reunido em torno deles. Todos sorriam, mesmo os jovens austeros, a esperança do século.

Por que ele vem à casa do sr. de La Mole, onde é evidentemente o objeto de troça?, pensou Julien. Aproximou-se do abade Pirard para perguntar-lhe isso.

O sr. Balland retirou-se.

– Bem, disse Norbert, um dos espiões de meu pai já partiu. Agora só resta o coxo do Napier.

Seria essa a chave do enigma?, pensou Julien. Mas, nesse caso, por que o marquês recebe o sr. Balland?

O severo abade Pirard fazia cara feia num canto do salão, quando ouvia os lacaios anunciarem.

– Isto é um antro, ele dizia como Basílio, só vejo chegar gente corrupta.

É que o severo abade não conhecia o que está junto à alta sociedade. Mas, através de seus amigos jansenistas, tinha noções muito exatas sobre esses homens que só comparecem aos salões por sua extrema sagacidade a serviço de todos os partidos, ou por sua fortuna

escandalosa. Durante alguns minutos, naquela noite, ele respondeu com franqueza às perguntas feitas por Julien, depois calou-se de repente, desolado por sempre falar mal de todo o mundo, e imputando-se pecado. Bilioso, jansenista, e acreditando no dever da caridade cristã, sua vida nas rodas sociais era um combate.

– Que cara tem esse abade Pirard! disse a srta. de La Mole, quando Julien voltou para junto do canapé.

Julien ficou irritado, no entanto ela tinha razão. O sr. Pirard era incontestavelmente o homem mais honesto do salão, mas seu rosto avermelhado, que se agitava com as contorções de sua consciência, tornava-o horrendo naquele momento. Depois disso, como acreditar nas fisionomias?, pensou Julien; é no momento em que a delicadeza do abade Pirard censura-se algum pecadilho que ele tem o aspecto mais atroz; enquanto no rosto desse Napier, espião conhecido de todos, lê-se uma felicidade pura e tranquila. Contudo, o abade Pirard fizera grandes concessões, contratara um criado e estava muito bem-vestido.

Julien notou algo de singular no salão: era um movimento de todos os olhos em direção à porta e um semissilêncio súbito. O lacaio anunciava o famoso barão de Tolly, em torno do qual as eleições acabavam de criar um caso. Julien avançou e o observou bem. O barão presidia um colégio eleitoral e teve a ideia luminosa de escamotear as cédulas com os votos de um partido. Para que houvesse compensação, ele as substituía por outras com um nome que lhe fosse agradável. Essa manobra decisiva foi percebida por alguns eleitores que se apressaram a cumprimentar o barão de Tolly. O bom homem ainda estava pálido em consequência desse caso. Espíritos malformados haviam pronunciado a palavra "cadeia". O sr. de La Mole recebeu-o friamente. O pobre barão logo foi embora.

– Se ele nos deixa tão depressa, é para ir à casa do sr. Comte, disse o conde Chalvet; e todos riram.

Entre alguns grandes senhores calados, intrigantes e, na maior parte, corruptos, mas todos homens de espírito que, naquela noite, compareciam sucessivamente ao salão do sr. de La Mole (ele era cogitado para um ministério), o pequeno Tanbeau fazia suas primeiras armas. Embora não tivesse ainda a capacidade de síntese, procurava compensá-la, como se verá, pela energia das palavras.

– Por que não condenar esse homem a dez anos de prisão?, ele dizia no momento em que Julien se aproximou de seu grupo; é no fundo de uma masmorra que os répteis devem ser confinados; eles devem morrer à sombra, caso contrário seu veneno se exacerba e ficam mais perigosos. De que adianta condená-lo a uma multa de mil escudos? Ele é pobre, vá lá, tanto melhor; mas seu partido pagará por ele. Era preciso quinhentos francos de multa e dez anos de masmorra.

Santo Deus! Quem é o monstro de que falam?, pensou Julien, que admirava o tom veemente e os gestos bruscos do colega. O rosto magro e repuxado do sobrinho favorito do acadêmico estava medonho naquele momento. Logo Julien ficou sabendo que se tratava do maior poeta da época.

– Ah! Monstro!, exclamou Julien a meia voz, e lágrimas generosas umedeceram-lhe os olhos. Ah! Seu patife! Farei que engula essas palavras.

Eis aí, continuou a pensar, os rebotalhos do partido do qual o marquês é um dos chefes! E

esse homem ilustre que ele calunia, quantas condecorações, quantas sinecuras não teria acumulado, se tivesse se vendido, não digo ao ministério vulgar do sr. de Nerval, mas a alguns desses ministros passavelmente honestos que vemos sucederem-se?

O abade Pirard fez de longe um sinal a Julien; o sr. de La Mole acabava de lhe dizer alguma coisa. Mas quando Julien, que nesse momento escutava, de olhos baixos, as lamúrias de um bispo, ficou livre enfim e pôde aproximar-se do amigo, encontrou-o monopolizado pelo abominável Tanbeau. Aquele monstrinho o execrava como a fonte do favor de Julien, e vinha cortejá-lo.

Quando a morte nos livrará dessa velha podridão? Era nesses termos, de uma energia bíblica, que o homenzinho de letras falava naquele momento do respeitável lorde Holland. Seu mérito era saber perfeitamente a biografia dos homens vivos, e ele acabava de passar rapidamente em revista todos os homens que podiam aspirar a alguma influência sob o reinado do novo rei da Inglaterra.

O abade passou a um salão vizinho; Julien o acompanhou:

– O marquês não gosta de escrevinhadores, estou avisando; é sua única antipatia. Saiba o latim, o grego, se puder, a história dos egípcios, dos persas etc., e ele o honrará e o protegerá como a um sábio. Mas, se escrever uma página em francês, e principalmente sobre matérias graves e acima de sua condição na sociedade, ele o chamará de escrevinhador e porá mau olhado em você. Como não conhece, habitando a mansão de um grande senhor, a frase do duque de Castries sobre d'Alembert e Rousseau: "Essa gente quer pensar sobre tudo e não tem mil escudos de renda"?

Tudo se sabe, pensou Julien, tanto aqui como no seminário! Ele escrevera oito ou dez páginas bastante enfáticas: era uma espécie de elogio histórico do velho cirurgião-mor que, dizia, o fizera homem. E meu caderno sempre esteve fechado à chave! Subiu a seus aposentos, queimou o manuscrito e voltou ao salão. Os patifes brilhantes haviam-no deixado, restavam apenas os homens com condecorações.

Ao redor da mesa, que os criados haviam trazido já servida, achavam-se sete ou oito mulheres muito nobres, muito devotas e afetadas, com idades de trinta a trinta e cinco anos. A brilhante marechala de Fervaques entrou, desculpando-se pelo atraso. Era mais de meia-noite; ela foi tomar seu lugar junto à marquesa. Julien ficou profundamente emocionado; ela possuía os olhos e o olhar da sra. de Rênal.

O grupo da srta. de La Mole continuava animado. Ela ocupava-se, com os amigos, de zombar do infeliz conde de Thaler. Era o filho único de um famoso judeu, célebre pelas riquezas que adquirira emprestando dinheiro aos reis para fazerem a guerra aos povos. O judeu morrera havia pouco, deixando ao filho cem mil escudos de renda por mês e um nome, infelizmente, muito conhecido! Essa posição singular teria exigido simplicidade de caráter ou muita força de vontade.

Desgraçadamente, o conde era apenas um bom homem ornado de todo tipo de pretensões que seus aduladores lhe inspiraram.

O sr. de Caylus dizia que lhe haviam sugerido a vontade de pedir em casamento a srta. de La Mole (a qual era cortejada pelo marquês de Croisenois, que futuramente seria duque com uma renda de cem mil libras).

– Ah! Não o acusem de ter uma vontade, dizia Norbert, com lástima.

O que talvez mais faltasse a esse pobre conde de Thaler era a faculdade de querer. Por esse lado de seu caráter, seria digno de ser rei. Buscando sempre conselho com todo o mundo, não tinha a coragem de seguir nenhum até o fim.

Sua fisionomia bastaria por si só, dizia a srta. de La Mole, para inspirar-lhe uma alegria eterna. Era uma mistura singular de inquietude e de desapontamento; mas de vez em quando nela se distinguiam claramente impulsos de importância e aquele tom categórico que deve ter o homem mais rico da França, sobretudo quando se tem uma boa aparência e trinta e seis anos incompletos. Ele é timidamente insolente, dizia o sr. de Croisenois. O conde de Caylus, Norbert e dois ou três jovens de bigode escarneceram dele quanto quiseram, sem que ele suspeitasse, e por fim fizeram-no ir embora, quando soava uma hora:

– São seus famosos cavalos árabes que o esperam à porta com o tempo que está fazendo?, disse-lhe Norbert.

– Não, é uma nova parelha bem menos cara, respondeu o sr. de Thaler. O cavalo da esquerda custou-me cinco mil francos, e o da direita vale apenas cem luíses; mas acredite que só o atrelam à noite. É que seu trote é perfeitamente semelhante ao do outro.

A reflexão de Norbert fez o conde pensar que convinha, para um homem como ele, ter paixão por cavalos, e que ele não devia deixar os seus se molharem. Ele partiu, e os outros saíram um instante depois, zombando dele.

Assim, pensava Julien ao vê-los na escada, rindo, foi-me dado ver o outro extremo de minha situação! Não tenho vinte luíses de renda e estive ao lado de um homem que tem vinte luíses de renda por hora, e zombavam dele... Uma visão como essa cura da inveja.

---

10 Stendhal refere-se aos aristocratas que foram obrigados a emigrar a partir do momento da radicalização do processo revolucionário na França quando da decapitação de Luís XVI em 21 de janeiro de 1793. (N.E.)

Capítulo V

A SENSIBILIDADE E UMA GRANDE DAMA DEVOTA

Uma ideia um pouco viva parece uma grosseria, tamanho é o costume das palavras sem brilho. Ai de quem improvisa ao falar!

FAUBLAS

DEPOIS DE VÁRIOS MESES DE PROVAÇÕES, eis como se encontrava Julien no dia em que o intendente da casa entregou-lhe a terceira quarta parte de seu ordenado. O sr. de La Mole encarregara-o de acompanhar a administração de suas terras na Bretanha e na Normandia. Julien fazia frequentes viagens até lá. Era o principal encarregado da correspondência relativa ao famoso processo com o abade de Frilair. O sr. Pirard o instruíra.

A partir das breves anotações que o marquês rabiscava à margem dos papéis de toda espécie que lhe eram endereçados, Julien redigia cartas que eram, quase todas, assinadas.

Na escola de teologia, os professores queixavam-se de sua pouca assiduidade, mas não deixavam de vê-lo como um de seus alunos mais distintos. Esses diferentes trabalhos, cumpridos com todo o ardor da ambição paciente, haviam tirado das feições de Julien as cores que ele trouxera da província. Sua palidez era um mérito aos olhos dos jovens seminaristas, seus colegas; ele os achava muito menos malévolos, muito menos ajoelhados ante o dinheiro que os de Besançon; eles julgavam-no doente dos pulmões. O marquês dera-lhe um cavalo.

Temendo ser visto em seus passeios a cavalo, Julien lhes dissera que esse exercício fora prescrito pelos médicos. O abade Pirard o levara a várias associações de jansenistas. Julien ficou espantado; em seu espírito, a ideia da religião estava invencivelmente ligada à hipocrisia e à esperança de ganhar dinheiro. Ele admirou aqueles homens piedosos e severos que não pensavam no caixa. Vários jansenistas ligaram-se a ele por amizade e davam-lhe conselhos. Um mundo novo abria-se diante dele. Conheceu junto aos jansenistas um conde Altamira de quase dois metros de altura, liberal condenado à morte em seu país, e devoto. Esse estranho contraste, a devoção e o amor à liberdade, o impressionou.

Julien esfriara seu relacionamento com o jovem conde Norbert. Este achara que ele respondia muito vivamente aos gracejos de alguns de seus amigos. Tendo faltado às conveniências uma ou duas vezes, Julien prescrevera-se jamais dirigir a palavra à srta. Mathilde. Continuavam demonstrando-lhe muita cortesia na mansão de La Mole, mas ele sentia-se diminuído. Seu bom senso da província explicava esse efeito pelo provérbio vulgar: *tudo o que é novo é bom.*

Talvez ele estivesse um pouco mais clarividente do que nos primeiros dias, ou então o primeiro encantamento produzido pela urbanidade parisiense passara.

Assim que parava de trabalhar, estava às voltas com um tédio mortal; é o triste efeito da polidez admirável, mas comedida, tão perfeitamente graduada segundo as posições, que

distingue a alta sociedade. Mesmo um coração pouco sensível percebe o artifício.

Certamente, pode-se reprovar à província um tom comum ou pouco polido; mas as pessoas respondem com um pouco mais de paixão. Na mansão de La Mole, o amor-próprio de Julien jamais fora ferido; mas com frequência, ao fim do dia, ele sentia vontade de chorar. Na província, um garçom de café interessa-se pela gente, se nos acontece um acidente ao entrar no café; mas se esse acidente oferece algo de desagradável para o amor-próprio, ele, lamentando o que aconteceu, repetirá dez vezes a palavra que nos tortura. Em Paris, as pessoas têm o cuidado de ocultar-se para rir, mas a gente é sempre um estranho.

Passamos em silêncio uma série de pequenas aventuras que teriam feito Julien cair no ridículo, se ele não estivesse, de certo modo, abaixo do ridículo. Uma sensibilidade exagerada fazia-o cometer milhares de asneiras. Todos os seus prazeres eram de precaução: atirava com a pistola diariamente, era um dos bons alunos dos mais famosos mestres de armas. Assim que podia dispor de um instante, em vez de dedicar-se à leitura como outrora, corria à equitação e pedia os cavalos mais cheios de vícios. Nos passeios com o mestre de equitação, quase sempre sofria uma queda.

O marquês considerava-o cômodo por causa de seu trabalho obstinado, de seu silêncio, de sua inteligência, e aos poucos confiou-lhe o acompanhamento de todos os negócios de solução um pouco difícil. Nos momentos em que sua alta ambição dava-lhe alguma folga, o marquês fazia negócios com sagacidade; estando bem informado, aplicava o dinheiro com felicidade. Comprava casas, bosques; mas facilmente ficava de mau humor. Era capaz de dar centenas de luíses e de mover processos por quantias irrisórias. Os homens ricos e de coração soberbo buscam nos negócios diversão e não resultados. O marquês tinha necessidade de um chefe de estado-maior que pusesse uma ordem clara e fácil de compreender em todas as suas questões de dinheiro.

A sra. de La mole, embora de caráter tão comedido, zombava às vezes de Julien. O *imprevisto*, produzido pela sensibilidade, é o horror das grandes damas; é o antípoda das conveniências. Duas ou três vezes o marquês tomou o partido dele: Se é ridículo no seu salão, no escritório ele triunfa. Julien, por seu lado, acreditou descobrir o segredo da marquesa. Ela passava a interessar-se por tudo assim que anunciavam o barão de La Joumate. Era um homem frio, de fisionomia impassível. Baixo, magro, feio, muito bem-vestido, passava a vida no palácio e, em geral, não abria a boca sobre coisa nenhuma. Era sua maneira de pensar. A sra. de La Mole ficaria apaixonadamente feliz, pela primeira vez na vida, se pudesse fazer dele o marido de sua filha.

Capítulo VI

MANEIRA DE PRONUNCIAR

Sua alta missão é julgar com calma os pequenos acontecimentos da vida diária dos povos. Sua sabedoria deve prevenir as grandes cóleras por pequenas causas, ou por acontecimentos que a voz do renome transfigura, levando-os longe.

GRATIUS

PARA UM RECÉM-CHEGADO QUE, por orgulho, jamais fazia perguntas, Julien não cometeu asneiras muito grandes. Um dia, levado a um café da rua Saint-Honoré por uma chuva súbita, um homem alto, vestindo sobrecasaca de castorina e surpreso com seu olhar sombrio, resolveu encará-lo, como o fizera outrora em Besançon o amante da srta. Amanda.

Julien reprovara-se muitas vezes ter deixado passar aquele primeiro insulto, para suportar esse olhar. Pediu explicações. O homem de sobrecasaca prontamente lançou-lhe as piores injúrias: todos os que estavam no café os cercaram, os passantes detinham-se à porta. Por uma precaução de provinciano, Julien sempre levava consigo pequenas pistolas; sua mão as apertava no bolso com um movimento convulsivo. No entanto, foi prudente, limitando-se a repetir ao homem, de minuto a minuto: *Senhor, seu endereço! Eu o desprezo*.

A constância com que repetia essas seis palavras acabou por impressionar os circunstantes: o outro que falava sozinho devia dar-lhe seu endereço.

Ouvindo essa decisão seguidamente repetida, o homem de sobrecasa atirou-lhe à cara cinco ou seis cartões de visita. Felizmente nenhum atingiu-o no rosto, ele prometera-se somente usar as pistolas caso fosse atingido. O homem foi embora, não sem voltar-se de tempo em tempo para ameaçá-lo com o punho e lançar-lhe desaforos.

Julien viu-se banhado em suor. Com que então o último dos homens é capaz de perturbar-me a esse ponto!, pensou, com raiva. Como eliminar essa sensibilidade tão humilhante?

Onde buscar uma testemunha? Ele não tinha um amigo. Tivera vários conhecidos, mas todos, regularmente, ao cabo de algumas semanas de relações, afastavam-se dele. Sou insociável e estou sendo cruelmente punido por isso, pensou. Finalmente, teve a ideia de procurar um ex-tenente do 96º chamado Liévin, pobre diabo com quem costumava exercitar-se nas armas. Julien foi sincero com ele.

– Aceito ser sua testemunha, disse Liévin, mas com uma condição: se não ferir seu homem, você se baterá comigo logo a seguir.

– Certo, disse Julien encantado, e foram procurar o sr. C. de Beauvoisis no endereço indicado por seus cartões, num canto do bairro Saint-Germain.

Eram sete horas da manhã. Foi somente ao fazer-se anunciar na casa dele que Julien pensou que podia ser o jovem parente da sra. de Rênal, empregado outrora na embaixada de Roma ou de Nápoles, e que dera uma carta de recomendação ao cantor Geronimo.

Julien entregou a um camareiro um dos cartões lançados na véspera e um dos seus.

Fizeram-no esperar, a ele e à sua testemunha, três longos quartos de hora; por fim foram introduzidos num apartamento de admirável elegância. Encontraram um jovem alto, vestido como uma boneca; seus traços tinham a perfeição e a insignificância da beleza grega. Sua cabeça, notavelmente estreita, era coberta por uma pirâmide de lindos cabelos louros. Estavam frisados com muito esmero, nenhum fio de cabelo ultrapassava o outro. Foi para fazer frisar-se assim, pensou o tenente do 96º, que esse maldito nos fez esperar. O *robe de chambre* matizado, as pantalonas, até mesmo as pantufas bordadas, tudo era correto e maravilhosamente bem cuidado. Sua fisionomia, nobre e vazia, anunciava ideias convenientes e raras: o ideal do homem amável, o horror ao imprevisto e ao gracejo, e muita gravidade.

Julien, a quem o tenente do 96º explicara que fazer-se esperar por tanto tempo, depois de ter-lhe grosseiramente atirado à cara os cartões, era uma ofensa a mais, havia entrado bruscamente nos aposentos do sr. de Beauvoisis. Tinha a intenção de ser insolente, mas ao mesmo tempo gostaria de mostrar bom-tom.

Ficou tão admirado com a doçura das maneiras do sr. de Beauvoisis, com seu ar ao mesmo tempo compassado, importante e satisfeito de si, com a elegância admirável do que o cercava, que num piscar de olhos perdeu toda ideia de ser insolente. Não era o homem da véspera. Foi tal o espanto de deparar com um homem distinto em vez da figura grosseira encontrada no café que não pôde dizer uma só palavra. Apresentou um dos cartões que lhe foram atirados.

– É meu nome, disse o homem elegante, a quem o traje preto de Julien, às sete da manhã, inspirava muito pouca consideração; mas não compreendo, palavra de honra...

A maneira de pronunciar estas últimas palavras fez Julien voltar em parte à sua disposição anterior.

– Venho bater-me consigo, senhor, e explicou brevemente o caso.

O sr. Charles de Beauvoisis, após observar com atenção, estava bastante satisfeito com o corte do traje preto de Julien. É do Staub, não resta dúvida, ele pensava ao escutá-lo falar; esse colete é de bom gosto, as botas são elegantes; mas, por outro lado, esse traje preto já de manhã cedo!... Deve ser para escapar melhor à bala, pensou o cavaleiro de Beauvoisis.

Assim que se deu essa explicação, ele voltou a mostrar uma polidez perfeita e quase de igual para igual em relação a Julien. O colóquio foi bastante longo, o assunto era delicado; mas, por fim, Julien não pôde recusar-se à evidência. O jovem tão bem-nascido que estava à sua frente não tinha a menor semelhança com a figura grosseira que na véspera o insultara.

Julien sentia uma invencível repugnância em ir embora; prolongava a explicação. Ele observava a suficiência do cavaleiro de Beauvoisis, assim ele próprio nomeara-se, chocado com o fato de Julien chamá-lo simplesmente de senhor.

Ele admirava sua gravidade, mesclada de uma certa fatuidade modesta, mas que não o abandonava um só instante. Estava espantado com sua maneira singular de mover a língua ao pronunciar as palavras... Mas em tudo isso, enfim, não havia a menor razão para buscar querela.

O jovem diplomata oferecia bater-se de boa vontade, mas o ex-tenente do 96º, sentado já há algum tempo, de pernas afastadas, mãos sobre as coxas e cotovelos para fora, decidiu que seu amigo, sr. Sorel, não era de buscar querela com um homem só porque haviam roubado a

esse homem seus cartões de visita.

Julien saiu de muito mau humor. A carruagem do cavaleiro de Beauvoisis esperava-o no pátio, diante da escadaria; por acaso, Julien ergueu os olhos e reconheceu seu homem da véspera no cocheiro.

Vê-lo, puxá-lo pela jaqueta, fazê-lo cair do assento e golpeá-lo com chicotadas foi obra de um instante. Dois lacaios quiseram defender o colega; Julien recebeu alguns socos, mas conseguiu armar uma das pistolas e disparar contra eles, que fugiram. Tudo isso passou-se em menos de um minuto.

O cavaleiro de Beauvoisis descia as escadas com a gravidade mais divertida, repetindo com sua pronúncia de grande senhor: Que é isso? Que é isso? Estava evidentemente muito curioso, mas a importância diplomática não lhe permitia demonstrar mais interesse. Quando soube do que se tratava, a altivez disputou ainda em seus traços com o sangue-frio levemente jocoso que um rosto de diplomata nunca deve perder.

O tenente do 96º compreendeu que o sr. de Beauvoisis estava disposto a bater-se: também diplomaticamente, quis conservar para o amigo as vantagens da iniciativa. – Desta feita, exclamou, há razão para duelo! – Eu diria o mesmo, respondeu o diplomata.

– Esse patife está despedido, disse ele aos lacaios; que um outro suba. Abriram a portinhola da carruagem, e o cavaleiro fez questão absoluta de fazer as honras a Julien e à sua testemunha. Foram buscar um amigo do sr. de Beauvoisis, que indicou um lugar tranquilo. A conversa, durante o trajeto, foi muito correta. Só havia de singular o diplomata em r*obe de chambre*.

Esses senhores, embora muito nobres, pensou Julien, não são enfadonhos como as pessoas que vêm jantar na casa do sr. de La Mole; e vejo por que, acrescentou um instante depois, eles se permitem ser indecentes. Falava-se das dançarinas que o público aplaudira num balé oferecido na véspera. Os dois senhores faziam alusão a anedotas picantes que Julien e sua testemunha, o tenente do 96º, ignoravam completamente. Julien não cometeu a tolice de afirmar conhecê-las; confessou de boa vontade sua ignorância. Essa franqueza agradou ao amigo do cavaleiro, que contou essas anedotas nos mínimos detalhes, e muito bem.

Uma coisa deixou Julien muito espantado. Um altar construído no meio da rua, para a procissão de *Corpus Christi*, deteve por um instante a carruagem. Os dois senhores permitiram-se vários gracejos; o pároco, segundo eles, era filho de um arcebispo. Jamais o marquês de La Mole, que queria ser duque, teria dito tal coisa.

O duelo foi concluído num instante: Julien recebeu um tiro no braço, ataram-no com lenços embebidos em aguardente, e o cavaleiro de Beauvoisis pediu muito cortesmente a Julien a permissão de reconduzi-lo à sua casa, na mesma carruagem que o trouxera. Quando Julien indicou a mansão de La Mole, houve uma troca de olhares entre o jovem diplomata e seu amigo. O fiacre de Julien estava ali, mas ele achava a conversação daqueles senhores infinitamente mais divertida que a do bom tenente do 96º.

Meu Deus! Um duelo é só isso?, pensava Julien. Como estou feliz de ter reencontrado aquele cocheiro! Que desgraça se tivesse que suportar mais uma injúria num café! A conversa divertida quase não fora interrompida. Julien compreendeu então que a afetação diplomática serve para alguma coisa.

Então o tédio não é inerente, ele pensava, a uma conversa entre pessoas de alto nascimento! Estes gracejam da procissão de *Corpus Christi*, ousam contar em detalhes pitorescos anedotas escabrosas. Não lhes falta senão o raciocínio político, mas essa falta é mais do que compensada pela graça do tom e a perfeita justeza das expressões. Julien sentia uma forte inclinação por eles. Como eu seria feliz se os visse com frequência!

Assim que se separaram, o cavaleiro de Beauvoisis apressou-se em tomar informações: elas não foram brilhantes. Ele estava muito curioso de conhecer seu homem; podia decentemente fazer-lhe uma visita? As poucas informações obtidas não eram encorajadoras.

– Isso é terrível!, ele disse à sua testemunha. Não posso confessar que me bati com um simples secretário do sr. de La Mole, e ainda mais porque meu cocheiro roubou-me os cartões de visita.

– Seguramente haveria nisso tudo a possibilidade de ridículo.

Na mesma noite, o cavaleiro de Beauvoisis e o amigo disseram em toda parte que aquele sr. Sorel, aliás um jovem perfeito, era filho natural de um amigo íntimo do marquês de La Mole, o que foi aceito sem dificuldade. Uma vez estabelecido isso, o jovem diplomata e o amigo dignaram-se fazer algumas visitas a Julien, durante os quinze dias em que passou em seu quarto. Julien confessou-lhes que só fora uma vez na vida ao Teatro da Ópera.

– É espantoso, disseram-lhe, todos vão até lá; é preciso que assista, em sua primeira saída, ao *Conde Ory*.

No Teatro da Ópera, o cavaleiro de Beauvoisis apresentou-o ao famoso cantor Geronimo, que gozava então de imenso sucesso.

Julien quase cortejava o cavaleiro; aquela mistura de respeito por si próprio, de importância misteriosa e de fatuidade de homem jovem encantava-o. Por exemplo, o cavaleiro gaguejava um pouco porque tinha a honra de ver com frequência um grande senhor que tinha esse defeito. Julien nunca havia encontrado numa única pessoa o ridículo que diverte e a perfeição das maneiras que um pobre provinciano deve buscar imitar.

Ele era visto no Teatro da Ópera com o cavaleiro de Beauvoisis; essa ligação fez seu nome ser citado.

– Muito bem!, disse-lhe um dia o sr. de La Mole, eis então o filho natural de um rico fidalgo do Franco-Condado, meu amigo íntimo!

O marquês cortou a palavra a Julien, que protestava não haver contribuído de forma alguma para dar crédito a esse boato.

– O sr. de Beauvoisis não aceitou ter duelado com o filho de um carpinteiro.

– Eu sei, eu sei, disse o sr. de La Mole; cabe a mim agora dar consistência a essa história, que me convém. Mas tenho um favor a pedir, que só lhe custará uma meia hora de seu tempo: vá diariamente ao Teatro da Ópera, às onze e meia, assistir no vestíbulo à saída da gente fina. Você ainda tem hábitos de provinciano; precisa desfazer-se deles; aliás, não é ruim conhecer, ao menos de vista, grandes personalidades junto às quais posso um dia enviá-lo em missão. Passe no escritório do teatro para identificar-se e obter os ingressos.

Capítulo VII

UM ATAQUE DE GOTA

E tive uma promoção, não por meu mérito, mas porque meu patrão sofria da gota.

BERTOLOTTI

O LEITOR TALVEZ SURPREENDA-SE com esse tom livre e quase amistoso; esquecemos de dizer que havia seis semanas o marquês estava retido em sua casa por um ataque de gota.

A srta. de La Mole e sua mãe estavam em Hyères, junto à mãe da marquesa. O conde Norbert via o pai apenas por instantes; davam-se bem um com o outro, mas nada tinham a dizer-se. Reduzido a Julien, o sr. de La Mole ficou espantado de encontrar ideias nele. Fazia-o ler-lhe os jornais. Em breve, o jovem secretário foi capaz de escolher as passagens interessantes. Havia um jornal novo que o marquês abominava; tinha jurado nunca lê-lo, e todo dia falava dele. Julien ria. O marquês, irritado contra o tempo presente, pediu que ele lesse Tito Lívio; a tradução improvisada sobre o texto latino divertia-o.

Um dia, o marquês disse com aquele tom de polidez excessiva que geralmente impacientava Julien:

– Permita, meu caro Sorel, que lhe presenteie com um traje azul: quando quiser vesti-lo e vier a meus aposentos, você será, a meus olhos, o irmão caçula do conde de Chaulnes, isto é, o filho do meu velho amigo duque.

Julien não compreendeu muito bem do que se tratava; na mesma noite, experimentou uma visita com o traje azul. O marquês tratou-o como a um igual. Julien tinha um coração capaz de sentir a verdadeira polidez, mas não fazia ideia das nuanças. Teria jurado, antes desse capricho do marquês, que era impossível ser recebido por ele com mais consideração. Que admirável talento!, pensou Julien; quando levantou-se para sair, o marquês desculpou-se de não poder acompanhá-lo por causa da gota.

Este pensamento singular ocupou Julien: estaria ele zombando de mim?, pensou. Foi pedir conselho ao abade Pirard que, menos polido que o marquês, respondeu-lhe apenas assobiando e falando de outra coisa. Na manhã seguinte, Julien apresentou-se ao marquês de traje preto, com sua pasta e as cartas por assinar. Foi recebido à maneira antiga. À noite, de traje azul, o tom foi completamente diferente e tão polido quanto na véspera.

– Já que não se aborrece demais com as visitas que tem a bondade de fazer a um pobre velho enfermo, disse-lhe o marquês, deveria falar-me de todos os pequenos incidentes de sua vida, mas de maneira franca e sem pensar noutra coisa do que em contar claramente e de forma divertida. Pois é preciso divertir-se, disse o marquês; só isso é real na vida. Um homem não pode salvar-me a vida na guerra todo dia, ou dar-me um presente de um milhão todo dia. Mas se eu tivesse aqui Rivarol, junto à minha espreguiçadeira, todo dia ele me pouparia uma hora de sofrimento e de tédio. Estive muitas vezes com ele em Hamburgo, durante a

emigração.

E o marquês contou a Julien as anedotas de Rivarol com os hamburgueses, que se reuniam em quatro para compreender um dito espirituoso.

O sr. de La Mole, reduzido à companhia daquele padrezinho, quis incentivá-lo, atiçando o orgulho de Julien. Já que lhe pediam a verdade, Julien resolveu dizer tudo, mas calando duas coisas: sua admiração fanática por um nome que causava mau humor ao marquês, e a perfeita incredulidade que não combinava muito bem com um futuro padre. Seu pequeno incidente com o cavaleiro de Beauvoisis veio muito a propósito. O marquês riu até as lágrimas da cena no café da rua Saint-Honoré, com o cocheiro que lhe lançava as piores injúrias. Foi uma época de franqueza perfeita nas relações entre o patrão e o protegido.

O sr. de La Mole interessou-se por aquele caráter singular. No começo, acolhia os ridículos de Julien, a fim de divertir-se; logo achou mais interessante corrigir muito suavemente as falsas maneiras de ver do jovem. Os outros provincianos que chegam em Paris admiram tudo, pensava o marquês; este odeia tudo. Os outros têm afetação demais, este não a tem suficientemente, e os tolos acham-no um tolo.

O ataque de gota prolongou-se com os frios do inverno e durou vários meses.

As pessoas afeiçoam-se a um cão de raça, dizia-se o marquês, por que tanta vergonha de afeiçoar-me a esse padrezinho? Ele é original. Trato-o como um filho; pois bem! Onde está o inconveniente? Esse capricho, se durar, custar-me-á um diamante de quinhentos luíses em meu testamento.

Estando o marquês seguro do caráter firme de seu protegido, a cada dia ele o encarregava de algum novo negócio.

Julien observou, com espanto, que sucedia àquele grande senhor dar-lhe ordens contraditórias sobre o mesmo objeto.

Isso podia comprometê-lo gravemente. Julien resolveu não mais trabalhar com ele sem trazer um registro no qual escrevia as ordens, e o marquês as rubricava. Julien tomara um auxiliar que transcrevia as decisões relativas a cada negócio num registro particular. Esse registro continha também a cópia de todas as cartas.

Tal ideia pareceu a princípio o cúmulo do ridículo e do tédio. Mas em menos de dois meses o marquês percebeu-lhe as vantagens. Julien propôs-lhe contratar um empregado que saía da casa de um banqueiro, e que registraria em partidas dobradas todas as receitas e todas as despesas das terras que Julien estava encarregado de administrar.

Essas medidas esclareceram de tal maneira, aos olhos do marquês, seus próprios negócios, que ele pôde dar-se o prazer de empreender duas ou três novas especulações sem a ajuda do testa de ferro que o roubava.

– Pegue três mil francos para você, disse ele um dia ao jovem secretário.

– Senhor, minha conduta pode ser caluniada.

– Que devo fazer então?, retomou o marquês, irritado.

– Escrever de próprio punho no registro a decisão que tomou; essa decisão me dará uma soma de três mil francos. De resto, foi o abade Pirard que teve a ideia dessa contabilidade.

O sr. de La Mole, com a cara aborrecida do marquês de Moncade ouvindo as contas do sr. Poisson, seu intendente, escreveu a decisão.[11]

À noite, quando Julien aparecia de traje azul, nunca se falava de negócios. As bondades do marquês eram tão lisonjeiras para o amor-próprio sempre sofredor de nosso herói que ele logo sentiu, contra sua vontade, uma espécie de afeição por aquele velho amável. Não que Julien fosse sensível, como o entendem em Paris; mas ele não era um monstro, e ninguém, desde a morte do velho cirurgião-mor, lhe falara com tanta bondade. Ele observava com espanto que o marquês tinha, em relação a seu amor-próprio, atenções de cortesia que ele jamais encontrara no velho cirurgião. Compreendeu, enfim, que o cirurgião tinha mais orgulho de sua medalha que o marquês de sua fita azul. O pai do marquês era um nobre importante.

Certo dia, ao final de uma audiência matinal, com seu traje preto de negócios, Julien divertiu o marquês, que o reteve por duas horas e fez questão de dar-lhe alguns títulos bancários que seu testa de ferro acabava de trazer-lhe da Bolsa.

– Espero, senhor marquês, não me afastar do profundo respeito que lhe devo, suplicando que me permita uma palavra.

– Fale, meu amigo.

– Que o senhor marquês digne-se aceitar minha recusa desse presente. Não é ao homem de traje preto que ele é dirigido, e ele estragaria completamente as maneiras que o senhor tem a bondade de tolerar no homem de traje azul. Fez um cumprimento muito respeitoso e saiu sem olhar.

Essa atitude divertiu o marquês, que a relatou à noite ao abade Pirard.

– Devo confessar-lhe finalmente uma coisa, meu caro abade. Conheço o nascimento de Julien e autorizo-o a não mais guardar segredo comigo sobre essa confidência.

Seu procedimento desta manhã é nobre, pensou o marquês, e eu o enobreço.

Algum tempo depois, o marquês pôde enfim sair.

– Vá passar dois meses em Londres, disse ele a Julien. Os correios extraordinários e os outros levarão até você as cartas que recebo com minhas anotações. Redigirá as respostas e as enviará dentro de suas cartas. Calculei que o atraso será de apenas cinco dias.

Na carruagem a caminho de Calais, Julien surpreendia-se com a futilidade dos pretensos negócios para os quais fora enviado.

Não diremos com que sentimento de ódio e quase de horror ele tocou o solo inglês. Conhecemos sua louca paixão por Bonaparte. Ele via em cada oficial um sir Hudson Lowe, em cada nobre um lorde Bathurst, ordenando as infâmias de Santa Helena e recebendo como recompensa dez anos de ministério.

Em Londres, ele conheceu enfim a alta fatuidade. Ligara-se com jovens da nobreza russa, que o iniciaram.

– Você é predestinado, meu caro Sorel, eles diziam, possui naturalmente uma expressão de rosto fria e *a mil léguas da sensação presente* que tanto buscamos adquirir.

– Você não compreendeu seu século, dizia-lhe o príncipe Korasoff: *faça sempre o contrário do que esperam de você*. Eis aí, realmente, a única religião da época. Não seja nem louco nem afetado, pois então esperariam loucuras e afetações de você, e o preceito não seria mais cumprido.

Julien cobriu-se de glória um dia, no salão do duque de Fitz-Folke, que o convidara a jantar juntamente com o príncipe Korasoff. Os convidados esperaram durante uma hora. A

maneira como Julien conduziu-se em meio às vinte pessoas que esperavam é ainda citada entre os jovens secretários da embaixada em Londres. Sua cara foi impagável.

Ele quis conhecer, apesar de seus amigos dândis, o célebre Philippe Vane, o único filósofo que a Inglaterra produziu depois de Locke. Encontrou-o terminando seu sétimo ano de prisão. A aristocracia não brinca neste país, pensou Julien; além disso, Vane foi desonrado, vilipendiado etc.

Julien achou-o um tipo bem-humorado; a raiva à aristocracia o desentediava. Aí está, pensou Julien ao sair da prisão, o único homem alegre que vi na Inglaterra.

A ideia mais útil aos tiranos é a de Deus, dissera-lhe Vane...

Suprimimos o resto do sistema como *cínico*.

Ao regressar, o sr. de La Mole perguntou-lhe:

– Que ideia divertida me traz da Inglaterra?... Ele permanecia calado. – Que ideia traz, divertida ou não?, insistiu o marquês.

– Primeiro, disse Julien, o inglês mais sábio é louco uma hora por dia; é visitado pelo demônio do suicídio, que é o deus do país. Segundo: o espírito e o gênio perdem vinte e cinco por cento de seu valor ao desembarcarem na Inglaterra. Terceiro: nada no mundo é mais belo, admirável, enternecedor, do que as paisagens inglesas.

– Agora é minha vez, disse o marquês. Primeiro: por que foi dizer, no baile na casa do embaixador da Rússia, que há na França trezentos mil jovens de vinte e cinco anos que desejam apaixonadamente a guerra? acredita que isso é um prazer para os reis?

– Não se sabe como agir ao falar com nossos grandes diplomatas, disse Julien. Eles têm a mania de iniciar discussões sérias. Se nos limitamos aos lugares-comuns dos jornais, passamos por tolos. Se nos permitimos algo de verdadeiro e de novo, ficam espantados, não sabem o que responder e, no dia seguinte, às sete horas, mandam dizer pelo primeiro secretário da embaixada que fomos inconvenientes.

– Nada mal, disse o marquês, rindo. De resto, aposto que não adivinhou o que foi fazer na Inglaterra, senhor homem profundo.

– Perdoe-me, retomou Julien; fui lá para jantar uma vez por semana na casa do embaixador do rei, que é o mais polido dos homens.

– Você foi buscar esta medalha aqui, disse-lhe o marquês. Não quero fazê-lo abandonar seu traje preto, e estou acostumado ao tom divertido que adotei com o homem que veste o traje azul. Até segunda ordem, ouça bem isto: quando eu vir essa medalha, você será o filho caçula de meu amigo, o duque de Chaulnes, que, sem que o saiba, está há seis meses na diplomacia. Veja bem, acrescentou o marquês num tom muito sério e cortando os agradecimentos, não quero de modo nenhum tirá-lo de sua condição. Isso é sempre um erro e uma desgraça, tanto para o protetor quanto para o protegido. Quando meus processos o aborrecerem, ou quando não me convier mais, solicitarei para você uma boa paróquia, como a do nosso amigo abade Pirard, e *nada mais*, acrescentou o marquês de maneira bastante seca.

Essa medalha fez inflar o orgulho de Julien; ele passou a falar muito mais. Acreditou-se menos ofendido e visado por aquelas frases suscetíveis de alguma explicação pouco polida que, numa conversa animada, podem ser ditas por qualquer um.

Essa medalha lhe valeu uma visita singular: foi a do sr. barão de Valenod, que vinha a

Paris agradecer ao ministério seu baronato e entender-se com ele. Ia ser nomeado prefeito de Verrières em substituição ao sr. de Rênal.

Julien riu muito, interiormente, quando o sr. de Valenod deu-lhe a entender que fora descoberto que o sr. de Rênal era um jacobino. O fato é que, numa reeleição que se preparava, o novo barão era o candidato do ministério, e no colégio eleitoral do departamento, em verdade muito conservador, o sr. de Rênal tinha o apoio dos liberais.

Em vão Julien tentou saber alguma coisa da sra. de Rênal; o barão pareceu lembrar-se da antiga rivalidade deles e foi impenetrável. Acabou por pedir a Julien o voto de seu pai nas próximas eleições. Julien prometeu escrever.

– O senhor deveria, cavalheiro, apresentar-me ao sr. marquês de La Mole.

De fato, *eu deveria*, pensou Julien; mas um patife como este!...

– Em verdade, respondeu, sou muito insignificante na mansão de La Mole para encarregar-me de apresentações.

Julien contava tudo ao marquês: à noite relatou-lhe a pretensão de Valenod, bem como seus atos e atitudes desde 1814.

– Você não apenas me apresentará amanhã o novo barão, disse-lhe o sr. de La Mole com seriedade, como também o convido a jantar depois de amanhã. Ele será um de nossos novos prefeitos.

– Nesse caso, tornou Julien friamente, peço o cargo de diretor do asilo de mendicidade para meu pai.

– Assim é que se fala, disse o marquês retomando o ar alegre; concedido; achei que viria com lições de moral. Está começando a aprender.

O sr. de Valenod informou a Julien que o titular da loteria de Verrières falecera há pouco: Julien achou divertido dar esse cargo ao sr. de Cholin, aquele velho imbecil cuja petição encontrara outrora no quarto de sr. de La Mole. O marquês riu com muito gosto da petição que Julien recitou, ao fazê-lo assinar a carta que solicitava aquele cargo ao ministro das Finanças.

Logo que o sr. de Cholin foi nomeado, Julien ficou sabendo que o cargo fora solicitado pela câmara do departamento para o sr. Gros, o célebre geômetra: esse homem generoso tinha apenas mil e quatrocentos francos de renda, e todo ano emprestava seiscentos francos ao titular agora falecido, para ajudá-lo a manter a família.

Julien ficou espantado com o que fez. Isto não é nada, pensou, terei de fazer muitas outras injustiças se quiser vencer, e ainda por cima saber ocultá-las sob belas frases sentimentais. Pobre sr. Gros! Ele é que merecia a medalha, eu que a tenho, e devo agir de acordo com o governo que me condecora.

---

11 Alusão à peça *Escola dos burgueses* (1728), de Allainval. (N.T.)

Capítulo VIII

QUAL É A CONDECORAÇÃO QUE DISTINGUE?

Tua água não me refresca, disse o gênio sequioso. – No entanto, este é o poço mais fresco de todo o Diar Bekir.

PELLICO

JULIEN RETORNAVA, um dia, da encantadora terra de Villequier, às margens do Sena, que o sr. de La Mole via com interesse, porque, de todas as suas terras, era a única que pertencera ao célebre Boniface de La Mole. Na mansão, encontrou a marquesa e a filha, que chegavam de Hyères.

Julien era agora um dândi e compreendia a arte de viver em Paris. Demonstrou uma frieza perfeita para com a srta. de La Mole. Parecia não guardar nenhuma lembrança dos tempos em que ela lhe pedia tão alegremente detalhes sobre sua queda do cavalo.

A srta. de La Mole achou-o mais seguro e pálido. Seu porte, suas maneiras nada mais tinham de provinciano; o mesmo não acontecia com sua conversação, ainda muito séria, afirmativa. Apesar dessas qualidades razoáveis, não tinha nada de subalterno, e isto graças a seu orgulho; percebia-se apenas que ele considerava ainda muitas coisas como importantes. Mas via-se que era um homem de convicções.

– Falta-lhe leveza, mas não espírito, disse a srta. de La Mole ao pai, brincando com ele sobre a medalha que dera a Julien. Meu irmão vem solicitando-a há dezoito meses, e é um La Mole!...

– Sim, mas Julien tem o imprevisto, é o que jamais aconteceu com o La Mole de que me fala.

Anunciaram o sr. duque de Retz.

Mathilde sentiu uma vontade irresistível de bocejar; ela reconhecia as antigas douraduras e os antigos frequentadores do salão paterno. Fazia uma imagem perfeitamente aborrecida da vida que ia retomar em Paris. Em Hyères, porém, sentia falta de Paris.

E tenho apenas dezenove anos!, pensava: é a idade da felicidade, dizem todos esses livros tolos com bordas douradas. Ela olhava oito ou dez volumes de poesias novas, acumulados, durante a viagem à Provença, sobre o console do salão. Tinha o azar de ter mais espírito que os srs. de Croisenois, de Caylus, de Luz, e os outros amigos. Imaginava tudo o que iam lhe dizer sobre o belo céu da Provença, a poesia, o sul etc. etc.

Esses olhos tão belos, onde transparecia o tédio mais profundo e, pior ainda, o desespero de encontrar prazer, detiveram-se em Julien. Pelo menos, ele não é exatamente como um outro qualquer.

– Senhor Sorel, disse com aquela voz viva, breve e que nada tem de feminino, empregada pelas moças da alta sociedade, senhor Sorel, irá esta noite ao baile do sr. de Retz?

– Senhorita, não tive a honra de ser apresentado ao sr. duque. (Alguém diria que essas

palavras e esse título machucavam a boca do provinciano orgulhoso.)

– Ele encarregou meu irmão de levá-lo à casa dele; e, se fosse, poderia dar-me detalhes sobre a terra de Villequier, quero visitá-la na primavera. Gostaria de saber se o castelo é habitável e se os arredores são tão bonitos como dizem. Há tantas reputações usurpadas!

Julien não respondia.

– Vá ao baile com meu irmão, ela acrescentou, num tom bastante seco.

Julien cumprimentou com respeito. Assim, mesmo durante o baile, devo contas a todos os membros da família. Não sou pago como homem de negócios? Seu mau humor acrescentou: Sabe lá se o que eu disser à filha não irá contrariar os projetos do pai, do irmão, da mãe! É uma verdadeira corte de príncipe soberano. Seria preciso ser de uma nulidade perfeita, mas sem dar a ninguém o direito de queixar-se.

Como essa moça me desagrada! pensou, vendo afastar-se a srta. de La Mole, que a mãe chamara para apresentá-la a várias mulheres de seus amigos. Ela exagera todas as modas, seu vestido cai-lhe dos ombros... Está ainda mais pálida do que antes da viagem... Que cabelos sem cor, de tão louros! Dir-se-ia que a luz os atravessa. Quanta altivez na maneira de cumprimentar, no olhar! Que gestos de rainha!

A srta. de La Mole acabava de chamar o irmão, no momento em que ele ia deixar o salão. O conde Norbert aproximou-se de Julien:

– Meu caro Sorel, disse ele, onde quer que eu lhe pegue à meia-noite para o baile do sr. de Retz? Ele encarregou-me expressamente de levá-lo.

– Sei bem a quem devo tantas amabilidades, respondeu Julien, curvando-se quase até o chão.

Seu mau humor, nada podendo censurar no tom de polidez e mesmo de interesse com que Norbert lhe falara, voltou-se contra a resposta que ele, Julien, havia dado àquele convite atencioso. Via nela um traço de baixeza.

À noite, ao chegar ao baile, ficou impressionado com a magnificência da mansão de Retz. O pátio de entrada estava coberto por um imenso toldo de brim avermelhado com estrelas douradas: nada mais elegante. Embaixo desse toldo, o pátio transformara-se num bosque de laranjeiras e loureiros floridos. Como tiveram o cuidado de enterrar suficientemente os vasos, os loureiros e as laranjeiras davam a impressão de sair do chão. O caminho que as carruagens percorriam estava coberto de saibro.

Essa ornamentação pareceu extraordinária ao nosso provinciano. Ele não fazia ideia de tal magnificência; num instante sua imaginação estava a mil léguas do mau humor. Na carruagem a caminho do baile, Norbert estava feliz, enquanto ele via tudo sombrio; logo que entraram no pátio, os papéis se inverteram.

Norbert mostrava-se sensível apenas a alguns detalhes que, em meio a tanta magnificência, tinham sido descuidados. Avaliava o gasto com cada rosa e, à medida que constatava uma soma elevada, Julien observou que mostrava quase ciúmes por isso e ficava de mau humor.

Quanto a ele, chegou seduzido, deslumbrado e quase tímido de tanta emoção, ao primeiro dos salões onde dançavam. À porta do segundo, havia tanta gente comprimida que lhe foi impossível avançar. A decoração desse segundo salão representava a Alhambra de Granada.

– É a rainha do baile, há que convir, dizia um jovem de bigode, cujo ombro batia no peito

de Julien.

– A srta. Fourmont, que durante todo o inverno foi a mais bonita, respondeu-lhe o vizinho, sente que caiu para o segundo lugar: observe sua expressão singular.

– De fato, ela faz de tudo para agradar. Veja seu sorriso gracioso no momento em que está sozinha nesta contradança. Realmente, é impagável.

– A srta. de La Mole dá a impressão de ser dona do prazer que lhe dá seu triunfo, do qual tem plena consciência. Parece temer agradar a quem lhe fala.

– Exatamente! Eis aí a arte de seduzir.

Julien fazia vãos esforços para avistar essa mulher sedutora; sete ou oito homens mais altos que ele barravam-lhe a visão.

– Há muita coqueteria nessa reserva tão nobre, continuou o jovem de bigode.

– E os grandes olhos azuis que se abaixam lentamente no momento em que parecem estar a ponto de se traírem, acrescentou o vizinho. Palavra, nunca vi nada tão hábil.

– Veja como perto dela a elegante Fourmont parece vulgar, disse um terceiro.

– Esse ar de reserva quer dizer: quanta amabilidade teria por você, se fosse um homem digno de mim!

– E quem pode ser digno da sublime Mathilde? disse o primeiro: algum príncipe soberano, elegante, espirituoso, bonito, herói de guerra, e com vinte anos no máximo.

– O filho natural do imperador da Rússia... que, graças a esse casamento, ganharia uma soberania; ou simplesmente o conde de Thaler, com seu ar de camponês bem-vestido...

A porta ficou desimpedida, Julien pôde entrar.

Já que ela é tida como notável aos olhos desses bonecos, vale a pena estudá-la, pensou. Compreenderei o que é a perfeição para essa gente.

Quando ele a buscava com os olhos, Mathilde reparou nele. Meu dever me chama, pensou Julien; mas havia apenas mau humor em sua expressão. A curiosidade o fazia avançar com um prazer que o vestido bem abaixo dos ombros de Mathilde logo aumentou, em verdade de um modo pouco lisonjeiro para seu amor-próprio. Sua beleza tem juventude, ele pensou. Cinco ou seis jovens, entre os quais reconheceu os que ele ouvira à porta, estavam entre ela e ele.

– O senhor, que passou aqui todo o inverno, disse-lhe ela, não é verdade que este é o melhor baile da estação?

Ele não respondia.

– Esta quadrilha de Coulon é admirável; e estas damas dançam-na de maneira perfeita. Os jovens viraram-se para ver quem era o homem afortunado do qual se exigia uma resposta. Esta não foi alentadora.

– Eu não saberia ser um bom juiz, senhorita; passo a vida escrevendo: é o primeiro baile de tal magnificência a que assisto.

Os jovens de bigode ficaram escandalizados.

– É um sábio, senhor Sorel, ela retomou com um interesse mais acentuado; assiste a esses bailes, a essas festas, como um filósofo, como J.-J. Rousseau. Essas loucuras o espantam sem seduzi-lo.

Uma palavra extinguiu a imaginação de Julien e expulsou de seu coração qualquer ilusão. Sua boca adquiriu uma expressão de desdém talvez um pouco exagerado.

– J.-J. Rousseau, respondeu, é para mim apenas um tolo, quando ousa julgar a alta sociedade; ele não a compreende, e tinha o coração de um lacaio que subiu na vida.

– Ele escreveu o *Contrato social*, disse Mathilde, com o tom da veneração.

– Embora pregasse a república e a derrubada das dignidades monárquicas, esse novo-rico embriagava-se de felicidade se um duque mudava a direção de seus passeios, depois do almoço, para acompanhar um de seus amigos.

– Ah! Sim, o duque de Luxembourg em Montmorency acompanhou um certo sr. Coindet a caminho de Paris..., retomou a srta. de La Mole, com o prazer e o descaso da primeira demonstração de pedanteria. Estava embriagada com seu saber, mais ou menos como o acadêmico que descobre a existência do rei Feretrius.12 O olhar de Julien permaneceu penetrante e severo. Mathilde tivera um momento de entusiasmo; a frieza de seu interlocutor desconcertou-a profundamente. Ficou tanto mais espantada porque era ela que tinha o costume de produzir esse efeito nos outros.

Naquele momento, o marquês de Croisenois avançava com desvelo em direção à srta. de La Mole. Ficou um instante a três passos dela, sem poder aproximar-se por causa da multidão. Olhava para ela, sorrindo do obstáculo. A jovem marquesa de Rouvray estava perto dele, era prima de Mathilde. Dava o braço ao marido, com quem estava casada há apenas quinze dias. O marquês de Rouvray, também muito jovem, mostrava aquele amor simplório de um homem que, tendo feito um casamento de conveniência arranjado pelos notários, encontra uma pessoa perfeitamente bela. O sr. de Rouvray ia ser duque com a morte de um tio bastante idoso.

Enquanto o marquês de Croisenois, não podendo atravessar a multidão, olhava Mathilde com ar sorridente, ela pousava seus grandes olhos, de um azul celeste, sobre ele e seus vizinhos. Nada mais vulgar do que todo esse grupo!, pensava. Eis ali Croisenois, que quer casar comigo; é doce, polido, tem maneiras perfeitas como o sr. de Rouvray. Sem o tédio que me causam, esses senhores seriam muito amáveis. Também ele me acompanhará ao baile com esse ar limitado e satisfeito. Um ano depois do casamento, minha carruagem, meus cavalos, meus vestidos, meu castelo a vinte léguas de Paris, tudo isso será o suficiente para fazer morrer de inveja uma mulher que subiu na vida, uma condessa de Roiville, por exemplo; e depois?...

Mathilde entediava-se na esperança. O marquês de Croisenois conseguiu aproximar-se e falar-lhe, mas ela devaneava sem escutá-lo. O ruído de suas palavras confundia-se para ela com o burburinho do baile. Seguia maquinalmente o olhar de Julien, que se afastara com um ar respeitoso, mas altivo e descontente. Avistou num canto, longe da multidão circulante, o conde Altamira, condenado à morte em seu país, como o leitor já sabe. No reinado de Luís XVI, uma de suas parentas desposara um certo príncipe de Conti; essa lembrança o protegia um pouco contra a polícia da Congregação.

Só a condenação à morte distingue um homem, pensou Mathilde: é a única coisa que não se compra.

Ah! É uma bela frase que acabo de dizer-me! Pena que não tenha ocorrido de modo a fazer-me honrar por ela! Mathilde tinha demasiado gosto para levar à conversação uma bela frase feita antecipadamente; mas também era muito vaidosa para não ficar encantada consigo mesma. Um ar de felicidade substitui em seu rosto o do tédio. O marquês de Croisenois, que

continuava a falar-lhe, julgou entrever o sucesso e redobrou a verbosidade.

O que poderia objetar à minha bela frase uma pessoa mal-intencionada? pensou Mathilde. Eu responderia ao crítico: um título de barão, de visconde, é algo que se compra; uma medalha é algo que se oferece; meu irmão acaba de tê-la, e o que ele fez? Uma graduação obtém-se: com dez anos de guarnição ou um parente ministro da guerra consegue-se ser chefe de esquadrão, como Norbert. Uma grande fortuna!... É ainda o que há de mais difícil e, portanto, de mais meritório. Engraçado! É o contrário de tudo o que dizem os livros... Pois bem! Para a fortuna, casa-se com a filha do sr. Rothschild.

Realmente minha frase tem profundidade. A condenação à morte é ainda a única coisa que ninguém ousa solicitar.

– Conhece o conde Altamira?, perguntou ao sr. de Croisenois.

Ela parecia voltar de tão longe e essa pergunta tinha tão pouco a ver com o que o pobre marquês lhe dizia há cinco minutos, que a amabilidade dele ficou desconcertada. No entanto, era um homem de espírito e muito renomado como tal.

Mathilde é esquisita, ele pensou; é um inconveniente, mas ela oferece uma posição social tão boa a quem for seu marido! Não sei como faz esse marquês de La Mole; ele está ligado com o que há de melhor em todos os partidos; é um homem que não pode soçobrar. E, aliás, essa esquisitice de Mathilde pode passar por gênio. Com um alto nascimento e muita fortuna, o gênio de maneira nenhuma é ridículo, e que distinção oferece! Além disso, ela possui, quando quer, aquela mistura de espírito, de caráter e de oportunidade que faz a amabilidade perfeita... Sendo difícil fazer bem duas coisas ao mesmo tempo, o marquês respondeu com um ar vazio, como se recitasse uma lição:

– Quem não conhece esse pobre Altamira? E contou a ela a história de sua conspiração frustrada, ridícula, absurda.

– Muito absurda!, disse Mathilde, como se falasse a si mesma, mas ele agiu. Quero ver um homem; traga-o a mim, disse ela ao marquês, muito chocado.

O conde Altamira era um dos amiradores mais declarados do ar altivo e quase impertinente da srta. de La Mole; em sua opinião, ela era uma das pessoas mais belas de Paris.

– Como ela seria bela num trono! disse ao marquês de Croisenois, e deixou-se levar sem dificuldade.

Não faltam pessoas na sociedade que julgam nada haver de mais inconveniente que uma conspiração, cheira a coisa de jacobino. E o que há de mais feio que um jacobino sem sucesso?

O olhar de Mathilde zombava do liberalismo de Altamira com o sr. de Croisenois, mas ela o escutava com prazer.

Um conspirador no baile forma um belo contraste, pensou. Ela via neste, com seu bigode preto, a figura do leão quando repousa; mas logo notou que o espírito dele tinha uma única atitude: *a utilidade, a admiração pela utilidade*.

Com exceção do que podia dar a seu país o governo das duas Câmaras, o jovem conde achava que nada era digno de sua atenção. Com prazer deixou Mathilde, a mais sedutora figura do baile, porque viu entrar um general peruano.

Desiludido da Europa, o pobre Altamira reduzira-se a pensar que, quando os Estados da América do Sul fossem fortes e poderosos, poderiam devolver à Europa a liberdade que Mirabeau lhes enviara.13

Um turbilhão de jovens de bigode aproximara-se de Mathilde. Ela percebera que Altamira não fora seduzido e estava irritada com sua partida; via seus olhos negros brilharem ao falar com o general peruano. A srta. de La Mole olhava os jovens franceses com aquela seriedade profunda que nenhuma de suas rivais podia imitar. Qual deles, pensava, poderia fazer-se condenar à morte, mesmo supondo que tivesse todas as chances a seu favor?

Esse olhar singular lisonjeava os que tinham pouco espírito, mas inquietava os outros. Eles temiam a explosão de alguma frase picante e de difícil resposta.

Um alto nascimento oferece inúmeras qualidades cuja ausência me ofenderia; vejo isso pelo exemplo de Julien, pensava Mathilde; contudo, debilita aquelas qualidades da alma que fazem condenar à morte.

Naquele momento, alguém dizia perto dela: esse conde Altamira é o segundo filho do príncipe de San Nazaro Pimentel; foi um Pimentel que tentou salvar Conradin, decapitado em 1268. É uma das mais nobres famílias de Nápoles.

Aí está, pensou Mathilde, a prova elegante de minha máxima: o alto nascimento tira a força de caráter sem a qual ninguém faz-se condenar à morte! Estou predestinada a dizer disparates esta noite. Como sou apenas uma mulher como as outras, então vamos dançar! Cedeu às instâncias do marquês de Croisenois que há uma hora solicitava uma dança. Para distrair-se de seu infortúnio em filosofia, Mathilde quis ser perfeitamente sedutora. O sr. de Croisenois ficou encantado.

Mas nem a dança, nem o desejo de agradar um dos homens mais atraentes da corte, nada conseguiu distrair Mathilde. Era impossível ter mais sucesso. Ela era a rainha do baile, percebia isso, mas com frieza.

Que vida apagada vou passar com uma pessoa como Croisenois!, ela pensava, quando ele a reconduzia a seu lugar uma hora depois... Onde está o prazer para mim, acrescentou tristemente, se, depois de seis meses de ausência, não o encontro num baile que faz a inveja de todas as mulheres de Paris? Além disso, estou cercada de homenagens de uma sociedade que não posso imaginar mais bem composta. Não há aqui burgueses, com exceção talvez de um ou outro, como Julien. No entanto, acrescentava com uma tristeza crescente, que vantagens o destino me deu? Ilustração, fortuna, juventude... Tudo, menos a felicidade!

As mais duvidosas de minhas vantagens são ainda aquelas de que me falaram durante a noitada: no espírito acredito, pois não resta dúvida que amedronto a todos. Se ousam abordar um assunto sério, ao cabo de cinco minutos chegam, sem fôlego e como quem faz uma grande descoberta, a uma conclusão que eu vinha lhes repetindo há uma hora. Sou bela, tenho essa vantagem pela qual Madame de Staël teria sacrificado tudo, e no entanto morro de tédio. Há uma razão para que me entedie menos quando tiver mudado meu nome pelo do marquês de Croisenois?

Mas, meu Deus!, acrescentou, quase com vontade de chorar, ele não é um homem perfeito? É a obra-prima da educação deste século; não se pode olhá-lo sem que encontre algo amável e mesmo espirituoso a nos dizer; é corajoso... Mas esse Sorel é singular, ela pensou, e seu olhar

passou do abatimento à irritação. Disse-lhe que precisava falar com ele, e ele não se digna aparecer!

---

12 Alusão a um sábio que, como conta Stendhal em *Promenades dans Rome*, traduziu "Júpiter Feretrius" por "Júpiter e o rei Feretrius". (N.T.)

13 Esta folha, redigida antes de 25 de julho de 1830, foi impressa em 4 de agosto [nesse intervalo ocorreu a insurreição popular que pôs fim à Restauração e instituiu a Monarquia de Julho] (Nota do editor da 1ª edição francesa).

Capítulo IX

O BAILE

O luxo das roupas, o brilho das velas, os perfumes: tantos braços e ombros bonitos; buquês, árias de Rossini que enlevam, pinturas de Ciceri! Estou fora de mim!

VIAGENS DE UZERI

— VOCÊ ESTÁ MAL-HUMORADA, disse-lhe a marquesa de La Mole; eu a adverti, isso não fica bem num baile.

– Só estou com dor de cabeça, respondeu Mathilde com um ar desdenhoso, está muito quente aqui.

Naquele momento, como para justificar a srta. de La Mole, o velho barão de Tolly sentiu-se mal e caiu; tiveram de carregá-lo. Falou-se de apoplexia, foi um acontecimento desagradável.

Mathilde não se preocupou com isso. Era uma posição assumida, nela, nunca dar atenção aos velhos e às pessoas reconhecidas por dizerem coisas tristes.

Dançou para escapar à conversa sobre a apoplexia que, aliás, não ocorrera, pois dois dias depois o barão estava de volta.

Mas o sr. Sorel não aparece, ela ainda dizia-se, depois de ter dançado. Quase o procurava com os olhos, quando o avistou num outro salão. Curiosamente, ele parecia ter perdido aquele tom de frieza impassível que lhe era característico; não tinha mais um ar de inglês.

Ele conversa com o conde Altamira, meu condenado à morte!, disse Mathilde a si mesma. Os olhos dele emitem um brilho sombrio, parece um príncipe disfarçado; seu olhar redobrou de orgulho.

Julien aproximava-se do lugar onde ela estava, continuando a conversar com Altamira; ela o olhava fixamente, examinando seus traços para encontrar aquelas altas qualidades que podem valer a um homem a honra de ser condenado à morte.

Ao passar perto dela, ele dizia ao conde Altamira:

– Sim, Danton era um homem!

Ó céus! pensou Mathilde, seria ele um Danton? Mas seu rosto é tão nobre, e Danton era horrivelmente feio, um carniceiro, acho eu. Julien estava ainda bastante próximo, e ela não hesitou em chamá-lo: tinha a consciência e o orgulho de fazer uma pergunta extraordinária para uma moça.

– Danton não era um carniceiro?, disse-lhe ela.

– Sim, aos olhos de certas pessoas, respondeu Julien, com a expressão de um desprezo mal disfarçado e o olhar ainda inflamado de sua conversa com Altamira; mas, infelizmente para a nobreza, ele era advogado em Méry-sur-Seine; ou seja, senhorita – acrescentou num tom maldoso –, ele começou como vários pares que vejo aqui. É verdade que Danton tinha uma

enorme desvantagem aos olhos da beleza, era muito feio.

Estas últimas palavras foram ditas rapidamente, de um modo incomum e seguramente muito pouco cortês.

Julien esperou um instante, com a parte superior do corpo ligeiramente inclinada e um ar orgulhosamente humilde. Ele parecia dizer: sou pago para responder-lhe, vivo de minha paga. Ele não se dignava pôr os olhos em Mathilde. Ela, com seus belos olhos extraordinariamente abertos e fixados nele, parecia sua escrava. Enfim, como o silêncio continuasse, ele olhou para ela como um criado olha o patrão, a fim de receber ordens. Embora seus olhos encontrassem em cheio os de Mathilde, que continuavam fixos nele com um olhar estranho, ele afastou-se com marcada solicitude.

Saindo enfim de seu devaneio, Mathilde pensou: ele, que é tão belo, fazer tal elogio da feiura! Não se vê no espelho! Não é como Caylus ou Croisenois. Esse Sorel tem algo do ar que meu pai assume quando imita tão bem Napoleão no baile. Ela esquecera completamente Danton. Decididamente, esta noite me aborrece. Pegou seu irmão pelo braço e, para o desgosto dele, forçou-o a dar uma volta pelo baile. Ocorreu-lhe a ideia de seguir a conversa do condenado à morte com Julien.

A multidão era enorme. No entanto, ela conseguiu alcançá-los no momento em que, dois passos à frente, Altamira aproximava-se de uma bandeja para pegar um sorvete. Ele falava a Julien, meio voltado para este, quando viu um braço de manga bordada que pegava um sorvete a seu lado. O bordado pareceu chamar sua atenção e ele virou-se prontamente para a figura a quem pertencia esse braço. No mesmo instante, seus olhos nobres e ingênuos adquiriram uma leve expressão de desdém.

– Está vendo esse homem? disse em voz baixa a Julien; é o príncipe de Araceli, embaixador de ***. Esta manhã pediu minha extradição ao ministro de assuntos estrangeiros da França, sr. de Nerval. Veja, lá está ele, jogando whist. O sr. de Nerval está muito disposto a entregar-me, pois demos a vocês dois ou três conspiradores em 1816. Se me entregarem a meu rei, serei enforcado em vinte e quatro horas. E será um destes elegantes senhores de bigode que virá prender-me.

– Infames!, exclamou Julien, um pouco alto.

Mathilde não perdia uma sílaba da conversa deles. O tédio desaparecera.

– Não tão infames, retomou o conde Altamira. Falei de mim para impressioná-lo com uma imagem viva. Observe o príncipe de Araceli; a cada cinco minutos, põe os olhos em seu Velo de Ouro; não se cansa de olhar esse enfeite em seu peito. No fundo, esse pobre homem é um anacronismo. Há cem anos, o Velo era uma honraria insigne, mas então estaria muito acima de suas pretensões. Hoje, entre a nobreza, somente um Araceli para encantar-se com isso. Ele faria enforcar uma cidade inteira para obtê-lo.

– Foi a esse preço que o obteve?, disse Julien com ansiedade.

– Não exatamente, respondeu com frieza Altamira; talvez tenha mandado jogar no rio uns trinta ricos proprietários de seu país, tidos por liberais.

– Que monstro!, tornou a dizer Julien.

A srta. de La Mole, inclinando a cabeça com o mais vivo interesse, estava tão perto dele que seus belos cabelos quase roçavam-lhe o ombro.

– O senhor é muito jovem!, respondeu Altamira. Eu dizia-lhe que tenho uma irmã casada na Provença; é ainda bonita, boa, delicada; uma excelente mãe de família, fiel a todos os seus deveres, piedosa e não devota.

Aonde ele quer chegar?, pensava a srta. de La Mole.

– Ela é feliz, continuou o conde de Altamira; ela o era em 1815. Eu estava então escondido na casa dela, em suas terras perto de Antibes. Pois bem, no momento em que soube da execução do marechal Ney, ela pôs-se a dançar!

– Será possível?, disse Julien, aterrorizado.

– É o espírito de partido, prosseguiu Altamira. Não há mais paixões verdadeiras no século XIX; por isso é que as pessoas entediam-se tanto na França. Cometem-se as maiores crueldades, mas sem crueldade.

– O que é pior!, disse Julien; pelo menos, quando se cometem crimes, é preciso cometê-los com prazer: eles só têm isso de bom, e não se pode justificá-los um pouco senão por essa razão.

A srta. de La Mole, esquecendo por completo o que devia a si mesma, colocara-se quase entre Altamira e Julien. Seu irmão, que lhe dava o braço, acostumado a obedecer-lhe, olhava para o outro lado do salão e, para dissimular o aborrecimento, fingia estar barrado pela multidão.

– O senhor tem razão, dizia Altamira; faz-se tudo sem prazer e sem guardar lembrança, mesmo os crimes. Posso mostrar-lhe neste baile dez homens talvez que irão para o inferno como assassinos. Eles esqueceram o que fizeram, e a sociedade também.[14] Muitos comovem-se até as lágrimas se seu cão quebra a pata. No Père-Lachaise, quando lançam flores sobre seus túmulos, como é dito tão graciosamente em Paris, ficamos sabendo que eles reuniam todas as virtudes dos bravos cavaleiros, e fala-se dos grandes feitos do bisavô que vivia no reinado de Henrique IV. Se, apesar dos bons ofícios do príncipe de Araceli eu não for enforcado e continuar gozando de minha fortuna em Paris, quero fazê-lo jantar com oito ou dez assassinos honrados e sem remorsos. Você e eu, nesse jantar, seremos os únicos puros de sangue; mas eu serei desprezado e quase odiado como um monstro sanguinário e jacobino, e você desprezado simplesmente como homem do povo intrometido em boa companhia.

– Nada mais verdadeiro, disse a srta. de La Mole.

Altamira olhou-a, espantado; Julien não se dignou olhar para ela.

– Veja que a revolução à testa da qual me achei, continuou o conde Altamira, não teve êxito unicamente porque eu não quis fazer rolar três cabeças e distribuir a nossos partidários sete a oito milhões que estavam num cofre do qual tenho a chave. Meu rei, que hoje só quer enforcar-me e que, antes da revolta, tratava-me com intimidade, teria me condecorado com a fita azul de sua ordem se eu tivesse feito rolar aquelas três cabeças e distribuído o dinheiro do cofre, pois ao menos eu teria obtido um sucesso parcial e meu país teria uma constituição decente... Assim é o mundo, é uma partida de xadrez.

– Então, retomou Julien com o olhar em fogo, o senhor não conhecia o jogo; mas agora...

– Está querendo dizer que eu faria rolar cabeças e não seria um girondino como deu-me a entender outro dia?... Responderei, disse Altamira com um ar triste, quando você tiver matado um homem em duelo, o que é ainda bem menos feio do que fazê-lo executar por um carrasco!

– Afinal, disse Julien, quem quer o fim quer os meios! Se eu não fosse um átomo e tivesse algum poder, mandaria enforcar três homens para salvar a vida de quatro.

Seus olhos exprimiam o fogo da consciência e o desprezo dos vãos julgamentos dos homens; eles depararam com os da srta. de La Mole muito perto dele, e esse desprezo, longe de transformar-se em ar gracioso e polido, pareceu redobrar.

Ela ficou profundamente chocada; mas não estava mais em seu poder esquecer Julien; afastou-se com despeito, arrastando o irmão.

Preciso tomar *punch* e dançar muito, ela pensou; quero escolher o que há de melhor e brilhar a qualquer preço. Vejamos, eis aqui esse famoso impertinente, o conde de Fervaques. Ela aceitou seu convite; dançaram. Trata-se de ver, ela pensou, qual dos dois será o mais impertinente, mas, para zombar completamente dele, preciso fazê-lo falar. Logo, todos os outros pares dançavam apenas por formalidade. Não queriam perder nenhuma das réplicas picantes de Mathilde. O sr. de Fervaques perturbava-se e, encontrando apenas palavras elegantes em vez de ideias, fazia trejeitos; Mathilde, de mau humor, foi cruel com ele e arranjou um inimigo. Dançou até o amanhecer e por fim retirou-se terrivelmente fatigada. Mas, na carruagem, as poucas forças que lhe restavam eram ainda empregadas para fazê-la triste e infeliz. Tinha sido desprezada por Julien, e não podia desprezá-lo.

Julien estava no auge da felicidade, encantado, sem dar-se conta disso, com a música, as flores, as belas mulheres, a elegância geral e, mais que tudo, com sua imaginação, que sonhava distinções para ele e liberdade para todos.

– Que belo baile!, disse ele ao conde, não falta nada.

– Falta o pensamento, respondeu Altamira.

E sua fisionomia mostrava aquele desprezo ainda mais picante, porque nele se percebe que a polidez impõe-se o dever de ocultá-lo.

– O senhor está aqui, sr. conde. O pensamento é também conspirador, não é verdade?

– Estou aqui por causa de meu nome. Mas odeiam o pensamento nestes salões. Este não deve se elevar acima de um refrão picante de *vaudeville*: então é recompensado. Mas o homem que pensa, se tem energia e novidade em suas tiradas, é chamado *cínico*. Não foi esse o nome que um dos seus juízes deu a Courier? Ele foi preso, assim como Béranger. Tudo que neste país possui algum valor pelo espírito, a Congregação lança à polícia correcional; e a boa sociedade aplaude. É que sua sociedade envelhecida preza acima de tudo as conveniências...Vocês jamais se elevarão acima da bravura militar; terão figuras como Murat, jamais como Washington. Vejo na França apenas vaidade. Um homem que improvisa ao falar chega facilmente a uma tirada imprudente, e o dono da casa julga-se desonrado.

A essas palavras, a carruagem do conde, que levava Julien para casa, parou diante da mansão de La Mole. Julien estava apaixonado pelo conspirador. Altamira fizera-lhe este belo elogio, evidentemente resultante de uma profunda convicção: O senhor não tem a leviandade francesa, e compreende o princípio da utilidade. Justamente na antevéspera, Julien tinha assistido a *Marino Faliero*, tragédia de Casimir Delavigne.

Não possui Israel Bertuccio mais caráter que todos aqueles nobres venezianos? pensava o nosso plebeu revoltado; no entanto, são homens cuja nobreza provada remonta ao ano 700, um século antes de Carlos Magno, enquanto o que havia de mais nobre esta noite no baile do sr.

Retz remonta, e olhe lá, ao século XVIII. Pois bem! Em meio àqueles nobres de Veneza, tão grandes pelo nascimento, é de Israel Bertuccio que nos lembramos.

Uma conspiração destrói todos os títulos dados pelos caprichos sociais. Nela, um homem conquista a posição que lhe destina sua maneira de considerar a morte. O próprio espírito perde seu domínio...

Que seria hoje Danton, neste século dos Valenod e dos Rênal? Nem sequer o substituto do procurador do rei... Que estou dizendo? Teria se vendido à Congregação; seria ministro, pois o grande Danton, afinal, roubou. Mirabeau também se vendeu. Napoleão roubou milhões na Itália, sem isso teria sido barrado pela pobreza, como Pichegru. Somente La Fayette nunca roubou. Deve-se roubar, é preciso vender-se?, pensou Julien. Essa questão o reteve. Passou o resto da noite lendo a história da Revolução.

No dia seguinte, ocupado com suas cartas na biblioteca, continuava ainda a pensar na conversa com o conde Altamira.

Em realidade, disse a si mesmo depois de um longo devaneio, se esses espanhóis liberais tivessem feito concessões ao povo através de crimes, não teriam sido varridos com facilidade. Foram crianças orgulhosas e tagarelas... Como eu!, exclamou de repente Julien, como que despertando em sobressalto.

Que fiz de difícil que me dê o direito de julgar pobres-diabos que, enfim, uma vez na vida, ousaram, começaram a agir? Sou como um homem que, ao sair da mesa, exclama: amanhã não almoçarei; o que não me impedirá de ser forte e alegre como sou hoje. Quem sabe o que se sente a meio caminho de uma grande ação?...

Esses altos pensamentos foram perturbados pela chegada imprevista da srta. de La Mole, que entrava na biblioteca. Estava tão animado por sua admiração pelas grandes qualidades de Danton, de Mirabeau, de Carnot, os quais souberam não ser vencidos, que seus olhos pousaram na srta. de La Mole mas sem pensar nela, sem cumprimentá-la, quase sem vê-la. Quando por fim seus grandes olhos abertos deram-se conta da presença dela, seu olhar apagou-se. A srta. de La Mole o fitou com amargor.

Em vão ela pediu-lhe um volume da *História da França*, de Vély, colocado na prateleira mais alta, o que obrigava Julien a buscar a maior das duas escadas. Julien aproximara a escada, encontrara o volume, entregara-o a ela, sem poder ainda pensar nela. Ao retirar a escada, em seu alheamento, deu uma cotovelada num dos vidros da biblioteca; os cacos, ao caírem no soalho, finalmente despertaram-no. Apressou-se em pedir desculpas à srta. de La Mole; quis ser delicado, mas foi apenas polido. Mathilde percebeu com evidência que o perturbara, e que ele preferia pensar no que o ocupava antes de sua chegada do que falar com ela. Depois de fitá-lo muito, retirou-se lentamente. Julien olhava seu andar. Gostava do contraste da simplicidade de seu traje atual com a elegância magnífica do da véspera. A diferença entre as duas fisionomias era também impressionante. Essa moça, tão altiva no baile do duque de Retz, tinha quase um olhar suplicante naquele momento. Realmente, pensou Julien, este vestido preto faz realçar ainda mais a beleza de seu corpo. Tem um porte de rainha; mas por que está de luto?

Se eu perguntar a alguém a causa desse luto, cometerei mais uma tolice. Julien saíra completamente das profundezas de seu entusiasmo. Devo reler todas as cartas que redigi esta

manhã; sabe lá os lapsos e os disparates que nelas encontrarei. Quando lia com uma atenção forçada a primeira delas, ouviu muito próximo o ruído de uma saia de seda; virou-se rapidamente; a srta. de La Mole estava a dois passos de sua mesa, ela ria. Essa segunda interrupção deixou Julien mal-humorado.

Quanto a Mathilde, ela acabava de sentir vivamente que nada significava para aquele jovem; o riso era para esconder seu embaraço, ela o conseguiu.

– Evidentemente, o senhor pensa em algo de muito interessante, sr. Sorel. Não será alguma anedota curiosa sobre a conspiração que nos enviou a Paris o sr. conde Altamira? Diga-me do que se trata, estou muito curiosa de saber; serei discreta, juro! Ficou espantada com essas frases ao ouvi-las pronunciar. Quê! Eu suplicando a um subalterno? Como seu embaraço aumentasse, ela acrescentou de um modo meio irrefletido:

– O que pôde fazer de você, geralmente tão frio, um ser inspirado, uma espécie de profeta de Miguelângelo?

Essa viva e indiscreta interrogação, ferindo Julien profundamente, reavivou toda a sua loucura.

– Danton fez bem em roubar?, disse ele bruscamente, e com um aspecto cada vez mais feroz. Os revolucionários do Piemonte, da Espanha, deviam fazer concessões ao povo através de crimes? Dar, mesmo a pessoas sem mérito, todos os postos no exército, todas as medalhas? As pessoas que usassem essas medalhas não teriam temido a volta do rei? O tesouro de Turim devia ter sido saqueado? Em suma, senhorita, disse ele, aproximando-se dela com um ar terrível, o homem que quer expulsar a ignorância e o crime da terra deve ser como a tempestade e fazer o mal como por acaso?

Mathilde teve medo, não pôde sustentar seu olhar e recuou dois passos. Olhou-o por um instante; depois, envergonhada de seu medo, saiu da biblioteca a passos ligeiros.

---

14 *É um descontente que fala*. Nota de Molière ao “Tartufo”.

Capítulo X

A RAINHA MARGUERITE

Amor! Em que loucura não nos fazes encontrar prazer?

CARTAS DE UMA RELIGIOSA PORTUGUESA

JULIEN RELEU SUAS CARTAS. Quando ouviu a sineta do almoço, pensou: Como devo ter sido ridículo aos olhos dessa boneca parisiense! Que loucura dizer-lhe realmente aquilo em que eu pensava! Mas talvez loucura não tão grande. A verdade, naquele momento, era digna de mim.

Por que vir interrogar-me sobre coisas íntimas? A pergunta foi indiscreta da parte dela, foi uma falta de educação. Meus pensamentos sobre Danton não fazem parte do serviço para o qual seu pai me paga.

Ao chegar à sala de jantar, o mau humor de Julien foi surpreendido pelo luto pesado da srta. de La Mole, que o impressionou ainda mais porque nenhuma outra pessoa da família estava vestida de preto.

Depois do almoço, viu-se completamente livre do acesso de entusiasmo que o obsedara durante a jornada. Por sorte, o acadêmico que sabia latim estava presente. É o homem que menos zombará de mim, pensou, se, como presumo, minha pergunta sobre o luto da srta. de La Mole for descabida.

Mathilde olhava-o com uma expressão singular. Aí está a coqueteria das mulheres desta cidade, tal como a sra. de Rênal me havia pintado, pensou Julien. Não fui amável com ela esta manhã, não cedi à sua vontade de conversar. Assim aumento de valor aos olhos dela. Certamente o diabo nada perde com isso. Mais tarde, sua altivez desdenhosa saberá vingar-se. Desafio-a a fazer pior. Que diferença em relação àquela que perdi! Sua naturalidade encantadora! Sua ingenuidade! Eu sabia seus pensamentos antes dela, via-os nascer; meu único antagonista, em seu coração, era o medo da morte dos filhos; era uma afeição razoável e natural, amável mesmo para mim, que padecia com ela. Fui um tolo. As ideias que eu fazia de Paris impediram-me de apreciar aquela mulher sublime.

Que diferença, meu Deus! E o que encontro aqui? Vaidade seca e orgulhosa, todos os matizes do amor-próprio e nada mais.

Deixavam a mesa. Não posso perder meu acadêmico, pensou Julien. Aproximou-se dele quando passavam ao jardim, assumiu um ar afável e submisso e partilhou seu furor contra o sucesso de *Hernani*.

– Se ainda estivéssemos no tempo das ordens de prisão emitidas pelo rei!... ele disse.

– Então ele não teria ousado, exclamou o acadêmico, com um gesto à Talma.

A propósito de uma flor, Julien citou algumas palavras das *Geórgicas*, de Virgílio, e achou que nada se comparava aos versos do abade Delille. Em suma, adulou o acadêmico de todas as maneiras, para então dizer, com o ar mais indiferente:

– Suponho que a srta. de La Mole recebeu a herança de um tio pelo qual veste o luto.

– Como! O senhor é da casa, disse o acadêmico, estacando, e não conhece essa mania? Em realidade, é estranho que sua mãe permita tais coisas; mas, cá entre nós, não é precisamente pela força de caráter que se brilha nesta casa. A srta. Mathilde tem essa força por todos eles, e os dirige. Hoje é 30 de abril! E o acadêmico deteve-se, olhando para Julien com um ar esperto. Julien sorriu do jeito mais espirituoso que pôde.

Que relação pode haver entre dirigir toda uma família, usar um vestido preto e o dia 30 de abril?, ele pensava. Devo ser ainda mais ignorante do que imaginava.

– Confesso-lhe..., disse ao acadêmico, e seu olhar continuava a interrogar.

– Vamos dar uma volta pelo jardim, disse o acadêmico, entrevendo com entusiasmo a ocasião de fazer uma longa narração elegante. Então é possível que não saiba o que se passou em 30 de abril de 1574?

– E onde?, perguntou Julien, espantado.

– Na praça de Grève.

Julien estava tão espantado que nada associou a esse nome. A curiosidade, a expectativa de uma informação trágica, tão de acordo com seu caráter, davam-lhe aqueles olhos brilhantes que um narrador tanto gosta de ver na pessoa que o escuta. O acadêmico, encantado de encontrar um ouvido virgem, contou longamente como, em 30 de abril de 1574, o moço mais bonito de seu século, Boniface de La Mole, e seu amigo Annibal de Coconasso, fidalgo piemontês, foram decapitados na praça de Grève. La Mole era o amante adorado da rainha Marguerite de Navarra; e observe, acrescentou o acadêmico, que a srta. de La Mole chama-se Mathilde-Marguerite. La Mole era ao mesmo tempo o favorito do duque d'Alençon e amigo íntimo do rei de Navarra, depois Henrique IV, marido de sua amante. Na terça-feira gorda daquele ano de 1574, a corte achava-se em Saint-Germain com o pobre rei Carlos IX, que estava morrendo. La Mole quis libertar os príncipes, seus amigos, que a rainha Catarina de Médicis retinha como prisioneiros na corte. Fez avançar duzentos cavalos contra os muros de Saint-Germain; o duque d'Alençon teve medo, e La Mole foi entregue ao carrasco.

– Mas o que comove a srta. Mathilde, o que ela mesma confessou-me, há sete ou oito anos, quando tinha apenas doze, pois é uma inteligência, uma inteligência!... e o acadêmico ergueu os olhos ao céu, o que a impressionou nessa catástrofe política é que a rainha Marguerite de Navarra, escondida numa casa da praça de Grève, ousou mandar pedir ao carrasco a cabeça do amante. E na noite seguinte, à meia-noite, foi ela mesma enterrá-la numa capela ao pé da colina de Montmartre.

– Será possível?, exclamou Julien, comovido.

– A srta. Mathilde despreza o irmão, porque, como vê, ele não dá a menor importância a essa história antiga e não veste luto em 30 de abril. Foi depois desse famoso suplício, e para lembrar a amizade íntima de La Mole por Coconasso – o qual, como italiano que era, chamava-se Annibal –, que todos os homens desta família passaram a ter esse nome. E o acadêmico acrescentou, baixando a voz: esse Coconasso, no dizer do próprio Carlos IX, foi um dos mais cruéis assassinos do 24 de agosto de 1572. Mas como é possível, meu caro Sorel, que ignore essas coisas, o senhor, comensal da casa?

– Eis então por que, duas vezes no jantar, a srta. La Mole chamou seu irmão de Annibal.

Julguei ter ouvido mal.

– Era uma censura. É estranho que a marquesa tolere tais manias... O marido dessa moça inteligente terá muitas surpresas!

Essa tirada foi seguida de cinco ou seis frases satíricas. A satisfação e a intimidade que brilhavam nos olhos do acadêmico chocaram Julien. Parecemos dois criados a falar mal dos patrões, pensou. Mas nada deve espantar-me da parte desse homem de academia.

Um dia, Julien surpreendera-o ajoelhado ante a marquesa de La Mole; pedia-lhe um emprego de fiscal de tabaco para um sobrinho da província. À noite, uma camareira da srta. de La Mole, que o cortejava, como Elisa outrora, fez Julien pensar que o luto da patroa não era para chamar a atenção. Essa esquisitice tinha fundamento em seu caráter. Ela amava realmente aquele La Mole, amante da rainha mais inteligente de seu século, e que morreu por ter querido dar a liberdade aos amigos, e que amigos! O príncipe herdeiro e Henrique IV.

Acostumado à naturalidade perfeita que brilhava na conduta da sra. de Rênal, Julien via apenas afetação nas mulheres de Paris; e, mesmo quando não se aborrecia com elas, nada encontrava para lhes dizer. A srta. de La Mole foi uma exceção.

Ele começava a não mais tomar como secura de coração esse tipo de beleza associado à nobreza do porte. Teve longas conversas com a srta. de La Mole, que, às vezes depois do almoço, passeava com ele pelo jardim, ao longo das janelas abertas do salão. Um dia ela disse-lhe que estava lendo a história de d´Aubigné, e Brantôme. Leitura singular, pensou Julien; e a marquesa não lhe permite ler os romances de Walter Scott!

Um dia ela contou, com aqueles olhos brilhantes que provam a sinceridade da admiração, um episódio que acabara de ler nas *Memórias*, de l'Étoile: durante o reinado de Henrique III, uma dama, ao descobrir a infidelidade do marido, o apunhalou.

O amor-próprio de Julien sentia-se lisonjeado. Uma pessoa cercada de tantos respeitos, e que, nas palavras do acadêmico, dirigia toda a casa, dignava-se falar-lhe de um jeito que podia quase parecer amizade.

Eu estava enganado, pensou logo em seguida Julien; não se trata de familiaridade, sou apenas um confidente de tragédia, é a necessidade de falar. Sou tido por sábio nesta família. Vou ler Brantôme, d'Aubigné, l'Étoile, assim poderei contestar algumas das anedotas de que me fala a srta. de La Mole. Quero deixar esse papel de confidente passivo.

Aos poucos, suas conversas com essa moça, de um porte tão imponente e ao mesmo tempo tão desembaraçado, tornaram-se mais interessantes. Ele esquecia seu triste papel de plebeu revoltado. Achava-a uma pessoa culta, e mesmo razoável. Suas opiniões no jardim eram muito diferentes das que ela mostrava no salão. Às vezes tinha com ele um entusiasmo e uma franqueza que formavam um contraste perfeito com sua maneira de ser usual, tão orgulhosa e fria.

As guerras da Liga são os tempos heroicos da França, disse ela um dia, com olhos faiscantes de gênio e de entusiasmo. Cada um combatia então para obter uma certa coisa desejada, para fazer triunfar seu partido, e não para ganhar vulgarmente uma medalha como no tempo do seu imperador. Convenha que havia menos egoísmo e mesquinhez. Gosto daquele século.

– E Boniface de La Mole foi seu herói, disse ele.

– Pelo menos, foi amado como talvez seja doce sê-lo. Que mulher atualmente viva não teria horror de tocar a cabeça de seu amante decapitado?

A sra. de La Mole chamou a filha. A hipocrisia, para ser útil, deve ocultar-se; e Julien, como se percebe, fizera à srta. de La Mole uma semiconfidência sobre sua admiração por Napoleão.

Eis a imensa vantagem que eles têm sobre nós, pensou Julien, tendo ficado a sós no jardim. A história de seus antepassados os eleva acima dos sentimentos vulgares, e eles não precisam pensar em sua subsistência! Que miséria! Acrescentava com amargor, sou indigno de pensar sobre esses grandes assuntos. Minha vida não passa de uma série de hipocrisias, porque não tenho mil francos de renda para manter-me.

– Em que está pensando, senhor?, disse-lhe Mathilde, que retornava correndo.

Julien estava cansado de desprezar-se. Por orgulho, disse francamente o que pensava. Corou muito ao falar de sua pobreza a uma pessoa tão rica. Procurou mostrar claramente, por seu tom orgulhoso, que não estava pedindo nada. Ele nunca parecera tão belo a Mathilde, que viu nele uma expressão de sensibilidade e de franqueza que com frequência lhe faltava.

Menos de um mês depois, Julien passeava pensativo pelo jardim da mansão de La Mole; mas seu rosto não tinha mais a dureza e a arrogância filosófica que nele imprimia o sentimento contínuo de sua inferioridade. Acabava de reconduzir até a porta do salão a srta. de La Mole, que dizia ter torcido o pé ao correr com seu irmão.

Ela apoiou-se em meu braço de um modo bastante singular!, dizia-se Julien. Sou um presumido ou seria verdade que ela gosta de mim? Escuta-me com um ar tão doce, mesmo quando lhe confesso os sofrimentos de meu orgulho! Logo ela, tão orgulhosa com todo o mundo! Ficariam muito espantados no salão se lhe vissem tal fisionomia. Essa expressão doce e amável, é certo que não a tem com ninguém.

Julien procurava não exagerar essa singular amizade, comparando-a a um comércio armado. Todo dia ao reencontrarem-se, antes de retomarem o tom quase íntimo da véspera, era como se perguntassem: seremos hoje amigos ou inimigos? Julien compreendera que deixar-se ofender impunemente uma única vez por aquela jovem orgulhosa era perder tudo. Se devo indispor-me, não será melhor que seja desde o início, defendendo os justos direitos de meu orgulho, e não repelindo as marcas de desprezo que logo acompanhariam o menor abandono do que devo à minha dignidade pessoal?

Várias vezes, em dias de mau humor, Mathilde tentou adotar com ele o tom de uma grande dama, o que fazia com rara delicadeza; mas Julien repelia rudemente essas tentativas.

Certo dia, ele a interrompeu bruscamente:

– A senhorita de La Mole tem alguma ordem a dar ao secretário de seu pai?, perguntou. Ele deve escutar suas ordens e executá-las com respeito; mas, de resto, não tem a obrigação de dirigir-lhe a palavra. Ele não é pago para comunicar-lhe seus pensamentos.

Essa maneira de ser e as dúvidas singulares de Julien fizeram desaparecer o tédio que ele sentia regularmente naquele salão magnífico, onde havia um medo de tudo e onde não era conveniente fazer qualquer gracejo.

Seria divertido se ela me amasse. Quer me ame ou não, continuava Julien, tenho por confidente íntima uma mulher de espírito, diante da qual vejo tremer a casa inteira e, mais do

que todos, o marquês de Croisenois, esse jovem polido, amável, corajoso, que reúne todas as vantagens de nascimento e de fortuna, das quais uma só já deixaria meu coração tão à vontade! Ele está loucamente apaixonado, quer casar com ela. Quantas cartas o sr. de La Mole fez-me escrever aos dois notários para arranjar o contrato! E eu, que me vejo tão subalterno ao redigi-las, duas horas depois, aqui no jardim, triunfo desse jovem tão amável: pois, enfim, as preferências são visíveis, diretas. Pode ser também que ela odeie nele um futuro marido. Tem bastante altivez para isso. E as amabilidades que demonstra comigo, obtenho-as a título de confidente subalterno.

Mas não, ou estou louco, ou ela me corteja; quanto mais mostro-me frio e respeitoso com ela, mais ela me procura. Isso poderia ser uma atitude fingida; mas vejo seus olhos animarem-se quando apareço de improviso. Sabem as mulheres de Paris fingir a esse ponto? Que importa! Tenho a aparência a meu favor, desfrutemos das aparências. Meu Deus, como ela é bela! Como seus grandes olhos azuis me agradam, vistos de perto, e olhando-me como o fazem com frequência! Que diferença entre esta primavera e a do ano passado, quando eu vivia infeliz e sustentando-me à força de caráter, em meio a trezentos hipócritas perversos e sórdidos! Eu estava ficando quase tão perverso quanto eles.

Nos dias de desconfiança, Julien pensava: Essa moça zomba de mim. Está de conluio com o irmão para ludibriar-me. Mas ela dá a impressão de desprezar tanto a falta de energia desse irmão! Ele é corajoso, nada mais que isso, ela me disse. Não tem um pensamento que ouse afastar-se da moda. Sou sempre eu que sou obrigada a defendê-lo, eu, uma moça de dezenove anos! Com essa idade, pode-se ser fiel, a cada instante do dia, à hipocrisia prescrita?

Por outro lado, sempre que a srta. de La Mole fixa em mim seus grandes olhos azuis com uma certa expressão singular, o conde Norbert afasta-se. Isso é suspeito; ele não deveria indignar-se com o fato de a irmã distinguir um criado de sua casa? Foi com essa palavra que ouvi o duque de Chaulnes referir-se a mim. A tal lembrança, a cólera substituía em Julien qualquer outro sentimento: Esse duque maníaco diz isso por amor à linguagem antiga?

Bem, mas ela é bonita! continuava Julien, com olhares de tigre. Eu a terei, depois cairei fora, e ai de quem perturbar-me em minha fuga!

Essa ideia tornou-se a única preocupação de Julien, não conseguia mais pensar noutra coisa. Seus dias passavam como horas.

A todo instante, buscando ocupar-se de algum assunto sério, seu pensamento abandonava tudo, e ele despertava um quarto de hora depois, o coração palpitando, a cabeça confusa, e sonhando com esta ideia: ela me ama?

Capítulo XI

O DOMÍNIO DE UMA MOÇA

Admiro sua beleza, mas temo seu espírito.

MÉRIMÉE

SE JULIEN TIVESSE empregado em examinar o que se passava no salão o tempo que gastava exagerando a beleza de Mathilde, ou arrebatando-se contra o orgulho natural à sua família, que ela esquecia em favor dele, teria compreendido em que consistia seu domínio sobre tudo o que a cercava. Assim que alguém desagradava à srta. de La Mole, ela sabia punir com um gracejo tão comedido, tão bem escolhido, aparentemente tão adequado e oportuno, que a ferida crescia a cada instante quanto mais se refletia sobre ela, tornando-se aos poucos cruel para o amor-próprio ofendido. Como não dava nenhum valor a muitas coisas que eram objetos de desejo sérios para o resto da família, ela parecia ter sangue-frio aos olhos desta. Os salões da aristocracia são agradáveis de citar quando se pertence a eles, mas isso é tudo; a polidez só significa alguma coisa por si mesma nos primeiros dias. Julien percebia isso: depois do primeiro encantamento, o primeiro espanto. A polidez, ele pensava, é apenas a ausência da cólera que a má-educação mostraria. Mathilde aborrecia-se com frequência, talvez estivesse sempre aborrecida. Assim, aguçar um epigrama era para ela uma distração e um verdadeiro prazer.

Era talvez para ter vítimas um pouco mais divertidas do que seus avós, do que o acadêmico e os cinco ou seis outros subalternos que a cortejavam, que ela dera esperanças ao marquês de Croisenois, ao conde Caylus e a outros dois ou três jovens de primeira distinção. Eram para ela apenas novos objetos de epigramas.

Confessaremos com pesar, pois gostamos de Mathilde, que ela recebera cartas de vários deles e às vezes lhes respondera. Apressamo-nos em acrescentar que esta personagem é uma exceção aos costumes do século. Em geral, não é a falta de prudência que se pode reprovar às alunas do nobre convento do Sacré-Coeur.

Um dia o marquês de Croisenois devolveu a Mathilde uma carta bastante comprometedora que ela lhe escrevera na véspera. Ele acreditava, com esse gesto de alta prudência, valorizar-se. Mas era a imprudência que Mathile amava em suas cartas. Seu prazer era arriscar a sorte. Por seis semanas, não lhe dirigiu a palavra.

Ela divertia-se com as cartas desses jovens; mas, segundo ela, todas se pareciam. Era sempre a paixão mais profunda, mais melancólica.

– Todos são o mesmo homem perfeito, disposto a partir para a Palestina, ela dizia à sua prima. Conhece algo de mais insípido? Eis as cartas que vou receber a vida inteira! Essas cartas só devem mudar a cada vinte anos, conforme o gênero de ocupação em moda. Elas deviam ser menos descoloridas no tempo do Império. Então, todos esses jovens da alta sociedade haviam visto ou praticado ações que *realmente* tinham grandeza. O duque de N***,

meu tio, esteve em Wagram.

– Que inteligência é preciso ter para dar um golpe de espada? E, quando isso lhes acontece, não falam de outra coisa, disse a srta. de Sainte-Hérédité, a prima de Mathilde.

– Pois bem! Esses relatos me dão prazer. Estar numa *verdadeira* batalha, uma batalha de Napoleão, na qual dez mil soldados morriam, isso prova coragem. Expor-se ao perigo eleva a alma e salva do tédio onde meus pobres adoradores estão mergulhados; e esse tédio é contagioso. Qual deles tem a ideia de fazer algo de extraordinário? Buscam obter minha mão, belo interesse! Sou rica, e meu pai promoverá o genro. Ah! Se houvesse ao menos um que fosse um pouco divertido!

Como se percebe, a maneira de ver clara, viva, pitoresca de Mathilde prejudicava sua linguagem. Com frequência, uma frase dela destoava na opinião de seus amigos tão polidos. Eles quase teriam admitido, se ela não estivesse tão em moda, que seu falar tinha algo um tanto excessivo para a delicadeza feminina.

Ela, por sua vez, era muito injusta para com os belos cavaleiros que povoam o bosque de Boulogne. Via o futuro não com terror, teria sido um sentimento vivo, mas com um fastio bastante raro em sua idade.

Que podia ela desejar? A fortuna, o alto nascimento, o espírito, a beleza, conforme o que diziam e ela acreditava, tudo fora-lhe dado pelas mãos do acaso.

Tais eram os pensamentos da herdeira mais invejada do bairro Saint-Germain quando ela começou a sentir prazer em passear com Julien. Ficou espantada com o orgulho dele: admirou a habilidade daquele pequeno burguês. Ele saberá fazer-se bispo como o padre Maury, pensou.

Em breve, a resistência sincera com que nosso herói acolhia várias de suas ideias passou a ocupá-la; ela pensava nisso; contava à sua amiga os menores detalhes das conversas, e achava que nunca conseguia dar-lhes toda a sua expressão.

Uma ideia iluminou-a, de repente: Tenho a felicidade de amar, disse a si mesma um dia, com um transporte de alegria inacreditável. Estou amando, amando, não há dúvida! Em minha idade, uma moça bonita, inteligente, onde pode encontrar sensações a não ser no amor? Por mais que eu queira, jamais terei amor por Croisenois, Caylus e *tutti quanti*. São perfeitos, talvez perfeitos demais; enfim, eles me aborrecem.

Repassou em sua mente todas as descrições de paixão que lera em *Manon Lescault*, na *Nova Heloísa*, nas *Cartas de uma religiosa portuguesa* etc. etc. Tratava-se, evidentemente, da grande paixão; o amor superficial era indigno de uma moça de sua idade e de seu nascimento. Ela dava o nome de amor apenas àquele sentimento heroico que havia na França no tempo de Henrique III e de Bassompierre. Aquele amor não cedia indignamente aos obstáculos; muito pelo contrário, mandava fazer grandes coisas. Que desgraça para mim não haver uma corte verdadeira como a de Catarina de Médicis ou de Luís XIII! Sinto-me à altura do que há de mais ousado e de grande. O que eu não faria com um rei corajoso, como Luís XIII, suspirando a meus pés? Levá-lo-ia à Vendeia, como diz tantas vezes o barão de Tolly, e dali ele reconquistaria seu reino; então, não mais Constituição... e Julien me ajudaria. O que lhe falta? Um nome e fortuna. Ele faria um nome e adquiriria fortuna.

Nada falta a Croisenois, no entanto ele será a vida inteira apenas um duque meio

conservador, meio liberal, um ser indeciso sempre afastado dos extremos, *e portanto o segundo em toda parte*.

Existe grande ação que não seja um *extremo* no momento em que é empreendida? É quando está realizada que ela parece possível aos homens comuns. Sim, é o amor com todos os seus milgares que irá reinar em meu coração; sinto-o no ardor que me anima. O céu devia-me esse favor. Ele não terá acumulado em vão numa única criatura todas as vantagens. Minha felicidade será digna de mim. Cada um de meus dias não se assemelhará tristemente ao da véspera. Já existe grandeza e audácia em ousar amar um homem tão distante de mim por sua posição social. Vejamos: continuará ele a merecer-me? À primeira fraqueza que eu observar, abandono-o. Uma moça com minha nobreza e o caráter cavalheiresco que me atribuem (era uma frase de seu pai) não deve comportar-se como uma tola.

Não é isso o que eu seria se amasse o marquês de Croisenois? Teria uma nova versão da felicidade de minhas primas, que desprezo completamente. Sei de antemão tudo o que me diria o pobre marquês, tudo o que eu deveria responder-lhe. O que é um amor que faz bocejar? Melhor ser devota. Eu assinaria um contrato de casamento, como a mais moça de minhas primas, que deixaria os avós enternecidos, se não estivessem irritados por causa de uma última condição na véspera introduzida no contrato pelo notário da outra parte.

Capítulo XII

SERIA ELE UM DANTON?

A necessidade de ansiedade, tal era o caráter da bela Marguerite de Valois, minha tia, que logo desposou o rei de Navarra, o qual vemos hoje reinar na França com o nome de Henrique IV. A necessidade de jogar formava todo o caráter dessa princesa amável; daí suas brigas e reconciliações com os irmãos desde os dezesseis anos de idade. Ora, o que pode uma moça pôr em jogo? O que ela tem de mais precioso: sua reputação, a consideração de toda a sua vida.

MEMÓRIAS DO DUQUE DE ANGOULÊME,
filho natural de Carlos IX

ENTRE MIM E JULIEN não há assinatura de contrato, não há notário, tudo é heroico, tudo será fruto do acaso. Com exceção da nobreza, que lhe falta, esse é o amor de Marguerite de Valois pelo jovem La Mole, o homem mais distinto de seu tempo. Será minha culpa se os jovens da corte são tão partidários do *conveniente*, empalidecendo à simples ideia de uma aventura um pouco singular? Uma viagenzinha à Grécia ou à África é para eles o máximo da audácia, e mesmo assim só sabem andar em bando. Tão logo se veem sozinhos, sentem medo, não da lança do beduíno, mas do ridículo, e esse medo os enlouquece.

O meu Julien, ao contrário, só gosta de agir sozinho. Nunca, nessa criatura privilegiada, a menor ideia de buscar apoio e amparo nos outros! Ele despreza os outros, por isso não o desprezo.

Se, com sua pobreza, Julien fosse nobre, meu amor seria apenas uma tolice vulgar, uma vulgar aliança desigual; eu não o aceitaria; não haveria aquilo que caracteriza as grandes paixões: a enorme dificuldade a vencer e a completa incerteza do êxito.

A srta. de La Mole tinha a mente tão ocupada desses pensamentos que, no dia seguinte, sem notar, enaltecia Julien ao marquês de Croisenois e ao irmão. Sua eloquência foi tão longe que os irritou.

– Tome cuidado com esse jovem que tem tanta energia, exclamou o irmão; se a Revolução recomeçar, eles nos mandará guilhotinar a todos.

Ela evitou responder, apressando-se a gracejar com o irmão e o marquês sobre o medo que lhes causava a energia. No fundo, é somente o medo de encontrar o imprevisto, o temor de estacar ante a presença do imprevisto...

– Sempre, senhores, o medo do ridículo, monstro que, por infelicidade, morreu em 1816.

Não há mais ridículo, dizia o sr. de La Mole, num país onde há dois partidos. Sua filha compreendera essa ideia.

– Assim, senhores, ela dizia aos inimigos de Julien, vocês terão medo a vida inteira, e depois alguém lhes dirá: não era um lobo, era apenas sua sombra.

Mathilde logo os deixou. A frase do irmão a horrorizava e a inquietou muito; mas, já no dia seguinte, via nela o mais belo dos louvores.

Neste século, em que toda energia está morta, a energia dele os amedronta. Direi a ele a frase de meu irmão, quero ver a resposta que dará. Mas escolherei um dos momentos em que seus olhos brilham. Então não poderá mentir.

– Seria ele um Danton?, indagou-se, depois de um longo e indistinto devaneio. Nesse caso, a Revolução teria recomeçado. Que papéis desempenhariam então Croisenois e meu irmão? Está escrito antecipadamente: a resignação sublime. Seriam carneiros heroicos, deixando-se decapitar sem dizer uma palavra. O único medo deles, ao morrerem, seria ainda o mau gosto. Meu Julien arrebentaria os miolos do jacobino que viesse prendê-lo, se tivesse a esperança de salvar se. Ele não tem medo do mau gosto.

Esta última frase deixou-a pensativa; ela suscitava penosas lembranças e tirou-lhe toda a sua ousadia. Essa frase lembrava-lhe os gracejos dos srs. Caylus, Croisenois, de Luz e de seu irmão. Estes reprovavam unanimemente a Julien seu jeito de *padre*: humilde e hipócrita.

– Mas, ela pensou em seguida, com os olhos brilhantes de alegria, o amargor e a frequência de seus gracejos provam, a despeito deles, que Julien é o homem mais distinto que vimos neste inverno. Que importam seus defeitos, seus ridículos? Ele tem grandeza, o que lhes deixa chocados, a eles, tão bons e indulgentes. Não esconde que é pobre e que estudou para ser padre; eles são chefes de esquadrão e não precisaram estudar; é mais cômodo.

Apesar de todas as desvantagens do eterno traje preto e da fisionomia de padre, que o pobre rapaz precisa ter sob pena de morrer de fome, seu mérito os amedronta, não resta a menor dúvida. E essa fisionomia de padre, ele a abandona assim que estamos juntos e a sós. E quando esses senhores dizem uma frase que acreditam fina e imprevista, não é para Julien que olham primeiro? Notei isso bastante bem. No entanto, eles sabem perfeitamente que ele jamais lhes fala, a não ser quando interrogado. É somente a mim que dirige a palavra, julga-me de alma elevada. Só responde às objeções deles o suficiente para ser polido, retomando em seguida a atitude de respeito. Comigo ele discute horas a fio, não está seguro de suas ideias enquanto nelas descubro a menor objeção. Enfim, neste inverno não houve hostilidade entre nós, apenas troca de palavras para chamar a atenção. Além disso, meu pai, homem superior, e que levará longe a fortuna de nossa casa, respeita Julien. Os demais o odeiam, todos têm medo dele, exceto as devotas amigas de minha mãe.

O conde de Caylus tinha ou fingia ter uma grande paixão por cavalos; passava o tempo todo na estrebaria, com frequência almoçava lá. Essa grande paixão, aliada ao hábito de nunca rir, dava-lhe muita consideração entre os amigos: ele era a águia de seu pequeno grupo. Quando este reuniu-se, no dia seguinte, atrás da *bergère* da sra. de La Mole, e não estando Julien presente, o sr. de Caylus, sustentado por Croisenois e por Norbert, atacou vivamente a opinião favorável que Mathilde tinha de Julien, e isso sem motivo, e quase no primeiro momento em que viu a srta. de La Mole. Esta logo compreendeu tal atitude e ficou encantada.

Ei-los coligados, pensou, contra um homem de gênio que não possui dez luíses de renda e que só lhes pode responder quando interrogado. Têm medo dele sob seu traje preto. Que não seria se usasse dragonas?

Nunca ela estivera mais brilhante. Desde os primeiros ataques, cobriu Caylus e seus

aliados de sarcasmos divertidos. Quando o ímpeto desses brilhantes oficiais se extinguiu, ela disse ao sr. de Caylus:

– Se amanhã um fidalgote das montanhas do Franco-Condado descobrir que Julien é seu filho natural e der-lhe um nome e alguns milhares de francos, em seis semanas ele estará usando bigode como vocês, senhores; em seis meses será oficial dos hussardos como vocês, senhores. E então a grandeza do caráter dele não será mais ridícula. Vejo-o reduzido, senhor futuro duque, a esta antiga e injusta razão: a superioridade da nobreza de corte sobre a nobreza de província. Mas que razão lhe restará, se eu levar a hipótese ao extremo e tiver a malícia de dar por pai a Julien um duque espanhol, prisioneiro de guerra em Besançon no tempo de Napoleão, e que, por escrúpulo de consciência, o reconhece em seu leito de morte?

Todas essas suposições de nascimento não legítimo foram julgadas como de muito mau gosto pelos srs. de Caylus e Croisenois. Eis tudo o que eles viram no argumento de Mathilde.

Ainda que Norbert estivesse dominado, as palavras da irmã eram tão claras que ele assumiu um ar grave que combinava muito mal, é preciso que se diga, com sua fisionomia sorridente e amável. Ele ousou dizer algumas palavras.

– Está doente, meu querido?, respondeu-lhe Mathilde com um fingido ar sério. Não deve estar muito bem para responder com moral a gracejos. Moral! Você está pleiteando algum cargo de governador?

Mathilde logo esqueceu a irritação do conde de Caylus, o mau humor de Norbert e o desespero silencioso do sr. de Croisenois. Precisava tomar um partido ante uma ideia fatal que acabava de apoderar-se de sua alma.

Julien é bastante sincero comigo, pensou; em sua idade, com uma fortuna inferior, infeliz como ele é por uma ambição espantosa, há a necessidade de uma amiga. Eu talvez seja essa amiga; mas não percebo amor nele. Com a audácia de seu caráter, teria me falado desse amor.

Essa incerteza, essa discussão consigo mesma, que a partir de então ocupou cada um dos instantes de Mathilde, e para a qual, sempre que Julien lhe falava, ela trazia novos argumentos, expulsou completamente aqueles momentos de tédio aos quais era tão sujeita.

Filha de um homem de espírito que podia tornar-se ministro e devolver ao clero suas terras, a srta. de La Mole fora objeto de adulações as mais excessivas, no convento do Sacré-Coeur. Essa desgraça jamais se compensa. Haviam-na persuadido que, por causa de suas vantagens de nascimento, de fortuna etc., devia ser mais feliz que as outras. Essa é a origem do tédio dos príncipes e de todas as suas loucuras.

Mathilde não escapara à funesta influência dessa ideia. Ninguém é imune aos dez anos de idade, por mais inteligente que seja, às lisonjas de todo um convento, e aparentemente tão justificadas.

A partir do momento em que decidiu que amava Julien, ela não se entediou mais. Diariamente felicitava-se pela decisão de consentir-se uma grande paixão. Esse divertimento tem muitos perigos, pensava. Melhor assim! mil vezes melhor assim!

Sem grande paixão, eu definhava de tédio no momento mais belo da vida, dos dezesseis aos vinte anos. Já perdi meus mais belos anos, obrigada a ouvir, como único prazer, as bobagens das amigas de minha mãe que, em Coblentz, em 1792, não eram de modo algum, ao que fiquei sabendo, tão severas quanto suas palavras de hoje.

Enquanto essas grandes incertezas agitavam Mathilde, Julien não compreendia seus longos olhares que se detinham nele. Ele notava uma maior frieza nas maneiras do conde Norbert e um novo acesso de arrogância nas dos srs. de Caylus, de Luz e de Croisenois. Estava acostumado a essa reação, que lhe sucedia às vezes após uma noitada em que brilhara mais do que convinha à sua posição. Sem a acolhida particular que lhe dava Mathilde e a curiosidade que esse grupo lhe inspirava, ele teria evitado juntar-se àqueles brilhantes jovens de bigode, quando, depois da janta, acompanhavam no jardim a srta. de La Mole.

Sim, é impossível negar, dizia-se Julien, a srta. de La Mole olha-me de um jeito singular. Porém, mesmo quando seus belos olhos azuis, postos em mim, parecem entregar-se, leio sempre neles um traço de exame, de sangue-frio e de maldade. É possível que isso seja amor? Que diferença, em comparação aos olhares da sra. de Rênal!

Certa noite, depois do jantar, Julien, que acompanhara o sr. de La Mole a seu gabinete, ao voltar rapidamente ao jardim e aproximando-se sem precaução do grupo de Mathilde, surpreendeu algumas palavras pronunciadas em voz alta. Ela discutia com o irmão. Julien ouviu duas vezes seu nome pronunciado distintamente. Apareceu; um silêncio profundo estabeleceu-se de repente e foram em vão os esforços para quebrá-lo. A srta. de La Mole e o irmão estavam muito agitados para encontrarem outro assunto de conversa. Os srs. de Caylus, de Croisenois, de Luz e mais um amigo deles pareceram a Julien de uma frieza glacial. Ele afastou-se.

Capítulo XIII

UM COMPLÔ

Palavras soltas, encontros fortuitos transformam-se em prova de última evidência aos olhos do homem de imaginação, se ele tem algum fogo no coração.

SCHILLER

NO DIA SEGUINTE, ele voltou a surpreender Norbert e a irmã, que falavam dele. À sua chegada, fez-se um silêncio de morte, como na véspera. Suas suspeitas não tiveram mais limites. Teriam esses jovens amáveis resolvido zombar de mim? Cumpre reconhecer que isso é muito mais provável, muito mais natural do que uma suposta paixão da srta. de La Mole por um pobre coitado de secretário. Antes de mais nada, terão eles paixões? O forte dessa gente é mistificar. Têm ciúmes de minha pobre superioridade verbal. Ter ciúmes é ainda um de seus pontos fracos. Tudo se explica nessa hipótese. A srta. de La Mole quer convencer-me de que me distingue, simplesmente para oferecer-me como espetáculo a seu pretendente.

Essa cruel suspeita mudou toda a posição moral de Julien. Ela não teve dificuldade de destruir um começo de amor em seu coração, amor que se fundava apenas sobre a rara beleza de Mathilde, ou melhor, sobre suas maneiras de rainha e seu vestuário admirável. Nisto, Julien portava-se ainda como alguém que subiu na vida. Uma mulher bonita da alta sociedade é, ao que dizem, o que um plebeu inteligente mais admira, quando chega à primeira classe. Não era de modo nenhum o caráter de Mathilde que fazia Julien sonhar nos dias precedentes. Ele tinha juízo suficiente para compreender que não conhecia em absoluto esse caráter. Tudo o que dele percebia podia ser só uma aparência.

Por exemplo, por nada no mundo Mathilde teria faltado à missa num domingo; quase todos os dias acompanhava a mãe até lá. Se, no salão da mansão de La Mole, algum imprudente esquecesse o lugar onde estava e se permitisse a alusão mais distante a um gracejo contra os interesses verdadeiros ou supostos do trono ou do altar, Mathilde assumia no mesmo instante uma seriedade glacial. Seu olhar, geralmente tão provocador, readquiria o orgulho impassível de um velho retrato de família.

Mas Julien sabia com certeza que ela tinha sempre em seu quarto um ou dois dos volumes mais filosóficos de Voltaire. Ele próprio furtava com frequência alguns tomos da bela edição magnificamente encadernada. Afastando um pouco cada volume de seu vizinho, ocultava a ausência daquele retirado, mas ele logo percebeu que outra pessoa andava lendo Voltaire. Recorreu a um truque de seminário, pôs alguns fios de cabelo nos volumes que supunha poderem interessar a srta. de La Mole. Eles desapareciam durante semanas.

O sr. de La Mole, aborrecido com seu livreiro que lhe enviava todas as *Memórias apócrifas*, encarregou Julien de comprar as novidades mais picantes. Mas, para que o veneno não se espalhasse pela casa, o secretário tinha a ordem de guardar os livros numa pequena

biblioteca situada no próprio quarto do marquês. Ele logo descobriu que, por menor que fosse a hostilidade desses livros novos aos interesses do trono e do altar, eles não tardavam a desaparecer. Certamente, não era Norbert que os lia.

Exagerando esse fato, Julien atribuía à srta. de La Mole a duplicidade de Maquiavel. Essa suposta perfídia era um encanto aos olhos dele, quase o único encanto moral que ela teria. A aversão à hipocrisia e às declarações de virtude lançava-o nesse excesso. Ele era mais excitado pela imaginação do que arrastado por seu amor.

Era quando perdia-se em devaneios sobre a elegância do porte da srta. de La Mole, sobre o gosto excelente de seu vestuário, sobre a brancura de sua mão, sobre a beleza de seu braço, sobre a desenvoltura de todos os seus movimentos, que ele sentia-se apaixonado. Então, para completar o encanto, imaginava-a uma Catarina de Médicis. Nada era bastante profundo ou bastante pérfido para o caráter que lhe atribuía. Era o ideal dos Maslon, dos Frilair e dos Castanède, por ele admirados em sua juventude. Em uma palavra, era para ele o ideal de Paris.

Houve alguma vez algo de mais divertido do que supor profundidade ou perfídia ao caráter parisiense?

É possível que esse trio esteja zombando de mim, pensava Julien. Conhecemos muito pouco seu caráter se já não vemos a expressão sombria e distante que seus olhares adquiriram ao responderem aos de Mathilde. Uma ironia amarga repeliu as demonstrações de amizade que a srta. de La Mole, surpresa, ousou arriscar duas ou três vezes.

Ferido por essa extravagância súbita, o coração dessa jovem naturalmente frio, entediado, sensível à sutileza tornou-se tão apaixonado quanto sua natureza lhe permitia ser. Mas havia também muito orgulho no caráter de Mathilde, e o nascimento de um sentimento que fazia depender de um outro toda a sua felicidade foi acompanhado de uma sombria tristeza.

Julien já havia progredido bastante desde sua chegada em Paris para perceber que essa tristeza não era aquela, seca, do tédio. Em vez de ser ávida, como outrora, por festas, espetáculos e distrações de todo tipo, ela os evitava.

A música cantada por franceses aborrecia mortalmente Mathilde; no entanto, Julien, que se impusera o dever de assistir à saída do Teatro da Ópera, observou que ela se deixava levar até lá com mais frequência. Acreditou perceber que ela perdera um pouco da medida perfeita que brilhava em todos os seus atos, respondendo às vezes aos amigos com gracejos ultrajantes, à força de energia mordaz. Pareceu-lhe que ela visava especialmente o marquês de Croisenois. Esse rapaz deve amar furiosamente o dinheiro para não abandonar essa moça, pensava Julien. Quanto a ele, indignado com os ultrajes feitos à dignidade masculina, redobrava de frieza para com ela. Várias vezes chegou a dar-lhe respostas pouco polidas.

Contudo, por mais decidido que estivesse a não deixar-se enganar pelos sinais de interesse de Mathilde, estes eram muito evidentes alguns dias, e Julien, cujos olhos começavam a abrir-se, achava-a tão encantadora que às vezes ficava embaraçado.

A habilidade e a firmeza de ânimo dessa gente da alta sociedade acabariam por triunfar de minha pouca experiência, pensou; é preciso partir e pôr um termo a tudo isso. O marquês acabava de confiar-lhe a administração de uma série de propriedades e casas que possuía no baixo Languedoc. Uma viagem era necessária: o sr. de La Mole consentiu, pesaroso. Exceto

para os assuntos de alta ambição, Julien tornara-se um *alter ego* para ele.

No final das contas, eles não me pegaram, dizia-se Julien ao preparar sua partida. Quer os gracejos feitos pela srta. de La Mole a esses senhores sejam reais ou apenas destinados a inspirar-me confiança, diverti-me com eles.

Se não há conspiração contra o filho do carpinteiro, a srta. de La Mole é inexplicável, mas ela o é tanto para o marquês de Croisenois quanto para mim. Ontem, por exemplo, seu mau humor era muito real, e tive o prazer de ver constrangido, em meu favor, um jovem tão nobre e rico quanto sou pobre e plebeu. Eis o mais belo de meus triunfos, que me alegrará na viagem, percorrendo as planícies do Languedoc.

Ele fizera de sua partida um segredo, mas Mathilde sabia muito bem que ele ia deixar Paris no dia seguinte, e por muito tempo. Sob pretexto de uma forte dor de cabeça, que o ar abafado do salão aumentava, ela saiu para o jardim, e fez gracejos tão mordazes contra Norbert, o marquês de Croisenois, Caylus, de Luz e alguns outros jovens que haviam jantado na mansão de La Mole, que os forçou a retirarem-se. Ela olhava para Julien de um jeito estranho.

Talvez esse olhar seja um fingimento, pensou Julien; mas essa respiração apressada, toda essa agitação! Ah!, disse a si mesmo, quem sou eu para julgar essas coisas? Eis aqui o que há de mais sublime e de mais fino entre as mulheres de Paris. Essa respiração apressada, que esteve a ponto de tocar-me, ela a terá estudado em Léontine Fay, que tanto aprecia.

Os dois ficaram a sós; a conversa esmorecia evidentemente. Não! Julien nada sente por mim, dizia-se Mathilde, realmente infeliz. No momento em que ele se despedia, ela apertou-lhe o braço com força:

– Você receberá esta noite uma carta minha, disse-lhe com uma voz tão alterada que era quase irreconhecível.

Essa circunstância sensibilizou imediatamente Julien.

– Meu pai, ela continuou, tem uma justa estima pelos serviços que lhe presta. Você não *deve* partir amanhã; encontre um pretexto. E afastou-se, correndo.

Seu corpo era encantador. Era impossível ter um pé mais bonito, ela corria com uma graça que arrebatou Julien. Mas podemos adivinhar qual foi seu segundo pensamento depois que ela desapareceu completamente: ele ficou ofendido com o tom imperativo com que ela dissera a palavra deve. Também Luís XV, no momento de morrer, ficou vivamente ofendido com a palavra *deve*, inabilmente empregada por seu primeiro médico, e Luís XV não era alguém que subiu na vida.

Uma hora depois, um lacaio entregava uma carta a Julien; era simplesmente uma declaração de amor.

Não há muita afetação no estilo, pensou Julien, buscando por suas observações literárias conter a alegria que lhe contraía as faces e o forçava a rir contra a vontade.

Enfim, eu, exclamou de repente, a paixão sendo demasiado forte para ser contida, eu, um pobre camponês, tenho uma declaração de amor de uma grande dama!

Quanto a mim, comportei-me bem, acrescentou, comprimindo sua alegria o máximo possível. Soube conservar a dignidade de meu caráter, nunca disse que a amava. Pôs-se a examinar a forma das letras; a srta. de La Mole tinha uma bela escrita à inglesa. Ele tinha

necessidade de uma ocupação física para distrair-se de uma alegria que chegava quase ao delírio.

"Sua partida me obriga a falar... Estaria acima de minhas forças não tornar a vê-lo."

Um pensamento assaltou Julien como uma descoberta, interrompendo o exame que fazia da carta de Mathilde e redobrando sua alegria. Levo a melhor sobre o marquês de Croisenois, exclamou, eu, que só digo coisas sérias! E ele é tão bonito! Tem bigode, um lindo uniforme; sempre encontra para dizer, no momento certo, uma frase inteligente e fina.

Julien teve um instante delicioso; vagava ao acaso pelo jardim, louco de felicidade.

Mais tarde, subiu a seu escritório e fez-se anunciar nos aposentos do sr. de La Mole, que felizmente não havia saído. Provou-lhe facilmente, mostrando-lhe alguns papéis selados chegados da Normandia, que o cuidado dos processos normandos o obrigava a adiar sua partida para o Languedoc.

– Fico muito contente que não parta, disse-lhe o marquês, quando terminaram de falar de negócios, *gosto de vê-lo*. Julien saiu; essa frase o constrangeu.

E vou seduzir a filha dele! Tornar impossível esse casamento com o marquês de Croisenois que é o encanto de seu futuro! Se ele não vier a ser duque, ao menos a filha terá um assento junto ao rei. Julien chegou a pensar em partir para o Languedoc apesar da carta de Mathilde, apesar da explicação dada ao marquês. Esse lampejo de virtude não tardou a desaparecer.

Como sou bom, pensou; eu, plebeu, ter piedade de uma família dessa condição! Eu, que o duque de Chaulnes chama um criado! De que maneira o marquês aumenta sua imensa fortuna? Vendendo títulos de renda, quando toma conhecimento no palácio de que, no dia seguinte, pode haver um golpe de Estado. E eu, lançado à última posição por uma Providência madrasta, eu, a quem ela deu um coração nobre e privou de renda, isto é, de pão, *exatamente falando, de pão*; eu, recusar um prazer que se oferece! Uma fonte límpida que vem estancar minha sede no deserto ardente da mediocridade que atravesso com tanta dificuldade! Por Deus, não serei tão tolo; cada um por si nesse deserto de egoísmo que se chama a vida.

E lembrou-se de alguns olhares cheios de desdém a ele dirigidos pela sra. de La Mole e sobretudo por suas amigas damas.

O prazer de triunfar do marquês de Croisenois veio completar a derrota daquele lampejo de virtude.

Como gostaria que ele se zangasse!, disse Julien; com que segurança eu lhe daria agora um golpe de espada. E fez com a mão o gesto do golpe. Antes disso, eu era um fâmulo que abusava de um pouco de coragem. Depois dessa carta, sou seu igual.

Sim, dizia a si mesmo com uma volúpia infinita e falando lentamente, nossos méritos, do marquês e meus, foram pesados, e o pobre carpinteiro do Jura venceu.

Bem!, exclamou, aqui está a assinatura de minha resposta. Não vá pensar, srta. de La Mole, que esqueço minha condição. Farei que compreenda e sinta claramente que é pelo filho de um carpinteiro que trai um descendente do famoso Guy de Croisenois, que acompanhou são Luís na Cruzada.

Julien não conseguia conter sua alegria. Sentiu necessidade de descer até o jardim. Seu quarto, onde se encerrara à chave, parecia-lhe demasiado estreito para respirar.

Eu, um pobre camponês do Jura, ele não cansava de repetir, eu, condenado a vestir sempre este triste hábito preto! Ai! Vinte anos mais cedo, teria usado o uniforme como eles! Naquele tempo, um homem como eu era morto ou virava *general aos trinta e seis anos de idade*. Aquela carta, que ele mantinha apertada na mão, dava-lhe o porte e a atitude de um herói. Agora, é verdade, com este hábito preto, aos quarenta anos de idade tem-se um ordenado de mil francos e a condecoração da fita azul, como o bispo de Beauvais.

Pois bem!, disse, rindo como Mefistófeles, tenho mais inteligência que eles; sei escolher o uniforme do meu século. E sentiu crescer sua ambição e seu apego ao hábito eclesiástico. Quantos cardeais de origem mais humilde que a minha e que governaram! Meu compatriota Granvelle, por exemplo.

Aos poucos, a agitação de Julien acalmou-se, a prudência voltou à tona. Disse a si mesmo, como seu mestre Tartufo, cujo papel sabia de cor:

Pode haver nessas palavras um artifício honesto.
(...)
Não confiarei em declarações tão doces
Até que algum de seus favores, pelos quais suspiro,
Venha assegurar-me do que elas me disseram.
Tartufo, *ato IV, cena V*.

Tartufo também foi iludido por uma mulher, e ele valia tanto quanto outro qualquer... Minha resposta poderá ser mostrada... para isso tenho um remédio, acrescentou, pronunciando lentamente e com o acento da ferocidade contida; começaremos pelas frases mais vivas da carta da sublime Mathilde.

Sim, mas quatro lacaios do sr. de Croisenois lançam-se sobre mim e arrancam-me o original.

Não, pois estou bem armado, e sabem que costumo disparar contra os lacaios.

Pois bem: um deles tem coragem, precipita-se sobre mim. Prometeram-lhe um bom dinheiro. Mato-o ou firo-o, é o que eles querem. Jogam-me na prisão muito legalmente; sou entregue à polícia correcional e enviado, com toda a justiça e a equidade dos juízes, a fazer companhia, em Poissy, aos srs. Fontan e Magalon. Lá, deito-me ao lado de quatrocentos miseráveis... E terei piedade dessa gente?!, exclamou, levantando-se impetuosamente. Essa frase foi o último suspiro de seu reconhecimento pelo sr. de La Mole que, contra sua vontade, o atormentava até então.

Alto lá, senhores fidalgos, conheço esse traço de maquiavelismo; o padre Maslon e o sr. Castanède do seminário não teriam feito melhor. Os senhores me furtarão a carta *provocadora* e serei uma nova versão do coronel Caron em Colmar.

Um instante, senhores, vou enviar a carta fatal num envelope bem lacrado ao abade Pirard. É um homem honesto, jansenista e, nessa qualidade, imune às seduções do dinheiro. Sim, mas ele abre as cartas... é a Fouquet que devo enviá-la.

É preciso admitir: o olhar de Julien era atroz, em sua fisionomia medonha transparecia o crime em estado puro. Era o homem infeliz em guerra contra toda a sociedade.

– *Às armas*!, exclamou Julien. E, num salto, desceu os degraus da escadaria da mansão.

Entrou na quitanda do escrivão da esquina. Copie, disse-lhe, entregando a carta da srta. de La Mole.

Enquanto o escrivão trabalhava, ele próprio escreveu a Fouqué; pedia-lhe para conservar-lhe um depósito precioso. Mas, pensou, interrompendo-se, a censura do correio abrirá minha carta e vos entregará, senhores, aquela que procuram... Não. Ele foi comprar uma enorme Bíblia num livreiro protestante, escondeu com muito cuidado a carta de Mathilde na capa, mandou embalar tudo e seu pacote partiu com a diligência, endereçado a um dos operários de Fouqué, cujo nome ningém conhecia em Paris.

Feito isso, retornou alegre e lépido à mansão de La Mole. *Agora nós*! exclamou, trancando-se à chave no quarto e despindo-se de seu hábito.

"Como! senhorita", escreveu a Mathilde, "é a srta. de La Mole que, pelas mãos de Arsène, lacaio de seu pai, manda entregar uma carta muito sedutora a um pobre carpinteiro do Jura, certamente para divertir-se com sua simplicidade?..." E transcreveu as frases mais claras da carta que acabava de receber.

A dele seria digna da prudência diplomática do cavaleiro de Beauvoisis. Não eram ainda dez da noite; Julien, ébrio de felicidade e do sentimento de seu poder, tão novo para um pobre-diabo, foi assistir a uma ópera italiana. Ouviu seu amigo Geronimo cantar. Nunca a música o exaltara tanto. Ele era um deus.

Capítulo XIV

PENSAMENTOS DE UMA MOÇA

Quantas perplexidades! Quantas noites passadas sem dormir! Santo Deus! vou tornar-me desprezível? Ele mesmo me desprezará. Mas ele parte, afasta-se.

ALFRED DE MUSSET

NÃO FORA SEM combates que Mathilde escrevera. Qualquer que tenha sido o começo de seu interesse por Julien, ele logo dominou o orgulho que, desde que ela se conhecia, reinava sozinho em seu coração. Pela primeira vez, um sentimento apaixonado apoderava-se dessa alma altiva e fria. Mas, embora dominasse o orgulho, ele ainda era fiel aos hábitos do orgulho. Dois meses de combates e de sensações novas renovaram, por assim dizer, todo o seu ser moral.

Mathilde acreditava ver a felicidade. Essa visão todo-poderosa nas almas corajosas, ligadas a um espírito superior, precisou lutar longamente contra a dignidade e todos os sentimentos de deveres vulgares. Um dia, ela entrou nos aposentos da mãe, às sete da manhã, rogando-lhe a permissão de refugiar-se em Villequier. A marquesa nem sequer dignou-se responder, aconselhando-a a voltar para a cama. Foi o último esforço do bom senso vulgar e da deferência às ideias recebidas.

O temor de agir mal e de ferir as ideias consideradas como sagradas pelos Caylus, os de Luz, os Croisenois, tinha pouca influência sobre sua alma; indivíduos como eles não lhe pareciam feitos para compreendê-la; ela os teria consultado se fosse o caso de comprar uma carruagem ou terras. Seu verdadeiro terror era que Julien ficasse descontente com ela.

– Será que ele também só tem as aparências de um homem superior?

Ela abominava a falta de caráter, era sua única objeção contra os belos jovens que a cercavam. Quanto mais eles zombavam com elegância de tudo que se afasta da moda, ou que a segue mal, acreditando segui-la, mais perdiam-se aos olhos dela.

Eram valentes, nada mais. E, ainda assim, valentes como? ela pensava. Em duelo; mas o duelo não passa de uma cerimônia. Tudo se sabe de antemão, mesmo o que se deve dizer ao tombar. Estendido na relva, com a mão sobre o coração, é preciso uma palavra de perdão generoso ao adversário e a uma bela geralmente imaginária, ou que vai ao baile no dia mesmo dessa morte, para não levantar suspeitas.

Enfrentam o perigo à frente de um esquadrão reluzente de aço; mas o perigo solitário, singular, imprevisto, verdadeiramente feio?

Ah!, lamentava-se Mathilde, na corte de Henrique III é que havia homens grandes tanto pelo caráter como pelo nascimento! Ah! Se Julien tivesse servido em Jarnac ou em Moncontour, eu não mais duvidaria. Naqueles tempos de vigor e de força, os franceses não eram bonecos. O dia da batalha era quase o das menores perplexidades.

A vida deles não estava aprisionada como uma múmia do Egito, sob um invólucro comum a todos, sempre o mesmo. Sim, ela acrescentava, havia mais verdadeira coragem em retirar-se sozinho às onze da noite, saindo da mansão de Soissons, habitada por Catarina de Médicis, do que hoje em partir para Argel. A vida de um homem era uma série de acasos. Agora, a civilização expulsou o acaso, não há mais imprevisto. Se ele aparece nas ideias, atacam-no com epigramas; se aparece nos acontecimentos, nosso medo não recua ante nenhuma covardia. Seja qual for a estupidez que o medo nos mande fazer, ela é escusada. Século degenerado e enfadonho! Que teria dito Boniface de La Mole se, erguendo do túmulo sua cabeça cortada, visse, em 1793, dezessete de seus descendentes deixarem-se prender como ovelhas, para serem guilhotinados dois dias depois? A morte era certa, mas não teria sido de bom-tom defender-se e matar ao menos um jacobino ou dois. Ah! Naqueles tempos heroicos da França, no século de Boniface de La Mole, Julien teria sido chefe de esquadrão, e meu irmão, o jovem padre de hábitos decentes, com a sensatez nos olhos e a razão na boca.

Alguns meses antes, Mathilde desesperava de encontrar alguém um pouco diferente do padrão comum. Encontrara alguma felicidade em permitir-se escrever a alguns jovens da sociedade. Essa ousadia tão inconveniente, tão imprudente numa jovem, podia desonrá-la aos olhos do sr. de Croisenois, do duque de Chaulnes, seu pai, e de toda a família de Chaulnes, que, vendo romper-se o casamento projetado, ia querer saber por quê. Naquele tempo, nos dias em que escrevia uma de suas cartas, Mathilde não conseguia dormir. Mas aquelas cartas eram apenas respostas.

Agora ela ousava dizer que amava. Ela *tomava a iniciativa* (que expressão terrível!) de escrever a um homem situado nas últimas posições da sociedade.

Essa circunstância assegurava, em caso de descoberta, uma desonra eterna. Qual das mulheres que vinha à casa de sua mãe ousaria tomar seu partido? Que frase feita lhes ocorreria, para amortecer o golpe do terrível desprezo dos salões?

E, se falar já era era terrível, imagine-se escrever! *Há coisas que não se escrevem*, exclamava Napoleão ao ficar sabendo da capitulação de Baylen. E fora Julien que lhe relatara essa frase! como lhe dando antecipadamente uma lição.

Mas tudo isso ainda não era nada, a angústia de Mathilde tinha outras causas. Esquecendo o efeito horrível sobre a sociedade, a mancha inapagável e cheia de desprezo, pois ela ultrajava sua casta, Mathilde ia escrever a uma criatura de natureza completamente diferente da dos Croisenois, dos de Luz, dos Caylus.

A profundidade, o *desconhecido* do caráter de Julien teriam assustado, mesmo mantendo com ele uma relação comum. E ela ia fazer dele seu amante, talvez seu senhor!

Quais não serão as pretensões dele, se tiver todo o poder sobre mim? Pois bem! Direi a mim mesma, como Medeia: *Em meio a tantos perigos, resta-me EU.*

Julien não tinha a menor veneração pela nobreza de sangue, ela acreditava. Pior ainda, talvez não tivesse o menor amor por ela.

Nesses momentos de dúvidas terríveis, apresentavam-se as ideias de orgulho feminino. Tudo deve ser singular no destino de uma mulher como eu, exclamava Mathilde, impaciente. E então o orgulho que lhe infundiram desde o berço batia-se contra a virtude. Foi nesse instante que a partida de Julien veio precipitar tudo.

(Caracteres assim, felizmente, são muito raros.)

À noite, muito tarde, Julien teve a ideia maldosa de mandar descer uma mala muito pesada até o porteiro; chamou para transportá-la o lacaio que cortejava a camareira da srta. de La Mole. Essa manobra pode não ter nenhum resultado, pensou, mas, se tiver êxito, ela pensará que parti. Foi deitar-se muito satisfeito com essa brincadeira. Mathilde não conseguiu dormir.

Bem cedo, na manhã seguinte, Julien saiu da mansão sem ser visto, mas retornou antes das oito horas.

Assim que se instalou na biblioteca, a srta. de La Mole apareceu à porta. Ele entregou-lhe sua resposta. Achou que era seu dever falar-lhe; nada mais cômodo, aliás, mas a srta. de La Mole não quis escutá-lo e desapareceu. Julien ficou satisfeito, ele não sabia o que dizer a ela.

Se isso não for um jogo combinado com o conde Norbert, é claro que foram meus olhares cheios de frieza que acenderam o amor barroco que essa moça de alto nascimento ousa ter por mim. Eu seria um pouco mais tolo do que convém se algum dia deixasse-me levar e passasse a gostar dessa boneca loira. Esse pensamento deixou-o mais frio e mais calculista do que nunca.

Na batalha que se prepara, acrescentou, o orgulho do nascimento será como uma colina elevada, formando posição militar entre ela e mim. É lá que terei de manobrar. Fiz muito mal em ficar em Paris; esse adiamento de minha partida me enfraquece e me expõe, se tudo não passar de um jogo. Que perigo havia em partir? Eu caçoaria deles, se estão caçoando de mim. Se o interesse dela por mim tem algum fundamento, eu multiplicaria por cem esse interesse.

A carta da srta. de La Mole fizera Julien sentir uma vaidade tão intensa que, rindo do que lhe acontecia, ele esquecera de pensar seriamente na conveniência da partida.

Era uma fatalidade de seu caráter ser extremamente sensível a suas faltas. Estava muito contrariado com esta última, e quase não pensava mais na inacreditável vitória que precedera essa pequena falha, quando, por volta das nove horas, a srta. de La Mole apareceu à soleira da porta da biblioteca, lançou-lhe uma carta e desapareceu.

Parece que vamos ter um romance por cartas, disse ele, juntando-a do chão. O inimigo simula um movimento; quanto a mim, devo mostrar frieza e virtude.

Na carta ela lhe pedia uma resposta decisiva, com uma altivez que aumentou a satisfação interior de Julien. Ele deu-se o prazer de mistificar, em duas páginas, as pessoas que queriam zombar dele, e foi ainda por gracejo que anunciou, no final de sua resposta, sua partida decidida para o dia seguinte de manhã.

Terminada a carta, pensou: o jardim me servirá para entregá-la, e foi até lá. Ele olhava a janela do quarto da srta. de La Mole. Este ficava no primeiro andar, ao lado do apartamento da mãe, mas havia um piso intermediário.

O primeiro andar ficava tão alto que, passeando debaixo das tílias, com a carta na mão, Julien não podia ser visto da janela da srta. de La Mole. A copa formada pelas tílias, muito bem aparadas, interceptava a visão. Ora essa! pensou Julien, irritado, mais uma imprudência! Se resolveram zombar de mim, fazer-me ver com uma carta na mão é servir meus inimigos.

O quarto de Norbert ficava precisamente acima do da irmã e, se Julien saísse da abóbada formada pelos ramos cortados das tílias, o conde e seus amigos podiam acompanhar todos os seus movimentos.

A srta. de La Mole apareceu por trás da vidraça; ele entremostrou a carta, ela baixou a

cabeça. Julien tornou a subir a seus aposentos, correndo, e encontrou por acaso, na escada principal, a bela Mathilde, que pegou sua carta com um perfeito desembaraço e olhos risonhos.

Quanta paixão havia nos olhos da pobre sra. de Rênal, pensou Julien, quando, mesmo depois de seis meses de relações íntimas, ousava receber uma carta minha! Acho que em nenhum momento ela me olhou com olhos risonhos.

Ele não se exprimiu muito claramente o resto desse pensamento; tinha vergonha da futilidade dos motivos? Mas também, acrescentou, quanta diferença na elegância da roupa matinal, na elegância do porte! Ao avistar a srta. de La Mole a trinta passos de distância, um homem de gosto adivinharia a posição que ela ocupa na sociedade. Eis o que se pode chamar um mérito explícito.

Mesmo brincando, Julien não se confessava ainda todo o seu pensamento; a sra. de Rênal não tinha um marquês de Croisenois a sacrificar-lhe. Seu único rival era aquele ignóbil subprefeito, sr. Charcot, que se fazia chamar Maugiron porque não há mais Maugirons.

Às cinco da tarde, Julien recebeu uma terceira carta; foi lançada da porta da biblioteca. A srta. de La Mole fugiu mais uma vez. Que mania de escrever, disse a si mesmo, rindo, quando se pode falar tão comodamente! O inimigo quer ter minhas cartas, não há dúvida, e várias! Ele não tinha pressa de abrir esta última. Mais frases elegantes, pensava; mas, ao ler, empalideceu. Havia apenas oito linhas.

"Preciso lhe falar, devo lhe falar esta noite; quando soar uma hora depois da meia-noite, vá ao jardim. Pegue a escada do jardineiro junto ao poço; coloque-a contra minha janela e suba até meu quarto. Haverá luar: não importa."

Capítulo XV

SERÁ UM COMPLÔ?

Ah! como é cruel o intervalo entre um grande projeto e sua execução! Quantos vãos terrores! Quantas irresoluções! Trata-se da vida. – Trata-se de muito mais: da honra!

SCHILLER

ISSO ESTÁ FICANDO SÉRIO, pensou Julien... e um pouco claro demais, acrescentou, depois de ter pensado. Ora, vejam! Essa bela senhorita pode falar comigo na biblioteca com uma liberdade que, graças a Deus, é completa; o marquês, com seu receio de que eu peça demissão, jamais vem aqui. Ele e o conde Norbert, as únicas pessoas que entram aqui, estão ausentes quase o dia inteiro; pode-se facilmente observar o momento em que retornam à mansão. E a sublime Mathilde, por cuja mão um príncipe soberano não seria bastante nobre, quer que eu cometa uma imprudência abominável!

É claro, querem destruir-me ou zombar de mim, pelo menos. Primeiro quiseram destruir-me com minhas cartas; estas foram prudentes. Eles precisam então de uma ação mais clara que o dia. Esses elegantes senhores julgam-me muito idiota ou muito presumido. Essa é boa! Com o maior luar do mundo, subir por uma escada a um primeiro andar a oito metros de altura! Poderão me ver mesmo das mansões vizinhas. Como eu seria aplaudido em minha escada! Julien voltou a seu quarto e pôs-se a arrumar as malas, assobiando. Estava decidido a partir e a nem mesmo responder.

Mas essa sensata resolução não lhe dava paz ao coração. E se porventura, pensou de repente, tendo fechado a mala, Mathilde age de boa-fé! Então, aos olhos dela, desempenho o papel de um covarde perfeito. Não tendo nobreza de origem, preciso de grandes qualidades, dinheiro à vista, sem suposições complacentes, bem provadas por ações significativas.

Ficou um quarto de hora a refletir. De que serve negar?, disse ele enfim; serei um covarde aos olhos dela. Perco não apenas a pessoa mais brilhante da alta sociedade, como diziam todos no baile do duque de Retz, mas também o divino prazer de ver sacrificado, por mim, o marquês de Croisenois, filho de um duque, e que será duque ele próprio. Um jovem encantador que tem todas as qualidades que me faltam: presença de espírito, nascimento, fortuna...

Esse remorso irá perseguir-me a vida inteira, não por ela, pois há muitas amantes!

...Mas a honra é uma só!

disse o velho Dom Diego, e aqui, de maneira clara e nítida, recuo diante do primeiro perigo que me é apresentado; pois aquele duelo com o sr. de Beauvoisis foi como uma brincadeira. Agora é muito diferente. Posso ser alvejado por um criado, mas esse é o menor perigo; o perigo é ser desonrado.

Isso está ficando sério, meu rapaz, acrescentou com uma graça e um sotaque gascões. A

questão é a *honur*.15 Jamais um pobre-diabo, lançado pela sorte numa posição tão baixa quanto a minha, terá de novo essa oportunidade; terei outras, mas subalternas...

Ele refletiu longamente, andando a passos precipitados e, de tempo em tempo, estacando. Haviam posto em seu quarto um magnífico busto em mármore do cardeal Richelieu, que, contra sua vontade, atraía seu olhar. Esse busto parecia observá-lo de um modo severo e como que reprovando-lhe a falta dessa audácia que deve ser tão natural ao caráter francês. No teu tempo, grande homem, eu teria hesitado?

Na pior das hipóteses, pensou finalmente Julien, suponhamos que tudo seja uma armadilha: seria muito feio e comprometedor para uma moça. Todos sabem que não sou homem de calar-me. Teriam então que me matar. Isso era comum em 1574, no tempo de Boniface de La Mole, mas o de hoje não ousaria, essa gente não é mais a mesma. A srta. de La Mole é tão invejada! Quatrocentos salões estariam falando amanhã de sua vergonha, e com que prazer!

Os criados mexericam, entre si, das preferências marcadas de que sou o objeto, sei disso, os ouvi falar...

Por outro lado, as cartas dela!... Eles podem achar que as tenho comigo. Surpreendido em seu quarto, as retiram de mim. Terei de enfrentar dois, três, quatro homens, sei lá. Mas onde conseguirão esses homens? onde encontrar subalternos discretos em Paris? A justiça mete-lhes medo... Quem sabe os próprios Caylus, Croisenois, de Luz! Esse momento e a cara de bobo que farei no meio deles é o que esperavam. Cuidado com a sorte de Abelardo, sr. secretário!

Está bem, senhores! mas levarão minhas marcas. Hei de golpeá-los no rosto, como os soldados de César em Farsália... Quanto às cartas, posso guardá-las num lugar seguro.

Julien fez cópias das duas últimas, escondeu-as num volume do precioso Voltaire da biblioteca, e levou ele próprio os originais ao correio.

Ao voltar, disse a si mesmo com surpresa e terror: Em que loucura vou me lançar! Ele passara um quarto de hora sem encarar sua ação da próxima noite.

Se recusar, eu mesmo me desprezarei daqui por diante! A vida inteira essa ação será um motivo de dúvida e, para mim, tal dúvida é a pior das desgraças. Não a senti em relação ao amante de Amanda? Creio que me perdoaria mais facilmente um crime bem claro; uma vez confessado, não pensaria mais nele.

Quê! Tenho por rival um homem que possui um dos nomes mais nobres da França, e voluntariamente declarar-me-ia seu inferior! No fundo, há covardia em não ir. Isso decide tudo, exclamou Julien, levantando-se... Aliás, ela é bem bonita.

Se não for uma traição, que loucura ela faz por mim!... Se for uma mistificação, muito bem, senhores! Compete apenas a mim tornar a brincadeira séria, e assim farei.

Mas se me agarram pelos braços no momento de entrar no quarto? Eles podem ter montado algum dispositivo engenhoso!

É como um duelo, pensou, rindo, há contragolpe para tudo, diz meu mestre de esgrima, mas o bom Deus, que quer encerrar o assunto, faz que um dos dois esqueça de desviar um golpe. De resto, eis aqui com que responder-lhes. E tirou do bolso as pistolas; embora a munição fosse fulminante, ele a renovou.

Ainda havia muitas horas a esperar; para fazer alguma coisa, Julien escreveu a Fouqué: “Meu amigo, só abra a carta aqui inclusa em caso de acidente, se ficares sabendo que algo de

estranho me aconteceu. Então, apaga os nomes próprios do manuscrito que te envio, tira dele oito cópias que enviarás aos jornais de Marselha, Bordéus, Lyon, Bruxelas etc.; dez dias mais tarde, manda imprimir esse manuscrito, envia o primeiro exemplar ao sr. marquês de La Mole e, quinze dias depois, lança os outros exemplares, de madrugada, nas ruas de Verrières".

Esse pequeno documento justificativo disposto em forma de conto, que Fouqué só devia abrir em caso de acidente, Julien o fez de modo a comprometer o menos possível a srta. de La Mole, mas ele descrevia com muita exatidão a posição dela.

Estava fechando o pacote quando soou a sineta do jantar, fazendo-lhe o coração bater mais rápido. Sua imaginação, preocupada com o relato que acabara de redigir, expunha-se aos pressentimentos trágicos. Via-se agarrado por criados, manietado, conduzido a um porão com uma mordaça na boca. Ali, um criado o vigiava, e, se a honra da nobre família exigisse que a aventura tivesse um fim trágico, era fácil encerrar tudo com venenos que não deixam vestígios; então, diriam que ele morreu de enfermidade, e o transportariam morto a seu quarto.

Comovido por sua própria história como um autor dramático, Julien sentia realmente medo quando entrou na sala de jantar. Obervava todos aqueles criados de libré, estudava-lhes a fisionomia. Quais são os escolhidos para a expedição desta noite?, pensava. Nesta família, as lembranças da corte de Henrique III são tão presentes, tão frequentemente evocadas que, julgando-se ultrajados, seus membros serão mais decididos que outros personagens da mesma condição. Olhou a srta. de La Mole para ler em seus olhos os projetos da família; estava pálida e com uma fisionomia perfeitamente medieval. Nunca seu aspecto lhe pareceu tão nobre, estava realmente bela e imponente. Quase sentiu paixão por ela. *Pallida morte futura*, pensou (Sua palidez anuncia seus grandes desígnios).

Em vão, depois do jantar, fingiu passear por um longo tempo no jardim, a srta. de La Mole não apareceu. Falar com ela, naquele momento, teria livrado seu coração de um grande peso.

Por que não confessar? Ele tinha medo. Como estava decidido a agir, entregava-se a esse sentimento sem nenhuma vergonha. Contanto que no momento de agir eu tenha a coragem necessária, pensava, que importa o que posso sentir neste momento? Foi examinar a situação e verificar o peso da escada.

É um instrumento, disse consigo, rindo, destinado a servir-me, tanto aqui como em Verrières! Qual a diferença? Na outra ocasião, acrescentou com um suspiro, eu não era obrigado a desconfiar da pessoa pela qual me expunha. Que diferença também no perigo!

Ainda que me tivessem matado nos jardins do sr. de Rênal, não havia nenhuma desonra para mim. Facilmente teriam tornado minha morte inexplicável. Aqui, que histórias abomináveis não inventarão nos salões da mansão de Chaulnes, da mansão de Caylus, na mansão de Retz etc., em toda parte, enfim. Serei um monstro para a posteridade.

Durante dois ou três anos, continuou, rindo e zombando de si mesmo. Mas essa ideia o acabrunhou. E eu, em que poderão justificar-me? Supondo que Fouqué imprima meu panfleto póstumo, será apenas uma infâmia a mais. Quê! Então sou recebido numa casa e, em troca da hospitalidade que recebo, das amabilidades com que me cumulam, imprimo um panfleto sobre o que nela se passa! Ataco a honra das mulheres! Ah! é preferível mil vezes ser um trouxa!

Essa noite foi terrível.

15 *Honra*, em dialeto gascão (N.T.)

Capítulo XVI

UMA HORA DA MADRUGADA

Aquele jardim era muito grande, desenhado, havia poucos anos, com um gosto perfeito. Mas as árvores tinham mais de um século. Havia ali algo de campestre.

MASSINGER

IA ESCREVER UMA contraordem a Fouqué quando soaram onze horas. Fez funcionar com ruído a fechadura da porta do quarto, como se tivesse se encerrado em seus aposentos, e saiu a observar, na ponta dos pés, o que se passava em toda a casa, sobretudo no quarto andar, habitado pelos criados. Nada havia de extraordinário. Uma das camareiras da srta. de La Mole promovia uma noitada, os criados tomavam *punch* muito alegremente. Os que riem assim, pensou Julien, não devem fazer parte da expedição noturna, eles estariam mais sérios.

Por fim, foi colocar-se num canto escuro do jardim. Se o plano é esconder-se dos criados da casa, eles farão chegar por cima dos muros do jardim as pessoas encarregadas de surpreender-me.

Se o sr. de Croisenois tem algum sangue-frio em tudo isso, achará menos comprometedor para a moça que ele quer desposar fazer-me surpreender antes que eu tiver entrado no quarto dela.

Fez um reconhecimento militar e muito exato. Trata-se de minha honra, pensou; se houver algum descuido, não será uma desculpa aos meus próprios olhos dizer-me: não havia pensado nisso.

A noite era de uma serenidade desesperadora. Por volta das onze horas a lua apareceu, à meia-noite e meia ela iluminava em cheio a fachada da mansão que dava para o jardim.

Ela é louca, dizia-se Julien; quando soou uma hora, ainda havia luz nas janelas do conde Norbert. Em toda a sua vida Julien não sentira tanto medo, ele só via os perigos da empreitada, e não tinha o menor entusiasmo.

Foi pegar a imensa escada, esperou cinco minutos para dar tempo a uma contraordem, e a uma hora e cinco minutos colocou a escada contra a janela de Mathilde. Subiu suavemente com a pistola na mão, espantado de não ser atacado. Quando se aproximava da janela, esta se abriu sem ruído:

– Até que enfim, senhor, disse-lhe Mathilde com muita emoção; há uma hora acompanho seus movimentos.

Julien estava muito embaraçado, não sabia como se comportar, não sentia nenhum amor. Em seu embaraço, pensou que era preciso ousar, tentou beijar Mathilde.

– Não!, disse ela, afastando-o.

Contente de ser suavemente repelido, ele apressou-se a lançar um rápido olhar em volta: a lua estava tão brilhante que as sombras que ela formava no quarto da srta. de La Mole eram

negras. Pode perfeitamente haver homens escondidos sem que eu os veja, pensou.

– O que tem no bolso de seu traje?, perguntou Mathilde, encantada de encontrar um motivo de conversa. Ela sofria de um modo estranho; todos os sentimentos de reserva e timidez, tão naturais a uma moça bem-nascida, haviam recobrado seu domínio e a supliciavam.

– Trago todo tipo de armas e de pistolas, respondeu Julien, não menos satisfeito de ter algo a dizer.

– É preciso retirar a escada, disse Mathilde.

– Ela é imensa, e pode quebrar as vidraças do salão embaixo ou do piso intermediário.

– É preciso cuidar para não quebrar as vidraças, disse Mathilde, buscando em vão retomar o tom da conversação ordinária; penso que o senhor poderia abaixar a escada por meio de uma corda que amarraremos no primeiro degrau. Tenho sempre uma provisão de cordas em meu quarto.

E essa é uma mulher apaixonada!, pensou Julien, ela ousa dizer que me ama! Tanto sangue-frio, tanta sabedoria nas precauções mostram-me claramente que não triunfo do marquês de Croisnois como ingenuamente acreditava, mas que simplesmente lhe sucedo. Em realidade, que me importa? Será que a amo? Venço o marquês no sentido de que ele ficará muito zangado de ter um sucessor, e mais zangado ainda que esse sucessor seja eu. Com que altivez ele me olhava ontem no café Tortoni, fingindo não me reconhecer! Com que ar maldoso cumprimentou-me em seguida, quando não pôde mais deixar de fazê-lo.

Julien amarrara a corda no primeiro degrau da escada e a descia suavemente, inclinando-se muito para fora do parapeito da janela, a fim de que ela não batesse nas vidraças. Belo momento para matarem-me, pensou, se há alguém escondido no quarto de Mathilde; mas um silêncio profundo continuava a reinar em toda parte.

A escada tocou o chão, Julien conseguiu deitá-la no canteiro de flores exóticas ao longo da parede.

– Que dirá minha mãe, disse Mathilde, quando vir suas belas plantas completamente esmagadas!... É preciso jogar a corda, acrescentou com grande sangue-frio. Se alguém a visse pendendo da janela, seria uma circunstância difícil de explicar.

– E como é que vou embora?, disse Julien num tom divertido, imitando a pronúncia crioula. (Uma das criadas da casa nascera em São Domingos.)

– O senhor sairá pela porta, disse Mathilde, encantada com essa ideia.

Ah! Como esse homem é digno de todo o meu amor!, ela pensou.

Julien acabava de deixar a corda cair no jardim; Mathilde apertou-lhe o braço. Ele acreditou ser pego por um inimigo e virou-se rapidamente puxando um punhal. Ela acreditara ter ouvido abrirem uma janela. Eles ficaram imóveis e sem respirar. A lua os iluminava em cheio. Como o ruído não se repetisse, não houve mais inquietude.

Então o embaraço recomeçou, ele era grande dos dois lados. Julien certificou-se que a porta estava fechada com todas as trancas; pensava em espiar debaixo da cama, mas não ousava; podiam ter colocado ali um ou dois lacaios. Por fim, temeu uma reprovação futura de sua prudência e olhou.

Mathilde caíra na angústia da timidez mais extrema. Tinha horror da sua posição.

– O que fez das minhas cartas?, disse ela, enfim.

Que boa ocasião para desconcertar esses senhores que estão à escuta e evitar a batalha!, pensou Julien.

– A primeira está escondida numa grande Bíblia protestante que a diligência de ontem transporta para bem longe daqui.

Ele falava muito distintamente ao mencionar esses detalhes, de modo a ser ouvido por pessoas que pudessem estar escondidas nos dois grandes armários de mogno que ele não ousara inspecionar.

– As outras duas estão no Correio, e seguem o mesmo destino que a primeira.

– Mas, santo Deus! Por que todas essas precauções?, disse Mathilde, espantada.

Por que eu haveria de mentir?, pensou Julien, e confessou-lhe todas as suas suspeitas.

– Eis então a causa da frieza de tuas cartas!, exclamou Mathilde, com um acento mais de paixão que de ternura.

Julien não percebeu essa nuança. O tratamento por tu fez que perdesse a cabeça ou, pelo menos, suas suspeitas dissiparam-se; ousou apertar em seus braços aquela moça tão bela e que lhe inspirava tanto respeito. Foi repelido apenas em parte.

Ele recorreu à sua memória, como outrora em Besançon junto a Amanda Binet, e recitou várias das mais belas frases da *Nova Heloísa*.

– Tens um coração de homem, ela respondeu, sem escutar muito as frases dele; quis pôr à prova tua bravura, confesso. Tuas primeiras suspeitas e tua resolução mostram que és mais intrépido ainda do que eu supunha.

Mathilde fazia um esforço para tratá-lo por tu, ela estava evidentemente mais atenta a essa maneira de falar do que ao conteúdo das coisas que dizia. Esse tratamento, despojado do tom da ternura, não dava nenhum prazer a Julien, ele se espantava com a ausência de felicidade; por fim, para senti-la, recorreu à razão. Via-se estimado por essa jovem tão orgulhosa, e que jamais concedia louvores sem restrição; com esse raciocínio, chegou a uma felicidade de amor-próprio.

É verdade, não era aquela volúpia da alma que ele encontrara às vezes junto da sra. de Rênal. Nada havia de terno em seus sentimentos daquele primeiro momento. Era antes a mais viva felicidade da ambição, e Julien era sobretudo ambicioso. Falou novamente das pessoas por ele suspeitadas, e das precauções que inventara. Ao falar, pensava nos meios de tirar proveito de sua vitória.

Ainda muito embaraçada, e assustada com seu comportamento, Mathilde pareceu alegrar-se de encontrar um motivo de conversa. Falaram dos meios de se reverem. Julien deliciou-se com o espírito e a bravura que demonstrou novamente durante essa discussão. Tinham de lidar com pessoas muito espertas, o pequeno Tanbeau era certamente um espião, mas a ele e a Mathilde não faltava tampouco astúcia.

Que havia de mais fácil do que se encontrarem na biblioteca, para conversarem de tudo?

– Posso aparecer, sem levantar suspeitas, em todas as partes da mansão, acrescentava Julien, quem sabe até mesmo no quarto da sra. de La Mole. Era absolutamente necessário atravessá-lo para chegar ao quarto da filha. Se Mathilde quisesse que ele chegasse sempre por uma escada, era com o coração cheio de alegria que se exporia a esse pequeno perigo.

Ao ouvi-lo falar, Mathilde chocara-se com esse ar de triunfo. Ele então é meu senhor!,

pensou, e já começava a sentir remorsos. Sua razão horrorizava-se da insigne loucura que acabara de cometer. Se pudesse, teria aniquilado a si e a Julien. Quando, por instantes, a força de sua vontade fazia calar os remorsos, sentimentos de timidez e de sofrido pudor tornavam-na muito infeliz. De modo nenhum previra o estado terrível em que se achava.

No entanto devo falar-lhe, pensou por fim, isso faz parte das conveniências, a gente fala com o amante. E então, para cumprir um dever, e com uma ternura que estava bem mais nas palavras que utilizava do que no som da voz, contou as diversas resoluções que havia tomado em relação a ele nos últimos dias.

Ela decidira que, se ele ousasse chegar a seu quarto com o auxílio da escada do jardineiro, como lhe fora prescrito, ela seria toda dele. Mas jamais coisas tão ternas foram ditas num tom mais frio e mais polido. Até ali, aquele encontro estava gelado. Era de fazer trocar o amor pelo ódio. Que lição de moral para uma jovem imprudente! Vale a pena perder o futuro por tal momento?

Depois de longas incertezas, que a um observador superficial teriam parecido o efeito do ódio mais decidido, tamanha a dificuldade que os sentimentos a que uma mulher se obriga enfrentam para ceder mesmo a uma vontade tão firme, Mathilde acabou por mostrar-se uma amante carinhosa.

Em verdade, aqueles transportes eram um pouco intencionais. O amor apaixonado era ainda um modelo que se imitava, em vez de uma realidade.

A srta. de La Mole acreditava cumprir um dever para consigo mesma e para com seu amante. O pobre rapaz, ela pensava, foi de uma bravura consumada, ele deve ficar feliz, ou então sou eu que não tenho caráter. Mas ela gostaria de livrar-se, mesmo ao preço de uma desgraça eterna, da necessidade cruel na qual se encontrava.

Apesar da violência terrível que se fazia, ela controlou perfeitamente suas palavras.

Nenhum lamento, nenhuma reprovação vieram estragar essa noite que, para Julien, pareceu antes singular do que feliz. Quanta diferença, meu Deus, em relação à última temporada de vinte e quatro horas em Verrières! As belas maneiras de Paris descobriram o segredo de estragar tudo, até o amor, ele dizia a si mesmo em sua injustiça extrema.

Fazia essas reflexões em pé, dentro de um dos grandes armários de mogno onde ela o fizera entrar ao serem ouvidos os primeiros ruídos no apartamento vizinho, que era o da sra. de La Mole. Mathilde acompanhou a mãe à missa, as mulheres logo deixaram o apartamento, e Julien escapou facilmente antes que elas voltassem para terminar seus trabalhos.

Ele montou a cavalo e procurou os lugares mais solitários de uma das florestas vizinhas de Paris. Estava bem mais espantado do que feliz. A felicidade que, de tempo em tempo, vinha ocupar sua alma, era como a de um jovem subtenente que, depois de uma ação espantosa, acaba de ser nomeado coronel pelo comandante-chefe; sentia-se elevado a uma altura imensa. Tudo que na véspera estava acima dele, agora estava a seu lado ou bem abaixo. Aos poucos, a felicidade de Julien aumentou, à medida que se afastava.

Se não havia nada de terno em sua alma, é que, por estranho que possa parecer, Mathilde, em toda a sua conduta com ele, havia cumprido um dever. Nada houvera de imprevisto para ela em todos os acontecimentos daquela noite, a não ser a infelicidade e a vergonha que encontrara, em vez daquela ventura completa de que falam os romances.

Terei me enganado, não sinto amor por ele?, ela se perguntava.

Capítulo XVII

UMA VELHA ESPADA

I now mean to be serious; – it is time,
Since laughter now-a-days is deem'd too serious
A jest at vice by virtue's called a crime.

DON JUAN, C. XIII.

ELA NÃO APARECEU NO ALMOÇO. À noite, veio por um instante ao salão, mas não olhou para Julien. Essa conduta pareceu-lhe estranha; mas, ele pensou, não conheço seus hábitos, ela me dará uma boa razão para tudo isso. Todavia, agitado por uma extrema curiosidade, ele examinava a fisionomia de Mathilde; não pôde dissimular-se que seu aspecto era seco e maldoso. Evidentemente não era a mesma mulher que, na noite precedente, tinha ou fingia transportes de felicidade demasiado excessivos para serem verdadeiros.

No dia seguinte, e no outro, a mesma frieza da parte dela; ela não o olhava, não se apercebia de sua existência. Julien, devorado pela mais viva inquietação, estava a mil léguas dos sentimentos de triunfo que o haviam animado no primeiro dia. Seria por acaso, pensou, um retorno à virtude? Mas essa era uma palavra muito burguesa para a altaneira Mathilde.

Nas situações ordinárias da vida, ela praticamente não crê na religião, pensava Julien, apenas a considera útil aos interesses de sua casta.

Mas, por simples delicadeza, não pode ela reprovar-se vivamente a falta que cometeu? Julien acreditava ser seu primeiro amante.

Mas é preciso admitir, ele pensava noutros instantes, que não há nada de ingênuo, de simples, de terno em toda a sua maneira de ser; jamais a vi tão altaneira. Ela me desprezaria? Seria digno dela reprovar-se o que fez por mim, unicamente por causa da humildade de meu nascimento.

Enquanto Julien, repleto de ideias preconcebidas tiradas dos livros e das lembranças de Verrières, perseguia a quimera de uma amante terna e que não pensasse mais em sua própria existência a partir do momento em que fez a felicidade do amante, a vaidade de Mathilde enfurecia-se contra ele.

Como já fazia dois meses que não se entediava, ela não receou mais o tédio; assim, sem que pudesse ter a menor suspeita disso, Julien perdera sua maior vantagem.

Arranjei-me um mestre!, pensava a srta. de La Mole, às voltas com o mais negro desgosto. Ele já se sente todo honrado; mas, se faço calar sua vaidade, irá vingar-se fazendo conhecer a natureza de nossas relações. Mathilde nunca tivera amante e, nessa circunstância da vida que dá alguma ilusões ternas mesmo às almas mais secas, suas reflexões eram as mais amargas.

Ele tem sobre mim um domínio imenso, pois reina pelo terror e pode punir-me com um castigo atroz se eu o repelir. Essa simples ideia era suficiente para levar a srta. de La Mole a execrá-lo. A coragem era a primeira qualidade de seu caráter. Nada era mais capaz de agitá-la

e de curá-la de um tédio sempre a renascer, quanto a ideia de que jogava no cara ou coroa sua existência inteira.

No terceiro dia, como a srta. de La Mole se obstinasse em não olhar para ele, Julien seguiu-a depois do almoço até a sala de bilhar, evidentemente contra a vontade dela.

– Então acredita, senhor, ter adquirido direitos muito poderosos sobre mim, disse ela com uma cólera mal contida, uma vez que, contra minha vontade claramente expressa, pretende me falar?... Sabe que ninguém no mundo jamais ousou tanto?

Nada tão curioso como o diálogo desses dois amantes; sem suspeitarem, estavam animados um contra o outro do sentimento do mais vivo ódio. Como nenhum dos dois era tolerante, e como ambos tinham hábitos de boas maneiras, logo resolveram declarar-se que rompiam relações para sempre.

– Juro-lhe um segredo eterno, disse Julien, diria até que nunca mais lhe dirigirei a palavra, se sua reputação não pudesse sofrer com essa mudança muito visível. Saudou-a com respeito e partiu.

Ele cumpria sem muita dificuldade o que acreditava ser um dever; estava longe de julgar-se apaixonado pela srta. de La Mole. Certamente ele não a amava três dias antes, quando se escondera no grande armário de mogno. Mas tudo mudou rapidamente em sua alma a partir do momento em que viu suas relações rompidas para sempre.

Sua memória cruel pôs-se a reconstituir-lhe as menores circunstâncias daquela noite que, em realidade, o deixara tão frio.

Na noite mesma que seguiu a declaração de rompimento eterno, Julien quase enlouqueceu ao ser obrigado a confessar-se que amava a srta. de La Mole.

Terríveis combates seguiram-se a essa descoberta, todos os seus sentimentos estavam abalados.

Dois dias depois, em vez de mostrar-se orgulhoso para com o sr. de Croisenois, teria sido capaz de abraçá-lo, em lágrimas.

O hábito da desgraça deu-lhe um vislumbre de bom senso; decidiu partir para o Languedoc, fez sua mala e foi até a Posta.

Sentiu-se desfalecer quando, ao chegar à sede da mala postal, informaram-lhe que, por um singular acaso, havia um lugar na carruagem do dia seguinte para Toulouse. Fez a reserva e voltou à mansão de La Mole para anunciar sua partida ao marquês.

O sr. de La Mole havia saído. Mais morto que vivo, Julien foi esperá-lo na biblioteca. Qual não foi sua surpresa ao encontrar ali a srta. de La Mole!

Ao vê-lo, ela assumiu um ar de maldade que ele não pôde deixar de perceber.

Tomado por sua infelicidade, extraviado pela surpresa, Julien teve a fraqueza de dizer a ela, com o tom mais terno que lhe vinha da alma: Então, não me ama mais?

– Tenho horror de ter-me entregue ao primeiro que apareceu, disse Mathilde, chorando de raiva contra si mesma.

– *Ao primeiro que apareceu*!, exclamou Julien, e lançou-se em direção a uma velha espada da Idade Média que era conservada na biblioteca como uma curiosidade.

Sua dor, que ele acreditava extrema no momento em que dirigiu a palavra à srta de La Mole, foi centuplicada pelas lágrimas de vergonha que a via derramar. Se pudesse matá-la,

teria sido o mais feliz dos homens.

No momento em que tirava a espada, com alguma dificuldade, da bainha antiga, Mathilde, feliz ante uma sensação tão nova, avançou altivamente em direção a ele; suas lágrimas haviam estancado.

A ideia do marquês de La Mole, seu benfeitor, apresentou-se vivamente a Julien. Eu mataria a filha dele!, disse a si mesmo. Que horror! Fez um movimento para jogar de lado a espada. Certamente, pensou, ela vai rir ao ver esse movimento de melodrama: esse pensamento permitiu-lhe recuperar todo o seu sangue-frio. Examinou a lâmina da espada com curiosidade, como se nela buscasse alguma mancha de ferrugem, depois tornou a embainhá-la e com a maior tranquilidade a recolocou no prego de bronze dourado que a sustentava.

Todo esse movimento, muito lento no final, durou bem um minuto; a srta. de La Mole fitava-o espantada. Então estive a ponto de ser morta por meu amante!, ela pensava.

Essa ideia transportava-a aos mais belos tempos do século de Carlos IX e Henrique III.

Ela estava imóvel diante de Julien que acabava de recolocar a espada, fitava-o com olhos em que não havia mais ódio. É preciso convir que estava muito sedutora nesse momento, certamente mulher alguma assemelhava-se menos a uma boneca parisiense (essa palavra era a grande objeção de Julien contra as mulheres desse lugar).

Vou recair numa fraqueza por ele, pensou Mathilde; e desta vez mesmo é que ele se julgará meu mestre e senhor, depois de uma recaída, e bem no momento em que acabo de lhe falar com firmeza. Ela fugiu.

Meu Deus! Como é bela!, disse Julien ao vê-la correr: eis aí uma criatura que se precipitava em meus braços com tanto furor, não faz oito dias... E aqueles instantes não retornarão jamais! E a culpa é minha! No momento de uma ação tão extraordinária, tão interessante para mim, não fui sensível!... Tenho que admitir que nasci com um caráter muito vulgar e muito infeliz.

O marquês chegou. Julien apressou-se em anunciar-lhe sua partida.

– Para onde?, disse o sr. de La Mole.

– Para o Languedoc.

– Não, por favor, você está reservado a mais altos destinos, se partir será para o Norte... inclusive, em termos militares, proíbo sua saída da mansão. Comprometa-se a não se ausentar por mais de duas ou três horas, posso ter necessidade de sua presença de um momento para outro.

Julien cumprimentou e retirou-se sem dizer nada, deixando o marquês muito espantado. Não estava em condições de falar e encerrou-se em seu quarto. Lá, pôde exagerar com liberdade toda a atrocidade de sua sorte.

Assim não posso sequer afastar-me!, pensava. Deus sabe quantos dias o marquês irá reter-me em Paris. Ó Deus! que será de mim? E nem um amigo que eu possa consultar! O abade Pirard não me deixaria terminar a primeira frase, o conde Altamira me proporia filiar-me a alguma conspiração!

E no entanto enlouqueço, sinto que enlouqueço!

Quem poderá guiar-me? O que será de mim?

Capítulo XVIII

MOMENTOS CRUÉIS

E ela me confessa! Conta até os menores detalhes! Seu belo olhar fixo no meu descreve o amor que sentiu por outro!

SCHILLER

EXTASIADA, A SRTA. DE LA MOLE só pensava na felicidade de ter estado a ponto de ser morta. Chegava a dizer-se: ele é digno de ser meu mestre, pois esteve a ponto de matar-me. Quantos jovens garbosos da sociedade seria preciso reunir para chegar a tal movimento de paixão?

Tenho que admitir que ele estava muito belo no momento em que subiu na cadeira para recolocar a espada, precisamente na posição pitoresca que lhe dera o decorador! Afinal, não fui tão louca de amá-lo.

Naquele instante, se algum meio honesto de reconciliação tivesse se apresentado, ela o teria pego com prazer. Julien, encerrado em seu quarto à chave com duas voltas, entregava-se ao mais violento desespero. Em suas ideias loucas, pensava em lançar-se aos pés dela. Se, em vez de esconder-se num lugar apartado, ele saísse a andar pela mansão e pelo jardim, de maneira a estar ao alcance das oportunidades, talvez tivesse num único instante transformado na mais intensa felicidade sua terrível desgraça.

Mas a astúcia, cuja ausência lhe reprovamos, teria excluído o movimento sublime de pegar a espada que, naquele momento, o tornava tão belo aos olhos da srta. de La Mole. Esse capricho, favorável a Julien, durou o dia inteiro; Mathilde fazia-se uma imagem encantadora dos breves instantes durante os quais o amara, e sentia saudade deles.

Em realidade, ela se dizia, minha paixão por esse pobre rapaz só durou, para ele, desde uma hora da madrugada, quando o vi chegar pela escada com as pistolas no bolso do casaco, até as oito da manhã. Foi uns quinze minutos depois, durante a missa em Sainte-Valère, que comecei a pensar que ele ia julgar-se meu mestre, e que poderia tentar fazer-me obedecer em nome do terror.

Depois do almoço, a srta. de La Mole, longe de evitar Julien, falou-lhe e de certo modo o obrigou a acompanhá-la ao jardim; ele obedeceu. Essa prova lhe faltava. Mathilde cedia sem perceber muito bem o amor que voltava a sentir por ele. Sentia um prazer extremo em passear ao lado dele, era com curiosidade que olhava aquelas mãos que de manhã haviam pego a espada para matá-la.

Depois de tal ação, depois de tudo que se passara, não era mais possível voltar à antiga conversa deles.

Aos poucos, Mathilde pôs-se a fazer confidências íntimas sobre o estado de seu coração. Ela sentia uma volúpia singular nesse tipo de conversa; passou a contar-lhe os movimentos de entusiasmo passageiros que sentira pelo sr. de Croisenois, pelo sr. de Caylus...

– Quê! Pelo sr. de Caylus também?, exclamou Julien; e todo o amargo ciúme de um amante abandonado explodia nessa frase. Mathilde julgou assim e não se sentiu ofendida.

Continuou a torturar Julien, descrevendo-lhe os sentimentos de outrora da maneira mais pitoresca e com o acento da mais íntima verdade. Este percebia que ela descrevia o que tinha ante os olhos. Sentia a dor de observar que, ao falar, ela fazia descobertas em seu próprio coração.

A infelicidade do ciúme não pode ir mais longe.

Suspeitar que um rival é amado já é bastante cruel, mas ouvir a confissão detalhada do amor que ele inspira pela mulher que adoramos é certamente o cúmulo do sofrimento.

Ó, como eram punidos, naquele instante, os movimentos de orgulho que tinham levado Julien a julgar-se preferido aos Caylus, aos Croisenois! Com que infelicidade íntima e sentida ele exagerava as menores vantagens deles! Com que boa-fé ardente desprezava-se a si mesmo!

Mathilde parecia-lhe adorável, qualquer palavra era fraca para exprimir o excesso de sua admiração. Ao passear ao lado dela, olhava furtivamente suas mãos, seus braços, seu porte de rainha. Estava a ponto de cair a seus pés, aniquilado de amor e de infelicidade, e clamando-lhe: piedade!

E essa criatura tão bela, tão superior a tudo, que uma vez me amou, é o sr. de Caylus que ela certamente em breve irá amar!

Julien não podia duvidar da sinceridade da srta. de La Mole; o acento da verdade era demasiado evidente em tudo que ela dizia. Para que absolutamente nada faltasse à sua infelicidade, houve momentos em que, à força de ocupar-se dos sentimentos que tivera uma vez pelo sr. de Caylus, Mathilde passou a falar dele como se o amasse atualmente. Por certo havia amor no seu jeito de falar, Julien percebia isso nitidamente.

Se o interior de seu peito fosse inundado de chumbo derretido, ele teria sofrido menos. De que maneira, chegado a esse excesso de infelicidade, o pobre rapaz teria podido adivinhar que era porque lhe falava que a srta. de La Mole sentia tanto prazer em recordar as veleidades de amor que sentira outrora pelo sr. de Caylus ou pelo sr. de Luz?

Nada poderia exprimir as angústias de Julien. Ele escutava as confidências detalhadas de amor sentido por outros, na mesma aleia de tílias onde, poucos dias antes, esperava que soasse uma hora para penetrar no quarto dela. Um ser humano não pode suportar a infelicidade num grau mais elevado.

Esse tipo de intimidade cruel durou oito longos dias. Mathilde parecia ora buscar, ora não evitar as ocasiões de lhe falar; e o assunto de conversa, ao qual ambos voltavam com uma espécie de volúpia cruel, era o relato dos sentimentos que ela tivera por outros: ela contava-lhe as cartas que escrevera, lembrava-lhe até mesmo as palavras, recitava-lhe frases inteiras. Nos últimos dias, ela parecia contemplar Julien com uma espécie de alegria maligna. Os sofrimentos dele eram um gozo intenso para ela.

Percebe-se que Julien não tinha a menor experiência da vida, ele não havia lido sequer romances; se não fosse tão inexperiente, teria dito com alguma frieza a essa jovem, por ele tão adorada e que lhe fazia confidências tão estranhas: Admita que, embora eu não valha todos esses senhores, é no entanto a mim que você ama...

Talvez ela ficasse feliz de ser adivinhada; pelo menos, o sucesso dependeria inteiramente

da graça com que Julien exprimisse essa ideia, e do momento escolhido. Em todo caso, ele se sairia bem, e com a vantagem, para ele, de uma situação que ia se tornar monótona para Mathilde.

– E você não me ama mais, a mim que a adoro!, disse-lhe um dia Julien, perdido de amor e de infelicidade. Era a maior tolice que poderia cometer.

Essa frase destruiu, num piscar de olhos, todo o prazer que a srta. de La Mole sentia em falar-lhe do estado de seu coração. Ela começava a surpreender-se que, depois do que se passara, ele não se ofendesse com seus relatos. Chegou até a imaginar, no momento em que Julien lhe dirigiu essa frase tola, que talvez ele não a amasse mais. O orgulho certamente extinguiu seu amor, ela pensava. Ele não é homem de ver-se impunemente preterido por criaturas como Caylus, de Luz, Croisenois, que ele confessa serem-lhe tão superiores. Não, não o verei mais a meus pés!

Nos dias anteriores, na ingenuidade de seu infortúnio, Julien fazia-lhe com frequência um elogio sincero das brilhantes qualidades desses senhores; chegava até a exagerá-las. Esse detalhe não escapara à srta. de La Mole; ela ficara surpresa, mas não adivinhara-lhe a causa. A alma frenética de Julien, ao louvar um rival que ele acreditava amado, simpatizava com sua felicidade.

Sua frase franca, mas estúpida, veio alterar tudo num instante: Mathilde, segura de ser amada, desprezou-o completamente.

Ela passeava com ele no momento dessa frase desastrada; imediatamente o deixou, e seu último olhar exprimia o mais terrível desprezo. No salão, à noite, não olhou mais para ele. No dia seguinte, esse desprezo ocupava todo o seu coração; não havia mais o movimento que, durante oito dias, dera-lhe tanto prazer de tratar Julien como o amigo mais íntimo; a visão dele era-lhe desagradável. A sensação de Mathilde chegou à aversão; nada poderia exprimir o excesso de desprezo que sentia ao vê-lo.

Julien nada compreendera do que se passava no coração de Mathilde nesses oito dias, mas percebeu o desprezo. Teve o bom senso de só aparecer na frente dela o mais raramente possível, e em nenhum momento a olhou.

Mas não foi sem um sofrimento mortal que se privou, de certo modo, da presença dela. Acreditou sentir que sua infelicidade aumentava ainda mais com isso. A coragem de um coração masculino não pode ir mais longe, ele pensava. Passava o tempo junto a uma pequena janela no alto da mansão; a persiana era fechada com cuidado e dali, pelo menos, podia avistar a srta. de La Mole quando ela aparecia no jardim.

Como sofria, então, ao vê-la, depois do almoço, passear com o sr. de Caylus, o sr. de Luz ou algum outro, por quem ela lhe confessara uma veleidade de amor outrora sentida!

Julien não fazia ideia de tal intensidade de sofrimento; sentia vontade de gritar. Essa alma tão firme estava, enfim, perturbada de cima a baixo.

Todo pensamento alheio à srta. de La Mole tornara-se-lhe odioso; era incapaz de escrever as cartas mais simples.

– O que há com você?, disse-lhe o marquês.

Julien, temendo ser descoberto, falou de doença e conseguiu fazer-se acreditar. Felizmente, para ele, o marquês fez gracejos acerca de sua próxima viagem: Mathilde compreendeu que

ela poderia ser bastante longa. Havia já vários dias que Julien a evitava, e os jovens brilhantes que tinham tudo o que faltava a essa criatura pálida e sombria, a quem ela amara, não tinham mais o poder de tirá-la do devaneio.

Uma moça comum, pensava, teria buscado o homem que ela prefere entre esses jovens que atraem todos os olhares num salão; mas um dos traços do gênio é não arrastar seu pensamento no carreiro traçado pelo vulgo.

Companheira de um homem como Julien, a quem só falta a fortuna que possuo, chamarei continuamente a atenção, não passarei despercebida na vida. Longe de temer a todo instante uma revolução como minhas primas, que por temor do povo não ousam repreender um cocheiro que as conduz mal, terei certeza de desempenhar um papel e um grande papel, pois o homem que escolhi tem caráter e uma ambição sem limites. O que lhe falta? Amigos, dinheiro? Darei isso a ele. Mas seu pensamento tratava um pouco Julien como um ser inferior, por quem a gente se faz amar quando quer.

Capítulo XIX

A ÓPERA BUFA

O how this spring of love resembleth
The uncertain glory of an April day;
Which now shows all the beauty of the sun,
And by and by a cloud takes all away!

SHAKESPEARE

OCUPADA COM O futuro e o papel singular que almejava, Mathilde logo chegou a sentir falta das discussões secas e metafísicas que mantinha seguidamente com Julien. Fatigada de tão altos pensamentos, às vezes também sentia falta dos momentos de felicidade que sentira junto dele; essas últimas lembranças não apareciam sem remorsos, que em alguns momentos a atormentavam.

Mas, se temos uma fraqueza, ela pensava, é digno de uma moça como eu somente esquecer seus deveres por um homem de mérito; ninguém dirá que foram seus belos bigodes ou sua graça em montar a cavalo que me seduziram, mas sim suas profundas discussões sobre o futuro que espera a França, suas ideias sobre a semelhança que os acontecimentos que vão se abater sobre nós podem ter com a revolução de 1688 na Inglaterra. Fui seduzida, ela respondia a seus remorsos, sou uma mulher fraca, mas ao menos não fui enganada como uma boneca pelas vantagens exteriores.

Se houver uma revolução, por que Julien Sorel não desempenharia o papel de Roland e eu o de madame Roland? Prefiro esse papel que o de Madame de Staël: a imoralidade da conduta será um obstáculo em nosso século. Certamente não me reprovarão uma segunda fraqueza; eu morreria de vergonha.

Os devaneios de Mathilde, é verdade, não eram todos assim tão graves quanto os pensamento que acabamos de transcrever.

Ela olhava Julien e descobria uma graça encantadora em seus menores atos.

Certamente, dizia a si mesma, consegui destruir nele até a menor ideia que ele faz dos direitos. O ar de infelicidade e de paixão com que o pobre rapaz disse-me aquela frase de amor, há oito dias, é aliás uma prova disso; é preciso convir que fui muito excêntrica em zangar-me com uma frase em que brilhavam tanto respeito, tanta paixão. Não sou a mulher dele? A frase era muito natural e, devo admitir, muito amável. Julien ainda me amava depois de longas conversas nas quais lhe falei apenas, e com muita crueldade, admito, das veleidades de amor que o tédio da vida que levo inspirou-me por esses jovens da sociedade dos quais ele é tão ciumento. Ah! Se ele soubesse como são pouco perigosos para mim! Como me parecem, perto dele, descorados e copiados uns dos outros!

Ao fazer essas reflexões, Mathilde riscava com o lápis, ao acaso, uma folha de seu álbum. Um dos perfis que ela desenhou a surpreendeu, a maravilhou: parecia-se com Julien de uma

maneira impressionante. É a voz do céu! Eis um dos milagres do amor, ela exclamou com enlevo: sem dar-me conta, fiz seu retrato.

Encerrou-se em seu quarto e, com muita aplicação, procurou seriamente fazer o retrato de Julien, mas não conseguiu; o perfil traçado ao acaso continuou sendo o mais parecido. Mathilde ficou encantada, viu nisso uma prova evidente de grande paixão.

Ela só deixou seu álbum muito tarde, quando a marquesa mandou chamá-la para irem à ópera italiana. Ela só teve uma ideia, buscar Julien com os olhos para fazê-lo ser convidado pela mãe a acompanhá-las.

Ele não apareceu; as damas só tiveram pessoas vulgares em seu camarote. Durante todo o primeiro ato, Mathilde sonhou com o homem que ela amava com os transportes da mais viva paixão; mas, no segundo ato, uma máxima de amor cantada, cumpre reconhecer, sobre uma melodia digna de Cimarosa penetrou seu coração. A heroína da ópera dizia: Devo ser punida pelo excesso de adoração que sinto por ele, amo-o demais!

A partir do momento em que ouviu essa cantilena sublime, tudo que existia no mundo desapareceu para Mathilde. Falavam-lhe, e ela não respondia; sua mãe a repreendia, ela mal conseguia dirigir-lhe o olhar. Seu êxtase chegou a um estado de exaltação e de paixão comparável às emoções mais violentas que Julien vinha sentindo por ela há alguns dias. A cantilena, cheia de uma graça divina, sobre a qual era cantada a máxima que parecia aplicar-se de forma tão impressionante à sua situação, ocupava todos os instantes em que ela não pensava diretamente em Julien. Graças a seu amor pela música, ela sentiu nessa noite o que a sra. de Rênal sempre sentia ao pensar em Julien. O amor cerebral certamente tem mais espírito que o amor verdadeiro, mas tem apenas instantes de entusiasmo; ele examina-se demais, julga-se a todo momento; longe de desgarrar o pensamento, é construído à força de pensamentos.

De volta à casa, não importa o que dissesse a sra. de La Mole, Mathilde alegou ter febre e passou uma parte da noite a repetir essa cantilena em seu piano. Ela cantava as palavras da canção que a enfeitiçara:

Devo punirmi, devo punirmi,
Se troppo amai etc.

O resultado dessa noite de loucura foi que ela acreditou ter conseguido triunfar de seu amor. (Esta página prejudicará em mais de uma maneira seu infeliz autor. As almas geladas o acusarão de indecência. Mas ele não comete a injúria, às jovens que brilham nos salões de Paris, de supor que somente uma delas seja suscetível dos movimentos de loucura que degradam o caráter de Mathilde. Essa personagem é totalmente imaginária, e inclusive imaginada fora dos hábitos sociais que entre todos os séculos assegurarão uma posição tão distinta à civilização do século XIX.

Não é de modo nenhum a prudência que falta às jovens que ornaram os bailes deste inverno.

Não penso tampouco que se possa acusá-las de desprezar uma brilhante fortuna, cavalos, belas terras e tudo que assegura uma posição agradável na sociedade. Longe de ver apenas o tédio em todas essas vantagens, estas são geralmente o objeto dos desejos mais constantes, e, se há paixão nos corações, é paixão por elas.

Não é tampouco o amor que governa a fortuna dos jovens dotados de algum talento como

Julien; estes se apegam com um apego invencível a um grupo e, quando o grupo faz fortuna, todas as boas coisas da sociedade chovem sobre eles. Ai do homem de estudo que não pertence a nenhum grupo, reprovar-lhe-ão até pequenos sucessos muito incertos, e a alta virtude triunfará roubando-o. Pois é, senhores, um romance é um espelho que se leva por uma grande estrada. Ora ele reflete a vossos olhos o azul do céu, ora a imundície do lodaçal da estrada. E o homem que transporta o espelho nas costas será por vós acusado de ser imoral! Seu espelho mostra a imundície, e acusais o espelho! Acusai antes o grande caminho onde está o lodaçal, e mais ainda o inspetor de estradas que deixar a água empoçar-se e o lodaçal formar-se.

Agora que está bem entendido ser o caráter de Mathilde impossível em nosso século, não menos prudente que virtuoso, receio irritar menos ao continuar o relato das loucuras dessa encantadora jovem.)

Durante todo o dia seguinte, ela espreitou as ocasiões de poder triunfar de sua louca paixão. Seu principal objetivo foi desagradar em tudo a Julien; mas nenhum dos movimentos dele lhe escapou.

Julien estava infeliz demais e sobretudo agitado demais para adivinhar uma manobra de paixão tão complicada, muito menos pôde perceber o que ela encerrava a seu favor: ele foi a vítima dessa manobra; talvez jamais sua infelicidade tenha sido tão excessiva. Suas ações estavam tão pouco sob a direção de seu espírito que, se um filósofo mal-humorado lhe dissesse: "Aproveite rapidamente as disposições que lhe forem favoráveis; nesse tipo de amor cerebral que vemos em Paris, a mesma maneira de ser não pode durar mais de dois dias", ele não o teria compreendido. Mas, ainda que estivesse exaltado, Julien tinha honra. Compreendeu que seu primeiro dever era a discrição. Pedir conselho, contar seu suplício ao primeiro que aparecesse teria sido uma felicidade comparável à do desgraçado que, atravessando um deserto ardente, recebe do céu uma gota de água gelada. Ele percebeu o perigo, temeu responder por uma torrente de lágrimas ao indiscreto que o interrogasse, e encerrou-se em seu quarto.

Viu Mathilde passear um longo tempo no jardim; quando enfim ela o deixou, ele desceu até lá; aproximou-se de uma roseira onde ela colhera uma flor.

A noite estava escura, ele pôde entregar-se a toda a sua infelicidade sem o perigo de ser visto. Era evidente para ele que a srta. de La Mole amava um daqueles jovens oficiais com quem acabara de conversar tão alegremente. Ela o havia amado, mas descobrira seu pouco mérito.

E, de fato, tenho-o bem pouco!, dizia-se Julien com plena convicção; afinal de contas, sou uma criatura vulgar, muito enfadonha para os outros, muito insuportável para mim mesmo. Estava mortalmente aborrecido com todas as suas boas qualidades, com todas as coisas que amara com entusiasmo; e, nesse estado de *imaginação invertida*, quis julgar a vida com sua imaginação. Esse erro é o de um homem superior.

Várias vezes a ideia do suicídio lhe ocorreu; essa imagem era cheia de encantos, era como um repouso delicioso; era o copo de água gelada oferecido ao miserável que, no deserto, morre de sede e de calor.

Minha morte aumentará o desprezo que ela tem por mim!, exclamou. Que lembrança

deixarei!

Caído nesse último abismo da infelicidade, um ser humano não tem outro recurso senão a coragem. Julien não teve gênio suficiente para dizer-se: é preciso ousar; mas, ao olhar a janela do quarto de Mathilde, viu através das persianas que ela apagava a luz: ele imaginou aquele quarto encantador que vira só uma vez na vida. Sua imaginação não ia mais longe.

Soou uma hora; ouvir o som do relógio e dizer-se: vou subir com a escada, foi questão de um segundo.

Foi o lampejo do gênio, as boas razões apresentaram-se em profusão. Posso ser mais infeliz?, pensou. Correu até a escada, o jardineiro a acorrentara. Com o auxílio da lingueta de uma de suas pistolas, que ele quebrou, Julien, animado nesse momento de uma força sobre-humana, torceu um dos elos da corrente que retinha a escada; em poucos minutos apoderou-se dela e colocou-a contra a janela de Mathilde.

Ela vai zangar-se, desprezar-me, mas que importa? Dou-lhe um beijo, um último beijo, subo até meu quarto e mato-me...: meus lábios tocarão sua face antes de eu morrer!

Ele voava ao subir a escada. Bate à persiana; alguns instantes depois Mathilde o escuta, ela quer abrir a persiana, a escada a impede: Julien agarra-se ao gancho de ferro destinado a manter a persiana aberta e, com o risco de precipitar-se para sempre, dá um violento empurrão na escada, deslocando-a um pouco. Mathilde consegue abrir a persiana.

Ele lança-se no quarto mais morto que vivo:

– Então és tu! diz ela, precipitando-se em seus braços...

.....

Quem poderá descrever o excesso de felicidade de Julien? A de Mathilde foi quase igual.

Ela falava-lhe contra si mesma, denunciando a si mesma.

– Castiga-me por meu orgulho atroz, dizia, estreitando-o nos braços até quase sufocá-lo; és meu senhor, sou tua escrava, devo pedir perdão de joelhos por ter querido revoltar-me. E deixava os braços dele para cair-lhe aos pés. Sim, és meu senhor, ela dizia ainda ébria de felicidade e de amor; reina para sempre sobre mim, pune severamente tua escrava quando ela quiser revoltar-se.

Num outro momento, ela arranca-se dos braços dele, acende a vela, e Julien tem a maior dificuldade do mundo para impedi-la de cortar todo um lado de seus cabelos.

– Quero lembrar-me, disse ela, que sou tua serva: se alguma vez um execrável orgulho vier desencaminhar-me, mostra-me esses cabelos e diz: não se trata mais de amor, não se trata da emoção que sua alma possa sentir neste momento, você jurou obedecer, obedeça então por honra.

Mas é mais sensato suprimir a descrição de tal grau de desgarramento e de bem-aventurança.

A virtude de Julien igualou-se à sua felicidade; devo descer pela escada, ele disse a Mathilde quando viu a aurora despontar sobre as chaminés distantes a oriente, mais além dos jardins. O sacrifício que me imponho é digno de você, privo-me de algumas horas da mais espantosa felicidade que uma alma humana pode sentir, é um sacrifício que faço por sua reputação: se conhece meu coração, compreenderá a violência que me imponho. Você será sempre para mim o que é neste momento? Mas a honra fala, isso basta. Saiba que, no nosso

primeiro encontro, nem todas as suspeitas foram dirigidas contra os ladrões. O sr. de La Mole mandou montar guarda no jardim. O sr. de Croisenois está cercado de espiões, sabe-se o que ele faz toda noite...

A essa ideia, Mathilde soltou uma gargalhada. Sua mãe e uma criada foram despertadas, logo dirigiam-lhe a palavra através da porta. Julien fitou-a, ela empalideceu enquanto resmungava à camareira, e não se dignou dirigir a palavra à mãe.

– Mas, se elas tiverem a ideia de abrir a janela, verão a escada!, disse-lhe Julien.

Ele a apertou novamente nos braços, lançou-se à escada e mais deixou-se escorregar do que desceu; num instante chegou ao chão.

Três segundos depois, a escada estava sob a aleia de tílias, e a honra de Mathilde, salva. Julien, voltando a si, viu-se ensanguentado e quase nu: ferira-se ao deixar-se escorregar sem precaução.

O excesso de felicidade devolvera-lhe toda a energia de seu caráter: se vinte homens tivessem se apresentado, atacá-los sozinho, naquele instante, teria sido apenas um prazer a mais. Felizmente, sua virtude militar não foi posta à prova: pôs a escada no seu lugar de costume; recolocou a corrente que a prendia; não esqueceu de apagar a marca que a escada deixara no canteiro de flores exóticas sob a janela de Mathilde.

Enquanto na obscuridade passava a mão sobre a terra para assegurar-se que a marca fora completamente apagada, sentiu cair alguma coisa sobre suas mãos, era todo um lado dos cabelos de Mathilde, que ela cortara e lhe atirara.

Ela estava à janela.

– Eis o que te envia tua serva, disse, bastante alto; é o sinal de uma obediência eterna. Renuncio ao exercício de minha razão, sê meu mestre.

Julien, vencido, esteve a ponto de pegar de novo a escada e tornar a subir até o quarto dela. Mas a razão acabou prevalecendo.

Voltar do jardim à mansão não era uma coisa fácil. Ele conseguiu forçar a porta de uma adega; dentro da casa, foi obrigado a arrombar o mais silenciosamente possível a porta de seu quarto. Em sua perturbação, havia deixado, no quarto que acabava de abandonar tão rapidamente, até a chave que estava no bolso de seu traje. Tomara que ela se lembre de esconder esses despojos mortais!, pensou.

Por fim, a fadiga foi maior que a felicidade e, quando o sol despontava, caiu num sono profundo.

Acordou com dificuldade com a sineta do almoço e apareceu na sala de refeições. Logo depois Mathilde entrou. O orgulho de Julien teve um momento de felicidade ao ver o amor que brilhava nos olhos daquela pessoa tão bela e cercada de tantas homenagens; mas logo sua prudência teve motivos para se assustar.

Sob pretexto de que tivera pouco tempo para cuidar do penteado, Mathilde arranjara os cabelos de modo a que Julien pudesse perceber à primeira vista toda a extensão do sacrifício que fizera por ele, ao cortá-los na noite precedente. Se um rosto tão belo pudesse ser estragado por alguma coisa, Mathilde o teria conseguido; todo um lado de seus belos cabelos, de um louro cendrado, estava cortado a meia polegada do crânio.

No almoço, toda a maneira de ser de Mathilde correspondeu a essa primeira imprudência.

Dir-se-ia que ela se esforçava por fazer todos saberem da louca paixão que sentia por Julien. Felizmente, naquele dia, o sr. de La Mole e a marquesa estavam muito preocupados com uma sessão de condecorações na qual o sr. de Chaulnes não estava incluído. No final da refeição, Mathilde, que falava a Julien, chegou a chamá-lo *meu mestre*. Ele corou até à raiz dos cabelos.

Seja por acaso ou por ordem expressa da sra. de La Mole, Mathilde não esteve um instante a sós nesse dia. À noite, ao passar da sala de jantar para o salão, ela encontrou no entanto o momento de dizer a Julien:

– Acreditará que é um pretexto da minha parte? Mamãe acaba de decidir que uma de suas criadas ficará à noite em meus aposentos.

O dia passou como um raio. Julien estava no auge da felicidade. Já às sete horas, na manhã seguinte, estava instalado na biblioteca; esperava que a srta. de La Mole se dignasse aparecer ali; ele escrevera-lhe uma carta imensa.

Somente a viu muitas horas depois, no almoço. Nesse dia, estava penteada com o maior cuidado; uma arte maravilhosa encarregara-se de ocultar os cabelos cortados. Ela olhou uma ou duas vezes para Julien, mas com olhos polidos e calmos; não era mais o caso de chamá-lo *meu mestre*.

O espanto de Julien impedia-o de respirar... Mathilde reprovava-se quase tudo o que fizera por ele.

Pensando de forma mais madura, ela decidira que ele era, se não um indivíduo completamente comum, ao menos não suficientemente incomum para merecer as estranhas loucuras que ousara por ele. Em suma, ela não pensava mais em amor; naquele dia, estava cansada de amar.

Para Julien, os movimentos de seu coração foram os de um rapaz de dezesseis anos. A dúvida terrível, o espanto, o desespero ocuparam-no sucessivamente durante esse almoço, que lhe pareceu durar uma eternidade.

Assim que pôde deixar com decoro a mesa, precipitou-se, mais do que correu, até a estrebaria, selou ele próprio o cavalo e partiu a galope; temia desonrar-se por alguma fraqueza. Preciso matar meu coração à força de cansaço físico, dizia a si mesmo, galopando pelos bosques de Meudon. Que fiz, que disse para merecer tal desgraça?

Nada devo fazer nem dizer hoje, pensou, de volta à mansão; estar morto no físico como estou no moral. Julien não vive mais, é seu cadáver que ainda se agita.

Capítulo XX

O VASO JAPONÊS

Seu coração não compreende, de início, todo o excesso de sua infelicidade; está mais perturbado que comovido. Mas, à medida que a razão retorna, ele sente a profundidade de seu infortúnio. Todos os prazeres da vida estão aniquilados para ele, que pode sentir apenas os vivos aguilhões que o dilaceram. Mas para que falar de dor física? Que dor sentida apenas pelo corpo é comparável a essa?

JEAN PAUL

TOCAVAM A SINETA DO JANTAR, Julien teve tempo apenas de vestir-se; no salão encontrou Mathilde, que instava o irmão e o sr. de Croisenois para que não fossem à noite a Suresnes, na casa da sra. marechala de Fervaques.

Teria sido difícil ser mais sedutora e mais amável para com eles. Depois do jantar apareceram os srs. de Luz, de Caylus e vários de seus amigos. Dir-se-ia que a srta. de La Mole havia retomado, com o culto da amizade fraterna, o das conveniências mais exatas. Embora o tempo estivesse agradável nessa noite, ela insistiu para que não fossem ao jardim; quis que não se afastassem da *bergère* onde estava a sra. de La Mole. O canapé azul foi o centro do grupo, como no inverno.

Mathilde estava indisposta contra o jardim, ou ao menos este lhe parecia perfeitamente enfadonho: estava ligado à lembrança de Julien.

A infelicidade diminui a inteligência. Nosso herói teve a má ideia de ficar junto àquela cadeira de palha, que outrora fora a testemunha de triunfos tão brilhantes. Nesse dia ninguém lhe dirigiu a palavra; sua presença era como despercebida, e pior ainda. Aqueles dentre os amigos da srta. de La Mole que estavam perto dele, na extremidade do canapé, fingiam de certo modo virar-lhe as costas, pelo menos ele teve essa impressão.

É um banimento de corte, pensou. Quis estudar por um instante as pessoas que pretendiam acabrunhá-lo com seu desdém.

O tio do sr. de Luz tinha um cargo importante junto ao rei, o que fazia esse elegante oficial colocar no começo de sua conversação, com cada interlocutor que aparecesse, esta curiosidade: seu tio pusera-se a caminho de Saint-Cloud às sete da manhã e contava passar a noite lá. Esse detalhe era dito com toda a aparência da naturalidade, mas sempre se repetia.

Observando o sr. de Croisenois com o olhar severo da infelicidade, Julien notou a extrema influência que esse bom e amável jovem supunha às causas ocultas, a ponto de entristecer-se e ficar mal-humorado se visse um acontecimento um pouco importante ser atribuído a uma causa simples e natural. Há nisso um pouco de loucura, pensou Julien. Esse caráter tem uma relação impressionante com o do imperador Alexandre, tal como me descreveu o príncipe Korasoff. Durante o primeiro ano de sua estada em Paris, o pobre Julien, recém-saído do seminário e

deslumbrado com os encantos para ele tão novos desses amáveis jovens, não pudera senão admirá-los. O verdadeiro caráter deles somente agora começava a desenhar-se a seus olhos.

Desempenho aqui um papel indigno, ele pensou, de repente. A questão era deixar sua pequena cadeira de palha de um modo que não fosse muito inábil. Quis inventar, pedia algo de novo a uma imaginação muito ocupada com outras coisas. Era preciso recorrer à memória; a dele, tinha que admitir, era pouco rica em recursos desse gênero. O pobre rapaz tinha ainda pouca prática; assim, ele foi de uma inabilidade perfeita e notada por todos quando se levantou para deixar o salão. A infelicidade era demasiado evidente em toda a sua maneira de ser. Há três quartos de hora desempenhava o papel de um importuno subalterno ao qual ninguém se dá o trabalho de esconder o que pensa dele.

Contudo, as observações críticas que acabava de fazer sobre os rivais impediram-no de tomar sua infelicidade como algo muito trágico; para sustentar seu orgulho, ele tinha a lembrança do que se passara na antevéspera. Não importa as vantagens que eles possuam, pensava, ao entrar sozinho no jardim, Mathilde não foi para nenhum deles o que por duas vezes na vida foi para mim.

Sua sabedoria não foi mais longe. Ele não compreendia de modo algum o caráter da pessoa singular que o acaso transformara em dona absoluta de toda a sua felicidade.

Limitou-se, no dia seguinte, a matar de cansaço a si e ao cavalo. Não tentou mais aproximar-se, à noite, do canapé azul, ao qual Mathilde era fiel. Notou que o conde Norbert não se dignava sequer olhá-lo quando o encontrava na casa. Sendo naturalmente tão polido, pensou, ele deve impor-se uma estranha violência.

Para Julien, o sono teria sido a felicidade. A despeito do cansaço físico, lembranças sedutoras começavam a invadir sua imaginação. Ele não soube perceber que, por suas corridas a cavalo nos bosques dos arredores de Paris, não agindo senão sobre si próprio e de maneira nenhuma sobre o coração ou o espírito de Mathilde, deixava ao acaso a disposição de seu destino.

Parecia-lhe que uma coisa traria à sua dor um alívio infinito: falar a Mathilde. Mas o que ousaria dizer a ela?

Era nisso que ele pensava profundamente, uma manhã, às sete horas, quando a viu de repente entrar na biblioteca.

– Sei que deseja falar-me, senhor.

– Santo Deus! Quem lhe disse?

– Eu sei, que importa? Se o senhor não tiver honra, poderá arruinar-me ou ao menos tentar arruinar-me; mas não creio que esse perigo seja real, e ele certamente não me impedirá de ser sincera. Não o amo mais, senhor, minha imaginação louca me enganou...

A esse golpe terrível, perdido de amor e de infelicidade, Julien tentou justificar-se. Nada mais absurdo. Alguém justifica-se por desagradar? Mas a razão não tinha mais nenhum domínio sobre as ações dele. Um instinto cego o impelia a retardar a decisão de sua sorte. Parecia-lhe que, enquanto falasse, nem tudo estava terminado. Mathilde escutava suas palavras, o som delas a irritava, ela não concebia que ele tivesse a audácia de interrompê-la.

Os remorsos da virtude e os do orgulho tornavam-na, naquela manhã, igualmente infeliz. Sentia-se, de certo modo, arrasada pela terrível ideia de ter dado direitos sobre ela a um

padrezinho, filho de um camponês. É mais ou menos, dizia a si mesma nos momentos em que exagerava sua infelicidade, como se eu tivesse que censurar-me uma fraqueza por um dos lacaios.

Nos caracteres ousados e orgulhosos há somente um passo da cólera contra si mesma à violência contra os outros; os transportes de fúria são, nesse caso, um intenso prazer.

Num instante, a srta. de La Mole passou a mostrar a Julien as marcas de desprezo mais excessivas. Ela era muito inteligente, e essa inteligência triunfava na arte de torturar o amor-próprio alheio e de infligir-lhe feridas cruéis.

Pela primeira vez na vida, Julien via-se submetido a uma inteligência superior, animada contra ele do ódio mais violento. Longe de pensar em defender-se nesse instante, passou a desprezar a si mesmo. Ao ver-se atingido por palavras de desprezo tão cruéis, e calculadas com tanto espírito para destruir qualquer boa opinião que pudesse ter de si próprio, parecia-lhe que Mathilde tinha razão e que ela não dizia o suficiente.

Quanto a ela, era com um delicioso prazer de orgulho que punia desse modo, a ela e a ele, pela adoração que sentira alguns dias atrás.

Ela não tinha necessidade de inventar e de pensar pela primeira vez as coisas cruéis que lhe dirigia com tanta complacência. Apenas repetia o que há oito dias lhe ditava em seu coração o advogado do partido contrário ao amor.

Cada palavra multiplicava por cem a terrível infelicidade de Julien. Ele quis fugir, a srta. de La Mole reteve-o pelo braço com autoridade.

– Queira observar, disse ele, que está falando muito alto, irão escutá-la na peça vizinha.

– Que importa!, respondeu orgulhosamente a srta. de La Mole, quem ousará dizer-me que me escutam? Quero curar para sempre seu pequeno amor-próprio das ideias que ele pôde formar a meu respeito.

Quando Julien pôde sair da biblioteca, estava tão espantado que sentia menos sua infelicidade. Com que então ela não mais me ama, repetia, falando a si mesmo como para tomar consciência de sua posição. Parece que ela me amou por oito ou dez dias, e eu a amarei a vida inteira.

Será possível? Há poucos dias ela não significava nada, nada para o meu coração!

As satisfações do orgulho inundavam o coração de Mathilde; ela fora capaz de romper para sempre. Triunfar tão completamente de uma inclinação tão poderosa a faria perfeitamente feliz. Assim esse pequeno burguês compreenderá, e de uma vez por todas, que não tem e jamais terá nenhum domínio sobre mim. Estava tão feliz que realmente não sentia mais amor naquele momento.

Depois de uma cena tão cruel, tão humilhante, num indivíduo menos apaixonado que Julien, o amor teria se tornado impossível. Sem afastar-se um só instante do que devia a si mesma, a srta. de La Mole dissera-lhe aquelas coisas desagradáveis de uma forma tão bem calculada que elas podiam parecer uma verdade, mesmo quando examinadas depois com frieza.

A conclusão que Julien tirou, no primeiro momento, de uma cena tão espantosa foi que Mathilde tinha um orgulho infinito. Ele acreditava firmemente que tudo estava acabado para sempre entre os dois; no entanto, no dia seguinte durante o almoço, mostrou-se desajeitado e tímido diante dela. Era um defeito que não lhe podiam ter reprovado até então. Tanto nas

pequenas como nas grandes coisas, ele sabia claramente o que devia e queria fazer, e o executava.

Naquele dia, depois do almoço, como a sra. de La Mole lhe pedisse um folheto sedicioso e no entanto muito raro que, de manhã, o pároco lhe trouxera em segredo, Julien, ao pegá-lo sobre um console, deixou cair um vaso de porcelana azul, horrivelmente feio.

A sra. de La Mole levantou-se, dando um grito de pesar, e veio examinar de perto as ruínas de seu querido vaso. Era um antigo vaso japonês, dizia, pertenceu à minha tia-avó, a abadessa de Chelles; era um presente dos holandeses ao duque de Orléans, o regente, que o dera à filha...

Mathilde seguira o movimento da mãe, encantada de ver quebrado esse vaso azul que julgava horroroso. Julien estava em silêncio e não muito perturbado; viu a srta. de La Mole muito perto de si.

– Esse vaso, ele disse a ela, está destruído para sempre, como o está um sentimento que foi outrora senhor do meu coração; peço-lhe aceitar minhas desculpas por todas as loucuras que ele me fez fazer; e saiu.

– Na verdade, disse a sra. de La Mole quando ele se retirou, o sr. Sorel parece até estar contente e orgulhoso do que acaba de fazer.

Essa frase caiu em cheio sobre o coração de Mathilde. É verdade, ela pensou, minha mãe adivinhou com exatidão, é esse o sentimento que o anima. Somente então cessou a alegria da cena que ela lhe fizera na véspera. Pois bem, tudo está acabado, disse a si mesma com uma calma aparente; resta-me um grande exemplo; esse erro foi terrível, humilhante! Ele me ensinará a prudência pelo resto da vida.

Terei dito a verdade?, pensava Julien. Por que o amor que eu tinha por essa louca me atormenta ainda?

Esse amor, longe de extinguir-se como ele esperava, fez progressos rápidos. Ela de fato é louca, ele pensava, mas é menos adorável? É possível ser mais encantadora? Tudo o que a civilização mais elegante pode oferecer de prazeres vivos não estava reunido, como que à porfia, na srta. de La Mole? Essas lembranças de felicidade passada apoderavam-se de Julien e destruíam rapidamente todo o trabalho de sua razão.

A razão luta em vão contra lembranças desse tipo; seus esforços severos não fazem senão aumentar o encanto delas.

Vinte e quatro horas depois de ter quebrado o velho vaso japonês, Julien era decididamente um dos homens mais infelizes.

Capítulo XXI

A NOTA SECRETA

Pois tudo o que conto, eu o vi; e, se pude enganar-me ao vê-lo, é certo que não vos engano de modo algum ao dizê-lo.

CARTA AO AUTOR

O MARQUÊS MANDOU CHAMÁ-LO; o sr. de La Mole parecia rejuvenescido, seus olhos brilhavam.

– Falemos um pouco de sua memória, disse a Julien, dizem que é prodigiosa! Poderia decorar quatro páginas e ir recitá-las em Londres? Mas sem modificar uma só palavra!...

O marquês amarrotava com raiva o *La Quotidienne* do dia e procurava em vão dissimular um ar muito sério que Julien nunca vira nele, mesmo por ocasião do processo Frilair.

Julien tinha já bastante experiência para perceber que devia fingir acreditar no tom superficial que lhe era mostrado.

– Esse número do *La Quotidienne* talvez não seja muito divertido; mas, se o sr. marquês permite, amanhã de manhã terei a honra de recitá-lo por inteiro.

– Quê! até mesmo os anúncios?

– Exatamente, e sem que falte uma só palavra.

– Dá sua palavra?, redarguiu o marquês, com uma gravidade súbita.

– Sim, senhor, o simples temor de uma falta poderia perturbar minha memória.

– É que esqueci de fazer-lhe essa pergunta ontem: não lhe peço um juramento nem que jamais repita o que irá ouvir; conheço-o muito bem para fazer-lhe essa injúria. Respondi por você, vou levá-lo a um salão onde se reunirão doze pessoas; você anotará o que cada um disser.

Não se preocupe, não será uma conversa confusa, cada um falará por vez, o que não quer dizer em ordem, acrescentou o marquês, retomando o ar fino e ligeiro que lhe era tão natural. Enquanto falarmos, você escreverá umas vinte páginas; depois retornará aqui comigo, reduziremos essas vinte páginas a quatro. São essas quatro páginas que me recitará amanhã de manhã, em vez do número inteiro do *La Quotidienne*. Partirá logo depois; terá que correr até a Posta como um jovem que viaja para seus prazeres. Seu objetivo será não ser notado por ninguém. Chegará junto a uma importante figura. Então precisará de mais habilidade. Trata-se de enganar todos que o cercam; pois entre os secretários e os criados dele há pessoas vendidas a nossos inimigos e que vigiam nossos agentes para interceptá-los. Terá uma carta de recomendação insignificante. No momento em que Sua Excelência o fitar, tirará este meu relógio, que lhe empresto para a viagem. Leve-o, ele servirá de senha, dê-me o seu em troca. O próprio duque escreverá sob seu ditado as quatro páginas que terá aprendido de cor. Feito isso, mas não antes, note bem, poderá, se Sua Excelência o interrogar, relatar-lhe a sessão à qual irá assistir. O que o impedirá de aborrecer-se ao longo da viagem é que, entre Paris e a residência do ministro, há pessoas que gostariam muito de dar um tiro de fuzil no sr. Sorel.

Então sua missão acabou e vejo um grande problema: como tomaremos conhecimento, meu caro, de sua morte? Seu zelo não pode chegar ao ponto de nos comunicá-la.

Vá agora mesmo comprar um traje completo, retomou o marquês, com um ar sério. Vista-se como o fazia dois anos atrás. Esta noite, deve ter um aspecto um pouco descuidado. Em viagem, ao contrário, vista-se como de costume. Isso o surpreende? Sua desconfiança adivinha? Sim, meu amigo, uma das veneráveis figuras que ouvirá opinar é muito capaz de passar informações, por meio das quais poderão dar-lhe no mínimo ópio, à noite, ao cear em alguma hospedagem do caminho.

– Seria melhor, disse Julien, andar trinta léguas a mais e não fazer o caminho direto. Trata-se de Roma, suponho...

O marquês assumiu um ar de altivez e de descontentamento que Julien não via nele desde Bray-le-Haut.

– É o que saberá, senhor, quando eu julgar oportuno dizer-lhe. Não gosto de perguntas.

– Não era uma pergunta, redarguiu Julien com efusão; juro, senhor, eu pensava em voz alta, buscava em meu espírito o caminho mais seguro.

– Sim, parece que seu espírito estava bem distante. Nunca esqueça que um embaixador, ainda mais na sua idade, não deve dar a impressão de forçar a confiança.

Julien sentiu-se muito mortificado, ele cometera uma falta. Seu amor-próprio buscava uma desculpa e não a encontrava.

– Compreenda então, acrescentou o sr. de La Mole, que sempre invocamos o coração quando fazemos alguma tolice.

Uma hora depois, Julien estava na antecâmara do marquês com um ar subalterno, roupas antigas, uma gravata de um branco duvidoso, e algo de criado em toda a sua aparência.

Ao vê-lo o marquês deu uma risada, e somente então a justificação de Julien foi completa.

Se esse jovem trair-me, pensava o sr. de La Mole, em quem confiar? No entanto, quando se age, é preciso confiar em alguém. Meu filho e seus brilhantes amigos de igual quilate têm coragem e fidelidade de sobra; se fosse preciso combater, morreriam nos degraus do trono, eles sabem tudo... exceto o que é necessário neste momento. Duvido que algum deles pudesse decorar quatro páginas e andar cem léguas sem ser descoberto. Norbert saberia fazer-se matar como seus antepassados, mas esse é também o mérito de um recruta...

O marquês mergulhou num devaneio profundo: E ainda assim, pensou com um suspiro, talvez esse Sorel soubesse fazer-se matar tão bem quanto ele...

– Tomemos a carruagem, disse o marquês, como para expulsar uma ideia importuna.

– Senhor, disse Julien, enquanto preparavam-me esse traje, decorei a primeira página do *La Quotidienne* de hoje.

O marquês pegou o jornal. Julien recitou sem errar uma só palavra. Bom, disse o marquês, muito diplomata esta noite; durante esse tempo, pensou, esse jovem não observa as ruas pelas quais passamos.

Chegaram a um grande salão de aspecto bastante triste, forrado em parte de soalho, em parte de veludo verde. No meio do salão, um lacaio carrancudo acabava de colocar uma grande mesa de refeições, mais tarde transformada em mesa de trabalho por meio de um imenso tapete verde manchado de tinta, despojo de algum ministério.

O dono da casa era um homem enorme, cujo nome não foi pronunciado; para Julien, ele tinha a fisionomia e a eloquência de um homem que digere.

A um sinal do marquês, Julien postara-se na extremidade inferior da mesa. Para disfarçar sua atrapalhação, pôs-se a cortar plumas do tapete. Com o canto dos olhos, contou sete interlocutores, mas Julien só os via de costas. Dois deles pareceram-lhe dirigir a palavra ao sr. de La Mole num tom de igualdade, os outros mostravam-se mais ou menos respeitosos.

Um novo personagem entrou sem ser anunciado. Isso é estranho, pensou Julien, as pessoas não são anunciadas neste salão. Seria uma precaução tomada por minha causa? Todos levantaram-se para receber o recém-chegado. Ele usava a mesma condecoração distinta que ostentavam outras três pessoas que já estavam no salão. Falava-se em voz muito baixa. Para julgar o recém-chegado, Julien limitou-se ao que podiam lhe informar seus traços e seu porte. Era baixo e atarracado, de pele escura, olhos brilhantes e sem outra expressão que uma maldade de javali.

A atenção de Julien foi desviada pela chegada quase imediata de uma criatura completamente diferente. Era um homem alto, muito magro e que vestia três ou quatro coletes. Seu olhar era delicado, seus gestos, polidos.

Tem a mesma expressão do velho bispo de Besançon, pensou Julien. Esse homem pertencia evidentemente à Igreja, não aparentava mais de cinquenta ou cinquenta e cinco anos, era impossível ter um ar mais paternal.

O jovem bispo de Agde também apareceu e ficou muito espantado quando, ao passar em revista os presentes, seus olhos chegaram a Julien. Não se viam desde a cerimônia de Bray-le-Haut. Seu olhar surpreso embaraçou e irritou Julien. Ora essa! Este pensava, conhecer um homem será sempre uma desgraça para mim? Todos esses grandes senhores que nunca vi não me intimidam de modo algum, e o olhar desse jovem bispo congela-me! Devo convir que sou uma criatura muito singular e muito infeliz.

Um homenzinho muito sinistro entrou em seguida com estrépito e pôs-se a falar desde a porta; tinha a tez amarelada e o aspecto um pouco demente. Logo à chegada desse falante implacável, grupos se formaram, aparentemente para evitar o aborrecimento de escutá-lo.

Ao se afastarem da lareira, eles se aproximavam da extremidade da mesa onde estava Julien. Sua situação tornava-se cada vez mais embaraçosa, pois, por mais esforços que fizesse, não podia deixar de ouvir e, por pouca experiência que tivesse, compreendia toda a importância das coisas que falavam sem nenhum disfarce, e o quanto aqueles altos personagens a seu redor deviam querer que elas permanecessem secretas.

Julien já havia cortado, o mais lentamente possível, umas vinte plumas do tapete; esse recurso se esgotava. Em vão buscava uma ordem nos olhos do sr. de La Mole; o marquês o esquecera.

O que faço é ridículo, pensava Julien ao cortar suas plumas; mas homens com fisionomia tão medíocre, e encarregados por outros ou por eles mesmos de tão grandes interesses, devem ser muito suscetíveis. Meu desgraçado olhar tem algo de interrogativo e de pouco respeitoso, que certamente os incomodaria. Se baixo decididamente os olhos, darei a impressão de colecionar suas palavras.

Seu embaraço era extremo, ele ouvia coisas singulares.

Capítulo XXII

A DISCUSSÃO

A república – atualmente, para um que sacrificaria tudo pelo bem público, há milhares e milhões que não conhecem senão seus prazeres, sua vaidade. As pessoas são consideradas, em Paris, por causa de sua carruagem e não por causa de sua virtude.

NAPOLEÃO, *Memorial*

O LACAIO ENTROU PRECIPITADAMENTE, anunciando: O senhor duque de ***.

– Cale-se, você não passa de um idiota, disse o duque ao entrar. Disse tão claramente essa frase, e com tanta majestade, que espontaneamente Julien pensou que saber indispor-se contra um lacaio era toda a ciência desse grande personagem. Julien ergueu os olhos e os baixou em seguida. Tendo adivinhado a importância do recém-chegado, temeu que seu olhar fosse uma indiscrição.

Esse duque era um homem de cinquenta anos, vestido como um dândi e com um andar elástico. Tinha a cabeça estreita, um nariz grande e um rosto arqueado para a frente; seria difícil ter o aspecto mais nobre e mais insignificante ao mesmo tempo. Sua chegada determinou a abertura da sessão.

Julien foi interrompido em suas observações fisionômicas pela voz do sr. de La Mole. – Apresento-lhes o sr. abade Sorel, dizia o marquês; ele é dotado de uma memória espantosa; há cerca de uma hora lhe falei da missão com que podia ser honrado e, a fim de dar uma prova de sua memória, decorou a primeira página do *La Quotidienne*.

– Ah! As notícias estrangeiras desse pobre N..., disse o dono da casa. Ele pegou o jornal com prontidão e, olhando para Julien com um ar divertido, à força de querer ser importante, disse-lhe: fale, senhor.

O silêncio era profundo, todos os olhos fixos em Julien; ele recitou tão bem que, ao cabo de vinte linhas, o duque falou: é o suficiente. O homenzinho com olhar de javali sentou-se. Era o presidente, pois, assim que se acomodou, mostrou a Julien uma mesa de jogo e fez-lhe um sinal que a trouxesse para junto dele. Julien instalou-se ali com o que era necessário para escrever. Ele contou doze pessoas sentadas em volta do tapete verde.

– Sr. Sorel, disse o duque, retire-se para a peça vizinha, mandaremos chamá-lo.

O dono da casa mostrou-se inquieto: Os postigos não estão fechados, disse a meia-voz ao vizinho. – É inútil olhar pela janela, gritou tolamente a Julien. Eis-me envolvido, no mínimo, numa conspiração, este pensou. Felizmente, não é daquelas que conduzem à praça de Grève. Ainda que haja perigo, devo isso e muito mais ao marquês. Quem dera fosse-me dado reparar todo o desgosto que minhas loucuras podem lhe causar um dia!

Por um longo tempo Julien ficou entregue a suas reflexões. Ele estava num salão forrado de veludo vermelho com grandes franjas douradas. Havia sobre o console um grande crucifixo de

marfim e, sobre a lareira, o livro do Papa, do sr. de Maistre, com a lombada dourada e magnificamente encadernado. Julien abriu-o para não dar a impressão de escutar. De quando em quando falavam muito alto na peça vizinha. Finalmente a porta abriu-se, chamaram-no.

– Considerem, senhores, dizia o presidente, que a partir desse momento falamos diante do duque de ***. Este senhor, e apontou Julien, é um jovem levita, devotado à nossa causa, e que transmitirá facilmente, com auxílio de sua memória espantosa, até nossas menores palavras.

A palavra é do senhor, disse ele, indicando a figura de ar paternal e que vestia três ou quatro coletes.

Julien achou que teria sido mais natural chamá-lo o senhor dos coletes. Pegou o papel e escreveu muito.

(Aqui, o autor teria preferido colocar uma página de reticências. Isso ficaria sem graça, diz o editor, e, para um escrito tão frívolo, a falta de graça seria mortal.

– A política, responde o autor, é uma pedra atada ao pescoço da literatura e que, em menos de seis meses, a submerge. A política em meio aos interesses da imaginação é como um tiro de pistola em meio a um concerto. É um ruído dilacerante sem ser enérgico. Não combina com o som de nenhum instrumento. Essa política irá ofender mortalmente uma metade dos leitores e aborrecer a outra, que, ao contrário, a julgou especial e enérgica no jornal da manhã...

– Se seus personagens não falarem de política, retoma o editor, não são mais franceses de 1830, e seu livro não é mais um espelho, como pretende que seja...)

A ata de Julien tinha vinte e seis páginas; eis aqui um resumo muito pálido; pois foi preciso, como sempre, suprimir os ridículos cujo excesso teria parecido odioso ou pouco verossímil (ver a *Gazette des Tribunaux*).

O homem dos coletes e de ar paternal (talvez fosse um bispo) sorria com frequência, e então seus olhos, cercados de pálpebras empapuçadas, adquiriam um brilho singular e uma expressão menos indecisa que de costume. Essa figura, que fizeram falar primeiro perante o duque (mas que duque?, pensava Julien), aparentemente para expor as opiniões e fazer as funções de procurador-geral, pareceu a Julien cair na incerteza e na ausência de conclusões firmes de que esses magistrados são geralmente acusados. No correr da discussão, o próprio duque chegou a reprovar-lhe isso.

Depois de várias frases de moral e de indulgente filosofia, o homem dos coletes disse:

– A nobre Inglaterra, guiada por um grande homem, o imortal Pitt, gastou quarenta bilhões de francos para combater a revolução. Se esta assembleia me permite abordar com alguma franqueza uma triste ideia, a Inglaterra não compreendeu bem que, com um homem como Bonaparte, sobretudo quando não havia a opor-lhe senão uma coleção de boas intenções, apenas os meios pessoais eram decisivos...

– Ah! Ainda o elogio do assassinato!, disse o dono da casa, com um ar inquieto.

– Poupe-nos suas homilias sentimentais, exclamou com irritação o presidente; seu olhar de javali emitiu um brilho feroz. Continue, disse ao homem dos coletes. A face e a testa do presidente tornaram-se púrpura.

– A nobre Inglaterra, retomou o relator, está esmagada hoje, pois cada inglês, antes de pagar seu pão, é obrigado a pagar os juros dos quarenta bilhões de francos que foram empregados contra os jacobinos. Ela não tem mais um Pitt...

– Ela tem o duque de Wellington, disse um personagem militar, assumindo um ar de muita importância.

– Por favor, senhores, silêncio! exclamou o presidente; se continuarmos discutindo, terá sido inútil fazer entrar o sr. Sorel.

– Sabemos que o senhor tem muitas ideias, disse o duque com acidez, olhando para o interruptor, ex-general de Napoleão. Julien notou que essa frase fazia alusão a algo de pessoal e de muito ofensivo. Todos sorriram; o general trânsfuga pareceu mordido de raiva.

– Não há mais Pitt, senhores, continuou o relator com o ar desanimado de um homem que desespera de chamar à razão os que o escutam. Surgisse um novo Pitt na Inglaterra, não se engana duas vezes uma nação pelos mesmos meios...

– É por isso que um general vencedor, um Bonaparte, é agora impossível na França, exclamou o interruptor militar.

Desta vez, nem o presidente nem o duque ousaram protestar, embora Julien acreditasse ler nos olhos deles que tinham muita vontade disso. Eles baixaram os olhos, e o duque contentou-se de suspirar de forma a ser ouvido por todos.

Mas o relator irritara-se.

– Têm pressa de me ver terminar, disse ele, com calor e deixando completamente de lado a polidez sorridente e a linguagem comedida que Julien acreditara ser a expressão de seu caráter: têm pressa de me ver terminar; não levam em conta os esforços que faço para não ofender as orelhas de ninguém, não importa o tamanho que possam ter. Pois bem, senhores, serei breve. E vos direi em palavras bem vulgares: a Inglaterra não tem mais um vintém a serviço da boa causa. Se o próprio Pitt retornasse, mesmo com todo o seu gênio não conseguiria ludibriar os pequenos proprietários ingleses, pois estes sabem que a campanha de Waterloo custou-lhes, somente ela, um bilhão de francos. Já que querem frases claras, acrescentou o relator, animando-se cada vez mais, eu vos direi: *Ajudai a vós mesmos*, pois a Inglaterra não tem um guinéu à nossa disposição, e quando a Inglaterra não paga, a Áustria, a Rússia, a Prússia, que têm apenas coragem e nenhum dinheiro, não podem fazer contra a França mais de uma campanha ou duas. Pode-se esperar que os jovens soldados reunidos pelo jacobinismo serão batidos na primeira campanha, talvez na segunda; mas, na terceira, mesmo que eu passe por um revolucionário a vossos olhos prevenidos, na terceira tereis os soldados de 1794, que não eram mais os camponeses arregimentados de 1792.

Aqui a interrupção partiu de três ou quatro pontos ao mesmo tempo.

– Senhor, disse o presidente a Julien, vá passar a limpo na peça ao lado o começo da ata que está escrevendo. Julien saiu, para seu grande pesar. O relator acabava de abordar probabilidades que eram o tema de suas meditações habituais.

Estão com medo de que eu zombe deles, pensou. Quando o chamaram de volta, o sr. de La Mole dizia, com uma seriedade que, para Julien que o conhecia, parecia muito divertida:

– ...Sim, senhores, é sobretudo desse povo infeliz que se pode dizer:

Será ele deus, mesa ou bacia?

Ele será deus!, exclama o fabulista. É a vós, senhores, que parece pertencer essa frase tão nobre e tão profunda. Agi por vós mesmos, e a nobre França ressurgirá mais ou menos como nossos antepassados a fizeram e como nossos olhares ainda a viram antes da morte de Luís

XVI. A Inglaterra, seus nobres lordes pelo menos, execra tanto quanto nós o ignóbil jacobinismo: sem o ouro inglês, a Áustria, a Rússia, a Prússia não podem travar mais que duas ou três batalhas. Será isso o suficiente para levar a uma ocupação exitosa, como a que o sr. de Richelieu desperdiçou tão estupidamente em 1817? Eu não creio.

Aqui houve interrupção, mas abafada pelos "psiu" de todos. Ela partia ainda do velho general imperial, que almejava a fita azul e queria destacar-se entre os redatores da nota secreta.

– Eu não creio, retomou o sr. de La Mole depois do tumulto. Ele insistiu no *Eu*, com uma insolência que encantou Julien. Eis uma bela jogada, ele pensava enquanto fazia correr a pena quase tão depressa quanto o discurso do marquês. Com uma frase bem dita, o sr. de La Mole aniquilou as vinte campanhas desse trânsfuga.

Não é somente no estrangeiro, continuou o marquês num tom mais comedido, que podemos ter a necessidade de uma nova ocupação militar. Toda essa juventude que escreve artigos incendiários no *Le Globe* vos dará três ou quatro mil jovens capitães, entre os quais podem estar um Kléber, um Hoche, um Jourdan, um Pichegru, mas menos bem-intencionado.

– Não soubemos construir-lhe a glória, disse o presidente, era preciso mantê-lo imortal.

– É preciso enfim que haja na França dois partidos, retomou o sr. de La Mole, mas dois partidos não apenas de nome, dois partidos bem nítidos, definidos. Saibamos quem é preciso esmagar. De um lado, os jornalistas, os eleitores, a opinião, numa palavra: a juventude e todos os que a admiram. Enquanto ela se atordoa com o ruído de suas palavras vãs, nós, nós temos a vantagem certa de consumir o orçamento.

Aqui, mais uma interrupção.

– O senhor, disse o marquês ao interruptor, com uma altivez e um desembaraço admiráveis, o senhor não consome, se a palavra o choca, o senhor devora quarenta mil francos destinados ao orçamento do Estado e oitenta mil que recebe de emolumentos.

Perdoe-me, senhor, já que me força a isso, se o tomo ousadamente como exemplo. Como seus nobres antepassados que acompanharam são Luís na Cruzada, o senhor deveria, por esses cento e vinte mil francos, mostrar-nos ao menos um regimento, uma companhia, que digo? Meia companhia, nem que fossem apenas cinquenta homens dispostos a combater e devotados à boa causa, para a vida e a morte. O senhor tem apenas lacaios que, em caso de revolta, ao senhor mesmo amedrontariam.

O trono, o altar, a nobreza podem perecer amanhã, senhores, enquanto não tiverdes criado em cada departamento uma força de quinhentos homens devotados; mas digo devotados não apenas com a bravura francesa, mas também com a constância espanhola. A metade dessa tropa deve ser formada por nossos filhos, nossos sobrinhos, verdadeiros fidalgos, enfim. Cada um deles terá a seu lado, não um pequeno burguês tagarela, pronto a usar a fita tricolor se 1815 apresenta-se de novo, mas um bom camponês, simples e franco como Chatelineau; nosso fidalgo o terá doutrinado, ele será seu irmão de leite, se possível. Que cada um de nós sacrifique um quinto de seus rendimentos para formar esse pequeno grupo devotado de quinhentos homens por departamento. Então podereis contar com uma ocupação estrangeira. O soldado estrangeiro jamais penetrará até Dijon se não tiver certeza de encontrar quinhentos soldados amigos em cada departamento. Os reis estrangeiros só vos escutarão quando

anunciardes a eles vinte mil fidalgos prontos a pegar em armas para abrir as portas da França. Esse serviço é penoso, direis; senhores, nossa cabeça está a prêmio. Entre a liberdade de imprensa e nossa existência como fidalgos, há uma guerra de morte. Tornai-vos operários, camponeses, ou pegai vosso fuzil. Podeis ser tímidos, se quiserdes, mas não sejais estúpidos; abri os olhos. Formai vossos batalhões, eu vos diria com a canção dos jacobinos; então haverá algum nobre GUSTAVO ADOLFO que, percebendo o perigo iminente do princípio monárquico, lançar-se-á a trezentas léguas de seu país e fará por vós o que Gustavo fez pelos príncipes protestantes. Quereis continuar a falar sem agir? Dentro de cinquenta anos não haverá mais na Europa senão presidentes da república, e nenhum rei. E com essas três letras, R, E, I, desaparecem os padres e os fidalgos. Não vejo senão candidatos fazendo a corte a maiorias enlameadas.

De nada adiantará dizer que a França não tem, neste momento, um general acreditado, conhecido e amado de todos, que o exército não está organizado senão no interesse do trono e do altar, que lhe tiraram todos os veteranos, enquanto cada um dos regimentos prussianos conta com cinquenta suboficiais que viram a batalha. Duzentos mil jovens pertencentes à pequena burguesia estão apaixonados pela guerra...

– Basta de verdades desagradáveis, disse num tom suficiente uma austera figura, aparentemente muito elevada nas dignidades eclesiásticas, pois o sr. de La Mole sorriu agradavelmente em vez de zangar-se, o que foi um sinal importante para Julien.

Basta de verdades desagradáveis. Resumamos, senhores: seria impróprio ao homem que precisa cortar uma perna gangrenada dizer a seu cirurgião: essa perna doente está muito sã. Permitam-me a expressão, senhores, o nobre duque de *** é nosso cirurgião.

Eis finalmente o grande nome pronunciado, pensou Julien; é para... que galoparei esta noite.

Capítulo XXIII

O CLERO, OS BOSQUES, A LIBERDADE

A primeira lei de toda criatura é conservar-se, é viver. Semeais a cicuta e pretendeis ver amadurecerem espigas!

MAQUIAVEL

A AUSTERA FIGURA CONTINUAVA; via-se que tinha conhecimento; expunha, com uma eloquência suave e moderada que agradou imensamente a Julien, estas grandes verdades:

1º) A Inglaterra não tem um guinéu à nossa disposição; lá, a economia e Hume estão na moda. Nem os próprios Saints nos darão dinheiro, e o sr. Brougham zombará de nós.

2º) Impossível obter mais de duas campanhas dos reis da Europa, sem o ouro inglês; e duas campanhas não serão suficientes contra a pequena burguesia.

3º) Necessidade de formar um partido armado na França, sem o quê o princípio monárquico da Europa não arriscará sequer essas duas campanhas.

O quarto ponto, que não ouso vos propor como evidente, é o seguinte:

Impossibilidade de formar um partido armado na França sem o clero. Digo-vos isso ousadamente, porque irei prová-lo, senhores. É preciso dar tudo ao clero.

1º) Porque, ocupado dia e noite com sua missão e guiado por homens de alta capacidade estabelecidos longe das tempestades a trezentas léguas de vossas fronteiras...

– Ah! Roma, Roma!, exclamou o dono da casa...

– Sim, senhor, *Roma*!, prosseguiu o cardeal com orgulho. Não importa os gracejos que estiveram em moda quando éreis jovens, direi claramente, em 1830, que o clero, guiado por Roma, é o único que fala ao povo humilde. Cinquenta mil padres repetem as mesmas palavras no dia indicado por seus chefes, e o povo, que afinal fornece os soldados, será mais tocado pela voz de seus padres do que por todos os versinhos da sociedade... (Aqui, essa personalidade provocou murmúrios.)

O clero possui um gênio superior ao vosso, continuou o cardeal, elevando a voz; todos os passos que destes para esse ponto capital, *ter na França um partido armado*, foram dados por nós. Eis aqui os fatos... Quem enviou oitenta mil fuzis à Vendeia?... etc. etc. Enquanto o clero não tiver seus bosques, ele nada apoiará. Na primeira guerra, o ministro das Finanças escreveu a seus agentes que não havia mais dinheiro senão para os padres. No fundo, a França não crê, e ama a guerra. Seja quem for que lha ofereça, ele será duplamente popular, pois fazer a guerra é matar de fome os jesuítas, para falar como o vulgo; fazer a guerra é libertar esses monstros de orgulho, os franceses, da ameaça de intervenção estrangeira.

O cardeal era escutado com respeito... Seria preciso, disse ele, que o sr. de Nerval deixasse o ministério, seu nome irrita inutilmente.

A essa frase, todos levantaram-se e puseram-se a falar ao mesmo tempo. Vão dispensar-me de novo, pensou Julien; mas o próprio e cauteloso presidente esquecera a presença e a

existência de Julien.

Todos os olhos buscavam um homem que Julien reconheceu. Era o sr. de Nerval, o primeiro ministro, que ele avistara no baile do sr. duque de Retz.

A desordem atingiu o auge, como dizem os jornais ao falarem da Câmara. Ao cabo de um quarto de hora, o silêncio se restabeleceu um pouco.

Então o sr. de Nerval levantou-se e, com o tom de um apóstolo, disse numa voz singular:

– Eu vos direi que não tenho apego ao ministério. Foi-me demonstrado, senhores, que meu nome redobra as forças dos jacobinos, fazendo que muitos moderados se alinhem contra nós. Portanto, retirar-me-ia de bom grado; mas os caminhos do Senhor são visíveis a um pequeno número. E ele acrescentou, olhando fixamente para o cardeal: tenho uma missão, que o céu me revelou – Levarás tua cabeça a um cadafalso ou restabelecerás a monarquia na França e reduzirás as Câmaras ao que era o parlamento sob Luís XV, e isto, senhores, *eu o farei*.

Calou-se, tornou a sentar-se, e houve um grande silêncio.

Eis aí um bom ator, pensou Julien. Ele se enganava, como sempre, ao supor espírito demais às pessoas. Animado pelos debates de uma noite tão agitada, e sobretudo pela sinceridade da discussão, naquele momento o sr. de Nerval acreditava em sua missão. Esse homem tinha uma grande coragem, mas não tinha juízo.

Soou meia-noite enquanto permanecia o silêncio após a bela frase, *eu o farei*. Julien achou que o som do pêndulo tinha algo de imponente e de fúnebre. Ele estava emocionado.

A discussão logo recomeçou com uma energia crescente e, sobretudo, uma inacreditável ingenuidade. Esses homens vão mandar envenenar-me, pensava Julien em alguns momentos. Como podem dizer tais coisas diante de um plebeu?

Soaram duas horas e ainda se falava. O dono da casa já dormia há muito tempo. O sr. de La Mole foi obrigado a tocar a sineta para que renovassem as velas. O sr. de Nerval havia saído à uma hora e três quartos, não sem ter examinado várias vezes a figura de Julien num espelho que o ministro tinha a seu lado. Sua partida pareceu deixar todos à vontade.

Enquanto renovavam as velas, o homem dos coletes disse em voz baixa ao vizinho: sabe lá o que esse homem irá dizer ao rei! Ele pode cobrir-nos de ridículo e estragar nosso futuro. Há que convir que ele mostrou uma rara suficiência, e até mesmo descaramento, em comparecer. Antes de chegar ao ministério ele vinha aqui; mas a função muda tudo, domina todos os interesses de um homem, ele deve ter sentido isso.

Logo que o ministro saiu, o general de Bonaparte falou de sua saúde, de seus ferimentos, consultou o relógio e retirou-se.

– Aposto, disse o homem dos coletes, que o general corre atrás do ministro; irá desculpar-se de ter vindo aqui e dizer-lhe que ele nos conduz.

Quando os criados semiadormecidos terminaram de renovar as velas, o presidente falou:

– Deliberemos enfim, senhores, não procuremos mais persuadir-nos uns aos outros. Pensemos no conteúdo da nota que dentro de quarenta e oito horas estará sob os olhos de nossos amigos de fora. Falou-se dos ministros. Podemos dizer, agora que o sr. de Nerval nos deixou: que nos importam os ministros? Imporemos nossa vontade a eles.

O cardeal aprovou com um sorriso fino.

– Nada mais fácil, parece-me, do que resumir nossa posição, disse o jovem bispo de

Agde, com o ardor concentrado e contido do fanatismo mais exaltado. Até então mantivera-se em silêncio; seu olhar, que Julien observara, a princípio doce e calmo, inflamara-se após a primeira hora de discussão. Agora sua alma transbordava como a lava do Vesúvio.

– De 1806 a 1814, a Inglaterra só cometeu um erro, disse ele, foi não agir direta e pessoalmente contra Napoleão. Assim que esse homem nomeou duques e auxiliares de corte, assim que restabeleceu o trono, a missão que Deus lhe confiara acabou; ele não servia mais senão para ser imolado. As Sagradas Escrituras nos ensinam em mais de um lugar a maneira de acabar com os tiranos. (Aqui ele fez várias citações latinas.)

Atualmente, senhores, não é mais um homem que deve ser imolado, é Paris. Toda a França copia Paris. Para quê armar vossos quinhentos homens por departamento? Empreendimento arriscado e que nada resolverá. Para quê misturar a França a uma questão que se reduz a Paris? Foi Paris apenas, com seus jornais e seus salões, que fez o mal: que a nova Babilônia pereça! É preciso decidir entre o altar e Paris. Essa catástrofe advém mesmo dos interesses mundanos do trono. Por que Paris não ousou queixar-se no tempo de Bonaparte? Perguntem ao canhão de Saint-Roch...

.....

Foi somente às três da madrugada que Julien saiu com o sr. de La Mole.

O marquês estava envergonhado e fatigado. Pela primeira vez, ao falar a Julien, havia um tom de súplica em sua voz. Ele pedia prometer-lhe jamais revelar os excessos de zelo, foi essa sua expressão, que o acaso o fizera testemunhar. Não fale disso a nosso amigo no estrangeiro, se ele insistir seriamente em conhecer nossos jovens doidos. Que lhes importa que o Estado seja derrubado? Eles serão cardeais e se refugiarão em Roma. Nós, em nossos castelos, seremos massacrados pelos camponeses.

A nota secreta que o marquês redigiu a partir da ata de vinte e seis páginas, escrita por Julien, só ficou pronta às quatro horas e três quartos.

– Estou morto de cansaço, disse o marquês, o que se percebe pela falta de clareza desta nota no final; estou mais descontente com ela do que com qualquer outra coisa que fiz na vida. Tome, meu amigo, ele acrescentou, vá repousar algumas horas, e, por receio de que o raptem, vou trancá-lo à chave em seu quarto.

No dia seguinte, o marquês conduziu Julien a um castelo isolado bastante afastado de Paris. Lá encontraram anfitriões singulares, que Julien julgou serem padres. Entregaram-lhe um passaporte que trazia um nome suposto, mas que indicava enfim o verdadeiro objetivo da viagem que ele continuava fingindo ignorar. Ele subiu sozinho a uma caleche.

O marquês não tinha a menor preocupação com sua memória, Julien recitara-lhe várias vezes a nota secreta, mas temia muito que ele fosse interceptado.

– Procure sobretudo dar a impressão de alguém que viaja apenas para passar o tempo, disse ele com amizade, no momento em que deixava o salão. É possível que houvesse mais de um falso irmão em nossa assembleia de ontem à noite.

A viagem foi rápida e triste. Assim que se afastou do marquês, Julien esqueceu a nota secreta e a missão para pensar apenas no desprezo de Mathilde.

Numa aldeia algumas léguas além de Metz, o encarregado da posta veio dizer-lhe que não havia cavalos disponíveis. Eram dez horas da noite; muito contrariado, Julien pediu uma ceia.

Ficou a andar diante da porta e, imperceptivelmente, aparentando naturalidade, foi até o pátio das estrebarias. Lá não viu cavalos.

O aspecto desse homem, no entanto, era estranho, pensava Julien; seu olhar grosseiro me examinava.

Como se vê, ele começava a não acreditar exatamente em tudo que lhe diziam. Pensava em escapar depois da ceia e, para ficar sabendo alguma coisa sobre a região, deixou seu quarto para aquecer-se junto ao fogão da cozinha. Qual não foi sua surpresa ao encontrar ali o *signor* Geronimo, o célebre cantor.

Instalado numa poltrona que havia mandado trazer para junto do fogo, o napolitano gemia e falava mais, sozinho, que os vinte camponeses alemães que o cercavam embasbacados.

– Essa gente vai me arruinar, queixou-se a Julien; prometi cantar amanhã em Mayence. Sete príncipes soberanos estarão lá para ouvir-me. Mas vamos tomar um ar lá fora, acrescentou de um modo significativo.

Quando estavam a cem passos na estrada e fora do alcance de serem ouvidos, ele disse a Julien:

– Sabe o que estou pensando? Esse encarregado da posta é um tratante. Enquanto eu passeava, dei uns vinténs a um garoto que me contou tudo. Há mais de doze cavalos numa estrebaria na outra extremidade da aldeia. Querem retardar algum correio.

– Será mesmo?, disse Julien, com um ar inocente.

Não bastava descobrir a fraude, era preciso partir; e isto, Geronimo e seu amigo não tinham como fazê-lo. Esperemos o dia, disse enfim o cantor, desconfiam de nós. Talvez seja a você ou a mim que querem. Amanhã de manhã, solicitamos um bom desjejum; enquanto o preparam, saímos a passear e escapamos, alugamos cavalos e alcançamos a próxima posta.

– E suas bagagens?, perguntou Julien, que pensava que o próprio Geronimo podia ter sido enviado para interceptá-lo. Foi preciso cear e deitar-se. Julien estava ainda no primeiro sono, quando foi despertado em sobressalto pela voz de duas pessoas que falavam em seu quarto, sem se preocuparem muito.

Ele reconheceu o encarregado da posta, armado de uma lanterna. A luz era dirigida para o baú da caleche, que Julien mandara subir até seu quarto. Ao lado do encarregado da posta estava um homem que vasculhava tranquilamente no baú aberto. Julien distinguia apenas as mangas de sua roupa, que eram negras e muito estreitas.

É uma batina, pensou, e suavemente pegou as pequenas pistolas que colocara debaixo do travesseiro.

– Não tenha medo que ele desperte, senhor padre, dizia o encarregado da posta. O vinho que lhe servimos foi o que o senhor mesmo preparou.

– Não encontro nenhum vestígio de papéis, dizia o padre. Muitas roupas, perfumes, pomadas, futilidades; é um jovem mundano, ocupado com seus prazeres. O emissário deve ser o outro, que finge falar com um sotaque italiano.

Os dois aproximaram-se de Julien para examinar os bolsos de rua roupa de viagem. Ele estava muito tentado a matá-los como ladrões. Nada menos perigoso quanto às consequências. Teve muita vontade. Mas seria uma tolice, pensou, eu comprometeria minha missão. Tendo examinado sua roupa, o padre disse: Esse não é um diplomata, e afastou-se.

Fez bem, pensou Julien. Ai dele se tocasse em mim! Podia querer apunhalar-me, e isso eu não permitiria.

O padre virou a cabeça, Julien entreabriu um pouco os olhos; qual não foi seu espanto ao ver que era o padre Castanède! De fato, embora as duas pessoas falassem em voz baixa, pareceu-lhe reconhecer, desde o início, uma das vozes. Julien foi tomado de uma vontade enorme de livrar a terra de um de seus piores patifes...

Mas minha missão!, pensou.

O padre e seu acólito saíram. Um quarto de hora depois, Julien fingiu despertar. Chamou e acordou a casa inteira.

– Fui envenenado, exclamava, estou sofrendo horrivelmente! Ele queria um pretexto para ir em auxílio de Geronimo. Encontrou-o meio asfixiado pelo láudano contido no vinho.

Temendo algo semelhante, Julien havia ceado com o chocolate trazido de Paris. Ele não conseguiu despertar Geronimo o bastante para decidi-lo a partir.

– Nem que me desse o reino inteiro de Nápoles, dizia o cantor, não renunciaria neste momento à volúpia de dormir.

– Mas os sete príncipes soberanos!

– Que esperem.

Julien partiu sozinho e chegou sem outros incidentes até a importante figura. Perdeu a manhã inteira a solicitar em vão uma audência. Por sorte, pelas quatro da tarde, o duque quis espairecer. Julien viu-o sair a pé e não hesitou em aproximar-se e pedir-lhe uma esmola. Estando a dois passos dele, tirou o relógio do marquês de La Mole e mostrou-o com ostentação. *Siga-me de longe*, disse a importante figura sem olhá-lo.

A um quarto de légua dali, o duque entrou bruscamente num pequeno *Café-hauss*. Foi num quarto desse albergue de última categoria que Julien teve a honra de recitar ao duque suas quatro páginas. Quanto terminou, este lhe disse: *Recomece e vá mais devagar*.

O príncipe tomou notas. *Vá a pé até a próxima posta. Abandone aqui suas bagagens e sua caleche. Vá a Estrasburgo como puder, e a vinte e dois deste mês* (estava-se a dez) *retorne ao meio-dia e meia a este mesmo Café-hauss. Só saia dentro de meia hora. Silêncio*!

Foram as únicas palavras que Julien ouviu. Mas foram suficientes para penetrá-lo da mais alta admiração. É assim que se procede nos negócios, pensou; o que diria esse grande homem de Estado se ouvisse os tagarelas apaixonados de três dias atrás?

Julien gastou dois dias até chegar em Estrasburgo, parecia-lhe que nada havia a fazer ali. Fez um grande desvio. Se esse maldito padre Castanède me reconheceu, não é homem de perder facilmente minha pista... E que prazer teria em zombar de mim e em fazer fracassar minha missão!

O padre Castanède, chefe da polícia da Congregação em toda a fronteira norte, felizmente não o reconhecera. E os jesuítas de Estrasburgo, embora muito zelosos, não pensaram de modo algum em observar Julien que, com sua medalha e a sobrecasaca azul, parecia um jovem militar muito ocupado com sua pessoa.

Capítulo XXIV

ESTRASBURGO

Fascinação! Tens do amor toda a sua energia, todo o seu poder de suportar a infelicidade. Seus prazeres enfeitiçadores, seus doces gozos são os únicos além de tua esfera. Eu não podia dizer ao vê-la dormir: ela é toda minha, com sua beleza angelical e suas doces fraquezas! Ei-la entregue ao meu poder, tal como o céu a fez em sua misericórdia para encantar um coração de homem.

SCHILLER, *Ode*

FORÇADO A PASSAR OITO DIAS EM ESTRASBURGO, Julien procurava distrair-se com ideias de glória militar e de devoção à pátria. Estava apaixonado? Não sabia, em sua alma atormentada havia apenas Mathilde como senhora absoluta de sua felicidade e de sua imaginação. Ele tinha necessidade de toda a energia de seu caráter para manter-se acima do desespero. Pensar em alguma coisa que não tivesse alguma relação com a srta. de La Mole estava fora de seu poder. A ambição, os simples sucessos de vaidade distraíam-no outrora dos sentimentos que a sra. de Rênal lhe inspirara. Mathilde absorvera tudo; ele a encontrava em toda parte no futuro.

E em toda parte, nesse futuro, Julien via apenas o insucesso. Essa criatura que vimos em Verrières tão presunçosa, tão orgulhosa, caíra num excesso de modéstia ridículo.

Três dias antes, ele teria matado com prazer o padre Castanède, mas em Estrasburgo, se uma criança discutisse com ele, teria dado razão à criança. Tornando a pensar nos adversários, nos inimigos que encontrara na vida, ele achava sempre que ele, Julien, estivera errado.

É que agora tinha como implacável inimiga essa imaginação poderosa, antes sempre utilizada para pintar-lhe no futuro sucessos tão brilhantes.

A solidão absoluta da vida de viajante aumentava o domínio dessa negra imaginação. Que tesouro não teria sido um amigo! Mas existe um coração que bata por mim?, pensava Julien. E, ainda que eu tivesse um amigo, a honra não me recomenda um silêncio mortal?

Ele passeava a cavalo tristemente nos arredores de Kehl, um burgo às margens do Reno, imortalizado por Desaix e Gouvion Saint-Cyr. Um camponês alemão mostrava-lhe os riachos, os caminhos, as ilhotas do Reno, aos quais a coragem desses grande generais dera um nome. Julien, conduzindo o cavalo com a mão esquerda, mantinha estendido com a direita o soberbo mapa que ilustra as *Memórias*, do marechal Saint-Cyr. Uma exclamação de alegria o fez levantar a cabeça.

Era o príncipe Korasoff, aquele amigo de Londres, que lhe revelara, alguns meses antes, as primeiras regras da alta fatuidade. Fiel a essa grande arte, Korasoff, tendo chegado na véspera a Estrasburgo e há uma hora em Kehl, e que jamais lera uma só linha sobre o cerco de 1796, pôs-se a explicar tudo a Julien. O camponês alemão olhava-o espantado; pois sabia

suficientemente o francês para perceber os equívocos enormes que o príncipe cometia. Julien estava muito longe de pensar como o camponês, ele olhava com espanto aquele belo jovem, admirava sua graça em montar a cavalo.

Homem feliz! pensava. Como sua calça lhe assenta bem; e com que elegância estão cortados seus cabelos! Ai! Se eu fosse assim, ela não teria sentido aversão por mim depois de ter-me amado três dias.

Quando o príncipe terminou seu cerco de Kehl, ele disse a Julien: – Você está parecendo um trapista, exagera o princípio de gravidade que lhe ensinei em Londres. O ar triste nunca é de bom-tom; é o ar entediado que convém. Se está triste, é que alguma coisa lhe falta, alguma coisa que não obteve. *Isso é mostrar-se inferior*. Se está entediado, ao contrário, é o que tentou em vão agradar-lhe que é inferior. Compreenda assim, meu caro, o quanto o seu engano é grave.

Julien lançou uma moeda ao camponês que os escutava boquiaberto.

– Muito bem, disse o príncipe, há graça nisso, um nobre desdém! Muito bom! E pôs seu cavalo a galope. Julien seguiu-o, repleto de uma admiração estúpida.

Ah! Se eu fosse assim, ela não teria me preferido a Croisenois! Quanto mais sua razão chocava-se com os ridículos do príncipe, tanto mais ele desprezava-se de não admirá-los, e julgava-se infeliz de não os ter. O desgosto por si mesmo não podia ser maior.

O príncipe achou-o decididamente triste:

– Como é, meu caro, disse-lhe quando voltavam a Estrasburgo, perdeu todo o seu dinheiro ou estará apaixonado por alguma pequena atriz?

Os russos copiam os costumes franceses, mas sempre a cinquenta anos de distância. Estão agora no século de Luís XV.

Esses gracejos sobre o amor puseram lágrimas nos olhos de Julien: por que não consultar esse homem tão amável?, pensou, de repente.

– É isso mesmo, meu caro, disse ao príncipe, você me vê em Estrasburgo muito apaixonado e abandonado. Uma mulher encantadora, que mora numa cidade vizinha, abandonou-me após três dias de paixão, e essa mudança me mata.

Descreveu ao príncipe, sob nomes supostos, as ações e o caráter de Mathilde.

– Não é preciso terminar, disse Korasoff: para que tenha confiança em seu médico, eu mesmo terminarei a confidência. O marido dessa mulher possui uma fortuna imensa, ou, quem sabe, ela mesma pertence à alta nobreza do país. Deve ser orgulhosa de alguma coisa.

Julien fez um sinal com a cabeça, não tinha mais coragem de falar.

– Muito bem, disse o príncipe, eis aqui três remédios bastante amargos que irá tomar sem demora:

1º) Ver diariamente a sra...., como é mesmo seu nome?

– Sra. Dubois.

– Que nome! disse o príncipe, dando uma risada. Perdoe, ele é sublime para você. Trata-se de ver diariamente a sra. Dubois; mas não se mostre aos olhos dela frio e ressentido; lembre-se do grande princípio de seu século: seja o contrário do que esperam de você. Mostre-se precisamente como era oito dias antes de ser honrado com essa mudança.

– Ah! Eu estava então tranquilo, exclamou Julien com desespero, julgava compadecer-me

dela.

– A mariposa queima-se na vela, continuou o príncipe, comparação velha como o mundo.

1º) Você a verá todos os dias;

2º) Fará a corte a uma mulher de seu círculo, mas sem demonstrar paixão, entende? Seu papel é difícil, reconheço; terá que fingir e, se descobrirem que finge, estará perdido.

– Ela tem tanto espírito, e eu tão pouco! Estou perdido, disse Julien tristemente.

– Não, apenas está mais apaixonado do que eu supunha. A sra. Dubois está profundamente ocupada consigo mesma, como todas as mulheres que receberam do céu ou muita nobreza, ou muito dinheiro. Olha a si mesma em vez de olhar você, portanto não o conhece. Nos dois ou três acessos de amor que teve a seu favor, com muito esforço de imaginação, ela viu em você o herói que havia sonhado, e não o que realmente é...

Mas, com os diabos, isso são coisas elementares, meu caro Sorel, você parece um colegial!...

Vamos! Entremos nesta loja; aqui está um colarinho encantador, dir-se-ia feito por John Anderson, de Burlingtonstreet; faça-me o favor de usá-lo e de jogar fora esse ignóbil cordão preto ao redor do pescoço.

Diga-me, continuou o príncipe ao saírem da principal loja de passamanaria de Estrasburgo, qual é o círculo social da sra. de Dubois? Meu Deus, que nome! Não se zangue, caro Sorel, não consigo conter-me... A quem irá cortejar?

– A uma virtuosa por excelência, filha de um negociante de meias imensamente rico. Ela tem os olhos mais lindos do mundo e que me agradam muito. Certamente ocupa o primeiro lugar na região; mas, apesar de suas grandezas, cora a ponto de ficar embaraçada se alguém lhe fala de comércio e negócios, e por desgraça o pai era um dos negociantes mais conhecidos de Estrasburgo.

– Portanto, se lhe falar de *indústria*, disse o príncipe rindo, terá certeza que sua bela pensa em si mesma e não em você. Esse ridículo é divino e muito útil, ele o protegerá contra qualquer momento de loucura junto aos lindos olhos dela. O sucesso é garantido.

Julien pensava na sra. marechala de Fervaques, que ia seguidamente à mansão de La Mole. Era uma bela estrangeira que desposara o marechal um ano antes da morte dele. Ela parecia não ter outro objeto na vida senão fazer esquecer que era filha de um *industrial* e, para ser alguma coisa em Paris, pusera-se à frente da virtude.

Julien admirava sinceramente o príncipe; como gostaria de ter seus ridículos! A conversa entre os dois amigos foi longa. Korasoff estava maravilhado: nunca um francês o escutara por tanto tempo. Assim, dizia-se o príncipe, satisfeito, consegui enfim fazer-me escutar dando lições a meus mestres!

– Fique bem entendido, ele repetia a Julien pela décima vez, nenhuma sombra de paixão quando falar à jovem beldade, filha do negociante de meias de Estrasburgo, em presença da sra. de Dubois. Em contrapartida, paixão ardente ao escrever. Ler uma carta de amor bem escrita é o soberano prazer para uma virtuosa; é um momento de folga. Ela para de fingir e ousa escutar seu coração; portanto, duas cartas por dia.

– Jamais, jamais!, disse Julien, desanimado; seria mais fácil deixar-me moer num almofariz do que compor três frases; sou um cadáver, meu caro, não espere nada de mim.

Deixe-me morrer à beira da estrada.

– E quem está falando de compor frases? Tenho em minha mala seis volumes de cartas de amor manuscritas. Há uma para cada tipo de mulher, inclusive para a mais virtuosa. Não sabe que Kalisky fez a corte, em Richemond-la-Terrasse, a três léguas de Londres, à mais bela *quaker* da Inglaterra?

Julien sentia-se menos infeliz quando deixou seu amigo às duas da madrugada.

No dia seguinte, o príncipe mandou chamar um copista e, dois dias depois, Julien recebeu cinquenta e três cartas de amor bem numeradas, destinadas à virtude mais sublime e à mais triste.

– Não são cinquenta e quatro, disse o príncipe, porque Kalisky foi rechaçado; mas que lhe importa ser maltratado pela filha do negociante de meias, já que quer agir apenas sobre o coração da sra. de Dubois?

Todos os dias os dois montavam a cavalo: o príncipe estava encantado com Julien. Não sabendo como testemunhar-lhe sua súbita amizade, acabou por oferecer-lhe a mão de uma das primas, rica herdeira de Moscou; e uma vez casado, ele acrescentou, minha influência e esta sua medalha farão de você um coronel em dois anos.

– Mas essa medalha não foi dada por Napoleão, está muito longe disso.

– Que importa? respondeu o príncipe. Não foi ele que a inventou? Ela ainda é de longe a primeira na Europa.

Julien esteve a ponto de aceitar; mas seu dever o chamava para junto da importante figura; ao deixar Korasoff, ele prometeu escrever. Recebeu a resposta à nota secreta que levara e correu para Paris; mas, tendo ficado a sós por dois dias seguidos, deixar a França e Mathilde pareceu-lhe um suplício pior que a morte. Não desposarei os milhões que Korasoff me oferece, pensou, mas seguirei seus conselhos.

Afinal, a arte de seduzir é seu ofício; ele não pensa noutra coisa há mais de quinze anos, pois já está com trinta. Não se pode dizer que lhe falte inteligência; ele é fino e cauteloso; o entusiasmo e a poesia são uma impossibilidade nesse caráter; ele é um procurador, razão a mais para que não se engane.

Devo fazer a corte à sra. de Fervaques. Ela me aborrecerá um pouco, talvez, mas fitarei aqueles olhos tão lindos e que se assemelham tanto aos que mais me amaram no mundo. Ela é estrangeira; será um caráter novo a observar.

Estou louco, perdido; devo seguir os conselhos de um amigo e não acreditar em mim mesmo.

Capítulo XXV

O MINISTÉRIO DA VIRTUDE

Mas, se sinto esse prazer com tanta prudência e circunspecção, não será mais um prazer para mim.

LOPE DE VEGA

ASSIM QUE VOLTOU A PARIS, e ao sair do gabinete do marquês de La Mole, que pareceu muito desconcertado com as notícias que lhe enviavam, nosso herói correu até o conde Altamira. Além da vantagem de ser um condenado à morte, esse belo estrangeiro dispunha de muita gravidade e da felicidade de ser devoto; esses dois méritos e, acima de tudo, o alto nascimento do conde, convinham perfeitamente à sra. de Fervaques, que o via seguidamente.

Julien confessou-lhe gravemente que estava muito apaixonado por ela.

– É a virtude mais pura e mais elevada, respondeu Altamira, mas de um modo um tanto jesuítico e enfático. Há dias em que compreendo cada uma das palavras que ela emprega, mas não compreendo a frase inteira. Com frequência faz-me pensar que não conheço o francês tão bem quanto o dizem. O fato de você conhecê-lo fará pronunciar seu nome com autoridade na sociedade. Mas vamos à casa de Bustos, disse o conde Altamira, que era um homem metódico; ele fez a corte à sra. marechala.

Don Diego Bustos ouviu longamente a explicação do caso, sem dizer nada, como um advogado em seu escritório. Tinha uma cara de monge, com bigode preto, e uma gravidade incomum; de resto, um bom carbonário.

– Compreendo, disse finalmente a Julien. A marechala de Fervaques teve amantes, não teve? Assim, há alguma esperança de êxito? Eis a questão. Devo dizer que, da minha parte, fracassei. Agora que não estou mais sentido, faço-me este raciocínio: com frequência ela se irrita e, como lhe contarei em seguida, não é incapaz de vingança.

Não vejo nela aquele temperamento bilioso do gênio, e que põe em todos os seus atos como um verniz de paixão. Ao contrário, é ao modo de ser fleugmático e tranquilo dos holandeses que ela deve sua rara beleza e suas cores tão vivas.

Julien impacientava-se com a lentidão e a fleugma inabalável do espanhol; de quando em quando, contra sua vontade, alguns monossílabos escapavam-lhe.

– O senhor quer me escutar?, disse-lhe gravemente *don* Diego Bustos.

– Perdoe-me a *furia francese*; sou todo ouvidos, disse Julien.

– A marechala de Fervaques, portanto, é muito propensa ao ódio; ela persegue impiedosamente pessoas que jamais viu, advogados, pobres homens de letras que fizeram canções como Collé, conhece?

J'ai la marotte
D'aimer Marote etc.[16]

E Julien teve de aguentar a citação inteira. O espanhol sentia-se muito à vontade de cantar em francês.

Essa divina canção jamais foi escutada com tanta impaciência. Quando terminou, *don* Diego Bustos disse: – A marechala mandou destituir o autor desta canção:

*Um jour l'amant au cabaret...*17

Julien temeu que ele quisesse cantá-la, mas *don* Diego contentou-se em analisá-la. Realmente, era ímpia e pouco decente.

– Quando a marechala se enfureceu contra essa canção, ele disse, observei-lhe que uma mulher da sua condição não devia ler as tolices que se publicam. Por mais que a gravidade e a piedade façam progressos, haverá sempre na França uma literatura de cabaré. Quando a sra. de Fervaques mandou que tirassem do autor, um pobre-diabo a meio soldo, um emprego de 1.800 francos, eu disse a ela: cuidado, a senhora atacou esse versejador com suas armas, ele pode responder-lhe com suas rimas: fará uma canção sobre a virtude. Os salões dourados estarão a seu favor, mas as pessoas que gostam de rir repetirão os epigramas dele. Sabe o que a marechala respondeu, senhor? – Pelo interesse do Senhor, Paris inteira me veria marchar ao martírio; seria um espetáculo novo na França. O povo aprenderia a respeitar a qualidade. Seria o mais belo dia de minha vida.

Nunca os olhos dela pareceram mais lindos.

– E ela os têm soberbos, exclamou Julien.

– Vejo que está apaixonado... Eu dizia então, retomou *don* Diego gravemente, que ela não tem a constituição biliosa que leva à vingança. Se gosta de prejudicar, é porque se sente infeliz, suspeito que seja *infelicidade interior*. Não seria uma virtuosa cansada de seu ofício?

O espanhol olhou-o em silêncio durante um longo minuto.

– Eis toda a questão, acrescentou gravemente, e é disso que o senhor pode tirar alguma esperança. Pensei muito a esse respeito durante os dois anos em que fui seu humilde servidor. Todo o seu futuro, senhor, que está apaixonado, depende deste grande problema: seria ela uma virtuosa cansada de seu ofício, e malvada porque infeliz?

– Ou então, disse Altamira, saindo enfim de seu profundo silêncio, não seria o que já te disse vinte vezes? Simplesmente a vaidade francesa; é a lembrança do pai, o famoso negociante de tecidos, que faz a infelicidade desse caráter naturalmente tristonho e seco. Haveria uma única felicidade para ela, a de morar em Toledo e ser atormentada por um confessor que diariamente lhe mostrasse o inferno escancarado.

Quando Julien saía, *don* Diego lhe disse, num tom ainda mais grave: Altamira contou-me que o senhor é dos nossos. Um dia o senhor nos ajudará a reconquistar nossa liberdade, assim quero lhe ajudar nesse pequeno entretenimento. Convém que conheça o estilo da marechala; eis aqui quatro cartas redigidas por ela.

– Vou copiá-las, disse Julien, e trazê-las de volta.

– E jamais alguém saberá pelo senhor uma só palavra do que dissemos?

– Jamais, palavra de honra!, exclamou Julien.

Essa cena divertiu um pouco nosso herói; ele esteve a ponto de sorrir. Eis que o devoto Altamira, pensou, ajuda-me num caso de adultério.

Durante a grave explanação de *don* Diego Bustos, Julien estivera atento às horas marcadas

pelo relógio da mansão de Aligre.

A do jantar se aproximava, em breve ia rever Mathilde! Voltou para casa e vestiu-se com muito esmero.

Primeira tolice, pensou, quando descia a escada; é preciso seguir ao pé da letra as instruções do príncipe.

Voltou ao quarto e vestiu-se com uma roupa de viagem a mais simples possível.

Agora, pensou, a questão são os olhares. São cinco horas e meia, e o jantar é às seis. Ele teve a ideia de ir até o salão, que encontrou vazio. Ao ver o canapé azul, emocionou-se quase até as lágrimas; logo suas faces ficaram ardentes. Preciso acabar coim essa sensibilidade tola, pensou com cólera; ela me trairia. Pegou um jornal para fingir que lia e passou três ou quatro vezes do salão ao jardim.

Foi tremendo, e bem escondido por um grande carvalho, que ousou erguer os olhos até a janela da srta. de La Mole. Estava hermeticamente fechada; por pouco ele não caiu, e durante algum tempo permaneceu apoiado contra o carvalho; depois, com um passo vacilante, foi rever a escada do jardineiro.

A corrente, que há algumas semanas ele forçara em circunstâncias tão diferentes, não fora consertada. Movido por um gesto de loucura, Julien comprimiu-a contra os lábios.

Tendo vagado um longo tempo entre o salão e o jardim, Julien sentiu-se horrivelmente fatigado; foi um primeiro êxito que ele notou. Meus olhos estarão sem brilho e não me trairão! Aos poucos, os comensais chegaram ao salão; sempre que a porta se abria, uma perturbação mortal apossava-se do coração de Julien.

As pessoas sentaram-se à mesa. A srta. de La Mole por fim apareceu, fiel a seu hábito de fazer-se esperar. Ela corou muito ao ver Julien; ninguém lhe comunicara sua chegada. De acordo com a recomendação do príncipe Korasoff, Julien observou as mãos dela: tremiam. Agitado para além de toda expressão por essa descoberta, ele sentiu-se muito feliz de aparentar apenas cansaço.

O sr. de La Mole o elogiou. A marquesa dirigiu-lhe a palavra um instante depois, e ele fez um cumprimento com seu ar de fadiga. Julien dizia-se a todo instante: não devo olhar demais a srta. de La Mole, mas meus olhos também não devem evitá-la. Devo aparentar o que eu era exatamente oito dias antes de minha infelicidade... Ele achou que obteve algum sucesso e permaneceu no salão. Atento pela primeira vez em relação à dona da casa, esforçou-se por dirigir a palavra aos convivas e manter a conversação animada.

Sua polidez foi recompensada: por volta das oito horas, anunciaram a sra. marechala de Fervaques. Julien retirou-se e reapareceu em seguida, vestido com o maior esmero. A sra. de La Mole ficou muito contente com esse sinal de respeito e quis demonstrar-lhe satisfação falando da viagem dele à sra. de Fervaques. Julien instalou-se junto à marechala, de modo a que seus olhos não fossem vistos por Mathilde. Assim colocado, seguindo todas as regras da arte, a sra. de Fervaques foi para ele o objeto da maior admiração. É por uma frase sobre esse sentimento que começava a primeira das cinquenta e três cartas que o príncipe Korasoff lhe presenteara.

A marechala anunciou que ia à ópera bufa. Julien correu para lá; encontrou o cavaleiro de Beauvoisis, que o levou a um camarote de fidalgos justamente ao lado do da sra. de

Fervaques. Julien olhou a todo instante para ela. Preciso manter um diário do assédio, ele pensou ao voltar à mansão; caso contrário, esquecerei meus ataques. Forçou-se a escrever duas ou três páginas sobre esse assunto enfadonho, e assim conseguiu, coisa admirável, quase não pensar na srta. de La Mole.

Mathilde quase o esquecera durante sua viagem. Afinal, ele não passa de uma criatura comum, ela pensava, seu nome sempre me lembrará o maior erro de minha vida. Convém voltar de boa-fé às ideias vulgares de sensatez e de honra; esquecendo-as, uma mulher só tem a perder. Mostrou-se disposta a permitir enfim a conclusão do acordo com o marquês de Croisenois, preparado de longa data. Ele ficou muito alegre; mas teria ficado muito surpreso se lhe dissessem que nessa maneira de sentir de Mathilde, que o deixava tão orgulhoso, havia apenas resignação.

As ideias da srta. de La Mole mudaram ao ver Julien. Na verdade, esse é meu marido, ela pensou; se volto de boa-fé às ideias de sensatez, é ele evidentemente que devo desposar.

Ela esperava importunidades, ares de infelicidade da parte de Julien; preparava suas respostas, pois com certeza, depois do jantar, ele tentaria dirigir-lhe algumas palavras. Em vez disso, ele permaneceu firme no salão, seus olhares nem sequer voltaram-se para o jardim. Sabe Deus com que dificuldade! É melhor ter logo essa explicação, pensou a srta. de La Mole; foi sozinha até o jardim, mas Julien não apareceu. Mathilde foi até as portas e janelas do salão, viu-o muito ocupado em descrever à sra. de Fervaques os velhos castelos em ruínas que coroam os outeiros às margens do Reno e lhes dão um aspecto tão peculiar. Ele começava a sair-se bem no discurso sentimental e pitoresco que chamam *espírito* em certos salões.

O príncipe Korasoff teria ficado orgulhoso, se estivesse em Paris: essa noitada era exatamente o que ele previra.

Teria aprovado a conduta de Julien nos dias seguintes.

Uma intriga entre os membros do governo oculto ia tornar disponíveis algumas fitas azuis; a sra. marechala de Fervaques exigia que seu tio-avô fosse cavaleiro da ordem. O marquês de La Mole tinha a mesma pretensão para seu sogro; eles reuniram seus esforços e a marechala compareceu quase diariamente à mansão de La Mole. Foi por ela que Julien ficou sabendo que o marquês ia ser ministro: ele oferecia à *Camarilla* dirigente um plano muito engenhoso para acabar com a Constituição, sem comoções, dentro de três anos.

Julien podia contar com um bispado, se o sr. de La Mole chegasse ao ministério; mas, a seus olhos, todos esses grandes interesses estavam como que cobertos por um véu. Sua imaginação só os percebia vagamente e, por assim dizer, ao longe. A terrível desgraça que fazia dele um maníaco mostrava-lhe todos os interesses da vida em sua maneira de ser com a srta. de La Mole. Ele calculava que, depois de cinco ou seis anos de cuidados, conseguiria fazer-se amar por ela de novo.

Essa cabeça tão fria havia caído, como se vê, num estado de desrazão completa. De todas as qualidades que outrora o distinguiram, restava-lhe apenas um pouco de firmeza. Materialmente fiel ao plano de conduta ditado pelo príncipe Korasoff, toda noite ele se instalava bem próximo à poltrona da sra. de Fervaques, mas era-lhe impossível encontrar algo a dizer.

O esforço que se impunha para parecer curado aos olhos de Mathilde absorvia todas as forças de sua alma, ele ficava junto à marechala como uma criatura que apenas vive; seus

olhos mesmos, como num extremo sofrimento físico, haviam perdido todo o brilho.

Como a maneira de ver da sra. de La Mole nunca era senão uma contraprova das opiniões do marido que podia torná-la duquesa, há alguns dias ela vinha elevando às nuvens os méritos de Julien.

---

16 Tenho a mania de amar Marote (N.T.)
17 Um dia o amante no cabaré... (N.T.)

Capítulo XXVI

O AMOR MORAL

There also was of course in Adeline
That calm patrician polish in the address,
Which ne'er can pass the equinoctial line
Of any thing which Nature would express;
Just as a Mandarin finds nothing fine,
At least his manner suffers not to guess
That anything he views can greatly please.

DON JUAN, C. XIII, est. 84

HÁ UM POUCO de loucura na maneira de ver de toda essa família, pensava a marechala: todos estão entusiasmados com seu jovem abade, que não sabe senão escutar – com olhos muito belos, é verdade.

Julien, por seu lado, via nas maneiras da marechala um exemplo mais ou menos perfeito daquela *calma patrícia* que respira uma polidez exata e, mais ainda, a impossibilidade de qualquer emoção viva. O imprevisto nos movimentos, a falta de domínio sobre si mesmo teriam escandalizado a sra. de Fervaques quase tanto quanto a ausência de majestade para com os inferiores. O menor sinal de sensibilidade teria sido, para ela, uma espécie de *embriaguez moral* passível de vergonha e muito prejudicial ao que uma pessoa de condição elevada deve a si mesma. Sua grande felicidade consistia em falar da última caçada do rei; seu livro favorito eram as *Memórias do duque de Saint-Simon*, sobretudo a parte genealógica.

Julien sabia o lugar que, conforme a disposição das luzes, convinha ao gênero de beleza da sra. de Fervaques. Antecipadamente punha-se ali, mas com muito cuidado de virar sua cadeira de modo a não ver Mathilde. Surpresa com essa constância em ocultar-se dela, um dia ela deixou o canapé azul e veio para junto de uma mesinha ao lado da poltrona da marechala. Julien a via, muito próxima, por baixo do chapéu da sra. de Fervaques. Aqueles olhos, que dispunham de sua sorte, primeiro o assustaram, depois o tiraram violentamente de sua apatia habitual; ele falou, e falou bem.

Dirigia a palavra à marechala, mas seu objetivo único era agir sobre a alma de Mathilde. Animou-se de tal forma que a sra. de Fervaques passou a não compreender mais o que ele dizia.

Era um primeiro mérito. Se Julien tivesse tido a ideia de completá-lo com algumas frases de misticismo alemão, de alta religiosidade e de jesuitismo, a marechala o teria classificado imediatamente entre os homens superiores chamados a regenerar o século.

Já que ele tem o mau gosto, pensava a srta. de La Mole, de falar por tanto tempo e com tanto ardor à sra. de Fervaques, não o escutarei mais. Durante o resto da noite, ela cumpriu sua palavra, embora com dificuldade.

À meia-noite, quando pegou o candelabro da mãe para acompanhá-la ao quarto, a sra. de La Mole deteve-se na escada para fazer um elogio completo de Julien, o que veio completar a irritação de Mathilde; ela não pôde conciliar o sono. Uma ideia a acalmou: aquilo que desprezo pode ainda representar um grande mérito aos olhos da marechala.

Quanto a Julien, ele agira e sentia-se menos infeliz; seus olhos pousaram casualmente na pasta em couro da Rússia contendo as cinquenta e três cartas de amor que o príncipe Korasoff lhe presenteara. Leu anotado, embaixo da primeira carta: *Enviar o nº 1 oito dias após o primeiro encontro*.

– Estou atrasado!, exclamou Julien, pois venho falando com a sra. de Fervaques há mais tempo. Pôs-se a transcrever de imediato essa primeira carta de amor; era uma homilia cheia de frases sobre a virtude e enfadonha até a morte; Julien teve a felicidade de adormecer na segunda página.

Algumas horas depois, o sol surpreendeu-o apoiado sobre a mesa. Um dos momentos mais penosos de sua vida era aquele, ao despertar toda manhã, em que *tomava consciência* de sua infelicidade. Naquele dia, terminou a cópia da carta quase rindo. Será possível, pensava, que um homem possa escrever assim? Contou várias frases de nove linhas. Escrita a lápis no original, leu esta observação:

Levar as cartas pessoalmente: a cavalo, de gravata escura, sobrecasaca azul. Entregar a carta ao porteiro com um ar contrito; profunda melancolia no olhar. Se avistar alguma camareira, enxugar furtivamente os olhos. Dirigir a palavra à camareira.

Tudo isso foi fielmente executado.

O que faço é bastante ousado, pensou Julien, ao sair da mansão de Fervaques, mas tanto pior para Korasoff. Ousar escrever a uma virtude tão célebre! Serei tratado com o último desprezo e nada me divertirá tanto. No fundo, é a única comédia a que posso ser sensível. Sim, será divertido cobrir de ridículo essa criatura odiosa que chamo *eu*. Se acreditasse em mim, cometeria algum crime para distrair-me.

Há um mês, o mais belo momento da vida de Julien era aquele em que repunha seu cavalo na estrebaria. Korasoff proibira-lhe expressamente olhar, sob qualquer pretexto, a amante que o abandonara. Mas o passo desse cavalo que ela conhecia tão bem, a maneira como Julien batia com o relho na porta da estrebaria para chamar um criado, atraíam às vezes Mathilde por trás da cortina de sua janela. Olhando de certo modo sob a aba do chapéu, ele avistava a silhueta de Mathilde sem ver seus olhos. Portanto, pensava, ela não pode ver os meus, e isso não é olhar para ela.

À noite, a sra. de Fervaques comportou-se exatamente como se não tivesse recebido a dissertação filosófica, mística e religiosa que, de manhã, ele entregara ao porteiro com tanta melancolia. Na véspera, o acaso revelara a Julien o meio de ser eloquente; ele colocou-se de modo a ver os olhos de Mathilde. Ela, por sua vez, um instante após a chegada da marechala, deixou o canapé azul: o que significava abandonar sua roda habitual. O sr. de Croisenois pareceu consternado com esse novo capricho; sua dor evidente tirou de Julien o que havia de mais atroz em sua infelicidade.

Esse imprevisto em sua vida o fez falar como um anjo; e, como o amor-próprio insinua-se mesmo nos corações que servem de templo à virtude mais augusta, a marechala, ao deixar a

mansão, pensou: Esse jovem padre tem distinção, como disse a sra. de La Mole. É provável que, nos primeiros dias, minha presença o tenha intimidado. Em realidade, tudo é muito leviano nessa casa; só vejo virtudes auxiliadas pela velhice e que precisaram muito dos gelos da idade. Esse jovem terá sabido perceber a diferença; ele escreve bem; mas temo que o pedido de esclarecê-lo com meus conselhos, que ele me faz na carta, seja no fundo apenas um sentimento que se ignora.

Todavia, quantas conversões começaram assim! O que me faz augurar muito, é esta diferença entre seu estilo e o dos jovens de quem tive a ocasião de ver as cartas. É impossível não reconhecer unção, seriedade profunda e muita convicção na prosa desse jovem levita; ele parece ter a suave virtude de Massillon.

Capítulo XXVII

OS MAIS BELOS CARGOS DA IGREJA

Serviços! Talentos! Mérito!... Qual nada! Faça parte de um grupo.

TELÊMACO

ASSIM, A IDEIA DE BISPADO misturava-se pela primeira vez com a de Julien na cabeça de uma mulher que, cedo ou tarde, haveria de distribuir os mais belos cargos da Igreja na França. Essa vantagem não teria alegrado muito Julien; naquele instante, seu pensamento não se elevava a nada que estivesse além de sua infelicidade atual. Tudo a redobrava; por exemplo, a visão de seu quarto tornara-se-lhe insuportável. À noite, quando nele entrava com sua vela, cada móvel, cada pequeno ornamento parecia-lhe adquirir voz para anunciar-lhe asperamente um novo detalhe de sua infelicidade.

Naquele dia, ao entrar com uma vivacidade que há muito não conhecia, ele disse a si mesmo: tenho um trabalho forçado, provavelmente a segunda carta será tão enfadonha quanto a primeira.

Ela o era ainda mais. O que ele copiava parecia-lhe tão absurdo que passou a transcrever linha por linha sem pensar no sentido.

É ainda mais enfática, pensava, que os textos oficiais do tratado de Munster, que meu professor de diplomacia me fazia copiar em Londres.

Somente então lembrou-se das cartas da sra. de Fervaques cujos originais ele esquecera de devolver ao grave espanhol *don* Diego Bustos. Procurou-as; eram realmente quase tão anfigúricas quanto as do jovem senhor russo. A vagueza era completa. Aquilo queria dizer tudo e dizer nada. É a harpa eólia do estilo, pensou Julien. Em meio aos mais altos pensamentos sobre o nada, a morte, o infinito etc., só percebo de real um medo abominável do ridículo.

O monólogo que acabamos de abreviar foi repetido durante quinze dias seguidos. Adormecer transcrevendo uma espécie de comentário do Apocalipse, no dia seguinte ir levar uma carta com um ar melancólico, repor o cavalo na estrebaria com a esperança de avistar a silhueta de Mathilde, trabalhar, à noite comparecer à ópera quando a sra. de Fervaques não vinha à mansão de La Mole, tais eram os acontecimentos monótonos da vida de Julien. Ela ficava mais interessante quando a sra. de Fervaques vinha à casa da marquesa; então ele podia entrever os olhos de Mathilde sob uma aba do chapéu da marechala, e tornava-se eloquente. Suas frases pitorescas e sentimentais começavam a adquirir uma forma ao mesmo tempo mais incisiva e mais elegante.

Ele sentia claramente que o que dizia era absurdo para Mathilde, mas queria impressioná-la pela elegância da dicção. Quanto mais falso o que digo, tanto mais devo agradá-la, pensava Julien; e então, com uma ousadia abominável, exagerava alguns aspectos da natureza. Notou bem depressa que, para não parecer vulgar aos olhos da marechala, era preciso sobretudo

evitar ideias simples e razoáveis. Desse modo, ele continuava ou abreviava suas amplificações conforme o sucesso ou a indiferença percebidos nos olhos das duas grandes damas a quem devia agradar.

Isso era menos terrível, afinal, do que quando seus dias se passavam na inação.

Mas eis-me aqui, pensava ele, uma noite, transcrevendo a décima-quinta dessas abomináveis dissertações; as catorze primeiras foram fielmente entregues ao suíço da marechala. Terei a honra de encher todas as gavetas de sua escrivaninha. No entanto, ela trata-me exatamente como se eu não escrevesse! Qual pode ser o final de tudo isso? Minha constância a aborreceria tanto quanto a mim? Convenhamos que esse russo, amigo de Korasoff, e apaixonado pela bela *quaker* de Richmond, foi em seu tempo um homem terrível; impossível ser mais fatigante.

Como todas as criaturas medíocres que o acaso põe em presença de um grande general, Julien não compreendia o ataque executado pelo jovem russo ao coração da bela inglesa. As quarenta primeiras cartas destinavam-se apenas a fazer-se perdoar a ousadia de escrever. Era preciso criar naquela doce pessoa, que talvez se aborrecesse infinitamente, o hábito de receber cartas talvez um pouco menos insípidas que sua vida cotidiana.

Certa manhã, entregaram uma carta a Julien; ele reconheceu os brasões da sra. de Fervaques e rompeu o selo com uma pressa que lhe teria parecido impossível alguns dias antes: era somente um convite para jantar.

Ele correu às instruções do príncipe Korasoff. Desgraçadamente, o jovem russo quisera ser frívolo como Dorat, quando era preciso ser simples e inteligível; Julien não pôde adivinhar a posição moral que devia ocupar no jantar da marechala.

O salão era da mais alta magnificência, dourado como a galeria de Diana nas Tulherias, com quadros a óleo nos lambris. Havia manchas claras nesses quadros. Julien ficou sabendo, mais tarde, que os temas haviam parecido pouco decentes à dona da casa, que mandara corrigir os quadros. *Século moral*!, ele pensou.

Nesse salão, encontrou três das figuras que compareceram à redação da nota secreta. Uma delas, o bispo de ***, tio da marechala, guardava a lista dos benefícios e, dizia-se, nada sabia recusar à sobrinha. Que passo imenso dei, pensou Julien, sorrindo com melancolia, e como ele me é indiferente! Eis-me aqui jantando com o famoso bispo de ***.

O jantar foi medíocre, e a conversa de tirar a paciência. É o índice de um livro ruim, pensou Julien. Os maiores temas dos pensamentos dos homens são nele orgulhosamente abordados. Escutamos por três minutos e perguntamo-nos o que prevalece, a ênfase de quem fala ou sua abominável ignorância.

O leitor certamente esqueceu aquele homenzinho de letras, chamado Tanbeau, sobrinho do acadêmico e futuro professor que, por suas baixas calúnias, parecia encarregado de envenenar o salão da mansão de La Mole.

Foi através dele que Julien ficou sabendo da possibilidade de que a sra. de Fervaques, mesmo não respondendo a suas cartas, visse com indulgência o sentimento que as ditava. A alma sombria do sr. Tanbeau dilacerava-se ao pensar nos sucessos de Julien; mas, por outro lado, já que um homem de mérito, da mesma forma que um tolo, não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, se Sorel tornar-se o amante da sublime marechala, pensava o futuro

professor, ela o colocará em algum cargo vantajoso da Igreja, e meu caminho estará livre na mansão de La Mole.

O abade Pirard também dirigiu a Julien longos sermões sobre seus sucessos na mansão de Fervaques. Havia *ciúme de seita* entre o austero jansenista e o salão jesuítico, regenerador e monárquico da virtuosa marechala.

Capítulo XXVIII

MANON LESCAUT

Ora, uma vez bem convencido da estupidez e da burrice do prior, era muito comum que tivesse êxito ao chamar preto o que era branco, e branco o que era preto.

LICHTEMBERG

AS INSTRUÇÕES RUSSAS prescreviam imperiosamente jamais contradizer de viva voz a pessoa a quem se escrevia. Não se devia deixar, sob nenhum pretexto, o papel de admirador mais extático: as cartas partiam sempre dessa suposição.

Uma noite, no teatro da Ópera, no camarote da sra. de Fervaques, Julien elevava às nuvens o balé de *Manon Lescaut*. Sua única razão para falar assim é que o achava insignificante.

A marechala disse que o balé era muito inferior ao romance do abade Prévost.

Ora vejam!, pensou Julien, entre espantado e divertido, uma pessoa de tão alta virtude elogiar um romance! A sra. de Fervaques fazia profissão, duas ou três vezes por semana, do desprezo mais completo pelos escritores que, por meio de obras vulgares, buscam corromper uma juventude que, infelizmente, está muito disposta aos erros dos sentidos.

Nesse gênero imoral e perigoso, *Manon Lescaut* ocupa, dizem, um dos primeiros lugares, continuou a marechala. As fraquezas e as angústias merecidas de um coração muito criminoso são ali descritas, dizem, com uma verdade que tem muita profundidade; o que não impediu seu Bonaparte de afirmar, em Santa Helena, ser um romance escrito por lacaios.

Essa frase devolveu toda a atividade à alma de Julien. Quiseram arruinar-me junto à marechala contando-lhe meu entusiasmo por Napoleão. Esse fato ofendeu-a o bastante para que ela cedesse à tentação de dizê-lo. Tal descoberta o divertiu a noite toda e o deixou alegre. Quando se despedia da marechala no vestíbulo do teatro, ela falou: – Lembre-se, senhor, não se deve amar Bonaparte quando se ama a mim; pode-se no máximo aceitá-lo como uma necessidade imposta pela Providência. De resto, esse homem não tinha a alma bastante flexível para perceber as obras-primas das artes.

Quando se ama a mim!, repetia para si mesmo Julien; isso não quer dizer nada ou quer dizer tudo. Eis os segredos de linguagem que faltam às nossas pobres provincianas. E ele pensou muito na sra. de Rênal, ao copiar uma carta imensa destinada à marechala.

– Como se explica, ela lhe perguntou no dia seguinte com um ar de indiferença que ele julgou mal representado, que o senhor me fale de *Londres* e de *Richmond* numa carta que escreveu provavelmente ontem à noite, ao sair do teatro?

Julien ficou muito embaraçado; ele copiara linha por linha, sem pensar no que escrevia, e aparentemente esquecera de substituir as palavras *Londres* e *Richmond*, que estavam no original, por *Paris* e *Saint-Cloud*. Começou duas ou três frases, mas sem poder terminá-las; sentia-se a ponto de rebentar de riso. Finalmente, buscando as palavras, formou esta ideia:

exaltado pela discussão dos mais sublimes, dos maiores interesses da alma humana, a minha, ao escrever-lhe, pode ter cometido um lapso.

Causei uma impressão, ele pensou, que pode poupar-me do aborrecimento do resto da noite. Saiu apressado da mansão de Fervaques. À noite, revendo o original da carta que copiara na véspera, logo chegou ao lugar fatal onde o jovem russo falava de Londres e de Richmond. Julien surpreendeu-se de achar essa carta bastante terna.

Era o contraste da aparente leviandade de sua conversa com a profundidade sublime e quase apocalíptica de suas cartas que chamara a atenção dela. Era sobretudo do comprimento das frases que a marechala gostava, e não do estilo saltitante posto em moda por Voltaire, esse homem tão imoral! Embora nosso herói procurasse banir toda espécie de bom senso da conversação, esta ainda possuía um colorido ímpio e antimonárquico que não escapava à sra. de Fervaques. Cercada de personagens eminentemente morais, mas que em geral não tinham uma única ideia por noite, essa dama sentia-se profundamente ofendida por tudo que parecesse uma novidade; mas, ao mesmo tempo, acreditava-se na obrigação de ver-se ofendida. Chamava esse defeito *guardar a marca da leviandade do século...*

Mas tais salões só são bons de ver quando os solicitamos. Todo o tédio dessa vida sem interesse que Julien levava é certamente partilhado pelo leitor. São as charnecas de nossa viagem.

Durante o tempo usurpado na vida de Julien pelo episódio Fervaques, a srta. de La Mole sentia necessidade de conter-se para não pensar nele. Sua alma estava entregue a violentos combates; às vezes orgulhava-se de desprezar esse jovem tão triste; mas, contra sua vontade, a conversação dele a cativava. O que a espantava, sobretudo, era sua falsidade perfeita; ele não dizia uma palavra à marechala que não fosse uma mentira ou pelo menos um disfarce abominável de sua maneira de pensar, que Mathilde conhecia tão perfeitamente sobre quase todos os assuntos. Esse maquiavelismo a impressionava. Que profundidade!, ela pensava; que diferença com os tolos enfáticos ou os tratantes comuns, como o sr. Tanbeau, que usam a mesma linguagem!

Todavia, Julien tinha jornadas terríveis. Era para cumprir o mais penoso dos deveres que ele aparecia diariamente no salão da marechala. Seus esforços para desempenhar um papel acabavam por tirar-lhe toda a força da alma. Com frequência, à noite, ao atravessar o pátio imenso da mansão de Fervaques, era somente à força de caráter e de raciocínio que conseguia manter-se um pouco acima do desespero.

Venci o desespero no seminário, ele dizia a si mesmo: no entanto, como era terrível minha perspectiva então! Ganhasse ou perdesse minha fortuna, num caso ou noutro via-me obrigado a passar a vida num convívio íntimo com o que há de mais desprezível e de abjeto sob o céu. Na primavera seguinte, apenas onze meses depois, eu era talvez o mais feliz dos jovens da minha idade.

Mas, na maioria das vezes, esses belos raciocínios eram sem efeito contra a terrível realidade. Diariamente via Mathilde no almoço e no jantar. Pelas cartas numerosas que lhe ditava o sr. de La Mole, sabia que ela estava às vésperas de desposar o sr. de Croisenois. Esse jovem amável já aparecia duas vezes por dia na mansão de La Mole: o olhar ciumento de um amante abandonado não perdia um único de seus passos.

Quando notava que a srta. de La Mole tratava bem seu pretendente, Julien, ao voltar a seu quarto, não podia deixar de olhar suas pistolas com amor.

Ah! Como seria mais sensato, pensava, se eu desmarcasse minha roupa íntima e fosse a uma floresta solitária, a vinte léguas de Paris, para acabar com essa vida execrável! Desconhecido na região, minha morte ficaria oculta durante quinze dias, e quem pensaria em mim depois de quinze dias?

Esse raciocínio era muito sensato. Mas, no dia seguinte, o braço de Mathilde, entrevisto entre a manga do vestido e a luva, era suficiente para mergulhar nosso jovem filósofo em lembranças cruéis, que no entanto o apegavam à vida. Pois bem, dizia-se ele então, seguirei até o fim essa política russa. Como isso acabará?

Em relação à marechala, depois de transcrever as cinquenta e três cartas, com certeza não escreverei outras.

Em relação a Mathilde, estas seis semanas de penosa comédia ou não mudarão em nada sua cólera, ou me darão um instante de reconciliação. Ó Deus, eu morreria de felicidade com isso! E não podia terminar seu pensamento.

Quando, após um longo devaneio, conseguia retomar seu raciocínio, dizia a si mesmo: eu obteria então um dia de felicidade, para depois recomeçarem seus rigores baseados no escasso poder que tenho de agradá-la, e não me restaria mais nenhum recurso, estaria arruinado, perdido para sempre...

Que garantia pode ela me dar com seu caráter? Ai! Meu pequeno mérito responde a tudo. Em minha maneiras faltará elegância, meu modo de falar será pesado e monótono. Ó Deus! Por que eu sou eu?

Capítulo XXIX

O TÉDIO

Sacrificar-se por suas paixões, isso passa; mas por paixões que não se tem! Ó triste século XIX!

GIRODET

DEPOIS DE TER LIDO SEM PRAZER, a princípio, as longas cartas de Julien, a sra. de Fervaques começava a interessar-se por elas; mas uma coisa a desolava: Que pena que o sr. Sorel não seja decididamente padre! Ela poderia admiti-lo a uma espécie de intimidade; mas, com aquela medalha e o traje quase burguês, havia o risco de expor-se a perguntas cruéis, e que responder? Ela não concluía o pensamento: alguma amiga maligna pode supor e mesmo espalhar que ele é um primo subalterno, parente de meu pai, algum comerciante condecorado pela guarda nacional.

Até o momento de conhecer Julien, o maior prazer da sra. de Fervaques fora escrever a palavra *marechala* ao lado de seu nome. Depois, uma vaidade doentia de quem subiu na vida e ofende-se com tudo, combateu um começo de interesse.

Seria tão fácil para mim, dizia-se a marechala, fazer dele um grande vigário em alguma diocese vizinha de Paris! Mas o sr. Sorel, desse jeito, e ainda por cima secretário do sr. de La Mole, é desolador!

Pela primeira vez, essa alma *que temia tudo* era agitada por um interesse alheio a suas pretensões de classe e de superioridade social. Seu velho porteiro notou que, quando trazia uma carta daquele belo jovem de aspecto tão triste, era certo ver desaparecer o ar distraído e descontente que a marechala sempre tinha o cuidado de exibir à chegada de um dos criados.

O tédio de um modo de vida muito preocupado com o efeito sobre o público, sem que houvesse no fundo do coração prazer real por esse tipo de sucesso, tornara-se tão intolerável depois que pensava em Julien que, para que as camareiras não fossem maltratadas durante o dia, era suficiente que, na noite da véspera, ela tivesse passado uma hora com esse jovem singular. Seu crédito nascente resistiu a cartas anônimas, muito bem produzidas. Em vão o pequeno Tanbeau forneceu aos srs. de Luz, de Croisenois, de Caylus, duas ou três calúnias muito hábeis e que esses senhores comprazeram-se em divulgar sem verificar a veracidade das acusações. A marechala, cujo espírito não era feito para resistir a esses meios vulgares, contava suas dúvidas a Mathilde, e sempre era consolada.

Um dia, após ter perguntado três vezes se havia cartas, a sra. de Fervaques decidiu subitamente responder a Julien. Foi uma vitória sobre o tédio. Na segunda carta, a marechala foi quase detida pela inconveniência de escrever, de próprio punho, um endereço tão vulgar: *Ao sr. Sorel, na casa do sr. marquês de La Mole*.

– É preciso, disse ela à noite a Julien, de um modo muito seco, que o senhor me traga envelopes nos quais constará seu endereço.

Eis-me transformado em amante-criado, pensou Julien, e ele inclinou-se com prazer imitando Arsène, o velho mordomo do marquês.

Nessa mesma noite entregou envelopes e, no dia seguinte bem cedo, recebeu uma terceira carta: leu cinco ou seis linhas no começo e duas ou três no final. Eram quatro páginas escritas em letra miúda.

Aos poucos ela adquiriu o doce hábito de escrever quase diariamente. Julien respondia com cópias fiéis das cartas russas e – tal é a vantagem do estilo enfático – a sra. de Fervaques de modo nenhum se surpreendia com a pouca relação das respostas com suas cartas.

Qual não teria sido a irritação de seu orgulho se o pequeno Tanbeau, que se constituíra espião voluntário dos passos de Julien, tivesse podido informar-lhe que todas essas cartas eram jogadas ao acaso, ainda fechadas, na gaveta de Julien.

Certa manhã, o porteiro levava-lhe à biblioteca uma carta da marechala; Mathilde encontrou esse homem, viu a carta e o endereço com a letra de Julien. Ela entrou na biblioteca quando o porteiro saía; a carta ainda estava na borda da mesa; Julien, muito ocupado em escrever, não a pusera na gaveta.

– Isso eu não posso tolerar, exclamou Mathilde, apoderando-se da carta; você me esquece completamente, a mim que sou sua esposa. Sua conduta é detestável, senhor.

A essas palavras, seu orgulho, espantado com a terrível inconveniência de sua atitude, a sufocou; ela desatou a chorar e logo pareceu a Julien perder o fôlego.

Surpreso, confundido, Julien não distinguia claramente tudo o que essa cena tinha de admirável e de feliz para ele. Ajudou Mathilde a sentar-se; ela quase abandonava-se em seus braços.

O primeiro instante em que percebeu esse movimento foi de extrema alegria. O segundo foi um pensamento para Korasoff: posso perder tudo com uma única palavra.

Seus braços enrijeceram, tamanha era a dificuldade do esforço imposto pela política. Não devo sequer permitir-me pressionar contra o coração esse corpo macio e encantador, ou ela me despreza e me maltrata. Que caráter medonho!

E, ao maldizer o caráter de Mathilde, ele a amava cem vezes mais; parecia-lhe ter nos braços uma rainha.

A impassível frieza de Julien redobrou o orgulho ferido que dilacerava a alma da srta. de La Mole. Ela estava longe ter o sangue-frio necessário para buscar adivinhar em seus olhos o que ele sentia por ela nesse instante. Não pôde decidir-se a olhá-lo: temia deparar com a expressão do desprezo.

Sentada no divã da biblioteca, imóvel e com a cabeça virada para o lado oposto de Julien, ela estava exposta aos mais vivos sofrimentos que o orgulho e o amor podem causar a uma alma humana. Em que situação cruel fora cair!

Estava-me reservado, infeliz que sou, ver repelidas as iniciativas mais indecentes! E repelidas por quem? acrescentava seu orgulho enlouquecido de dor. Repelidas por um criado de meu pai.

– É o que não vou mais tolerar, disse ela em voz alta.

E, levantando-se com furor, abriu a gaveta da mesa de Julien, a dois passos diante dela. Ficou como transida de horror ao ver ali oito ou dez cartas ainda não abertas, semelhantes

àquela que o porteiro acabara de trazer. Em todos os endereços, reconhecia a letra de Julien, mais ou menos dissimulada.

– Então não apenas está com ela, exclamou fora de si, como também a despreza. Você, um homem insignificante, desprezar a marechala de Fervaques!

Ah!, perdão, meu amigo, ela acrescentou jogando-se a seus joelhos, despreza-me se queres, mas me ama, não posso mais viver privada de teu amor. E caiu completamente desfalecida.

Eis aí, enfim, essa orgulhosa a meus pés!, pensou Julien.

Capítulo XXX

UM CAMAROTE NO TEATRO DE OPERETA

As the blackest sky
Foretells the heaviest tempest.

DON JUAN, C. I, est. 73

EM MEIO A TODOS ESSES GRANDES MOVIMENTOS, Julien estava mais espantado do que feliz. As injúrias de Mathilde mostravam-lhe o quanto a política russa era sábia. *Falar pouco, agir pouco*, eis meu único meio de salvação.

Ele ergueu Mathilde e, sem dizer nada, recolocou-a no divã. Aos poucos, as lágrimas a dominaram.

Para manter a compostura, ela tomou das mãos de Julien as cartas da sra. de Fervaques e lentamente as abriu. Teve um movimento nervoso bem marcado quando reconheceu a letra da marechala. Virava sem ler as folhas dessas cartas, a maioria com seis páginas.

– Responde-me ao menos, disse enfim Mathilde, com o tom de voz mais suplicante, mas sem ousar olhar para Julien. Você bem sabe que sou orgulhosa; é o mal de minha posição e mesmo de meu caráter, admito. A sra. de Fervaques roubou então seu coração?... Fez por você todos os sacrifícios a que o amor fatal me arrastou?

Um silêncio taciturno foi toda a resposta de Julien. Com que direito, pensava, ela me pede uma indiscrição indigna de um homem honrado?

Mathilde tentava ler as cartas, mas seus olhos cheios de lágrimas tiravam-lhe essa possibilidade.

Há um mês ela sentia-se infeliz, mas essa alma altaneira estava longe de confessar-se seus sentimentos. Fora apenas o acaso que provocara essa explosão. O ciúme e o amor haviam, num instante, prevalecido sobre o orgulho. Ela estava sentada no divã e muito perto dele. Ele via seus cabelos, seu pescoço de alabastro. Por um momento, esqueceu o que se impusera; passou o braço em volta do corpo dela e quase a estreitou contra o peito.

Ela virou a cabeça para ele muito lentamente; ele surpreendeu-se com o extremo sofrimento que viu em seus olhos, não dava para reconhecer sua fisionomia habitual.

Julien sentia as forças o abandonarem, tamanha a dificuldade do ato de coragem que se impusera.

Esses olhos logo exprimirão apenas o mais frio desdém, pensou Julien, se deixo-me arrastar à felicidade de amá-la. No entanto, com uma voz débil e com palavras que mal tinha a força de terminar, ela repetia-lhe nesse momento todo o seu pesar por atitudes que o orgulho excessivo a aconselhara.

– Também sou orgulhoso, disse-lhe Julien com uma voz muito contraída. E seu rosto mostrava os traços de um extremo abatimento físico.

Mathilde voltou-se vivamente para ele. Ouvir a voz dele era uma felicidade a cuja

esperança quase renunciara. Naquele momento, ela só recordava sua altivez para maldizê-la, teria feito coisas insólitas, inacreditáveis, para provar-lhe o quanto o adorava e detestava a si mesma.

– É provavelmente por causa desse orgulho, continuou Julien, que você me distinguiu por um instante; é certamente por causa dessa firmeza corajosa e que convém a um homem que você me estima neste momento. Posso sentir amor pela marechala...

Mathilde estremeceu, seus olhos adquiriram uma expressão estranha. Ela ia ouvir pronunciar sua sentença. Esse movimento não escapou a Julien, que sentiu fraquejar sua coragem.

Ah!, ele pensava, ao escutar o som das palavras vãs que sua boca pronunciava, como se fosse um ruído alheio: se eu pudesse cobrir de beijos esse rosto tão pálido sem que o sentisses!

– Posso sentir amor pela marechala, continuava... e sua voz enfraquecia ainda mais; mas certamente não tenho nenhuma prova decisiva de seu interesse por mim...

Mathilde o fitou: ele sustentou esse olhar, esperava ao menos que sua fisionomia não o traísse. Sentia-se penetrado de amor até nas dobras mais íntimas do coração. Nunca a havia adorado tanto, ele estava quase tão apaixonado quanto Mathilde. Se ela tivesse encontrado alguma frieza e coragem para manobrar, ele teria caído a seus pés, abjurando a inútil comédia. Ele teve a força suficiente para poder continuar a falar. Ah! Korasoff, exclamou interiormente, por que não estás aqui! Como teria necessidade de uma palavra para orientar minha conduta! Enquanto isso, sua voz dizia:

– Na falta de qualquer outro sentimento, o reconhecimento seria suficiente para afeiçoar-me à marechala; ela mostrou indulgência por mim, consolou-me quando me desprezavam... Posso não ter uma fé ilimitada em certas aparências extremamente lisonjeiras, sem dúvida, mas talvez, também, muito pouco duráveis.

– Oh! Meu Deus!, exclamou Mathilde.

– Pois bem! Que garantia você me dará?, continuou Julien, com um acento firme e que parecia abandonar por um instante as formas prudentes da diplomacia. Que garantia, que Deus me dirá que a posição que parece disposta a mostrar neste instante irá durar mais de dois dias?

– O excesso de meu amor e de minha infelicidade se você não me ama mais, disse ela, tomando-lhe as mãos e voltando-se para ele.

O movimento brusco que ela fez deslocou um pouco sua mantilha: Julien via seus ombros encantadores. Seus cabelos um pouco desalinhados suscitaram-lhe uma lembrança deliciosa...

Ele ia ceder. Uma palavra imprudente, pensou, e faço recomeçar essa longa série de jornadas vividas no desespero. A sra. de Rênal encontrava razões para fazer o que seu coração lhe ditava: essa jovem da alta sociedade só deixa seu coração comover-se depois de provar a si mesma, por boas razões, que ele deve ficar comovido.

Ele percebeu essa verdade num piscar de olhos e, num piscar de olhos, reencontrou também a coragem.

Retirou as mãos que Mathilde apertava nas suas e, com um respeito marcado, afastou-se um pouco dela. A coragem de um homem não pode ir mais longe. Ocupou-se a seguir em juntar

todas as cartas da sra. de Fervaques que estavam espalhadas sobre o divã, e foi com a aparência de uma polidez extrema e tão cruel nesse instante que acrescentou:

– A srta. de La Mole queira permitir-me refletir sobre tudo isso. Ele afastou-se rapidamente e deixou a biblioteca; ela o ouviu fechar sucessivamente todas as portas.

O monstro nem sequer perturbou-se, ela pensou.

Mas que digo, monstro! Ele é sábio, prudente, bom; sou eu que cometo mais erros do que poderia imaginar.

Essa maneira de ver durou. Mathide sentiu-se quase feliz naquele dia, pois entregou-se completamente ao amor; dir-se-ia que jamais aquela alma fora agitada pelo orgulho, e que orgulho!

Ela estremeceu de horror quando, à noite, no salão, um lacaio anunciou a sra. de Fervaques; a voz daquele homem pareceu-lhe sinistra. Não pôde suportar a visão da marechala e afastou-se rapidamente. Julien, pouco envaidecido de sua penosa vitória, temera os olhares dela e não havia jantado na mansão de La Mole.

Seu amor e sua felicidade aumentavam rapidamente à medida que se afastava do momento da batalha; ele estava já a censurar-se. Como pude resistir-lhe?, pensava; e se ela não mais me amar! Um momento pode mudar essa alma altiva, e devo convir que a tenho tratado de uma forma terrível.

À noite, achou que devia absolutamente comparecer ao teatro de Opereta, no camarote da sra. de Fervaques. Ela o convidara expressamente: Mathilde não deixaria de saber de sua presença ou de sua ausência descortês. Apesar da evidência desse argumento, ele não teve a força, no começo da noite, de apresentar-se na sociedade. Falando, perderia a metade de sua felicidade.

Soaram dez horas: foi preciso absolutamente apresentar-se.

Por sorte, encontrou o camarote da marechala repleto de mulheres, e teve que ficar junto à porta, inteiramente oculto pelos chapéus. Essa posição salvou-o de um ridículo; os acentos divinos do desespero de Carolina no *Matrimonio segreto* arrancaram-lhe lágrimas. A sra. de Fervaques viu essas lágrimas; elas formavam tal contraste com a firmeza masculina de sua expressão habitual que a alma dessa grande dama, há muito saturada com o que há de mais corrosivo no orgulho de quem subiu na vida, comoveu-se. O pouco que nela restava de um coração de mulher a fez falar. Quis deliciar-se com o som de sua voz naquele momento.

– Viu as damas de La Mole?, perguntou-lhe. Estão no terceiro andar. Julien prontamente inclinou-se para a plateia, apoiando-se de forma muito descortês sobre a balaustrada do camarote: ele viu Mathilde; os olhos dela brilhavam de lágrimas.

Mas hoje não é o dia de irem ao teatro da Ópera?, pensou Julien. Que desvelo!

Mathilde convencera a mãe a ir ao teatro de Opereta, apesar da inconveniência do lugar do camarote que uma amiga da casa apressara-se a oferecer-lhes. Ela queria ver se Julien estaria essa noite com a marechala.

Capítulo XXXI

AMEDRONTÁ-LA

Eis portanto o belo milagre de vossa civilização! Do amor fizestes um assunto ordinário.

BARNAVE

JULIEN CORREU AO CAMAROTE DA SRA. DE LA MOLE. Seus olhos encontraram primeiro os olhos em lágrimas de Mathilde; ela chorava sem nenhuma contenção, lá estavam apenas pessoas subalternas, a amiga que emprestara o camarote e amigos dela. Mathilde pousou a mão sobre a de Julien, parecia ter esquecido qualquer temor em relação à mãe. Quase sufocada pelas lágrimas, ela disse-lhe apenas esta palavra: *garantias!*

Ao menos, que eu me cale, pensava Julien, muito comovido ele também, e procurando esconder os olhos com a mão, a pretexto do lustre que brilhava no terceiro andar dos camarotes. Se eu falar, ela não poderá mais duvidar do excesso de minha emoção, o som de minha voz me trairá, tudo ainda pode se perder.

Seus combates eram bem mais penosos que de manhã, sua alma já tivera tempo de comover-se. Ele temia ver Mathilde envaidecida. Ébrio de amor e de volúpia, obrigou-se a não falar.

Esse, a meu ver, é um dos mais belos traços de seu caráter; uma criatura capaz de tal esforço sobre si mesma pode ir longe, *si fata sinant*.18

A srta. de La Mole insistiu em levar de volta Julien à mansão. Felizmente chovia muito. Mas a marquesa o fez sentar-se à sua frente, falou o tempo todo e impediu que ele dissesse uma palavra à filha. Dir-se-ia que a marquesa cuidava da felicidade de Julien; não temendo mais perder tudo por excesso de emoção, ele entregava-se a esta com loucura.

Ousarei dizer que, ao voltar a seu quarto, Julien caiu de joelhos e cobriu de beijos as cartas de amor dadas pelo príncipe Korasoff?

– Ó grande homem! Que não te devo?, ele exclamou em sua loucura.

Aos poucos, recuperou alguma frieza. Comparou-se a um general que acaba de ganhar metade de uma grande batalha. A vantagem é certa, imensa, pensou; mas o que acontecerá amanhã? Um instante pode pôr tudo a perder.

Num impulso apaixonado, abriu as *Memórias*, ditadas em Santa Helena por Napoleão, e por duas horas forçou-se a lê-las. Apenas seu olhos liam; não importa, ele forçava-se a isso. Durante essa leitura singular, sua cabeça e seu coração, alçando-se ao que há de maior, trabalhavam à revelia. O coração dela é muito diferente do da sra. de Rênal, ele pensava, mas não seguia adiante.

– AMEDRONTÁ-LA, exclamou de repente, lançando o livro longe. O inimigo só me obedecerá se eu o amedrontar, então não ousará desprezar-me.

Ele andava pelo quarto, bêbado de alegria. A bem dizer, essa felicidade era mais de

orgulho que de amor.

– Amedrontá-la!, repetia orgulhosamente, e ele tinha razão de estar orgulhoso. Mesmo em seus momentos mais felizes, a sra. de Rênal sempre duvidava que meu amor se igualasse ao dela. Aqui, é um demônio que subjugo, portanto é preciso *subjugar*.

Ele sabia perfeitamente que no dia seguinte, a partir das oito da manhã, Mathilde estaria na biblioteca; ele só apareceu às nove horas, ardendo de amor, mas com a cabeça dominando o coração. Não transcorreu talvez um só minuto sem que ele se repetisse: Mantê-la sempre ocupada com esta grande dúvida: ele me ama? Sua brilhante posição, as lisonjas de todos os que lhe falam, levam-na a tranquilizar-se *um pouco demais*.

Encontrou-a pálida, calma, sentada no divã, aparentemente incapaz de fazer um único movimento. Ela estendeu-lhe a mão:

– Amigo, eu te ofendi, é verdade; estás zangado comigo?...

Julien não esperava esse tom tão simples. Esteve a ponto de trair-se.

– Você quer garantias, meu amigo, ela acrescentou depois de um silêncio que esperava ver rompido. É justo. Leve-me embora, partamos para Londres... Estarei perdida para sempre, desonrada.

Teve a coragem de retirar sua mão da de Julien para cobrir-se os olhos. Todos os sentimentos de recato e de virtude haviam voltado a essa alma... – Pois bem! Desonre-me, disse enfim com um suspiro, isso é *uma garantia*.

Ontem fiquei feliz porque tive a coragem de ser severo comigo mesmo, pensou Julien. Após um momento de silêncio, ele teve suficiente controle sobre seu coração para dizer num tom glacial:

– Uma vez a caminho de Londres, uma vez desonrada, para servir-me de suas expressões, quem me diz que você me amará? Que minha presença no assento da carruagem não lhe parecerá importuna? Não sou um monstro, arruinar sua reputação será para mim apenas uma infelicidade a mais. O obstáculo não é sua posição frente à sociedade: é, por infelicidade, o seu caráter. Pode garantir a si mesma que me amará por oito dias?

(Ah! Se ela me amasse por oito dias, por oito dias somente, dizia Julien consigo, eu morreria de felicidade. Que me importa o futuro, que me importa a vida? E essa felicidade divina pode começar neste instante se eu quiser, depende apenas de mim!)

Mathilde o viu pensativo.

– Então sou completamente indigna de você, disse ela tomando-lhe a mão.

Julien abraçou-a, mas imediatamente a mão de ferro do dever conteve seu coração. Se ela perceber o quanto a adoro, eu a perco. E, antes de retirar seus braços, retomou toda a dignidade que convém a um homem.

Naquele dia e nos seguintes, ele soube ocultar o excesso de sua ventura; houve momentos em que recusava-se até o prazer de estreitá-la nos braços.

Em outros momentos, o delírio de felicidade prevalecia sobre todos os conselhos da prudência.

Antes, era junto à latada de madressilvas disposta para ocultar a escada, no jardim, que ele costumava ir para olhar de longe a persiana de Mathilde e lamentar sua inconstância. Havia um grande carvalho ao lado e o tronco dessa árvore o impedia de ser visto por indiscretos.

Ao passar com Mathilde nesse mesmo lugar, que lhe lembrava tão vivamente o excesso de sua infelicidade, o contraste entre o desespero passado e a bem-aventurança presente foi demasiado forte para seu caráter; lágrimas inundaram-lhe os olhos; levando aos lábios a mão da amiga, ele disse: Aqui eu ficava pensando em você; aqui eu olhava aquela persiana, esperava horas inteiras o momento afortunado em que veria estão mão abri-la...

Sua fraqueza foi completa. Ele descreveu com essas cores verdadeiras, que não se inventam, o excesso do seu desespero de então. Curtas interjeições testemunhavam a felicidade atual que fizera cessar aquele sofrimento atroz...

Que estou fazendo, meu Deus?, pensou Julien, voltando a si. Eu me perco.

No excesso de seu alarme, acreditou já ver menos amor nos olhos da srta. de La Mole. Era uma ilusão; mas a fisionomia de Julien mudou rapidamente e cobriu-se de uma palidez mortal. O brilho dos olhos extinguiu-se e a expressão de uma altivez não isenta de maldade sucedeu em seguida à do amor mais verdadeiro e mais abandonado.

– O que se passa, meu amigo?, disse Mathilde, com ternura e inquietude.

– Minto, disse Julien com irritação, e minto a você. Reprovo-me por isso, pois Deus sabe que a estimo muito para não mentir. Você me ama, é devotada a mim, e não tenho necessidade de compor frases para agradá-la.

– Santo Deus! são apenas frases o que me disse de maravilhoso há dois minutos?

– E as reprovo vivamente, querida amiga. Eu as compus outrora para uma mulher que me amava e me aborrecia... É um defeito de caráter que lhe confesso, perdoe-me.

Lágrimas amargas banharam as faces de Mathilde.

– Sempre que, impressionado por alguma coisa, tenho um momento de devaneio forçado, continuava Julien, minha execrável memória, que maldigo neste momento, oferece-me um recurso e abuso dele.

– Terei feito, sem saber, alguma ação que o terá desagradado?, disse Mathilde com uma ingenuidade encantadora.

– Um dia, lembro-me bem, ao passar por estas madressilvas, você colheu uma flor. O sr. de Luz a pediu e você lhe deu. Eu estava a dois passos.

– O sr. de Luz? É impossível, respondeu Mathilde, com a altivez que lhe era tão natural: não tenho essas maneiras.

– Estou certo disso, replicou Julien vivamente.

– Pois bem! É verdade, meu amigo, disse Mathilde baixando os olhos tristemente. Ela sabia positivamente que, desde há muitos meses, não permitia tal gesto ao sr. de Luz.

Julien olhou-a com uma ternura inexprimível: não, pensou, ela não me ama menos.

À noite, ela reprovou-lhe, rindo, seu gosto pela sra. de Fervaques: – Um burguês amar uma mulher que subiu na vida! Corações dessa espécie são talvez os únicos que meu Julien não consegue enlouquecer. Ela fez de você um verdadeiro dândi, acrescentou, mexendo nos cabelos dele.

No tempo em que se acreditava desprezado por Mathilde, Julien tornara-se um dos homens mais bem-vestidos de Paris. E ele tinha ainda uma vantagem sobre as pessoas dessa espécie: uma vez arranjada sua toalete, não pensava mais nela.

Uma coisa feria Mathilde: Julien continuava a copiar as cartas russas e a enviá-las à

marechala.

---

18 *Se o destino permitir.* (N.T.)

Capítulo XXXII

O TIGRE

Ai! Por que estas coisas e não outras?

BEAUMARCHAIS

UM VIAJANTE INGLÊS conta a intimidade em que vivia com um tigre; ele o criara e o acariciava, mas tinha sempre sobre a mesa uma pistola armada.

Julien só se entregava ao excesso de sua felicidade nos instantes em que Mathilde não podia ler a expressão dela em seus olhos. Ele cumpria com exatidão o dever de dizer-lhe, de tempo em tempo, uma palavra dura.

Quando a doçura de Mathilde, que ele observava com espanto, e o excesso de sua devoção estavam a ponto de tirar-lhe todo o controle sobre si mesmo, ele tinha a coragem de abandoná-la bruscamente.

Pela primeira vez, Mathilde amava.

A vida, que para ela sempre se arrastara a passos de tartaruga, agora voava.

Como era preciso, porém, que o orgulho se manifestasse de algum modo, ela queria expor-se com temeridade a todos os perigos que seu amor pudesse apresentar-lhe. Era Julien quem tinha prudência; e era somente quando se tratava de perigo que ela não cedia à vontade dele; embora submissa e quase humilde em relação a ele, ela mostrava no entanto ainda mais altivez para com todos os que dela se aproximavam na casa, parentes ou criados.

À noite, no salão, em meio a sessenta pessoas, ela chamava Julien para lhe falar em particular e longamente.

Um dia, tendo o pequeno Tanbeau se instalado ao lado deles, ela pediu-lhe que fosse buscar na biblioteca o volume de Smollet que trata da revolução de 1688; e, como ele hesitasse: – Vá e não se apresse, ela acrescentou, com uma expressão de insultante altivez que foi um bálsamo para a alma de Julien.

– Observou o olhar desse pequeno monstro?, ele disse a ela.

– Seu tio tem dez ou doze anos de serviço neste salão; não fosse isso, eu o faria expulsar agora mesmo.

Sua conduta em relação aos srs. de Croisenois, de Luz etc., perfeitamente polida na forma, não era menos provocante no fundo. Mathilde arrependia-se das confidências feitas um tempo atrás a Julien, tanto mais porque não ousava confessar-lhe que havia exagerado seus sinais de interesse, quase perfeitamente inocentes, por aqueles senhores.

Apesar das mais belas resoluções, seu orgulho de mulher a impedia diariamente de dizer a Julien: foi porque eu falava a você que senti prazer em descrever minha fraqueza em não retirar a mão, quando o sr. de Croisenois, pousando a dele sobre uma mesa de mármore, chegava a roçá-la um pouco.

Agora, assim que um desses senhores lhe falasse por alguns instantes, ela achava um meio

de fazer uma pergunta a Julien, e era um pretexto para retê-lo junto dela.

Ela descobriu-se grávida e comunicou esse fato com alegria a Julien.

– Ainda duvidará de mim? Não é isso uma garantia? Sou sua esposa para sempre.

Esse anúncio produziu em Julien um espanto profundo. Ele esteve a ponto de esquecer o princípio de sua conduta. Como ser voluntariamente frio e duro para com essa pobre jovem que se perde por minha causa? Mesmo nos dias em que a sensatez fazia ouvir sua voz terrível, ele não tinha mais a coragem, se a via com o aspecto sofredor, de dirigir-lhe uma daquelas frases cruéis tão indispensáveis, segundo sua experiência, para a duração de seu amor.

– Quero escrever a meu pai, disse-lhe um dia Mathilde; ele é mais que um pai para mim, é um amigo: sendo assim, seria indigno de você e de mim querer enganá-lo, nem que fosse por um instante.

– Meu Deus! Que pretende fazer?, disse Julien, apavorado.

– Meu dever, ela respondeu, com olhos brilhantes de alegria.

Ela se mostrava mais magnânima que seu amante.

– Mas ele me expulsará com ignomínia!

– É o direito dele, é preciso respeitá-lo. Darei o braço a você e sairemos pelo portão principal, em pleno meio-dia.

Atônito, Julien rogou-lhe esperar uma semana.

– Não posso, ela respondeu, a honra obriga, sei o meu dever, devo segui-lo e imediatamente.

– Pois bem! Ordeno que espere, disse enfim Julien. Sua honra está protegida, sou seu esposo. A situação de nós dois vai ser modificada por essa decisão capital. Tenho também meus direitos. Hoje é terça-feira. Terça-feira que vem é o aniversário do duque de Retz; à noite, quando o sr. de La Mole voltar para casa, o porteiro lhe entregará a carta fatal... Ele só pensa em fazê-la duquesa, estou certo disso, imagine sua infelicidade!

– Está querendo dizer: imagine sua vingança?

– Posso ter piedade por meu benfeitor, ficar desolado por prejudicá-lo, mas não temo e não temerei jamais ninguém.

Mathilde submeteu-se. Desde que anunciara seu novo estado a Julien, era a primeira vez que ele lhe falava com autoridade; nunca ele a amara tanto. Era com felicidade que a parte terna de sua alma encontrava no estado de Mathilde um pretexto para não lhe dirigir palavras cruéis. A confissão ao sr. de La Mole agitou-o profundamente. Iam separá-lo de Mathilde? E, por mais que ela sofresse ao vê-lo partir, pensaria ainda nele um mês depois da partida?

Ele tinha um horror quase igual das justas recriminações que o marquês poderia lhe fazer.

À noite, confessou a Mathilde esse segundo motivo de desgosto e, a seguir, extraviado por seu amor, confessou-lhe também o primeiro.

Ela mudou de cor.

– Realmente, disse ela, seis meses passados longe de mim seriam uma desgraça para você.

– Imensa, a única no mundo que vejo com terror.

Mathilde sentiu-se muito feliz. Julien desempenhara seu papel com tanta aplicação que conseguira fazê-la pensar que, dos dois, era ela que mais amava.

A terça-feira fatal chegou. À meia-noite, ao voltar para casa, o marquês encontrou uma

carta com a indicação de que ele próprio devia abri-la, e somente quando estivesse sem testemunhas.

"MEU PAI,

"Todos os laços sociais estão rompidos entre nós, não restam senão os da natureza. Depois de meu marido, o senhor é e será sempre a pessoa que mais amarei. Meus olhos enchem-se de lágrimas, penso no sofrimento que lhe causo, mas, para que minha vergonha não seja pública, para dar-lhe o tempo de deliberar e de agir, não pude adiar por mais tempo a confissão que lhe devo. Se sua amizade, que sei ser extrema por mim, quiser conceder-me uma pequena pensão, irei estabelecer-me onde quiser, na Suíça, por exemplo, com meu marido. O nome dele é tão obscuro que ninguém reconhecerá sua filha na sra. Sorel, nora de um carpinteiro de Verrières. Eis o nome que me é tão difícil escrever. Temo, por Julien, sua cólera, aparentemente tão justa. Não serei duquesa, meu pai; eu sabia disso quando passei a amá-lo; pois fui eu que o amei primeiro, fui eu que o seduzi. Herdei do senhor uma alma muito elevada para deter minha atenção no que é ou me parece vulgar. Foi em vão que, no propósito de agradá-lo, pensei no sr. de Croisenois. Por que o senhor colocou o verdadeiro mérito diante dos meus olhos? O senhor mesmo me disse quando retornei de Hyères: esse jovem Sorel é a única criatura que me alegra; o pobre rapaz está tão aflito quanto eu, se isso é possível, com o sofrimento que esta carta lhe causará. Não posso impedir que o senhor se irrite, como pai; mas me ame sempre, como amigo.

"Julien respeitava-me. Se às vezes falava-me, era unicamente por causa do profundo reconhecimento pelo senhor: pois a nobreza natural do caráter dele faz que ele jamais responda senão oficialmente a tudo o que lhe é superior. Ele possui um sentimento vivo e inato da diferença das posições sociais. Fui eu, confesso envergonhada ao meu melhor amigo, e jamais tal confissão será feita a um outro, fui eu que um dia, no jardim, apertei seu braço.

"Depois de vinte e quatro horas, por que o senhor estaria irritado contra ele? Minha falta é irreparável. Se o exigir, é por mim que passarão as garantias do profundo respeito e do desespero por desagradá-lo que ele sente. O senhor não mais o verá; mas irei encontrá-lo onde ele quiser. É o direito dele e é o meu dever, pois ele é o pai de meu filho. Se sua bondade quiser conceder-nos seis mil francos para viver, os receberei com gratidão: caso contrário, Julien pensa estabelecer-se em Besançon como professor de latim e de literatura. Por mais baixo o degrau de onde parta, tenho certeza de que se elevará. Com ele não temo a obscuridade. Se houver revolução, estou certa que terá um papel de destaque. Poderia o senhor dizer o mesmo de algum dos que me pediram a mão? Eles possuem belas propriedades! Mas não vejo nessa única circunstância uma razão para admirá-los. Meu Julien alcançaria uma alta posição mesmo no regime atual, se tivesse um milhão e a proteção de meu pai..."

Sabendo que o marquês era um homem impetuoso, Mathilde escrevera oito páginas.

O que fazer? pensava Julien enquanto o sr. de La Mole lia essa carta; onde está 1º) meu dever, 2º) meu interesse? O que lhe devo é imenso: sem ele, eu teria sido um velhaco subalterno, e não suficientemente velhaco para não ser odiado e perseguido pelos outros. Ele

fez de mim um homem de sociedade. Minhas velhacarias *necessárias* serão 1º) mais raras, 2º) menos ignóbeis. Isso é mais do que se ele me tivesse dado um milhão. Devo-lhe esta medalha e a aparência de serviços diplomáticos que me valorizam.

Se ele pegasse a pena para prescrever minha conduta, o que escreveria?...

Julien foi bruscamente interrompido pelo velho mordomo do sr. de La Mole.

– O marquês exige sua presença imediata, vestido ou não.

O mordomo acrescentou em voz baixa, andando ao lado de Julien:

– Tenha cuidado, ele está fora de si.

Capítulo XXXIII

O INFERNO DA FRAQUEZA

Ao talhar esse diamante, um lapidário inábil tirou-lhe alguns de seus mais vivos brilhos. Na Idade Média, que digo? ainda no tempo de Richelieu, o francês tinha a força de querer.

MIRABEAU

JULIEN ENCONTROU O MARQUÊS FURIOSO: pela primeira vez na vida, talvez, esse senhor perdeu a compostura: despejou sobre Julien todas as injúrias que lhe vieram à boca. Nosso herói ficou aturdido, exasperado, mas seu reconhecimento não foi abalado com isso. Quanto belos projetos há muito acalentados no fundo de seu pensamento o pobre homem vê desabar num instante! Mas tenho obrigação de responder-lhe, meu silêncio aumentaria sua cólera. A resposta foi fornecida pelo papel de Tartufo.

– *Não sou um anjo*... Servi-o bem, o senhor pagou-me com generosidade... Sou grato, mas tenho vinte e dois anos... Nesta casa, meu pensamento só era compreendido pelo senhor e por essa pessoa amável...

– Monstro!, exclamou o marquês. Amável! Amável! No dia em que a descobriu amável, devia ter fugido.

– Tentei; foi quando lhe pedi para partir para o Languedoc.

Cansado de andar furioso de um lado para o outro, o marquês, vencido pela dor, lançou-se numa poltrona; Julien ouviu-o dizer-se a meia voz: – Não é um homem mau.

– Não, não o sou para o senhor, exclamou Julien, caindo de joelhos. Mas ele sentiu uma vergonha extrema desse movimento e levantou-se depressa.

O marquês estava realmente fora de si. Ao ver esse movimento, recomeçou a despejar injúrias atrozes e dignas de um cocheiro de fiacre. A novidade desses palavrões talvez fosse uma distração.

– Quê! Minha filha chamar-se sra. Sorel! Quê! Minha filha não será duquesa! Sempre que essas duas ideias apresentavam-se nitidamente, o sr. de La Mole sentia-se torturado e os movimentos de sua alma não eram mais voluntários. Julien receou ser espancado.

Nos intervalos lúcidos, e quando o marquês começava a acostumar-se ao seu infortúnio, ele fazia a Julien recriminações bastante razoáveis:

– Devia ter fugido, senhor... Seu dever era fugir... Portou-se como o último dos homens...

Julien aproximou-se da mesa e escreveu:

"Há muito a vida me é insuportável, ponho um fim a ela. Rogo ao sr. marquês aceitar, com a expressão de um reconhecimento sem limites, minhas desculpas pelo embaraço que minha morte em sua mansão pode causar."

– Que o sr. marquês digne-se percorrer este papel... Mate-me, disse Julien, ou mande

matar-me por seu mordomo. É uma hora da madrugada, estarei no jardim junto ao muro do fundo.

– Vá para o diabo, gritou-lhe o marquês quando ele se retirava.

Compreendo, pensou Julien; ele bem que gostaria de poupar a seu mordomo o trabalho de matar-me... Então que me mate, é uma satisfação que lhe ofereço... Mas, meu Deus, amo a vida!... Devo viver por meu filho.

Essa ideia, que pela primeira vez apresentava-se claramente à sua imaginação, ocupou-o inteiramente depois dos primeiros minutos entregues ao sentimento do perigo.

Esse interesse novo fez dele um homem prudente. Preciso de conselhos para conduzir-me com esse homem impetuoso... Ele perdeu a razão, é capaz de tudo. Fouqué está muito distante, aliás não compreenderia os sentimentos de um coração como o do marquês.

O conde Altamira... Terei certeza de seu silêncio eterno? Meu pedido de conselhos não deve ser uma ação que complique minha situação. Ai! Só me resta o sombrio abade Pirard, com seu espírito jansenista estreito... Um jesuíta velhaco conheceria a sociedade e me seria mais útil... O sr. Pirard é capaz de bater-me ao simples enunciado do crime.

O gênio de Tartufo veio em socorro de Julien: Pois bem, irei confessar-me a ele. Foi a última resolução que tomou depois de duas horas de passeio no jardim. Ele não pensava mais que pudesse ser surpreendido por um tiro de fuzil, o sono o dominava.

Na manhã seguinte, bem cedo, Julien estava a várias léguas de Paris, batendo à porta do severo jansenista. Para seu grande espanto, viu que ele não se surpreendera demais com a confidência.

– Tenho recriminações a fazer-me, dizia o abade, mais preocupado que irritado. Eu suspeitava esse amor. Minha amizade por você, pobre infeliz, impediu-me de advertir o pai...

– O que ele irá fazer?, perguntou vivamente Julien.

(Ele amava o abade neste momento, e uma cena lhe teria sido muito penosa.)

– Vejo três saídas, continuou Julien: 1º) O sr. de La Mole pode fazer que me matem; e mencionou a carta de suicida que entregara ao marquês; 2º) fazer-me de alvo ao conde Norbert, que me desafiaria para um duelo.

– Você aceitaria?, disse o abade, furioso e levantando-se.

– Não me deixou terminar. Certamente eu jamais dispararia contra o filho do meu benfeitor. 3o) Ele pode afastar-me. Se me disser: vá para Edimburgo, para Nova York, obedecerei. Então poderão dissimular a situação da srta. de La Mole; mas não consentirei que suprimam meu filho.

– Será essa, não duvide, a primeira ideia daquele homem corrupto...

Em Paris, Mathilde estava desesperada. Tinha visto o pai por volta das sete horas. Ele mostrara-lhe a carta de Julien, ela temia que ele julgasse nobre pôr fim à vida: e sem minha permissão?, pensava, com uma dor que era de cólera.

– Se ele morreu, morrerei, ela disse ao pai. O senhor terá sido a causa da morte dele... Talvez se alegre com isso... Mas juro a seus manes: vestirei luto e serei publicamente a *sra. viúva Sorel*, enviarei minhas participações de falecimento, pode estar certo... O senhor não me verá pusilânime nem covarde.

Seu amor chegava quase à loucura. O sr. de La Mole, por sua vez, ficou confuso.

Começava a ver os acontecimentos com algum discernimento. No almoço, Mathilde não apareceu. O marquês sentiu-se livre de um peso imenso, e sobretudo lisonjeado, quando notou que ela nada dissera à mãe.

Julien descia do cavalo. Mathilde mandou chamá-lo e lançou-se em seus braços quase à vista da camareira. Julien não ficou muito agradecido por esse gesto, ele voltava muito diplomata e muito calculista de sua longa conferência com o abade Pirard. Sua imaginação fora apagada pelo cálculo dos possíveis. Mathilde, com lágrimas nos olhos, disse-lhe que vira sua carta de suicida.

– Meu pai pode mudar de ideia; por favor, parte agora mesmo para Villequier. Monta a cavalo de novo, sai da mansão antes que se levantem da mesa.

Como Julien não abandonasse o ar espantado e frio, ela teve um acesso de lágrimas.

– Deixa-me cuidar de nossa situação, ela exclamou com arrebatamento, estreitando-o nos braços. Bem sabes que não é voluntariamente que me separo de ti. Escreve-me sob o nome de minha camareira, que outra mão escreva o endereço, eu te responderei com volumes. Adeus! Foge.

Essa última palavra feriu Julien, mas ele obedeceu. É fatal, pensava; mesmo em seus melhores momentos, essa gente encontra um meio de me chocar.

Mathilde resistiu com firmeza a todos os projetos *prudentes* do pai. Não quis jamais estabelecer negociações noutras bases senão estas: ela seria a sra. Sorel e viveria pobremente com o marido na Suíça, ou na casa do pai, em Paris. Repeliu totalmente a proposta de um parto clandestino.

– Então é que haveria para mim a possibilidade de calúnia e desonra. Dois meses depois do casamento, viajarei com meu marido, e será fácil fazer supor que meu filho nasceu numa época conveniente.

Acolhida inicialmente com reações de cólera, essa firmeza acabou por gerar dúvidas no marquês.

Num momento de enternecimento, ele disse à filha:

– Olha! Aqui está um título de dez mil libras de renda, envia-o a teu Julien, e que ele me ponha logo na impossibilidade de tomá-lo de volta.

Para *obedecer* a Mathilde, de quem conhecia o amor pelo comando, Julien fizera quarenta léguas inúteis. Estava em Villequier, acertando as contas dos colonos; o benefício do marquês foi um motivo para seu regresso. Foi pedir asilo ao abade Pirard que, na sua ausência, tornara-se o aliado mais útil de Mathilde. Toda vez que era interrogado pelo marquês, ele provava-lhe que qualquer outra decisão que não o casamento público seria um crime aos olhos de Deus.

– E, por felicidade, acrescentava o abade, a sabedoria da sociedade está nesse ponto de acordo com a religião. Conhecido o caráter impetuoso da srta. de La Mole, pode-se contar com um segredo que ela não irá impor-se a si mesma? Se não for tomado o caminho franco do casamento público, a sociedade se ocupará por muito mais tempo desse caso entre pessoas desiguais. É preciso dizer tudo de uma vez, sem fingir e sem fazer o menor mistério.

– É verdade, disse o marquês, pensativo. Nesse sistema, falar de tal casamento por mais de três dias só será um assunto para quem não tem ideias. Teríamos que aproveitar uma

importante medida antijacobina do governo para passarmos incógnitos depois.

Dois ou três amigos do sr. de La Mole pensavam como o abade Pirard. O grande obstáculo, para eles, era o caráter decidido de Mathilde. Mas, apesar de todos esses belos raciocínios, a alma do marquês não podia acostumar-se a renunciar à esperança do *banquinho*19 para sua filha.

Sua memória e sua imaginação estavam repletas das libertinagens e das falsidades de todo tipo que ainda eram possíveis em sua juventude. Ceder à necessidade, ter medo da lei parecia-lhe uma coisa absurda e desonrosa para um homem da sua condição. Ele pagava caro, agora, os sonhos fascinantes que há dez anos alimentava sobre o futuro daquela filha querida.

Quem teria podido prever?, pensava. Uma moça de um caráter tão altivo, de um gênio tão elevado, mais orgulhosa que eu do nome que possui! Cuja mão me era pedida por tudo o que há de mais ilustre na França!

Há que renunciar a toda prudência. Este século está destinado a confundir tudo. Marchamos para o caos!

---

19 *Tabouret,* no original. Assento nos aposentos reais reservados à alta nobreza. (N.T.)

Capítulo XXXIV

UM HOMEM DE ESPÍRITO

Andando a cavalo, o governador dizia: por que não serei ministro, presidente do conselho, duque? Eis como faria a guerra... Desse modo, poria os inovadores na cadeia...

LE GLOBE

NENHUM ARGUMENTO CONSEGUE destruir a força de dez anos de sonhos agradáveis. O marquês não achava razoável zangar-se, mas não podia decidir-se a perdoar. Se esse Julien pudesse morrer acidentalmente, pensava às vezes... Assim essa imaginação entristecida encontrava algum alívio perseguindo as quimeras mais absurdas. Elas barravam a influência dos sensatos argumentos do abade Pirard. Passou-se um mês sem que a negociação desse um passo.

Nesse assunto de família, como nos da política, o marquês tinha ideias brilhantes que o entusiasmavam durante três dias. Um plano de conduta não lhe agradava, então, por estar apoiado em bons raciocínios; para ele, os raciocínio só tinham graça na medida em que se apoiassem em seu plano favorito. Durante três dias ele buscava, com o ardor e o entusiasmo de um poeta, levar as coisas a uma certa posição; no dia seguinte não pensava mais nisso.

A princípio, Julien ficou desconcertado com a lentidão do marquês; mas, depois de algumas semanas, começou a adivinhar que o sr. de La Mole não tinha, nesse assunto, nenhum plano traçado.

A sra. de La Mole e toda a casa acreditavam que Julien viajava pelo interior, cuidando da administração das terras; ele estava escondido no presbitério do abade Pirard e via Mathilde quase diariamente; ela, toda manhã, passava uma hora com o pai, mas às vezes ficavam semanas inteiras sem falar do assunto que ocupava todos os seus pensamentos.

– Não quero saber onde está esse homem, disse-lhe um dia o marquês; entregue-lhe esta carta. Mathilde leu:

"As terras do Languedoc rendem 20.600 francos. Dou 10.600 francos à minha filha e 10.000 francos ao sr. Julien Sorel. Também dou as terras, obviamente. Diga ao notário para preparar duas atas de doação separadas e trazê-las amanhã; depois disso, mais nenhuma relação entre nós. Ah! Senhor, eu merecia tudo isso?

O marquês de La Mole."

– Agradeço-lhe muito, disse Mathilde alegremente. Vamos morar no castelo d'Aiguillon, entre Agen e Marmande. Dizem que é uma região tão bela quanto a Itália.

Essa doação surpreendeu extremamente Julien. Ele não era mais o homem severo e frio que conhecemos. O destino de seu filho absorvia antecipadamente todos os seus pensamentos. Essa fortuna imprevista e bastante considerável para um homem tão pobre fez dele um

ambicioso. Já se via, juntando os recursos dele e da mulher, com 36.000 libras de renda. Quanto a Mathilde, todos os seus sentimentos estavam absorvidos na adoração pelo marido, pois é assim que seu orgulho chamava sempre Julien. Sua grande e única ambição é que o casamento fosse reconhecido. Passava o tempo a exagerar a grande prudência que tivera ao ligar seu destino ao de um homem superior. O mérito pessoal estava em moda, na sua mente.

A ausência quase contínua, a multiplicidade dos afazeres, o pouco tempo que tinham para falar de amor vieram completar o efeito salutar da sábia política inventada por Julien.

Mathilde acabou por impacientar-se de ver tão pouco o homem que ela conseguira amar realmente. Num momento de irritação, escreveu ao pai, começando a carta como Otelo:

"Que eu tenha preferido Julien aos prazeres que a sociedade oferecia à filha do sr. marquês de La Mole, minha escolha o prova suficientemente. Esses prazeres de consideração e de pequenas vaidades são nulos para mim. Eis que há seis semanas vivo separada de meu marido. É o bastante para testemunhar ao senhor meu respeito. Na próxima quinta-feira deixarei a casa paterna. Seus benefícios nos enriqueceram. Ninguém conhece meu segredo a não ser o respeitável abade Pirard. Irei à casa dele; ele nos casará e, uma hora depois da cerimônia, estaremos a caminho do Languedoc, e só reapareceremos em Paris por ordem sua. Mas o que me traspassa o coração é que tudo isso fará circular histórias picantes contra mim, contra o senhor. Os epigramas de um público tolo não poderão levar nosso excelente Norbert a lançar provocações a Julien? Sei que nessas circunstâncias eu não teria o menor domínio sobre ele, ressurgiria em sua alma o plebeu revoltado. Conjuro-o de joelhos, ó meu pai! Venha assistir ao meu casamento, na igreja do sr. Pirard, na próxima quinta-feira. O picante das histórias maldosas será suavizado, e a vida de seu filho único e a de meu marido estarão asseguradas" etc. etc.

Essa carta lançou a alma do marquês num estranho embaraço. Era preciso então finalmente tomar um partido. Todos os pequenos hábitos, todos os amigos vulgares haviam perdido sua influência.

Nessa estranha circunstância, os grandes traços do caráter, impressos pelos acontecimentos da juventude, readquiriram toda a sua força. Os infortúnios da emigração haviam feito dele um homem de imaginação. Depois de ter usufruído durante dois anos de uma fortuna imensa e de todas as distinções da corte, 1790 lançara-o nas terríveis misérias da emigração. Essa dura escola transformou uma alma de vinte e dois anos. No fundo, ele estava provisoriamente instalado em meio a suas riquezas atuais, em vez de ser dominado por elas. Mas a mesma imaginação que lhe preservara a alma da gangrena do ouro, lançara-o na louca paixão de ver a filha ostentar um belo título.

Durante as seis semanas que acabavam de transcorrer, em alguns momentos o marquês, impelido por um capricho, queria enriquecer Julien; a pobreza parecia-lhe ignóbil, desonrosa para ele, sr. de La Mole, impossível no esposo da filha; e dava-lhe o dinheiro. No dia seguinte, tomando sua imaginação um outro curso, parecia-lhe que Julien ouviria a linguagem muda dessa generosidade financeira, mudaria de nome, exilar-se-ia na América, escreveria a Mathilde que estava morto para ela. O sr. de La Mole supunha essa carta escrita e acompanhava seu efeito sobre o caráter da filha.

No dia em que foi tirado desses devaneios tão juvenis pela carta *real* de Mathilde, depois

de muito pensar em matar Julien ou em fazê-lo sumir, ele imaginava construir-lhe uma brilhante fortuna. Fazia-o tomar o nome de uma de suas terras; e por que não lhe transmitiria seu pariato? O duque de Chaulnes, seu sogro, falara-lhe várias vezes, depois que o filho único fora morto na Espanha, do desejo de transmitir seu título a Norbert...

Não se pode negar a Julien uma singular aptidão aos negócios, ousadia e até mesmo *brilhantismo*, pensava o marquês... Mas no fundo desse caráter existe algo de assustador. É a impressão que ele causa em todo o mundo, portanto deve haver algo de real (quanto maior a dificuldade de perceber esse ponto real, mais ele assustava a alma imaginativa do velho marquês).

Minha filha dizia-me isso muito habilmente, outro dia (numa carta suprimida): "Julien não se filiou a nenhum salão, a nenhum grupo". Ele não conta com nenhum apoio contra mim, não tem o menor recurso se o abandono... Mas será isso ignorância do estado atual da sociedade?... Duas ou três vezes eu lhe disse: Não há candidatura real e proveitosa a não ser a dos salões...

Não, ele não tem o gênio hábil e cauteloso de um procurador que não perde um minuto nem uma oportunidade... Não é de modo nenhum um caráter à Luís XI. Por outro lado, ouço-o pronunciar as máximas mais antigenerosas... Não entendo... Repetiria essas máximas para servirem de dique a suas paixões?

Mas uma coisa é certa: ele é impaciente com o desprezo, por aí posso pegá-lo.

Não tem a religião do alto nascimento, é verdade, não nos respeita por instinto... Isso é uma falta; mas, enfim, a alma de um seminarista deveria impacientar-se somente com a falta de prazer e de dinheiro. Ele, muito ao contrário, não pode suportar o desprezo por preço algum.

Pressionado pela carta da filha, o sr. de La Mole sentiu a necessidade de decidir-se: – Enfim, eis a grande questão: a audácia de Julien o terá levado a querer cortejar minha filha, porque sabe que a amo mais que tudo e possuo cem mil escudos de renda?

Mathilde afirma o contrário... Não, meu Julien, esse é um ponto sobre o qual não quero iludir-me.

Houve amor verdadeiro, imprevisto? Ou desejo vulgar de elevar-se a uma bela posição? Mathilde é clarividente, ela logo percebeu que essa suspeita pode colocá-lo a perder junto a mim, daí a confissão: foi ela a primeira que pensou em amá-lo.

Uma moça de um caráter tão altivo teria esquecido sua condição a ponto de tomar iniciativas materiais!... Apertar-lhe o braço no jardim, à noite, que horror! Como se ela não tivesse outros meios menos indecentes de dar a entender que o distinguia.

Quem se escusa, se acusa; desconfio de Mathilde... Naquele dia, os raciocínios do marquês eram mais conclusivos do que de costume. No entanto, o hábito prevaleceu, ele resolveu ganhar tempo e escrever à filha. Pois eles se escreviam de uma ala a outra da mansão. O sr. de La Mole não ousava discutir com Mathilde e enfrentá-la. Tinha medo de acabar tudo por uma concessão súbita.

CARTA

"Procure não cometer novas loucuras; eis aqui uma patente de tenente dos hussardos para o sr. cavaleiro Julien Sorel de La Vernaye. Está vendo o que faço por ele. Não me contrarie, não me interrogue. Que ele parta dentro de vinte e quatro horas para apresentar-se em

Estrasburgo, onde está seu regimento. Anexo uma ordem ao meu banqueiro. Que me obedeçam."

O amor e a alegria de Mathilde não tiveram mais limites; ela quis tirar proveito da vitória e respondeu imediatamente:

"O sr. de La Vernaye estaria a seus pés, completamente agradecido, se soubesse tudo o que o senhor se digna fazer por ele. Mas, em meio a essa generosidade, meu pai esqueceu-me: a honra de sua filha está em perigo. Uma indiscrição pode causar uma mancha eterna e que vinte mil escudos de renda não repariam. Só enviarei a patente ao sr. de La Vernaye se o senhor der a palavra de que, no correr do mês que vem, meu casamento será celebrado em público, em Villequier. Logo depois dessa época, que suplico não seja ultrapassada, sua filha só poderá aparecer em público com o nome de sra. de La Vernaye. Quanto lhe agradeço, querido papai, ter-me salvo desse nome Sorel" etc. etc.

A resposta foi imprevista.

"Obedeça, ou retrato-me de tudo. Trema, jovem imprudente! Ainda não sei quem é o seu Julien, e você mesma o sabe menos que eu. Que ele parta para Estrasburgo e procure marchar direito. Farei conhecer minhas vontades dentro de quinze dias."

Essa resposta tão firme surpreendeu Mathilde. *Não conheço Julien*; essa frase lançou-a num devaneio que logo enveredou pelas suposições mais encantadoras e que ela acreditava verdadeiras. O espírito de meu Julien não vestiu o *uniforme* mesquinho dos salões, e meu pai não crê em sua superioridade precisamente por causa daquilo que a comprova...

Todavia, se eu não obedecer a essa veleidade de caráter, vejo a possibilidade de uma cena pública; um escândalo rebaixará minha posição na sociedade e pode fazer-me menos amável aos olhos de Julien. Depois do escândalo... pobreza por dez anos; e a loucura de escolher um marido por causa de seu mérito só pode salvar do ridículo pela mais brilhante opulência. Se eu viver longe de meu pai, em sua idade, ele pode me esquecer... Norbert desposará uma mulher amável, esperta: o velho Luís XIV foi seduzido pela duquesa de Borgonha...

Ela decidiu obedecer, mas evitou falar da carta do pai a Julien; este caráter feroz poderia ser levado a alguma loucura.

À noite, quando comunicou a Julien que ele era tenente dos hussardos, a alegria dele foi ilimitada. Podemos imaginar isso pela ambição de toda a sua vida e pela paixão que tinha agora pelo filho. A mudança de nome causava-lhe espanto.

Afinal, pensava, meu romance acabou, e cabe a mim todo o mérito. Soube fazer-me amar por esse monstro de orgulho – e olhava para Mathilde. O pai não pode viver sem ela e ela sem mim.

Capítulo XXXV

UMA TEMPESTADE

Meu Deus, dai-me a mediocridade!

MIRABEAU

SUA ALMA ESTAVA ABSORTA; ele só respondia pela metade à ternura que ela lhe mostrava. Permanecia silencioso e sombrio. Jamais ele parecera tão grande, tão adorável aos olhos de Mathilde. Ela temia que alguma sutileza de seu orgulho viesse desfazer toda a situação.

Quase toda manhã ela via o abade Pirard chegar à mansão. Será que através dele Julien podia ter descoberto algo das intenções do pai? O próprio marquês, num momento de capricho, não poderia ter-lhe escrito? Depois de tão grande felicidade, como explicar o ar severo de Julien? Ela não ousou interrogá-lo.

Não ousou! Ela, Mathilde! A partir desse momento, passou a haver em seu sentimento por Julien algo de vago, de imprevisto, quase de terror. Essa alma seca sentiu tudo o que pode sentir da paixão uma criatura educada em meio ao excesso de civilização que Paris admira.

Na manhã seguinte, bem cedo, Julien estava no presbitério do abade Pirard. Cavalos de posta chegavam no pátio puxando uma velha sege, alugada na posta vizinha.

– Essa carruagem é inconveniente, disse-lhe o severo abade, com um ar carrancudo. Aqui estão vinte mil francos que o sr. de La Mole lhe dá de presente; ele determina que os gaste durante o ano, mas procurando ser o menos ridículo possível. (Numa quantia tão considerável, dada a um jovem, o abade via apenas uma ocasião de pecar.)

O marquês acrescenta: O sr. Julien de La Vernay terá recebido esse dinheiro de seu pai, pois é inútil designar de outro modo. O sr. de La Vernaye talvez julgue conveniente dar uma gratificação ao sr. Sorel, carpinteiro em Verrières, que cuidou dele na infância... Poderei encarregar-me dessa parte da comissão, acrescentou o abade. Enfim, obtive que o sr. de La Mole transigisse com o abade de Frilair, aquele jesuíta. Seu crédito é decididamente muito alto para o nosso. O reconhecimento implícito de seu alto nascimento por esse homem que governa Besançon será uma das condições tácitas do acerto.

Julien não pôde conter seu entusiasmo; abraçou o abade, via-se reconhecido.

– Pare com isso!, disse o sr. Pirard, repelindo-o; que quer dizer essa vaidade mundana?... Quanto a Sorel e a seus filhos, oferecer-lhes-ei, em meu nome, uma pensão anual de quinhentos francos, que será paga a cada um enquanto eu estiver contente com eles.

Julien já se mostrava frio e altivo. Agradeceu, mas em termos muito vagos e que a nada obrigavam. Seria possível, pensava, que eu fosse o filho natural de algum nobre exilado nas montanhas pelo terrível Napoleão? A cada instante essa ideia parecia-lhe menos improvável... Meu ódio por meu pai seria uma prova... Eu não seria mais um monstro!

Poucos dias depois desse monólogo, o décimo-quinto regimento dos hussardos, um dos mais brilhantes do exército, estava em formação de batalha na praça de armas de Estrasburgo.

O sr. cavaleiro de La Vernaye montava um belíssimo cavalo da Alsácia, que lhe custara seis mil francos. Era promovido a tenente, sem ter sido subtenente a não ser nos registros de um regimento do qual nunca ouvira falar.

Seu ar impassível, seu olhar severo e quase maligno, sua palidez, seu inalterável sangue-frio começaram a fazer-lhe a reputação já nos primeiros dias. Pouco depois, sua polidez perfeita e comedida, sua habilidade com as pistolas e as armas, que demonstrou sem demasiada afetação, afastaram a ideia de gracejar em voz alta a seu respeito. Passados cinco ou seis dias de hesitação, a opinião pública do regimento declarou-se a seu favor. Há tudo nesse jovem, diziam os velhos oficiais brincalhões, exceto juventude.

De Estrasburgo, Julien escreveu ao sr. Chélan, o ex-pároco de Verrières, que agora chegava aos limites da extrema velhice.

"O senhor terá sabido com alegria, não duvido, dos acontecimentos que levaram minha família a enriquecer-me. Aqui estão quinhentos francos que rogo distribua sem alarde, nem menção de meu nome, aos pobres infelizes como o fui outrora, e que certamente o senhor socorre como outrora me socorreu."

Julien estava inebriado de ambição e não de vaidade; contudo, dedicava grande parte de sua atenção à aparência exterior. Seus cavalos, seus uniformes, as librés de seus criados eram mantidos com uma correção digna da pontualidade de um grande nobre inglês. Mal promovido a tenente, graças a um favor e passados apenas dois dias, ele já calculava que, para comandar como chefe aos trinta anos, ou mais tarde, era preciso que aos vinte e três fosse mais que tenente. Ele só pensava na glória e em seu filho.

Foi em meio a esses transportes da ambição mais desenfreada que ele foi surpreendido por um jovem lacaio da mansão de La Mole, que lhe trazia uma carta.

"Tudo está perdido, escrevia-lhe Mathilde; volte o mais rápido possível, sacrifique tudo, deserte, se preciso. Assim que chegar, espere-me num fiacre, junto ao pequeno portão do jardim, no no..., da rua... Irei falar com você, talvez possa introduzi-lo no jardim. Tudo está perdido e receio que irremediavelmente; conte comigo, me encontrará devotada e firme na adversidade. Eu o amo."

Em alguns minutos, Julien obteve uma licença do coronel e partiu de Estrasburgo a toda brida; mas a inquietação terrível que o devorava não lhe permitiu continuar a viagem desse modo mais além de Metz. Lançou-se numa carruagem de posta, e foi com uma rapidez quase inacreditável que chegou ao lugar indicado, junto ao pequeno portão do jardim da mansão de La Mole. O portão abriu-se, e Mathilde, esquecendo todo respeito humano, precipitou-se em seus braços. Felizmente eram apenas cinco horas da manhã, e a rua estava ainda deserta.

– Tudo está perdido; meu pai, temendo minhas lágrimas, partiu na noite de quinta-feira, ninguém sabe para onde. Aqui está sua carta, leia. E ela subiu no fiacre com Julien.

> "Eu podia perdoar tudo, menos o projeto de seduzi-la porque você é rica. Eis aqui, desditosa filha, a terrível verdade. Dou-lhe minha palavra de honra de que jamais consentirei num casamento com esse homem. Dar-lhe-ei dez mil libras de renda se ele quiser viver distante, fora das fronteiras da França ou, melhor ainda, na América. Leia a carta que recebo em resposta às informações que solicitei. Foi o impudente, ele próprio, que me sugerira escrever à sra. de Rênal. Nunca mais lerei uma linha sua relativa a esse

homem. Sinto horror por Paris e por você. Exijo que cubra com o maior segredo o que deve acontecer. Renuncie *francamente* a um homem vil e terá de volta um pai."

– Onde está a carta da sra. de Rênal? disse friamente Julien.

– Ei-la. Não quis te mostrar senão depois que estivesses preparado.

CARTA

"O que devo à causa sagrada da religião e da moral me obriga, senhor, ao procedimento penoso que venho cumprir junto a vós; uma regra, que não pode falhar, me ordena neste momento prejudicar meu próximo, mas a fim de evitar um maior escândalo. A dor que sinto deve ser superada pelo sentimento do dever. É a pura verdade, senhor; a conduta da pessoa a respeito da qual pedis toda a verdade pode ter parecido inexplicável ou mesmo honesta. Poderiam julgar conveniente esconder ou disfarçar uma parte da realidade, tanto a prudência como a religião assim aconselhariam. Mas essa conduta, que desejais conhecer, foi no caso extremamente condenável, e mais do que posso dizê-lo. Pobre e ávido, foi com o auxílio da hipocrisia mais consumada, e seduzindo uma mulher frágil e infeliz, que esse homem buscou conquistar uma posição e ser alguma coisa. É uma parte de meu penoso dever acrescentar que sou obrigada a crer que o sr. J... não tem nenhum princípio de religião. Em consciência, sou forçada a pensar que um de seus meios de ter sucesso numa casa é seduzir a mulher que possui mais crédito. Acobertado por uma aparência de desinteresse e por frases de romance, seu grande e único objeto é chegar a dispor do dono da casa e de sua fortuna. Ele deixa atrás de si a infelicidade e lamentos eternos", etc. etc. etc.

Essa carta extremamente longa e em alguns trechos manchada por lágrimas era realmente de autoria da sra. de Rênal; inclusive fora escrita com mais cuidado do que de costume.

– Não posso censurar o sr. de La Mole, disse Julien, depois de tê-la terminado; ele é justo e prudente. Que pai daria sua filha querida a um homem como esse? Adeus!

Julien saltou do fiacre e correu até sua carruagem estacionada no fim da rua. Mathilde, que ele parecia ter esquecido, deu alguns passos para segui-lo; mas os olhares dos comerciantes que chegavam às portas de suas lojas, e que a conheciam, forçaram-na a voltar precipitadamente ao jardim.

Julien partira para Verrières. Nessa viagem rápida, não pôde escrever a Mathilde, como tencionava, sua mão formava apenas traços ilegíveis no papel.

Chegou a Verrières num domingo de manhã. Entrou na casa do armeiro local, que o cumprimentou efusivamente por sua recente fortuna. Era o assunto da cidade.

Julien teve muita dificuldade de fazê-lo compreender que queria um par de pistolas. O armeiro carregou as pistolas a seu pedido.

Soavam as *três badaladas*; é um sinal bem conhecido nas aldeias da França e que, depois das chamadas matinais, anuncia o começo imediato da missa.

Julien entrou na igreja nova de Verrières. Todas as janelas altas do prédio estavam cobertas de cortinas carmesins. Julien parou a alguns passos atrás do banco da sra. de Rênal. Pareceu-lhe que ela rezava com fervor. A visão dessa mulher que tanto o amara fez tremer o braço de Julien de tal maneira que ele não pôde a princípio executar seu propósito. Não

posso, dizia a si mesmo; fisicamente não posso.

Nesse momento, o sacristão que ajudava a missa tocou a sineta para a *elevação*. A sra. de Rênal baixou a cabeça que por um instante ficou quase inteiramente coberta pelas dobras de seu xale. Julien não a reconhecia mais tão bem; disparou contra ela um tiro de pistola e errou o alvo; deu um segundo tiro, ela caiu.

Capítulo XXXVI

DETALHES TRISTES

Não espereis fraqueza de minha parte. Vinguei-me. Mereço a morte e aqui estou. Rezai por minha alma.

SCHILLER

JULIEN PERMANECEU IMÓVEL, ele não via nada mais. Quando voltou um pouco a si, percebeu que os fiéis fugiam todos da igreja; o padre deixara o altar. Julien pôs-se a seguir a passos muito lentos algumas mulheres que se retiravam aos gritos. Uma mulher que quis fugir mais depressa que as outras empurrou-o com violência, ele caiu. Seus pés embaraçaram-se numa cadeira derrubada pela multidão; ao levantar-se, sentiu que um braço apertava seu pescoço; era um gendarme em uniforme de gala que o detinha. Maquinalmente, Julien quis recorrer a suas pequenas pistolas, mas um segundo gendarme prendeu seus braços.

Foi conduzido à prisão. Entraram numa peça, algemaram-lhe as mãos, deixaram-no só; a porta foi fechada com duas voltas da chave; tudo foi executado muito depressa, e ele permaneceu insensível a isso.

– Meu Deus, tudo está acabado, disse em voz alta, voltando a si... Sim, dentro de quinze dias a guilhotina... ou matar-me daqui até lá.

Seu raciocínio não ia mais longe; sentia a cabeça como se ela tivesse sido apertada com violência. Olhou para ver se alguém o segurava. Depois de alguns instantes, adormeceu profundamente.

A sra. de Rênal não se ferira mortalmente. A primeira bala atravessara seu chapéu; o segundo disparo partira no momento em que ela se virava. A bala atingira-lhe o ombro e, coisa espantosa, fora desviada pelo omoplata, que ela no entanto fraturou, indo bater num pilar gótico do qual tirou uma enorme lasca de pedra.

Quando, após um curativo longo e doloroso, o cirurgião, homem grave, disse à sra. de Rênal: respondo por sua vida como pela minha, ela ficou profundamente aflita. Há muito desejava sinceramente a morte. A carta que lhe fora imposta por seu confessor atual, e que ela escrevera ao sr. de La Mole, fora o último golpe desferido contra essa criatura debilitada por uma infelicidade constante. Essa infelicidade era a ausência de Julien; mas ela a chamava o *remorso*. O confessor, jovem eclesiástico virtuoso e fervoroso, recém-chegado de Dijon, não se enganava a esse respeito.

Morrer assim, mas não por minha mão, não é um pecado, pensava a sra. de Rênal. Deus talvez me perdoe por me alegrar com minha morte. Ela não ousava acrescentar: E morrer pela mão de Julien é o cúmulo das bem-aventuranças.

Tão logo viu-se livre da presença do cirurgião e dos amigos que acudiram em multidão, mandou chamar Elisa, sua camareira.

– O carcereiro, disse a ela, corando muito, é um homem cruel. Certamente irá maltratá-lo,

acreditando com isso fazer algo agradável para mim... Essa ideia me é insuportável. Será que não poderia ir, como por sua conta, entregar ao carcereiro este pacotinho contendo alguns luíses? Você lhe dirá que a religião não permite que ele o maltrate... Mas ele não deve de modo algum falar dessa remessa de dinheiro.

É a essa circunstância que acabamos de mencionar que Julien deveu a humanidade do carcereiro de Verrières; continuava sendo o sr. Noiroud, funcionário perfeito, a quem vimos a presença do sr. Appert causar tanto medo.

Um juiz apareceu na prisão.

– Atentei contra a vida com premeditação, disse-lhe Julien; comprei e mandei carregar as pistolas na casa de fulano, o armeiro. O artigo 1342 do Código Penal é claro, mereço a morte e a espero.

O juiz, espantado com esse modo de responder, quis multiplicar as perguntas para fazer com que o acusado se *contradissesse* em suas respostas.

– Mas não está vendo, disse-lhe Julien, sorrindo, que me declaro tão culpado quanto possa desejar? Vá, senhor, não irá perder a presa que persegue. Terá o prazer de condenar-me. Poupe-me sua presença.

Resta-me um aborrecido dever a cumprir, pensou Julien, devo escrever à srta. de La Mole.

"Estou vingado, ele escreveu. Desgraçadamente, meu nome aparecerá nos jornais e não posso escapar deste mundo incógnito. Morrerei dentro de dois meses. A vingança foi atroz, assim como a dor de ser separado de você. A partir deste momento, proíbo-me escrever e pronunciar seu nome. Não fale jamais de mim, mesmo a meu filho: o silêncio é a única maneira de honrar-me. Para o comum dos homens, serei um assassino vulgar... Permita-me a verdade neste momento supremo: você me esquecerá. Esta grande catástrofe, que lhe aconselho jamais mencionar a ser vivo nenhum, terá esgotado por vários anos tudo o que eu via de romanesco e de muito aventureiro no seu caráter. Você foi feita para viver com os heróis da Idade Média, mostre o caráter firme deles. Que o que deve acontecer seja cumprido em segredo e sem comprometê-la. Adote um nome falso e não tenha nenhum confidente. Se precisar absolutamente o amparo de um amigo, deixo-lhe o abade Pirard. Não fale a mais ninguém, sobretudo a pessoas de sua classe: os de Luz, os Caylus. Um ano depois de minha morte, despose o sr. de Croisenois. Peço-lhe, ordeno-lhe que ele seja seu esposo. Não me escreva, não responderei de modo algum. Bem menos malvado que Iago, ao que julgo, direi como ele: *From this time forth I never speak word*. Ninguém me verá falar nem escrever; você terá tido minhas últimas palavras, assim como minhas últimas adorações.

J. S."

Foi depois de ter despachado esta carta que, pela primeira vez, Julien, voltando um pouco a si, sentiu-se muito infeliz. Cada uma das esperanças da ambição teve que ser arrancada de seu coração por esta frase terrível: Eu morrerei. A morte, em si mesma, não era *horrível* para ele. Toda a sua vida fora apenas uma longa preparação para a desgraça, e ele estava longe de esquecer a que é tida como a maior de todas.

Ora, pois!, dizia a si mesmo, se dentro de sessenta dias eu devesse duelar com um homem

muito poderoso nas armas, será que teria a fraqueza de pensar nisso a todo instante e com terror na alma?

Passou mais de uma hora buscando conhecer-se bem sob esse aspecto.

Quando enxergou com clareza em sua alma e a verdade apareceu a seus olhos tão nitidamente quanto um dos pilares da prisão, ele pensou no remorso.

Por que o teria? Fui ofendido de uma maneira atroz; matei, mereço a morte, e isso é tudo. Morro após ter saldado minhas contas com a humanidade. Não deixo nenhuma obrigação por cumprir, nada devo a ninguém; minha morte nada tem de vergonhoso senão o instrumento: é verdade que isso basta para a minha vergonha aos olhos dos burgueses de Verrières; mas, do ponto de vista intelectual, o que há de mais desprezível? Resta-me um meio de ser bem-visto por eles: é jogar ao povo moedas de ouro a caminho do suplício. Minha memória, ligada à ideia do *ouro*, será resplandecente para eles.

Depois desse raciocínio, que ao cabo de um minuto lhe pareceu evidente, Julien pensou: Nada mais tenho a fazer na terra, e adormeceu profundamente.

Por volta das nove horas da noite, o carcereiro o despertou trazendo-lhe o jantar.

– O que dizem em Verrières?

– Senhor Julien, o juramento que fiz diante do crucifixo, no tribunal real, no dia em que fui instalado em meu cargo, me obriga ao silêncio.

Calou-se, mas não se retirou. A visão dessa hipocrisia vulgar divertiu Julien, que pensou: Devo fazê-lo esperar um bom tempo os cinco francos que ele deseja para vender-me sua consciência.

Quando o carcereiro viu a refeição terminada sem tentativa de sedução, disse com um ar falso e doce:

– A amizade que lhe tenho, senhor Julien, me obriga a falar, embora digam que isso é contra o interesse da justiça, porque pode servir para sua defesa... O senhor Julien, que é um bom rapaz, ficará bem contente se eu lhe disser que a sra. de Rênal está melhor.

– Como! Ela não está morta?, exclamou Julien fora de si.

– Então não sabia?, disse o carcereiro, com um ar estúpido que logo se transformou em cupidez feliz. Será muito justo que o senhor dê alguma coisa ao cirurgião que, de acordo com a lei e a justiça, não devia falar. Mas, para agradar ao senhor, fui à casa dele e ele me contou tudo...

– Então o ferimento não foi mortal? perguntou Julien, impaciente. Garantes isso por tua vida?

O carcereiro, gigante de quase dois metros de altura, ficou com medo e recuou até a porta. Julien viu que tomava um mau caminho para chegar à verdade, tornou a sentar-se e lançou uma moeda ao sr. Noiroud.

À medida que o relato desse homem provava a Julien que o ferimento da sra. de Rênal não era mortal, ele sentia-se dominado pelas lágrimas.

– Saia!, disse bruscamente.

O carcereiro obedeceu. Assim que a porta fechou-se, Julien exclamou: Ó Deus, ela não está morta! E caiu de joelhos, chorando copiosamente.

Nesse momento supremo, ele era crente. Que importam as hipocrisias dos padres? Acaso

elas podem tirar algo à verdade e à sublimidade da ideia de Deus?

Somente então Julien começou a arrepender-se do crime cometido. Por uma coincidência que lhe evitou o desespero, nesse instante apenas acabava de cessar o estado de irritação física e de semiloucura em que mergulhara desde sua partida de Paris para Verrières.

Suas lágrimas tinham uma fonte generosa, ele não tinha dúvida alguma sobre a condenação que o esperava.

Então ela viverá!, pensava... Viverá para perdoar-me e para amar-me...

Na manhã seguinte, bem tarde, o carcereiro veio despertá-lo.

– O senhor deve ter um coração famoso, disse-lhe este homem. Por duas vezes vim aqui e não quis despertá-lo. Eis duas garrafas de um excelente vinho que lhe envia o sr. Maslon, nosso pároco.

– Com que então esse tratante está ainda aqui?, disse Julien.

– Sim, senhor, respondeu o carcereiro baixando a voz, mas não fale tão alto, isso poderia prejudicá-lo.

Julien riu com prazer.

– No ponto onde estou, meu amigo, somente você poderia me prejudicar se deixasse de ser doce e humano... Você será bem pago, disse Julien, interrompendo-se e retomando um ar imperioso que justificou no mesmo instante pela doação de uma moeda.

O sr. Noiroud contou novamente e com todos os detalhes o que soubera a respeito da sra. de Rênal, mas não falou da visita da srta. Elisa.

Esse homem não podia ser mais vil e submisso. Uma ideia passou pela mente de Julien: Esse gigante disforme pode ganhar no máximo trezentos ou quatrocentos francos, pois sua prisão não é muito frequentada; posso garantir-lhe dez mil francos, se ele aceitar fugir comigo para a Suíça. A dificuldade será convencê-lo de minha boa-fé. A ideia da longa conversa que teria com uma criatura tão vil causou repugnância a Julien, e ele pensou noutra coisa.

À noite, não houve mais tempo. Uma carruagem veio levá-lo à meia-noite. Ficou contente com os gendarmes, seus companheiros de viagem. De manhã, ao chegar à prisão de Besançon, fizeram-lhe a gentileza de alojá-lo no andar superior de um torreão gótico. Ele julgou a arquitetura do começo do século XIV; admirou sua graça e sua leveza. No fundo de uma estreita passagem entre duas paredes, para além do pátio, via o recorte de uma paisagem soberba.

No dia seguinte foi submetido a um interrogatório, e depois, durante vários dias, deixaram-no tranquilo. Sua alma estava calma. Considerava simples seu caso: Quis matá-la, devo ser morto.

Seu pensamento não se preocupou mais com isso. O julgamento, o aborrecimento de aparecer em público, a defesa, ele os considerava como estorvos pequenos, cerimônias aborrecidas nas quais haveria tempo de pensar no próprio dia. O momento da morte não o preocupava mais: Pensarei nisso depois do julgamento. A vida não era de modo nenhum tediosa para ele, ele considerava todas as coisas sob um novo aspecto. Não tinha mais ambição. Raramente pensava na srta. de La Mole. Seus remorsos ocupavam-no muito e apresentavam-lhe com frequência a imagem da sra. de Rênal, sobretudo durante o silêncio das noites, perturbado apenas, nesse torreão elevado, pelo canto da águia-marinha.

Ele agradecia ao céu não tê-la ferido mortalmente. É espantoso!, dizia a si mesmo, eu acreditava que, por sua carta ao sr. de La Mole, ela destruíra para sempre minha felicidade por vir, e, menos de quinze dias depois dessa carta, não penso mais no que me ocupava então... Duas ou três mil libras de renda para viver tranquilo numa região montanhosa como Vergy... Eu era feliz, então... Não conhecia minha felicidade!

Noutros momentos, levantava-se em sobressalto da cadeira. Se eu tivesse ferido mortalmente a sra. de Rênal, teria me matado... Tenho necessidade dessa certeza para não ter horror por mim mesmo.

Matar-me! Eis a grande questão, pensava. Esses juízes tão formalistas, tão encarniçados contra o pobre acusado, que mandariam enforcar o melhor cidadão para ganharem uma medalha... Eu me subtrairia ao domínio deles, a suas injúrias em mau francês, que o jornal da província irá chamar de eloquência...

Posso viver ainda cinco ou seis semanas, mais ou menos... Matar-me! Não, não, pensou, depois de alguns dias; Napoleão viveu...

Aliás, a vida me é agradável; essa temporada é tranquila; não tenho aborrecimento algum, acrescentou, rindo; e pôs-se a fazer a lista dos livros que gostaria de mandar vir de Paris.

Capítulo XXXVII

UM TORREÃO

O túmulo de um amigo.

STERNE

ELE OUVIU UM RUÍDO FORTE NO CORREDOR; não era a hora em que subiam até sua prisão; a águia-marinha voou gritando, a porta abriu-se, e o venerável abade Chélan, trêmulo e com uma bengala na mão, lançou-se em seus braços.

– Oh! Meu Deus! Como é possível, meu filho?... Monstro! eu deveria dizer.

E o bom velhinho não conseguiu dizer mais nada. Julien temeu que ele caísse. Foi obrigado a conduzi-lo a uma cadeira. A mão do tempo abatera-se sobre esse homem outrora tão vigoroso. Ele pareceu a Julien não ser mais que a sombra de si mesmo.

Quando recobrou o fôlego, ele falou:

– Somente anteontem recebi sua carta de Estrasburgo, com os quinhentos francos para os pobres de Verrières; foi-me entregue na montanha, em Liveru, onde vivo retirado na casa de meu sobrinho Jean. Ontem fiquei sabendo da catástrofe... Ó céus! Como é possível? E o ancião não chorava mais, parecia privado de ideia; acrescentou maquinalmente: Você terá necessidade de seus quinhentos francos, trago-os de volta.

– Tenho necessidade de vê-lo, meu pai!, exclamou Julien, enternecido. Dinheiro não me falta.

Mas não pôde mais obter uma resposta sensata. De tempo em tempo, o sr. Chélan derramava lágrimas que escorriam silenciosamente pela face; depois olhava para Julien e ficava como atônito de vê-lo tomar-lhe as mãos e levá-las aos lábios. Aquele rosto outrora tão vivo, e que mostrava com tanta energia os mais nobres sentimentos, estava completamente apático. Uma espécie de camponês veio pouco depois buscar o ancião. – Ele não deve ser fatigado, disse a Julien, que compreendeu tratar-se do sobrinho. Essa visita mergulhou Julien numa infelicidade cruel e sem lágrimas. Tudo lhe parecia triste e sem consolo; sentia o coração gelado no peito.

Foi o instante mais cruel que sentiu desde o crime. Acabava de ver a morte, e em toda a sua feiura. Todas as ilusões de grandeza de alma e de generosidade haviam se dissipado como uma nuvem diante da tempestade.

Essa aflitiva situação durou várias horas. Depois do envenenamento moral, é preciso remédios físicos e vinho de Champagne. Julien achou que seria uma covardia recorrer a isso. No final dessa horrível jornada, que ele passou inteiramente a caminhar por seu estreito torreão, exclamou: Como sou louco! A visão desse pobre ancião deveria lançar-me em tal tristeza se eu devesse morrer como um outro qualquer; mas uma morte rápida e na flor da idade protege-me precisamente dessa triste decrepitude.

Não obstante os raciocínios que fizesse, Julien sentia-se enternecido como uma criatura

pusilânime, e portanto infeliz com essa visita.

Não havia mais nada de rude e de grandioso nele, mais nenhuma virtude romana; a morte aparecia-lhe a uma maior altitude e como coisa menos fácil.

Será esse o meu termômetro, pensou. Esta noite estou seis graus abaixo da coragem que preciso para chegar à guilhotina. Hoje de manhã eu tinha essa coragem. De resto, o que importa, contanto que ela me volte no momento necessário? A ideia do termômetro divertiu-o e conseguiu finalmente distraí-lo.

No dia seguinte, ao despertar, envergonhou-se da jornada da véspera. Minha felicidade e minha tranquilidade estão em jogo. Quase resolveu escrever ao procurador geral para pedir que ninguém mais viesse visitá-lo. E Fouqué? pensou. Se estiver a caminho de Besançon, qual não seria sua dor?

Já fazia talvez dois meses que ele não pensava em Fouqué. Fui um grande estúpido em Estrasburgo, meu pensamento não ia além da gola do meu uniforme. A lembrança de Fouqué o ocupou por muito tempo e o deixou ainda mais enternecido. Andava de um lado a outro com agitação. Eis-me decididamente vinte graus abaixo do nível da morte... Se essa fraqueza aumentar, será melhor matar-me. Que alegria para os padres Maslon e os Valenod se morro como um lacaio!

Fouqué chegou; esse homem simples e bom estava completamente arrasado. Sua única ideia, se tivesse alguma, era vender todos os bens para subornar o carcereiro e salvar Julien. Ele falou longamente da fuga do sr. de Lavalette.

– Fazes-me sentir pena, disse-lhe Julien; o sr. de Lavalette era inocente, eu sou culpado. Sem querer, fazes-me pensar na diferença...

Mas é verdade mesmo? Venderias todos os teus bens?, disse Julien, tornando-se outra vez observador e desconfiado.

Fouqué, encantado de ver o amigo responder enfim à sua ideia dominante, explicou longamente e em detalhes o que tiraria de cada uma de suas propriedades.

Que esforço sublime num proprietário rural! Quantas economias, quantas sovinices que me faziam corar quando as via fazer, ele sacrifica por mim! Aqueles elegantes jovens que conheci na mansão de La Mole, e que leem René, não teriam esses ridículos; mas, com exceção dos muito jovens e enriquecidos por herança, que ignoram o valor do dinheiro, qual desses belos parisienses seria capaz de tal sacrifício?

Todos os erros de francês, todos os gestos comuns de Fouqué desapareceram, Julien lançou-se em seus braços. Jamais a província, comparada a Paris, recebeu mais bela homenagem. Fouqué, encantado com o momento de entusiasmo que via nos olhos do amigo, tomou-o como um consentimento à fuga.

Essa visão do *sublime* devolveu a Julien a força que a visita do sr. de Chélan o fizera perder. Ele ainda era muito jovem; mas, em minha opinião, foi uma bela planta. Em vez de ir do terno ao astucioso, como a maioria dos homens, a idade lhe teria dado a bondade fácil de comover-se, ele teria se curado de uma desconfiança insensata... Mas de que servem estas inúteis predições?

Os interrogatórios tornavam-se mais frequentes, a despeito dos esforços de Julien, cujas respostas buscavam sempre abreviar o caso: – Matei ou, pelo menos, tive a intenção de matar

e com premeditação, ele repetia a cada vez. Mas o juiz era acima de tudo formalista. As declarações de Julien não abreviavam de modo algum os interrogatórios; o amor-próprio do juiz ofendera-se. Julien não ficou sabendo que quiseram transferi-lo para um terrível cárcere, e que foi graças aos esforços de Fouqué que lhe deixaram aquele belo quarto, a cento e oitenta degraus de altura.

O abade de Frilair era um dos homens importantes que encomendavam a Fouqué sua provisão de lenha de aquecimento. O bom comerciante foi procurar o poderoso vigário-geral. Para a sua inexprimível satisfação, o sr. de Frilair anunciou-lhe que, tocado pelas boas qualidades de Julien e pelos serviços que outrora prestara ao seminário, pretendia recomendá-lo aos juízes. Fouqué entreviu a esperança de salvar o amigo e, ao sair, prosternando-se até o chão, suplicou ao vigário-geral distribuir em missas, para implorar a absolvição do acusado, uma soma de dez luíses.

Fouqué equivocava-se estranhamente. O sr. de Frilair não era um Valenod. Ele recusou e deu mesmo a entender ao bondoso camponês que ele faria melhor guardando seu dinheiro. Vendo a impossibilidade de ser claro sem imprudência, aconselhou que desse aquela quantia em esmolas aos pobres prisioneiros que, de fato, nada possuíam.

Esse Julien é uma criatura singular, sua ação é inexplicável, pensava o sr. de Frilair, e nada deve sê-lo para mim... Talvez se possa fazer dele um mártir... De qualquer modo, saberei o *fim* desse caso e talvez encontre um meio de amedrontar essa sra. de Rênal, que não nos estima e, no fundo, me detesta... Talvez possa encontrar em tudo isso uma forma de reconciliação manifesta com o sr. de La Mole, que tem um fraco por esse seminarista.

A transação sobre o processo fora assinada algumas semanas antes, e o abade Pirard havia partido de Besançon, não sem antes ter falado do misterioso nascimento de Julien, no dia mesmo em que o infeliz atentava contra a vida da sra. de Rênal na igreja de Verrières.

Julien não via senão um acontecimento desagradável entre ele e a morte, era a visita de seu pai. Consultou Fouqué sobre a ideia de escrever ao procurador geral, para ser dispensado de qualquer visita. Esse horror de ver o pai, em tal momento, chocou profundamente o coração honesto e burguês do comerciante de madeiras.

Ele julgou compreender por que tanta gente odiava apaixonadamente seu amigo. Por respeito pela infelicidade, não deixou transparecer sua maneira de sentir.

– De qualquer maneira, respondeu friamente, essa ordem de incomunicabilidade não seria aplicada a teu pai.

Capítulo XXXVIII

UM HOMEM PODEROSO

Mas há tantos mistérios em suas atitudes e elegância em seu porte. Quem poderá ela ser?

SCHILLER

AS PORTAS DO TORREÃO abriram-se na manhã seguinte bem cedo. Julien foi despertado num sobressalto.

– Ah! Meu Deus!, pensou, é meu pai. Que cena deagradável!

No mesmo instante, uma mulher vestida como camponesa precipitou-se em seus braços, ele custou a reconhecê-la. Era a srta. de La Mole.

– Malvado, só por tua carta eu soube onde estavas. O que chamas teu crime, e que não é senão uma nobre vingança que me mostra todo o orgulho do coração que bate nesse peito, só o fiquei sabendo em Verrières...

Apesar de suas prevenções contra a srta. de La Mole, que aliás ele não confessava a si mesmo muito claramente, Julien achou-a muito bela. Como não ver nessa maneira de agir e de falar um sentimento nobre, desinteressado, muito acima do que teria ousado uma alma pequena e vulgar? Ele acreditou ainda amar uma rainha e, depois de alguns instantes, foi com uma rara nobreza de elocução e de pensamento que disse a ela:

– O futuro desenhava-se a meus olhos com muita clareza. Depois de minha morte, você tornaria a casar com o sr. de Croisenois, que teria desposado uma viúva. A alma nobre mas um pouco romanesca dessa viúva encantadora, abalada e convertida ao culto da prudência vulgar por um acontecimento singular, trágico e grande para ela, teria se dignado compreender o mérito real do jovem marquês. Você teria se resignado a ser feliz com a felicidade de todo o mundo, a consideração, as riquezas, a posição social elevada... Mas sua chegada a Besançon, querida Mathilde, se for descoberta, será um golpe mortal para o sr. de La Mole, e isso jamais me perdoarei. Já causei tanto desgosto a ele! O acadêmico vai dizer que ele alimentou uma serpente em sua casa.

– Confesso que não esperava tão frias razões e tanta preocupação com o futuro, disse a srta. de La Mole, meio zangada. Minha camareira, quase tão prudente quanto você, conseguiu um passaporte para ela, e foi sob o nome de sra. Michelet que corri até a Posta.

– E a sra. Michelet pôde chegar tão facilmente até mim?

– Ah! Continuas sendo o homem superior, aquele que distingui! Primeiro, ofereci cem francos a um secretário de juiz, que dizia ser impossível minha entrada neste torreão. Mas, recebido o dinheiro, esse sujeito fez-me esperar, levantou objeções, achei que quisesse roubar-me... Ela se deteve.

– E então?, disse Julien.

– Não fique zangado, querido Julien, disse ela abraçando-o, fui obrigada a dizer meu nome

a esse secretário, que me tomava por uma jovem operária de Paris apaixonada pelo belo Julien... Foram as palavras dele. Jurei que era tua mulher e terei uma permissão para te ver diariamente.

A loucura é completa, pensou Julien, não pude impedi-la. Afinal, o sr. de La Mole é um poderoso senhor, e a opinião pública saberá encontrar uma desculpa para o jovem coronel que desposar essa encantadora viúva. Minha morte próxima apagará tudo; e ele entregou-se com delícia ao amor de Mathilde. Era loucura, grandeza de alma, tudo o que há de mais singular. Ela propôs seriamente matar-se com ele.

Depois desses primeiros arrebatamentos, e quando ela se saciou da felicidade de ver Julien, uma curiosidade viva apoderou-se de sua alma. Examinava o amante e o julgou mais acima do que ela imaginara. Boniface de La Mole parecia-lhe ressuscitado, porém mais heroico.

Mathilde procurou os principais advogados da região, que ela ofendeu ao oferecer-lhes dinheiro muito cruamente; mas eles acabaram aceitando.

Ela rapidamente chegou à conclusão de que, em matéria de coisas duvidosas e de alta importância, tudo dependia em Besançon do sr. abade de Frilair.

Sob o nome obscuro de sra. Michelet, ela encontrou primeiro insuperáveis dificuldades para chegar até o todo-poderoso dirigente da Congregação. Mas a notícia da beleza de uma jovem modista, louca de amor, e vinda de Paris a Besançon para consolar o jovem padre Julien Sorel, espalhou-se pela cidade.

Mathilde andava a pé, sozinha, pelas ruas de Besançon; esperava não ser reconhecida. Em todo caso, não achava inútil à sua causa produzir uma grande impressão no povo. Sua loucura pensava em fazê-lo revoltar-se para salvar Julien a caminho da morte. A srta. de La Mole acreditava estar vestida com simplicidade e como convém a uma mulher que sofre, mas o fazia de modo a atrair todos os olhares.

Estava sendo o objeto da atenção de todos em Besançon, quando, depois de oito dias de solicitações, obteve uma audiência com o sr. de Frilair.

Qualquer que fosse sua coragem, as ideias da influência e da profunda e prudente perfídia do dirigente da Congregação estavam tão ligadas em seu espírito que ela tremeu ao bater à porta do bispado. Mal conseguiu andar quando precisou subir a escada que conduzia aos aposentos do vigário-geral. A solidão do palácio episcopal causava-lhe frio. Posso sentar-me numa poltrona e essa poltrona prender-me os braços. Se desapareço, a quem minha camareira poderá recorrer? O capitão da gendarmeria evitará agir... Estou isolada nesta grande cidade!

Em sua primeira inspeção do apartamento, a srta. de La Mole ficou tranquilizada. Um lacaio de libré muito elegante viera abrir-lhe a porta. A sala onde a fizeram esperar ostentava um luxo fino e delicado, muito diferente da magnificência grosseira, e que em Paris só se encontra nas melhores casas. Assim que avistou o sr. de Frilair que vinha em sua direção com um ar paterno, todas as ideias de crime atroz desapareceram. Não encontrou em sua bela fisionomia nem mesmo a marca daquela virtude enérgica e um pouco selvagem, tão antipática à sociedade parisiense. O meio sorriso que animava as feições do padre que dispunha de tudo em Besançon anunciava o homem de boa companhia, o prelado instruído, o administrador hábil. Mathilde acreditou estar em Paris.

O sr. de Frilair precisou de apenas alguns instantes para fazer Mathilde confessar-lhe ser a filha de seu poderoso adversário, o marquês de La Mole.

– De fato, não sou a sra. Michelet, disse ela, retomando toda a altivez de seu caráter, e essa confissão custa-me um pouco, pois venho consultá-lo, senhor, sobre a possibilidade de conseguir a libertação do sr. de La Vernaye. Em primeiro lugar, ele é culpado apenas de um desatino; a mulher contra a qual disparou passa bem. Em segundo lugar, para seduzir os subalternos, posso agora mesmo dispor de cinquenta mil francos e comprometer-me a pagar o dobro. Enfim, meu reconhecimento e o de minha família nada julgarão impossível para quem tiver salvo o sr. de La Vernaye.

O sr. de Frilair parecia surpreso com esse nome. Mathilde mostrou-lhe várias cartas do ministro da guerra, endereçadas ao sr. Julien Sorel de La Vernaye.

– Está vendo, senhor, que meu pai encarregou-se da fortuna dele. Desposei-o em segredo, meu pai desejava que ele fosse oficial superior antes de anunciar esse casamento um tanto singular para um de La Mole.

Mathilde notou que a expressão de bondade e de suave satisfação dissipava-se rapidamente à medida que o sr. de Frilair chegava a descobertas importantes. Uma sagacidade mesclada a uma falsidade profunda transparecia em seu rosto.

O abade tinha dúvidas, relia lentamente os documentos oficiais.

Que partido tirar dessas estranhas confidências?, ele pensava. Eis-me de repente em relação íntima com uma amiga da célebre marechala de Fervaques, sobrinha todo-poderosa do monsenhor de ***, através de quem se é bispo na França. O que eu via como remoto no futuro apresenta-se de improviso. Isso pode levar-me à meta de todos os meus desejos.

A princípio, Mathilde ficou assustada com a mudança rápida de fisionomia desse homem tão poderoso, com quem se achava sozinha num apartamento retirado. Mas como?, disse a si mesma em seguida. O pior teria sido não causar nenhuma impressão no frio egoísmo de um padre saciado de poder e de prazeres.

Deslumbrado com a possibilidade rápida e imprevista que se abria, para ele, de chegar ao episcopado, espantado com o gênio de Mathilde, por um instante o sr. de Frilair perdeu toda cautela. A srta. de la Mole quase o viu a seus pés, ambicioso e agitado de nervosismo.

Tudo se esclarece, ela pensou, nada será impossível para a amiga da sra. de Fervaques. Apesar de um sentimento de ciúme ainda muito doloroso, ela teve a coragem de explicar que Julien era amigo íntimo da marechala, e encontrava quase todos os dias na casa dela o monsenhor de ***.

– Depois que sortearem quatro ou cinco vezes seguidas uma lista de trinta e seis jurados entre os notáveis desta região, disse o vigário-geral com o áspero olhar da ambição e acentuando as palavras, eu me considerarei como muito pouco felizardo se em cada lista não contar com oito ou dez amigos, e os mais inteligentes do grupo. Quase sempre terei a maioria, e mais ainda, em caso de condenação; veja, senhorita, com que facilidade posso obter a absolvição...

O abade parou de repente, como espantado com o som de suas palavras; ele confessava coisas que nunca são ditas aos leigos.

Mas, por sua vez, ele deixou Mathilde estupefata quando lhe informou que o que

surpreendia e interessava sobretudo a sociedade de Besançon, na estranha aventura de Julien, é que ele inspirara outrora uma grande paixão à sra. de Rênal, e por muito tempo a compartilhara. O sr. de Frilair percebeu facilmente a perturbação extrema que suas palavras produziam.

Tenho minha desforra!, ele pensou. Eis, enfim, um meio de conduzir essa pessoa tão decidida; temia não descobri-lo. O ar distinto e pouco fácil de conduzir aumentava, para ele, o encanto da rara beleza que via quase suplicante à sua frente. Recobrou todo o sangue-frio e não hesitou em enterrar o punhal no coração dela.

– Eu não ficaria surpreso, disse num tom leviano, se ficássemos sabendo que foi por ciúme que o sr. Sorel disparou dois tiros de pistola contra essa mulher outrora tão amada. Ela está longe de não ter atrativos, e há algum tempo vinha se encontrando seguidamemnte com um certo padre Marquinot, de Dijon, um jansenista sem caráter, como são todos.

O sr. de Frilair torturou voluptuosamente e à vontade o coração daquela linda moça, cujo lado fraco surpreendera.

Por que razão, dizia, e punha os olhos ardentes sobre Mathilde, o sr. Sorel teria escolhido a igreja, senão porque, precisamente naquele instante, seu rival celebrava ali a missa? Todos concordam em atribuir muita inteligência e, mais ainda, prudência ao homem feliz que a senhora protege. Que haveria de mais simples do que esconder-se no jardim do sr. de Rênal que ele conhece tão bem? E ali, com quase a certeza de não ser visto, nem descoberto, poder matar a mulher de quem tinha ciúmes?

Esse raciocínio, aparentemente tão justo, acabou por lançar Mathilde no desespero. Essa alma altiva, mas saturada daquela prudência seca que na alta sociedade é tida como a descrição fiel do coração humano, não fora feita para compreender depressa a felicidade de zombar de toda prudência, que pode ser tão intensa para uma alma apaixonada. Nas classes elevadas da sociedade de Paris, onde Mathilde vivera, a paixão só muito raramente pode despojar-se da prudência, e é do quinto andar que as pessoas se jogam pela janela.

Enfim, o abade de Frilair sentiu-se seguro de seu domínio. Deu a entender a Mathilde (ele certamente mentia) que podia dispor à vontade do ministério público, encarregado de fazer a acusação contra Julien. Depois que o sorteio designasse os trinta e seis jurados da sessão, ele faria um contato direto e pessoal com trinta deles, pelo menos.

Se o sr. de Frilair não tivesse achado Mathilde tão bonita, não lhe teria falado assim tão claramente senão no quinto ou no sexto encontro.

Capítulo XXXIX

A INTRIGA

Castres, 1676. – Um irmão acaba de assassinar sua irmã na casa vizinha à minha; esse homem já era culpado de um assassinato. Seu pai, fazendo distribuir secretamente quinhentos escudos aos conselheiros, salvou-lhe a vida.

LOCKE, *Viagem pela França*

AO SAIR DO BISPADO, Mathilde não hesitou em enviar uma correspondência à sra. de Fervaques; o temor de comprometer-se não a deteve um segundo. Ela conjurava a rival a obter uma carta para o sr. de Frilair, escrita de próprio punho pelo monsenhor de ***. Chegava a suplicar-lhe que fosse pessoalmente a Besançon. Foi um gesto heroico da parte de uma alma ciumenta e orgulhosa.

Aconselhada por Fouqué, ela tivera a prudência de não falar de suas providências a Julien. Sua presença perturbava-o bastante mesmo sem isso. Mais honesto ante a proximidade da morte do que fora em vida, ele tinha remorsos não apenas em relação ao sr. de La Mole, mas também a Mathilde.

Como é possível, pensava, que eu tenha junto a ela momentos de distração e mesmo de tédio? Ela se perde por minha causa e é assim que a recompenso! Serei uma pessoa ruim? Essa questão o teria ocupado bem pouco quando ele era ambicioso; então, não triunfar era a única vergonha para ele.

Seu mal-estar moral junto a Mathilde era tanto maior quanto ele inspirava naquele momento a paixão mais extraordinária e mais louca. Ela só falava dos sacrifícios estranhos que queria fazer para salvá-lo.

Exaltada por um sentimento do qual se orgulhava e que prevalecia sobre todo o seu orgulho, queria não deixar passar um instante da vida sem preenchê-lo com alguma providência extraordinária. Os projetos mais desvairados, mais perigosos para ela, ocupavam suas longas conversas com Julien. Os carcereiros, bem pagos, deixavam-na reinar na prisão. As ideias de Mathilde não se limitavam ao sacrifício de sua reputação; pouco lhe importava que sua condição fosse conhecida de toda a sociedade. Lançar-se de joelhos para pedir o indulto de Julien, diante da carruagem do rei a galope, chamar a atenção do príncipe com o risco de fazer-se esmagar, era uma das menores quimeras que sonhava essa imaginação exaltada e corajosa. Através de amigos que trabalhavam junto ao rei, ela tinha certeza de poder entrar nas partes reservadas do palácio de Saint-Cloud.

Julien achava-se pouco digno de tanta devoção, na verdade estava cansado de heroísmo. Ele teria se mostrado sensível a uma ternura simples, ingênua e quase tímida, enquanto, ao contrário, era a ideia de um público e *dos outros* que continuava sendo necessária para a alma altaneira de Mathilde.

Em meio a todas as suas angústias, a todos os seus temores pela vida do amante, a quem não queria sobreviver, ela sentia uma necessidade secreta de assombrar o público pelo excesso de seu amor e a sublimidade de suas iniciativas.

Julien aborrecia-se por não se sensibilizar com todo esse heroísmo. Como não ficaria se soubesse das loucuras com que Mathilde acabrunhava o espírito devotado, mas eminentemente razoável e limitado, do bom Fouqué?

Este não sabia bem o que censurar na devoção de Mathilde; pois ele também teria sacrificado a fortuna e exposto a vida aos maiores perigos para salvar Julien. Estava estupefato com a quantidade de ouro lançada por Mathilde. Nos primeiros dias, as quantias gastas desse modo impressionaram Fouqué, que tinha pelo dinheiro toda a veneração de um provinciano.

Por fim, ele descobriu que os projetos da srta. de La Mole variavam muito e, para seu grande alívio, encontrou uma palavra para censurar esse caráter que lhe era tão fatigante: ela era *instável*. Desse epíteto ao de *impertinente*, o maior anátema na província, há apenas um passo.

É singular, pensava Julien, num dia em que Mathilde saía de sua prisão, que uma paixão tão forte e de que sou o objeto me deixe tão insensível! e eu a adorava dois meses atrás! Já havia lido que a proximidade da morte desinteressa de tudo; mas é terrível sentir-se ingrato e não poder mudar. Serei então um egoísta? E fazia-se as mais humilhantes recriminações a esse respeito.

A ambição estava morta em seu coração, uma outra paixão saíra de suas cinzas; ele a chamava o remorso de ter atentado contra a vida da sra. de Rênal.

Na verdade, estava perdidamente apaixonado por ela. Descobria uma felicidade singular quando, deixado completamente a sós e sem receio de ser interrompido, podia entregar-se por inteiro à lembrança dos dias felizes que passara outrora em Verrières ou em Vergy. Os menores incidentes daquele tempo tão rapidamente desaparecido tinham para ele um frescor e um encanto irresistíveis. Nunca pensava em seus êxitos de Paris, estava enfastiado disso.

Essas disposições que cresciam ligeiro foram em parte adivinhadas pelo ciúme de Mathilde. Ela percebia muito claramente que devia lutar contra o amor pela solidão. Às vezes, pronunciava com terror o nome da sra. de Rênal e via Julien estremecer. A paixão dela não tinha agora nem limites, nem medida.

Se ele morrer, morrerei em seguida, dizia a si mesma com toda a boa-fé possível. Que diriam os salões de Paris ao verem uma moça de minha condição adorar a tal ponto um amante destinado à morte? Para encontrar tais sentimentos, é preciso remontar ao tempo dos heróis; eram amores desse tipo que faziam palpitar os corações do século de Carlos IX e de Henrique III.

Em meio aos transportes mais intensos, quando apertava contra o coração a cabeça de Julien, ela pensava com horror: Quê! Essa cabeça encantadora estaria destinada a rolar no chão! Pois bem, acrescentava, inflamada de um heroísmo em que não deixava de haver felicidade, meus lábios, que se comprimem contra esses lindos cabelos, estarão gelados menos de vinte e quatro horas depois.

As lembranças desses momentos de heroísmo e de terrível volúpia envolviam-na num

abraço invencível. A ideia de suicídio, tão dominante por si mesma, e até então afastada por essa alma altaneira, nela penetrou e logo reinou com um poder absoluto. Não, o sangue de meus antepassados não esmoreceu ao chegar até mim, dizia-se Mathilde com orgulho.

– Tenho um favor a te pedir, disse um dia seu amante: leva teu filho para ser criado em Verrières, a sra. de Rênal protegerá a mãe de criação.

– O que está me dizendo é muito duro... E Mathilde empalideceu.

– É verdade, e peço-te mil vezes perdão, exclamou Julien, saindo de seu devaneio e estreitando-a nos braços.

Depois de enxugar as lágrimas, ele voltou a seu pensamento, mas com mais habilidade. Deu à conversação um tom de filosofia melancólica e falou do futuro que em breve se fecharia para ele.

– É preciso convir, querida amiga, que as paixões são um acidente na vida, mas esse acidente só acontece nas almas superiores... A morte de meu filho seria, no fundo, uma felicidade para o orgulho de sua família, é o que pensarão os subalternos. A negligência será a herança desse filho do infortúnio e da vergonha... Confio que, numa época que não quero determinar mas que minha coragem entrevê, você obedecerá a minhas últimas recomendações: desposará o sr. marquês de Croisenois.

– Como! Desonrada?

– A desonra não poderá atingir um nome como o seu. Você será viúva e viúva de um louco, eis tudo. Irei mais longe: não tendo o meu crime por motivo o dinheiro, ele não será desonroso. Talvez, nessa época, algum legislador filósofo terá obtido, dos preconceitos de seus contemporâneos, a supressão da pena de morte. E alguma voz amiga dirá como um exemplo: Veja, o primeiro esposo da srta. de La Mole era um louco, mas não um homem ruim, um celerado. Foi um absurdo mandarem cortar aquela cabeça... Então minha memória deixará de ser infame, pelo menos depois de um certo tempo... Sua posição na sociedade, sua fortuna e, permita-me dizer, seu gênio farão que o sr. de Croisenois, como seu esposo, desempenhe um papel que ele sozinho não saberia cumprir. Ele só possui estirpe e bravura, e essas simples qualidades, que faziam um homem completo em 1729, são um anacronismo um século mais tarde e só produzem pretensões. Agora é preciso outras coisas para colocar-se à frente da juventude francesa.

Você levará o auxílio de um caráter firme e empreendedor ao partido político no qual lançará seu esposo. Poderá suceder aos Chevreuse e aos Longueville da Fronda... Mas então, querida amiga, o fogo celeste que a anima neste momento terá se esmorecido um pouco.

Permita-me dizer-lhe, ele acrescentou depois de muitas outras frases preparatórias, dentro de quinze anos você verá como uma loucura escusável, mas ainda assim uma loucura, o amor que teve por mim.

Parou de repente e ficou pensativo. Estava de novo diante desta ideia tão chocante para Mathilde: dentro de quinze anos a sra. de Rênal irá adorar meu filho, e você o terá esquecido.

Capítulo XL

A TRANQUILIDADE

É porque então eu era louco que hoje sou sábio. Ó filósofo que nada vê senão o instantâneo, como tuas ideias são curtas! Teu olhar não foi feito para seguir o trabalho subterrâneo das paixões.

W. GOETHE

ESSA CONVERSA FOI INTERROMPIDA POR UM INTERROGATÓRIO, seguido de uma reunião com o advogado encarregado da defesa. Esses momentos eram os únicos absolutamente desagradáveis de uma vida cheia de incúria e de devaneios ternos.

– Há homicídio, e homicídio com premeditação, disse Julien tanto ao juiz como ao advogado. Sinto muito, senhores, acrescentou sorrindo; mas isso reduz vossa tarefa a muito pouca coisa.

Afinal, pensava Julien, depois de livrar-se desses dois homens, devo ser bravo, e aparentemente mais bravo que eles, que consideram como o pior dos males, como o *rei dos pavores*, esse duelo sem final feliz, do qual só me ocuparei a sério no próprio dia.

É que conheci uma infelicidade maior, continuou Julien, filosofando consigo mesmo. Eu sofria de uma forma bem diferente durante minha primeira viagem a Estrasburgo, quando me julgava abandonado por Mathilde... E pensar que desejei com tanta paixão essa intimidade perfeita que hoje me deixa tão frio!... Na verdade, sou mais feliz sozinho do que quando essa moça tão bela compartilha minha solidão...

O advogado, homem de regra e de formalidades, julgava-o louco e pensava, com o público, que o ciúme pusera-lhe a pistola na mão. Um dia, ele arriscou dar a entender a Julien que essa alegação, verdadeira ou falsa, seria um excelente argumento de defesa. Mas o acusado reagiu prontamente, voltando a ser uma criatura apaixonada e incisiva.

– Por sua vida, senhor, exclamou Julien fora de si, nunca mais pronuncie essa abominável mentira! O prudente advogado temeu, por um momento, ser assassinado.

Ele preparava seu discurso de defesa porque o instante decisivo aproximava-se rapidamente. Besançon e toda a região não falavam senão dessa causa célebre. Julien ignorava esse detalhe, ele pedira que jamais lhe comunicassem esse tipo de coisas.

Naquele dia, tendo Fouqué e Mathilde querido lhe informar certos rumores públicos capazes, segundo eles, de dar esperanças, Julien os deteve às primeiras palavras.

– Deixem-me com minha vida ideal. Essas pequenas intrigas, esses detalhes da vida real, mais ou menos dolorosos para mim, tirar-me-iam do céu. Morre-se como se pode; quanto a mim, só quero pensar na morte à minha maneira. Que me importam *os outros*? Minhas relações com *os outros* vão ser cortadas bruscamente. Por favor, não me falem mais dessa gente: já é o bastante ver o juiz e o advogado.

Em realidade, ele dizia a si mesmo, parece que meu destino é morrer sonhando. Um ser

obscuro como eu, certo de ser esquecido antes de quinze dias, seria muito tolo, convenhamos, em representar a comédia. É singular, no entanto, que eu só tenha conhecido a arte de gozar a vida quando vejo seu fim tão próximo.

Ele passava esses últimos dias a caminhar pelo estreito terraço do torreão, fumando excelentes charutos que Mathilde mandara buscar na Holanda por um mensageiro, e sem suspeitar que sua aparição era esperada a cada dia por todos os telescópios da cidade. Seu pensamento estava em Vergy. Ele nunca falava da sra. de Rênal a Fouqué, mas duas ou três vezes o amigo lhe dissera que ela se recuperava rapidamente, e essa frase ressoou em seu coração.

Enquanto a alma de Julien estava quase sempre inteiramente no país das ideias, Mathilde, ocupada com as coisas reais, como convém a um coração aristocrata, fizera avançar a tal ponto a intimidade da correspondência direta entre a sra. de Fervaques e o sr. de Frilair que a importante palavra *bispado* já fora pronunciada.

O venerável prelado, encarregado da lista dos benefícios, acrescentou à margem de uma carta da sobrinha: *Esse pobre Sorel é somente um desatinado, espero que no-lo restituam.*

Ao ler essas linhas, o sr. de Frilair não se conteve, na certeza de poder salvar Julien.

– Não fosse a lei jacobina que prescreveu a formação de uma lista enorme de jurados, e que não tem outra finalidade real senão evitar toda influência às pessoas bem-nascidas, ele dizia a Mathilde na véspera do sorteio dos trinta e seis jurados da sessão, eu garantiria pelo *veredito*. Consegui absolver o pároco N...

Foi com prazer que, no dia seguinte, entre os nomes saídos da urna, o sr. de Frilair encontrou cinco membros da Congregação de Besançon e, entre os que não eram da cidade, os nomes dos srs. Valenod, de Moirod, de Cholin. – Respondo desde já por esses oito jurados, disse ele a Mathilde. Os cinco primeiros são *autômatos*. Valenod é meu agente, Moirod me deve tudo, de Cholin é um imbecil que tem medo de tudo.

O jornal divulgou na região os nomes dos jurados, e a sra. de Rênal, para o inexprimível terror do marido, quis ir a Besançon. Tudo o que o sr. de Rênal pôde obter é que ela não deixaria seu leito, a fim de não ter o dissabor de ser chamada em testemunho.

– Você não compreende minha posição, dizia o ex-prefeito de Verrières, sou agora liberal da *dissidência*, como eles dizem; ninguém duvida que esse descarado Valenod e o sr. de Frilair obterão do procurador geral e dos juízes tudo o que puder ser-me desagradável.

A sra. de Rênal cedeu sem dificuldade às ordens do marido. Se eu comparecesse ao tribunal, ela pensava, daria a impressão de pedir vingança.

Apesar das promessas de prudência feitas ao diretor espiritual e ao marido, assim que chegou a Besançon ela mesma escreveu a cada um dos trinta e seis jurados:

"Não comparecerei no dia do julgamento, senhor, porque minha presença poderia prejudicar a causa do sr. Sorel. Não desejo senão uma coisa no mundo e com paixão, é que ele seja salvo. Não duvideis disso: a ideia terrível de que, por minha causa, um inocente foi conduzido à morte envenenaria o resto de minha vida e certamente a abreviaria. Como poderíeis condená-lo à morte, enquanto eu mesma vivo? Não, a sociedade não tem nenhum direito de arrancar a vida, sobretudo de uma criatura como Julien Sorel. Todos, em Verrières, sabem que ele teve momentos de extravio. Esse pobre moço tem inimigos poderosos; porém,

mesmo entre seus inimigos (e quantos ele não tem!), qual deles põe em dúvida seus admiráveis talentos e seu conhecimento profundo? Não é uma pessoa ordinária que ireis julgar, senhor. Durante cerca de dezoito meses, todos o conhecemos piedoso, sensato, aplicado; mas duas ou três vezes ao ano ele era acometido de acessos de melancolia que chegavam ao extravio. Toda a cidade de Verrières, nossos vizinhos de Vergy onde passamos o verão, minha família inteira, o próprio sr. subprefeito, reconhecerão sua devoção exemplar; ele sabe de cor a Bíblia inteira. Um ímpio teria se dedicado durante anos a decorar o livro sagrado? Meus filhos terão a honra de vos apresentar esta carta: são crianças. Dignai-vos interrogá-los, senhor, e eles darão sobre esse pobre moço todos os detalhes ainda necessários para vos convencer da barbárie que seria condená-lo. Longe de vingar-me, causaríeis minha morte.

"O que seus inimigos poderão opor a esse fato? O ferimento que resultou de um desses momentos de loucura que meus próprios filhos notavam em seu preceptor foi tão pouco perigoso que, menos de dois meses depois, permitiu-me vir de Verrières a Besançon. Se eu souber, senhor, que hesitais o mínimo que seja em subtrair à barbárie das leis uma criatura tão pouco culpada, sairei de meu leito, onde me retêm unicamente as ordens de meu marido, e virei lançar-me a vossos pés.

"Declarai, senhor, que não houve premeditação constante, e não tereis de vos reprovar o sangue de um inocente" etc. etc.

Capítulo XLI

O JULGAMENTO

A região se lembrará por muito tempo desse processo célebre. O interesse pelo acusado chegava a causar agitação: é que seu crime era espantoso, mas não atroz. Ainda que o tivesse sido, o jovem era tão belo! Sua alta fortuna, tão cedo terminada, aumentava a comoção. Irão condená-lo? Perguntavam as mulheres aos homens de suas relações, e empalideciam aguardando a resposta.

SAINTE-BEUVE

ENFIM CHEGOU O DIA TÃO TEMIDO pela sra. de Rênal e por Mathilde.

O aspecto estranho da cidade redobrava-lhes o terror e não deixava sem emoção mesmo a alma firme de Fouqué. Toda a província acorrera a Besançon para ver o julgamento dessa causa romanesca.

Havia vários dias os albergues estavam lotados. O presidente do tribunal era assediado por pedidos de ingressos; todas as damas da cidade queriam assistir ao julgamento; nas ruas apregoavam o retrato de Julien etc. etc.

Mathilde havia reservado para esse momento supremo uma carta redigida pessoalmente pelo monsenhor de ***. Esse prelado, que dirigia a Igreja da França e nomeava os bispos, dignava-se pedir a absolvição de Julien. Na véspera do julgamento, Mathilde levou essa carta ao todo-poderoso vigário-geral.

No final da entrevista, quando ela se retirava banhada em lágrimas, o sr. de Frilair disse-lhe, deixando enfim sua reserva diplomática e quase comovido ele próprio:

– Respondo pela declaração do júri. Entre as doze pessoas encarregadas de examinar se o crime de seu protegido é comprovado, e sobretudo se houve premeditação, conto com seis amigos devotados, e dei-lhes a entender que dependia deles levar-me ao episcopado. O barão Valenod, que fiz prefeito de Verrières, dispõe inteiramente de dois de seus administrados, srs. de Moirod e de Cholin. Na verdade, o destino nos deu para esse caso dois jurados com ideias subversivas; mas, embora ultraliberais, são fiéis a minhas ordens nas grandes ocasiões e lhes pedi que votassem como o sr. Valenod. Fiquei sabendo que um sexto jurado, industrial muito rico e tagarela liberal, aspira em segredo a um fornecimento para o ministério da guerra, e certamente não gostaria de desagradar-me. Mandei dizer a ele que o sr. Valenod tem minha última palavra.

– E quem é esse sr. Valenod?, perguntou Mathilde, inquieta.

– Se o conhecesse, não poderia duvidar do sucesso. É um falador audacioso, impudente, grosseiro, feito para conduzir tolos. 1814 o tirou da miséria, e farei dele um governador. É capaz de bater nos outros jurados se não quiserem votar de acordo com ele.

Mathilde ficou mais tranquila.

Uma outra discussão a esperava à noite. Para não prolongar uma cena desagradável e cujo resultado ele considerava certo, Julien resolvera não usar a palavra.

– Meu advogado falará, é o bastante, ele disse a Mathilde. Já estarei por muito tempo exposto como espetáculo a todos os meus inimigos. Esses provincianos ficaram chocados com a fortuna rápida que lhe devo e, acredite, não há um só que não deseje minha condenação, para depois chorar como um tolo quando me conduzirem à morte.

– Eles querem vê-lo humilhado, é verdade, respondeu Mathilde, mas não os suponho cruéis. Minha presença em Besançon e o espetáculo de minha dor interessaram todas as mulheres; seu belo rosto fará o resto. Se disser uma palavra diante dos juízes, todo o auditório estará a seu favor etc. etc.

No dia seguinte às nove horas, quando Julien desceu de sua prisão para ir até a grande sala do palácio de Justiça, foi com dificuldade que os gendarmes conseguiram afastar a imensa multidão amontoada no pátio. Julien havia dormido bem, estava muito calmo, e não experimentava outro sentimento a não ser uma piedade filosófica por essa multidão de invejosos que, sem crueldade, vinham aplaudir sua sentença de morte. Ficou muito surpreso quando, retido por mais de um quarto de hora no meio da multidão, foi obrigado a reconhecer que sua presença inspirava ao público uma terna piedade. Não escutou uma única frase desagradável. Esses provincianos são menos maldosos do que eu supunha, pensou.

Ao entrar na sala de julgamento, ficou impressionado com a elegância da arquitetura gótica e uma quantidade de belas colunetas talhadas na pedra com o maior esmero. Acreditou estar na Inglaterra.

Mas logo sua atenção foi absorvida por doze ou quinze belas mulheres que, colocadas defronte ao assento do réu, ocupavam os três balcões acima dos juízes e dos jurados. Ao voltar-se para o público, viu que a tribuna circular acima do anfiteatro também estava cheia de mulheres, em sua maioria jovens e que lhe pareceram muito bonitas; os olhos delas brilhavam de interesse. No resto da sala a multidão era imensa; acotovelavam-se às portas e as sentinelas não conseguiam obter silêncio.

Quando todos os olhos que buscavam Julien perceberam sua presença, vendo-o ocupar o lugar um pouco elevado reservado ao acusado, ele foi acolhido por um murmúrio de admiração e de terno interesse.

Teriam dito, nesse dia, que ele não tinha vinte anos; estava vestido com muita simplicidade, mas com uma graça perfeita; seus cabelos e seu rosto estavam encantadores; Mathilde cuidara ela mesma de sua toalete. A palidez de Julien era extrema. Assim que sentou no banco do réu, ele ouviu de todos os lados: Meu Deus! Como é jovem!... Mas é uma criança... É muito mais bonito que seu retrato...

– Meu acusado, disse-lhe o gendarme sentado à sua direita, está vendo as seis damas que ocupam aquele balcão? O gendarme indicava-lhe uma pequena tribuna saliente acima do anfiteatro onde ficam os jurados. É a sra. governadora, continuou o gendarme; ao lado, a sra. marquesa de M ***, essa gosta muito do senhor, escutei-a falar ao juiz de instrução. Depois, é a sra. Derville...

– A sra. Derville!, exclamou Julien, e um vivo rubor cobriu sua face. Ao sair daqui, pensou, ela irá escrever à sra. de Rênal. Ele ignorava a chegada da sra. de Rênal a Besançon.

As testemunhas foram rapidamente ouvidas. Desde as primeiras palavras da acusação feita pelo promotor, duas das damas que estavam no pequeno balcão, bem defronte a Julien, romperam em lágrimas. A sra. Derville não se comove assim, pensou Julien. Mas ele notou que ela estava muito corada.

O promotor falava, com uma ênfase oratória em mau francês, da barbárie do crime cometido; Julien observou que as vizinhas da sra. Derville davam a impressão de desaprová-lo vivamente. Vários jurados, aparentemente conhecidos dessas damas, falavam-lhes e pareciam tranquilizá-las. Isso não deixa de ser de bom augúrio, pensou Julien.

Até ali, ele sentia-se penetrado de um perfeito desprezo por todos os homens que assistiam ao julgamento. A eloquência vulgar do promotor aumentou esse sentimento de repugnância. Mas, aos poucos, a secura da alma de Julien foi se sensibilizando com as demonstrações de interesse das quais era evidentemente o objeto.

Ficou contente com a expressão firme no rosto de seu advogado. Nada de frases de efeito, disse-lhe em voz baixa, quando este ia tomar a palavra.

– Toda a ênfase roubada de Bossuet que empregaram contra o senhor o beneficiou, disse o advogado. De fato, bastou que este falasse durante cinco minutos para que quase todas as mulheres tivessem seu lenço à mão. O advogado, encorajado, dirigiu aos jurados palavras extremamente fortes. Julien estremeceu, sentia-se a ponto de derramar lágrimas. Meu Deus! Que dirão meus inimigos?

Estava cedendo ao enternecimento que o dominava quando, felizmente para ele, surpreendeu um olhar insolente do sr. barão de Valenod.

Os olhos desse pretensioso estão flamejantes, pensou; que triunfo para essa alma mesquinha! Ainda que meu crime só tivesse provocado essa circunstância, eu deveria maldizê-lo. Sabe Deus o que ele dirá de mim à sra. de Rênal!

Essa ideia afastou todas as outras. Logo em seguida, Julien foi chamado a si pelas demonstrações de apoio do público. O advogado acabava de terminar sua apresentação. Julien lembrou-se que era conveniente apertar-lhe a mão. O tempo havia passado rapidamente.

Trouxeram refrescos para o advogado e o réu. Foi somente então que Julien ficou impressionado com uma circunstância: nenhuma mulher deixara o auditório para ir jantar.

– Estou morrendo de fome, disse o advogado, e o senhor?

– Eu também, respondeu Julien.

– Veja, ali está a sra. governadora recebendo seu jantar, disse-lhe o advogando, indicando o pequeno balcão. Coragem, tudo está indo bem.

A sessão recomeçou. Quando o presidente fazia seu resumo, deu meia-noite. O presidente foi obrigado a interromper-se; em meio ao silêncio da ansiedade geral, o ressoar do sino do relógio enchia a sala.

Eis o último de meus dias que começa, pensou Julien. Logo sentiu-se inflamado pela ideia do dever. Até então havia dominado seu enternecimento e mantido a resolução de não falar; mas quando o presidente do tribunal perguntou-lhe se tinha alguma coisa a acrescentar, ele levantou-se. Via à sua frente os olhos da sra. Derville que, às luzes, pareceram-lhe muito brilhantes. Acaso ela estaria chorando? pensou.

"Senhores jurados,

"O horror do desprezo, que eu acreditava poder enfrentar no momento da morte, me faz tomar a palavra. Senhores, não tenho a honra de pertencer à vossa classe, vedes em mim um camponês que se revoltou contra a baixeza de sua sorte.

"Não vos peço nenhum indulto, continuou Julien, tornando mais firme a voz. Não tenho nenhuma ilusão, a morte me espera: ela será justa. Atentei contra a vida da mulher mais digna de todos os respeitos, de todas as homenagens. A sra. de Rênal foi como uma mãe para mim. Meu crime é atroz e foi *premeditado*. Portanto, mereço a morte, senhores jurados. Mas, mesmo se eu fosse menos culpado, vejo homens que, sem pensarem no que minha juventude possa merecer de piedade, quererão punir em mim e desencorajar para sempre esse tipo de jovens que, nascidos numa classe inferior e de certo modo oprimidos pela pobreza, têm a felicidade de obter uma boa educação e a audácia de misturar-se àquilo que o orgulho dos ricos chama a sociedade.

"Eis o meu crime, senhores, e ele será punido com tanto mais severidade quanto, em realidade, não sou julgado por meus pares. Não vejo no banco dos jurados nenhum camponês enriquecido, mas unicamente burgueses indignados..."

Durante vinte minutos, Julien falou nesse tom; disse tudo o que sentia no coração; o promotor, que aspirava aos favores da aristocracia, agitava-se em seu assento; mas, apesar do caráter um pouco abstrato que Julien dera à discussão, todas as mulheres desfaziam-se em lágrimas. A própria sra. Derville tinha um lenço nos olhos. Antes de terminar, Julien voltou a falar da premeditação, de seu arrependimento, do respeito, da adoração filial e sem limites que, nos tempos mais felizes, tinha pela sra. de Rênal... A sra. Derville deu um grito e desmaiou.

Soava uma hora quando os jurados retiraram-se para deliberar. Nenhuma mulher abandonara seu lugar; vários homens tinham lágrimas nos olhos. As conversas foram inicialmente muito animadas; mas aos poucos, fazendo-se demorar a decisão do júri, o cansaço geral espalhou uma calma na assembleia. O momento era solene, as luzes emitiam menos brilho. Julien, muito fatigado, ouvia discutirem, a seu redor, se aquela demora seria de bom ou de mau augúrio. Viu com prazer que todas as opiniões eram a seu favor; o júri não retornava, e no entanto nenhuma mulher deixava a sala.

Quando acabaram de soar duas horas, um grande movimento ouviu-se. A pequena porta da sala dos jurados foi aberta. O sr. barão de Valenod avançou com um passo grave e teatral, seguido de todos os jurados. Ele tossiu e depois anunciou que a declaração unânime do júri, em sua alma e consciência, era que Julien Sorel era culpado de homicídio, e de homicídio com premeditação: essa declaração implicava a pena de morte, que foi pronunciada um instante depois.

Julien olhou seu relógio e lembrou-se do sr. de Lavalette, eram duas horas e um quarto. Hoje é sexta-feira, pensou. Sim, mas é um dia feliz para o Valenod, que me condena... Estou muito vigiado para que Mathilde possa salvar-me como fez a sra. de Lavalette... Assim, dentro de três dias, a essa mesma hora, saberei o que esperar do *grande talvez*.

Nesse momento, ele ouviu um grito e foi chamado de volta às coisas deste mundo. As mulheres a seu redor soluçavam; viu que os rostos haviam se voltado para uma pequena tribuna montada no alto de uma pilastra gótica. Mais tarde ficou sabendo que Mathilde se

escondera ali. Como o grito não se repetiu, todos puseram-se a olhar para Julien, a quem os gendarmes buscavam fazer atravessar a multidão.

Procuremos não dar motivo de riso a esse patife do Valenod, pensou Julien. Com que cara contrita e hipócrita ele pronunciou a declaração que implica a pena de morte! Enquanto o pobre presidente do tribunal, embora juiz há tantos anos, tinha lágrimas nos olhos ao condenar-me. Que alegria para o Valenod vingar-se de nossa antiga rivalidade junto à sra. de Rênal!... Então não a verei mais! Acabou-se... Sinto que um último adeus é impossível entre nós... Como ficaria feliz de dizer a ela todo o horror que tenho por meu crime! Apenas estas palavras: Vejo-me justamente condenado.

CAPÍTULO XLII

AO SER LEVADO DE VOLTA À PRISÃO, Julien foi introduzido numa peça destinada aos condenados à morte. Ele que, de costume, observava até as menores circunstâncias, não percebera que não o faziam subir até o torreão. Pensava no que diria à sra. de Rênal se, antes do último momento, tivesse a felicidade de vê-la. Pensava que ela o interromperia, e ele queria desde a primeira palavra manifestar-lhe todo o seu arrependimento. Depois de tal ação, como convencê-la de que a amo exclusivamente? Pois, afinal, quis matá-la por ambição ou por amor a Mathilde.

Ao deitar na cama, sentiu que os lençóis eram de um tecido grosseiro. Seus olhos entreabriram-se. Ah! Estou na masmorra, pensou, como condenado à morte. É justo.

O conde Altamira contou-me que, na véspera de sua morte, Danton dizia com sua voz grossa: É estranho, o verbo guilhotinar não pode se conjugar em todos os tempos; pode-se dizer: serei guilhotinado, serás guilhotinado, mas não se diz: fui guilhotinado.

Por que não, continuou Julien, se há uma outra vida?... Mas, se encontro o Deus dos cristãos, estou perdido: é um déspota e, como tal, está cheio de ideias de vingança; sua Bíblia fala apenas de punições cruéis. Nunca o amei; nunca pude sequer acreditar que o amassem sinceramente. Ele é impiedoso (e Julien lembrou-se de várias passagens da Bíblia), irá punir-me de uma forma abominável...

Mas se eu encontrasse o Deus de Fénelon? Talvez ele me dissesse: muito te será perdoado, porque amaste muito...

Amei muito? Ah! Amei a sra. de Rênal, mas minha conduta foi atroz. Nisso, como em tudo, o mérito simples e modesto foi abandonado em troca do que é brilhante...

Mas também, que perspectiva!... Coronel dos hussardos, em caso de guerra; secretário diplomático em tempos de paz; depois embaixador... pois logo conheceria os assuntos do Estado... e, mesmo que eu fosse apenas um tolo, o genro do marquês de La Mole teria auma rivalidade a temer? Todas as minhas tolices teriam sido perdoadas, ou melhor, vistas como méritos. Homem de mérito, e desfrutando da mais bela existência em Viena ou em Londres...

– Não exatamente, senhor, guilhotinado daqui a três dias.

Julien riu de bom grado desse gracejo de seu espírito. Em verdade, o homem possui duas criaturas dentro dele, pensou. Que diabo lhe soprava essa reflexão maligna?

Sim, meu amigo, guilhotinado daqui a três dias, ele respondeu ao interruptor. O sr. de Cholin alugará uma janela, em sociedade com o padre Maslon. Pois bem, pelo preço do aluguel dessa janela, qual dessas duas dignas figuras roubará a outra?

Uma passagem do *Venceslau*, de Rotrou, veio-lhe de repente à memória.

LADISLAU – ...Minha alma está preparada.

O REI, *pai de Ladislau* – O cadafalso também; leve até lá sua cabeça.

Bela resposta!, pensou, e adormeceu. Foi despertado de manhã por alguém que o apertava com força.

– O quê! já?, disse Julien, abrindo os olhos, apavorado. Julgava-se entre as mãos do carrasco.

Era Mathilde. Felizmente ela não me compreendeu. Essa reflexão devolveu-lhe todo o sangue-frio. Achou Mathilde mudada, como que por seis meses de doença; de fato, ela estava irreconhecível.

– Aquele infame Frilair traiu-me, ela dizia, torcendo as mãos; a fúria a impedia de chorar.

– Não foi bonito ontem quando tomei a palavra?, disse Julien. Eu improvisava, e pela primeira vez na vida! Mas receio que tenha sido também a última.

Naquele momento, Julien brincava com o caráter de Mathilde com toda a frieza de um hábil pianista ante o teclado... A vantagem de um nascimento ilustre me falta, é verdade. Mas a grande alma de Mathilde, ele acrescentou, elevou seu amante até ela. Imagina que Boniface de La Mole tenha agido melhor diante de seus juízes?

Mathilde, naquele dia, estava comovida sem nenhuma afetação, como uma pobre criada que habita um quinto andar; mas ela não pôde obter dele palavras mais simples. Ele devolvia-lhe, sem que o soubesse, o tormento que ela com frequência lhe infligira.

Não se conhecem as nascentes do Nilo, pensava Julien; não foi dado aos olhos humanos ver o rei dos rios no estado de simples riacho: assim, nenhum olho humano verá Julien fraco, primeiro porque ele não o é. Mas meu coração é fácil de comover; a palavra mais comum, se for dita com um acento verdadeiro, pode embargar minha voz e mesmo fazer correr minhas lágrimas. Quantas vezes os corações secos não me desprezaram por esse defeito? Acreditavam que eu pedia misericórdia: eis o que não devo admitir.

Dizem que a lembrança de sua mulher comoveu Danton ao pé do cadafalso; mas Danton havia dado força a uma nação de homens frívolos, e impedira que o inimigo chegasse a Paris... Quanto a mim, só eu sei o que teria podido fazer... Para os outros, não sou senão, quando muito, um TALVEZ.

Se a sra. de Rênal estivesse aqui neste cárcere, em vez de Mathilde, teria eu podido responder por mim? O excesso de meu desespero e de meu arrependimento seriam vistos, pelos Valenod e os patrícios da região, como o ignóbil medo da morte; são tão orgulhosos esses corações fracos, cuja situação pecuniária os coloca acima das tentações! Vejam o que é nascer filho de um carpinteiro! Diriam os srs. de Moirod e de Cholin, que acabam de condenar-me à morte. É possível tornar-se sábio, fino, mas a coragem... a coragem não se aprende. Mesmo com esta pobre Mathilde que agora chora, ou melhor, que não consegue mais chorar, disse a si mesmo, vendo os olhos vermelhos dela... e a estreitou nos braços: o aspecto de uma dor verdadeira o fez esquecer seu silogismo... Ela chorou a noite inteira, talvez; mas um dia, pensou, que vergonha não lhe causará esta lembrança! Ela se verá como tendo sido desencaminhada, em sua primeira juventude, pela maneira baixa de pensar de um plebeu... O Croisenois é bastante fraco para desposá-la, e acho que faz bem. Ela o fará desempenhar um papel,

Pelo direito que um espírito firme e vasto em seus propósitos
Tem sobre sobre o espírito grosseiro dos vulgares humanos.

Ah! como é curioso! Desde que devo morrer, todos os versos que eu nunca soube na vida voltam-me à memória. Deve ser um sinal de decadência...

Mathilde repetia-lhe com uma voz apagada: Ele está aí, na peça ao lado. Finalmente,

Julien prestou atenção a essas palavras. Sua voz é fraca, pensou, mas o caráter imperioso ainda está presente no acento. Ela baixa a voz para não se irritar.

– E quem está aí?, ele disse de um modo suave.

– O advogado, para fazê-lo assinar a apelação.

– Não apelarei.

– Como não apelará?, disse ela, erguendo-se e com os olhos faiscando de cólera. Pode me dizer por quê?

– Porque neste momento sinto a coragem de morrer sem fazer com que riam à minha custa. E quem me diz que dentro de dois meses, após uma longa temporada neste cárcere úmido, estarei assim tão bem-disposto? Prevejo conversas com padres, com meu pai... Nada no mundo seria tão desagradável. Morramos.

Essa contrariedade imprevista despertou toda a parte orgulhosa do caráter de Mathilde. Ela não pudera ver o abade de Frilair antes do horário de visita à prisão de Besançon; sua fúria recaiu sobre Julien. Ela o adorava, mas durante um bom quarto de hora reencontrou, em suas imprecações contra o caráter dele, em seus lamentos de tê-lo amado, toda aquela alma altaneira que outrora o acabrunhara de injúrias tão dolorosas, na biblioteca da mansão de La Mole.

– O céu devia à glória de tua raça ter feito nasceres homem, disse ele.

Mas quanto a mim, ele pensava, seria uma tolice viver mais dois meses neste lugar repulsivo, exposto a tudo o que a facção patrícia pode inventar de infame e de humilhante20, e tendo por único consolo as imprecações desta louca... Pois bem, depois de amanhã bato-me em duelo com um homem conhecido por seu sangue-frio e sua habilidade notável... Muito notável, diz o partido mefistofélico; ele nunca erra o golpe. Que assim seja, e bem depressa (Mathilde prosseguia com sua eloquência). Está decidido, disse a si mesmo, não apelarei.

Tomada essa resolução, ele entrou num devaneio... O entregador trará o jornal às seis horas da manhã, como de costume; às oito, depois que o sr. de Rênal o tiver lido, Elisa, andando na ponta dos pés, o depositará sobre o leito dela. Mais tarde, ela despertará: ao ler, ficará de repente abalada; sua linda mão irá tremer; lerá até estas palavras... *Às dez horas e cinco minutos, ele deixou de existir.*

Ela chorará copiosamente, eu a conheço; em vão quis assassiná-la, tudo será esquecido. E a pessoa a quem quis tirar a vida será a única que sinceramente irá chorar minha morte.

Ah! Isso é uma antítese!, disse a si mesmo, e durante o quarto de hora que durou a cena que lhe fazia Mathilde, só pensou na sra. de Rênal. Contra sua vontade, e embora respondendo com frequência ao que Mathilde lhe dizia, ele não conseguia afastar sua alma da lembrança do quarto de dormir de Verrières. Via a gazeta de Besançon sobre a colcha de tafetá cor de laranja. Via aquela mão tão delicada que a apertava com um movimento convulsivo; via a sra. de Rênal chorar... Seguia o trajeto de cada lágrima naquele rosto encantador.

Nada podendo obter de Julien, a srta. de La Mole mandou entrar o advogado. Era, felizmente, um ex-capitão do exército da campanha da Itália, de 1796, quando fora companheiro de Manuel.

Por formalidade, ele combateu a resolução do condenado. Julien, querendo tratá-lo com estima, expôs-lhe minuciosamente suas razões.

– De fato, pode-se pensar como o senhor, acabou por dizer-lhe o sr. Félix Vaneau, era o nome do advogado. Mas o senhor tem três dias para apelar, e é meu dever voltar diariamente. O senhor estaria salvo se um vulcão se abrisse sob a prisão daqui a dois meses. Ou poderia morrer de doença, disse, olhando para Julien.

Julien apertou-lhe a mão. – Agradeço-lhe, o senhor é um homem de valor. Pensarei nisso.

E, quando Mathilde saiu finalmente com o advogado, ele sentia muito mais amizade pelo advogado do que por ela.

---

20 É um jacobino que fala.

CAPÍTULO XLIII

UMA HORA DEPOIS, quando dormia profundamente, foi despertado por lágrimas que sentia escorrerem sobre sua mão. Ah! É Mathilde outra vez, pensou, ainda meio adormecido. Ela vem, fiel à sua teoria, atacar minha resolução com sentimentos ternos. Aborrecido com a perspectiva dessa nova cena de gênero patético, não abriu os olhos. Os versos de Belphégor, fugindo de sua mulher, vieram-lhe à memória.

Ele ouviu um suspiro singular, abriu os olhos: era a sra. de Rênal.

– Ah! Te revejo antes de morrer, será uma ilusão?, exclamou, lançando-se aos pés dela. Mas perdão, senhora, sou apenas um assassino a seus olhos, disse em seguida, voltando a si.

– Senhor... Venho conjurá-lo a apelar, sei que não quer isso... Os soluços a sufocavam, ela não conseguia falar.

– Digne-se perdoar-me.

– Se queres que te perdoe, disse ela levantando-se e jogando-se nos braços dele, apela imediatamente de tua sentença de morte.

Julien a cobriu de beijos.

– Virás me ver todos os dias nesses dois meses?

– Juro que o farei. Todos os dias, a menos que meu marido proíba.

– Eu assino!, exclamou Julien. Então me perdoas! Será possível?

Ele a apertava nos braços, estava louco de felicidade. Ela deu um pequeno grito.

– Não foi nada, ela disse, machucaste-me.

– Em teu ombro, disse Julien, desfazendo-se em lágrimas. Afastou-se um pouco e cobriu a mão dela de beijos ardentes. Quem me diria isso na última vez que te vi, em teu quarto, em Verrières?

– Quem me diria então que eu escreveria ao sr. de la Mole aquela carta infame?

– Saibas que sempre te amei, que não amei senão a ti.

– É mesmo possível?, exclamou a sra. de Rênal, também arrebatada. Apoiou-se contra Julien, que estava a seus joelhos, e por muito tempo choraram em silêncio.

Em nenhuma época de sua vida Julien tivera um momento assim.

Muito tempo depois, quando puderam falar, a sra. de Rênal disse:

– E essa jovem sra. Michelet, ou melhor, essa srta. de La Mole? Pois na verdade começo a acreditar nesse estranho romance!

– Ele só é verdadeiro na aparência, respondeu Julien. Ela é minha mulher, mas não é minha amante.

Interrompendo-se inúmeras vezes um ao outro, eles conseguiram com muito esforço contar mutuamente o que ignoravam. A carta escrita ao sr. de La Mole fora redigida pelo jovem padre que dirigia a consciência da sra. de Rênal, e a seguir copiada por ela.

– Que horror a religião me fez cometer!, ela dizia; e ainda assim suavizei as passagens mais terríveis dessa carta....

Os transportes e a felicidade de Julien provavam-lhe o quanto ele a perdoava. Nunca ele estivera tão louco de amor.

– Acredito-me no entanto piedosa, disse a sra. de Rênal na continuação da conversa. Creio sinceramente em Deus; creio igualmente, e disso tenho a prova, que o crime que cometo é terrível, e a partir do momento em que te vejo, mesmo depois que me disparaste dois tiros de pistola... E aqui, contra sua vontade, Julien a cobriu de beijos.

– Deixa-me, ela continuou, quero raciocinar contigo por receio de esquecer isso... A partir do momento em que te vejo, todos os deveres desaparecem, não sou mais que amor por ti, ou melhor, a palavra amor é ainda muito fraca. Sinto por ti o que deveria sentir unicamente por Deus: uma mistura de respeito, de amor, de obediência... Em verdade, não sei o que me inspiras. Se me mandasses esfaquear o carcereiro, o crime seria cometido antes que eu pensasse nele. Explica-me isso bem claramente antes que eu te deixe, quero ver com clareza em meu coração; pois dentro de dois meses nos deixaremos... Será que nos deixaremos?, ela acrescentou, sorrindo.

– Retiro minha palavra, exclamou Julien, levantando-se; não apelarei da sentença de morte se, por veneno, faca, pistola, carvão ou qualquer outro meio, buscares pôr fim à tua vida.

A fisionomia da sra. de Rênal mudou completamente; a mais viva ternura deu lugar a um devaneio profundo.

– E se morrêssemos já?, disse ela, por fim.

– Quem sabe o que encontraremos na outra vida?, respondeu Julien. Talvez tormentos, talvez absolutamente nada. Não podemos passar dois meses juntos de uma maneira deliciosa? Dois meses são muitos dias. Nunca terei sido tão feliz.

– Nunca terás sido tão feliz?

– Nunca, repetiu Julien, arrebatado, e te falo como falo a mim mesmo. Deus preserva-me de exagerar.

– Falar assim é uma ordem, ela disse, com um sorriso tímido e melancólico.

– Pois então jura, pelo amor que tens por mim, não atentar contra tua vida por nenhum meio direto nem indireto... Considera, ele acrescentou, que deves viver para o meu filho, que Mathilde abandonará a lacaios assim que for marquesa de Croisenois.

– Juro, ela disse friamente, mas quero levar tua apelação redigida e assinada por ti. Irei eu mesma até o procurador geral.

– Toma cuidado, podes te comprometer.

– Depois de ter vindo te ver na prisão, tornei-me para sempre, em Besançon e em todo o Franco-Condado, uma heroína de anedotas, ela disse, com profunda aflição. Os limites do austero pudor foram transpostos... Sou uma mulher que perdeu a honra; é verdade que por tua causa...

Sua entonação era tão triste que Julien a abraçou com uma felicidade inteiramente nova para ele. Não era mais a embriaguez do amor, era o reconhecimento extremo. Ele acabava de perceber, pela primeira vez, toda a extensão do sacrifício que ela lhe fizera.

Alguma alma caridosa certamente informou o sr. de Rênal das longas visitas que sua mulher fazia à prisão de Julien; pois, ao cabo de três dias, ele enviou-lhe a carruagem com a ordem expressa de voltar imediatamente a Verrières.

Essa separação cruel foi um mau começo de dia para Julien. Avisaram-no, duas ou três horas depois, que um certo padre intrigante, mas que não pudera promover-se entre os jesuítas

de Besançon, plantara-se desde cedo fora da porta da prisão, na rua. Chovia muito, e ali esse homem pretendia fazer-se de mártir. Julien estava contrariado e essa tolice o aborreceu profundamente.

Ele já havia recusado a visita desse padre, mas o homem pusera na cabeça confessar Julien e granjear um nome entre as mulheres de Besançon, por todas as confidências que afirmaria ter recebido.

Ele declarava em voz alta que passaria o dia e a noite à porta da prisão. – Deus me envia para tocar o coração desse outro apóstata... E o povo miúdo, sempre curioso de uma cena, começava a juntar-se.

– Sim, meus irmãos, ele dizia, passarei aqui o dia, a noite, e também todos os dias e todas as noites seguintes. O Espírito Santo falou-me, tenho uma missão do alto; devo salvar a alma do jovem Sorel. Uni-vos às minhas preces etc. etc.

Julien tinha horror do escândalo e de tudo que pudesse chamar a atenção sobre ele. Pensou em aproveitar o momento para escapar do mundo incógnito; mas ele tinha alguma esperança de rever a sra. de Rênal, e estava perdidamente apaixonado.

A porta da prisão situava-se numa das ruas mais frequentadas. A ideia desse padre enlameado, causando ajuntamento e escândalo, torturava sua alma. – E, sem dúvida, a todo instante ele repete meu nome! Esse momento era mais penoso que a morte.

Por duas ou três vezes, com uma hora de intervalo, ele chamou um guarda que lhe era devotado, para mandá-lo ver se o padre ainda estava à porta da prisão.

– Senhor, ele está ajoelhado na lama, dizia sempre o guarda; reza em voz alta e recita litanias em favor de sua alma... O impertinente!, pensou Julien. Nesse momento, de fato, ele ouviu um burburinho abafado, era o povo respondendo às litanias. Para o cúmulo da impaciência, viu o próprio guarda agitar os lábios repetindo as palavras latinas. – Começam a dizer, acrescentou o guarda, que o senhor deve ter o coração muito endurecido para recusar o auxílio desse santo homem.

– Ó minha pátria, como ainda és bárbara!, exclamou Julien, possuído de cólera. E continuou seu raciocínio em voz alta e sem considerar a presença do guarda.

– Esse homem quer um artigo no jornal, e ei-lo certo de obtê-lo.

Ah! Malditos provincianos! Em Paris eu não seria submetido a tais vexames. Lá o charlatanismo é mais engenhoso.

– Mande entrar esse santo padre, disse por fim ao guarda, e o suor corria-lhe na testa. O guarda fez o sinal da cruz e saiu muito alegre.

O santo padre era horrivelmente feio, ainda mais enlameado. A chuva fria que caía aumentava a obscuridade e a umidade do cárcere. O padre quis abraçar Julien e mostrou-se enternecido enquanto lhe falava. A mais baixa hipocrisia era demasiado evidente; em toda a sua vida Julien nunca tivera tanta raiva.

Um quarto de hora depois da entrada do padre, Julien sentiu-se um covarde completo. Pela primeira vez a morte lhe pareceu horrível. Ele pensava no estado de putrefação em que estaria seu corpo dois dias após a execução etc. etc.

Ia trair-se por algum sinal de fraqueza ou lançar-se sobre o padre e estrangulá-lo com a corrente, quando teve a ideia de pedir ao santo homem que fosse rezar por ele uma boa missa

de quarenta francos, naquele dia mesmo.

Já era meio-dia, o padre partiu precipitadamente.

CAPÍTULO XLIV

ASSIM QUE ELE SAIU, Julien chorou muito, e chorou por morrer. Aos poucos admitiu que, se a sra. de Rênal estivesse em Besançon, teria lhe confessado sua fraqueza.

No momento em que mais lamentava a ausência dessa mulher adorada, ouviu os passos de Mathilde.

A pior das desgraças na prisão, pensou, é não poder fechar a porta. Tudo o que Mathilde lhe disse não fez senão irritá-lo.

Ela contou que, no dia do julgamento, o sr. de Valenod, tendo no bolso sua nomeação de governador, ousara zombar do sr. de Frilair e dar-se o prazer de condená-lo à morte.

"Que ideia teve seu amigo", disse-me o sr. de Frilair, "de querer despertar e atacar a pequena vaidade dessa *aristocracia burguesa*! Por que falar de *casta*? Ele indicou-lhes o que deviam fazer em seu interesse político: aqueles tolos não pensavam nisso e estavam dispostos a chorar. Esse interesse de casta veio mascarar, a seus olhos, o horror de condenar à morte. Se não conseguirmos salvá-lo pelo pedido de indulto, sua morte será uma espécie de *suicídio*..."

Mathilde não chegou a dizer a Julien o que ela não suspeitava ainda: é que o abade de Frilair, vendo Julien perdido, acreditava útil à sua ambição aspirar a ser seu sucessor.

Quase fora de si, à força de cólera impotente e de contrariedade, ele disse a Mathilde: – Vá ouvir uma missa por mim e deixe-me um instante em paz. Mathilde, já muito enciumada pelas visitas da sra. de Rênal, e que acabava de saber de sua partida, compreendeu a causa da irritação de Julien e desfez-se em lágrimas.

Julien via que o sofrimento dela era real, o que o deixou mais irritado. Ele sentia uma necessidade imperiosa de solidão, e como obtê-la?

Por fim, depois de ter tentado todos os meios de comovê-lo, Mathilde o deixou só, mas quase no mesmo instante Fouqué apareceu.

– Tenho muita necessidade de ficar só, disse ele a esse amigo fiel... E, como o visse hesitar: Preparo uma apresentação para meu pedido de indulto... de resto... faça-me um favor, nunca me fale da morte. Se eu tiver necessidade de alguns serviços particulares nesse dia, deixa-me ser o primeiro a falar deles.

Quando Julien conseguiu finalmente ficar só, sentiu-se mais acabrunhado e mais covarde do que antes. As poucas forças que restavam a essa alma debilitada haviam se esgotado em disfarçar seu estado à srta. de La Mole e a Fouqué.

Ao anoitecer, uma ideia o consolou.

Se esta manhã, no momento em que a morte me parecia tão feia, tivessem me chamado para a execução, o *olhar do público teria sido o aguilhão da glória*; talvez meu andar fosse um pouco rígido, como o de um vaidoso tímido que entra num salão. Algumas pessoas clarividentes, se há alguma entre esses provincianos, poderiam adivinhar minha fraqueza... mas ninguém *a veria*.

E ele sentiu-se livre de uma parte de seu infortúnio. Sou um covarde neste momento, repetia-se cantando, mas ninguém o saberá.

Um acontecimento quase ainda mais desagradável o esperava no dia seguinte. Há muito

seu pai anunciava visitá-lo; naquele dia, antes de Julien despertar, o velho carpinteiro de cabelos brancos apareceu em seu cárcere.

O acaso nos colocou um junto ao outro na terra, ele pensava, enquanto o guarda arrumava um pouco o cárcere, e nos fizemos quase todo o mal possível. Ele vem no momento de minha morte desferir-me o último golpe.

As recriminações severas do velho começaram assim que se viram sem testemunhas.

Julien não pôde conter suas lágrimas. Que indigna fraqueza!, pensou, com raiva. Em toda parte ele irá exagerar minha falta de coragem; que triunfo para os Valenod e para todos os hipócritas que reinam em Verrières! Eles são muito poderosos na França, reúnem todas as vantagens sociais. Até aqui, eu podia ao menos dizer-me: eles recebem dinheiro, é verdade, todas as honrarias se acumulam sobre eles, mas eu tenho a nobreza do coração.

E eis que chega uma testemunha em quem todos acreditarão, e que comprovará a Verrières inteira, exagerando, que fui fraco diante da morte! Terei sido um covarde nessa prova que todos compreendem!

Julien estava à beira do desespero. Não sabia como mandar embora o pai. E fingir de modo a enganar esse velho tão esperto estava completamente acima de suas forças naquele momento.

Seu espírito percorria rapidamente todas as possibilidades.

– *Fiz economias!*, exclamou de repente.

Essa frase de gênio mudou a fisionomia do velho e a situação de Julien.

– Como devo dispor delas?, continuou Julien, mais tranquilo: o efeito produzido tirara-lhe todo o sentimento de inferioridade.

O velho carpinteiro ardia de desejo de não deixar escapar esse dinheiro, do qual Julien parecia querer reservar uma parte aos irmãos. Ele falou longamente e com ardor. Julien conseguiu ser zombeteiro.

– Pois bem! Deus inspirou-me para o meu testamento. Darei mil francos a cada um de meus irmãos e o resto ao senhor.

– Muito bem, disse o velho, esse resto me é devido; mas, já que Deus deu-lhe a graça de tocar seu coração, convém pagar suas dívidas, se quiser morrer como bom cristão. Há ainda as despesas de sua alimentação e de sua educação, que adiantei, e nas quais não pensou...

Eis aí o amor paterno!, repetia-se Julien com a alma compungida, quando finalmente ficou sozinho. Logo apareceu o carcereiro.

– Senhor, depois da visita dos pais, trago sempre a meus hóspedes uma garrafa do bom vinho de Champagne. Custa um pouco caro, seis francos a garrafa, mas é algo que alegra o coração.

– Traga três copos, disse Julien com uma pressa infantil, e faça entrar dois dos prisioneiros que escuto passearem pelo corredor.

O carcereiro trouxe-lhe dois condenados reincidentes e que se preparavam para retornar aos trabalhos forçados. Eram celerados muito alegres e realmente notáveis pela astúcia, a coragem e o sangue-frio.

– Se me der vinte francos, disse um deles a Julien, contarei minha vida em detalhe. É *maravilhosa*.

– Mas não irá mentir?, disse Julien.

– De modo nenhum, respondeu; meu amigo aqui presente, que está com inveja de meus vinte francos, me denunciará se eu não disser a verdade.

Sua história era abominável. Mostrava um coração corajoso no qual não havia senão uma paixão, a do dinheiro.

Depois que eles saíram, Julien não era mais o mesmo homem. Toda a cólera contra si mesmo desaparecera. A dor atroz envenenada pela pusilanimidade, a que se expusera desde a partida da sra. de Rênal, transformara-se em melancolia.

Se eu tivesse sido menos enganado pelas aparências, pensava, teria visto que os salões de Paris estão repletos de homens honestos como meu pai, ou de patifes espertos como esses condenados. Eles têm razão, os homens de salão nunca se levantam de manhã com este pensamento pungente: como almoçarei? E orgulham-se de sua probidade! Chamados ao júri, condenam orgulhosamente o homem que roubou um talher de prata porque estava morto de fome. Mas há uma corte, trata-se de ganhar ou perder um cargo ministerial, e os honestos homens de salão cometem crimes exatamente iguais aos que a necessidade de almoçar inspirou a esses dois condenados...

Não há de modo algum *direito natural*: essa expressão não passa de uma tolice antiga muito digna do promotor que me perseguiu outro dia, e cujo avô enriqueceu por um confisco de Luís XIV. Só há *direito* quando existe uma lei proibindo fazer tal coisa, sob pena de punição. Antes da lei, *natural* é somente a força do leão, ou a necessidade da criatura que tem fome, que tem frio, a *necessidade*, em suma... Não, as pessoas reverenciadas não passam de tratantes que tiveram a sorte de não serem pegas em flagrante delito. O acusador que a sociedade lança em meu encalço foi enriquecido por uma infâmia... Cometi um crime e fui justamente condenado, mas, salvo esse único ato, o Valenod que me condenou é cem vezes mais prejudicial à sociedade.

Pois bem!, acrescentou Julien tristemente, mas sem cólera, apesar de sua avareza, meu pai vale mais que todos esses homens. Ele nunca me amou. E, como se não bastasse, venho desonrá-lo com uma morte infame. Esse medo de não ter dinheiro, essa noção exagerada da maldade dos homens que chamam *avareza*, fazem-no ver um motivo de consolo e de segurança numa quantia de trezentos ou quatrocentos luíses que posso lhe deixar. Num domingo depois do almoço, ele mostrará seu ouro a todos os invejosos de Verrières. A esse preço, lhes dirá seu olhar, qual de vocês não ficaria encantado de ter um filho guilhotinado?

Essa filosofia podia ser verdadeira, mas inclinava a fazer desejar a morte. Assim passaram-se cinco longas jornadas. Ele mostrava-se polido e doce em relação a Mathilde, que via exasperada pelo mais vivo ciúme. Uma noite, Julien pensava seriamente em matar-se. Sua alma estava enfraquecida pela infelicidade profunda em que o lançara a partida da sra. de Rênal. Nada mais lhe agradava, nem na vida real, nem na imaginação. A falta de exercício começava a debilitar sua saúde e a dar-lhe o caráter exaltado e fraco de um jovem estudante alemão. Ele perdia aquele orgulho viril que repele com uma enérgica imprecação certas ideias pouco convenientes, de que a alma dos infelizes é invadida.

Amei a verdade... Onde está ela?... Em toda parte hipocrisia, ou ao menos charlatanismo, mesmo entre os mais virtuosos, mesmo entre os maiores! e seus lábios adquiriram a expressão

do desgosto... Não, o homem não pode confiar no homem.

A sra. de ***, ao fazer uma coleta para seus pobres órfãos, dizia-me que certo príncipe dera dez luíses; mentira. Mas, que digo? Napoleão em Santa-Helena!... Puro charlatanismo, proclamação em favor do rei de Roma.

Ó Deus! Se tal homem, e mesmo quando o infortúnio devia chamá-lo severamente ao dever, rebaixa-se até o charlatanismo, o que esperar do resto da espécie?...

Onde está a verdade? Na religião... Sim, acrescentou, com o sorriso amargo do mais extremo desprezo, na boca dos Maslon, dos Frilair, dos Castanède... Estaria num verdadeiro cristianismo em que os padres não mais seriam pagos, como não o foram os apóstolos?... Mas São Paulo foi pago pelo prazer de comandar, de falar, de fazer falarem dele...

Ah! Se houvesse uma religião verdadeira... Como sou tolo! Vejo uma catedral gótica, vitrais veneráveis; meu coração fraco imagina o homem religioso daqueles vitrais... Minha alma o compreenderia, minha alma tem necessidade dele... E não encontro senão um vaidoso de cabelos sujos... um cavaleiro de Beauvoisis sem sua elegância.

Mas um homem religioso verdadeiro, um Massillon, um Fénelon... Massillon consagrou Dubois. As *Memórias de Saint-Simon* estragaram-me Fénelon... Mas, enfim, um homem religioso verdadeiro... Então as almas ternas teriam um ponto de reunião no mundo... Não estaríamos isolados... Esse homem bom nos falaria de Deus. Mas qual Deus? Não o da Bíblia, pequeno déspota cruel e cheio da sede de vingança... mas o Deus de Voltaire, justo, bom, infinito...

Ele foi agitado pelas lembranças dessa Bíblia que sabia de cor... Mas como, a partir do momento em que são *três pessoas numa só*, acreditar nesse grande nome de DEUS, com o terrível abuso que dele fazem nossos padres?

Viver isolado!... Que tormento!...

Estou me tornando louco e injusto, pensou Julien, batendo na testa. Estou isolado aqui neste cárcere; mas *não vivi isolado na terra*; eu tinha a poderosa ideia do *dever*. O dever que me era prescrito, com ou sem razão... foi como o tronco de uma árvore sólida ao qual me agarrava durante a tempestade; eu vacilava, agitado, afinal não passava de um homem... Mas eu não era arrastado.

É o ar úmido desse cárcere que me faz pensar no isolamento...

E por que ainda ser hipócrita maldizendo a hipocrisia? Não é nem a morte, nem o cárcere, nem o ar úmido, é a ausência da sra. de Rênal que me pesa. Se, em Verrières, para vê-la, eu fosse obrigado a viver semanas inteiras escondido nos porões da casa, será que me queixaria?

A influência de meus contemporâneos prevalece, ele disse em voz alta e com um riso amargo. Falando a sós comigo mesmo, a dois passos da morte, ainda sou hipócrita... Ó século XIX!

...Um caçador dispara um tiro de fuzil numa floresta, sua presa sai, ele corre para pegá-la. Sua bota pisa um formigueiro de meio metro de altura, destrói a habitação das formigas, espalha ao longe as formigas, seus ovos... Nem as mais filósofas das formigas poderão jamais compreender esse corpo negro, imenso, terrível: a bota do caçador que, de repente, penetrou em sua morada com incrível rapidez, e precedida de um ruído assustador acompanhado de faíscas vermelhas...

...Assim a morte, a vida, a eternidade, coisas muito simples para quem tivesse órgãos bastante vastos para concebê-las...

Uma efemérida nasce às nove horas da manhã nos dias de verão, para morrer às cinco da tarde; como ela compreenderia a palavra *noite*?

Dêem-lhe cinco horas de existência a mais, ela verá e compreenderá o que é a noite. Assim também comigo, que morrerei aos vinte e três anos: dêem-me mais cinco anos de vida para viver com a sra. de Rênal.

E pôs-se a rir como Mefistófeles. Que loucura discutir estes grandes problemas!

1º) Sou hipócrita, como se aqui houvesse alguém para escutar-me.

2º) Esqueço de viver e de amar, quando me restam tão poucos dias de vida... Ai! A sra. de Rênal está ausente; talvez seu marido não a deixe mais voltar a Besançon e continuar a desonrar-se.

Eis o que me isola, e não a ausência de um Deus justo, bom, todo-poderoso, sem maldade, sem avidez de vingança.

Ah! Se ele existisse... eu cairia a seus pés! Mereci a morte, lhe diria; mas devolve-me, ó Deus grande, Deus bom, Deus indulgente, aquela que amo!

A noite era então muito avançada. Depois de uma hora ou duas de sono tranquilo, Fouqué chegou.

Julien sentia-se forte e decidido como o homem que vê com clareza em sua alma.

CAPÍTULO XLV

— Não quero causar àquele pobre padre Chas-Bernard o incômodo de mandá-lo chamar, disse a Fouqué; ele ficaria três dias sem comer. Mas procura trazer-me um jansenista, amigo do sr. Pirard e inacessível à intriga.

Fouqué esperava essa abertura com impaciência. Julien cumpriu com decoro tudo o que se deve à opinião pública, na província. Graças ao abade de Frilair, e apesar da má escolha do confessor, Julien era, em seu cárcere, o protegido da Congregação; com mais vontade de emendar-se, teria podido escapar. Mas, sob o efeito do ar insalubre do cárcere, sua razão diminuía. Ele ficou ainda mais feliz com o retorno da sra. de Rênal.

– Meu primeiro dever é para contigo, disse ela, beijando-o; escapei de Verrières...

Julien não sentiu nenhum amor-próprio em relação a ela, contou-lhe todas as suas fraquezas. Ela foi bondosa e meiga com ele.

À noite, assim que saiu da prisão, ela mandou chamar à casa de sua tia o padre que se agarrara a Julien como a uma presa; como ele queria apenas ter crédito junto às mulheres jovens da alta sociedade de Besançon, a sra. de Rênal não teve dificuldade de convencê-lo a fazer uma novena na abadia de Bray-le-Haut.

Nenhuma palavra pode exprimir o excesso e a loucura do amor de Julien.

À força de dinheiro, e usando e abusando do crédito de sua tia, devota célebre e rica, a sra. de Rênal conseguiu permissão de vê-lo duas vezes por dia.

A essa notícia, o ciúme de Mathilde chegou às raias do desvario. O sr. de Frilair confessara-lhe que sua influência não podia desafiar todas as conveniências a ponto de conseguir autorizá-la a ver seu amigo mais de uma vez por dia. Mathilde mandou seguir a sra. de Rênal, a fim de conhecer seus menores passos. O sr. de Frilair esgotava todos os recursos de um espírito muito habilidoso para provar-lhe que Julien era indigno dela.

Em meio a todos esses tormentos ela o amava ainda mais, e quase todo dia fazia-lhe uma cena horrível.

Julien queria a todo custo ser honesto até o fim com essa pobre moça que ele tão estranhamente comprometera; mas a todo instante o amor desenfreado que sentia pela sra. de Rênal o dominava. Quando, com más razões, não conseguia convencer Mathilde da inocência das visitas da sra. de Rênal, ele pensava: Agora o fim do drama deve estar muito próximo; para mim é uma desculpa se não sei dissimular melhor.

A srta. de La Mole ficou sabendo da morte do marquês de Croisenois. O sr. de Thaler, homem muito rico, permitira-se dizer coisas desagradáveis sobre o desaparecimento de Mathilde; o sr. de Croisenois foi pedir-lhe que as desmentisse: o sr. de Thaler mostrou-lhe cartas anônimas a ele endereçadas, com detalhes dispostos com tanta habilidade que o pobre marquês não pôde deixar de entrever a verdade.

O sr. de Thaler permitiu-se gracejos desprovidos de fineza. Possuído de cólera e de desgosto, o sr. de Croisenois exigiu reparações com tal firmeza que o milionário preferiu o duelo. A tolice triunfou; e um dos homens de Paris mais dignos de serem amados encontrou a morte com menos de vinte e quatro anos.

Essa morte causou uma impressão estranha e mórbida sobre a alma enfraquecida de Julien.

– O pobre Croisenois, ele dizia a Mathilde, foi realmente um homem muito razoável e muito honesto com você; ele deveria ter-me odiado pelas imprudências que você cometeu no salão de sua mãe, e exigido de mim satisfações; pois o ódio que sucede ao desprezo é geralmente furioso...

A morte do sr. de Croisenois mudou todos os planos de Julien sobre o futuro de Mathilde; ele passou vários dias a provar-lhe que devia aceitar a mão do sr. de Luz. É um homem tímido, não muito jesuíta, ele argumentava, e certamente será um dos pretendentes. Com uma ambição mais sombria e mais contínua que o pobre Croisenois, e sem ducado na família, não verá nenhuma dificuldade em desposar a viúva de Julien Sorel.

– E uma viúva que despreza as grandes paixões, replicou friamente Mathilde; pois ela viveu o bastante para ver, depois de seis meses, seu amante preferir outra mulher, e uma mulher que originou todas as desgraças.

– Você é injusta; as visitas da sra. de Rênal darão argumentos importantes ao advogado de Paris encarregado de meu pedido de indulto; ele descreverá o criminoso honrado pelos cuidados da vítima. Isso pode impressionar, talvez um dia me verá transformado no assunto de algum melodrama etc. etc.

Um ciúme furioso e impossível de vingar, a continuidade de uma infelicidade sem esperança (pois, mesmo supondo Julien salvo, como reconquistar seu coração?), a vergonha e a dor de amar mais que nunca esse amante infiel, haviam lançado a srta. de La Mole num silêncio melancólico, e do qual nem os cuidados solícitos do sr. de Frilair, nem a rude franqueza de Fouqué conseguiam tirá-la.

Quanto a Julien, exceto nos momentos usurpados pela presença de Mathilde, ele vivia de amor e quase sem pensar no futuro. Por um estranho efeito da paixão, quando ela é extrema e sem fingimento algum, a sra. de Rênal também quase compartilhava essa despreocupação e essa doce alegria.

– Outrora, dizia-lhe Julien, quando eu poderia ter sido feliz durante nossos passeios pelos bosques de Vergy, uma ambição impetuosa arrastava minha alma para lugares imaginários. Em vez de apertar contra meu coração esse braço encantador que estava tão perto de meus lábios, o futuro arrebatava-me de ti; eu pensava nos inúmeros combates que teria de enfrentar para construir uma fortuna colossal... Não, eu teria morrido sem conhecer a felicidade se não tivesses vindo me ver nesta prisão.

Dois acontecimentos vieram perturbar essa vida tranquila. O confessor de Julien, mesmo sendo jansenista, não escapou de uma intriga dos jesuítas e, sem que o soubesse, tornou-se o instrumento deles.

Um dia ele lhe disse que, a menos que cometesse o terrível pecado do suicídio, Julien devia fazer todos os esforços possíveis para obter seu indulto. Ora, tendo o clero muita influência no ministério da justiça em Paris, um meio fácil apresentava-se: bastava converter-se de forma ostensiva...

– De forma ostensiva!, repetiu Julien. Ah! Vejo o senhor também, meu caro padre, representando a comédia como um missionário...

– Sua idade, retomou gravemente o jansenista, o papel interessante que a Providência lhe

reservou, o motivo mesmo de seu crime, que permanece inexplicável, os esforços heroicos que a srta. de La Mole vem despendendo em seu favor, tudo enfim, até mesmo a surpreendente amizade que demonstra por sua vítima, contribuiu para transformá-lo no herói das mulheres jovens de Besançon. Elas esqueceram tudo por sua causa, mesmo a política... Sua conversão repercutiria nos corações delas e deixaria uma marca profunda. O senhor pode ser de grande utilidade à religião, e acaso eu hesitaria pela frívola razão de que os jesuítas agiriam da mesma forma em tal situação? Assim, mesmo neste caso particular que escapa à rapacidade deles, eles continuariam prejudicando! Que não seja assim... As lágrimas que sua conversão fará espalhar anularão o efeito corrosivo de dez edições das obras ímpias de Voltaire.

– E o que me restará, respondeu friamente Julien, se desprezo a mim mesmo? Fui ambicioso, não quero de modo algum reprovar-me por isso, pois agia então segundo as conveniências da época. Agora vivo o dia a dia. Mas eu seria muito infeliz se, à vista de todo o mundo, me entregasse a uma covardia...

O outro incidente, que sensibilizou Julien de um modo bem diferente, partiu da sra. de Rênal. Não sei que amiga intrigante conseguira convencer essa alma ingênua e tão tímida que era seu dever partir para Saint-Cloud e lançar-se aos pés do rei Carlos X.

Ela fizera o sacrifício de separar-se de Julien e, depois de tal esforço, o desagrado de oferecer-se em espetáculo, que em outros tempos lhe teria parecido pior que a morte, nada mais significava para ela.

– Irei ao rei, confessarei abertamente que és meu amante: a vida de um homem, e de um homem como Julien, deve prevalecer sobre todas as considerações. Direi que foi por ciúme que atentaste contra minha vida. Há inúmeros casos de pobres moços salvos, em tal situação, pela humanidade do júri ou do rei...

– Deixo de te ver, mando impedir tua entrada na prisão, exclamou Julien, e com certeza mato-me de desespero no dia seguinte, se não me juras não tomar nenhuma providência que nos exponha, a ambos, em espetáculo ao público. Essa ideia de ir a Paris não é tua. Diz-me o nome da intrigante que te sugeriu isso...

Sejamos felizes durante os poucos dias desta curta vida. Escondamos nossa existência; meu crime é por demais conhecido. A srta. de La Mole conta com todo o crédito em Paris, considera que ela vem fazendo o que é humanamente possível. Aqui na província, tenho contra mim todos os homens ricos e considerados. Teu procedimento irritaria ainda mais esses ricos e sobretudo moderados, para quem a vida é uma coisa fácil... Não nos exponhamos ao riso dos Maslon, dos Valenod, e de mil outros que valem mais.

O ar insalubre do cárcere tornava-se insuportável para Julien. Por felicidade, no dia em que lhe anunciaram que ia morrer, um belo sol alegrava a natureza, e Julien estava disposto à coragem. Caminhar ao ar livre foi para ele uma sensação deliciosa, como o passeio em terra para o navegador que por muito tempo esteve no mar. Vamos, tudo vai bem, pensou, não me falta coragem.

Nunca essa cabeça fora tão poética como no momento em que ia rolar. Os mais doces momentos que ele tivera outrora nos bosques de Vergy voltavam-lhe em turbilhão ao pensamento e com uma extrema energia.

Tudo transcorreu de forma simples, conveniente e, da parte dele, sem nenhuma afetação.

Na antevéspera, ele dissera a Fouqué:

– Quanto à emoção, não posso garantir; este cárcere tão feio, tão úmido, me causa momentos de febre em que não me reconheço; mas medo, não, não me verão empalidecer.

Ele fizera arranjos antecipados para que, na manhã do último dia, Fouqué levasse embora Mathilde e a sra. de Rênal.

– Leva-as na mesma carruagem, ele dissera. Trata de obter cavalos de posta acostumados ao galope. Elas cairão nos braços uma da outra, ou mostrarão um ódio mortal recíproco. Em ambos os casos, as pobres mulheres terão sua atenção desviada da terrível dor.

Julien exigira da sra. de Rênal o juramento de que viveria para cuidar do filho de Mathilde.

– Quem sabe ainda tenhamos sensações após a morte!, ele dizia a Fouqué. Gostaria muito de repousar, pois repousar é a palavra, naquela pequena gruta da montanha que domina Verrières. Diversas vezes, como te contei, retirado à noite nessa gruta, e com a vista lançando-se às mais ricas províncias da França, a ambição inflamou meu coração: era essa então minha paixão... Enfim, essa gruta me é cara e não se pode negar que está situada de um modo a fazer inveja à alma de um filósofo... Pois bem! Esses bons congregantes de Besançon fazem dinheiro de tudo; se souberes como agir, eles te venderão meus restos mortais...

Fouqué foi bem-sucedido nessa triste negociação. Ele passava a noite em seu quarto, junto ao corpo do amigo, quando, para sua grande surpresa, viu entrar Mathilde. Poucas horas antes ele a deixara a dez léguas de Besançon. Ela tinha o olhar desvairado.

– Quero vê-lo, ela disse.

Fouqué não teve a coragem de falar nem de levantar-se. Mostrou com o dedo um grande manto azul sobre o soalho; ali estava envolvido o que restava de Julien.

Ela caiu de joelhos. A lembrança de Boniface de La Mole e de Marguerite de Navarra deu-lhe certamente uma coragem sobre-humana. Suas mãos trêmulas abriram o manto. Fouqué desviou os olhos.

Ele ouviu Mathilde andar com precipitação pelo quarto. Ela acendia várias velas. Quando Fouqué teve forças para olhá-la, ela havia colocado sobre uma pequena mesa de mármore, à frente dela, a cabeça de Julien e a beijava na fronte...

Mathilde acompanhou seu amante até o túmulo que ele escolhera. Um grande número de padres escoltavam o caixão e, sem que ninguém soubesse, sozinha em sua carruagem acortinada, ela levou sobre os joelhos a cabeça do homem que tanto amara.

Tendo assim chegado ao ponto mais elevado de uma das mais altas montanhas do Jura, em meio à noite, naquela pequena gruta magnificamente iluminada por uma quantidade imensa de círios, vinte padres celebraram o ofício dos mortos. Todos os habitantes das pequenas aldeias da montanha, atravessadas pelo cortejo, haviam-no seguido, atraídos pela singularidade dessa estranha cerimônia.

Mathilde apareceu no meio deles em longas vestes de luto e, no final do serviço, mandou distribuir-lhes vários milhares de moedas de cinco francos.

Ficando a sós com Fouqué, ela quis sepultar com as próprias mãos a cabeça do amante. Fouqué esteve a ponto de enlouquecer de dor.

Por cuidados de Mathilde, essa gruta selvagem foi ornada de mármores ricamente

esculpidos na Itália.

A sra. de Rênal foi fiel à sua promessa. Não procurou de maneira nenhuma atentar contra sua vida; mas, três dias depois de Julien, morreu abraçando os filhos.

FIM

O inconveniente do reinado da opinião pública, que aliás busca a *liberdade*, é que ela se mistura ao que não lhe diz respeito: por exemplo, a vida privada. Daí a tristeza da América e da Inglaterra. Para evitar tocar na vida privada, o autor inventou uma pequena cidade, *Verrières*, e, quando teve necessidade de um bispo, de um júri, de um tribunal, colocou tudo isso em Besançon, onde ele jamais esteve.

CRONOLOGIA

1699: Nascimento em Grenoble do *grande* Pierre Beyle, avô de Stendhal, futuro procurador no Parlamento de Grenoble.

1728: Nascimento em Grenoble de Henri Gagnon, avô materno de Stendhal.

1747: Nascimento em Grenoble de Chérubin Beyle, pai de Stendhal. Em 1757 nasce Henriette Gagnon, sua mãe. Em 1781 acontece o casamento de seus pais.

1783-1799: INFÂNCIA EM GRENOBLE

1783, 23 de janeiro: nasce Henri Beyle, em Grenoble, na casa paterna, à rua des Vieux-Jésuites, atualmente rua Jean-Jacques Rousseau. Três anos depois nascerá sua irmã Pauline e, em 1788, sua segunda irmã, Zénaïde-Caroline, que ele detestará e acusará de "mexeriqueira". Em 23 de novembro de 1790, o jovem Henri terá o desgosto de ver falecer a mãe que, segundo sua própria confissão, ele adorava. De seu pai já o separa um ódio inexpiável; Chérubin Beyle, desesperado pela morte da mulher, vive no isolamento e, segundo o filho, no tédio e na *mesquinhez*. Essa primeira infância deixará a Henri Beyle amargas lembranças. Sua tia Séraphie, que, segundo ele, o pai cortejava, o teria perseguido; ele só encontra ternura e compreensão junto ao avô Gagnon, médico renomado e homem *esclarecido*, e à irmã deste, a tia Élisabeth de coração "espanhol" e máximas generosas. Passa longas horas na casa do avô na praça Grenette, numa casa muito bela com um terraço coberto de caramanchão, que ainda existe.

1788: É o ano das primeiras lembranças revolucionárias. Henri Beyle, cujo avô paterno será, em dezembro, deputado nos Estados provinciais de Romans, assiste, entre outras, a algumas cenas da famosa "jornada das Telhas".

1791: Henri, que não conhece ainda os arredores de Grenoble, onde o pai possui terras e onde fará passeios tristonhos, encontra uma efêmera felicidade ao passar uma temporada na casa do tio Romain Gagnon, em Les Échelles, na Savoia; as florestas e as cachoeiras deixam-no maravilhado.

Dezembro de 1792: É o começo da pior época de sua infância, *a tirania Raillane*; esse padre austero, "verdadeiro jesuíta", o teria oprimido, despertando-lhe para sempre uma repugnância à hipocrisia e à autoridade. O padre execrado coincide em suas lembranças com a figura do Pai, do qual é apenas o instrumento despótico. Esse período dura até 1794.

1793-1795: Por uma desforra imediata, Henri vê o pai aterrorizado pela morte de Luís XVI. Mais tarde, ele se orgulhará de já ter sido um jacobino e um patriota intransigente. Chérubin Beyle, "notoriamente suspeito", é detido e só será libertado definitivamente em julho de 1794. Henri Beyle assiste ao Terror em Grenoble, diverte-se às vezes com o pavor de seus parentes, partidários da realeza ou "moderados", que rezam aos domingos uma missa clandestina. Uma noite, no inverno de 1794-1795, ele escapa de casa e assiste, com um pouco de repulsa, a uma sessão da Sociedade dos Jacobinos. Mas a visão dos belos cavaleiros do exército republicano o entusiasma.

1796-1797: Henri Beyle ingressa na Escola Central de Grenoble. Seu avô participou da organização da escola e pronuncia um discurso na sessão de abertura. Henri, até então solitário e *escravo*, desfruta de um pouco mais de liberdade. Tanto mais que a terrível tia Séraphie morre em 1797. Ele conhece enfim jovens de sua idade, alguns dos quais permanecerão seus amigos. Ficará três anos na Escola Central, a princípio sem se destacar, depois como aluno brilhante; obtém menções honrosas, prêmios em desenho, belas-letras, e sobretudo matemática; conta, para deixar Grenoble, com um sucesso na Escola Politécnica. É também a época das primeiras paixões: ele ama timidamente a irmã de seu amigo Bigillion, e não menos timidamente a atriz Virginie Kubly. Finalmente, em 30 de outubro de 1799, parte para Paris, onde deve prestar o exame de ingresso na Politécnica, lá chegando em 10 de novembro, isto é, *19 de brumário*.

1799-1806: AMORES E LEITURAS

1799: Henri Beyle logo esquece o exame, encerra-se na solidão e no tédio; reside na casa dos Daru, na rua de Lille, encarregados de protegê-lo.

1800: É o grande ano de Beyle. A partir de janeiro, passa a trabalhar com Pierre Daru no ministério da guerra.Pierre Daru, inspetor de tropas, faz que ele participe da campanha da Itália. Henri Beyle atravessa os Alpes e tem seu batismo de fogo no forte de Bard. Sua chegada na Itália é uma série de encantamentos; em Ivrea, no Piemonte, ouve "O casamento secreto" de Cimarosa; em Milão, descobre o amor venal e o amor paixão na pessoa de Angela Pietragua, que será sua amante. No outono, graças a seus protetores, veste o uniforme do 6º Regimento dos Dragões e, sem disparar um tiro, é promovido a subtenente. No ano seguinte, na Itália do Norte, acompanha de cidade em cidade o general Michaud, do qual é auxiliar de campo. Mas vem o tédio e, no final de 1801, obtém uma dispensa e volta à França. Aprendeu italiano, escreve seus primeiros ensaios dramáticos e começa seu *Diário*.

1802-1805: Henri Beyle vive em Paris, que ele só abandona para temporadas mais ou menos longas em Grenoble. É lá que conhece, em janeiro de 1802, Victorine Mounier, sua nova paixão, tão platonicamente amada quanto as anteriores. É o momento, sobretudo, em que Beyle devora livros e forja sua doutrina pessoal, a "*Filosofia nova*", consignada em cadernos de apontamentos e reflexões. Pede demissão do exército e não sonha mais igualar-se a Molière. Apaixona-se por sua prima Adèle Rebuffel, mas só consegue ser o amante da mãe dela. Ingressa no mundo do teatro, toma aulas de declamação e fica conhecendo a jovem atriz Mélanie Guilbert, que ele seduzirá, não sem dificuldade, mediante uma minuciosa estratégia. A política tenta-o às vezes: ele reage como republicano ante o advento do Império. Mas o grande acontecimento, mais do que a concepção de *Letellier*, peça jamais terminada, é a leitura apaixonada de *A ideologia*, de Tracy.

1805: Beyle tornou-se um dândi, mas seu pai é avarento, donde a ideia de fazer dinheiro em Marselha com seu amigo Mante. Mélanie possui justamente um negócio por lá. No final de julho, está estabelecido em Marselha, amante de Mélanie e empregado na casa de produtos coloniais C. Meunier et Cie. Será o começo de uma rápida fortuna no ramo dos negócios?

1806: Não, é o tédio outra vez. Beyle, que prossegue suas leituras e reflexões, cansa-se de Mélanie e do comércio, condenado à estagnação pela guerra. Sente necessidade de aproximar-

se novamente dos Daru, de participar da corrida aos cargos. De volta a Paris em julho, torna a partir de lá em 16 de outubro, acompanhando Martial Daru. Terá entrado em Berlim com Napoleão, como dirá, tendo à mão pistolas carregadas? O certo é que no final do ano está em Brunswick, na qualidade de adjunto provisório aos comissários das Guerras napoleônicas.

1806-1814: A PAIXÃO DA AMBIÇÃO

1806-1808: Para conquistar fortuna e títulos e viver como lhe apraz, Henri Beyle torna-se funcionário imperial graças aos Daru. Permanece primeiro em Brunswick no mesmo cargo, depois é encarregado de administrar os domínios imperiais do departamento de Ocker e, além disso, de vigiar os bens do rei da Vestefália. Enamora-se, sem esperança, de Mina de Griesheim. Escreve *Voyage à Brunswick* [*Viagem a Brunswick*] e diversos ensaios históricos. Inicia-se na literatura inglesa, percorre a Alemanha e enfrenta uma sedição em setembro de 1808.

1809: Chamado de volta a Paris, no final de 1808, torna a partir em abril para a campanha de Wagram. Acompanha o exército, não assiste à grande batalha, mas recolhe cruéis depoimentos de guerra. Em Viena, onde ouve o *Requiem* pela morte de Haydn, trabalha para Martial Daru, intendente da província, que lhe confia uma missão na Hungria. Enamora-se de uma certa *Babet* e apaixona-se pela condessa Pierre Daru, mulher de seu protetor.

1810-1811: É o apogeu de sua carreira. Em agosto de 1810, é admitido como auditor no Conselho de Estado; logo é nomeado inspetor do mobiliário e das construções da Coroa. Possui cocheiro, carruagem e amante, a atriz Angeline Béreyter, ao mesmo tempo em que elabora relatórios minuciosos sobre o mobiliário das residências imperiais e dos museus. Mas não é bem-sucedido na arte de obter favores nem nas conquistas amorosas. A *batalha* empreendida, depois de maduras reflexões, para *possuir* a condessa Daru é uma batalha perdida. Para desforrar-se, viaja à Itália, onde escreve o *Diário* e volta a ser o amante cumulado e certamente enganado de Angela Pietragua. Revê Milão, descobre Florença, Roma, Nápoles, tem a ideia de escrever a *Histoire de la Peinture en Italie*. Mas, ao retornar, a *ambição* marca passo e Beyle não fará mais progressos.

1812: Em 23 de julho, após uma audiência com a Imperatriz, parte para juntar-se ao quartel-general do Imperador, munido da pasta dos ministros; alcança-o em 14 de agosto e, um mês depois, entra em Moscou. Precedendo a retirada, parte de lá em 16 de outubro, encarregado de dirigir os aprovisionamentos em Smolensk, Mohilev e Vitebsk. Enfrenta os perigos e os sofrimentos físicos com um inalterável sangue-frio. Mas perde os manuscritos da *História da pintura*.

1813: Seu novo posto é na Silésia, em Sagan, onde cumpre as funções de intendente. Está cansado e desiludido: não é nem barão, nem governador, nem consultor do Conselho de Estado. Em Bautzen, é atacado pelos cossacos. Uma licença oportuna permite-lhe rever Milão e sua querida Lombardia.

1814: Está em Grenoble, como auxiliar do conde de Saint-Villier, comissário extraordinário da 7ª região militar. É preciso organizar a resistência à invasão. Mas o "fogo sagrado" extinguiu-se; cansado das intrigas administrativas, cansado da ambição e do Império, solicita sua dispensa. Encontra-se em Paris no momento da entrada dos Aliados. É a queda de sua

fortuna. Beyle ainda tenta um cargo com a proteção da sra. Beugnot. Em maio e junho escreve as *Lettres sur Haydn, Mozart e Métastase* [*Cartas sobre Haydn, Mozart e Metastásio*], em que o plágio é cínico. Finalmente, em julho, deixa Paris por Milão: foge dos Bourbons, da obscuridade e do aborrecimento? Ele começa sua verdadeira vida, enfim, de escritor, de diletante.

1814-1821: MILANÊS

1814: Em Milão, reata sua relação tempestuosa com Angela. Enquanto seu pai, reacionário, é condecorado com a Legião de Honra, e torna-se prefeito de Grenoble, Henri viaja, escreve, desesperado como o desprezo de Angela.

1815: O retorno de Napoleão da ilha de Elba não o faz voltar à França; mas Waterloo o entristece. Viaja a Turim e a Veneza. Trabalha muito na *História da pintura*. O final do ano é marcado pelo rompimento, doloroso, com Angela.

1816: Ele passa quase o ano inteiro em Milão, que abandona apenas para uma temporada de abril a junho em Grenoble, e uma viagem a Roma no fim do ano. Encontra-se em Grenoble, certamente por acaso, no momento do complô de Didier. Apoquentam-no por causa de seus vencimentos de inativo. Pensa em fazer fortuna na Rússia. Mas uma noite, no Scala em Milão, no camarote do monsenhor di Breme, é apresentado a Byron. Nesse ano, ele descobre o verdadeiro romantismo com a *Edimburgh Review*.

1817: Stendhal está em Roma, Nápoles, Milão, depois, na primavera, em Grenoble e em Paris, finalmente em Londres, em agosto, voltando a Milão no fim do ano. A *Histoire de la Peinture en Italie*, assinada por M. B. A. A., é publicada no fim de julho, e *Rome, Naples et Florence en 1817*, do sr. de Stendhal, oficial de cavalaria, é anunciado em setembro na *Bibliographie de France*. As *cartas sobre Haydn*, traduzidas em inglês, aparecem em Londres. Novo encontro memorável: com Destutt de Tracy, a 4 de setembro, em Paris.

1818: O ano se passa em Milão, junto aos lagos, na Brianza. Em dois momentos, ele trabalha na impublicável *Vie de Napoleón*, iniciada no ano anterior. Resolve intervir na querela do "romanticismo", ligando-se ao futuro grupo do *Conciliatore*. Mas, em março, apaixona-se perdidamente por Métilde Dembovski, que quase em seguida o trata muito mal. É talvez o acontecimento maior de sua vida, que irá ocupá-lo inteiramente por longos anos e que ele jamais poderá evocar sem perturbar-se.

1819: Comete mil extravagâncias por Métilde. Em vão: ela não quer mais saber dele. Stendhal só deixa a Itália para ir a Grenoble e Paris: seu pai morreu, é preciso tratar da herança, que se revela minguada. Como é eleitor, aproveita para votar a favor do convencional Grégoire.

1820: Sua paixão é sem esperança. Novo desgosto: durante algum tempo é visto por seus amigos milaneses como um espião. Escreve *De l'Amour* [*Do amor*], que termina e envia à França.

1821: Stendhal é envolvido no turbilhão das conjurações liberais. Seus amigos são carbonários, a própria Métilde é suspeita de sê-lo. Aconselham-no a partir. A 13 de junho, desesperado, ele deixa Milão, onde só voltará em 1828 para ser imediatamente expulso. Instala-se em Paris e passa algumas semanas em Londres.

1821-1830: A VIDA PARISIENSE

1822: Em Paris, Stendhal publica *De L'Amour*, anunciado em 17 de agosto na *Bibliographie de France*, e começa a colaborar com revistas britânicas que, apesar de algumas interrupções, receberão artigos seus até 1828. Ele frequenta o salão do conde de Tracy e a água-furtada de Delécluze.

1823: Stendhal, amigo íntimo da cantora italiana Pasta, conhece seu primeiro verdadeiro sucesso ao apresentar Rossini ao público francês: sua *Vie de Rossini* é anunciada em novembro na *Bibliographie de France*. Ele colocou-se no *front* do romantismo literário com o panfleto *Racine et Shakespeare*, publicado em março. Termina o ano com uma temporada em Florença e Roma.

1824: Em maio, torna-se o amante da condessa Curial, dita Menti, que ele amará com violência até 1826. Diletante especialista, escreve sobre pintura e música no *Journal de Paris*. O *Le Globe* também publica seus artigos. Ele torna-se quase *importante* no romantismo liberal.

1825: É o ano dos panfletos, o segundo *Racine et Shakespeare*, em março, *Un nouveau complot contre les industriels*, em dezembro. Amigo de Courier, de Mérimée, de Jacquemont, frequentador dos grandes salões liberais, será temido por seu "espírito".

1826: Fim do caso de amor com a condessa Curial. Viagem à Inglaterra. Publica uma segunda edição muito modificada de *Rome, Naples et Florence*, e escreve *Armance*, que sairá em 1827.

1827: Ano meio parisiense, meio italiano.

1828: 1º-2 de janeiro, Stendhal é expulso de Milão. Está em dificuldades financeiras, as revistas inglesas não pagam mais; conta apenas com seus vencimentos de inativo. É obrigado a *solicitar favores*: será arquivista, bibliotecário? Nomeiam-no verificador auxiliar dos brasões, cargo que não lhe rende nada. Pensa em suicídio. Levado pela moda das "cenas históricas", escreve *Henri III*.

1829: Escreve e publica *Promenades en Rome* [*Passeios em Roma*], anunciados em 5 de setembro pelo *Journal de la Librairie*. Levam a sério seu conhecimento do Estado romano, e o governo lhe *teria* pedido um relatório sobre os cardeais com possibilidades de chegar ao papado. Ligação com Alberthe de Rubempré, dita *Sanscrit*, ou Madame Azul, que ele ama vigorosamente. Sentindo-se rejeitado, parte em viagem para o sul da França e a Espanha (de onde é expulso): ao voltar, em dezembro, vê-se definitivamente suplantado por seu amigo Mareste. Mas traz a ideia de *Le Rouge et le Noir* [*O vermelho e o negro*] e escreve *Vanina Vanini*, *Le Coffre et le Revenant* [*O baú e a alma do outro mundo*], que serão publicados na *Revue de Paris*, e *Mina de Vanghel*, que permanecerá inédito durante sua vida.

1830: Escreve *Le Philtre* [*O filtro*], *Le Rouge et le Noir*, colabora com as publicações *Le National* e *Le Temps*, conhece em janeiro o outro líder do romantismo, Hugo. Na mesma época, Giulia Rinieri declara que o ama apesar de sua idade e sua feiura; prudentemente, ele não *cede* de imediato; em 22 de março, torna-se seu amante. Enquanto termina *Le Rouge*, a Revolução de 1830 o alegra e o vinga. Anota os progressos da sedição às margens do *Memorial de Santa Helena*. Pela primeira vez, ama e estima os parisienses. Solicita um cargo

de governador, posteriormente de cônsul; em 25 de setembro é nomeado cônsul em Trieste. Parte em 6 de novembro; no mesmo dia pede Giulia em casamento. No dia 13, o *Journal de la Librairie* anuncia *O vermelho e o negro*.

1830-1842: CÔNSUL DA FRANÇA

1830-1831: A polícia e o governo austríacos inquietam-se e, em 4 de dezembro, poucos dias depois de Stendhal assumir seu posto, *Les Débats* anunciam que Viena recusou-lhe o *exequatur*. Ele deixa Trieste em 31 de março e é nomeado cônsul em Civita-Vecchia. O governo pontifício, embora não satisfeito com essa nomeação, prefere evitar um incidente com a França e concede o *exequatur* em 25 de abril. Stendhal, que chegou a seu posto dia 17, vai e vem entre Civita-Vecchia e Roma. De meados de agosto a meados de setembro, viagens a Siena, Florença, Prato, Viterbo. Ele escreve, no final de setembro, *San Francesco a Ripa*, que não publica.

1832: Stendhal é encarregado do serviço financeiro das tropas francesas desembarcadas em Ancona. Depois dessa missão, viaja e abandona seu posto; vai a Roma, a Siena, onde encontra Giulia, ainda apaixonadamente amada, a Florença, aos Abruzos. De 20 de junho a 4 de julho, escreve *Souvenirs d'égotisme* [*Lembranças do egotismo*] e, em setembro-outubro, esboça um romance: *Une position sociale*.

1833: Vai outra vez a Siena para ver Giulia. Mas ela se casa em junho. Stendhal encontrou os "manuscritos italianos" e começa a preparar sua adaptação. De 11 de setembro a 4 de dezembro, está em Paris, de licença. Na volta, viaja de Lyon a Marselha com Musset e George Sand, que vão a Veneza.

1834: Ano de permanência em Civita-Vecchia, que ele só abandona para ir a Roma. Primeiras escaramuças com seu chanceler, Lysimaque Tavernier, e com o ministério, por conta de suas ausências. "Morro de tédio", escreve Stendhal em maio, que resolve empreender por conta própria uma ideia de romance de sua amiga, sra. Gaulthier: é *Lucien Leuwen*, no qual trabalha "com raiva" durante dezenove meses.

1835: Ainda permanência e tédio. Stendhal sente seu posto ameaçado, embora em janeiro tenha recebido a Legião de Honra como homem de letras. Está um pouco enamorado da condessa Cini, que ele chama *Sandre*. Em setembro, abandona *Lucien Leuwen* e, em novembro, começa *La Vie d'Henry Brulard*. Mas o desgosto e a inquietude crescem: "Terei de viver e morrer nesta praia solitária?... Estou cansado do sol..." Enfim, em março de 1836, obtém uma licença de três meses; deixa esboçado *Henry Brulard* e, em 24 de maio, desembarca em Paris.

1836-1839: Sua licença de três meses irá durar, graças à proteção do conde Molé, três anos. Ele tenta primeiro reatar com a condessa Curial; depois, empreende a *batalha*, mas em vão, pela sra. Gaulthier, sua velha amiga. De novembro de 1836 a junho de 1837, trabalha nas *Mémoires sur Napoléon*; de abril a junho de 1837, escreve *Rose et Vert*; ainda em 1837, publica na *Revue des deux Mondes*, *Vittoria Accoramboni* (1º de março) e *Les Cenci* (1º de julho). Do fim de maio ao início de julho de 1837, faz uma viagem pelo centro e o oeste da França; logo ao voltar, escreve *Les Mémoires d'un Touriste*, que serão anunciadas em junho de 1838 na *Bibliographie de France*. De março a julho de 1838, volta a fazer uma longa

viagem pelo sudoeste e o sudeste da França, a Suíça, a Renânia, a Holanda e a Bélgica. Ao voltar, publica *La Duchesse de Palliano* [*A duquesa de Palliano*] (15 de agosto); em setembro, tem a primeira ideia de *La Chartreuse de Parme* [*A cartuxa de Parma*]. Mas é somente depois de retornar de uma breve viagem à Bretanha e à Normandia que escreve sua obra-prima, entre 4 de novembro e 26 de dezembro de 1838. Publica a seguir, na *Revue des deux Mondes*, *A´Abbesse de Castro* [*A Abadessa de Castro*], que começara em setembro de 1838: a primeira parte aparece em 1º de fevereiro de 1839 e a segunda em 1º de março. *A cartuxa* é anunciada pelo *Journal de la Librairie* em 6 de abril. Esboça ainda duas novelas italianas: *Suora Scolastica*, *Trop de faveur tue* [*Favor em excesso mata*], duas novelas francesas, *Le Chevalier de Saint-Ismier*, *Feder*, e concebe o romance *Lamiel*. Mas, em 24 de junho, é obrigado a partir de volta a seu consulado, que reassume em 10 de agosto.

1839-1841: Só abandona seu posto para ir a Roma, a Nápoles, que visita com Mérimée (outubro-novembro de 1839), a Florença, durante o verão de 1840 e sempre por causa de Giulia, que tornara a encontrar em Paris. Em Civita-Vecchia ocupa-se de escavações e caçadas, prossegue incansavelmente *Lamiel*, começa uma novela, *Don Pardo*, corrige *A cartuxa*. Em 1840, apaixona-se por Earline; mas essa nova "batalha" por uma misteriosa desconhecida é mais uma vez perdida, em junho. Em 15 de março de 1841, sofre um ataque de apoplexia; recupera-se rapidamente, mas já "engalfinhou-se com o nada". Segue-se uma última intriga com "Madame Bouche"; depois, munido de uma licença, volta à França em novembro de 1841.

1842: Stendhal só consegue retomar o trabalho em março de 1842: cogita uma nova coletânea de novelas. Mas, em 22 de março, tem um novo ataque de apoplexia, na calçada da rua Neuve des Capucines. Morre durante a noite sem recobrar os sentidos.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Le rouge et le noir*

Este livro está disponível também na Coleção L&PM POCKET
Tradução: Paulo Neves
Capa: Marco Cena
Revisão: Lia Cremonese

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S85v

Stendhal, 1783-1842
O vermelho e o negro / Stendhal; tradução Paulo Neves. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

Tradução de: *Le rouge et le noir*
ISBN 978.85.254.3032-8

1. Romance francês. I. Neves, Paulo. II. Título.
13-02769 CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

© da tradução, L&PM Editores, 2002
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Ebook adquirido na Livrarialivros.com